

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE DOUTORADO

MARISÂNGELA T. A. MARTINS

À ESQUERDA DE SEU TEMPO:

Escritores e o Partido Comunista do Brasil
(Porto Alegre - 1927-1957)

Porto Alegre

2012

MARISÂNGELA T. A. MARTINS

À ESQUERDA DE SEU TEMPO:
Escritores e o Partido Comunista do Brasil
(Porto Alegre - 1927-1957)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora
Prof^a Dr^a Carla Simone Rodeghero.

Porto Alegre
2012

CIP - Catalogação na Publicação

Martins, Marisângela Terezinha Antunes

À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido
Comunista do Brasil (Porto Alegre - 1927-1957) /
Marisângela Terezinha Antunes Martins. -- 2012.
340 f.

Orientadora: Carla Simone Rodeghero.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2012.

1. Comunismo. 2. Escritores. 3. Literatura. 4.
PCB. I. Rodeghero, Carla Simone, orient. II. Título.

MARISÂNGELA T. A. MARTINS

À ESQUERDA DE SEU TEMPO:
Escritores e o Partido Comunista do Brasil
(Porto Alegre - 1927-1957)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em 18 de outubro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Carla Simone Rodeghero (Orientadora) – PPGH/UFRGS

Prof^a Dr^a Ângela de Castro Gomes – PPGH/UFRGS-CPDOC/FGV

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt – PPGH/UFRGS

Prof. Dr. Flávio Madureira Heinz – PPGH/PUCRS

Prof^a Dr^a Mara Cristina de Matos Rodrigues – PPGH/UFRGS

Para meus pais,
Idê e Irenio.

Agradecimentos

Agradecer às pessoas e às instituições que contribuíram para a pesquisa é praxe em trabalhos desse porte. Há quem considere a necessidade do ato ter um tom tão formal quanto o restante do trabalho. Eu, particularmente, vejo nesse espaço uma oportunidade para mostrar meu reconhecimento liberta das amarras da redação acadêmica. Aos que não apetece a emoção, sugiro retomar a leitura a partir do resumo, pois, nas próximas páginas, seguem consideráveis doses de gratidão, acompanhadas, por vezes, de alguma pieguice.

Começo agradecendo ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS e à CAPES, pela bolsa de estudos que me permitiu ter dedicação exclusiva à tese nos três primeiros anos do curso de Doutorado. Deixo meu agradecimento especialmente à professora Helen Osório, cuja disciplina sobre prosopografia forneceu-me fundamentação teórica para recortes importantes na pesquisa.

Agradeço aos professores Benito Bisso Schmidt e Mara Cristina de Matos Rodrigues, da UFRGS, à professora Ângela de Castro Gomes, da Fundação Getúlio Vargas, e ao professor Flávio Madureira Heinz, da PUCRS, por aceitarem compor a banca avaliadora dessa tese. Ao Prof. Flávio deixo também meu agradecimento, e o estendo ao professor Luiz Aberto Grijó (UFRGS), pelas considerações feitas por ocasião do exame de qualificação.

Agradeço aos colegas que ingressaram nas turmas de Mestrado e de Doutorado em 2008 e com os quais aprendi muito. Sou grata, de modo especial, aos colegas do primeiro conselho editorial da *Aedos*: Aristeu Lopes, Arthur Avila, Carlos Dias, Daniela Conte, Eliete Tiburski, Fagner dos Santos (a quem agradeço também pela ajuda com as notas), Icaro Bittencourt, Igor Teixeira, Jocelito Zalla, Luís Fernando Telles Dajello, Márcia Volkmer, Rafael Quinsani e Sarah Amaral.

Agradeço aos colegas do GT Mundos do Trabalho da ANPUH/RS, pelas ricas discussões nas tardes de sábado, em particular, pelas críticas realizadas a essa pesquisa em uma fase bastante confusa pelos professores Benito Schmidt, Diorge Konrad, Regina Xavier e Sílvia Petersen.

Visitei vários arquivos e contei com um prestimoso atendimento em todos eles. Alguns merecem ser mencionados mais detidamente, devido ao interessado empenho de seu pessoal. Agradeço à equipe do Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS: Chico, Lizete e

Rose; do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), na pessoa de Paulo Stuck Moraes; do Centro de Documentação Sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP): em particular, Daniel Milke e Gustavo Coelho; do Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS: Camilo Raabe, Débora Souza e Prof^a Alice Moreira; do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho (AHPAMV), na pessoa de Maria Tereza Zatti; do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ): Johenir Viegas e Prof. Paulo Knauss; e do Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM/UNESP), em especial o Luiz Zimba. Agradeço também ao pessoal do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRG) e do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MCSHJC). Sou muito grata à Leca Pedro, pelo imenso trabalho de digitalização e envio dos documentos da Internacional Comunista (IC) guardados no Arquivo Edgar Leuenroth (AEL). E agradeço de coração a João Batista Marçal, admirável pesquisador e incansável militante, não só por permitir o acesso à riqueza do seu acervo, construído obstinada e apaixonadamente ao longo de tantos anos, e à história de sua vida, mas por ter-se tornado um grande amigo.

Manifesto minha gratidão aos familiares de alguns escritores estudados nessa tese: o Sr. Osiris Bahlis e a Sra. Iris Bahlis Cafruni, filhos de Jorge Bahlis, e as senhoras Jussara Hervé e Ruth Hervé, respectivamente, sobrinha e cunhada de Edith Hervé. Agradeço-lhes por terem-me recebido em suas casas, confiado na seriedade do meu trabalho e compartilhado comigo suas lembranças.

O último ano de pesquisa foi acompanhado por colegas com quem passei a trabalhar na UFRGS como Técnica em Assuntos Educacionais. Sou muito grata à Prof^a Flávia Maria Teixeira dos Santos, pelo acolhimento na Coordenadoria das Licenciaturas, pelos conselhos seguros e pelas palavras de incentivo. Agradeço também a atenção carinhosa da Prof^a Umbelina Maria Duarte Barreto, com quem dividi algumas tensões dos últimos meses de redação da tese. Deixo registrada minha gratidão aos bolsistas Bárbara Garcia de Vargas, Brenda de Borba Trajano, Geisson Oleques e Willians Albino, por tornarem o ambiente de trabalho tão prazeroso! E agradeço também aos colegas TAEs que partilharam as expectativas em torno da finalização da tese: Amanda Martins, Edmilson Gonçalves da Silva, Fernanda Cardozo, Frederico Duarte Bartz, João Batista Carvalho da Cruz, Marcus Vinicius Freitas da Rosa e Michele Doebber. Um agradecimento especial ao camarada Márcio Hoff.

Algumas pessoas que merecem ser lembradas no fim dessa pesquisa não fazem a menor ideia do que realmente fiz. São familiares e amigos que desconhecem as

particularidades da academia e, justamente por isso, tiveram um papel especial no período em que realizei o curso.

Ao Alexandre, meu companheiro há quase vinte anos – o melhor! – agradeço por ter sido compreensivo, paciente, generoso, por me amar e me proteger. E à vida, agradeço por mantê-lo perto de mim.

Sou grata à minha família: à mãe e ao pai, pelo incentivo que seus olhos de orgulho se tornaram pra mim; aos meus irmãos (Mari, Ido e Muri), cunhadas e cunhados (Doca, Sandra, Serginho e Val), sobrinhos (Matheus, Júlia e Nathália) e a minha sogra (Dalila) pelos divertidos almoços e jantares, em que se comia de tudo e se falava de tudo e eu conseguia recarregar as baterias para seguir estudando e escrevendo. Faço um agradecimento especial ao Lipi, meu sobrinho, que, talvez pela pouca diferença de idade, é como um irmão. Valeu!

Agradeço aos amigos de toda a vida: Vanessa, Jair e Maira, pelos mates, caipiras e cervejas, indispensáveis para se retomar a serenidade e se manter o equilíbrio. Obrigada por terem dado vida ao Pedro, à Amanda e ao Willian. Junto com a Nathália e a Brenda, são os afilhados mais lindos e carinhosos que uma dinda pode ter.

Aos amigos de toda a vida, uniram-se outros na graduação e no Mestrado e que desejo manter pra sempre. A eles, agradeço pelo incentivo constante, pelas leituras atentas e pelas discussões teóricas. Mas não somente por isso. Esses amigos são os melhores parceiros para “bons drink” num “futebol” no BB! Obrigada ao Carlos, cuja delicadeza me encanta e inteligência me impressiona. À Débora, mente liberta, pessoa franca e generosa, agradeço pela amizade e pela ajuda precisa com o Abstract; ao “cigano” Igor, professor competente, cuja capacidade de fazer milhões de coisas ao mesmo tempo sem surtar sempre me surpreende. Obrigada à Michele, companheira também de trabalho, amiga prudente e de uma refinada capacidade crítica. Ao Ricardo De Lorenzo, meu irmão na rabugice, historiador excepcional a quem importunei inúmeras vezes, obrigada por tudo. Agradeço à Viviane, historiadora linda e talentosa, pessoa ao mesmo tempo sensível e forte, que, entre nossas trocas de queixas, me mostra sempre que as coisas podem ser mais fáceis do que aparentam. Outros amigos não tão frequentes no futebol, mas igualmente importantes pra mim nesse período e que merecem minha gratidão, são: Cris, por seu humor maravilhosamente ácido; Jonas, historiador brilhante, tanto mais pela simplicidade; Luciana, uma alegria quando nos acompanha; e Mônica, historiadora disciplinada e sempre pronta a ajudar, obrigada pela força com as notas e com o gráfico. Agradeço também à Camila, uma mulher de Almodóvar.

No livro *Como se faz uma tese*, Umberto Eco afirma que é de “mau gosto” agradecer ao orientador, porque, se nos ajudou, não fez mais que seu dever. Peço licença para discordar desse reconhecido escritor, pois há orientadores e “orientadores”. Carla Rodeghero está entre os primeiros. Profissional admiravelmente íntegra, historiadora dedicada e criteriosa, maravilhosa orientadora, que sempre encontra as palavras certas. Obrigada pela companhia nesses anos todos e pelo companheirismo.

De fato me pergunto qual o intelectual válido,
o homem político de importância da América Latina
que não tenha assentado praça no pecê de seu país: não serão muitos.
Em certo momento cada um de nós pensou que o pecê fosse a melhor
trincheira para lutar a luta de nossos povos – os melhores e os piores homens
que conheci e com que tratei militaram nas fileiras comunistas,
os mais dignos, os mais sórdidos.

Jorge Amado – *Navegação da Cabotagem*

Resumo

A presente pesquisa trata das relações entre escritores e Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de Porto Alegre. O objetivo é revelar e explorar as articulações entre o mundo da militância comunista e o mundo da literatura porto-alegrense entre as décadas de 1920 e 1960 a partir da trajetória dos homens e das mulheres produtores de literatura que aderiram ao Partido, entre eles: Beatriz Bandeira, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Edith Hervé, Fernando Melo, Ivan Pedro de Martins, Jorge Bahlis, Laci Osório, Lila Ripoll e Plínio Cabral. Para tanto, utiliza um conjunto de fontes composto por compêndios bibliográficos, documentos oficiais do PCB, entrevistas, memórias, textos literários, periódicos, relatórios provenientes da polícia e *Anais* da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Tais testemunhos são tomados como canais de acesso a situações em que os escritores lançaram mão de diferentes recursos em prol do Partido e a episódios elucidativos da repercussão da militância de esquerda em suas vidas e em suas carreiras. Dividida em seis capítulos, a tese busca mostrar, enfim, em que medida o arranjo social em que os escritores atuaram em diferentes contextos políticos gerou condições para que universos pretensamente independentes fossem perpassados por regras alheias.

Palavras-chave: Comunismo. Escritores. Literatura. PCB.

Abstract

This thesis concerns about the connections with some writers and the Brazil's Communist Party (PCB) in Porto Alegre. Our aims here are to reveal them and further to exploit the link between the communist activity and the literary world in Porto Alegre since 1920 to 1960 taking as a point of departure the trajectory of men and women writers engaged to the communist party. Among them, we particularly mention here Beatriz Bandeira, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Edith Hervé, Fernando Melo, Ivan Pedro de Martins, Jorge Bahlis, Laci Osório, Lila Ripoll and Plínio Cabral. In order to reach our aim we use a set of sources composed of bibliographic compilation, PCB's official documents, interviews, memoirs, literary texts, news papers, magazines, police's accounts and the Legislative Assembly of Rio Grande do Sul's Annals. All these testimonies are taken as access channels to specific contexts wherein these writers used different resources to aid the party's causes and to light up some episodes of the impact of leftist activity in their own lives and literary work. Our research is divided into six parts to show how the social arrangement where these writers acted in different political contexts gave birth to the conditions to supposedly independents universes were pervaded by others rules.

Keywords: Communism. Writers. Literature. PCB.

Ilustrações

Gráfico 1 – Composição da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 1947 por partidos.	p.201
---	-------

Abreviaturas e Siglas

ABDE – Associação Brasileira de Escritores

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

ABL – Academia Brasileira de Letras

ABM/ILEA/UFRGS – Acervo Benno Mentz – Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da UFRGS

AEL – Arquivo Edgar Leuenroth

AHPAMV – Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho

AHRS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

AIB – Ação Integralista Brasileira

AJBM – Acervo João Batista Marçal

AJP/PUCRS – Acervo Júlio Petersen – PUCRS

ANL – Aliança Nacional Libertadora

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

APRA – Aliança Popular Revolucionária Americana

ARI – Associação Rio-Grandense de Imprensa

ASB – Ação Social Brasileira

BART/UFRGS – Biblioteca do Instituto de Artes da UFRGS

BC/PUCRS – Biblioteca Central da PUCRS

BFAMED/UFRGS – Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFRGS

BFBC/UFRGS – Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS

BOC – Bloco Operário e Camponês

BP – Bureau Político

BSCSH/UFRGS – Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS

CAPA – Colégio Americano de Porto Alegre

CC – Comitê Central

CD-AIB/PRP – Centro de Documentação Sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular

CE – Comitê Executivo

CEDEM/UNESP – Centro de Documentação e Memória da UNESP

CRT – Confederação Regional do Trabalho
Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS
DEP – Diretório Estadual Provisório
DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DESPS – Delegacia Especial de Segurança Política e Social
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
DMP – Diretório Municipal Provisório
DNP – Diretório Nacional Provisório
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social
DPS – Divisão de Polícia Política e Social
EDIPUCRS – Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
EdUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense
EDUFMA – Editora da Universidade Federal do Maranhão
EDUNESP – Editora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCC – Fundação Catarinense de Cultura
FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa
FEUPA – Federação dos Estudantes Universitários de Porto Alegre
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FORGS – Federação Operária do Rio Grande do Sul
GPNR – Governo Popular Nacional Revolucionário
IC – Internacional Comunista
IEL – Instituto Estadual do Livro
IHGES – Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo
IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
Kominform – Agência de Informação dos Partidos Comunistas
LEC – Liga Eleitoral Católica
LEP – Liga Eleitoral Proletária
LPR – Legião Proletária Rio-Grandense
LSN – Lei de Segurança Nacional
MCSHJC – Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa
MDP – Movimento Democrático Progressista
NPH/UFRGS – Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS

PCB – Partido Comunista Brasileiro (a partir de 1961)
PCB – Partido Comunista do Brasil (de 1922 a 1961)
PCdoB – Partido Comunista do Brasil (a partir de 1962)
PCUS – Partido Comunista da União Soviética
PL – Partido Libertador
PPG – Programa de Pós-Graduação
PRL – Partido Republicano Liberal
PRP – Partido de Representação Popular
PRR – Partido Republicano Rio-Grandense
PRT – Partido Republicano Trabalhista
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PSP – Partido Social Progressista
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RJ – Rio de Janeiro
RS – Rio Grande do Sul
SBE – Sociedade Brasileira de Escritores
SC – Santa Catarina
SP – São Paulo
TSE – Tribunal Superior Eleitoral
UCS – Universidade de Caxias do Sul
UDN – União Democrática Nacional
UEE – União Estadual de Estudantes
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UPF – Universidade de Passo Fundo
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USB – União Social Brasileira
USP – Universidade de São Paulo

Sumário

Introdução	p.19
Capítulo 1 – UMA VALIOSA RECOMPENSA	
O PCB do fim dos anos 1920 e o engajamento desinteressadamente interessado de Jorge Bahlis.....	p.42
Capítulo 2 – UMA RECOMPENSA DANINHA	
Os frutos da conversão de Dyonélio Machado ao PCB nos anos 1930.....	p.88
Capítulo 3 – RECOMPENSAS (DES)AGRADÁVEIS	
O PCB, os escritores e a literatura em Porto Alegre no contexto do Estado Novo.....	p.125
Capítulo 4 – RECOMPENSAS (IN)GRATAS	
Comprometimentos e frustrações dos escritores engajados no promissor PCB da legalidade.....	p.164
Capítulo 5 – DÁDIVAS DEVIDAS	
A poesia de Lila Ripoll e seu resignado engajamento no PCB.....	p.212
Capítulo 6 – DÁDIVAS LITERÁRIAS	
O realismo socialista e o comprometimento dos escritores comunistas na década de 1950.....	p.254
Considerações Finais	p.305
Fontes	p.315
Referências Bibliográficas	p.321

Anexos.....

p.338

I.

A presente tese difere da proposta apresentada no processo de seleção para o curso de Doutorado em História, realizado em 2007. O plano inicial era mapear e analisar a presença, o peso e a atuação de intelectuais no Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul entre 1922 e 1962, mediante levantamento e análise de sua composição sociológica e identificação dos problemas enfrentados por eles na militância. Nossa preocupação era revelar em que medida eles haviam contribuído para a sobrevivência do PCB no estado na “época do Partidão”, ao longo da qual poucos foram os momentos de legalidade da organização.²

Tal propósito esbarrou em algumas dificuldades. A primeira delas, e a mais complicada, dizia respeito à definição de um conceito operacional de “intelectual”. A segunda esteve relacionada ao nosso desconhecimento prático acerca do método de trabalho proposto – a prosopografia – e ao esforço empírico que ele demanda. Mas ambos obstáculos, na verdade, advinham de um maior: o avanço em terrenos teórico-metodológicos ainda ignorados.³

Diante dessas circunstâncias, e à medida que as primeiras fontes consultadas forneceram subsídios, optamos por direcionar o olhar para os militantes que, dentre aqueles que compunham o universo dos considerados intelectuais comunistas, tinham suas vidas mais bem documentadas e formavam um grupo mais precisamente definível: os escritores que atuavam em Porto Alegre. O avanço na pesquisa apontou outras possibilidades de explorar a participação desses indivíduos nos quadros do PCB. A constatação do quanto a atuação no

¹ No presente trabalho, a ortografia das fontes citadas foi atualizada conforme o acordo ortográfico em vigor desde 2009, optando por manter apenas a grafia de nomes próprios.

² As quatro décadas em que existiu o PCB – Partido Comunista do Brasil – ficaram conhecidas *a posteriori* como a “época do Partidão”. Nos anos de 1961 e 1962, ele foi dividido em duas organizações partidárias distintas: o Partido Comunista Brasileiro (PCB), cujo Secretário Nacional continuava sendo Luís Carlos Prestes, e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), tendo à testa João Amazonas, Maurício Gabrois e Pedro Pomar, dirigentes do alto escalão do até então PCB. Ao longo da “época do Partidão”, o PCB atuou legalmente em poucos e breves intervalos: de março de 1922 (fundação) a julho do mesmo ano, de janeiro a agosto de 1927 e entre 1945 e 1947.

³ Parte desses problemas foi oportunamente apontada, e outras considerações foram feitas, pelos colegas do GT Mundos do Trabalho, assim como pelos professores Hélen Osório (UFRGS) e Flávio Madureira Heinz (PUCRS), no início de 2009.

Partido Comunista havia impactado suas vidas e suas carreiras e de como o universo da militância, em vários momentos, adentrava outras esferas sociais, ou, na contramão, era influenciado por questões externas, levou-nos a reconhecer a necessidade de problematizarmos a relação entre ambos.

Nessa perspectiva, coube lançar ao conjunto de fontes as seguintes questões: **Em que situações, para que fins e em que proporção escritores comunistas lançaram mão de seus recursos em prol do Partido? Ou, pelo contrário, em que medida suas trajetórias foram afetadas pela atividade no PCB? Nosso objetivo, então, é revelar e explorar, a partir das trajetórias de escritores ligados ao Partido Comunista, as articulações entre o mundo da militância comunista e o mundo da literatura em Porto Alegre entre as décadas de 1920 e 1960.**

II.

A ligação entre escritores e o PCB, ou temas correlatos, é objeto de interesse recente na historiografia brasileira. Destacaremos, abaixo, os estudos que consideramos mais expressivos e em relação (ou em contraposição) aos quais nossa pesquisa se define, deixando para explorar outros trabalhos de forma mais pontual e, circunstancialmente, ao longo da tese.⁴

Pesquisas desenvolvidas por Daniel Aarão Reis Filho e Jorge Ferreira tocam na militância de escritores (ou, de forma mais ampla, de intelectuais) no PCB, embora seus objetivos sejam analisar os militantes comunistas de um modo geral. Em *A Revolução faltou ao encontro*, de 1990, Reis Filho procurou explicar e compreender os constantes desencontros

⁴ O que foi produzido por Edgar Carone, Giocondo Dias, José Antônio Segatto e Moisés Vinhas na década de 1970 compõe um conjunto de obras pioneiras e, por isso, clássicas e, de certa forma, também fontes de pesquisa. Embora elas façam referência à atuação de escritores no partido, fazem-no de forma rápida, não oferecendo maiores contribuições para serem discutidas mais longamente nessa revisão bibliográfica. Cf. CARONE, Edgar. *O P.C.B.* São Paulo: DIFEL, 1982, 3 v.; DIAS, Giocondo. *Os objetivos dos comunistas*. Artigos, entrevistas e um depoimento político. São Paulo: Editora Nagy, 1983; SEGATTO, José Antônio. *Breve história do PCB*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981; VINHAS, Moisés. *O Partidão*. A luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Editora Hucitec, 1982. O estudo sobre a trajetória, a organização e a estrutura do PCB realizado por Ronald Chilcote, de modo semelhante, auxilia no sentido de disponibilizar o mapeamento da agremiação em todo o país, pouco contribuindo para a discussão em torno da relação entre escritores e Partido. Cf. CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

entre os comunistas e a realidade social que pretendiam transformar.⁵ Tentando dar conta dessa questão, o autor estudou – no quarto capítulo, especialmente – o que chamou de organizações comunistas como “estados-maiores revolucionários”, buscando, na dimensão interna da militância, respostas para entender por que determinadas carências ou desvios não foram superados e, por conseguinte, impediram o encontro entre revolucionários e revolução. Aspecto que chama a atenção é o fato do historiador apontar postulados e mecanismos de funcionamento que davam coesão a organizações como o PCB e outros grupos comunistas que dele divergiram a partir do início dos anos 1960. Nesse sentido, ele trabalha com a questão dessas organizações cultivarem mitos, como: a inevitabilidade da revolução, o papel missionário do proletariado e a suposta posição esclarecedora e de vanguarda que os comunistas ocupavam no processo revolucionário. Os intelectuais comunistas – vários escritores entre eles – fizeram parte desse processo, contribuindo de alguma maneira para o desencontro. Segundo Aarão, as opiniões em relação aos intelectuais dividiam os companheiros de militância. Alguns os elogiavam, dando seguimento às reflexões de Marx – que havia reservado um papel importante para esse grupo no movimento, o de fazer brotar a consciência socialista através da investigação teórica. Outros, contudo, hostilizavam-nos, devido à sua origem burguesa (na maioria dos casos).⁶ Esse aspecto vem sendo mencionado em trabalhos mais recentes, parecendo já ter sido incorporado pela historiografia sobre os comunistas brasileiros, mesmo sem estudos que permitam comprovar se o perfil sociológico dos chamados intelectuais correspondia ao grupo que se poderia denominar burguesia nos diferentes contextos atravessados pelo PCB.

A inevitabilidade da revolução, a missão revolucionária do proletariado, o partido como vanguarda indispensável, o complexo da dívida entre os militantes, o massacre de tarefas, entre outros aspectos estudados por Aarão, foram retomados por Jorge Ferreira, em publicação, no ano de 2002, de sua tese de Doutorado, e examinados a partir de conceitos ligados à história cultural.⁷ Ferreira buscou recuperar ideias, valores e padrões de comportamento daqueles que encontraram no comunismo o projeto de sua vida e de sua identidade social, reconstituindo a cultura e o imaginário desses revolucionários. Nessa obra, Ferreira fornece subsídios importantes para se compreender a rede de símbolos por meio da

⁵ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁶ Id. Ibid. p.143-147

⁷ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

qual aqueles que militavam no PCB atribuíam significados à realidade. Registramos, contudo, nossa discordância em relação ao uso que o autor faz da teoria junguiana dos arquétipos para explicar o dogmatismo dos comunistas como uma nova roupagem de antigos elementos arquetípicos, atribuindo-lhes feições de religiosidade (da cristã, mais especificamente). Os arquétipos sugerem uma ligação com o instinto, e o historiador, ao apoiar sua explicação nesse conceito, corre o risco de insinuar serem inatos – de naturalizar, portanto – aspectos que, em nosso entendimento, foram e são (re)construídos socialmente.

As reflexões de Reis Filho e de Jorge Ferreira a respeito desse universo mítico em que os militantes do PCB estavam imersos mostram como eles se percebiam e concebiam seu papel no movimento comunista (nacional e internacional). Recorreremos a elas na tentativa de compreender o que os escritores acreditavam ser suas obrigações dentro e fora dos âmbitos partidários.

De um modo geral, os trabalhos concernentes a escritores atuantes no PCB têm voltado seu foco para militantes de destaque, entre eles, renomados literatos e historiadores, como Graciliano Ramos, Jorge Amado e Caio Prado Júnior. Essas pesquisas procuram, sobretudo, explorar a relação entre as imposições partidárias e a liberdade de criação, as políticas do PCB direcionadas para a cultura, os escritores e o realismo socialista e assim por diante.

Em 1986, Antônio Albino Canelas Rubim apresentou tese de Doutorado em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP), abordando, pela primeira vez, a faceta cultural do comunismo no Brasil.⁸ Seu trabalho desmembrou-se em textos publicados em revistas acadêmicas e livros.⁹ Trata-se de um estudo preliminar, exploratório e, por isso, pioneiro, dedicado a descrever e explicar a história do PCB através das políticas adotadas por ele em relação à cultura. O autor faz amplo mapeamento da imprensa comunista no país, relacionando o surgimento e o declínio dos periódicos ao contexto nacional e internacional; aborda as atividades editoriais e a aproximação do Partido Comunista com as artes plásticas, o cinema, a música, o teatro e o rádio, além de mencionar a preocupação do Partido com o caráter pedagógico das atividades culturais e o papel dos militantes (especialmente, dos

⁸ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1986.

⁹ Id. Partido Comunista e Políticas Culturais: uma tentativa de periodização. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, Vértice, pp. 135-161, 1988; Id. Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. Teorias e Interpretações. Campinas: UNICAMP, 1998, v. 3, p. 305-382.

escritores) nesse processo. Rubim se propõe a pesquisar o PCB em âmbito nacional, mostrando como os aspectos mencionados aparecem em fontes provenientes dos vários estados brasileiros. A importância de sua tese para este trabalho – e para todos os que venham a tratar da relação entre política, cultura e comunismo no Brasil – é seu caráter de abrir as portas para a questão e fornecer dados essenciais.

Já a tese de doutorado de Berenice Cavalcante, convertida em livro também em 1986, deu conta da história dos comunistas durante a fase de redemocratização da sociedade brasileira após o Estado Novo.¹⁰ As emoções da redemocratização vivida nos primeiros anos da década de 1980 motivaram o interesse da autora pela democracia e pelo socialismo, levando-a a investigar quatro aspectos da atuação comunista nos anos 1940: a visão de mundo que presidiu a formulação política do PCB; a relação entre ele e seus militantes, sobretudo os intelectuais; a proposta de ordem, bem como o posicionamento do Partido acerca da questão nacional e democrática; e o nascimento do prestismo. Dessa forma, a hierarquia, a posição dos intelectuais – entre eles, escritores – diante da política de União Nacional, as características da democracia na luta pela revolução democrático-burguesa, assim como as imagens elaboradas em torno da União Soviética e de Prestes são elementos importantes com os quais esta tese dialoga. Um ponto considerado mais detidamente é a recomposição que a autora faz do processo de reorganização do PCB no quadro político e social do início da década de 1940 por meio da observação da movimentação dos escritores. Ela destaca o I Congresso da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), ocorrido na cidade de São Paulo em janeiro de 1945, do qual participaram, entre outros, Dyonélio Machado e Raul Ryff (militantes no Rio Grande do Sul). De um modo geral, o livro dá contribuições importantes para o presente estudo, sobretudo no que toca os escritores e a ABDE. Cavalcante relata, por exemplo, que, além de debaterem outras questões intimamente ligadas ao escritor e a sua produção, o literato e o jornalista (casado com a poetisa Beatriz Bandeira) mencionados defenderam o retorno da democracia e traçaram o perfil do povo brasileiro, colocando-se na posição de responsáveis por levar cultura (no sentido de fruto de uma reflexão que não se fazia no meio popular) ao povo, considerado dominado e ignorante.¹¹ Quer dizer, a autora oferece dados e interpretações basilares para se discutir o papel social que os escritores se atribuíam naquele momento de abertura política, os quais serão explorados, especialmente, no quarto capítulo da tese.

¹⁰ CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os Comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED, 1986.

¹¹ Id. Ibid. p.102-108

A dissertação e a tese da historiadora Ana Paula Palamartchuk, por sua vez, são exemplos de investigações que analisam a produção literária de alguns conhecidos escritores comunistas. Durante o mestrado, a autora enfatizou a relação entre os intelectuais – em especial escritores –, suas produções e sua opção política, procurando analisar o(s) significado(s) que eles atribuíram à denominação “intelectual comunista”. Assim sendo, ela não partiu de um conceito de “intelectual” *a priori*. Sua análise pretendeu-se indutiva, tentando retirar do exame da experiência dos atores históricos escolhidos os significados de ser intelectual.¹² Para isso, ela partiu da fundação do Grupo Clarté (não necessariamente ligado ao PCB), na década de 1920, e estendeu sua análise até meados da década de 1940, concluindo que ser “intelectual comunista” abarcava várias maneiras de ser. No caso de Caio Prado Júnior, por exemplo, a autonomia intelectual chocou-se com a disciplina partidária. Já Astrojildo Pereira foi um legítimo “intelectual de partido”, submetendo-se ao núcleo dirigente, interpretando a situação do país de acordo com as orientações da Internacional Comunista, cumprindo tarefas e fazendo autocríticas.

Já em sua tese de Doutorado, Palamartchuk buscou compreender a “aproximação” entre alguns escritores brasileiros e o movimento comunista entre 1928 e 1948, acompanhando as trajetórias de quatro intelectuais que circularam em vários espaços institucionais ligados por um mesmo objetivo, o de intervir num projeto político-cultural: Astrojildo Pereira, Caio Prado Júnior, Jorge Amado e Graciliano Ramos.¹³ Seu objetivo foi avaliar a simpatia com que eles recebiam as experiências da União Soviética, a sedução pelo comunismo e a aproximação com o PCB, além de indagar as formas como o Partido os recebeu e como se posicionou face à criação intelectual. Ao longo da leitura da tese, contudo, não fica claro que problema de pesquisa a autora percorre. Na tese, que é sua dissertação repensada, Palamartchuk retoma aspectos do trabalho anterior: trabalha com a noção de intelectual, considerando como tal aqueles que assim se definiam ou que eram definidos por outros intelectuais, grupos ou pela polícia política; recorta uma população de alguns escritores reconhecidos e consagrados nacionalmente estudados em sua dissertação. Um ponto alto de sua tese é a atenção que da autora às redes de relações, sobretudo as que se articulavam em torno do mundo editorial, aspecto que torna seu trabalho próximo da proposta desta tese.

¹² PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista*. Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945). 1997. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, Campinas, 1997.

¹³ Id. *Os Novos Bárbaros*. Escritores e comunismo no Brasil. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, Campinas, 2003.

Ambos trabalhos de Palamartchuk trazem contribuições importantes. Elas são acolhidas e debatidas, sobretudo no que se referem à identidade do intelectual comunista, aos diferentes motivos que levaram os escritores analisados a ingressar no PCB e nele permanecer mesmo diante de imposições consideradas – por contemporâneos não-comunistas ou por alguns deles posteriormente – absurdas.

A tese de Doutorado em Comunicação de Dênis de Moraes, lançada como livro em 1994, e a dissertação de Mestrado em História Social de Mônica da Silva Araújo, defendida em 2002, lançam luzes sobre um dos aspectos mais polêmicos na história do comunismo no Brasil: a aplicação do realismo socialista pelo PCB.

O objetivo do trabalho de Moraes é reconstituir e analisar as linhas principais de recepção e de assimilação do realismo socialista no país por meio de revistas e jornais disseminados pelo PCB.¹⁴ O autor faz uma cuidadosa análise da imprensa comunista, do itinerário do realismo socialista na União Soviética e das condições conjunturais que permitiram a adoção do método no Brasil, avaliando como seus pressupostos foram aplicados em diferentes planos de pensamento por dirigentes comunistas ciosos do centralismo democrático. Outrossim, Moraes discute as consequências do vínculo e dos desvios de intelectuais em relação às exigências de fidelidade à causa. O pioneirismo do livro de Dênis de Moraes torna-o indispensável a essa pesquisa. Nos dois últimos capítulos, em especial, estabelecemos constante diálogo com suas descobertas e interpretações, muitas das quais são retomadas e rediscutidas por Mônica Araújo.

Atenta às mudanças de linha política ocorridas no interior do Partido no intervalo de 1945 e 1958, a historiadora¹⁵ busca dimensionar o grau de autonomia da produção artística dos comunistas, especialmente os casos de Graciliano Ramos e de Jorge Amado, em relação à política cultural do PCB, tendo por base princípios teórico-metodológicos propostos por Pierre Bourdieu e Antonio Gramsci. Ao longo de sua análise, ela discute o lugar social daqueles que chama de “artistas” ligados ao PCB, bem como a relação entre os campos artístico e partidário, mostrando como, em diferentes contextos, o realismo socialista (e suas tendências à homogeneização e à estereotipagem) foi instrumentalizado pelo Partido, e sua aplicação ora flexibilizada, ora enrijecida. Ponto que aproxima a abordagem de Araújo da

¹⁴ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

¹⁵ ARAÚJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo*. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e PCB (1945-1958). 2002. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

presente tese é o exame do papel dos escritores nesse processo. Graciliano Ramos sentiu fortemente a instrumentalização, percebendo que sua personalidade pública, de escritor renomado, era mais importante para os companheiros que a qualidade de suas obras. Já Jorge Amado, que detinha uma posição importante no interior da organização, devido a sua fama e popularidade, relacionava-se com intelectuais não necessariamente comunistas e abria brechas na política oficial para obras de orientações estéticas diversas ao dirigir publicações e editoras do PCB.

A instrumentalização da imagem do escritor por parte do Partido é relativizada em diversos momentos dessa tese, num constante diálogo das fontes com a bibliografia mencionada acima e as recentes observações do sociólogo Marcelo Ridenti acerca do equilíbrio de custos e benefícios na relação entre intelectuais e PCB.¹⁶ No livro *Brasilidade revolucionária*, o autor busca explicar a construção de uma vertente específica da brasilidade identificada com ideias, partidos e movimentos de esquerda ao longo do século XX. No capítulo dedicado a artistas e intelectuais comunistas no auge da Guerra Fria, especialmente, Ridenti argumenta que a relação entre estes e o PCB era complexa. Seus dividendos, assegura o sociólogo, não podem ser reduzidos ao cálculo racional, pois a organização comunista oferecia riscos, exigia obediência e disciplina, mas, por outro lado, proporcionava uma rede de proteção e de solidariedade, além de um lugar institucional seguro para aqueles atingidos pelo preconceito contra o comunismo.¹⁷ Nossa tese, centrada em um grupo mais restrito e na cidade de Porto Alegre, reflete a respeito do olhar renovador que Ridenti lança sobre a relação entre intelectuais e PCB, principalmente, no quinto capítulo, inclinando-se a reforçar sua constatação.

Especificamente sobre o Rio Grande do Sul, destacamos a dissertação de mestrado da historiadora Eliane Garcia, que deu atenção para um aspecto da militância comunista gaúcha inexplorada até então: a participação dos militantes do PCB nas chamadas “organizações de massa” na década de 1950.¹⁸ Tais organizações eram movimentos e associações populares nas quais os comunistas poderiam atuar legalmente, já que seu Partido estava na clandestinidade.

¹⁶ RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

¹⁷ Antes de publicar o mencionado livro, Ridenti expôs essas suas impressões em entrevista concedida ao jornalista Augusto Buonicore para o Portal Vermelho em dezembro de 2007. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=28134&id_secao=11. Acesso em: 23 set. 2011

¹⁸ GARCIA, Eliane. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999.

Algumas dessas organizações foram criadas por militantes. Um exemplo é o Clube dos Amigos da Gravura de Porto Alegre, no qual atuavam, entre outros, Carlos Scliar, Vasco Prado e Danúbio Gonçalves. Garcia reconstitui o papel desempenhado por eles nesses meios (assim como pelas mulheres nas organizações femininas), tentando compreender as particularidades de sua atuação política. Na análise, a autora mostra a penetração e o alcance da atividade comunista na sociedade gaúcha, desmontando a ideia de que o Partido controlava totalmente as ações de seus militantes. Trata-se de um trabalho com o qual a presente tese mantém contínuo diálogo, visto que se trata de um estudo pioneiro e específico sobre a atuação dos intelectuais comunistas – dentre os quais havia vários escritores – no Rio Grande do Sul da década de 1950 (embora a maior porção de dados e de situações exploradas diga respeito à capital). Garcia, semelhante à Palamartchuk, dá contribuições para a reflexão teórico-metodológica sobre o que devemos entender por intelectual comunista por um viés indutivo, na medida em que não parte de uma definição de intelectual, mas se debruça sobre aqueles assim designados pelo PCB e alocados por este na “frente intelectual” do Partido. E, nesta etapa da dissertação, a autora enfoca, inclusive, alguns dos nomes aqui em investigação. As fontes utilizadas por ela também aproximam seu trabalho desta tese, como a imprensa comunista gaúcha e os relatórios da Polícia Política.

Procuramos comentar e problematizar alguns pontos que consideramos relevantes para o diálogo entre a presente tese e a historiografia atinente às relações entre escritores e PCB. Esses aspectos deverão ser retomados e repensados ao longo dos próximos seis capítulos à luz da perspectiva que orienta este trabalho, qual seja, a de explorar, através da trajetória de literatos, as articulações entre o mundo da militância comunista e a da produção literária porto-alegrense entre as décadas de 1920 e 1960, ângulo que constatamos inexistente na bibliografia.

Ademais, a história do PCB no sul do Brasil ainda não conta com um trabalho de síntese, e a reconstituição e a problematização das trajetórias dos escritores vinculados a ele em Porto Alegre parece um caminho fecundo para começar a contar essa história. As fontes relativas aos escritores comunistas apresentam maior abundância e diversidade, possibilitando uma abordagem da complexidade e da dinâmica que envolvia a militância política daqueles que estavam à esquerda de seu tempo.

III.

Essa proposta de investigação inspira-se em alguns pressupostos teórico-metodológicos. Primeiramente, cumpre-nos explicitar que, quando dirigimos nossa atenção aos militantes comunistas, operários ou intelectuais, não os concebemos como resultado de aplicações mecânicas das exigências do Partido. Partilhando da visão de Marco Aurélio Garcia, compreendemo-los como mulheres e homens que, ao ingressar no PCB e nele atuar, carregavam consigo valores éticos, convicções políticas, influências religiosas, refletindo, em seu cotidiano, sua formação cultural, suas heranças familiares e um conjunto de “determinações” que incidiam na forma como aplicavam a linha partidária na sociedade.¹⁹ Dependendo de sua “bagagem”, o comunista identificava-se com determinados setores no interior da burocracia do Partido e assumia certas responsabilidades.

Para os fins deste trabalho, consideramos escritores indivíduos que produziam textos a partir de um determinado lugar social. Mais especificamente, interessa-nos centrar a análise sobre os agentes que escreveram literatura (poesias, peças de teatro, crônicas, contos e romances), inseridos (ou inserindo-se) nos meios regidos pelas regras do fazer literário (imprensa, editoras, sociedades, academias etc.), elas mesmas em constante disputa. Nesse sentido, tomamos como escritores aqueles admitidos como tais ao longo da própria luta pela definição do escritor nos meios literários porto-alegrenses, procurando estar atentos à historicidade desse processo. Por escritores comunistas entendemos os produtores de literatura que, em algum momento de suas vidas, ligaram-se ao Partido Comunista do Brasil.

A maior parte dos escritores que viveram no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1920 e 1960 e que se vincularam ao PCB concentrou suas atividades – profissionais, políticas e culturais – na capital do estado, compondo um grupo mais ou menos fechado. Exploramos as trajetórias daqueles que ganharam destaque no conjunto de fontes, contistas, poetas e romancistas, como Beatriz Bandeira, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Edith Hervé, Fernando Melo, Heitor Saldanha, Ivan Pedro de Martins, Jorge Bahlis, Laci Osório, Lila Ripoll e Plínio Cabral.²⁰

¹⁹ GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, (8/9), 1997. p. 322.

²⁰ Embora Pedro Wayne seja considerado comunista por alguns estudiosos, como o jornalista e escritor João Batista Marçal, ele não foi filiado ao PCB e discordava que artistas se vinculassem a organizações partidárias. Em conferência realizada na Biblioteca Pública de Bagé em 28 de julho de 1943, ele defendeu a reabilitação do artista puro e argumentou que o “verdadeiro artista” não deveria se preocupar com classes sociais ao produzir

Os personagens aqui referidos foram homens e mulheres que *também* se dedicaram à literatura, mas não exclusivamente a ela. Além de escritores e de militantes do PCB, eles e elas ocuparam-se de outras e diversas atividades, escrevendo para jornais e revistas, traduzindo, lecionando, pesquisando, clinicando e exercendo atividades diplomáticas, além de fazerem parte de entidades profissionais e literárias. Longe de ser um problema, como o é para os estudos prosopográficos, por exemplo, a questão das múltiplas ocupações mostra-se vantajosa para esta pesquisa, pois permite problematizar a atuação dos literatos comunistas em mais de um domínio. Estudando os agentes em seus vários aspectos simultaneamente é possível alargar o quadro de análise e perceber pontos de contato, quer dizer, as intersecções entre círculos mais ou menos abertos de ação.²¹

Buscamos seguir a linha dos estudos realizados por Mario Grynszpan para investigar as relações de patronagem através da trajetória de Tenório Cavalcanti. Para o autor,

O exame de trajetórias individuais nos permite avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais, seus movimentos, seus recursos, as formas como os utilizam ou procuram maximizá-los, suas redes de relações, como se estruturam, como as acionam, nelas se locomovem ou as abandonam. Centrando nossa atenção em atores estamos, ao mesmo tempo, refletindo sobre padrões e mecanismos sociais mais amplos.²²

Acompanhar a trajetória dos militantes escritores mostra-se uma estratégia de pesquisa importante para reconstruir os espaços sociais em que se movimentavam e os contextos nos quais efetuaram escolhas, agiram (com maior ou menor planejamento) e manipularam recursos diversos. Usamos como chave de leitura algumas considerações de Pierre Bourdieu a respeito do conceito de trajetória, para quem ela se trata de uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço em que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.²³ Tal concepção colabora não apenas para evitar que se tome tanto a trajetória dos militantes quanto os contextos em

seus trabalhos, mas em deixar algo para toda a humanidade. Cf. WAYNE, Pedro. *À Absoluta Animadora*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1943.

²¹ Emanuele Coccia e Sylvain Piron oferecem maiores reflexões sob essa perspectiva em artigo acerca da articulação de intelectuais italianos nos meios literário, científico e político da Itália do final de século XIII e início do XIV. Cf. COCCIA, Emanuele; PIRON, Sylvain. Poésie, Sciences et Politique: une génération d'intellectuels italiens (1290-1330). *Revue de Synthèse*, Paris, Tome 129, 6^a Série, n.4, p.549-586, 2008.

²² GRYNSZPAN, Mario. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Ano 5, n.14, p.73-90, out. 1990. p.74-75.

²³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína et. al. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 189.

que estiveram inseridos como realidades sociais dadas e/ou estanques, mas para entendê-los como um fazer-se.

A observação das redes sociais permite reconstruir a articulação dos atores e melhor explicar suas ações.²⁴ Tanto mais se as concebemos nos termos de J. Clyde Michell, isto é, como um conjunto específico de conexões entre um grupo definido de pessoas, sendo que as características dessas ligações podem ser usadas para interpretar o comportamento dos indivíduos implicados.²⁵ Rede, assim, é o conjunto de laços existentes entre os agentes de um dado sistema social, vínculos aos quais os indivíduos são submetidos a e/ou estabelecem com outros atores sociais. Para os propósitos dessa tese, consideramos os escritores comunistas em suas redes de relação, cuja composição era dinâmica, mutável, englobando setores diferentes, e nas quais os objetivos eram moldados e se ajustavam às conjunturas. No nosso entendimento, essa abordagem permite extrapolar os limites do Partido e seu espaço de atuação, ligando aqueles que o compunham a um sistema de trocas instituído por uma cadeia que não envolvia, necessariamente, comunistas.²⁶

Assim, as ponderações de Grynspan, Bourdieu e Michell orientam-nos a analisar as trajetórias dos escritores levando em conta suas ações e os recursos por eles mobilizados – em que momento e com que objetivos lançavam mão de uns e de outros – no interior da militância e dos meios de produção literária em permanente transformação. Tal perspectiva mostrou-se útil para responder ao problema dessa pesquisa e também para revelar questões mais amplas acerca da história da literatura sul-rio-grandense.

A movimentação dos escritores comunistas no âmbito dos diferentes espaços sociais nos quais estiveram imersos, e de um para outro, acontecia a partir de um “campo de possibilidades”, no entendimento do antropólogo Gilberto Velho, o que a dimensão sociocultural oferecia como caminhos possíveis.²⁷ Não apenas tal esfera, mas também a econômica e a política colaboraram igualmente para gerar possibilidades de ação. Imersos em espaços variados, os escritores estabeleceram vínculos sociais orientados por lógicas distintas.

²⁴ MOUTOUKIAS, Zacarias. Narración y analisis en la observación de vínculos y dinamicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica. In: BJERG, María & OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA-IEHS, 1995. p. 228-229.

²⁵ MITCHELL, J. Clyde. Social Networks. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 3, 1974.

²⁶ Também encontramos reflexões importantes acerca do uso do conceito de redes em: BJERG, María; OTERO, Hernán (Comp.). *Inmigracion y Redes Sociales en la Argentina Moderna*. Tandil: CEMLA-IEHS, 1995; IMÍZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto (Portugal), III Série, v.5, 2004.

²⁷ VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 40

Sendo assim, algumas reflexões a respeito dos sistemas de trocas parecem pertinentes, pois a partir delas conexões eram criadas e a expectativa de continuidade ou de rompimento das relações era estabelecida.²⁸

Para esta pesquisa, privilegamos as considerações de Pierre Bourdieu a respeito das trocas de natureza simbólica. Conforme este sociólogo francês, o ato inicial – o dar – obriga não apenas à retribuição, mas à retribuição com acréscimo, criando obrigações, retendo aquele que recebe como um devedor.²⁹ Tal relação não se estabelece e não se mantém de modo consciente, racional e calculista – como nas trocas realizadas no campo econômico – mas em termos e em condições implícitos e indizíveis, num silêncio compartilhado, pois que fundamentado em categorias de percepção e de avaliação comuns – *habitus* – produto de uma socialização semelhante.³⁰ Os agentes sociais não agem nem disparatada, nem racionalmente, mas acreditando fazer parte de um jogo, um jogo que se faz esquecer enquanto tal, e de forma desinteressadamente interessada, porque, segundo Bourdieu, “se o desinteresse é sociologicamente possível, isso só ocorre por meio do encontro entre *habitus* predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado”.³¹

Essas considerações são particularmente importantes na abordagem de agentes imersos em universos sociais como a família, a literatura, a burocracia e a política, espaços que se constituem sobre a inversão da lei fundamental do mundo econômico. Neles o interesse explícito é suspenso e as trocas acontecem mediante um “interesse desinteressado”. Tais esferas são visivelmente importantes nas trajetórias dos escritores comunistas aqui estudados.

²⁸ O etnólogo Marcel Mauss foi pioneiro no estudo sobre os sistemas de trocas, quando, na década de 1920, dedicou-se a desvendar a lógica das transações humanas baseado em sociedades primitivas, escrevendo o famoso *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans le sociétés archaïque*. Os estudos de Mauss, inclusive, serviram de ponto de partida para uma série de reflexões acerca da dádiva também em sociedades complexas, levados adiante pelo grupo formador do M.A.U.S.S. (Mouvement Anti-Utilitariste dans le Sciences Sociales) e da *Revue du MAUSS* no início da década de 1980. Entre eles, sociólogos e antropólogos, como Alain Caillé, David Graeber, Guy Nicolas, Jacques Godbout, Aldo Haesler e Camille Tarot. Uma década antes, o antropólogo polaco Bronislaw Malinowski também havia iniciado estudos sobre o *kula*, complexo sistema de trocas intertribais encontrado nas ilhas Trobriand. Claude Lévi-Strauss, Pierre Bourdieu e Maurice Godelier igualmente se debruçaram sobre o tema, e, segundo Claudia Coelho, todos com um objetivo comum: o uso da dádiva como um espaço de formulação de teorias sobre a natureza da vida social. Cf. COELHO, Maria Cláudia. *O valor das intenções*. Dádiva, emoção e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.17. Ver também: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. 9ª Ed. Campinas: Papyrus, 1996; GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999; MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976; MARTINS, Paulo Henrique (Org.). *A dádiva entre os modernos*. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002; MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. 9ª Ed. Campinas: Papyrus, 1996. p.160

³⁰ Id. Ibid. p.162, 193 e 194

³¹ Id. Ibid. p.153

Desse modo, a análise da atuação deles nesses meios não está dissociada do estudo das condições de aquisição das disposições que orientaram suas ações em direção a determinados objetivos.

IV.

Ao optar por problematizar as relações entre produtores de textos literários e o Partido Comunista do Brasil, algumas considerações a respeito da literatura merecem ser feitas. Os contos, os poemas, os romances e as críticas elaboradas por eles se constituíram numa via pela qual esses agentes históricos intervieram na sociedade e, junto com testemunhos de outras naturezas, sobre as quais trataremos a seguir, compõem o *corpus* documental da presente pesquisa.

Nicolau Sevcenko afirma que, sendo a literatura um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Ela fornece ao pesquisador uma expectativa do seu “vir-a-ser”, traduzindo em seu âmago anseios de mudança, mas também mecanismos de permanência. O texto literário, segundo este historiador, também carrega consigo focos de tensão e críticas que conduzem para o exame de suas tendências, seus enquadramentos sociais e sua escala de valores.³² A historiadora Cássia da Silveira, nesse sentido, argumenta que a literatura, “como qualquer outro aspecto da cultura humana, é produto de seu tempo, de homens que vivenciaram contextos sociais específicos e que, somente por estarem inextricavelmente ligados a estes contextos, puderam redigir seus escritos e se fazer comunicar”.³³

O foco deste trabalho não é proceder a uma análise interna da produção literária dos personagens. Preocupamo-nos, antes de tudo, em revelar nela o segundo aspecto salientado por Sevcenko e por Silveira. Procuramos historicizá-la, inserindo-a no movimento da sociedade e investigando suas redes de interlocução social, vendo-a não como produção autônoma, transcendente, mas desvendando as condições sociais de sua produção na tentativa

³² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.29-31

³³ SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá*. O Parthenon Litterário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p.20

de inserir tanto ela quanto seu/sua autor/a em processos históricos específicos.³⁴ A literatura produzida por escritoras e escritores comunistas, assim, é examinada na perspectiva da história social, buscando nela referências autobiográficas, indícios de princípios éticos, de valores e de convicções políticas, menções a conflitos e a espaços de sociabilidades, e assim por diante. Por isso sua leitura não está dissociada da investigação das práticas de edição e da atmosfera cultural da cidade de Porto Alegre, dos pontos de encontro, das associações de interesse e de rivalidades que distinguiram a comunidade da qual os produtores de literatura faziam parte.³⁵

De uma forma geral, o reconhecimento e o prestígio alcançado por alguns escritores colaboraram para a sobrevivência de seus arquivos pessoais e para a publicação de memórias e biografias. Sobre Cyro Martins, Dyonélio Machado e Lila Ripoll existe farto material. De caráter pessoal, a documentação engloba narrativas memorialísticas, correspondências, manuscritos, entrevistas, documentos caracterizados pela autorreferência, fazendo parte do que se convencionou chamar de “produção de si”. Eles revelam como as trajetórias pessoais dos escritores comunistas se alteraram ao longo do tempo e como podem ser decompostas em ritmos diferentes (o da casa, o da militância, o da profissão etc.).³⁶ Essas fontes proporcionam o acesso a formas de reflexão sobre a realidade distintas daquelas encontráveis nos artigos de jornais, por exemplo.

As autobiografias e as memórias apresentam características semelhantes. Trata-se de uma documentação que nos oferece dados importantes das trajetórias dos escritores, mas não apenas isso e não tão simplesmente assim. Aos escrevê-las, os escritores escolheram –

³⁴ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada*. Capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.7-8

³⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.32. Outros trabalhos consultados: GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999; NEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. *O carnaval das letras*. Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2004; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Leituras Cruzadas*. Diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000; RODRIGUES, João Paulo Correia de Souza. *A dança das cadeiras*. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas: Ed. Da Unicamp, 2001; SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977; VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

³⁶ Cf. GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.10-13. É importante ressaltar que a reunião do material autorreferencial produzido pelos militantes em arquivos – como as coleções que integram os acervos de João Batista Marçal ou o Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – provavelmente não foi planejada pelos escritores e está compilada tanto de acordo com a imagem que – quando decidiram guardar algumas referências sobre si (e não outras) – desejaram forjar a seu respeito, quanto conforme os critérios de classificação daqueles que receberam a documentação.

deliberadamente ou não – determinados aspectos de suas vidas (e não outros) para compor as narrativas, e tais escolhas, realizadas *a posteriori*, não foram neutras, mas apoiadas na memória, que seleciona e ressignifica. As autobiografias e as memórias receberam a marca do momento em que foram produzidas, do presente ao qual as lembranças responderam. Elas revelam os aspectos passados da vida dos literatos carregados de novos significados, pois que influenciados pelos acontecimentos subsequentes.³⁷

É interessante ressaltar que as biografias produzidas a respeito dos personagens, assim como algumas de suas autobiografias e memórias, foram motivadas, antes de tudo, por suas participações na produção literária sul-rio-grandense, e não por terem militado no PCB. Aliás, este é um aspecto pouco referido nesse tipo de documento, indicando que, na seleção do que foi importante resgatar da vida dos escritores, a maioria dos autores dos textos preferiu não dar tanto destaque ao engajamento político. Ao proceder dessa forma, eles podem ter contribuído para construir uma imagem dos escritores quase que exclusivamente como tais, e da sua literatura como algo “transcendente” e autônomo em relação às questões distintas das do mundo literário. Essa seleção também pode ter colaborado para reforçar uma visão da literatura como algo independente da política, visão essa construída mediante esforços de determinados escritores e que, nas disputas internas do campo, consagrou-se. Outro elemento recorrente nas narrativas das vidas dos escritores é o da “ilusão biográfica”.³⁸ Nelas suas existências são concebidas como histórias direcionadas para um específico e determinado fim, e praticamente todas arrolam os mesmos acontecimentos. Via de regra, elas falam, cronologicamente, do nascimento, da filiação, da educação, da escolha da profissão, do casamento e das vicissitudes que envolveram a criação de suas principais obras, além de apresentarem quadro de publicações, conferindo coerência e inteligibilidade às vidas dos escritores.

Parte dos cuidados direcionados para as narrativas biográficas e autobiográficas são dirigidos para as entrevistas. O uso desta fonte não foi previsto no projeto de pesquisa, mas passou a ser cogitado na medida em que foram encontrados depoimentos concedidos pelos escritores e localizadas pessoas próximas aos literatos e dispostas a conceder entrevistas.

³⁷ Memórias de indivíduos ligados aos personagens também estão sendo exploradas, como as de seus cônjuges, de amigos, como Erico Verissimo, e companheiros de militância, como Jorge Amado.

³⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005. p.190.

Familiares de Jorge Bahlis e de Edith Hervé foram encontrados por meio de busca via *web*. No caso do primeiro, os parentes tratam-se dos filhos Gibran Bahlis (promotor de justiça aposentado), Iris Bahlis Cafruni (do lar) e Osiris Bahlis (dentista), atualmente com 87, 75 e 73 anos, respectivamente. Iris e Osiris aceitaram conceder entrevista, mas desencorajaram conversa com o irmão mais velho, por ele estar se recuperando de um acidente vascular cerebral. Ressaltamos que ambos admitiram revelar suas memórias sobre o pai, deixando claro o pouco tempo que conviveram com o mesmo e mostrando que a possibilidade de não poderem dar o retorno esperado era muito forte. Em se tratando da segunda, o familiar localizado foi o sobrinho Egydio Hervé Neto (engenheiro), que, por não se sentir em condições de colaborar com a pesquisa, por quase não ter convivido com a tia poetisa, indicou sua irmã, Jussara Hervé (jornalista), a qual não só aceitou prontamente, como indicou outra fonte, Ruth Eloiza Hervé (médica), casada com o irmão de Edith, Ivan Hervé.

As entrevistas foram realizadas nas residências de Jussara Hervé, Osiris Bahlis e Ruth Hervé, em Porto Alegre, nos dias 16 de março, 19 de março e 8 de abril de 2010, respectivamente. Elas foram gravadas sob permissão dos depoentes, que cederam oficialmente seus direitos autorais por meio de carta de cessão.

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, a conversa com os familiares visou, sobretudo, descobrir maiores informações acerca de determinados períodos da vida dos escritores (como a infância), aspectos relativos a suas atuações em certos meios (profissional, literário, jornalístico) e detalhes a respeito da vida cotidiana, das amizades etc. Assim, as questões dirigidas aos entrevistados foram elaboradas na forma de tópicos após estudo da trajetória dos escritores com base nas fontes consultadas. As entrevistas ocorreram em um ambiente informal, durante as quais procuramos explorar os temas omissos à medida que foram livremente mencionados pelos depoentes. Somente quando algum assunto importante não havia sido tocado é que lhes direcionamos perguntas mais pontuais.

Ao trabalho desenvolvido com os depoentes subjaz o conceito de memória, compreendido a partir da análise das reflexões de Henri Bergson, Marcel Proust e Maurice Halbwachs.³⁹ Aproximando-nos de Halbwachs, entendemos a referida categoria teórica como um conjunto de “imagens-lembrança” que se movimentam, no tempo e no espaço, localizando

³⁹ Cf. BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999; HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; RT, 1990; PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. No caminho de Swann. Rio de Janeiro: Globo, 1987; Id. *Em busca do tempo perdido*. O tempo redescoberto. São Paulo: Globo, 2001.

uma determinada imagem a partir de questões colocadas pelo presente. Diferente do concebido por Bergson ou Proust, para os quais a memória se conserva no inconsciente e surge mediante um estímulo externo, para o sociólogo francês ela é reconstrução do passado – porque transformada pela experiência do que aconteceu após o evento rememorado – a partir de demandas do presente. Sendo assim, não se trata apenas de fatos, mas também de significados que eles tinham em determinado momento e dos que terão no futuro, por ocasião dos depoimentos.

Acreditamos ser prudente seguir a recomendação de Jaci Seixas e desconstruir dualismos – como coletividade *versus* indivíduo, evocação *versus* irrupção.⁴⁰ As lembranças dos familiares dos escritores não estavam intactas e guardadas exclusivamente em seus inconscientes aguardando evocação e/ou algo que lhes fizesse irromper. Por outro lado, elas não necessitavam unicamente de pontos de contato com alguém (ou algo) que integrava a coletividade na qual os depoentes estavam imersos quando conviveram com os escritores para surgirem. Nem tanto ao céu, nem tanto à terra.

Primeiramente, as recordações foram motivadas pelo contato com a entrevistadora. Ao longo das entrevistas, elas surgiram de forma “espontânea”, mas também motivadas externamente, como por perguntas específicas, ou, no caso dos irmãos Bahlis, apoiando-se nas lembranças um do outro. Ao serem entrevistados, os familiares foram indagados a respeito de experiências alheias, e suas lembranças estiveram mediadas pela ação do tempo percorrido e pela imagem que construíram a respeito de Edith Hervé e de Jorge Bahlis. Por isso, por esses diversos aspectos que envolveram as condições em que as entrevistas foram realizadas, é que se deve relativizar a espontaneidade com que a memória sobre os literatos foi reconstruída.

As fontes jornalísticas são abundantes e contribuem para apreender tanto a atuação dos escritores no interior da militância quanto a sua inserção nos meios não-partidários. O material fornece dados de cunho quantitativo – por meio dos avisos, das propagandas dos serviços prestados pelos escritores em suas devidas ocupações etc. – e qualitativos – mediante artigos e editoriais escritos por eles – uma série de informações problematizadas levando em conta a natureza dessa fonte histórica.⁴¹

⁴⁰ SEIXAS, Jaci. Halbwachs e a memória coletiva: reconstrução do passado: memória coletiva e história. *História*, São Paulo, Edunesp, n.20, 2002. p.105

⁴¹ Para o uso do material jornalístico como fonte, temos como principais referências as reflexões de ELMIR, Cláudio Pereira. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa*

Muitos dos literatos ligados ao PCB de Porto Alegre trabalharam em impressos de grande circulação ou simplesmente colaboravam com eles periodicamente, como os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, além da *Revista do Globo* e a *Província de São Pedro*. Os exemplares consultados ajudaram a reconstituir episódios nos quais se evidenciaram a utilização e/ou a negociação de recursos por parte dos escritores comunistas em prol do Partido, em particular, e do comunismo, em geral, ou, ao contrário, a interferência da militância em sua produção e em sua carreira literária.⁴² A utilização da grande imprensa, assim, não segue uma linha contínua, com exceção da *Revista do Globo*, veículo por excelência da vida cultural de Porto Alegre entre 1929 e 1967, e da revista *Província de São Pedro*, dirigida por Moysés Vellinho, em circulação entre 1945 e 1957.⁴³

Dos trinta e três periódicos ligados ao Partido Comunista editados em Porto Alegre, apenas seis deles têm mais de uma edição disponível.⁴⁴ Nesses órgãos, revezaram-se – na função de colaboradores, repórteres, redatores, editores ou diretores – escritores, bem como advogados, arquitetos, jornalistas, artistas plásticos, gravuristas e professores universitários. Esse material revela o papel desempenhado pelos escritores na criação e no funcionamento dos jornais e das revistas do Partido, sobretudo nos períodos de forte repressão policial; as atividades desenvolvidas e os posicionamentos assumidos pelos militantes nos impressos diante das demandas impostas pelos distintos contextos e o que isso significava em termos de comprometimento com o PCB.

Desde a década de 1920, com a criação do Departamento de Ordem Política e Social com o objetivo reprimir manifestações de oposição ao governo, os comunistas – e/ou os indivíduos considerados tão “perigosos” quanto – estiveram na mira dos agentes policiais. O

histórica. *Cadernos de estudos* (PPG – História UFRGS), Porto Alegre, n. 13, dez. 1995; ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n.2, dez. 1998; e LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

⁴² Alguns momentos escolhidos para serem observados e analisados na grande imprensa, sobretudo através dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, foram: a criação e o funcionamento da Liga Pró-México Antiimperialista no final da década de 1920 (desenvolvida no primeiro capítulo); a fundação, as atividades e a repressão à Aliança Nacional Libertadora (ANL) em meados da década de 1930, exploradas no segundo capítulo; as polêmicas travadas em torno da obra *Tudo é silêncio*, de Erico Verissimo, e *Frente Agreste*, do comunista Ivan Pedro de Martins, no começo da década de 1940 (ocasiões examinadas no terceiro capítulo); a realização do IV Congresso Brasileiro de Escritores, em setembro de 1951, analisado no capítulo seis. O chamado período da legalidade (1945-1947), examinado no capítulo quatro, foi beneficiado por completo levantamento do *Correio do Povo* realizado durante o curso de Mestrado.

⁴³ Foram consultadas todas as edições da *Revista do Globo* de 1929 a 1957 e a coleção completa (num total de 21 números) da *Província de São Pedro*.

⁴⁴ Cf. MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004. São eles: *Martelo e Foice* (1924), *A Voz do Trabalhador* (1933-1934), *Libertação* (1945-1946), *Tribuna Gaúcha* (1947-1956), *Horizonte* (1949-1955/6), *Folha Metalúrgica* (1959-1963)

material produzido pela polícia guardado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) é rico e nos remete a facetas inexistentes em fontes de outras naturezas.⁴⁵ A análise dessa documentação leva em conta alguns cuidados de ordem metodológica sugeridos pelos historiadores Alexandre Fortes e Antônio Negro.⁴⁶

Os autores explicam que, após observarem as atividades comunistas, os investigadores redigiam relatórios, aos quais, muitas vezes, anexavam notícias de jornais e/ou documentos produzidos pelos observados, e encaminhavam para a capital federal. O material recolhido ou criado pelos agentes policiais revela aspectos de um mundo vigiado. O objetivo era demonstrar a “culpa” dos comunistas em tentar subverter a ordem social, seguindo uma lógica totalitária, pela qual se encarava qualquer dissonância, ou novidade na dinâmica da sociedade, como um desvio. Os policiais preocupavam-se em dar os nomes de seus suspeitos, endereços, profissões e locais de trabalho. Costumavam relatar seu dia a dia e suas atividades, desvendando a vida dos militantes, descrevendo suas vestimentas, suas falas e as relações que mantinham entre si, como se “infiltravam” nos meios não-partidários, de que modo se confrontavam com a polícia e assim por diante. Já entre os documentos produzidos pelos comunistas que constam nos relatórios, foram encontradas correspondências, atas de reuniões, manifestos, artigos, autocríticas etc. Naturalmente, logramos mais dados sobre uns e menos sobre outros. No caso das fontes policiais, uma maior quantidade de informações depende do quão “perigoso” o militante parecia ser aos olhos da polícia.

Tendo em vista que o romancista Dyonélio Machado foi eleito deputado estadual em 1947, seus pronunciamentos, disponíveis nos *Anais* da Assembleia Legislativa do Estado, foram incorporados à pesquisa.⁴⁷ Além de nos proporcionar a oportunidade de examinar os projetos propostos pelos comunistas, os *Anais* mostraram como Dyonélio e seus

⁴⁵ A coleção Polícia Política, sob guarda do APERJ, é constituída de quatro fundos: Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS), Divisão de Polícia Política e Social (DPS) e o fundo Polícias Políticas. Os três últimos foram consultados na instituição carioca. O primeiro foi consultado no Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS, para o qual foi doada a pasta referente ao Rio Grande do Sul, digitalizada em sua integralidade no âmbito do projeto “Memórias Reveladas”. O material digitalizado foi doado também para Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERs) e Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

⁴⁶ FORTES, Alexandre; NEGRO, Antônio Luigi. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*. Vol. 3, nº 5, janeiro/junho de 2004.

⁴⁷ Juntamente com ele também foram eleitos sob a legenda do PCB o professor universitário Otto Alcides Ohlweiller e o advogado e jornalista Antônio Ribas Pinheiro Machado Neto, além dos suplentes Júlio Teixeira (advogado) e Jover Telles (mineiro).

companheiros responderam a indagações feitas no calor do debate parlamentar.⁴⁸ O registro deixado pelos comunistas e, em especial, pelo escritor quaraiense, nesse âmbito de sua atuação política, também contribuiu para esclarecer em que medida os recursos acumulados pelo Dyonélio escritor e pelo médico fundamentaram os argumentos sustentados pelo militante comunista na tribuna.⁴⁹

Além do material elencado, há vasta e diversificada bibliografia a respeito tanto dos personagens em questão (ou de aspectos de suas vidas) quanto de sua produção literária. Um conjunto igualmente amplo de publicações aborda a história de espaços de sociabilidades importantes, como a Livraria do Globo e a *Revista do Globo*, ou a redação do jornal *Correio do Povo*, associações profissionais das quais os escritores comunistas participavam, bem como diversas entidades culturais em que atuavam. Essa bibliografia será referida ao longo da tese.

V.

A exposição está organizada, de um modo geral, em ordem cronológica e apresenta seis capítulos:

O primeiro concentra-se no início do envolvimento dos escritores com o PCB mediante a trajetória do imigrante sírio Jorge Bahlis e sua atuação na Liga Pró-México Antiimperialista⁵⁰, entidade controlada pelo Partido Comunista criada em Porto Alegre em 1927. Primeiramente, são abordadas as condições que envolveram a vinda de Bahlis para o Brasil e as que permitiram sua inserção e circulação nos meios culturais da capital gaúcha de 1920, assim como as trocas realizadas por ele para tanto e que lhe permitiram estabelecer importantes relações numa sociedade predominantemente dividida entre republicanos e liberais. Em um segundo momento, a análise recai sobre o engajamento político do escritor,

⁴⁸ Os *Anais* da Assembleia Legislativa gaúcha estão disponíveis em quatorze volumes na Biblioteca Borges de Medeiros (Solar dos Câmara), em Porto Alegre. A presente pesquisa contou com levantamento dos pronunciamentos dos deputados comunistas nesse material realizado por ocasião do curso de Mestrado. Os discursos de Machado, especificamente, foram consultados também em RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. *O pensamento político de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.

⁴⁹ Para a análise dessa fonte com essas preocupações, contamos com o auxílio do estudo desenvolvido por Mauro Gaglietti sobre as atuações dos médicos Dyonélio Machado e Raul Pilla nos parlamentos gaúcho e federal de 1947 e 1946, respectivamente. Cf. GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na política. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 2007.

⁵⁰ Optamos por não submeter o nome da entidade à correção ortográfica.

examinando sua participação no Partido Trabalhista, sua crescente inclinação para a esquerda e, por fim, sua atuação na presidência da Liga Pró-México Antiimperialista. Destaca-se, nessa etapa da narrativa, o estudo das trocas entre o presidente da Liga e a embaixada do México no Brasil, na pessoa de Pascual Ortiz Rubio, das quais resultaram a nomeação de Bahlis como cônsul do México no Rio Grande do Sul e todas as garantias e privilégios que tal posição assegurou para o escritor comunista.

O segundo capítulo avança para a década seguinte, analisando a adesão de Dyonélio Machado ao comunismo e as consequências imediatas dessa escolha para sua vida e sua carreira. Procuramos descrever o processo em que Machado tornou-se pessoa pública, reconhecido por sua atuação no jornalismo e na política, como correligionário de Borges de Medeiros, na literatura, próximo ao cobiçado círculo da Livraria do Globo, e na medicina. Exploramos como recursos acumulados nesses âmbitos foram comprometidos pela estigmatização, decorrente de sua participação na Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935 e consequente filiação ao PCB, ao mesmo tempo em que evitaram a ruína de sua reputação e o endurecimento repressivo no episódio da premiação de seu livro *Os Ratos*.

No capítulo três, adentramos no período do Estado Novo (1937-1945), contexto de cooptação de intelectuais pelo Estado e de severo controle e repressão sobre os contestadores do regime. Centramos nossa análise nas trajetórias de Dyonélio Machado, Cyro Martins e Ivan Pedro de Martins. Inicialmente, avaliamos como reputações e relações, construídas por eles na militância de esquerda (marcada pela desarticulação do PCB) e no âmbito da produção literária, amparados por um comunista na direção da *Revista do Globo*, impactaram a literatura publicada por eles no período e repercutiram vantajosamente ou não para todos os agentes envolvidos (escritores, editores etc.). Num segundo momento, analisamos de que modo os comunistas e seu Partido, beneficiados pela abertura democrática e pela derrota do nazi-fascismo, tomaram lugar no debate acerca da função social do escritor no I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em janeiro de 1945 na capital paulista.

Boa parte do quarto capítulo é dedicada ao período de legalidade do PCB (1945-1947), fase em que os comunistas assistiram seu Partido emergir da clandestinidade e, inesperada e desastrosamente, retornar a ela. Examinamos a atuação de escritores já militantes, unidos a novos adeptos, os quais, lançando mão de saberes e de relações, participaram da reestruturação do Partido no estado, criaram uma influente imprensa partidária, desenvolveram atividades culturais no Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha e

atuaram, como deputados estaduais eleitos em 1947, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. A seguir, na direção inversa, nossa análise incide sobre as crescentes interferências do PCB nas questões relativas à cultura. Problematizamos a utilização, por parte da organização partidária, da imagem, do prestígio e da inserção de escritores em entidades e em eventos destinados a resolver problemas literários, como a ABDE e o segundo e terceiro congressos brasileiros de escritores, realizados em 1947 e em 1949, respectivamente.

O quinto capítulo propõe uma breve pausa na narrativa cronológica e, motivado pela trajetória de Lila Ripoll, retorna à década de 1930 para examinar alguns aspectos específicos da militância de homens e de mulheres comunistas. Nessa etapa da tese, estudamos as possibilidades de atuação política, literária e profissional das escritoras, partindo do caso da mencionada poetisa. Examinamos suas primeiras publicações, sua inserção no universo literário gaúcho e o processo de consagração de sua poesia. Em seguida, avaliamos a fase inicial de sua atuação política em comparação com a de outras companheiras, no intuito de perceber particularidades das adesões e das militâncias das escritoras no Partido Comunista, bem como as repercussões dessas escolhas em suas vidas e em sua literatura até os anos 1950.

No sexto e último capítulo, exploramos a relação entre o PCB e seus militantes escritores num cenário caracterizado pelo acirramento da Guerra Fria, pelo anticomunismo e pela intensificação da repressão por parte de sucessivos governos brasileiros alinhados aos Estados Unidos na metade do século XX. O contexto oferece possibilidades de analisar como o PCB, a despeito de sua condição ilegal e das proibições, construiu espaços institucionais seguros – como o jornal *A Tribuna*, a revista *Horizonte*, a editora Cadernos da Horizonte, a Agência Farroupilha e a Livraria Farroupilha – para seus intelectuais. Estudamos como tais meios compensaram o isolamento dos escritores Fernando Melo, Heitor Saldanha, Laci Osório, Lila Ripoll e Plínio Cabral, e o que, por outro lado, a exigência da adoção do realismo socialista como regra da produção literária significou para esses agentes no interior da militância e em seus confrontos no universo literário.

УМД ВДЛИОСД ЯЕСОМРЕИСД:

O PCB no fim dos anos 1920 e o engajamento desinteressadamente interessado de Jorge Bahlis

I.

Em um artigo relativamente recente, o historiador Sérgio da Costa Franco notou que, nos tempos do castilhismo-borgismo, a intelectualidade gaúcha “forçosamente se dividia entre o Partido Republicano Rio-Grandense (situacionista) e o Partido Federalista (de oposição)”. “Forçosamente”, devido ao sistema de voto a descoberto e às fraudes eleitorais, que sujeitavam o Rio Grande do Sul a “um virtual regime de partido único”, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), com a exclusão total dos oposicionistas, fosse das funções políticas, fosse dos cargos públicos.⁵¹

Com poucas possibilidades de emprego na esfera privada, o funcionalismo público era uma das alternativas cogitadas pelos “homens de letras”. A conquista de um lugar nos quadros controlados pelos republicanos, evidentemente, implicava na adesão às clientelas do PRR, na obediência aos “coronéis” locais e no comprometimento de voto nos candidatos da situação.⁵² Entre os poetas, prosadores, oradores e jornalistas elencados pelo referido estudioso, Zeferino Brasil, Pedro Vergara, Mansueto Bernardi, Alceu Wamosy, Lindolfo Collor, Simões Lopes Neto e Aurélio Porto ajudaram a formar o conjunto de intelectuais engajados no Partido Republicano nas fases castilhista e borgista. Em alguns de seus textos literários, o envolvimento político produziu uma retórica marcadamente bajulatória. No canto oposto, ficaram aqueles cuja fortuna pessoal ou atividade privada razoavelmente lucrativa permitiu aventurarem-se na oposição. Foi o caso dos irmãos Apolinário e Apeles Porto Alegre, de Joaquim Francisco de Assis Brasil e da professora Ana Aurora do Amaral Lisboa, por

⁵¹ FRANCO, Sérgio da Costa. Homens de letras e a política: a política rio-grandense ao tempo do castilhismo-borgismo. *Métis*. História & Cultura, Caxias do Sul, v.2, n.4, p.263-271, jul.-dez. 2003. p.263

⁵² Id. Ibid. p.264

exemplo, além de alguns dissidentes do bloco situacionista, como Alfredo Varela e Ramiro Barcelos.⁵³

O ensaio de Franco deixa clara a despreensão de elaborar uma lista exaustiva. Centrando-se na elite política e intelectual gaúcha dos tempos da Primeira República, o texto não contempla nomes menos expressivos, nem aqueles próximos a organizações partidárias marginalizadas no arranjo político. Futuros ícones do jornalismo e da literatura, como os jovens De Souza Júnior, Dyonélio Machado e Cyro Martins, igualmente tomaram parte nas querelas envolvendo republicanos e libertadores na década de 1920. Outros, insatisfeitos com um e outro lado, acercaram-se do, hoje, quase ignorado Partido Trabalhista, criado em 1925, e do PCB, fundado em 1922 e em condição ilegal até 1945. Esse foi o caso de Jorge Bahlis, personagem central desse capítulo.

Nessa etapa inicial, estudaremos o processo de inserção de Jorge Bahlis no meio literário porto-alegrense e sua atuação na Liga Pró-México Antiimperialista, entidade controlada pelo PCB na segunda metade dos anos 1920. Analisaremos os recursos por ele mobilizados para lograr reconhecimento dos escritores consagrados na época e para colocar o órgão comunista sob sua direção em funcionamento, e como tais recursos foram revertidos em importante e útil capital simbólico para a continuidade de sua militância nas décadas seguintes.

II.

De acordo com estudos da historiadora Cássia Daiane da Silveira a respeito da Sociedade Partenon Literário, literatura e política eram mundos permeáveis entre si na metade do século XIX em Porto Alegre, uma imbricação tanto mais fecunda quanto mais os dois espaços se mostrassem como coisas muito distintas. Diferentes recursos eram manejados pelos membros da Sociedade, agentes atuantes em diversas associações e partidos, servindo aos interesses e às necessidades ora de um, ora de outro meio. Assim, sem autonomia, sendo

⁵³ FRANCO, Sérgio da Costa. Homens de letras e a política: a política rio-grandense ao tempo do castilhismo-borgismo. *Métis*. História & Cultura, Caxias do Sul, v.2, n.4, p.263-271, jul.-dez. 2003. p.267-269

uma entre outras atividades às quais os escritores se dedicavam, a literatura estava submetida a uma lógica que não lhe era própria.⁵⁴

Para o sociólogo Odaci Coradini, uma tal situação de frágil institucionalização ou, pelo menos, de dispersão da produção e da transmissão da cultura erudita permaneceu até o início dos anos 1930, sendo os jornais e algumas revistas de duração efêmera ou com público específico os principais pontos de aglutinação de intelectuais no Rio Grande do Sul.⁵⁵ Na época da Sociedade Partenon Literário, os escritores começavam publicando seus textos em jornais e revistas, e a publicação de um livro era o ponto alto da sua criação.⁵⁶ Segundo a socióloga Fernanda Rios Petrarca, para os literatos, os periódicos representavam um importante meio de divulgação de suas obras, tendo em vista a ausência de mercado editorial. Seus textos dependiam da imprensa para conquistarem reputação e serem divulgados, e os “homens de letras” passaram a buscar em jornais e revistas a notoriedade e a recompensa econômica que não encontravam nos livros.⁵⁷

O desenvolvimento da grande imprensa, de instituições políticas (Assembleias locais e nacionais) e das organizações partidárias (os partidos republicanos) foi apontado por Sérgio Miceli como a condição que favoreceu a profissionalização do trabalho intelectual e a constitucionalização de um campo intelectual relativamente autônomo no Brasil. A ocupação desses novos espaços dependia menos de títulos e de diplomas do que das relações sociais que aqueles que se encaminhavam para as carreiras intelectuais conseguiam mobilizar.⁵⁸ No Rio Grande do Sul, a quase totalidade dos jornais mantinha um caráter político-cultural e/ou religioso, o que não limitava seu alcance e não excluía seu caráter comercial.⁵⁹

⁵⁴ SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá*. O Parthenon Litterário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

⁵⁵ CORADINI, Odaci. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003. p.3. Outra versão desse texto pode ser consultada em livro organizado por Héliogio Trindade. Cf. CORADINI, Odaci. Regionalismo, positivismo e comunitarismo orgânico nos confrontos de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). In: TRINDADE, Héliogio. (Org.). *O Positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte*. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p.419-440.

⁵⁶ SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. Op. Cit. p.30 e 152

⁵⁷ PETRARCA, Fernanda Rios. “*O jornalismo como profissão*”. Recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre, 2007. p.64 e 71

⁵⁸ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.16-17 e 53

⁵⁹ CORADINI, Odaci. Op. Cit. p.3-4. Antonio Hohlfeldt explica que, sem estarem vinculados a algum partido político, era praticamente impossível a sobrevivência financeira dos jornais. Mesmo assim, em 1885, Porto Alegre possuía 85 impressos em circulação. HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *E-Compós*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília,

Durante a década de 1920, os jornais de caráter político-partidário – como *A Federação*, *O Estado do Rio Grande*, *O Libertador*, *O Diário Liberal* e o *Echo do Sul* – perderam cada vez mais espaço para veículos organizados de forma empresarial (mas nem por isso distantes da política), como o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, os quais apostavam na publicidade e na assinatura para se manterem.⁶⁰ Simultaneamente, mais de quarenta títulos de caráter classista, anarquista, trabalhista, socialista e comunista circulavam no estado⁶¹, sendo, aproximadamente, vinte deles editados em Porto Alegre. Alguns dos responsáveis por tais publicações eram as associações profissionais, como a primitiva Associação Rio-Grandense de Imprensa ou a Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Grupos de esquerda, como os anarquistas, também defendiam interesses de classe através de seus impressos, assim como os partidos de esquerda, entre eles o Partido Comunista (ou entidades controladas por ele, como a União dos Ofícios Vários, criada em 1924, e o Bloco Operário e Camponês, fundado no fim dos anos 1920), o Partido Trabalhista, o Partido Tecnocrata e o Partido Operário Nacional.⁶²

Os periódicos político-partidários, os religiosos e aqueles ligados às organizações operárias dividiam espaço com publicações literárias (em circulação no Rio Grande do Sul desde meados do século XIX).⁶³ As revistas ilustradas *A Máscara*, *Kosmos* e *Kodak*, assim como a efêmera *Madrugada*, divulgavam poemas, crônicas e demais escritos da intelectualidade gaúcha, além de participarem nascimentos, óbitos, noivados, casamentos ou chegadas e partidas de figuras sociais consideradas ilustres.⁶⁴

Muitos escritores não se limitavam a publicar seus textos literários nesses periódicos. O poeta parnasiano e simbolista Zeferino Brasil, um dos fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras e castilhistas confesso, pertenceu às redações do *Jornal do Comércio*, de

vol.7, dez. 2006. p.3. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>. Acesso em: 25 mar. 2010.

⁶⁰ De acordo com Francisco Rüdiger, o golpe de misericórdia sobre os periódicos político-partidários foi dado pelo Estado Novo, quando o regime aboliu oficialmente os partidos e decretou o fechamento dos jornais acima mencionados. Note-se que o autor considera representativos do jornalismo de caráter político-partidário, sobretudo, aqueles impressos vinculados ao Partido Republicano Rio-Grandense e ao seu principal oponente, o Partido Libertador, originado do Partido Federalista. Cf. RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993. p.41 e 57

⁶¹ Cf. MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004. p.276-277 e 285-286

⁶² Id. Ibid. p.130-141

⁶³ Os principais impressos com essa característica na segunda metade dos oitocentos foram *O Guahyba*, *Murmúrios do Guaíba*, *Revista do Parthenon Litterário* e *Arcádia*.

⁶⁴ Em Pelotas (RS) e no Rio de Janeiro, circulavam revistas com características semelhantes, como a *Ilustração Pelotense*, a *Fon-Fon!*, a *Careta* e *O Cruzeiro*.

A *Federação* e do *Correio do Povo*. Alceu Wamosy e Darcy Azambuja também foram redatores do jornal republicano. Eduardo Guimarães atuou na redação de *A Federação* e na direção da revista *Máscara*. Já Marcelo Gama escreveu crônicas literárias e poemas para o *Correio do Povo*, impresso do qual Roque Callage foi redator, assim como do *Diário de Notícias*.⁶⁵

Miceli afirma que o controle dos jornais era um dos principais objetos de luta em que estavam envolvidas as diferentes facções oligárquicas, e muitos escritores que ocupavam a função de editor eram obrigados a se identificar com os objetivos políticos do órgão em que trabalhavam, além de terem de realizar tarefas menos prestigiadas, como a publicidade.⁶⁶ Jornalismo, política e literatura eram atividades que muitas vezes se confundiam em fins do século XIX.⁶⁷ Um dos veículos salientados por Petrarca por se situar no espaço híbrido que resultava da imbricação entre a política, o jornalismo e a literatura foi a *Revista do Globo*, da qual participava parte das elites políticas e intelectuais do estado, cujos membros seriam as lideranças da Revolução de 1930. Segundo a socióloga, o objetivo do periódico era fortalecer a aliança entre republicanos e “federalistas” (libertadores), contribuindo para mobilizar os grupos que atuaram no movimento armado. Nesse caso, ela conclui, cultura e jornalismo foram colocados a serviço da política.⁶⁸

A *Revista do Globo* e a Editora Globo foram desdobramentos da livraria homônima, inaugurada em 1883. No plano local, a Livraria do Globo disputava espaço com pequenas tipografias e editoras em funcionamento na cidade havia anos, cujas publicações permaneciam financiadas pelos autores. Algumas delas eram ligadas à imprensa, como as dos jornais *Correio do Povo*, *A Cidade* e *O Diário*. Outras eram autônomas, como as oficinas tipográficas Esperança, Apolo, Av. Bonfim, Av. França, Müller, Ítalo-Brasileira e do Centro. Os literatos tinham ainda a possibilidade de tornar públicos os seus textos sob a chancela de livrarias como a tradicional Americana, a Universal, a Gutenberg e a Brasil. Em nível

⁶⁵ MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS/IEL, 1978.

⁶⁶ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.54-55

⁶⁷ PETRARCA, Fernanda Rios. “*O jornalismo como profissão*”. Recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre, 2007. p.72. Petrarca destaca, inclusive, que, até o surgimento da reportagem, em fins do século XIX, e da função do repórter, a denominação “jornalista” era aplicada aos proprietários e diretores de jornais, e a todos aqueles que escreviam crônicas e críticas (p.79).

⁶⁸ Id. Ibid. p.73-74. De maneira semelhante, veremos nos capítulos seguintes que, para o historiador Mateus Dalmáz, a *Revista do Globo* manteve-se invariavelmente fiel a Getúlio Vargas e ao seu governo até 1945. Cf. DALMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

nacional, havia algumas casas editoriais respeitadas e outras em projeção, como a Garnier, no Rio de Janeiro, a Garraux e a Monteiro Lobato & Cia, em São Paulo. Mas a atividade editorial, segundo Eliana Dutra, era considerada de risco na época, devido, principalmente, ao Brasil ser um país de poucos leitores, às oficinas tipográficas sem tecnologia suficiente para edição de livros, ao baixo investimento no ramo de edições, ao alto preço e à circulação restrita dos livros, além das publicações serem pouco atraentes e da parca publicidade.⁶⁹ O dono da Livraria do Globo, José Bertaso, via no setor editorial a parte mais duvidosa do negócio, embora Mansueto Bernardi, que dirigia o departamento de propaganda, alimentasse a ambição de ver a Globo projetada nacional e internacionalmente.⁷⁰ Foi ao longo da década de 1930 que aconteceu o surto editorial no Brasil, o que, segundo os estudos de Miceli, configurou-se no fator fundamental para a emergência de um grupo de escritores profissionais.⁷¹ A revista e a editora do Globo desempenharam papel fundamental para esse processo no Rio Grande do Sul, fato que poderemos acompanhar com mais vagar no decorrer dessa tese.

Antes dos exitosos empreendimentos nos ramos jornalista e editorial, a Livraria do Globo já cumpria uma importante função na literatura local. Ela abrigava um grupo seletivo de literatos, que cultivavam o hábito de se reunirem à tarde em suas dependências, onde fumavam, discutiam política e/ou literatura e apreciavam o *footing*. O escritor Erico Verissimo recordou, na década de 1970, que, no início dos anos 1920, Mansueto Bernardi era o orientador literário da Globo e recebia famosos intelectuais e personalidades políticas no andar superior da Livraria, como o poeta Zeferino Brasil, João Pinto da Silva (secretário do governo Borges de Medeiros e crítico literário), o deputado estadual João Neves da Fontoura, o então bacharel em Direito Osvaldo Aranha e o deputado federal Getúlio Vargas.⁷² (Os últimos três, integrantes do grupo que Joseph Love denominou “Geração de 1907” e que, a partir de 1928, liderados por Vargas, deram início à segunda geração de políticos sul-riograndenses no poder).⁷³ Erico Verissimo conta que “toda aquela gente importante frequentava

⁶⁹ DUTRA, Eliana de Freitas. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*, Rio de Janeiro, 8 a 11 de nov. 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2009. p.4-5

⁷⁰ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: EDUNESP, 2005. p.392

⁷¹ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Especialmente o capítulo “Intelectuais e a Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)”, publicado inicialmente em 1979 pela Editora Difel.

⁷² VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.3-6

⁷³ LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.90, 233 et seq.

a Livraria do Globo, subia ao território do Mansueto Bernardi para uma prosa e para passar os olhos pela última novidade literária”.⁷⁴ A eles juntavam-se Manoelito de Ornellas, De Souza Júnior, Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, Pedro Vergara, Athos Damasceno Ferreira, Ernani Fornari e Ruy Cirne Lima.⁷⁵

Nesses encontros informais à porta da Livraria, ou no gabinete de Mansueto Bernardi, escritores já consagrados e poderosos homens da política estadual discutiam assuntos diversos – entre eles, política e literatura – contribuindo para a definição da pauta dos problemas legítimos e dos princípios organizadores da produção literária. Tais escolhas eram orientadas por referenciais estéticos, mas também por convicções políticas, e eram dadas a conhecer, reconhecidas e oficializadas, de forma dispersa, nos impressos em que esses homens publicavam. As reuniões, assim, mais do que entretenimento, configuravam-se práticas sociais que funcionavam como instâncias de consagração. E, uma vez definidos e oficializados os critérios legítimos, estes homens deles se apropriavam, impondo estilos e legitimando sua produção e seu lugar no polo dominante da esfera cultural da cidade.

Os encontros na Livraria do Globo, o *footing*, assim como as sessões de cinema e de teatro, os clubes, as confeitarias, as casas de chá e os cafés constituíram um novo circuito de formas de sociabilidades características da Porto Alegre do início do século XX. De acordo com o antropólogo Bernardo Lewgoy, antes “casas malditas”, os cafés, semelhante ao revelado por Phillipe Ariés para o caso francês, passaram a fazer parte do cotidiano de determinados grupos que lá se encontravam para comer, beber, conversar (sobre trabalho, negócios, projetos pessoais, esportes, literatura, política, mulheres), ou mesmo para ter acesso ao “direito ao silêncio público”, configurando-se como um fenômeno eminentemente urbano, sobretudo de cidades em expansão, caso de Porto Alegre.⁷⁶ Lewgoy conta que estes espaços, predominantemente masculinos, estendiam-se pelas ruas Uruguai, da Praia, do Rosário (atual Vigário José Inácio), Sete de Setembro e Praça da Alfândega e, até a Segunda Guerra

⁷⁴ VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.6-7

⁷⁵ Id. Ibid. p.3-5, 14-17

⁷⁶ LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. *Illuminuras*, Porto Alegre, vol.10, n.24, 2009. p.7. Entre os anos 1920 e 1930, a capital gaúcha enfrentou grandes obras viárias que mudaram o desenho urbano, além de campanhas de saneamento e higiene. Foram reformas empreendidas nas intendências de Otávio Rocha e Alberto Bins em um contexto de crise da hegemonia do PRR e legitimadas por normas e juízos preconizados pela elite dirigente, as quais preconizavam a boa aparência, o trabalho como elemento de grandeza moral e fator do progresso, a higiene pessoal e dos espaços de convívio social etc. Cf. MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

Mundial, quando o modo de vida norte-americano começou a invadir o Brasil, tiveram grande importância na vida pública porto-alegrense. Diferentes cafés eram frequentados por distintos grupos (esportistas, estudantes, escritores, jornalistas, políticos), delimitando territórios e marcando distinções sociais.⁷⁷

Cafés – como o Rex, o América, o Colombo, o Nacional, o Liberal, o Paulista, ou a famosa Confeitaria Rocco – eram estabelecimentos frequentados durante o dia, dividindo alguns de seus fregueses com as casas comerciais. Junto com os teatros, as bibliotecas e os clubes (como o Jocotó) abriam seus salões para poetas, escritores, recitadores, músicos, cantores, maestros, constituindo-se em espaços de sociabilidades refinadas, dirigidos para educar a sensibilidade, instituindo, assim, o estilo de vida da elite.⁷⁸

O Café Colombo era o ponto de encontro dos intelectuais. A historiadora Elizabeth Torresini nos relata que, no início do século XX, existia o “Grupo do Café Colombo”, do qual faziam parte ilustradores, literatos, historiadores e jornalistas, tais como Augusto Meyer, Moysés Vellinho, Erico Verissimo, Vianna Moog, Darcy Azambuja, Theodomiro Tostes, Ernani Fornari, Athos Damasceno Ferreira, Mário Quintana, Ruy Cirne Lima, Raul Bopp, Vargas Neto e Dante de Laytano. Alguns desses escritores saíam do ineditismo a partir de meados dos anos 1920.⁷⁹ A prática social encontrada no Café Colombo em muito se assemelhava ao estudado por Mônica Velloso para os casos da Confeitaria Colombo e dos cafés Papagaio e Madri, no Rio de Janeiro da virada para o século XX. Segundo a historiadora, nestes estabelecimentos – também frequentados por políticos, altos funcionários, empresários e capitalistas – intelectuais exerciam sua criatividade, liberavam a sensibilidade artística, estabeleciam laços de amizade e efetuavam contatos sociais, de modo que “na história dos cafés estão impressas as histórias das vanguardas artísticas e intelectuais das mais diferentes nacionalidades. Através desses núcleos de sociabilidade é possível reconstituir a

⁷⁷ LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. *Iluminuras*, Porto Alegre, vol.10, n.24, 2009. p.7

⁷⁸ BRUM, Rosemary Fritsch. *Uma cidade que se conta*. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre dos anos 20-30. São Luís/MA: EDUFMA, 2009. p.197-210

⁷⁹ TORRESINI, Elizabeth Rochadel Wendhausen. *Editora Globo*. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. 1988. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História da Cultura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988. p.70-72. Torresini lembra que o grupo de Walter Spalding, chamado de “Grupo dos Poetas da Praça da Harmonia” precedeu o Grupo do Café Colombo, participando dele, entre outros, Marcelo Gama, Souza Lobo, Roque Callage, Alcides Maya, Isolino Leal e Alceu Wamosy. A eles, acrescenta Maria Zenilda Grawunder, juntaram-se os integrantes da “República do Império”, jovens estudantes e amantes das letras e, em sua maioria, provenientes do interior do estado: Dyonélio Machado, João Leopoldino Santana, Hermínio Freitas, Celestino Prunes e De Souza Júnior. Cf. GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL:EDIPUCRS, 1997. p.49

percepção e a sensibilidade que foram típicas de uma época”.⁸⁰ Eram espaços informais de circulação e de apropriação de capital social, político, cultural e simbólico; locais de trânsito intenso de escritores e suas ideias, de aprendizagem, de debate, de construção de importantes vínculos de amizade, mas também de fortes rivalidades.

Na segunda década do século XX, o terreno cultural da região central do país estava sendo abalado pelo Modernismo. O grupo de Oswald de Andrade e de Mário de Andrade impunha novos modos de pensamento e de expressão, preconizando a ruptura com o Parnasianismo, vertente literária em vigor e que tinha como seu centro a cidade do Rio de Janeiro.⁸¹ Mas, no Rio Grande do Sul, por vários motivos – entre os quais, para Luís Augusto Fischer, inclui-se o temperamento da cultura local, mais próximo do estilo hispano-americano de ver o mundo – o movimento modernista foi um desdobramento do Simbolismo.⁸² Muitos dos poetas modernistas no estado começaram simbolistas. De acordo com Regina Zilberman, os principais mentores do movimento no Rio Grande do Sul foram Augusto Meyer e Theodomiro Tostes (frequentadores do Café Colombo).⁸³ Vários traços da literatura produzida por eles na época estabeleciam uma continuidade com o Simbolismo. Desse modo, a poesia criada após 1925 nos revela que os elementos revolucionários modernistas não foram absorvidos até as últimas consequências no sul do Brasil.⁸⁴ O Modernismo gaúcho, assim, teve poucos casos de radicalidade, pouca atitude vanguardista e muito diálogo com o Simbolismo, que foi o ponto de partida de vários poetas.⁸⁵ E, além das marcas simbolistas, a narrativa regionalista se manteve regular ao longo dos primeiros trinta anos do século XX.⁸⁶

⁸⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta. *O Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.47, 51 e 53.

⁸¹ Segundo Pierre Bourdieu, a iniciativa de mudança no campo literário cabe quase por definição aos recém-chegados, aos mais jovens, que, desprovidos de capital específico, e inseridos em um universo no qual existir é diferir, afirmam sua identidade recusando o que são e o que fazem seus predecessores mais consagrados. Cf. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.270-271

⁸² FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004. p.75

⁸³ ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p.49

⁸⁴ Id. Ibid. p.49 e 53

⁸⁵ FISCHER, Luís Augusto. Op. Cit. p.74-80

⁸⁶ ZILBERMAN, Regina. Op. Cit. p.61. Para estudiosos como Alfredo Bosi, a produção literária sul-riograndense na década de 1920 caracterizou-se por oscilar entre, por um lado, a fidelidade ao Simbolismo e o respeito à cultura gaúcha, e, por outro, a adoção dos inovadores traços modernistas. Pedro Vergara, Vargas Neto e Manoelito de Ornellas, inclusive, foram chamados por Ligia Chiappini Moraes de “regionalistas modernos”. Cf. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p.344

III.

As atividades de Jorge Bahlis no meio literário iniciaram-se em 1920. Nascido no ano de 1901 em Trípoli, no Líbano⁸⁷, Bahlis radicou-se em Porto Alegre no começo da década de 1910, após viver alguns anos na Argentina e no México, onde foi alfabetizado. Filho de Gabriel Bahlis, um comerciante, a transferência para o Brasil foi motivada pela possibilidade de abrir uma casa de comércio.⁸⁸

Em 1920, Jorge Bahlis era um jovem de 19 anos formado em Ciências Econômicas e Comerciais pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro⁸⁹ e com sua vida estabelecida em Porto Alegre. Ele criou nesse ano o, futuramente, famoso Curso Rápido Comercial no centro da cidade, pelo qual oferecia cursos técnicos de guarda-livros, de auxiliar de escritório, de bancário, de contador, de capatazes rurais, além de preparar para concursos diversos. É provável que o direcionamento de Bahlis para a universidade tenha se dado a partir de circunstâncias para além da ordem econômica. As atividades comerciais desenvolvidas pelo pai parecem ter sido promissoras a ponto de dar-lhe condições de custear os estudos do filho. Mas havia também um fator cultural importante, que era a autoridade paterna nas famílias sírio-libanesas. Segundo Schilling, o núcleo familiar era extremamente importante entre os árabes, e, nele, o pai tinha um papel predominante. Era ele quem detinha a palavra final, e, em caso de contestação, existia o risco de uma ruptura familiar definitiva. Esses valores eram priorizados e preservados, principalmente através de uma cuidadosa e dedicada educação, e muitos dos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul fizeram questão de que os filhos chegassem à universidade, considerando isso um princípio, uma meta de honra.⁹⁰

Foi do Curso Rápido Comercial que Jorge Bahlis tirou o sustento da numerosa família até sua morte, em 31 de julho de 1952. Ele logrou inserir-se em um ramo da educação bastante valorizado pelo projeto político republicano: o ensino profissionalizante como

⁸⁷ Na época, o Líbano fazia parte da Síria, território que integrava o Império Turco-Otomano desde o século XVI, cujo violento domínio causou a emigração de milhares de perseguidos religiosos.

⁸⁸ De acordo com depoimentos de Osiris Bahlis e Iris Bahlis Cafruni concedidos à autora em 19 de março de 2010 na cidade de Porto Alegre. Segundo Susana Schilling, muito se falava das oportunidades de se ficar rico no Brasil entre as comunidades árabes naquela época. Cf. SCHILLING, Suzana Porcello. *Sociedade Libanesa de Porto Alegre*. Uma história a ser contada. Porto Alegre: Sociedade Libanesa de Porto Alegre, 2007. p.23. Mas também é provável que o clima de instabilidade política, provocado pela insatisfação popular que desencadearia a Revolução Mexicana, tenha contribuído para que Gabriel Bahlis decidisse abandonar o México.

⁸⁹ De acordo com texto de autoria de François Nehmé publicado em memória de Jorge Bahlis no jornal *O Vigilante*, edição de 17 de agosto de 1952.

⁹⁰ SCHILLING, Suzana Porcello. Op. Cit. p.28 e 36

instrumento capaz de formar cidadãos aptos ao mercado de trabalho.⁹¹ De acordo com Corsetti, a educação configurou-se em importante peça da política de modernização do Rio Grande do Sul levada a efeito pelo governo do estado, cuja intervenção na área teve, entre outras, a característica de estimular e apoiar, inclusive com verbas públicas, o ensino técnico-profissionalizante e superior privados.⁹² A posse do diploma na área contábil e comercial nesse contexto permitiu que Jorge Bahlis abrisse o estabelecimento de ensino que garantiria sua sobrevivência material, além de lhe conferir autoridade para tomar parte das discussões políticas e sociais. Mas veremos que não foi imprescindível para sua inserção do mundo literário, pois, naquele momento, faziam-se necessários investimentos de outra natureza nesse domínio.

Apesar do diploma universitário, Jorge Bahlis era um autodidata. Dominava português, espanhol, francês e árabe. No começo dos anos 1920, lecionava contabilidade e demais matérias ligadas à área no seu Curso Rápido Comercial, escrevia textos literários, colaborava em alguns periódicos – como *O Exemplo* e o *Diário do Comércio*, de Bagé – e realizava pesquisas históricas. Embora muito jovem, Bahlis parecia dominar também as regras que pautavam as práticas nos meios intelectualizados de então.

A estreia literária de Bahlis ocorreu com a publicação, por sua conta, da peça dramática em três atos *Coração e Dever* pela Livraria Gutenberg, por meio da qual o iniciante trazia à tona a questão religiosa baseado na perseguição dos cristãos armênios pelos turcos.⁹³ Nessa obra, ele se aventurou em um gênero destinado para ser, sobretudo, representado, em um momento em que, de acordo com João Roberto Faria, procurava-se reduzir a importância do texto dramático no Brasil, fazendo do teatro uma arte cada vez mais autônoma, distanciada da literatura.⁹⁴ Jorge Bahlis iniciava sua vida literária inserindo-se em um meio disputado e amplo. Pelo menos 50 autores exploravam o gênero dramático no Rio Grande do Sul no

⁹¹ CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889-1930). *Cadernos de Educação*, Pelotas [31], jul.-dez. 2008, p.55-69. p.60-61

⁹² Id. Ibid. p.63

⁹³ BAH LIS, Jorge. *Coração e Dever*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Liv. Gutenberg, 1920. O conflito escolhido por Bahlis pode nos soar inadequado para ser representado em Porto Alegre naquela época. Mas, de acordo com os estudos de Antenor Fischer, *Coração e Dever* aproximava-se muito do drama em quatro atos *O Dever*, escrito por Joaquim Alves Torres e encenado no Theatro São Pedro em 1901. Cf. FISCHER, Antenor. *A Literatura Dramática do Rio Grande do Sul (de 1900 a 1950)*. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2007. p.82

⁹⁴ FARIA, João Roberto. Silvio Romero, José Verissimo e o teatro brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n.106, p.73-79, dez. 1996. p.73. De acordo com o autor, até fins do século XIX, não se colocava em dúvida o caráter literário do teatro. Tanto o drama, como o lírico e o épico, dividiam as atenções dos estudiosos da literatura, e as peças eram julgadas por seus méritos literários.

intervalo de 1900 a 1930, e – entre dramas, operetas, comédias etc. – eles produziram cerca de 160 peças. Alguns deles escreviam desde o século anterior, como Joaquim Alves Torres e Arthur Pinto da Rocha, e outros transitavam em terrenos literários diversos, como Simões Lopes Neto, um dos ícones da literatura regionalista da época.⁹⁵

O recém-chegado nos espaços de produção cultural porto-alegrenses, longe de se fazer conhecer rompendo com a tradição já existente, valeu-se dela. Zeferino Brasil – veterano poeta parnasiano, frequentador da Livraria do Globo e amigo do estreante – escreveu para a obra uma apresentação, na qual elogiou o alcance psicológico e a escolha do tema, enfatizou ser um eloquente e patriótico drama, voltado mais para o povo do que para os que melhor entendiam de textos daquela natureza, e, por fim, salientou o talento do neófito e o motivou a prosseguir: “Os espinhos dos primeiros passos acabam sempre, quando se é inteligente, e o meu confrade o é, por transformar-se em flores”.⁹⁶ Ao apresentar o primeiro produto literário de Bahlis em tais termos, Zeferino Brasil não apenas preparou o leitor, mas permitiu que seu prestígio de poeta simbolista reconhecido e sua autoridade de membro fundador da Academia Rio-Grandense de Letras assegurassem a qualidade da obra e que as portas do universo literário porto-alegrense se abrissem para o amigo estreante.

O modo de proceder de Zeferino Brasil para com obra de estreia de Bahlis seguia uma lógica que em muito se assemelhava à prática do apadrinhamento literário. Silveira notou tal uso entre os membros da Sociedade Partenon Literário, descrevendo-a como uma aliança conveniente para ambos envolvidos, entre o iniciante e o experiente. O objetivo era alavancar a carreira de um autor inexperiente por associação de seu nome ao de um escritor conhecido. Mas cada um trazia consigo uma rede de relações e oferecia seus contatos ao outro.⁹⁷

Bahlis procedeu de modo semelhante em seu terceiro livro, *Ondas e Espumas*, de 1924.⁹⁸ Ele entregou os manuscritos ao amigo Álvaro Porto Alegre, pediu para que os lesse e sobre eles emitisse sua opinião. Álvaro era filho de Apolinário Porto Alegre, um dos fundadores da Sociedade Partenon Literário, autor de contos, poesias, romances, teatro, colaborador em diversos jornais e revistas na segunda metade do século XIX, além de ativista

⁹⁵ FISCHER, Antenor. *A Literatura Dramática do Rio Grande do Sul (de 1900 a 1950)*. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2007. p.48-49

⁹⁶ BAH LIS, Jorge. *Coração e Dever*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Liv. Gutenberg, 1920. p.5

⁹⁷ SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá*. O Parthenon Litterário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p.155

⁹⁸ O segundo livro de Jorge Bahlis, o poemeto em prosa *Dentro do Sonho*, publicado em março de 1924, não foi localizado.

político ligado aos antigos federalistas. A família Porto Alegre se destacava havia décadas no mundo literário da capital também por meio das produções de Apelles e Aquiles, irmãos de Apolinário. A apreciação feita por Álvaro, datada de 5 de setembro de 1923 e publicada nas primeiras páginas da obra, desmanchou-se em encômios não apenas ao trabalho de Bahlis, mas também à sua pessoa: “Fosse teu modo de proceder, soberbo e nobre, belo e sublime, imitado pelos coetâneos, minh’alma nadaria em mar de júbilos”.⁹⁹ O autor, por sua vez, mostrou-se agradecido, dedicando uma das partes do livro, designada “Brados de revolta”, para Álvaro Porto Alegre.

Oferecer os textos que compunham a publicação e as partes que a dividiam para diferentes pessoas foi a estratégia encontrada por Jorge para contemplar a muitos de uma só vez. Entre seus seletos homenageados, encontravam-se representantes de tradicionais famílias porto-alegrenses e ícones de diferentes vertentes literárias, parnasianistas, simbolistas e regionalistas que interagiam no meio literário da época. Esses escritores – Roque Callage, Walter Spalding, Isolino Leal e outros – editavam seus livros pela Livraria do Globo e, além de se dedicarem à produção de textos literários, também atuavam em veículos importantes, como os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, as revistas *Kodak* e *Máscara*, e participavam de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) e Academia Rio-Grandense de Letras.

De um modo geral, aqueles para os quais Bahlis ofertou a peça *Coração e Dever* e os textos de *Ondas e Espumas* compunham um grupo diversificado e influente em vários meios, demonstrando que o autor movimentava-se por distintos setores sociais. Em outro sentido, ao fazer as dedicatórias e oferecê-las a eles, o escritor lançava mão de um ainda pequeno, mas importante, recurso de que dispunha: o poder de consagrá-los como mestres (e não necessariamente no meio literário). Um exemplo encontra-se nas primeiras páginas de sua primeira obra, nas quais Bahlis registrou: “Ao Mestre e Amigo Zeferino Brasil”; ou, então, na coletânea de crônicas publicada em 1926, em que o jovem estrangeiro inscreveu: “Ao jornalista Victorino Portella, admiração do autor”, “Ao distinto chefe do Partido Trabalhista, Thomás Ferrari, homenagem do autor”, “Ao egrégio escritor espiritualista, Francisco Valdomiro Lorenz, veneração do autor”.¹⁰⁰

⁹⁹ BAHLLIS, Jorge. *Ondas e Espumas*. Porto Alegre: 1924. p.12

¹⁰⁰ Id. *Ave, Libertas!* Porto Alegre: 1926.

Em contrapartida, Zeferino Brasil e Álvaro Porto Alegre, entre outros, além de escritores catarinenses, por meio de seus prefácios, apresentações, críticas elogiosas na imprensa e da aceitação de Bahlis no Centro Catarinense de Letras, consagravam o literato recém-chegado, reconhecendo o valor de sua obra e produzindo, ao mesmo tempo, a crença em seu valor, pois que possuíam as disposições e as competências estéticas necessárias para tal. E, ao fazê-lo, introduziram Bahlis no “ciclo da consagração”¹⁰¹, colocando o capital simbólico acumulado por eles como garantia.

Mais do que gentilezas, os prefácios, apresentações etc. eram como dádivas ofertadas, através das quais o jovem literato de origem estrangeira era reconhecido como legítimo participante do jogo, além de poder estabelecer e/ou reforçar importantes laços de amizade que poderiam ser úteis em outros espaços sociais. Cabe ressaltar que é praticamente impossível identificar em que momento a cadeia de dádivas e contradádivas entre o literato sírio e seus homenageados iniciou. De todo modo, a problematização das manifestações de admiração e respeito presentes nas publicações de Bahlis ajuda a conhecer as personalidades homenageadas – das quais ele poderia esperar retribuições justas em momentos oportunos – e mapear os espaços sociais em que circulavam. Trata-se de uma estratégia para melhor compreender as características das relações estabelecidas por Bahlis e os setores nos quais possivelmente teve acesso mediante ingerência daqueles com os quais firmou laços por meio de troca de preitos e de apreciações.

Os esquemas de percepção que orientavam a conduta de Jorge Bahlis no meio literário – assim como no terreno da política, como veremos – pareciam seguir uma lógica possível de ser encontrada em outras esferas da convivência social registradas pelo escritor em seus textos. Em crônica publicada em 1924, mas escrita em 1921, ele manifestou-se sobre a amizade nos seguintes termos:

Conheci muitos países de diversos costumes, porém, em nenhum deles encontrei justiça! Convivi com muitos homens de diferentes nacionalidades, ideias e condições, mas em todos vi a ridícula ambição de conseguir o impossível! Adquirit muitos amigos, porém raros foram os que me estimaram desinteressadamente!¹⁰²

Ao manifestar sua decepção com aqueles que dele se aproximaram com “segundas intenções”, Jorge lamentava o que alguns estudiosos dos sistemas de trocas acreditam ser um

¹⁰¹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.193

¹⁰² BAHLLIS, Jorge. *Ondas e Espumas*. Porto Alegre: 1924. p.65-66

pecado mortal: a explicitação das regras do jogo. Para Bourdieu, o “tabu da explicitação” é uma das propriedades da economia das trocas simbólicas, nas quais o preço, característica das trocas econômicas, também está presente, mas em termos e em condições implícitos e silenciosamente compartilhados.¹⁰³ Todos são cientes – por estarem imersos desde o nascimento em um universo em que a troca é socialmente instituída em disposições e crenças – de que, ao se receber algo, haverá, em algum momento, a retribuição. Cada indivíduo sabe dessa informação, e sabe também que ela é do conhecimento do outro, e explicitar a expectativa de retorno é tornar interesseiro o interesse desinteressado das trocas simbólicas, podendo gerar a sensação de se ter sido enganado e sentimentos de indignação e de revolta, tal como os expressados por Bahlis.

Sete anos depois, o escritor publicou um folheto sobre a amizade.¹⁰⁴ O texto, na verdade, era a resposta a uma questão levantada pela poetisa catarinense Maura de Senna Pereira, no qual Bahlis apontou o convencionalismo e a hipocrisia como os principais inimigos de uma amizade verdadeira. E disse mais. Alegando basear-se na observação, o escritor sírio classificou a amizade em três graus, colocando no primeiro, aquela vista mais frequentemente, puramente convencional, para a qual bastava a simpatia recíproca entre as partes. Já as amizades em segundo grau, não tão frequentes, nasceriam da identificação de vários pontos de importância entre os seres, os quais não mediriam esforços para serem úteis aos amigos, mas não passaria disso. Por sua vez, a amizade para a qual Bahlis atribuiu o grau três aconteceria quando as pessoas percebiam inúmeras afinidades entre si e se admiravam mutuamente:

Exemplos de Amizade MÁXIMA, de Amizade que só termina pela morte dos seres amigos, pouco há. Na maior parte das vezes a Amizade é aparente e momentânea. Gera-a a primeira impressão, mas, também, a primeira análise a elimina. Depois, Maura, para que ela cada vez mais se fortaleça entre dois ou mais seres, é preciso que esses seres possuam **o mesmo grau de moral, o mesmo temperamento, as mesmas inclinações, os mesmos desejos, o mesmo caráter**, em suma. É preciso, ao menos, que tenham afinidade nos pontos mais importantes. Muitas vezes julgamos ser amigos de uma pessoa cujo caráter é muito diferente do nosso, mas, na verdade, temos, apenas, qualquer simpatia um pelo outro. Respeitamo-nos mutuamente, mas não podemos, conscientemente, dizer que somos AMIGOS. Só seremos amigos de quem nos compreende, de quem é **moldado a nosso feitio**. [...] Para que a Amizade ligue dois ou mais seres, é preciso que esses dois ou mais seres tenham, pouco mais ou menos, **o mesmo grau de cultura, de inteligência, de elevação moral, e que apreciem a mesma cousa, sintam a mesma dor diante de**

¹⁰³ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. 9ª Ed. Campinas: Papirus: 1996. p.162-163

¹⁰⁴ BAHLLIS, Jorge. *Amizade*. Porto Alegre: 1928.

um quadro que a um pareça triste e experimentem a mesma alegria diante de um acontecimento qualquer.¹⁰⁵

Poderíamos dizer, em outras palavras, que, para Bahlis, a amizade em terceiro grau nascia de um processo em que a primeira impressão cedia lugar a uma profunda identificação entre indivíduos dotados de semelhantes categorias de percepção e de classificação do mundo social, de *habitus* afins.¹⁰⁶ O escritor afirmou que a “amizade máxima” raramente era encontrada devido às grandes exigências que colocava. Amigos verdadeiros sacrificavam, sem vacilar, fortunas e até a vida pelos outros: “E fazem isso tão sem alarde, que quando o amigo souber e quiser evitar o sacrifício do Amigo, já seja tarde”.¹⁰⁷ Ele acreditava que a amizade verdadeira era absoluta e desinteressadamente leal, aquela cujo grau de comprometimento entre as partes chegaria à incondicionalidade, praticamente como uma relação familiar, embora talvez sem a obrigação que se costuma conferir a esta, sobretudo no que diz respeito à ligação entre pais e filhos.

Muito diferente era a amizade entre os escritores, desacreditada por Bahlis. Para ele, o que geralmente existia entre políticos, cientistas, artistas e literatos era amizade convencional, pois bastava uma crítica mais contundente a respeito de suas publicações para que desmoronasse o “Castelo da Amizade”.¹⁰⁸ Isto é, a relação de amizade no interior desses grupos só era valorizada na medida em que a franqueza não trouxesse prejuízos simbólicos. Logo, podemos depreender da observação de Bahlis que as relações estabelecidas entre literatos – bem como entre políticos, cientistas e artistas – eram frágeis, e sua duração, incerta. E uma tal instabilidade possivelmente não era apreciada por um imigrante.¹⁰⁹ Provavelmente, a forma como Bahlis via a amizade estivesse marcada pela experiência da imigração, pelo fato de ele e sua família, após viverem na Argentina e no México, alcançarem êxito na tentativa de

¹⁰⁵ BAHLLIS, Jorge. *Amizade*. Porto Alegre: 1928. p.6-7. Grifos nossos.

¹⁰⁶ De acordo com as considerações de Pierre Bourdieu em: *A economia das trocas simbólicas*. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005; *O poder simbólico*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005; *A Distinção*. A crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

¹⁰⁷ BAHLLIS, Jorge. Op. Cit. p.6

¹⁰⁸ Id. Ibid. p.9-10

¹⁰⁹ A menos que haja familiares solidários (pois, segundo Franco Ramella, o vínculo de parentesco não quer dizer que existam, necessariamente, obrigações entre as partes) residindo no local de destino, são os laços de amizade estabelecidos, além da existência (ou não) e das características de políticas públicas, que possibilitam a inserção – e, acrescentaríamos, a circulação – de um imigrante em novas terras. Cf. RAMELLA, Franco. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios. In: BJERG, Maria; OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales em la Argentina moderna*. Tandil: CEM-LA-IEHS, 1995. p.10

se fixar no Brasil graças à receptividade e, principalmente, à solidariedade da sociedade receptora.¹¹⁰

Seria o descrédito em relação à amizade entre literatos responsável por Jorge Bahlis não participar do círculo de escritores e políticos da Livraria do Globo? Sua amizade com Zeferino Brasil bem poderia ter-lhe rendido um lugar entre os renomados frequentadores da casa comercial de José Bertaso. Mas o fato é que o nome de Bahlis não figura nas fontes ligadas à história do estabelecimento.¹¹¹ O literato, assim, pelo que foi possível constatar, não fazia parte do polo dominante da literatura no estado. Talvez fosse pelos gêneros preferidos pelo autor – teatro e crônica – em um contexto literário que favorecia a poesia e o conto; talvez fosse pelo conteúdo de seus textos, mais relacionados ao debate político internacional, quando o regionalismo se constituía num dos principais “princípios de recorte de unidade de referência”.¹¹² Talvez fosse, ainda, pelas suas posições políticas, alheias aos princípios preconizados tanto pelos republicanos (aos quais se ligava a maioria dos escritores da Livraria do Globo) quanto pelos libertadores, como veremos adiante. Essa posição dominada não deixava de ter relação também com a posição de origem do escritor e com o capital cultural herdado dela, assim como o incorporado em sua formação, cujo diploma direcionava para uma profissão pouco valorizada socialmente.

Aos poucos, a dedicação de Jorge Bahlis à produção literária cedeu lugar à pesquisa histórica. Desde pelo menos 1921, nas muitas viagens que realizou pelos continentes asiático, africano e europeu, ele vinha fazendo apontamentos de caráter histórico e, em 1929, publicou pela Tipografia Müller o livro *História da Civilização: Generalidades* com base nas primeiras investigações. É possível que o interesse do escritor pela Pré-História e pelas civilizações antigas decorresse de sua origem síria, cujos antepassados eram exaltados pelas prodigiosas

¹¹⁰ Essa possibilidade se reforça se levarmos em conta que, de acordo com Schilling, os primeiros grupos de sírios e libaneses que chegaram ao Brasil não contaram com organização governamental. Sua emigração ocorreu de forma espontânea e, através do comércio, fizeram contatos e criaram importantes laços de amizade na sociedade brasileira. Cf. SCHILLING, Suzana Porcello. *Sociedade Libanesa de Porto Alegre*. Uma história a ser contada. Porto Alegre: Sociedade Libanesa de Porto Alegre, 2007. p.22, 23 e 26

¹¹¹ A consulta à coleção da *Revista do Globo*, por exemplo, proporcionou o encontro de uma única menção ao escritor sírio por ocasião de sua participação no evento de comemoração da independência do México, realizada na Sociedade Espanhola em 1933. Cf. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano V, n.19, 04/10/1933, p.31.

¹¹² CORADINI, Odaci. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003. p.5. Regionalismo, aqui, pode ser visto a partir da definição de Joseph Love: “um comportamento político que aceita a existência de um Estado-Nação mais amplo, mas que procura o favoritismo econômico e o patronato político da unidade política maior, ainda que sob o risco de comprometer o próprio sistema político”. Cf. LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.115

atividades na navegação e no comércio. Esse patriotismo esteve presente em sua produção desde a obra de estreia, a peça *Coração e Dever*, focada na perseguição dos armênios cristãos pelos otomanos, na qual Bahlis se justificou: “Sou da Síria, dessa região que há seis séculos pouco mais ou menos, vinha sendo subjugada pelos bárbaros otomanos”.¹¹³ No momento de criação do drama, o Império Otomano se dissolvia, e os novos países surgidos do declínio turco foram partilhados por duas potências imperialistas de então, a Inglaterra e a França, e o literato chegou a manifestar seu eufórico otimismo em relação ao fim do jugo otomano e à proteção francesa em texto escrito em 1921:

O horrível desterro terminou! Éramos um povo sem pátria, filhos sem pais, maridos sem esposas, noivos sem noivas, proprietários sem propriedades, heróis sem façanhas, sábios sem nome, filósofos desprezados e literatos sem glória, porque uma raça, implacável inimiga do progresso, é que nos dominava. Porém, tudo isto teve fim! Em breve seremos o que foram os nossos antepassados no tempo de nosso valoroso monarca, **Seleuco I**, ou para melhor dizer, **Seleuco o Vencedor**, como era geralmente cognominado, não só pelas contínuas vitórias de suas armas, como também, pelas muitas conquistas territoriais que fizera!

Afugentemos, pois, o temor que desde seis séculos se infiltrara em nossos corações, e depositemos a nossa máxima confiança na França, que jamais traiu nem trairá quem quer que seja.

A França é nossa melhor amiga, a França é nossa desinteressada protetora, a França é nossa extremosa mãe! [...]

Acompanhai-me, compatriotas, e não sejais ingratos para quem vos libertou da escravidão! Mostrai-vos distintos cavalheiros e rebatei, sempre que puderdes, a errônea lógica de certos imbecis, que se julgam aptos, para manter um governo e fazê-lo prosperar, sem o auxílio da França! Que faremos nós, prezados filhos da Síria, se não formos guiados por esse colosso? [...] Não estamos cansados de suportar o pesado jugo otomano? – Sem dúvida! Entreguemo-nos, então, de corpo e alma, a quem tanto lutou pela nossa liberdade, a quem nos fará descansar!

Ai dos ingratos! Ai dos ignorantes, que não reconhecem, ou não querem reconhecer o bem que se lhes faz! E entre os sírios haverá quem esteja contra o mandato francês? Estou convencido de que, desde Norte a Sul, de Leste a Oeste, não há um sequer, que não saiba que a nova fase da existência da Síria, foi motivada pela bendita intervenção francesa! Vamos colaborar, então, com a França, para o nosso progresso! [...] Devemos trabalhar com zelo e ardor, para o engrandecimento da nossa pátria! O nosso progresso, ou retrocesso, depende unicamente de nós! Sejamos unidos e enérgicos, que o futuro nos sorrirá infalivelmente.

Viva a Síria moderna! Viva a França! – É este o brado que deverá ecoar sempre em nosso país!

Disse.

*Trípoli – Síria – 7-921*¹¹⁴

Em outros trechos, não transcritos para não alongar ainda mais a já extensa citação, Bahlis dizia falar como um sírio “patriota ao extremo”, mas que sempre havia vivido sob “os regimes liberais do belo e culto Brasil”, a quem era grato. Mesma gratidão acreditava que o

¹¹³ BAHLLIS, Jorge. *Coração e Dever*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Livraria Gutenberg, 1920. p.8

¹¹⁴ Id. *Ondas e Espumas*. Porto Alegre: 1924. p.96-101

povo sírio deveria devotar à França, país no qual o escritor apostava o futuro de sua terra natal. Ele estava convicto de que aquela potência zelaria desinteressadamente – e até maternalmente – pelo progresso da Síria, assim como pela retomada de seu glorioso passado, e conclamava seus concidadãos a colaborarem com ela, opondo-se àqueles que acreditavam ser possível manter um governo próspero sem a ajuda francesa.

Paris passou a ambientar suas próximas criações, nas quais Bahlis deixou transparecer, nas entrelinhas, outro aspecto ligado às suas convicções políticas: a luta de classes como lente de interpretação da realidade social, como na peça *No Vendaval da Vida*, publicada em 1925. A trama abordava o conflito em torno da proibição do namoro entre Corália, a única filha de um rico industrial francês – Ricardo Dureau – e um humilde compositor e professor de música, chamado Roberto. O debate socialista foi tratado de modo mais visível pelo autor neste diálogo entre Ricardo Dureau e Dr. Alberto – médico e noivo de Júlia, prima de Corália – acerca de uma greve realizada pelos operários das fábricas:

DUREAU, de fora – [Referindo-se aos empregados de suas fábricas] Não posso tolerar a pretensão dessa corja.

Dr. ALBERTO, entrando em companhia de Dureau – Em parte eles têm razão, Sr. Dureau. Tudo tem aumentado de preço, logo...

DUREAU, atalhando – Mas não lhes darei o que pedem...

Dr. ALBERTO – Por que? Abalará seus lucros?

DUREAU – Nem tanto, mas...

Dr. ALBERTO – Então o desejo dessa pobre gente pode ser satisfeito.

DUREAU – Mas não me convém.

Dr. ALBERTO – O senhor terá mais prejuízo, se as fábricas continuarem paradas.

DUREAU – Indiscutivelmente.

Dr. ALBERTO – E então?

DUREAU – Não sabes, porém, que, em eu lhes dando o aumento que exigem, pedirão futuramente outro?

Dr. ALBERTO – Sua recusa poderá fazê-los levar a cousa até à violência que ameaçaram.

DUREAU – A polícia já está prevenida.

Dr. ALBERTO – Que poderá fazer a polícia contra essa formidável onda de desesperados?

DUREAU – Algo fará.

Dr. ALBERTO – Quase nada.

DUREAU – Qual, então, deve ser a minha ação?

Dr. ALBERTO – Aumentar-lhes o salário... Nós, os que vivemos na abundância, não podemos calcular a dificuldade com que vivem esses míseros seres, cujo trabalho é tão mal pago.

DUREAU – Não é tanto como afirmam.

Dr. ALBERTO – Mais ainda; dá-lo a sua péssima alimentação e a anemia dos filhos. É um dever sagrado tratar bem o operário. Convençamo-nos de que sem o trabalho o capital não poderá existir.

DUREAU – E nem aquele sem este.

Dr. ALBERTO – Na sociedade atual.

DUREAU – Na de qualquer época.

Dr. ALBERTO – Mais uma razão para que haja concessões de parte a parte. Não é

justo que uns trabalhem desde o romper do sol até a noite em proveito de outros que pouco ou nada fazem.¹¹⁵

E, algumas páginas depois, a questão da legitimidade da luta dos trabalhadores retornava:

ANTÔNIO [Gerente de uma das fábricas do Sr. Dureau], entrando precipitadamente – Os operários querem lançar fogo às fábricas...
DUREAU, atalhando – Que disse, Antônio?
ANTÔNIO, continuando – Querem lançar fogo às fábricas, se não lhes forem dados os 25% que exigem.
DUREAU, indignado – Não lhes darei coisa alguma! Processarei seus chefes...
ANTÔNIO, interrompendo – Prudência, Sr. Dureau... Lembre-se de que os paredistas se elevam a seis mil homens. A meu ver, é mais prudente satisfazer-lhes o...
DUREAU, atalhando – E se depois de algum tempo pedirem novo aumento?
ANTÔNIO – Não o farão.
DUREAU – Quem sabe... (pausa breve). Vai dizer-lhes, Antônio, que só lhes darei 20%.
ANTÔNIO – E se não aceitarem?
DUREAU – Virás falar comigo novamente.
ANTÔNIO – Farei o possível para que aceitem a proposta... Até logo, senhor.
DUREAU – Até logo, Antônio.
[Cena seguinte]
DUREAU [só] – Que miséria!... A luta entre o capital e o trabalho nunca terá fim (pausa breve). Vou telefonar à polícia (indo até a mesa onde está colocado o fone e tomando-o). Alô... Prefeitura... urgente... (pausa breve). Aqui fala Roberto [sic] Dureau... os paredistas ameaçam cometer violências... (pausa breve) Ah! já tomaram providências... (pausa breve) obrigado. (coloca o fone em seu lugar) Não, isso não pode continuar assim – (caminhando de um lado para o outro) Puni-los-ei...¹¹⁶

Na sequência, Ricardo Dureau era avisado de que os operários haviam destruído uma de suas importantes fábricas e ameaçavam incendiar outras. Ao empresário, no fim das contas, não restou alternativa senão ceder aos trabalhadores, e ao casamento da filha com o músico. A luta entre capital e trabalho, assim, foi concluída por Bahlis com a vitória deste.¹¹⁷

¹¹⁵ BAH LIS, Jorge. *No Vendaval da Vida*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Casa Editora Tipografia Bom Fim, 1925. p.71-74

¹¹⁶ Id. Ibid. p.95-96

¹¹⁷ O debate socialista não foi uma exclusividade da peça de Jorge Bahlis na literatura e no teatro locais da época. De acordo com estudo realizado por Antenor Fischer, outros autores dramáticos abordaram a temática: Joaquim Alves Torres, em *O Dever* (1901) e em *O Trabalho* (1903), mais explicitamente, e Marcelo Gama, em *Avatar* (1905), de forma mais contida. Curiosamente, Fischer não encontrou a mesma tônica nas produções do tribuno socialista Carlos Cavaco, *O veneno dos ciúmes* (1908) e *Cego de amor!* (1916), nas quais as discussões central e subliminar pareciam não ter ultrapassado a esfera do privado, configurando-se em dois típicos dramalhões românticos. Cf. FISCHER, Antenor. *A Literatura Dramática do Rio Grande do Sul (de 1900 a 1950)*. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2007. p.57, 70, 74 e 124

O episódio da greve dos funcionários das fábricas de Ricardo Dureau foi a brecha aberta na trama pelo autor para explorar a questão da luta de classes, subentendida na proibição do relacionamento entre a moça rica e o rapaz pobre. Os trechos evidenciam um significativo conhecimento da relação dialética entre capital e trabalho, saber só possivelmente construído mediante a leitura dos textos teóricos disponíveis na época.¹¹⁸ Tal aspecto não surpreende, visto o autodidatismo de Bahlis. Por outro lado, a questão não foi apenas abordada com certa propriedade teórica, mas a partir de julgamentos morais e de uma esperança confiante na força da classe trabalhadora, muito característicos das correntes de esquerda.

IV.

A aproximação de Jorge Bahlis com o Partido Comunista do Brasil em Porto Alegre ocorreu no ano de 1927, de modo indireto, através da Liga Pró-México Antiimperialista, uma entidade controlada pelo Partido com objetivos político-culturais, mas sem relação com questões literárias. Ao que as fontes disponíveis indicam, antes da sua ligação com o PCB, o escritor integrou o Partido Trabalhista, organização criada em 1925 e que, para as historiadoras Sílvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas, provavelmente tenha surgido como alternativa às posições mais extremistas do movimento operário, parecendo ter sido pautada por uma proposta “domesticadora” da classe trabalhadora.¹¹⁹ O Partido Trabalhista, junto com o ainda desestruturado Partido Comunista e as organizações anarquistas, disputava espaço no movimento operário com os dois partidos da elite gaúcha e suas respectivas associações. Estas tinham uma razoável estrutura administrativa e operavam como mecanismos de mediação política e simbólica entre as lideranças partidárias e o eleitorado urbano. Suas ações eram

¹¹⁸ De acordo com levantamento realizado por Antônio Albino Canelas Rubim, no início da década de 1920, o PCB editava livros e folhetos de pensadores importantes do marxismo. Em 1923, saiu *O comunismo científico*, de Bukharin, e, no ano seguinte, em Porto Alegre, o Partido editou a primeira versão em português no Brasil do *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels. RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1986. p.144. É possível que, pelas dificuldades derivadas da clandestinidade, tanto mais num território extenso como o brasileiro, tais obras não tenham chegado a Jorge Bahlis. Mas, sendo ele homem viajado e versado em vários idiomas, não é difícil supor que tenha entrado em contato com textos teóricos marxistas no exterior.

¹¹⁹ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)*. Ed. da Universidade/UFRGS/Tchê!, 1992. p.322. Jorge Bahlis figura como editor do jornal *O Sol Nascente* (edição de 25 de dezembro de 1925), porta-voz do Partido Trabalhista. Ademais, é possível apontar o literato sírio como secretário da comissão executiva do referido partido, cujos membros foram elencados, embora com alguma confusão e incorreção na grafia dos nomes, por Petersen e Lucas (p.320).

planejadas e se articulavam a partir de uma rede de relações, conseguindo fazer com que as entidades tivessem voz ativa no campo político local, superando as estruturas de dominação oligárquicas vigentes na Primeira República.¹²⁰

Com a Revolução de 1923, os libertadores, liderados por Assis Brasil, conseguiram limitar a autoridade de Borges de Medeiros. O sucessor de Júlio de Castilhos aceitou modificar a Constituição Estadual, proibindo os governadores de exercer mandatos consecutivos, além de abrir mão da prerrogativa constitucional que permitia ao chefe do Executivo estadual apontar seu vice.¹²¹ O conflito armado de 1923 marcou o esgotamento do borgismo e projetou uma nova geração de republicanos que se ensaiavam no cenário político desde o fim da primeira década e cujos nomes estiveram ligados, como viemos acompanhando, à Livraria do Globo: José Antônio Flores da Cunha, Osvaldo Aranha, Firmino Paim Filho e Getúlio Vargas. Com pouco interesse pelas rígidas doutrinas castilhistas, Vargas ascendeu à presidência do Rio Grande do Sul em 1928, orientando sua política para a recuperação da pecuária gaúcha e atendendo aos interesses de ambas as facções da elite política sul-rio-grandense. A medida conciliadora facilitou a união desses grupos na Frente Única Rio-Grandense em torno de Vargas nas eleições presidenciais de 1930 – as quais desembocariam no movimento conhecido como Revolução de 1930. Essa postura atenta à necessidade de satisfazer aos anseios dos diferentes grupos sociais ficaria conhecida nacionalmente algum tempo depois, assim como uma boa dose de seu autoritarismo.

O Partido Comunista do Brasil, fundado em março de 1922 no Rio de Janeiro, funcionou precariamente no Rio Grande do Sul desde 1924. Os vestígios das atividades comunistas ao longo da década de 1920 são extremamente exíguos, de modo que se torna bastante difícil falar sobre a história do PCB no estado ao longo desse período. A escassez de fontes talvez só possa ser compensada a partir da parca bibliografia a respeito. A dissertação de Mestrado do historiador Artur Duarte Peixoto é um exemplo de vigoroso enfrentamento de tal dificuldade. Ele pesquisou em arquivos variados e fez largas referências à bibliografia de apoio, demonstrando, entre outras descobertas, que o “nascimento” do PCB gaúcho ocorreu, de fato, no curto intervalo de atuação legal que se estendeu de janeiro a agosto de 1927,

¹²⁰ Só ligadas ao Partido Republicano Rio-Grandense e à oposição libertadora existiam mais de trinta associações políticas espalhadas por regiões como o Centro, a Cidade Baixa, a Azenha, Navegantes, Higienópolis, Glória, Partenon e Belém Velho. Cf. PACHECO, Ricardo de Aguiar. *A vaga sombra do poder. Vida associativa e cultura política na Porto Alegre da década de 1920*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2004. p. 13-15, 18 e Anexo 1.

¹²¹ LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.223

momento em que a organização conquistou algum espaço na grande imprensa e seus militantes passaram a intervir com mais regularidade no movimento operário e sindical.¹²² Antes disso, pouco se havia feito para ampliar o quadro de militantes, pois a clandestinidade trouxe várias dificuldades para o PCB, principalmente no que dizia respeito à consolidação da estrutura interna, à propaganda e à disputa de processos eleitorais.

A organização do Partido Comunista no Rio Grande do Sul foi lenta e difícil. Durante o período de estado de sítio, em vigor ao longo do governo de Artur Bernardes (1922-1926), ele teve um Comitê Regional com pequeno número de membros, além de uma associação, a União dos Ofícios Vários, e um jornal, o *Martelo e Foice* (ou *Hammer und Sichel*), publicado em português e em alemão.¹²³ A União dos Ofícios Vários era ligada à Internacional Sindical Vermelha de Moscou e voltava-se para a agitação do operariado e para a propaganda.¹²⁴ Em torno dela e de seu periódico, gravitavam os fundadores do PCB em Porto Alegre: o acadêmico de direito Samuel Speisky, o mecânico Eduardo Budaszewski, o pedreiro Henrique Scliar, o alfaiate F. Haberland, o metalúrgico H. Schondelmeyer e o estivador Manoel Pereira.¹²⁵ O grupo foi responsável por uma importante iniciativa para a história da esquerda brasileira: a tradução para o português e a primeira edição no país do *Manifesto Comunista*. Mas nenhum deles tinha envolvimento com o mundo literário da época. Havia, entre os militantes, uma preocupação em montar bibliotecas e oferecer conferências.¹²⁶ Tais atividades tinham o objetivo de suprir a carência teórica dos membros do partido, um pouco diferente do que ocorreria duas décadas depois, conforme acompanharemos no quarto capítulo.

As questões culturais, e as mais propriamente literárias, não estavam entre as preocupações dos comunistas, tanto em âmbito nacional, como em nível regional e mesmo local. Para se ter uma ideia, em 1926, a direção nacional do PCB foi indagada pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista a respeito da participação brasileira na constituição da

¹²² PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.75

¹²³ O estudo dessa fase, segundo conselho de Peixoto, merece cautela, pois dela fizeram parte elementos frágeis, sem regularidade e intermitentes. PEIXOTO, Artur Duarte. Id. Ibid. p.74

¹²⁴ A luta dos trabalhadores. *Martelo e Foice*, n.3, 7 jun. 1924, p.1-2. Os exemplares desse periódico foram gentilmente disponibilizados em versão digitalizada pelo historiador Frederico Duarte Bartz.

¹²⁵ Eduardo Budaszewski e Henrique Scliar seriam pais de futuros militantes do PCB, respectivamente o jornalista e desenhista Marat Martins Budaszewski e o gravurista e pintor Carlos Scliar.

¹²⁶ O livreiro oficial do Comitê Regional era Isaac Scliar, pai de Leonor e Esther Scliar, futuras militantes do PCB.

Associação Literária Internacional dos Escritores Revolucionários.¹²⁷ Em resposta, Astrojildo Pereira relatou, em carta redigida em francês, que alguns poucos escritores integravam o Partido Comunista do Brasil naquele momento, a maioria deles de origem “pequeno-burguesa”. Além de serem poetas, romancistas e contistas, os literatos acumulavam outras ocupações, sendo também jornalistas, publicistas, professores e desenhistas. De acordo com o remetente, os órgãos partidários não estavam preocupados com questões literárias, mas ele e seus camaradas comprometiam-se em organizar um comitê provisório, visto estarem convencidos de que poderiam realizar um bom trabalho nesse domínio, estabelecendo relações com escritores revolucionários de outros países e desempenhando, assim, um papel favorável ao desenvolvimento das ideias comunistas no Brasil. Em sua opinião, o Comitê dos Escritores Revolucionários seria um excelente auxiliar da propaganda do Partido. Quer dizer, a importância atribuída pelo dirigente nacional do PCB aos escritores e ao comitê formado por eles residiria mais na função de divulgação do que na especificamente literária.

O estudo pioneiro sobre a relação entre o Partido Comunista e a cultura no Brasil realizado por Antônio Albino Canelas Rubim demonstra que, excluindo-se a questão educacional, a preocupação do PCB com a cultura nos anos 1920 parecia bastante reduzida.¹²⁸ Conforme o autor,

A preocupação do partido com a esfera cultural é muito limitada nos anos 20. A quase inexistência de atividades e revistas culturais do PC são indicadores significativos neste sentido. A reduzida atenção com as questões culturais volta-se para a formação ideológica de seus militantes, para a limitada difusão do marxismo e para o problema da educação da população, reivindicação que a partir de então se incorpora de modo permanente às lutas do Partido Comunista, estando presente, de maneira diferenciada, em diversos documentos do partido ou de organizações políticas, sindicais e culturais a ele ligadas.¹²⁹

A biblioteca montada por Samuel Speisky, Eduardo Budaszewski, Henrique Scliar, F. Haberland, H. Schondelmeyer e Manoel Pereira e as conferências organizadas por eles no âmbito da União dos Ofícios Vários pareciam ser iniciativas nesse sentido. Em 1928, os comunistas formavam um conjunto de pouco mais de trinta filiados em todo o estado, um terço concentrado na capital e os demais distribuídos em Pelotas, Rio Grande, Caxias do Sul e

¹²⁷ AEL. Coleção Internacional Comunista. Rolo 3. Carta au “CE de l’IC, Section d’Agit-Prop”, do CC do PCB, datada de 16 de setembro de 1926. Autor: Astrojildo Pereira.

¹²⁸ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1986. p.314

¹²⁹ Id Ibid. p.337

Santana do Livramento. Para Peixoto, havia problemas internos no Partido, algo evidenciado pelas várias tentativas fracassadas de instalar núcleos do Bloco Operário e Camponês (BOC) em outras cidades além de Porto Alegre. Mesmo sendo o BOC uma das prioridades do PCB, pois seu objetivo era driblar a ilegalidade para que militantes do Partido Comunista pudessem atuar livremente, e ainda que pudessem contar com o espaço deixado pelos anarquistas – deslocados para Bagé¹³⁰ – os comunistas gaúchos contavam com uma organização precária, e seu Comitê Regional não dispensou ao BOC o devido tratamento. A associação influenciada pelos comunistas que obteve maior repercussão em Porto Alegre em 1928, sobretudo pela visibilidade na imprensa, foi a Liga Pró-México Antiimperialista.¹³¹

Segundo o historiador Paulo Sérgio Pinheiro, em meados da década de 1920, aumentava a desconfiança da União Soviética em relação aos Estados Unidos. Não agradava aos bolcheviques a política imperialista levada a cabo pelos ianques, principalmente no continente americano. Foi nesse contexto que parte das atenções soviéticas deslocou-se para a América Latina. A primeira resolução antiamericana foi redigida durante a V Reunião do Comitê Executivo da Internacional Comunista, em 1925. Ela reconhecia a ascensão dos Estados Unidos à hegemonia econômica e apelava a todas as organizações de trabalhadores americanas para que se opusessem ao imperialismo estadunidense e se unissem ao Partido Comunista do México a fim de promover uma “liga antiimperialista”.¹³²

Essa medida vinha ao encontro da linha interpretativa do PCB dada por Octávio Brandão em sua obra *Agrarismo e industrialismo*.¹³³ No livro, publicado, depois de várias tentativas frustradas, por uma tipografia carioca em 1925, o dirigente comunista defendia que Estados Unidos e Inglaterra competiam pelo controle do mercado brasileiro, apoiados, respectivamente, pelas burguesias industrial e rural (cafeeira, principalmente), as quais exploravam os trabalhadores (operários e camponeses). Assim, fazia-se necessária a unidade da classe trabalhadora em prol da transformação social.

¹³⁰ De acordo com Artur Peixoto, devido às dificuldades em Porto Alegre, em 1927, os anarquistas transferiram sua principal entidade de atuação, a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), para Bagé, onde havia um de seus maiores núcleos, embora tenham retornado no ano seguinte para a capital. PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.85

¹³¹ Id. Ibid. p.84-87 e 92. Sobre o BOC, cf. KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil. O Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. 2001. Tese (Doutorado) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2001.

¹³² PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A revolução mundial e o Brasil – 1922-1935*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.153

¹³³ BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas. Memórias*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978. Vol. I. pp.284-301

A decisão de criar organizações anti-imperialistas foi tomada durante reuniões do Comitê Central Executivo do PCB em outubro de 1927. Contudo, de acordo com Dainis Karepovs, somente a partir das resoluções do III Congresso do Partido, realizado entre dezembro de 1928 e janeiro de 1929, a criação da Liga Antiimperialista se concretizou. O combate ao imperialismo era um ponto comum entre os comunistas e os combatentes da Coluna Prestes, dos quais o PCB desejava se aproximar.¹³⁴ O III Congresso tornou obrigatória a fundação da Liga, pois ela teria um importante papel na luta pela transformação social, o de organizar, em suas fileiras, elementos revolucionários não apenas do proletariado, mas também da massa camponesa e da pequena burguesia.¹³⁵

Na cidade de Porto Alegre, já em outubro de 1927 os comunistas criaram a Liga Pró-México Antiimperialista, uma organização de combate ao imperialismo. Para Artur Peixoto, o fato de os militantes do Rio Grande do Sul priorizarem a atuação nesse âmbito em detrimento do BOC é uma evidência de que as deliberações da direção nacional do Partido eram menosprezadas e contrariadas no estado.¹³⁶ Mas a criação da Liga demonstra também um outro e importante aspecto: as possibilidades de ação comunistas não se restringiam ao meio operário e sindical, ainda que este fosse considerado pela direção nacional como o terreno estrategicamente propício. Mesmo na clandestinidade e enfrentando dificuldades na organização do PCB no estado, os militantes souberam ocupar espaços alternativos, e a atuação de Jorge Bahlis parece ter sido fundamental nesse sentido, conseguindo, assim, manter o Partido vivo. No período de um ano, a Liga Pró-México Antiimperialista funcionou em três sedes diferentes, publicou notas quase diariamente no jornal *Correio do Povo*, realizou atividades periodicamente e congregou indivíduos comunistas e não-comunistas.

As primeiras atividades da Liga Pró-México Antiimperialista foram realizadas na Rua Voluntários da Pátria, nº455, centro da cidade. Poucos dias após a fundação, a sede do Partido Trabalhista – na Rua dos Andradas, nº1305, no andar superior da prestigiada Livraria Americana – passou a abrigar os encontros promovidos pela Liga, a qual, em dezembro de 1927, já dispunha de uma biblioteca e de um departamento de cultura. Em janeiro de 1928, ela

¹³⁴ KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil. O Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. 2001. Tese (Doutorado) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2001. p.352 e 557

¹³⁵ O III Congresso (dezembro de 1928 – janeiro de 1929). Documento datado de 11 de fevereiro de 1929. Cf. CARONE, Edgar. *O P.C.B. (1922-1943)*. Vol.1. São Paulo: DIFEL, 1982. p.72

¹³⁶ PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.87

ganhou uma nova sede, um sobrado na Praça Parobé, nº12, em frente ao Mercado Público, mesmo endereço onde funcionariam o BOC e a Confederação Regional do Trabalho (CRT), também comunista, a partir de 1929. Tais mudanças, bem como suas reuniões e os telegramas que recebia com notícias do México eram divulgados em notas na seção “Diversas”, localizada geralmente nas páginas 4 e 5 do *Correio do Povo*.

As notas sobre a Liga inseriam-se em um conjunto de outras tantas relacionadas a assuntos variados e locais, como a Sociedade de Medicina, a Faculdade de Direito, o Tempo (meteorologia), inspetoria de veículos, entidades beneficentes, falências, leilões, objetos perdidos, suicídios, câmbio etc. Abaixo das notas, costumavam figurar anúncios de médicos, advogados, remédios, farmácias, lojas especializadas, assim como avisos de enterros e missas. Nas páginas imediatamente seguintes, localizavam-se os necrológios e as “Notas Sociais”, através das quais se participavam casamentos, aniversários, eventos em clubes e associações. Também era divulgada nessa parte do jornal a programação do cinema e do teatro e as “Notas Religiosas”. Esses dados revelam que o cotidiano da Liga Pró-México Antiimperialista inseria-se no dia a dia da cidade, participando, juntamente com outras e diferentes associações, da rotina da urbe.¹³⁷

As notas referentes à Liga divulgavam dia, horário e local das reuniões a serem realizadas – às vezes, adiantando a pauta –, informavam atividades desenvolvidas e tornavam públicos telegramas recebidos da Embaixada do México, que ficava no Rio de Janeiro, com notícias daquele país. As reuniões, abertas não apenas aos membros da Liga, mas também a seus simpatizantes, aconteciam nas tardes de domingo, e nelas discutiam-se questões relativas ao imperialismo e à melhoria das condições econômicas do proletariado. Soluções para problemas inerentes à organização e ao funcionamento da entidade, como os estatutos, eram igualmente pensadas nos encontros dominicais.

¹³⁷ Espaço similar ocuparam, na década de 1920, outras tantas associações – voltadas, sobretudo, para a mobilização do eleitorado – estudadas pelo historiador Ricardo Pacheco. Elas divulgavam suas atividades, em forma de anúncios ou de notas, nas colunas dedicadas à vida da cidade nos jornais *Federação* e *Correio do Povo*, e as características de tais entidades colocaram em relevo o que, para o autor, pode ser definido com uma “cultura política associativa”. Sobre este aspecto, as descobertas de Pacheco para o caso de Porto Alegre são semelhantes às realizadas por Cláudio Batalha para a cidade do Rio de Janeiro ao longo da Primeira República. Cf. BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Orgs.). *Culturas de classe*. Identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da Unicamp, 2004; PACHECO, Ricardo de Aguiar. *A vaga sombra do poder*. Vida associativa e cultura política na Porto Alegre da década de 1920. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2004. p.147-148 e 286-287.

Desde sua fundação, a Liga Pró-México Antiimperialista preocupou-se com o desenvolvimento cultural, empregando “todos os seus esforços para congregar um grupo de intelectuais seletos com o fim de proporcionar aos seus aderentes e simpatizantes, reuniões artísticas e instrutivas”.¹³⁸ Como destacado por Peixoto, e já mencionado neste trabalho, tais reuniões tinham caráter nitidamente pedagógico e doutrinário, ao melhor estilo comunista, embora a entidade não fosse composta exclusivamente por militantes do PCB.

Carlos Ferrari, que presidiu a primeira comissão de propaganda da Liga até meados de janeiro de 1928, quando pediu demissão¹³⁹, pertencia ao Partido Trabalhista e foi talvez por sua mediação que a entidade logrou funcionar durante as primeiras semanas na sede dessa organização partidária. Os comunistas Luiz Cuervo e Nicolau Artzvensco eram presidentes da segunda e da terceira comissões de propaganda, respectivamente, e seu companheiro Hugo Ungaretti, o orador oficial da Liga. Na presidência da organização, estava Jorge Bahlis, que aparece nessa função desde a primeira notícia veiculada nos jornais sobre a Liga. Era o escritor quem conduzia as reuniões, nas quais tanto ele quanto os demais, além de outros convidados, palestravam periodicamente.

Em alguns dos encontros divulgados no jornal *Correio do Povo*, a Liga ofereceu à sociedade porto-alegrense conferências sobre assuntos diversos relacionados tanto ao México quanto ao Imperialismo. Uma das primeiras atividades noticiadas foi a conferência realizada por Jorge Bahlis “O México anti-imperialista e o imperialismo através dos tempos” em meados de novembro de 1927. No mês seguinte, Carlos Ferrari falou sobre “A questão religiosa no México”. Em fevereiro de 1928, Luiz Cuervo apresentou um estudo sobre a ação imperialista que vinha se desenrolando no mundo, e, em maio, Lourenço Picó Linares palestrou sobre as causas que haviam provocado a destruição da civilização pagã e a “decadência do Ocidente”. Já Abílio de Nequete, amigo de Bahlis, participou das atividades da Liga no mês de julho de 1928, abordando a relação “espiritualismo e socialismo”. Em março de 1928, a Liga já tinha quase cem membros, número que se manteve até pelo menos julho daquele ano.¹⁴⁰

As evidências disponíveis não colaboram no sentido de apontar mais diretamente o que tornou possível uma maior proximidade entre Bahlis e o Partido Comunista. Como vimos, em 1925, ele havia colocado em debate a questão da luta de classes em seu drama *No*

¹³⁸ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 03/07/1928, p.4

¹³⁹ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17/01/1928, p.4-5

¹⁴⁰ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14/03/1928 e 25/07/1928

Vendaval da Vida. Talvez, ao conhecer o libanês Abílio de Nequete, Bahlis tenha entrado em contato com o universo de leituras realizadas pelo conterrâneo, mas uma aproximação mais concreta com o Partido sob influência de Nequete pode ter sido desencorajada (1) pelo fato de este ter deixado o PCB cedo (em 1923), detalhe mencionado anteriormente, e (2) pela precariedade da organização comunista no estado até 1927. Assim, possivelmente por essas razões, talvez associadas a outras que desconhecemos, o escritor optou pelo incipiente Partido Trabalhista, cujo programa, entre outras demandas, defendia o voto secreto e compulsório, o ensino obrigatório (primário e profissional), a extinção da propriedade privada, a proteção à lavoura e à indústria, além da solução para os problemas habitacionais entre os operários.¹⁴¹ A partir de 1927, porém, acontecimentos de ordem internacional, envolvendo o domínio da França sobre o Marrocos, parecem ter favorecido a diminuição da distância entre o Partido Comunista e o literato sírio.

No livro *Ave Libertas!*, de 1926, Jorge Bahlis publicou textos nos quais defendeu o líder da resistência marroquina à autoridade francesa, lastimando sua derrota e criticando duramente a França.¹⁴² Afirmou ele:

Custa a crer que num século adiantado como o é o nosso, século em que as ideias liberais e libertárias já se impõem, exista um cérebro equilibrado que pensa em subjugar os povos, conspurcar direitos e engrandecer um país com a anexação de territórios, cujos habitantes amam a Liberdade e tem o direito de possuí-la.¹⁴³

Diferente de 1921, quando Bahlis tinha a França como o “colosso” que, desinteressadamente, guiaria a Síria para o progresso, em 1926, ao derrotar o líder marroquino Abd-El-Krim, a potência europeia apresentava-se a ele como dominadora, retrógrada e moralmente condenável. Em sua opinião, nada era mais intolerável e repugnante que o desejo de impor o jugo a um povo sob o pretexto de civilizá-lo.¹⁴⁴ Jorge afirmou ter sido o primeiro, em Porto Alegre, a batalhar, quer pelo livro, quer pela imprensa, em prol da independência dos mouros.¹⁴⁵ E ele manteve essa postura quando esteve no norte da África e foi, juntamente

¹⁴¹ Partido Trabalhista. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 24/03/1925, p.4

¹⁴² O Marrocos era protetorado francês desde 1912, e, na segunda metade dos anos 1920, o líder berbere Abd-El-Krim, num movimento nacionalista, proclamou a República das Tribos Confederadas. Auxiliada pela Espanha, a França derrotou as forças rebeldes em 1926.

¹⁴³ BAHLLIS, Jorge. *Ave, Libertas!* Porto Alegre: 1926. p.24

¹⁴⁴ Id. Ibid. p.27

¹⁴⁵ Id. Ibid. p.24

com toda a família, para a França em 1927, de onde foi expulso por escrever a favor dos marroquinos.¹⁴⁶

Ave, Libertas! parecia ser o livro no qual Bahlis desejava publicar seus textos em defesa da liberdade, sobretudo a liberdade dos países colonizados pelas potências imperialistas. Mas na obra também figuravam escritos que defendiam a inocência dos anarquistas italianos Sacco e Vanzetti (condenados injustamente à morte nos Estados Unidos) e o México revolucionário. Pela vitalidade e combatividade da coletânea, Bahlis recebeu elogiosos comentários de Ossep Stefanovetch, anarquista natural da Ucrânia que ficou conhecido no Brasil por sua atuação cultural no teatro e na música. Para Stefanovetch, *Ave, Libertas!* tratava-se de uma confissão de luta de seu autor, o qual, porém, na opinião do ucraniano, alimentava equivocadas esperanças na democracia, exaltada em alguns momentos da referida obra.

Assim, as posições tomadas por Jorge Bahlis na metade da década de 1920 eram motivadas por um conjunto de ideias políticas ecléticas, constituídas ao longo de uma trajetória marcada por constantes deslocamentos territoriais – fossem as migrações, fossem as viagens internacionais, nas quais havia apreendido diferentes categorias de percepção do mundo social – e possíveis de serem externadas pela posição que havia logrado ocupar nas relações de produção cultural da época. Ao mesmo tempo em que ele tomava partido de militantes anarquistas conhecidos em diversos países, defendia a Revolução Mexicana, combatia o imperialismo e se interessava pelo debate marxista internacional – aspectos que demonstram sua inclinação cada vez maior para a esquerda –, também apostava em um dos mais característicos ideais liberais, a democracia, embora com uma visão bastante romântica a seu respeito (“Regime do Direito e da Igualdade, do Amor e da Justiça, da Harmonia e da Verdade”¹⁴⁷). Bahlis, de maneira semelhante, conciliava relações com ícones do mundo literário, da pesquisa histórica e de diferentes correntes político-ideológicas, um aspecto que insinua que as fronteiras entre esses grupos eram porosas, ou, pelo menos, que o literato sírio possuía certa habilidade em manipular seus recursos (capital cultural e simbólico, sobretudo) para realizar trocas promissoras e para circular nos diferentes meios aos quais esses grupos davam acesso.

¹⁴⁶ Conforme entrevistas de Osiris Bahlis e Iris Bahlis Cafruni, concedidas à autora em 19 de março de 2010 em Porto Alegre, e formulário de sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, datado de 20 de setembro de 1930.

¹⁴⁷ BAHLLIS, Jorge. *Ave, Libertas!* Porto Alegre: 1926. p.8

Jorge Bahlis decepcionou-se com a França em um momento em que Partido Comunista dava ênfase à linha interpretativa de Octávio Brandão, que apontava a aliança entre as burguesias industrial e rural brasileiras com o imperialismo norte-americano e inglês como a causa fundamental do atraso e da exploração dos trabalhadores no Brasil. Não nos parece precipitado ou imprudente ver no encontro dessas duas demandas – a decepção de Bahlis com a França e o combate ao imperialismo pelos comunistas – a condição capital para a aproximação do literato com o PCB.

A criação da Liga Pró-México Antiimperialista e a primazia dada ao seu funcionamento pelo Partido Comunista gaúcho possibilitou o destaque de Jorge Bahlis, presidente da entidade e primeiro literato cujo engajamento deixou maiores vestígios. Diferente do ocorrido nas capitais carioca e paulista – onde escritores engajaram-se muito cedo e com bastante afinco às correntes de esquerda¹⁴⁸ – o envolvimento de literatos com o comunismo no extremo sul brasileiro não ocorreu antes da metade da década de 1920. Os primeiros e poucos indícios, reunidos pelo jornalista João Batista Marçal, apontam para Sady Garibaldi, antigo militante anarquista nascido em Rosário do Sul, oeste do estado, autor de diversos textos literários publicados em periódicos gaúchos.¹⁴⁹

Após a transferência de Garibaldi para a capital federal, Jorge Bahlis foi o primeiro literato a engajar-se na luta comunista, passando a fazer parte de um universo pouco frequentado por intelectuais. Entre aqueles que dividiam com Bahlis a direção da entidade, é possível destacar um dentista e um advogado, além de outros companheiros já com alguma história na agremiação partidária. O russo Nicolau Artzvensco havia chegado em Porto Alegre em 1918, onde trabalhava como dentista. Cedo filiou-se ao PCB, chegando a presidir o

¹⁴⁸ Mesmo antes da fundação do PCB, em 1922, escritores, como Astrojildo Pereira e Afonso Schmidt, engajaram-se em organizações voltadas para o público intelectual, como o Grupo Clarté e o Grupo Comunista Brasileiro Zumbi.

¹⁴⁹ Nascido em 8 de abril de 1900, Garibaldi transferiu-se para o Rio de Janeiro já militante comunista em meados de 1920 e lá permaneceu até sua morte, em 1959. No que se refere ao período em que permaneceu no estado, restaram registros de sua participação na greve realizada em 1919 contra o frigorífico Armour, em Santana do Livramento, e de suas colaborações em diversos jornais e revistas de Rosário do Sul, de Pelotas e de Porto Alegre. Não obstante, foi na então capital federal que suas atividades nos quadros do PCB ganharam maior destaque. Para maiores informações, cf. MACHADO, Antonio Carlos. *Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva Ltda.: 1952; MARÇAL, João Batista. *Fatos e personagens de nossa história operária*. Porto Alegre: 2009. Mimeo; PALAMARCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista... Escritores brasileiros e o comunismo. 1920-1945*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1997. p.95; TELLES, Jorge. *Theatro Municipal – Famílias Gautier e Goñi*. Rosário do Sul: Prefeitura de Rosário do Sul, 2003.

Comitê Regional do BOC a partir de meados de 1928.¹⁵⁰ O advogado Hugo Ungaretti, orador oficial da Liga, fazia parte do Comitê Regional.¹⁵¹ Já o estrangeiro Luiz Cuervo era um dos principais dirigentes do Partido Comunista no Rio Grande do Sul desde pelo menos 1925, fase em que os comunistas lutavam para ampliar sua inserção no movimento operário, disputando espaço, sobretudo, com os anarquistas.¹⁵²

Para Peixoto – que procurou reconstituir a inserção dos comunistas no movimento operário na década de 1920 e constatou que as dimensões do Partido no Rio Grande do Sul eram ainda muito pequenas em 1927 – a visibilidade alcançada na imprensa pela Liga Pró-México Antiimperialista fez com que o grupo dirigente estadual acabasse por priorizá-la, em detrimento daquele que deveria, por determinação da direção nacional do PCB, ser o centro de suas atenções, o BOC.¹⁵³ A Liga, inicialmente uma entidade integrada por comunistas e não-comunistas, foi paulatinamente monopolizada pelos primeiros, fato que possivelmente gerou o pedido de demissão do trabalhista Carlos Ferrari no dia 8 de janeiro de 1928.

As informações que nos chegam a respeito da Liga Pró-México Antiimperialista não fornecem maiores detalhes sobre os estatutos que a regulavam. Assim, não é possível sabermos como seus objetivos foram definidos pelos integrantes, nem apontar outros possíveis cargos e suas respectivas atribuições. Pelos mesmos motivos, desconhecemos se os sócios contribuía(m) financeiramente, se a sede onde a entidade funcionou a maior parte do tempo – o sobrado na Praça Parobé – era alugada, e, nesse caso, como os usuários angariavam recursos para pagar a locação. Mas os dados disponíveis ajudam a compreender outros aspectos relacionados ao funcionamento da Liga.

Boa parte das razões pelas quais a Liga Pró-México Antiimperialista teve êxito talvez possa ser creditada ao empenho de seu presidente, que, por meio dos conhecimentos adquiridos em suas pesquisas e das relações que mantinha, proporcionou atividades semanais e a constituição de uma infraestrutura importantes para instruir os membros acerca do imperialismo e da situação política e econômica mexicana. Em contrapartida, a atuação na Liga tornou possível o estabelecimento de vínculos importantes entre o escritor e o corpo diplomático do México no Brasil, relações estas que lhe renderiam o consulado mexicano no

¹⁵⁰ PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.87, 91 e 193; FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p.137 e 298.

¹⁵¹ PEIXOTO, Artur Duarte. Op. Cit. p.88

¹⁵² Id. Ibid. p.65-66, 80-81, 87 e 93

¹⁵³ Id. Ibid. p.92

Rio Grande do Sul e todas as vantagens que essa posição proporcionava: autoridade, imunidades, prestígio, renome – recursos altamente úteis para um militante de um partido comunista em situação ilegal.

Até o momento, não dispomos de evidências que permitam afirmar a filiação de Bahlis ao Partido Comunista na década de 1920. As fontes disponíveis apontam para sua aproximação com o PCB nessa época, através de sua atuação na Liga, e possibilitam comprovar sua filiação nos anos 1940, quando foi inclusive dirigente estadual da organização, como teremos oportunidade de ver no quarto capítulo. Em um primeiro momento, ocorreu uma proximidade de ordem ideológica, conforme acompanhamos anteriormente, ao problematizarmos a peça *No Vendaval da Vida* e os textos críticos à dominação francesa sobre os países asiáticos e africanos de autoria de Bahlis. A seguir, o escritor ocupou a presidência da Liga Pró-México Antiimperialista, uma importante entidade controlada pelo PCB em Porto Alegre. Tal aspecto nos permite questionar: teriam os dirigentes do Partido no estado confiado a direção da sua principal frente de atuação naquele momento a um não-comunista? Dificilmente. Resgatar o papel de Jorge Bahlis junto à Liga Pró-México Antiimperialista ajuda-nos a compreender as especificidades da atuação desse escritor na órbita do Partido Comunista. Se ele era, formalmente, filiado à organização no fim da década de 1920 parece se tornar um detalhe menor diante da importância de seu desempenho na presidência da Liga.

Homem de fino trato, Jorge Bahlis dominava os códigos que regulavam as práticas nos meios intelectualizados brasileiros da época, como tivemos oportunidade de acompanhar na análise feita das dedicatórias e prefácios presentes em seus livros. Partes substanciais de um partido em estruturação, os militantes comunistas precisavam se apoiar mutuamente e em outros grupos sociais, a fim de garantir a sustentação da organização diante das necessidades impostas pela clandestinidade. No âmbito da Liga Pró-México Antiimperialista, Jorge Bahlis fez uso não apenas de capital de relações sociais, mas também de um determinado capital cultural, o conhecimento adquirido na pesquisa histórica, para a qual se dedicava havia alguns anos.¹⁵⁴

¹⁵⁴ Inspiramo-nos nas considerações de Pierre Bourdieu a respeito do capital de relações sociais. Para o sociólogo francês, o capital social trata-se de um “l’ensemble des ressources actuelles ou potentielles qui sont liées à la possession d’un *reseau durable de relations* plus ou moins institutionnalisées d’interconnaissance et d’interreconnaissance; ou, en d’autres termes, à *l’appartenance à un groupe*, comme ensemble d’agents qui ne sont pas seulement dotés de propriétés communes [...] mais sont aussi unis par des *liaison* permanentes et utiles”. “le volume du capital social que possède un agent particulier dépend donc de l’étendue du réseau des liaisons

No encontro do dia 20 de novembro de 1927, o escritor proporcionou aos presentes uma conferência sobre “o México anti-imperialista e o imperialismo através dos tempos”. A nota publicada no *Correio do Povo* quatro dias depois relatava que Bahlis havia iniciado sua fala entoando um hino ao México, bem como a todos os mártires da liberdade, portando-se “na devida forma, prendendo a atenção dos presentes que o aplaudiram entusiasticamente quando terminou”.¹⁵⁵ Jorge parecia dominar a arte da eloquência e ter uma capacidade de liderança muito forte, aspectos percebidos pelos filhos mais novos, Iris e Osiris, duas décadas depois.¹⁵⁶ Bahlis lançava mão do conhecimento histórico que tinha e da autoridade que tal saber lhe conferia para esclarecer o público que o assistia a respeito da trajetória da dominação estrangeira através dos tempos. E o escritor realizava essa atividade acionando um outro importante recurso: a oratória, disposição incorporada ao longo de sua atuação profissional, como professor do Curso Rápido Comercial. Jorge Bahlis, assim, convertia recursos acumulados em outros domínios para atingir um objetivo de ordem política, que, naquele momento, era instruir uma plateia nos princípios defendidos pelo Partido Comunista do Brasil, assim como pelo comunismo soviético.

As demais conferências levadas a efeito nas dependências da Liga nas tardes de domingo versavam sobre temas próximos ou do anti-imperialismo, ou do socialismo, ou do México. As pessoas selecionadas para ministrá-las pareciam, assim como Bahlis, ter propriedade para abordarem o assunto. Um exemplo é o ex-comunista Abílio de Nequete, convidado para palestrar sobre “espiritismo e socialismo”.¹⁵⁷ Assim como o amigo sírio, Abílio era um homem de tendência religiosa. Convertera-se ao espiritismo desde, pelo menos, o início da década de 1910 motivado pela fé, mas também depois de estudar a doutrina espírita concomitante às ciências sociais e à filosofia da época. No futuro, Nequete

qu'il peut effectivement mobiliser et du volume du capital (économique, culturel ou symbolique) possédé en propre par chacun de ceux auxquels il est lié”. Cf. BOURDIEU, Pierre. Le capital social. Notes provisoires. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, 31, p.2-3, jan. 1980. Tradução sugerida: “um conjunto de recursos reais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interreconhecimento; ou, em outros termos, o pertencimento a um grupo, como conjunto de agentes que são não somente dotados de propriedades comuns [...] mas também unidos por ligações permanentes e úteis”. “o volume do capital social que possui um agente particular depende, assim, da extensão da rede de ligações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural e simbólico) possuído por cada um dos quais ele está ligado”.

¹⁵⁵ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/11/1927, p.4-5

¹⁵⁶ Conforme entrevista com Osiris Bahlis e Iris Bahlis Cafruni, concedida à autora em 19 de março de 2010 em Porto Alegre. Segundo as lembranças de Iris, que, nos anos 1940, tinha em torno de dez anos de idade, todas as noites, após trabalhar até 21h no Curso Rápido Comercial, seu pai, pessoa muito “instruída”, ia para a Praça da Alfândega, onde, rodeado de homens que lhe faziam perguntas, falava e explicava várias coisas.

¹⁵⁷ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 01/07/1928, p.4

desenvolveria o “evidentismo”, doutrina religiosa que ligava a evolução espiritual à evolução social da humanidade.¹⁵⁸ Talvez a conferência do conterrâneo de Bahlis tenha se dado nesse sentido.

Outras notas do jornal *Correio do Povo* divulgaram conferências com membros da diretoria da Liga, como Carlos Ferrari, Hugo Ungaretti e Luiz Cuervo. Já a respeito de outros palestrantes, como José Leal Marino, Dario Nogueira e Lourenço Picó Linares, dispomos de quase nenhuma informação. Linares, que, na década seguinte, seria membro destacado da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos de Porto Alegre, comentou, por ocasião de sua palestra em maio de 1928, que havia aceitado o convite para ministrar conferências na Liga por ser amigo de Jorge Bahlis e por devotar simpatia à entidade.¹⁵⁹ É possível que Linares se sentisse em dívida com o confrade e, por isso, tenha aceitado disponibilizar (e, com isso, retribuir algo recebido do amigo) seu tempo, seu saber e sua imagem para colaborar com as atividades da Liga.

Assim, ao que as evidências indicam, Bahlis reunia os intelectuais – comunistas e não-comunistas – que palestravam nos encontros da Liga a partir de sua rede de relações. O escritor acionava o capital social incorporado em sua breve, mas exitosa, trajetória nos meios intelectualizados da sociedade porto-alegrense, recrutando aqueles que poderiam contribuir com a autoridade do conhecimento que tinham para as atividades da entidade. De acordo com o sociólogo francês Alain Caillé, mesmo perseguindo objetivos funcionais, as associações podem recorrer a estratégias típicas da sociabilidade primária, baseada na personalização.¹⁶⁰ Essa parece ter sido uma das características da atuação de Jorge Bahlis na Liga Pró-México Antiimperialista.

Se as demandas de ordem política motivavam o escritor sírio a acionar uma rede de relações consolidadas em outros âmbitos, na contraparte, a atuação na Liga permitiu que ele estabelecesse novos e importantes vínculos fora da esfera partidária. No dia 30 de outubro de 1927, o jornal *Correio do Povo* divulgou telegrama enviado pelo embaixador do México no Brasil, Pascual Ortiz Rubio, por meio do qual ele agradecia em nome de seu país pela fundação da Liga e afirmava ser o acontecimento um “ato de solidariedade e simpatia que

¹⁵⁸ BARTZ, Frederico Duarte. Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária. *História Social*, Campinas, n.14-15, pp.157-173, 2008. p.160 e 167-170

¹⁵⁹ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22/05/1928, p.5

¹⁶⁰ CAILLÉ, Alain. Dádiva e associação. In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). *A dádiva entre os modernos*. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002. p.197

revela[va] franca e sólida amizade”.¹⁶¹ Ao longo de um ano, a embaixada mexicana – na pessoa de Ortiz Rubio – e a Liga Pró-México Antiimperialista – na de Jorge Bahlis – trocaram diversas cartas e telegramas com semelhante conteúdo. O presidente da associação enviava para o *Correio do Povo* as notícias sobre o México que recebia do embaixador, as quais eram publicadas quase diariamente. O objetivo era orientar o público a respeito da situação mexicana com base nas transcrições dos telegramas¹⁶², o que foi realizado com relativo sucesso. De 30 de outubro de 1927 a 28 de setembro de 1928, o referido impresso publicou mais de cem notas sobre a Liga em sua seção “Diversas” e, em quase todas elas, foram reproduzidos telegramas e missivas relatando questões referentes à política e à economia mexicanas.

A criação da organização e as iniciativas no sentido de esclarecer a população da cidade sobre as coisas relativas ao México – mediante publicação de notas na imprensa ou de conferências nos encontros semanais – foram notícias muito bem recebidas pelo embaixador. Em 19 de novembro de 1927, o *Correio do Povo* tornou público um telegrama de caráter oficial enviado por Ortiz Rubio para a Liga:

S. Jorge Bahlis e demais signatários da Liga Pró-México Antiimperialista. – Porto Alegre – Fiquei ciente com viva satisfação, pela sua carta de 25 de outubro do corrente ano, da constituição, em Porto Alegre, da “Liga Pró-México Antiimperialista”, cujo fim é prestar solidariedade à política interna e externa do governo do México, e fazer conhecida, no sul, tão progressista, a orientação da dita política.

A vossa nobre atitude, irmãos de raça e de idealismo, **vem aumentar os já fortes e indestrutíveis laços de amizade e simpatia** que desde tempos atrás existem entre o Brasil e o México.

Hoje mesmo, remeterei o original de tão importante documento ao sr. presidente Calles, que **saberá estimar no que vale** essa entusiástica manifestação de solidariedade ibero-americana.

Sou de v.v. s.s. Pascual Ortiz Rubio, embaixador do México.¹⁶³

As relações entre Brasil e México já tinham uma história quando Bahlis criou e passou a presidir a Liga Pró-México Antiimperialista. Naquele momento, porém, a política interna mexicana enfrentava um conflito armado que repercutia internacionalmente – e de forma muito negativa nos países de tradição católica –, conhecido como Guerra Cristera. Quando Plutarco Elías Calles ascendeu à presidência, em 1924, ele aplicou os artigos anticlericais previstos na Constituição de 1917 – que, antes, haviam sido colocados em vigor apenas nos

¹⁶¹ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30/10/1927, p.4

¹⁶² Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 05/11/1927, p.4

¹⁶³ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19/11/1927, p.4. Grifos nossos.

territórios em que o sentimento católico não era tão forte – em todo o país. A eles, o presidente acrescentou outros de sua autoria, ligados ao código penal, que previam punições para os religiosos que violassem as leis de 1917. A medida gerou forte resistência nos meios católicos e logo resultou no conflito armado que duraria até 1929.¹⁶⁴ Podemos imaginar as dificuldades enfrentadas pelo corpo diplomático mexicano para amenizar possíveis más impressões em relação ao seu país no exterior. A criação da Liga Pró-México Antiimperialista poderia ajudar Ortiz Rubio nesse sentido. Daí sua satisfação com a iniciativa e sua certeza de que ela contribuiria para tornar a relação entre Brasil e México ainda mais sólida, assim como o seu valor, em algum momento, seria reconhecido pela autoridade máxima mexicana.

Uma semana depois de divulgar o telegrama em que embaixador se mostrava tão satisfeito, o mesmo jornal reproduziu outro; desta vez, endereçado a Jorge Bahlis:

Sr. Jorge Bahlis – Muito distinto e fino amigo. Tive o prazer de receber sua muito atenciosa carta do dia 27 de outubro p. p., na qual se dignou a informar-me a respeito da marcha da “Liga Pró-México Antiimperialista”, fundada e tão acertadamente dirigida pelo senhor.

México agradece pela boca de seu representante o quanto tem feito e está fazendo o senhor em sua defesa, o que constitui mais uma liga de gratidão e afeto de México ao Brasil. [...]

Já pedi ao México a remessa da constituição mexicana em vigor, e logo que a tenha recebido, terei o gosto de lhe enviá-la. Aproveito esta oportunidade para reiterar-lhe a minha mais alta e distinta consideração. – (a) Pasqual Ortiz Rubio, embaixador de México.¹⁶⁵

Não existem evidências que permitam afirmar se o ciclo de trocas entre Jorge Bahlis e os representantes diplomáticos mexicanos iniciou com sua atuação na Liga. Talvez o fato de ter vivido no México por alguns anos, antes de se fixar no Brasil, tenha possibilitado que a família Bahlis mantivesse contato com amizades lá estabelecidas. De todo modo, inserida em uma cadeia já existente, ou instaurando uma nova, a iniciativa da fundação da Liga e sua condução pelo escritor sírio parecem ter sido importantes para a instauração de nova fase em suas relações com o governo do México.

Ao dar, o indivíduo institui o laço e espera, no mínimo, gratidão daquele que recebe, e esta veio logo que Bahlis fundou a Liga. No telegrama acima transcrito, o diplomata

¹⁶⁴ Para essas e outras informações sobre a Guerra Cristera, cf. BUTLER, Matthew. *Popular Piety and Political Identity in Mexico's Cristero Rebellion*. Oxford: Oxford UK, 2004. pp.179-212; JRADE, Ramon. Inquiries into the Cristero Insurrection against the Mexican Revolution. *Latin American Research Review*, Vol.20, Issue 2 (1985), pp.53-69; SOKOLOV, Alexandr. La Confederacion Regional Obrera Mexicana y el Regimen de “caudillismo revolucionario” (1920-1928). In: *Mexico. Historia, cultura, desarrollo contemporáneo*. Moscú: Academia de Ciencias de La URSS, 1981. Tomo II. pp. 78-107

¹⁶⁵ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26/11/1927, p.4. Grifos nossos.

manifestou-se grato mais ao escritor do que à entidade. Ele elogiou a forma de Jorge dirigi-la, agradeceu por tudo o que vinha fazendo em defesa do México (sugerindo que as realizações de Bahlis nesse sentido ultrapassavam o âmbito da Liga) e afirmou que sua atuação ajudava na criação de mais um elo entre o Brasil e o México. Como “dons rituais”, pequenos presentes que circulam pela palavra e que permitem estabelecer alianças e relações de afinidade¹⁶⁶, as palavras de gratidão de Ortiz Rubio constituíam-se retribuições às dádivas recebidas do amigo do Brasil. Elas eram também o reconhecimento de uma dívida que os mantinha ligados.

O imigrante sírio, por sua vez, retribuía com novas demonstrações de solidariedade, como na carta enviada por ocasião do atentado contra Álvaro Obregón, líder político que vinha se esforçando para restabelecer a paz entre católicos e governo mexicano:

Porto Alegre, 4 de Dezembro de 1927 – Ilmo. Sr. General Pascual Ortiz Rubio – Digníssimo embaixador da República Mexicana – Rio de Janeiro.
Excelência – Os abaixo-assinados, aderentes à “Liga Pró-México Antiimperialista”, solidários com a política saneadora de Plutarco Elias Cale [sic], felicitam, por intermédio de v. ex., o nobre estadista mexicano pelo terceiro aniversário de seu admirável governo. Aproveitam, ainda, esta oportunidade, para felicitar o general Álvaro Obregón, candidato do partido avançado à Presidência da República, por ter saído ileso do traiçoeiro atentado que visava tirar-lhe a vida.¹⁶⁷

Nesta carta – aprovada e assinada por todos os membros da Liga presentes na reunião do dia 4 de dezembro – as felicitações e manifestações de solidariedade que Bahlis enviava em nome da coletividade que representava eram como novos “dons rituais” ofertados às autoridades mexicanas. Dessa forma, as atitudes do escritor contribuíam para manter o estado de dívida deles para com ele. Essa situação, já reconhecida por Ortiz Rubio no telegrama de novembro de 1927, reforçou-se alguns meses depois, quando o escritor lhe despachou nova missiva, anexando a ela conferência realizada nas dependências da Liga:

Rio de Janeiro, janeiro, 28 de 1928. – Sr. Jorge Bahlis – Muito distinto e fino amigo: Com sua amável carta de 8 de janeiro p. p., tive o gosto de receber sua interessantíssima conferência à qual vou tomar a liberdade de reproduzir. O senhor faz apreciações e juízos tão apreciáveis, que se não conhecessem suas atividades anteriores a favor de meu país, que já **muito lhe deve** pela leal dedicação e carinho, bastaria ela para contá-lo como **um dos primeiros amigos do México no estrangeiro**. Felicito-o cordialmente pelas brilhantes páginas que produziu e me subscrevo uma vez mais como seu atencioso amigo e obrigado. – Pascual Ortiz Rubio.¹⁶⁸

¹⁶⁶ CAILLÉ, Alain. O que dizer pretende dar. In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). *A dádiva entre os modernos*. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002. p.100

¹⁶⁷ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 07/12/1927, p.4

¹⁶⁸ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09/02/1928, p.4. Grifos nossos.

Embora curta, a resposta do embaixador mexicano evidencia de forma bem direta importantes aspectos da relação que ele percebia ter se instaurado entre seu país e o Brasil por intermédio das realizações de Jorge Bahlis. Em primeiro lugar, Ortiz Rubio retribuiu o envio da conferência não apenas elogiando-a, provando que gostou dela, mas se comprometendo em fazer com ela fosse publicada, chegando, assim, ao conhecimento de mais pessoas. Em seguida, ele sugeriu com mais clareza que as atividades de Bahlis em defesa do México eram anteriores à criação da Liga. De fato, se lembrarmos de algumas passagens anteriores desta tese, veremos que, na coletânea *Ave, Libertas!*, de 1926, por exemplo, o literato havia publicado o texto “O México revolucionário”, no qual defendeu o governo mexicano dos ataques que vinha sofrendo de alguns setores sociais, principalmente os ligados à Igreja Católica.¹⁶⁹ É possível que este, assim como outros trabalhos de Bahlis, fosse conhecido pela diplomacia mexicana no Brasil. Por fim, o embaixador confessou o quanto seu país se sentia devedor de tanta dedicação, a qual, segundo ele, tinha sido suficiente para considerar Jorge como um dos primeiros amigos do México no exterior. Quer dizer, o laço estabelecido entre as partes ao longo dos atos de conhecimento e reconhecimento ganhou um estatuto privilegiado, colocando Jorge Bahlis numa posição digna de alta confiança. Isso nos permite deduzir que, mesmo distantes, em ambos os lados, partilhavam-se categorias de percepção e de avaliação do mundo social parecidas, as mesmas regras. De acordo com Bourdieu, para que a troca simbólica funcione, é preciso que ela seja sustentada por estruturas mentais e disposições produzidas por estruturas sociais semelhantes; é necessário que exista um mercado para as ações simbólicas, que haja recompensas, lucros simbólicos, enfim, que se possa ter interesse pelo desinteresse.¹⁷⁰ Assim, parece também ser possível endossar algumas reflexões de Ramella, para quem a força de um vínculo social é dada pelo reconhecimento de relações recíprocas, e não tanto por indivíduos estarem fisicamente próximos.¹⁷¹

¹⁶⁹ Os conflitos envolvendo a Igreja Católica no México da década de 1920 foram marcantes. Nas lembranças de alguns padres católicos gaúchos, cujas entrevistas foram analisadas pela historiadora Carla Rodeghero, permaneceram impressões negativas em relação ao comunismo devido ao contato, desde suas infâncias, com a história do Padre Miguel Agostinho Pró Juárez. Fuzilado em 1927, depois de conseguir despistar a polícia e levar auxílio espiritual para os fiéis, num período em que a religião católica era proibida, foi resgatado na década de 1950 como mártir da fé. Para essas e outras informações, cf. RODEGHERO, Carla Simone. Viva o Comunismo X Viva Cristo Rei. Um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, Porto Alegre, v.XXXII, n.1, p.157-173, jun. 2006.

¹⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. 9ª Ed. Campinas: Papirus, 1996. p.168-169

¹⁷¹ RAMELLA, Franco. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios. In: BJERG, Maria; OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales em la Argentina moderna*. Tandil: CEM-LA-IEHS, 1995. p.20

Nos meses seguintes, o ciclo de dádivas e contradádivas se manteve constante entre Jorge Bahlis e os representantes diplomáticos mexicanos. Em maio de 1928, o secretário do presidente do México enviou carta ao escritor, afirmando que, por seu intermédio, Calles tornava pública a alta estima que os trabalhos desenvolvidos por Bahlis mereciam do seu governo.¹⁷² No mês seguinte, o jornal *Correio do Povo* publicou telegrama do embaixador mexicano, agradecendo as condolências enviadas pela associação por ocasião dos tremores de terra registrados em seu país.¹⁷³ Sentimentos de pesar também foram transmitidos pela Liga à nação mexicana quando do assassinato de Álvaro Obregón (recentemente eleito presidente do país), sendo considerados por Ortiz Rubio como “generosa prova de amizade”.¹⁷⁴ Em contrapartida, o diplomata apresentou condolências, suas e da embaixada, pela inundação que castigou o Rio Grande do Sul em setembro daquele ano.¹⁷⁵ Mas a retribuição maior pelos serviços prestados ao México por Jorge Bahlis aconteceu anos depois, quando a Liga Pró-México Antiimperialista já não mais existia, o Partido Comunista no Rio Grande do Sul enfrentava ferrenha repressão e Pascual Ortiz Rubio havia deixado a embaixada no Brasil.

O diplomata, que tinha uma trajetória política marcante em 1928, voltou para o México no fim daquele ano para assumir o posto de Ministro do Interior do governo de Emilio Portes Gil. Ele permaneceu no cargo por 18 meses, deixando-o para se candidatar à presidência da República pelo Partido Nacional Revolucionário. O presidente Ortiz Rubio tomou posse em fevereiro de 1930 sob fortes acusações de vencer mediante fraude eleitoral e dirigiu o país até setembro de 1932, momento em que foi obrigado a renunciar. No entanto, antes de deixar a presidência, ele nomeou Jorge Bahlis, que tantas provas havia dado de ser pessoa digna de proteger os interesses mexicanos, cônsul do México no Rio Grande do Sul, cargo que este desempenharia por quinze anos. O consulado renderia lucros simbólicos altamente importantes para Bahlis, como prestígio, notoriedade, autoridade e imunidades, sendo estes úteis num futuro muito próximo de caça aos comunistas, conforme adiante.

V.

A partir da cisão da Liga Pró-México Antiimperialista e da reorganização do Comitê Regional, Jorge Bahlis deixa de aparecer nas fontes relativas às atividades comunistas em

¹⁷² Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26/05/1928, p.4

¹⁷³ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 05/06/1928, p.5

¹⁷⁴ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21/07/1928, p.4

¹⁷⁵ Liga Pró-México Antiimperialista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/09/1928, p.4

Porto Alegre. Somente nos documentos datados do fim da década de 1930 é que se torna possível retomar sua trajetória no Partido. Mas esse intervalo da vida de Bahlis não passa despercebido, devido à sua atuação nos meios culturais da cidade e do país.

Até 1932, quando foi nomeado cônsul do México no Rio Grande do Sul, Bahlis desenvolveu inúmeras atividades. O romance *Cláudio*, publicado em 1929, foi o último texto literário de sua autoria de que se tem notícia. Em 1930, ele, que já fazia parte do Centro Catarinense de Letras e do Centro de Estudos Filosóficos com sede em Buenos Aires, ingressou como sócio correspondente no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) e, dois anos depois, tomou posse, como membro efetivo, no IHGRS.¹⁷⁶

Quando foi admitido nesse último, Bahlis desenvolvia pesquisas históricas havia mais de dez anos e tinha publicado pelo menos quatro livros na área.¹⁷⁷ Este deve ter sido um dos fatores levados em conta pelos integrantes do IHGRS para aceitá-lo. Os estudos que o escritor vinha realizando alinhavam-se aos propósitos da instituição. De acordo com a historiadora Daniela Oliveira Silveira, os estatutos do Instituto definiam como objetivos da entidade promover estudos e investigações relacionados às áreas de História, Geografia, Arqueologia, Etnografia, Paleontologia no Brasil e, especialmente, no Rio Grande do Sul, além de primarem pelo cultivo do folclore sul-rio-grandense e das línguas dos indígenas que haviam habitado, ou ainda habitavam, o estado.¹⁷⁸ Apesar da ênfase nas questões relativas ao Rio Grande, para alguns dos sócios, como Souza Docca, as finalidades do IHGRS deveriam ir além do fazer a história do Rio Grande do Sul, pois a história regional estava vinculada à história do Brasil e à geral.¹⁷⁹ Ademais, pessoas ligadas a Jorge Bahlis compunham o quadro de membros do Instituto, como Roque Callage, sócio fundador da entidade para quem o literato havia oferecido o texto “Brutus”, da coletânea *Ondas e Espumas*, em 1924.

¹⁷⁶ O IHGES fora fundado em 1916, quando já havia congêneres nos estados de Pernambuco, Ceará, Bahia, São Paulo, Alagoas, Santa Catarina e Paraná, fundados ainda no século XIX, além das unidades do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Minas Gerais e de Sergipe, criadas no início do século XX. Cf. SILVEIRA, Daniela Oliveira. “*O passado está prenhe do futuro*”. A escrita da história no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30). 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2008. Anexo I – Fundação e outras informações dos Institutos estaduais.

¹⁷⁷ Além de *História da Civilização: Generalidades*, publicado pela Tipografia Müller em 1929, Bahlis havia lançado *História da Civilização: Civilização Egípcia*, em 1931, pela Tipografia Ítalo-Brasileira, mesmo ano e mesma casa pela qual publicou *História da Civilização: Civilização Mesopotâmica*. Neste ano, o autor também tornou público o seu livro *História da Civilização: Civilizações Pré-Históricas*, pela Editora O. R. Costa. Cf. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade, IEL, 1978. p.59. Cabe esclarecer que alguns dados disponibilizados na obra de Ari Martins não conferem com originais encontrados. Um exemplo é *História da Civilização: Civilização Egípcia*, apontado por Martins como editado pela Tipografia Ítalo-Brasileira, mas em exemplar disponível na Biblioteca Central da PUCRS aparece vinculado à editora Ghizi.

¹⁷⁸ SILVEIRA, Daniela Oliveira. Op. Cit. p.27-28

¹⁷⁹ Id. Ibid. p.29

Um ano após ingressar no IHGRS, ao lançar a segunda edição de *História da Civilização: Civilizações Pré-Históricas*, pela Editora Globo, Bahlis fazia parte, além das entidades já mencionadas, da Société Academiq  D’Histoire Internationale, de Paris. Nos anos seguintes, ele se dedicou à pesquisa histórica (e   publicação de livros na área), ao seu Curso Rápido Comercial e, mais evidentemente na década de 1940, ao Partido Comunista.

VI.

A Liga Pr -México Antiimperialista funcionou até outubro de 1928, quando se desmembrou em duas entidades: a Liga Pr -México e a Liga Antiimperialista. A primeira não mais se preocuparia com questões políticas de ordem nacional, nem internacional, mas tão somente em estreitar os laços entre os povos brasileiro e mexicano.¹⁸⁰ Foi dela que a imprensa seguiu recebendo notícias do México, através dos telegramas enviados da Embaixada daquele país ao então cônsul mexicano de Porto Alegre, Carlos Fontoura.¹⁸¹ Já a segunda, ligada ao PCB, transformou-se em uma entidade de combate ao imperialismo em geral, tal como definido no III Congresso do Partido na passagem de 1928 para o ano seguinte.¹⁸² Suas atividades na capital continuaram sendo levadas a efeito no sobrado da Praça Parobé, mas sob nova direção. Com exceção de Luiz Cuervo (integrante da Liga Pr -México Antiimperialista) na comissão de controle, auxiliado por Manoel Scliar, os demais responsáveis pela Liga Antiimperialista eram José Jobim (secretário), Ignácio Mascagni (tesoureiro) e João Torres (bibliotecário). A entidade passou a fazer parte de um conjunto de associações políticas que os comunistas gaúchos começaram a criar. Chamadas “organizações auxiliares” a partir de 1929, o objetivo de tais entidades era facilitar a ação dos militantes em diversas frentes.¹⁸³

No início de 1929, o Comitê Regional do PCB – que funcionava em caráter provisório devido a divergências entre os dirigentes Luiz Cuervo e Hugo Ungaretti – elaborou relatório,

¹⁸⁰ Liga Pr -México. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12/10/1928, p.4.

¹⁸¹ As notas sobre a Liga Pr -México continuaram sendo publicadas pelo *Correio do Povo* até maio de 1929.

¹⁸² PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização   frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.93-94, 103-104 e 113

¹⁸³ Algumas delas foram o Centro de Jovens Proletários, o Comitê de Defesa da Imprensa Proletária, a Liga dos Consumidores e a Liga dos Inquilinos (ambas em Pelotas), além do Comitê de Luta Contra o Entrep sto do Leite e o Comitê de Operários e Camponeses de Luta Contra a Intervens o Federal e o Separatismo. Cf. PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização   frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.135

no qual traçou um panorama do contexto político e econômico no estado e a respeito da situação dos trabalhadores do campo e da cidade, bem como deu satisfações sobre a atividade da nova equipe diretiva.¹⁸⁴ Havia alguns meses que estavam dividindo Porto Alegre em zonas e lançando a base para a organização de células. A Juventude Comunista (chamada também de Juventude Proletária) funcionava não havia ainda seis meses, assim como a Liga Antiimperialista. Sobre esta, o autor do documento relatou o que segue:

A Liga com este nome funciona apenas há 4 meses. Existia antes com o nome de Liga Pró-México Antiimperialista. Fundada por **um intelectual pequeno-burguês**, mais para servir aos **seus próprios interesses** do que para combater o imperialismo, tivemos que travar dentro de seu seio luta aberta para pô-la no verdadeiro caminho.¹⁸⁵

O autor do documento, ainda não identificado, criticou duramente o organizador da Liga Pró-México Antiimperialista, referindo-se a ele como “um intelectual pequeno-burguês”, acusando-o de ter fundado a entidade, visando, na verdade, fins pessoais e, no fim, parecendo se inserir entre os que haviam conseguido colocar a Liga no rumo certo. Ocupando um cargo provisório no Comitê Regional, talvez o militante estivesse preocupado em mostrar aos dirigentes nacionais que estava fazendo um bom trabalho e que eles haviam acertado ao colocá-lo na posição que estava. Assim, de temporário, poderia passar a permanente. Por isso talvez ele tenha carregado nas críticas direcionadas ao presidente da Liga Pró-México Antiimperialista. Mas também é possível que o autor do relatório fosse favorável à nova orientação do comunismo internacional que levou o PCB a uma radical inflexão à esquerda no fim da década de 1920. A Internacional Comunista havia abandonado as esperanças na formação de frente única e passado a apostar na tática de “classe contra classe”. Na União Soviética, defendeu-se que, para combater a burguesia e as classes médias, os dirigentes comunistas deveriam ser oriundos do proletariado. No Brasil, a adoção das resoluções bolchevistas gerou o afastamento dos intelectuais da sua direção, inclusive daqueles que ali militavam desde seus primórdios, pois foram considerados de origem pequeno-burguesa,

¹⁸⁴ O episódio é relatado em detalhes por Peixoto, para quem o caso evidencia as divergências internas na militância comunista gaúcha, uma dissonância gerada por interpretações diferentes sobre a rota que deveria ser implementada pelo PCB no estado e a postura a ser adotada por seus membros. Cf. PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.87-90

¹⁸⁵ AEL. Coleção Internacional Comunista. Rolo 4. Relatório do Comitê Regional do R. G. do Sul. Datado de 26 de fevereiro de 1929. Alguns trechos do documento apresentam precárias condições de leitura, de modo que não foi possível decifrar completamente a passagem sobre a Liga Antiimperialista. Grifos nossos.

logo, inimigos da classe trabalhadora. Nesse processo, conhecido como proletarização ou como a política do obreirismo, os intelectuais foram substituídos por operários, mesmo que estes não tivessem capacidade teórica ou disponibilidade para tal.¹⁸⁶

Dulce Pandolfi salienta que, inicialmente, a proletarização teve apenas um sentido romântico, como relembrou Leôncio Basbaum, dirigente comunista na época:

Proletarizar-se significava, segundo alguns, abandonar hábitos burgueses, só fumar cigarros baratos, andar mal-vestido. A própria gravata passou a ser um sinal de tendência pequeno burguesa. E (...) até tomar banho diário era um resquício pequeno-burguês capaz de afetar a ideologia proletária do Partido.¹⁸⁷

Em pouco tempo, porém, o romantismo deu lugar a uma orientação radical. Os intelectuais ou foram substituídos em suas funções dirigentes, ou caíram no ostracismo, ou foram expulsos. Impuseram-lhes árduas tarefas, com o objetivo de proletarizá-los.¹⁸⁸ Foi assim que, para Jorge Ferreira, o estigma de “intelectual” ou de “pequeno-burguês” começou a se impor no horizonte político e cultural do PCB.¹⁸⁹

O termo “pequeno-burguês” passou a ser usado entre os militantes de origem humilde como um insulto àqueles acusados de se desviarem do perfil do “verdadeiro revolucionário”. É nesse sentido que podemos entender as palavras do autor do relatório do Comitê Regional do Rio Grande do Sul datado de 1929 sobre Jorge Bahlis, chamado de “intelectual pequeno-burguês” e acusado de ter criado a Liga Pró-México Antiimperialista visando objetivos pessoais, uma postura egoísta, vaidosa e individualista, própria da classe burguesa.

De acordo com Peixoto, o obreirismo começou a ser implementado no Comitê Regional do Rio Grande do Sul com a chegada de Marcos Piatigorski, enviado do Rio de Janeiro pela Comissão Executiva do PCB após a crise gerada em torno de Luiz Cuervo e Hugo Ungaretti. A reorganização do BOC foi uma das medidas tomadas imbuídas da nova orientação. Piatigorski pretendia ampliar a quantidade de militantes e aumentar a influência do BOC na classe trabalhadora. As orientações trazidas por este novo dirigente resultaram numa inflexão acentuada na rota política do BOC. As associações dirigidas pelos comunistas

¹⁸⁶ O caso mais grave e sempre destacado é o da expulsão de Astrojildo Pereira, secretário geral da organização, que acabou vítima da política que ele mesmo havia implementado.

¹⁸⁷ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. p.75 apud PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros*. História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995. p.100-101

¹⁸⁸ PANDOLFI, Dulce. Op. Cit. p.101

¹⁸⁹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: MAUAD Editora; Niterói: Editora da UFF, 2002. p.82

intensificaram as atividades de agitação, e o discurso revolucionário se extremou, embora tivesse pouco respaldo na realidade para ser posto em prática.¹⁹⁰

Piatigorski, porém, não permaneceu muito tempo em Porto Alegre para executar suas tarefas. Ele, com a esposa e o filho, mais o irmão também comunista Leon Piatigorski e o cunhado Simão Borodin, além de Nicolau Artzveno e de Pelayo Gil Ribas, foram presos e deportados no ano seguinte. Suas prisões e deportações resultaram do desenvolvimento, no seio do BOC, de uma agitação política legal associada a um trabalho conspirativo. Peixoto relata que o discurso comunista foi se intensificando, devido à ameaça de uma suposta intervenção federal no estado, a ponto de exigir armas em matéria publicada no jornal pelotense *Opinião Pública*.¹⁹¹ Essa postura cada vez mais radical foi defendida em um contexto explosivo em potencial, pois, nos primeiros meses de 1930, o governo do Rio Grande do Sul – aliado às facções da elite gaúcha reunidas na Frente Única – planejava contestar o resultado do processo eleitoral em curso. A pretensão comunista de pegar em armas atraiu logo as atenções da repressão policial, que, ao prender mais de vinte militantes, conseguiu desarticular as associações conduzidas pelo PCB no Rio Grande do Sul. Peixoto explica ainda, que, amedrontados, aqueles que não foram presos abandonaram Porto Alegre, e os que ficaram não enfrentaram a polícia, que só em 1932 deu sinais de arrefecimento.¹⁹²

Após liquidar com o quadro dirigente do PCB gaúcho, a repressão aos comunistas tornou-se menos intensa em 1932. Mas, ainda assim, as fontes que nos dão acesso a esse período são bastante exíguas. Em nível nacional, a direção do partido foi se modificando entre 1930 e 1934, tanto devido à perseguição, quanto à crise interna partidária.¹⁹³ No ano de 1933, uma nova direção começou a ser organizada no Rio Grande do Sul. Sob o comando do barbeiro Policarpo Hibernon Machado, antigos e novos militantes orbitaram em torno da FORGS.¹⁹⁴ Em 1932, um militante do PCB chamado Geminiano Candiota Xavier foi eleito

¹⁹⁰ PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.181 e 183

¹⁹¹ Id. Ibid. p.188

¹⁹² Id. Ibid. p.196

¹⁹³ CARONE, Edgar. *O P.C.B.* São Paulo: DIFEL, 1982. Vol.1. p.10. Alguns dos militantes que assumiram a direção no Partido foram Américo Bonfim, o Miranda, Lauro Reginaldo da Rocha, o Bangu, e Agildo Barata.

¹⁹⁴ Criada em 1906, durante a primeira greve geral ocorrida no estado, e inicialmente dirigida pelo socialista Francisco Xavier da Costa, a FORGS passou a ser controlada pelos anarquistas entre os anos 1910 e 1920. No fim desta década, enfrentando, por um lado, a onda repressiva desencadeada pelo movimento de 1930, e, por outro, a concorrência no seio dos trabalhadores com a Igreja Católica, com as correntes trabalhistas e com as entidades comunistas (principalmente o BOC), ela enfraqueceu, reaparecendo em 1933. Cf. MARÇAL, João Batista. *Organizações Operárias. Uma história feira de sangue e intolerância*. Porto Alegre: 2010. Mimeo. p.2

seu secretário geral¹⁹⁵, e, no ano seguinte – quando, depois de um longo período de influência entre as organizações trabalhadoras, os anarquistas estavam se retirando do terreno sindical –, os comunistas tomaram completamente a direção.

Na esteira do obreirismo, as atenções dos comunistas voltaram-se para o operariado. No interior da FORGS, eles criaram o jornal *A Voz do Trabalhador* e a Legião Proletária Rio-Grandense (LPR), através da qual tentariam conquistar espaço na constituinte estadual de 1934. Como esta logo foi posta na ilegalidade, eles fundaram outra organização, a Liga Eleitoral Proletária – LEP – cujo secretário geral foi Policarpo Hibernon Machado, dirigente comunista e editor de *A Voz do Trabalhador*.¹⁹⁶

Naquele ano eleitoral, os militantes do PCB realizaram autocrítica a respeito da posição contra os intelectuais assumida no fim da década anterior. Havia um novo e perigoso inimigo a ser combatido, o nazi-fascismo. A ideia de frente única voltou a ser defendida pela Internacional Comunista, principalmente quando Hitler ascendeu ao poder na Alemanha e, sabia-se, o combate ao comunismo era um de seus principais objetivos. A IC, assim, abandonou a tática de “classe contra classe” e deu início a da união de todas as tendências contra as direitas.¹⁹⁷ Entre os militantes do PCB, os intelectuais antifascistas foram recebidos com agrado no seio do Partido. Mas, de acordo com Jorge Ferreira, a desconfiança e o menosprezo por eles tornaram-se elementos constitutivos da cultura comunista.¹⁹⁸ No Brasil, a nova estratégia do comunismo internacional veio com a criação da Aliança Nacional Libertadora, a ANL, no rasto da qual muitos escritores ligaram-se ao PCB.

¹⁹⁵ MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos*. A vida de 31 militantes da classe operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p.144

¹⁹⁶ Id. *Organizações Operárias*. Uma história feira de sangue e intolerância. Porto Alegre: 2010. Mimeo. p.3; Id. *Fatos e personagens de nossa história operária*. Contribuição à história das lutas sociais no RS. Porto Alegre: 2009. Mimeo. p.57

¹⁹⁷ CARONE, Edgar. *O P.C.B.* São Paulo: DIFEL, 1982. Vol.1. p.11.

¹⁹⁸ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: MAUAD Editora; Niterói: Editora da UFF, 2002. p.185

УМД ЯЕСОМРЕИСД ДДИИИИИД:

Os frutos da conversão de Dyonélio Machado
ao PCB nos anos 1930

I.

Novos escritores acercaram-se do comunismo em Porto Alegre em meados da década de 1930. Vários romancistas, contistas e poetas foram atraídos para os quadros do PCB por motivos diversos nesse decênio, nele militaram com maior ou menor discrição e dele se afastaram em diferentes momentos e por razões distintas.

Um dos mais importantes – sobretudo pelo grau de engajamento – foi Dyonélio Machado, cuja ligação com o PCB teve início no decurso de sua atuação na Aliança Nacional Libertadora e se estendeu até o fim da década de 1940, quando se desligou da agremiação. O papel que desempenhou no Partido e a maneira como sua vida, de um modo geral, e sua carreira literária, em particular, foram afetadas pela adesão às ideias comunistas fazem de Dyonélio o personagem central desse capítulo e autorizam a reservar também para ele boa parte dos dois seguintes. Neste, especificamente, estudaremos sua adesão ao comunismo e as primeiras repercussões dessa escolha em sua trajetória.

II.

A ANL, lançada oficialmente no Rio de Janeiro em março de 1935, constituiu-se num importante polo de atração de alguns intelectuais para o PCB, mesmo que, inicialmente, os dirigentes comunistas tenham chegado a afirmar que o Partido a apoiava, mas não aderiria e nunca aderiria a ela.¹⁹⁹ Somente depois que Luís Carlos Prestes uniu-se aos aliancistas e lançou a palavra de ordem por um Governo Popular Nacional Revolucionário (GPNR), em

¹⁹⁹ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.176. A autora explica que o PCB não desejava apenas a derrubada do governo de Vargas, como os aliancistas, mas a organização de um regime baseado no exemplo soviético.

junho de 1935, o Partido Comunista passou a concentrar sua atividade na Aliança, tornando-a um instrumento da tomada do poder, muito embora alimentasse restrições à organização e advertisse seus partidários de suas “inclinações direitistas”.²⁰⁰ Alguns militantes, porém, participaram das manifestações públicas aliancistas sem aguardar autorização da direção.²⁰¹ Dentre eles, vários intelectuais.²⁰²

Caracterizada por seus organizadores como um movimento popular, anti-imperialista, antilatifundiário e democrático²⁰³, a ANL nasceu em uma situação sócio-política bastante agitada. Em nível mundial, o momento foi marcado pela ascensão e pela consolidação do nazi-fascismo na Europa. Diante do perigo que os projetos de Benito Mussolini e Adolf Hitler representavam para o comunismo internacional, a URSS abandonou a política de “classe contra classe” – que, como acompanhamos no capítulo anterior, inspirou o desenvolvimento do obreirismo no Brasil e acarretou o afastamento de numerosos intelectuais dos quadros do Partido Comunista – e passou a defender a formação de “frentes populares” contra os regimes vigentes na Itália e na Alemanha.

No Brasil, inúmeras greves eram deflagradas, grassavam as manifestações integralistas e a iminência da aprovação da Lei de Segurança Nacional (LSN) marcava a escalada autoritária no país. Havia um crescente descontentamento de determinados setores sociais com os rumos tomados pela política brasileira após a Revolução de 1930. Um importante grupo de decepcionados era formado pelos tenentes. Aliados de Vargas no conflito que pôs fim à Primeira República, eles vinham perdendo espaço e influência junto ao seu governo. Parte deles foi responsável pela criação da Aliança, tida como um novo caminho da luta iniciada em Copacabana em 1922.²⁰⁴ O principal segmento atraído pela proposta da ANL foram as camadas médias urbanas, desejosas de mudanças econômicas e sociais, sem que, para tanto, fossem necessárias transformações estruturais. A elas uniram-se organizações antifascistas de imigrantes, o movimento operário autônomo, a oposição parlamentar, jovens oficiais insatisfeitos com o governo Vargas e com a corporação militar, frações da burguesia e

²⁰⁰ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.177

²⁰¹ Id. A ANL (Aliança Nacional Libertadora). In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGO, Maria Izabel (Orgs.). *Corações Vermelhos*. Os comunistas brasileiros no século XX. São Paulo: Cortez, 2003. p.32

²⁰² PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista...* Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945). 1997. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 1997. p.94

²⁰³ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.158

²⁰⁴ Id. Ibid. p.128; Id. A ANL (Aliança Nacional Libertadora). In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGO, Maria Izabel (Orgs.). *Corações Vermelhos*. Os comunistas brasileiros no século XX. São Paulo: Cortez, 2003. p.41

a intelectualidade democrática.²⁰⁵ Esse dado parece expressivo das novas linhas divisórias que traçaram o padrão de comportamento político brasileiro, assinaladas por Joseph Love. Os altos índices de urbanização e de industrialização ressaltaram a “questão social” e novas organizações, baseadas mais em classes sociais do que em áreas geográficas, vieram à tona ao longo da década.²⁰⁶

De acordo com Marly Vianna, a Aliança chegou a ser muito forte em São Paulo e principalmente no Rio de Janeiro, estando ainda em estruturação na maioria dos demais estados quando foi fechada em julho de 1935.²⁰⁷ Esse foi o caso do Rio Grande do Sul, onde a oficialização da frente iniciou no mês de junho, com a instalação do Diretório Estadual Provisório (DEP) em Porto Alegre.²⁰⁸ O estudo de Diorge Konrad demonstra que a criação da ANL gaúcha emergiu da imbricação do regional e do nacional. Ela refletia questões ideológicas e programáticas integrantes do discurso do Diretório Nacional – como o combate ao integralismo e à LSN – mas também apresentava como seus objetivos a luta contra o governo Flores da Cunha, possivelmente ligada aos problemas econômicos que atingiam o estado – crise agropecuária e poucos recursos transferidos para a incipiente e restrita atividade industrial.²⁰⁹ Tais fatores mostraram-se relevantes para a criação da ANL e para a sua inserção nos setores médios e no seio do proletariado emergente, especialmente aqueles organizados em torno da FORGS e da LEP. A penetração de Aliança entre os trabalhadores urbanos de ambas as entidades talvez fosse um reflexo do papel decisivo, embora não exclusivo, que o PCB teve na instalação dos núcleos aliancistas no Rio Grande do Sul, diferenciando-se do ocorrido na capital federal. Segundo Konrad, os comunistas, que, na primeira metade dos anos 1930, estiveram no controle da FORGS e da LEP, viram na ANL uma oportunidade de trabalho legal junto às massas.²¹⁰

²⁰⁵ DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. p.291. Apud. KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.93-94

²⁰⁶ LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.267

²⁰⁷ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935. Sonho e Realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.163

²⁰⁸ KONRAD, Diorge Alceno. Op. Cit. p.175 e 179. Cabe ressaltar que as primeiras notícias a respeito da ANL no Rio Grande do Sul datam de maio de 1935 e remetem ao seu lançamento na cidade de Santa Maria. A partir daí, o movimento se expandiu para cidades, como Pelotas, Rio Grande, Passo Fundo, Bagé, Santana do Livramento, São Leopoldo e Cruz Alta.

²⁰⁹ Id. Ibid. p.144-155, 170 e 172

²¹⁰ Id. Ibid. p.170-173 e 231-234

A Aliança Nacional Libertadora funcionava a partir de uma estrutura hierárquica cujo topo era o Diretório Nacional Provisório (DNP), seguido de diretórios estaduais e municipais, com diversos núcleos a eles ligados (distritais, associativos, profissionais, escolares, rurais etc.).²¹¹ O diretório sul-rio-grandense foi instalado e seus membros eleitos em 8 de junho de 1935. No dia seguinte, o *Correio do Povo* informou a composição do DEP nos seguintes termos:

Presidente, dr. Dyonélio Machado, médico.
Vice-presidente, capitão Agildo Barata Ribeiro, oficial do Exército.
Secretário geral, dr. Aparício Cora de Almeida, advogado.
1º secretário, J. J. Parise Iglesias, acadêmico.
2º secretário, Raul F. Ryff.
Delegados de publicidade – Dr. Antônio Mesplé, advogado; Japi Salgado Freire, acadêmico.
Delegados de propaganda – Severino Ronque, acadêmico; Marciano Belchior Filho, gráfico.²¹²

Dos nove membros do DEP, pelo menos quatro eram comunistas: Agildo Barata, Antônio Mesplé, Japi Salgado Freire e Raul Ryff (jornalista).²¹³ Aparício Cora de Almeida e Dyonélio Machado juntar-se-iam aos demais nos meses seguintes.²¹⁴ Repare-se que não havia mulheres entre os responsáveis pela coordenação das atividades aliancistas no Rio Grande do Sul, e a maior parte deles tinha alto nível de instrução. Eram médico, jornalista, advogados e estudantes universitários. Um dado curioso: Dyonélio Machado não foi apresentado pelo *Correio do Povo* como escritor, mas como médico.

III.

Quando tomou parte da ANL, Dyonélio era figura pública, conhecido por sua atuação no jornalismo, na medicina, na literatura e na política. Ele estabeleceu relações – firmando-as

²¹¹ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.163; KONRAD, Diorge Alceno. Op. Cit. p.175

²¹² Organizada a Seção Estadual da Aliança Nacional Libertadora. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09/06/1935, p.3

²¹³ O nome completo de Antônio Mesplé era João Antônio Mesplé. Para maiores informações sobre ele e os outros comunistas, cf. MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008.

²¹⁴ O advogado Aparício Cora de Almeida militou por pouco tempo, pois foi assassinado em outubro de 1935. Maiores detalhes: BARATA, Agildo. *Vida de um Revolucionário*. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p.244; MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos*. A Vida de 31 Militantes da Classe Operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p.13-15; MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. Op. Cit.; MARTINS, Eloy. *Um Depoimento Político*. 55 anos de PCB. Porto Alegre: Pallotti, 1989. p.57

em laços de lealdade e de amizade – adquiriu saberes e acumulou prestígio nessas diferentes áreas, recursos que se mostraram oportunamente úteis, especialmente após sua adesão ao PCB.

Dyonélio Tubino Machado nasceu em Quaraí em 21 de agosto de 1895, filho da dona-de-casa Elvira Tubino Machado e do agente aduaneiro Sylvio Machado. Após ficar órfão de pai aos sete anos de idade, ele se dispôs a trabalhar como vendedor de bilhetes de loteria para ajudar na renda familiar, assegurada pela mãe por meio da costura. De acordo com Uirapura Mendes, sendo de família importante, mesmo que um seu ramo pobre, era preciso manter um mínimo de representação.²¹⁵ Dyonélio cursou o primário em sua cidade e se transferiu para a capital aos dezessete anos, a fim de avançar nos estudos. Em Porto Alegre, foi aluno de Afonso Emílio Meyer, professor de conhecida reputação humanista que não exigia remuneração por suas aulas, o que tornava possível a vários jovens do interior com poucos recursos materiais realizarem o curso secundário.²¹⁶

Nessa época, Dyonélio conheceu e se tornou amigo de Celestino Prunes, Alceu Wamosy e De Souza Júnior, entre outros, com os quais dividiu os custos de um quarto alugado no Beco do Império, situado no bairro Cidade Baixa. As discussões travadas por eles sobre filosofia, arte, literatura e música inspiraram-nos a denominar o espaço onde viviam “República do Império”, expressão que, futuramente, consagrou essa fase da vida dos jovens republicanos, a maioria deles proveniente da “Fronteira”, como Machado. Décadas depois, o escritor caracterizou sua adolescência em Porto Alegre e a convivência com os amigos amantes da literatura como o período que lhe proporcionou vida literária, algo que não voltou

²¹⁵ Cf. Delfos. MENDES, Uirapura. Aqui, Dyonélio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31/07/1966. As dificuldades financeiras enfrentadas pelo escritor durante a infância e a adolescência são recorrentes nos relatos sobre sua vida. Estes e outros episódios – como a criação do jornal *O Martelo* aos dez anos junto com amigos na cidade natal, ou da “República do Império” na juventude em Porto Alegre, a participação na ANL, a prisão, entre outros – foram tornados marcos de sua trajetória em uma considerável parcela de textos do gênero. Como exemplo, cf.: GRAWUNDER, Maria Zenilda. Sob o signo da solidão: Dyonélio Machado, autobiográfico. In: MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.xii-xxxii; MADRUGA, Artur. *Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Tchê!, 1986. Coleção Esses Gaúchos; MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos*. A Vida de 31 Militantes da Classe Operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p.75-81; MARÇAL, João Batista. *Quaraí, terra de intelectuais e guerreiros*. (Personagens ilustres da minha cidade). Porto Alegre: 1995. p.91-97; TILL, Rodrigues. *Dyonélio Machado*. O homem – a obra. Porto Alegre: E.R.T. Edições, 1995.

²¹⁶ DORS, Marinês. *Dyonélio Machado (1895-1985)*. Os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo, 2008. p.46

a ter depois.²¹⁷ Eles eram produtores de literatura e seus próprios consumidores; liam avidamente obras de Flaubert, Eça de Queirós, Baudelaire e Cruz e Souza.²¹⁸ Por essa mesma época, como mencionado rapidamente no capítulo anterior, outros homens dados às letras reuniam-se na Praça da Harmonia, veteranos e neófitos, como Roque Callage e Athos Damasceno Ferreira.

Quando retornou a Quaraí, ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, Machado havia tentado, sem sucesso, ingressar no curso de Medicina. Sem perspectivas de emplacar na carreira médica e diante da crise financeira do tio, que o matinha financeiramente em Porto Alegre, a solução foi voltar à terra natal, onde logo conseguiu ocupação como redator e, depois, diretor d'*O Cidadão* (porta-voz do Partido Republicano local) e como professor no Colégio Municipal. Ao que as fontes e a bibliografia indicam, alguns fatores podem ter facilitado o ingresso de Dyonélio na direção do jornal e no corpo docente do principal estabelecimento de ensino da cidade, indicando que o quaraense soube mobilizar relações e empenhar lealdades: a tradição republicana das famílias Tubino e Machado e sua própria filiação ao PRR, o fato do impresso ser propriedade dos Tubino e o do tio de sua futura esposa – Adalgiza Martins – ser o intendente da cidade naquele momento.²¹⁹ Nosso personagem, pois, fazia parte daqueles que, segundo Franco, “forçosamente” dividiam-se entre o PRR e a oposição no tempo do castilhismo-borgismo.²²⁰

De volta a Porto Alegre em 1920, foi nomeado ajudante de almoxarife do Almoxarifado Central na Secretaria de Obras Públicas do estado. A função pública não limitou suas atividades jornalísticas, as quais se ampliaram. Machado passou a publicar críticas e contos nos periódicos *A Tela*, *Kodak*, *Dário de Notícias* e *Correio do Povo*²²¹, além de seguir escrevendo sobre política para jornais políticos. Em 1921, na companhia de Theófilo

²¹⁷ Delfos. Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice... e este senhor, Dyonélio Machado. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 31/03/1979. Entrevista concedida a Leo Gilson Ribeiro.

²¹⁸ HOHLFELDT, Antônio. O primeiro livro. *Correio do Povo*, Letras e Livros, 03/09/1983, p.10. MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.8

²¹⁹ GRAWUNDER, Maria Zenilda. Sob o signo da solidão: Dyonélio Machado, autobiográfico. In: MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995, p.xv; MARÇAL, João Batista. *Quaraí, terra de intelectuais e guerreiros*. (Personagens ilustres da minha cidade). Porto Alegre: 1995. p.94; TILL, Rodrigues. *Dyonélio Machado*. O homem – a obra. Porto Alegre: E.R.T. Edições, 1995. p.55.

²²⁰ FRANCO, Sérgio da Costa. Homens de letras e a política: a política rio-grandense ao tempo do castilhismo-borgismo. *Métis*. História & Cultura, Caxias do Sul, v.2, n.4, p.263-271, jul.-dez. 2003. p.263

²²¹ DORS, Marinês. *Dyonélio Machado (1895-1985)*. Os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo, 2008, p.50

de Barros e De Souza Júnior, fundou e dirigiu *A Informação*, órgão do Partido Republicano. De acordo com Grawunder, a publicação denunciava e atacava violentamente Epitácio Pessoa, Hercílio Luz e Washington Luís e tomava a defesa de Nilo Peçanha para a presidência da República, chegando a suscitar apelos de moderação por parte de Borges de Medeiros.²²²

Dyonélio ligou-se à agremiação política que merecera a predileção dos familiares, principalmente os da linha materna.²²³ Sua família sempre havia estado envolvida na política e ele afirmou, em entrevista datada da década de 1970, sempre ter sido político. Foi muito amigo de Borges de Medeiros, de Protásio Alves e de toda a cúpula do PRR.²²⁴ Essa etapa da trajetória de Dyonélio mostra que ele fazia parte do universo de indivíduos estudados por Miceli que se tornaram intelectuais por não poderem se tornar outra coisa, os “parentes pobres” que faziam valer seu capital de relações sociais de modo a serem encaixados nas burocracias intelectuais em desenvolvimento (a grande imprensa, as instituições políticas e as organizações partidárias).²²⁵

Foram o jornalismo e a política que o levaram a escrever e a publicar seu primeiro livro em 1923, *Política Contemporânea – Três Aspectos*. Tratava-se de uma coletânea de ensaios que avaliavam, de forma muito crítica, entre outras questões, a presidência de Epitácio Pessoa e o modo como ele lidava com os problemas das diferentes regiões brasileiras, as possibilidades de êxito do governo de Artur Bernardes e a revolta tenentista de 1922. Por outro lado, os textos não deixavam de elogiar Borges de Medeiros e de expressar o orgulho do autor de ser “um modesto soldado republicano”.²²⁶ Para Marinês Dors, que analisou o percurso intelectual do escritor, suas ideias defendiam mudanças profundas na estrutura da sociedade brasileira: alteração das instituições e transformação nos valores sociais e na função das Forças Armadas e dos partidos políticos.²²⁷ A autora argumenta que o papel

²²² GRAWUNDER, Maria Zenilda. Sob o signo da solidão: Dyonélio Machado, autobiográfico. In: MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995, p.xv. Uma vez fechado *A Informação*, em 1922, Machado criou um semanário, *Farrapo*, com conteúdo semelhante ao do anterior.

²²³ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.81

²²⁴ Dyonélio Machado deixa como herança a certeza da solidariedade humana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/09/1976. Entrevista concedida a Antônio Hohlfeldt. 2ª Parte. In: MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.14

²²⁵ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.23, 51-53

²²⁶ MACHADO, Dyonélio. *Política Contemporânea – Três Aspectos*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1923. p.43

²²⁷ DORS, Marinês. *Dyonélio Machado (1895-1985)*. Os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo, 2008. p.59-60.

cumprido por Dyonélio se aproximou do indicado por Daniel Pécaut e Maria Tereza Sadek para os intelectuais da década de 1920, uma função caracterizada pela vontade de contribuir para o embasamento da cultura e da política nacionais, por inquietações, por ceticismo e por percepção de si como portador de uma missão de salvação, de regeneração e de construção de um novo país.

Essa questão da função social do escritor – ou da “literatura como missão” – esteve presente nas obras de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, autores que divergiam em vários aspectos – como nas opiniões no tocante à ciência, à civilização e à raça – mas que tinham na base de suas produções uma formação positivista comum e, em decorrência dela, um credo inabalável num humanismo cosmopolita.²²⁸ Dyonélio Machado recuperou experiência semelhante em entrevista concedida na década de 1970: “Eu tenho a base moldada pelo positivismo de Augusto Comte, universalista geral”.²²⁹ Mas, distinguindo-se dos dois literatos atuantes no Rio de Janeiro, que privaram com Benjamin Constant e Teixeira Mendes, ele formou-se a partir da interpretação que Júlio de Castilhos deu às ideias comteanas.

Castilhos, de acordo com Joseph Love, extraiu de Comte a crença na forma de governo republicana e ditatorial, abraçando a fé comteana pelo governo das classes conservadoras e defendendo fervorosamente a ordem como base do progresso.²³⁰ A filosofia social do pensador francês forneceu ao líder político gaúcho uma versão paternalista e racionalista do liberalismo oitocentista, caracterizada pela defesa das liberdades individuais, pela condenação da escravidão, pela exigência de separação entre Igreja e Estado, além da preconização da educação primária universal e da intervenção estatal para proteger os operários industriais.²³¹ O castilhismo, segundo Elisabete Leal, foi elaborado a partir da adaptação filosófico-política do Positivismo à realidade sul-rio-grandense – marcada pela disciplina e pela obediência aos chefes, pelo respeito às ordens e pela solidariedade do grupo. A interpretação dada por Castilhos aos preceitos do positivismo comteano reservou lugar igualmente importante para a moral, tendo o Estado – na pessoa do governante esclarecido e de reputação irretocável – papel primordial na busca pelo bem comum e na regeneração da

²²⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.142-143 e 146-149

²²⁹ Delfos. DYONÉLIO MACHADO, último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 26/12/1975. Entrevista de Marco Túlio de Rose.

²³⁰ LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.39

²³¹ Id. *Ibid.* p.39

sociedade.²³² O castilhismo foi consolidado na Constituição Estadual de 1891, cuja continuidade da execução foi assegurada por Borges de Medeiros. O sucessor de Júlio de Castilhos – no governo do Rio Grande do Sul a partir de 1897 e na chefia do PRR após a morte do “Patriarca”, em 1903 – aceitou os dogmas políticos do federalismo e do positivismo e lançou mão de autoritarismo, tal como seu predecessor.²³³

Dyonélio Machado era um dedicado militante do Partido Republicano Rio-Grandense. Foi diretor do “Club Republicano Borges de Medeiros”, inaugurado em novembro de 1921. Em seu discurso proferido na ocasião, e publicado no jornal *A Informação*, o então borgista qualificou-se como membro e representante do pensamento do PRR e abordou questões de cunho social (horário de trabalho, fixação de salário, estabilidade ou garantia da propriedade e a edificação de vilas operárias).²³⁴ Para Marinês Dors, como republicano, Dyonélio depositava esperança na nascente República, acreditando que ela apresentaria soluções para todas as questões operárias, em conformidade com o princípio do PRR de “incorporar o proletariado na sociedade moderna”.²³⁵ Em suas memórias, Machado afirmou que, além do vínculo de seus antepassados com os republicanos, outro liame o prendeu ao PRR: “sua feição socializante”.²³⁶

Talvez Dyonélio estivesse se referindo à tentativa de eliminação dos interesses materiais de governantes e cidadãos, segundo Leal, prevista tanto no positivismo de Comte como no de Castilhos. Havia uma face moralizadora que revestia alguns dos pressupostos do castilhismo. Entre eles, o repúdio dos interesses pessoais, identificados como ato de

²³² LEAL, Elisabete da Costa. *O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a Moral e a Mulher (1891-1913)*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1996. p.96, 100, 110-114 e 132

²³³ LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.82 e 88. O positivismo, de modo geral, e o castilhismo, em particular, influenciaram a linha de conduta que seria adotada pelos governantes do PRR e seus parlamentares no tocante às questões relativas ao ensino e ao exercício de atividades profissionais, tendo impacto também nas artes (na pintura, na literatura etc.) e na produção historiográfica. Para maiores informações, cf. TRINDADE, Hélió. (Org.). *O positivismo: teoria e prática*. Sesquicentenário da morte de Augusto Comte. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. Em especial, os textos: CORADINI, Odaci Luís. Regionalismo, positivismo e comunitarismo orgânico nos confrontos de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). p.419-440; GRIJÓ, Luiz Alberto. Positivismo, ensino superior e exercício profissional no Rio Grande do Sul nos inícios da República. p.445-454; LEAL, Elisabete. Política e arte na obra do positivista Décio Villares. p.313-353. Ver também SILVEIRA, Daniela Oliveira. “*O passado está prenhe do futuro*”. A escrita da história no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30). 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2008.

²³⁴ Delfos. MACHADO, Dyonélio. A questão social. *A Informação*, Porto Alegre, 07/11/1921, p.1-2

²³⁵ DORS, Marinês. *Dyonélio Machado (1895-1985)*. Os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo, 2008. p.52

²³⁶ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.81

imoralidade, pois vistos como egoísmo frente à coletividade.²³⁷ A historiadora revela ainda que, de acordo com a concepção castilhista, os indivíduos seriam livres se buscassem o bem público. Caso contrário, o Estado deveria intervir, com a força, se necessário, para encaminhá-los à ordem desejada. Assim,

A noção de liberdade individual apresentava-se muito dúbia, pois todos os cidadãos eram livres se não ofendessem a moral, cuja base [...] era a afetividade, onde o coração comandava mais que a inteligência. O altruísmo, representado no lema do PRR “Viver para outrem”, significa que todos devem algum sacrifício individual em nome da felicidade e do dever social. Este conceito de altruísmo referia-se tanto ao governo e aos cidadãos, como dizia respeito à conduta dos indivíduos.²³⁸

Tal como assinalado por Sevcenko para os casos de Euclides da Cunha e Lima Barreto em relação ao positivismo²³⁹, é possível que o castilhismo – sobretudo o elemento altruísta da doutrina – tenha formado um estrato básico na consciência do escritor quaraiense, aflorando em seus textos e animando seu projeto político e cultural. Daí a feroz crítica a Epitácio Pessoa em *Política Contemporânea*, qualificado por Dyonélio como “um presidente paulista, representante, portanto, de uma política exclusivista e interesseira”, referindo-se à atuação do chefe de Estado na Conferência da Paz de Versalhes, em 1919, ocasião em que havia estado mais preocupado com problemas brasileiros de ordem econômica (relativos café) do que com a paz mundial.²⁴⁰

A estreia de Machado na ficção ocorreu quatro anos depois, com a publicação da coletânea de dezessete contos *Um Pobre Homem*, editada pela Livraria do Globo, mas custeada pelo autor.²⁴¹ Ele dedicou as pequenas histórias para familiares, amigos da época da “República do Império”, antigos companheiros de discussões literárias na Praça da Harmonia e para médicos e desenhistas, com os quais convivia nas dependências de jornais e revistas

²³⁷ LEAL, Elisabete da Costa. *O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a Moral e a Mulher (1891-1913)*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1996. p.111

²³⁸ Id. Ibid. p.112-113

²³⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.142

²⁴⁰ MACHADO, Dyonélio. *Política Contemporânea – Três Aspectos*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1923. p.13

²⁴¹ Id. *Um Pobre Homem*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1927. Cabe lembrar que seu primeiro trabalho ficcional foi o romance *O Estadista*, escrito em meados da década de 1920, mas publicado somente em 1995, dez anos após a morte do autor. Cf. Id. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

(especialmente *Máscara*, *Diário de Notícias* e *A Federação*).²⁴² Os homenageados por Dyonélio compunham um conjunto de pessoas com as quais o escritor mantinha relações afetivas, políticas e profissionais. Ele convivia com elas em família, nas atividades partidárias, jornalísticas e acadêmicas. Em 1924, a pedido da esposa, ele havia ingressado na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, experiência da qual trataremos a seguir.

Cinco decênios mais tarde, o escritor lembrou que *Um Pobre Homem* foi muito bem recebido fora do Rio Grande do Sul, principalmente em São Paulo, onde se chegou a afirmar que era um grande escritor que aparecia. Mas no seu estado o livro “passou inteiramente despercebido”.²⁴³ Para Maria Zenilda Grawunder, a obra foi bem acolhida pelas críticas nacional e estadual. O que pode explicar a impressão que o autor teve de que seu conjunto de contos não foi notado é o fato, constatado por Grawunder, dos gaúchos terem se surpreendido com o rumo da temática e com o estilo do escritor, que fugia das vertentes em voga no estado, o romantismo e o regionalismo. Por essa razão, eles não se manifestaram a respeito. A autora concluiu que “não havia incompatibilidade, propriamente, mas também não havia identificação com os padrões estéticos e literários prestigiados” na época.²⁴⁴

De 1927 a 1934, Machado praticamente abandonou a literatura para se dedicar aos estudos de Medicina. Publicou apenas alguns contos no *Diário de Notícias* e noutros jornais.²⁴⁵ Mas ele já havia alcançado alguma notabilidade como literato e político. Um bom exemplo talvez seja o resultado de uma enquete realizada pela *Revista do Globo* em março de 1929, que convidava seus leitores a enviarem para a redação uma resposta à seguinte pergunta: “Se os homens de letras tivessem de fazer-se representar na Assembleia, qual deles escolheria o leitor ou leitora?”.²⁴⁶ O resultado foi publicado na edição seguinte, acompanhado de nota explicando que, ao realizar a pesquisa, o impresso não tinha intenções políticas, apenas curiosidade literária. Na opinião do público, os “homens de letras militantes” que deveriam compor o Legislativo gaúcho eram Zeferino Brasil (31 votos), Alcides Maya (29),

²⁴² Alguns homenageados: a mãe, o irmão, Severino Machado, a esposa e a memória do pai; De Souza Júnior, Hermínio Freitas, João Leopoldino Santana, Athos Damasceno Ferreira, Ernani Fornari, Luiz Vergara, João Pinto da Silva, Fábio de Barros, Décio Soares de Souza e Francisco Bellanca.

²⁴³ Delfos. Entrevista concedida a Ivone Bernhardt e Antônio Hohlfeldt em 21 de setembro de 1976 na cidade de Porto Alegre.

²⁴⁴ GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997. p.79

²⁴⁵ Delfos. MENDES, Uirapura. Aqui, Dyonélio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31/07/1966. Tanto a fase em que Dyonélio frequentou a Faculdade, como as décadas em que exerceu a Medicina, dispõem de pouco estudos. Mesmo as entrevistas, realizadas em maior parte na década de 1970, tiveram como objetivo conhecer melhor o escritor e o político, e não o médico.

²⁴⁶ Os inqueritos curiosos da Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano I, n.5, 02/03/1929, s/p.

João Pinto da Silva (24), Pedro Vergara (23), Dyonélio Machado (20), Darcy Azambuja (17), Roque Callage (16) e Luiz Vergara (11 votos).²⁴⁷ Repare-se que o literato em estudo logrou o quinto lugar na sondagem de opinião realizada pela *Revista do Globo*, ficando melhor colocado que Callage e Azambuja, escritores dedicados ao regionalismo, tema preferido pelo público. Marinês Dors afirma que Machado tornou-se pessoa de destaque na sociedade no decorrer da República Velha, ascendendo a cargos administrativos e passando a compor o grupo do poder. Essa posição parece ter sido conquistada através do trabalho na imprensa, que o transformou numa figura influente no cotidiano urbano.²⁴⁸ De todo modo, a partir do quinto ano do curso de Medicina, Dyonélio já havia abandonado a política, “desiludido com os partidos burgueses”, segundo relato *a posteriori*. Naquela época, registrou o autor, ele já havia iniciado sua marcha num outro caminho, considerado certo naquele momento, tendendo para a modificação da sociedade.²⁴⁹ O escritor sequer se pronunciou publicamente por ocasião da Revolução de 1930, ao contrário da maioria dos “homens de letras militantes” votados na enquete da *Revista do Globo* e outros literatos que frequentavam a livraria de José Bertaso, os quais se uniram num manifesto em defesa do movimento, convocando a população a fazer o mesmo.²⁵⁰

Naquele momento, Dyonélio Machado estava no Rio de Janeiro, onde realizava especialização em Neurologia e Psiquiatria. Ele havia concluído o curso de Medicina em 1929 e, desde o ano anterior, trabalhava no Hospital Psiquiátrico São Pedro. A formação médica ofereceu oportunidade para que Dyonélio adquirisse alguns recursos importantes, como as relações que estabeleceu com professores e colegas, representantes de famílias influentes, como os irmãos Bruno, Nino e Odone Marsiaj, Álvaro Barcellos Ferreira, Fábio de Barros, Florêncio Ygartua, Thomaz Mariante e Heitor M. Cirne Lima. Outro recurso importante foi o

²⁴⁷ Vida Literária. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano I, n.6, 16/03/1929. Foram escolhidos com menos de dez votos Moysés Vellinho (sob pseudônimo de Paulo Arinos), Vargas Netto, Augusto Meyer e Isolino Leal.

²⁴⁸ DORS, Marinês. *Dyonélio Machado (1895-1985)*. Os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo, 2008. p.53

²⁴⁹ Delfos. O centauro dos pampas. *Folha de São Paulo*, Caderno Letras, 21/12/1991. Entrevista concedida a Ivan Cardoso e Décio Pignatari em 1978.

²⁵⁰ Ao Rio Grande do Sul e ao Brasil. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano 2, n.19, 11/10/1930. Entre os assinantes, estavam intelectuais republicanos e libertadores, como Zeferino Brasil, Vargas Netto, Telmo Vergara, Theodomiro Tostes, Roque Callage, Raul Pilla, Moysés Vellinho, Mário Totta, Mansueto Bernardi, Lindolfo Collor, Fábio de Barros e Darcy Azambuja.

conhecimento médico, que lhe conferiria autoridade científica para se posicionar a respeito de diversos assuntos, não necessariamente no âmbito das coisas médicas.²⁵¹

Contudo, é preciso levar em consideração que o saber assegurado pela Faculdade de Medicina entre o fim dos anos 1920 e o início dos 1930 não era algo tido como absoluto e inquestionável. De acordo com Beatriz Weber, o “poder” da Medicina foi construído num longo processo, que, certamente, vinha desde o século XIX e se consolidou no Rio Grande do Sul por volta da década de 1940. Até ela alcançar a imagem de ciência inquestionável e onipotente, diversas práticas de cura, baseadas em diferentes concepções, disputaram espaços.²⁵² Após a fundação da Faculdade, em 1892, houve constantes conflitos entre adeptos de diferentes formas de curar e os médicos diplomados. Eles eram contrários à liberdade profissional, garantida pela Constituição Estadual de 1891, cuja base positivista – que preconizava a liberdade de religião, de profissão e de indústria – permitia que se proliferassem inúmeras práticas populares de combate às doenças. Os médicos provenientes da academia exigiam a regulamentação do exercício de sua profissão.²⁵³

A luta dos médicos deu um passo importante em 1931, ano da fundação do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul por um conjunto de profissionais atuantes na Santa Casa de Misericórdia, na Faculdade e na Sociedade de Medicina de Porto Alegre.²⁵⁴ Essas instituições, na explicação de Felipe Vieira, eram espaços de atuação, de visibilidade e de sociabilidade entre os médicos. Eles se esforçavam para construir uma visão da Medicina como uma conjugação entre “ciência” e “moral”, a primeira referindo-se à formação acadêmica, e a segunda, a princípios íntimos de equidade que norteariam a capacidade de decidir o melhor para os “interesses da coletividade”.²⁵⁵ Na verdade, a caracterização que elaboravam sobre o “médico” e seu oposto, o “charlatão”, defendia uma classificação elitista, para a qual suas

²⁵¹ O historiador Mauro Gaglietti explorou o uso que Dyonélio fez da autoridade que o conhecimento e a linguagem médica lhe conferiam em sua atuação no Legislativo estadual na década de 1940. Teremos oportunidade de examinar essa etapa da trajetória do escritor no quarto capítulo. Por ora, cf. GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na política. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 2007.

²⁵² WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar*. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928). 1997. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 1997. p.12-13

²⁵³ Id. Ibid. p.56

²⁵⁴ Uma primeira tentativa no sentido de combater a “liberdade profissional” e de elevar a condição dos médicos diplomados aconteceu com criação da Sociedade de Medicina de Porto Alegre em 1908. Cf. VIEIRA, Felipe Almeida. *“Fazer a classe”*. Identidade, representação e memória na luta do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul pela regulamentação profissional (1931-1943). 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2009. p.39

²⁵⁵ Id. Ibid. p.83 e 138

trajetórias eram, em certa medida, a própria realização.²⁵⁶ Mas a “classe médica” não tinha autoridade suficiente para impor essa categorização como legítima. Ela precisou mobilizar recursos políticos e jurídicos – através da pressão dos contatos pessoais com lideranças partidárias e de mandados de segurança – e contar com a intervenção estatal, cuja conquista ficou facilitada com o fim dos sucessivos mandatos de Borges de Medeiros e o ascenso da “geração de 1907”, que não mantinha a mesma rigidez “positivista” de Castilhos e seu sucessor.²⁵⁷ Ao longo desse processo, o prestígio e a aceitação dos diplomados entre a maioria da população eram bastante questionáveis, e o critério de ascensão estava baseado em atividades e recursos sociais diversos e, muitas vezes, alheios à profissão médica, visto que ela não dispunha de nenhuma autonomia relativa.²⁵⁸

Na área escolhida por Dyonélio Machado, tanto mais arriscado. Na primeira metade dos anos 1930, o Dr. Luís Guedes, então Diretor de Assistência aos Alienados do Estado, falou do desinteresse dos estudantes de Medicina pela Psiquiatria, pois havia uma “falsa noção” de que a disciplina era muito difícil ou quase inútil e sem proveito na vida prática.²⁵⁹ Em verdade, outros ramos da Medicina alimentavam preconceitos em relação à especialidade dedicada à doença mental. Naquela época, fazia décadas que a Psiquiatria buscava se constituir como o saber por excelência sobre a loucura no Rio Grande do Sul.²⁶⁰ Logo, além de lutarem enquanto médicos pelo reconhecimento da profissão, os psiquiatras também se esforçavam pelo reconhecimento de seu saber específico entre os colegas diplomados.²⁶¹

Assim, o título de médico – último recurso adquirido por Dyonélio na Faculdade de Medicina e na especialização cursada na capital federal a ser destacado – significava mais uma prova de requinte cultural e social do que de aperfeiçoamento científico ou técnico, servindo para a consagração de uma posição social já ocupada. O valor do título – retomando

²⁵⁶ VIEIRA, Felipe Almeida. “*Fazer a classe*”. Identidade, representação e memória na luta do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul pela regulamentação profissional (1931-1943). 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2009. p.145

²⁵⁷ Id. Ibid. p.45,46 e 142-144

²⁵⁸ Id. Ibid. p.19 e 83

²⁵⁹ KUMMER, Lizete Oliveira. *A psiquiatria forense e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul*. 1925-1941. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2010. p.45

²⁶⁰ WADI, Marmitt Yonissa. *Palácio para guardar doidos*. Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. p.212-213

²⁶¹ Um exemplo foi Jacintho Godoy, diretor do Hospício São Pedro nos intervalos de 1926 a 1932 e de 1937 a 1951, criador e primeiro diretor do Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul e responsável por outras diversas iniciativas no cuidado dos loucos no estado. Ele foi membro do Sindicato Médico, compondo seu conselho deliberativo nos anos de 1934 e 1935. Décio Soares de Souza, seu colega, foi um dos fundadores da entidade. Cf. KUMMER, Lizete Oliveira. Op. Cit.; VIEIRA, Felipe Almeida. Op. Cit.; WADI, Marmitt Yonissa. Op. Cit.

mais uma vez o raciocínio de Vieira – dependia das possibilidades de inserção do seu portador nas redes de relações que davam acesso às funções burocráticas e às instituições onde os diplomados atuavam.²⁶²

Quando participou da criação da Aliança Nacional Libertadora, Machado havia estado afastado da literatura por quase oito anos, devotado aos estudos e ao trabalho exercido no Hospital Psiquiátrico São Pedro, para o qual fora nomeado em 1928.²⁶³ Ponto alto em sua carreira médica foi a publicação da tese doutoral pela Livraria do Globo, *Uma definição biológica do crime*, em 1933.²⁶⁴ Talvez por seu nome estar mais relacionado à Medicina naqueles últimos anos é que foi acompanhado da ocupação “médico” na nota publicada no *Correio do Povo* sobre a instalação do diretório gaúcho da ANL.

Na verdade, após a publicação de *Uma definição biológica do crime*, Dyonélio pensou em retomar a criação literária. Sua ideia era colocar no papel uma estória que vinha amadurecendo havia anos, mas que acreditava ser mais propícia a um conto do que a um romance. O enredo girava em torno do drama de um funcionário público e pai de família de classe média sem dinheiro para pagar o leiteiro, correndo o risco de perder o fornecimento. Depois de vários obstáculos, ele conseguia a quantia, mas enfrentava uma noite angustiante, com o medo constante de que ratos roessem as cédulas deixadas sob a vasilha para aquele a quem devia.

Um dia, numa mesa de café, o psiquiatra relatou sua ideia para o escritor Erico Verissimo, que se mostrou encantado com o tema e o incentivou a concorrer ao Prêmio Machado de Assis, oferecido, na ocasião, pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo. Dyonélio, então, escreveu *Os Ratos* em vinte noites de dezembro de 1934 e se inscreveu no

²⁶² VIEIRA, Felipe Almeida. “*Fazer a classe*”. Identidade, representação e memória na luta do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul pela regulamentação profissional (1931-1943). 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2009. p.89-90

²⁶³ Dyonélio ingressou no quadro de funcionários do hospício durante a primeira gestão de Jacintho Godoy, juntamente com os médicos Jobim Bittencourt e Décio Soares de Souza. Cf. KUMMER, Lizete Oliveira. *A psiquiatria forense e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul. 1925-1941*. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2010. p.41

²⁶⁴ Na tese, o autor defendia que o que fazia o homem matar – cometer um ato criminoso – era a “concorrência vital”: a conquista da fêmea (para perpetuar a espécie), a ambição política (o desejo veemente pelo comando do grupo), as paixões, os instintos sociais (amor, afeto materno etc.). O delito constituía-se num modo excessivo com que o ser procurava realizar a luta pela vida, um excesso condicionado por um “exagero de personalidade”. A qualidade específica do delinquente, assim, era o exagero de personalidade, a exacerbação do amor-próprio e da vaidade, um egoísmo todo particular, do qual o indivíduo tirava sua linha de conduta. O crime nunca deveria ser visto como resultado de uma situação social. O papel da sociedade na gênese do pensamento criminoso não seria outro senão o de dar consciência. Cf. MACHADO, Dyonélio. *Uma Definição Biológica do Crime*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1933. Passim.

concurso. O resultado ele receberia algum tempo depois, numa situação política bastante difícil.

IV.

Com o Theatro São Pedro superlotado e cercado por forte aparato policial, a Aliança Nacional Libertadora foi instalada oficialmente no Rio Grande do Sul no dia 5 de julho de 1935. O evento, assim como os demais acontecimentos em torno da ANL, foi amplamente divulgado pelos principais veículos de comunicação do estado.²⁶⁵ O objetivo da solenidade era realizar uma sessão cívica, com homenagens aos rebeldes do Forte de Copacabana e a posse dos membros do DEP, embora estes já viessem em intensa atividade desde o mês anterior.

Dyonélio Machado e os demais integrantes do diretório sul-rio-grandense estiveram presentes na criação e no dia a dia da maioria dos diretórios municipais e núcleos criados na capital e no interior do estado, muitas vezes orientando seus membros sobre os fins, os deveres e o campo de ação da unidade em formação.²⁶⁶ Em Porto Alegre, núcleos foram organizados nos bairros Mont’Serrat, São João, Navegantes, Bom Fim, Cidade Baixa e Azenha; nas faculdades de Direito e de Medicina; e entre diversas categorias profissionais, como gráficos (principalmente os empregados pelos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* e pela *Revista do Globo*), madeireiros, comerciários, metalúrgicos, jornalistas, bancários e alfaiates.²⁶⁷

Em algumas ocasiões, Machado contribuía com o que tinha a oferecer: sua “cultura”, nas palavras de Eloy Martins. Segundo esse antigo militante – à época, já filiado ao PCB – nos encontros do Comitê dos Metalúrgicos da Aliança, Dyonélio “presenteava” os participantes “com um pouco de sua cultura” – no sentido de vasto e variado conhecimento –

²⁶⁵ Conforme Konrad, notícias sobre a Aliança Nacional Libertadora foram divulgadas por, pelo menos, quatro grandes jornais no estado: *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *A Federação* e *Jornal da Manhã*. O autor identificou em suas páginas o que caracterizou com uma síntese das formas de oposição à ANL encontradas em discursos de integralistas, católicos e membros da elite gaúcha presentes na Câmara Federal e na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Cf. KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.305-317

²⁶⁶ Exemplo: Aliança Nacional Libertadora. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/06/1935, p.5

²⁶⁷ KONRAD, Diorge Alceno. Op. Cit. p.187-188. Konrad salienta que o Diretório Municipal Provisório de Porto Alegre teve pouca atuação, devido à hegemonia do DEP, radicado na capital, e à diversidade dos núcleos, muitos dos quais tiveram suas sedes junto à do diretório estadual (p.184).

e cita uma frase do escritor: “Nós os intelectuais revolucionários, nos sentimos felizes ao estarmos juntos com os operários politicamente esclarecidos, entre nós não há discrepância de ideias”.²⁶⁸ Ao que parece, o quaraiense conquistou a admiração de Martins não apenas por ser um homem culto, mas por não se basear nisso para se colocar acima dos operários, pondo-se, pelo contrário, de igual para igual com aqueles trabalhadores no campo das ideias políticas.

De acordo com Konrad, devido à sua “grande cultura”, Dyonélio Machado proferia conferências, atraindo dezenas de pessoas para os núcleos aliancistas, principalmente entre o operariado, pelo qual era muito respeitado. O escritor participou da organização popular tanto nos bairros quanto nas fábricas, mas também integrou o Centro de Cultura Moderna, (organizado após o fechamento da ANL), semelhante ao ocorrido no Rio de Janeiro, onde os intelectuais nacional-libertadores atuavam no Clube de Cultura Moderna.²⁶⁹ Tal como Jorge Bahlis, na Liga Pró-México Antiimperialista, Dyonélio usou seu capital cultural em prol da ANL, além do prestígio e da notoriedade construídos até aquele momento no trabalho desenvolvido por ele na imprensa, na literatura e no Hospital Psiquiátrico São Pedro, tendo como resultado mais evidente a conquista de novos adeptos para as unidades aliancistas. No entanto, intelectuais não eram considerados estrategicamente convenientes por Luís Carlos Prestes. Consoante Palamartchuk, ele escolheu seu antigo companheiro da Coluna Invicta, Miguel Costa, ao invés de Caio Prado Júnior, para a presidência da seção paulista da ANL, por não querer um intelectual – sem disciplina partidária e militar – como futuro chefe do governo popular.²⁷⁰ Para a autora, o caso serve de exemplo da existência de preconceito em relação aos intelectuais no interior do PCB.

O levantamento das notas dos membros do DEP publicadas na imprensa, realizado por Diorge Konrad, revelou como o movimento aliancista no Rio Grande do Sul tratou das questões nacionais e as relacionou com as especificidades da região. De um modo geral, a seção gaúcha da ANL defendia os cinco itens básicos do programa da ANL nacional – suspensão do pagamento da dívida externa; nacionalização das empresas estrangeiras; reforma agrária e proteção aos pequenos e médios proprietários e lavradores; liberdade democrática para o povo brasileiro e os trabalhadores; e constituição de um governo popular.

²⁶⁸ MARTINS, Eloy. *Um depoimento político*. 55 anos de PCB. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1989. p.57. Sobre a organização do núcleo dos metalúrgicos, cf. Aliança Nacional Libertadora. Organizado o Núcleo dos Metalúrgicos, no Partenon. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/06/1935, p.9

²⁶⁹ KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.241-245

²⁷⁰ PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista...* Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945). 1997. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 1997. p.96

Os nacional-libertadores preocupavam-se em responder aos ataques de integralistas e de alguns setores da imprensa, declarando não ser um partido político, e menos ainda uma organização comunista ou uma associação antirreligiosa, mas uma frente de combate ao imperialismo, ao latifúndio e aos partidos antidemocráticos (entenda-se a Ação Integralista Brasileira – AIB). De todos os pontos, o que dizia respeito ao latifúndio preocupava particularmente a classe dominante sul-rio-grandense, formada, sobretudo, por grandes proprietários de terra.²⁷¹

Os itens mencionados foram abordados cada um por um orador no evento de instalação da ANL gaúcha no Theatro São Pedro, entre eles Lúcio Soares Neto, João Antônio Mesplé, J. Parise Iglesias, Maura de Senna Pereira (pela União Feminina do Brasil) e Aparício Cora de Almeida. Na ocasião, o pronunciamento de Dyonélio Machado – que, na qualidade de presidente da seção sul-rio-grandense da Aliança, presidiu a mesa – foi no sentido de solicitar aos presentes que deixassem o recinto em ordem, de modo a refletir o espírito ordeiro no qual haviam ocorrido os trabalhos.²⁷²

Ao conceder o Theatro São Pedro para a instalação da ANL, Flores da Cunha havia advertido Agildo Barata de que, se houvesse qualquer distúrbio, os poderes competentes interviriam.²⁷³ O Chefe de Polícia, Poty Medeiros, destacou forte contingente policial para garantir a “ordem pública”, requisitando a Guarda Civil e um piquete de cavalaria da Brigada Militar e comparecendo pessoalmente ao local para dirigir a ação dos policiais.²⁷⁴ Para Konrad, todo esse aparato era um reflexo da preocupação com o crescimento da Aliança no Rio Grande do Sul.²⁷⁵

O escritor quaraiense reservou parte das suas memórias para a ocasião, dando-a o título “Un episódio sous la: Terreur”. Ele conta que o ar achava-se “cheio de ameaças” e que a

²⁷¹ KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.190-200

²⁷² Foi instalada oficialmente, neste Estado, a Aliança N. Libertadora. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06/07/1935, p.5. Maura de Senna Pereira, a poetisa catarinense, mencionada também no capítulo anterior, havia-se transferido para o Rio Grande do Sul após casar com o militante anarquista bageense Dorval Lamotte. Ela chegou a publicar o livro *Discursos* pela Livraria do Globo, mas, ao romper o casamento pouco tempo depois, a escritora deixou o estado. Cf. MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008. p.100; PEREIRA, Maura de Senna. *Busco a palavra*. Florianópolis: FCC, 1985. p.10. Outras informações estão disponíveis em: http://www.aclsc.ufsc.br/paginas/maura_senna/cronologia.htm. Acesso em: 11 set. 2009

²⁷³ Sobre a negociação entre Barata e Flores da Cunha, cf. Política e Políticos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 04/07/1935, p.3; BARATA, Agildo. *Vida de um Revolucionário*. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

²⁷⁴ Foi instalada oficialmente, neste Estado, a Aliança N. Libertadora. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06/07/1935, p.5

²⁷⁵ KONRAD, Diorge Alceno. Op. Cit. p.215

decisão de instalar publicamente a ANL naquele 5 de julho de 1935 – uma data cuja escolha já era, por si só, um trabalho político – não se deu com facilidade. Os companheiros estavam temerosos e cogitavam a possibilidade de adiar a cerimônia. Mas protelar uma decisão importante como aquela, sobretudo diante de um perigo maior, o fascismo, seria como debandar, levando, na bagagem, “as esperanças de todo um povo”.²⁷⁶

As medidas tomadas por Poty Medeiros agastaram Dyonélio Machado, que, em carta a Alexandre Alcaraz, diretor do jornal *Correio do Povo*, questionou o procedimento enérgico por parte da polícia:

Porto Alegre, 8 de julho de 1935. – Exmo. sr. dr. Alexandre Alcaraz, m. d. diretor do “Correio do Povo” – Capital. Saudações. Em declarações feitas à imprensa desta Capital, o dr. chefe de polícia atribui a boa ordem reinante no comício de 5 de julho da Aliança Nacional Libertadora às medidas “enérgicas” (medidas de exceção, dizemos nós), por s. s. adotadas. E justifica essas medidas pelo aparecimento de um boletim (que a população não leu e que só a polícia viu) concitando o povo a transformar as comemorações de 5 de julho numa jornada sangrenta, boletim cuja origem a polícia deve conhecer muito melhor do que nós.

A verdade é que todo aquele inútil aparato bélico e as ameaças aparecidas nos jornais oficiais do governo, só eram de molde a intranquilizar a população, nunca a aquietá-la.

A boa ordem do comício de 5 de julho deve-se à Aliança Nacional Libertadora, que mostrou os seus elevados propósitos, desde o apelo público que fez aos seus companheiros, pedindo que comparecessem desarmados à sessão. Com efeito, apesar da revista operada pela polícia, nenhuma arma foi encontrada, numa assistência que orçou por duas mil pessoas aproximadamente.

É esta a verdade que convinha restabelecer, sobre o comício de instalação solene da Aliança Nacional Libertadora no Estado. [...] ²⁷⁷

O escritor colocou em dúvida a palavra da polícia quando sustentou que o boletim, com base no qual ela justificou a necessidade de forte policiamento, devia ser mais conhecido dos policiais do que dos aliancistas, sugerindo que o documento havia sido por eles forjado.²⁷⁸ Dyonélio afirmou, ainda, que o bom andamento da atividade aliancista daquela noite se devia, antes, aos propósitos pacíficos dos nacional-libertadores e aos cuidados tomados por eles nesse sentido, de modo que “aparato bélico” montado em torno do Theatro São Pedro só havia servido para gerar desassossego e insegurança na população. Duas semanas depois,

²⁷⁶ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.101-102

²⁷⁷ Aliança Nacional Libertadora. Uma carta do Dr. Dyonélio Machado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09/07/1935, p.5

²⁷⁸ Cabe lembrar que tal prática, se ocorreu, parecia já não ser novidade e continuaria sendo largamente usada pelos órgãos do governo. O caso que melhor evidencia isso é o “Plano Cohen”, atribuído falsamente aos comunistas de modo a justificar a instauração do Estado Novo. Outro exemplo foi encontrado por mim na *Revista do Globo* e analisado em MARTINS, Marisângela T. A. O Comunismo e a União Soviética nas páginas da *Revista do Globo* (1930-1945). *História em Revista*, Pelotas, v.16, pp.91-114, dez. 2010.

relembrou Machado em *Memórias de um pobre homem*, “eu ia pagar caro a veleidade de querer ter direitos de opinião”.²⁷⁹

O sucesso da instalação fez com que os aliancistas não percebessem os reflexos, em nível nacional, do manifesto de Prestes, “Todo Poder à ANL”, de modo que se sentiram motivados a ampliar o movimento.²⁸⁰ Naquele mesmo dia 5 de julho de 1935, no Rio de Janeiro, o presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora declarou um programa com as mesmas propostas anti-imperialistas, contra o latifúndio, pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores e a ampliação das liberdades democráticas. Entretanto, relata Vianna, Prestes concluiu a manifestação com um brado de alerta para as lutas revolucionárias que estariam por começar e clamando por um Governo Popular Nacional e Revolucionário. Esse foi o pretexto que o governo – articulado com alguns setores da imprensa e com os integralistas – esperava para colocar a organização na ilegalidade.²⁸¹

No Rio Grande do Sul, de acordo com Konrad, Flores da Cunha posicionou-se de forma cautelosa em relação à Aliança, seguindo as diretrizes do governo federal, mas agia com bastante violência para conter o movimento operário e as greves ocorridas em 1935. Com o fechamento da organização, o interventor externou ser contra extremismos – de esquerda tanto quanto de direita – mas, precisando escolher entre um deles, seria a favor do integralismo. A partir de meados de julho, a polícia sul-rio-grandense tornou-se cada vez mais repressiva e vigilante.²⁸² Além de enfrentar a ação policial patrocinada pelo estado, os nacional-libertadores eram atacados em outras três frentes: pela Igreja Católica (na qual a lança anticomunista era apontada pela autoridade do arcebispo D. João Becker), pelos adeptos da AIB e por determinados órgãos da imprensa (que costumavam congregar manifestações de repúdio ao comunismo e a ANL de todos os demais). Poderíamos dizer que, juntos, eles formavam a “indústria do comunismo”, que, na definição de Rodrigo Patto Sá Motta, constituía-se no conjunto de manipuladores que tiravam proveito do temor ao comunismo,

²⁷⁹ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.104

²⁸⁰ KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.210

²⁸¹ VIANNA, Marly. A ANL (Aliança Nacional Libertadora). In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Izabel (Orgs.). *Corações Vermelhos*. Os comunistas brasileiros no século XX. São Paulo: Cortez, 2003. p.54; Id. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.190-191

²⁸² KONRAD, Diorge Alceno. Op. Cit. p.268-273

supervalorizando a influência real do PCB e da URSS e criando uma imagem propositadamente deformada da realidade.²⁸³

O episódio do forte policiamento em torno do Theatro São Pedro na noite da instalação da seção gaúcha da ANL serve de exemplo da fabricação de “provas” do suposto perigo que os nacional-libertadores representavam para a sociedade. Para o Estado, bem como para a Igreja Católica e os integralistas, a Aliança Nacional Libertadora era um desdobramento do comunismo. D. João Becker convenceu integrantes de partidos políticos tradicionais a se unirem contra o “inimigo comum”, conseguindo apoio de Flores da Cunha, Borges de Medeiros e Raul Pilla. Eles formaram, segundo Konrad, essa “frente única contra o extremismo” em meados de julho de 1935. O propósito era defender as tradições a respeito da ordem, do culto à família e da pátria, pois, justificavam, não se podia medir “a intensidade da destruição do veneno que o extremismo inocula nas veias do povo”. Fazia-se necessário tomar medidas drásticas para “anular no nascedouro os efeitos terríveis do tóxico social” e barrar a “invasão do micróbio bolchevista”.²⁸⁴ Essa coalizão foi chamada, em um primeiro momento, de Ação Social Brasileira (ASB), cujo programa, publicado na grande imprensa, entre outras questões, estabelecia a necessidade de combate à “barbárie comunista”, mas deixando implícito o ataque à ANL quando se referia à “atividade velada do comunismo”.²⁸⁵

A linguagem utilizada pelos defensores da frente contra o extremismo evidenciava uma ordem de representações que associava a ação dos aliancistas a temas relacionados a doenças e à morte, como “veneno”, “tóxico” e “micróbio”, muito presentes no imaginário anticomunista estudado por Motta. De acordo com o autor, o comunismo era representado como enfermidade, e a ação dos comunistas tomava as vezes do trabalho silencioso dos agentes infecciosos nos organismos vivos, debilitando-os internamente, quando não os levando à morte.²⁸⁶

Esse conjunto de imagens elaboradas e dramaticamente difundidas pelo discurso anticomunista não somente conferiam sentido à realidade, mas transmitiam uma informação social sobre o “outro” (e também sobre o “eu”), manipulando a sua identidade e afetando a

²⁸³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002. p.161. O autor ressalva, contudo, que, em muitos casos, essa supervalorização não consistia numa artimanha orquestrada de forma fria e calculista, mas numa ação motivada por um anticomunismo convicto e por um conservadorismo sincero (p.170). Era de se esperar que houvesse reação do poder constituído frente ao manifesto lido por Prestes.

²⁸⁴ KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.283-284

²⁸⁵ Id. Ibid. p.285-288

²⁸⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op. Cit. p.53-54

sua reputação. Os significados possíveis de serem conferidos aos atributos supostamente típicos dos comunistas faziam deles pessoas desacreditáveis, porque agiam sornateiramente, disfarçando seus verdadeiros objetivos.

Os integralistas igualmente atacaram a ANL por meio dos principais jornais do estado. Várias publicações examinadas por Konrad mostraram a preocupação dos membros da AIB em associar a Aliança Nacional Libertadora ao comunismo em termos que inspiravam desconfiança e inquietude. A ANL, assim, foi apresentada por eles como “uma máscara do comunismo”, um movimento nacionalista determinado por um país estrangeiro (a URSS) e assim por diante. O referido autor salienta que a AIB logrou falsear o caráter da Aliança, auxiliando na repressão ao movimento e no afastamento das massas do quadro aliancista.²⁸⁷

As pesquisas de Motta – que se concentraram no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais – revelaram que os setores anticomunistas nunca demonstraram dúvida quanto à presença dos “vermelhos” na Aliança, denunciando sua influência desde o início. Eles foram acumulando argumentos – muitos exagerando na avaliação do perigo – para sustentar o caráter “subversivo” da organização, o que tornou mais fácil empurrá-la para a ilegalidade, sobretudo após o manifesto em que Prestes clamou “Todo o Poder a ANL”.²⁸⁸

Os grupos comprometidos na propaganda contra a Aliança Nacional Libertadora tiveram na imprensa seu principal ponto de apoio, principalmente nos jornais *Correio do Povo*, *A Federação*, *Jornal da Manhã* e *Diário de Notícias*. E foi através desses impressos que Dyonélio, enquanto aliancista, começou a ser associado ao comunismo. Em um primeiro momento, de modo indireto, por meio das matérias publicadas, no geral, pela Igreja e pela AIB, cujo teor vimos anteriormente. Em um segundo momento – em especial após sua carta para Alexandre Alcaraz ser publicada – o escritor conheceu a ira dos setores conservadores, ofendidos com suas insinuações. O editorial do *Jornal da Manhã* do dia 10 de julho o acusou de ser comunista num vocabulário típico do repertório anticomunista e com forte tom ameaçador:

O senhor Dyonélio Machado é um indivíduo de **maus bofes**. Feito presidente de um partido comunista nesta capital requereu e obteve do governo rio-grandense a permissão para realizar uma sessão solene no Theatro São Pedro com a qual se instalava o **credo vermelho** entre nós (...) Agora praticada a **profanação o comunista** Dyonélio Machado investe em carta a um dos matutinos locais contra as

²⁸⁷ KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.295, 299, 301 e 304

²⁸⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002. p.181-182 e 184

autoridades gaúchas tachando de inconstitucionais as acertadas medidas que houveram por bem por em prática para evitar os excessos muito do feitio dos propagandistas do **vermelhismo da Rússia**. Isso prova à sociedade que o **agente** Dyonélio Machado ignora **embriagado que achara com os “rublos” de Stalin** a própria Constituição Brasileira que proíbe por criminosa a existência no território nacional de correntes políticas que pretendem a modificação do regime federativo (...) Inconstitucional é a existência essa corrente que **se apelidou de ANL** para submeter o país ao regime universal que esmagou a consciência dos filhos da Rússia. Inconstitucional é a propaganda desse **credo calamitoso** que o senhor Dyonélio Machado promove à **sombra de um nacionalismo de ficção** (...) Cuide portanto o comunista Dyonélio Machado mais das suas ações do que das ações da polícia porque se não houvesse Lei de Segurança para esfriar as suas **posições bolcheviques** ter-se-ia um remédio bastante constitucional para aplacar o seu **impatriotismo** – A CADEIA!²⁸⁹

O editorial acusou Dyonélio Machado de ser comunista com uma série de expressões que o colocavam como um indivíduo desautorizado para questionar a atitude da polícia por ter má índole e mau caráter, por ter se vendido ao chefe do comunismo internacional a ponto de perder a lucidez. “Dyonélio Machado” – o autor fez questão de se referir a ele sempre pelo nome completo, procurando demarcar, com insistência, a distância que existia entre ambos – havia se transformado num representante do bolchevismo no Brasil, de modo que seu nacionalismo não passava de uma mentira. A solução, caso o escritor não procurasse moderar suas atitudes, seria a cadeia.

Ao ler esses trechos, o leitor do periódico possivelmente associou Machado a um sujeito sem moral, um farsante e um traidor. Foi o início de uma batalha simbólica entre o médico e escritor e os grupos anticomunistas, da qual resultou a sua estigmatização.²⁹⁰ Ser comunista não era desonroso em si mesmo, mas transformado pelo discurso anticomunista em uma deformidade política, ideológica e moral inaceitável; em um desvio – porque radicalmente diferente do comportamento político esperado ou considerado “normal”; num defeito a partir do qual se inferia uma série de outras imperfeições. Dyonélio – antes figura pública de respeito e prestígio – transformou-se em alvo das pressões do repertório anticomunista, que o enquadraram como pessoa indigna de confiança, gerando uma sucessão de prejuízos, no mínimo, simbólicos e tornando alguns espaços não receptivos ao literato. Continuaremos vendo que esse foi o alto preço que ele pagou por aderir ao comunismo.

²⁸⁹ O remédio que “eles” querem. *Jornal da Manhã*, 10/07/1935, p.4. Apud KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.311-312. Grifos nossos.

²⁹⁰ A problematização do processo de estigmatização do escritor estudado nesse capítulo, assim como dos que aparecerão nos capítulos seguintes, está sendo orientada pelas reflexões de Erving Goffman. Cf. GOFFMAN, Erving. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

Determinado o fechamento da ANL no dia 11 de junho²⁹¹, vários oficiais aliancistas foram presos a partir do dia seguinte. Uma vez na clandestinidade, a organização se desfez e o PCB passou a dirigir o que restava dela.²⁹² Em Porto Alegre, Poty Medeiros ordenou o fechamento do DEP, das DMPs e de todos os núcleos nacional-libertadores após receber de Flores da Cunha o telegrama do Ministro da Justiça, Vicente Rao, ordenando a ação. Diferente do ocorrido no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde houve protestos e greves contra a medida do governo, na capital gaúcha os membros da Aliança foram pegos de surpresa pela rápida ação policial, não esboçando maior reação. O Diretório Estadual chegou a publicar uma nota contendo duras críticas ao documento que decretou a ilegalidade da entidade e defendendo a reabertura das suas sedes.²⁹³ Mas a serenidade que acompanhou o fechamento das unidades aliancistas gerou “comentários” daqueles que estavam preparados para a insubordinação dos integrantes. E, por conta dessa atitude inesperada, o jornal *Correio do Povo* julgou ser conveniente ouvir o presidente da ANL. Dyonélio confessou estar surpreso com a determinação da Justiça, pois, para ele, ela nem mesmo tinha fundamento em lei. Por isso seus colegas permaneciam confiantes na retomada das atividades em breve.²⁹⁴

A calma foi interrompida por uma tentativa de greve de parte dos profissionais membros do Núcleo dos Gráficos da ANL em sinal de protesto pelo fechamento da entidade. Dyonélio Machado foi incumbido pela organização para articulá-la.²⁹⁵ Um dos envolvidos, Bernardo Garcia (ou Bernardino) foi surpreendido pela polícia na tarde do dia 17 em frente à Livraria do Globo, onde distribuía boletins concitando os gráficos à greve. Uma vez inquirido na Chefatura de Polícia, Garcia afirmou estar seguindo ordens da chefia estadual da Aliança. Os policiais, assim, resolveram deter o presidente da seção gaúcha.

A prisão foi efetuada à 1h da madrugada, quando Dyonélio voltava das oficinas gráficas dos matutinos, dedicado, justamente, na tarefa de realizar a greve. Garcia e Machado foram removidos para o 3º Batalhão da Brigada Militar, onde aguardariam a tramitação do

²⁹¹ Em reunião realizada anteontem, pelo governo federal, ficou resolvido que seriam fechadas todas as sedes da A.N.L. no país. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12/07/1935, p.1

²⁹² VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.192 e 197

²⁹³ A pedido. Aos aliancistas do Rio Grande do Sul. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14/07/1935, p.9

²⁹⁴ O fechamento da Aliança Nacional Libertadora. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16/07/1935, p.9

²⁹⁵ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.58

processo que responderiam como incurso no artigo 19 da Lei de Segurança Nacional.²⁹⁶ Outro operário, chamado Marciano Melchior, também havia sido detido pela polícia. Mas, a fim de livrar o “velho e denodado líder operário”, visto considerar um ativista político mais útil em liberdade, e também por acreditar que à polícia interessaria mais comprometer um doutor do que um simples trabalhador, Dyonélio assumiu a responsabilidade por tudo o que Melchior havia feito. Sua estratégia foi exitosa. Marciano foi absolvido, e Bernardino cumpriu uma punição menor que Machado,²⁹⁷ que foi condenado a dez meses e quinze dias de prisão.

O escritor quaraiense esteve preso no 3º Batalhão e na prisão das Bananeiras (no bairro Glória, em Porto Alegre). Certamente foi surpreendido com notícias do assassinato do colega aliancista, e advogado responsável por sua defesa, Aparício Cora de Almeida. Como outros ativistas políticos de oposição, Aparício apareceu morto em circunstâncias estranhas no dia 13 de outubro de 1935.²⁹⁸ Sua morte teve grande repercussão na imprensa, visto ser destacada personalidade no meio jurídico.²⁹⁹

É possível também que Dyonélio tenha ficado ciente da mobilização realizada no Rio de Janeiro pelo Sindicato Médico Brasileiro e pelo Club de Cultura Moderna em prol da sua libertação, ou do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul pelo afrouxamento das condições

²⁹⁶ Em suas memórias, o escritor cogitou a possibilidade de ter inaugurado a LSN. O artigo 19, no qual ele foi enquadrado, proibia “induzir empregadores ou empregados à cessação ou suspensão do trabalho por motivos estranhos às condições do mesmo”. A pena prevista era de seis meses a dois anos de prisão celular. Mas, de acordo com Konrad, o primeiro brasileiro processado pela LSN foi o engenheiro José Pimenta Filho, preso em Ribeirão Preto e incurso nos artigos 17, 18 e 19 da referida lei. Cf. respectivamente: MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.61; Foi preso como incurso na Lei de Segurança o Dr. Dyonélio Machado. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19/07/1935, p.14; KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.246-247

²⁹⁷ MACHADO, Dyonélio. Op. Cit. p.65-66

²⁹⁸ Até a metade da década de 1930, as mortes de, pelo menos, três militantes de esquerda ficaram insatisfatoriamente explicadas por parte dos órgãos do governo estadual, as de Waldemar Ripoll, primo-irmão da poetisa Lila Ripoll e acadêmico da Faculdade de Direito de Porto Alegre, a do médico e dirigente comunista Mário Couto e a do advogado Aparício Cora de Almeida. Para maiores detalhes, cf. BARATA, Agildo. *Vida de um Revolucionário*. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p.244; MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos*. A Vida de 31 Militantes da Classe Operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986, p.13-15; MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008; MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985. p.147-151, 154, 159, 161-174, 189, 191 e 199-200; MARTINS, Eloy. *Um Depoimento Político*. 55 anos de PCB. Porto Alegre: Pallotti, 1989, p.57; RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e Castigo*. Conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938). Passo Fundo: UPF Editora, 2001

²⁹⁹ O falecimento do dr. Aparício Cora de Almeida. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15/10/1935, p.5; Em memória do dr. Aparício Cora de Almeida. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17/10/1935, p.11; A morte do dr. Aparício Cora de Almeida. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/10/1935, p.5. João Antônio Mesplé, Carlos Alberto Brenner, Carlos Octaviano de Paula Júnior, Lúcio Soares Neto e João Genez Porto ficaram responsáveis pela defesa dos réus após a morte de Almeida, cf. O processo contra do dr. Dyonélio Machado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/10/1935, p.13

de sua prisão e abrandamento da pena.³⁰⁰ A iniciativa da entidade gaúcha partiu de Thomaz Laranjeira Mariante, catedrático da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e médico atuante na Santa Casa de Misericórdia. Ele enviou telegrama a Getúlio Vargas em nome do sindicato, apelando para que o presidente intercedesse pelo colega sindicalizado, uma atitude, segundo sua justificativa, motivada por “um fincado espírito de coleguismo” que unia todos os médicos do estado, não guardando, portanto, nenhuma ligação com movimentos de outras corporações de classe, nem significando identificação da classe médica sul-rio-grandense com as ideias do aprisionado.³⁰¹

Mariante tomou o devido cuidado de deixar claro que o que movia a mobilização dos membros do Sindicato em defesa de Dyonélio eram os laços de ofício – laços construídos, como vimos anteriormente, em meio à luta para a regulamentação da profissão de médico. Os colegas do psiquiatra empenharam seus nomes e a reputação (em construção) de sua entidade para ajudá-lo, mostrando que ele não estava só. Além de estar preso em decorrência de sua atividade na Aliança, Machado também havia sido retirado do cargo de médico que ocupava no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Da cadeia, Dyonélio redigiu carta afirmando estar acompanhando “com satisfação” a organização do Centro de Cultura Moderna, solicitando sua inscrição no mesmo e sugerindo que seu nome passasse para “Centro de Cultura Moderna Aparício Cora de Almeida”, em homenagem ao colega recentemente morto e um dos idealizadores da entidade.³⁰² Assim, como demonstram a missiva publicada no *Correio do Povo* e algumas evidências encontradas por Dors de que o escritor recebia constantes visitas de operários, intelectuais, estudantes e jornalistas³⁰³, embora oficialmente incomunicável, Machado não deixou de tomar conhecimento do que ocorria fora dos limites da prisão. Talvez o fato de conseguir furar a incomunicabilidade fosse resultado de um afrouxamento da vigilância policial em decorrência de ser Dyonélio Machado um médico com projeção na política e nos meios jornalístico e literário desde a década anterior.

³⁰⁰ Pela libertação do dr. Dyonélio Machado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17/10/1935, p.16; O processo contra do dr. Dyonélio Machado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/10/1935, p.13

³⁰¹ O processo contra do dr. Dyonélio Machado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/10/1935, p.13. Logo da prisão do psiquiatra, o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul não pretendia tomar atitude a respeito, segundo informou um de seus membros, cujo nome não foi divulgado, ao jornal *Correio do Povo*. Cf. A prisão do dr. Dyonélio Machado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19/07/1935, p.7

³⁰² Centro de Cultura Moderna. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29/10/1935, p.9

³⁰³ DORS, Marinês. *Dyonélio Machado (1895-1985)*. Os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo, 2008. p.90-91

Assim como os colegas de profissão se mobilizaram em favor do psiquiatra aprisionado, os amigos escritores igualmente usaram os recursos de que dispunham para prestar auxílio ao literato de Quaraí. Em entrevista concedida em 1990, o romancista Cyro Martins recordou que Dyonélio era muito amigo de Erico Verissimo – embora depois tenham se afastado. Quando Machado foi preso, “o Erico, que já era conhecido, se empenhou o que pode pelo Dyonélio. Ele passou uma noite inteira andando de um lado para outro. Foi com personalidades importantes da época para conseguir a liberdade de Dyonélio e não conseguiu nada”.³⁰⁴ O que Martins talvez não tenha ficado sabendo é que Verissimo não desistiu de ajudar Dyonélio e, se nada havia conseguido por um lado, tentou por outro.

Erico também era muito amigo do romancista baiano e militante comunista Jorge Amado, que reservou uma parte de seu livro de memórias, publicado em 1990, para contar um episódio que considerou representativo do caráter excepcional de Verissimo.³⁰⁵ Amado relatou que a organização do Prêmio Machado de Assis ficou a cargo do *Boletim de Ariel*, periódico de Gastão Cruls e Agripino Grieco, de cuja redação o escritor não desgrudava, curioso por acompanhar o andamento do concurso. Sabia quais candidatos tinham chances de vencer, pois conhecia a preferência de três dos quatro jurados. Gastão Cruls havia gostado de *Marafa*, de Marques Rebelo; Agripino Grieco, de *Totônio Pacheco*, de João Alphonsus; e Monteiro Lobato preferia *Música ao Longe*, de Erico Verissimo. Sendo o último jurado seu primo, Gilberto Amado, Jorge pensou em garantir seu parecer favorável ao amigo de Cruz Alta. Em carta para Erico, escreveu “vou cantar o voto do Gilberto para você”. A resposta, segundo seu relato, não tardou. Mesmo com votos garantidos e possibilidade de vitória, Verissimo retornou a missiva, avisando ao escritor baiano de que entre os originais havia um romance chamado *Os Ratos*, de autoria de um médico gaúcho que, naquele momento, achava-se preso, acusado de comunista. E apelou: se Amado pudesse fazer alguma coisa junto a Gilberto, que fizesse em favor de Dyonélio Machado – “assim se chamava o fulano”.

Jorge Amado seguiu narrando que a carta despertou seu interesse pelo livro e pelo autor: “comunista e preso, credenciais maiores”. Ele encontrou os originais nas dependências do *Boletim de Ariel*, leu-os e vibrou de entusiasmo, resolvendo visitar o primo para interceder pelo candidato. Amado conta que Gilberto sequer havia lido os originais dos concorrentes, alegando não ter tempo. Estava decidido a votar com Gastão Cruls, em cujo gosto e parecer

³⁰⁴ Delfos. Entrevista gravada com Dr. Cyro Martins sobre Dyonélio Machado no dia 23 de julho de 1990.

³⁰⁵ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p.515-517

confiava. Jorge, então, falou-lhe que Erico, apesar de estar na disputa, havia recomendado o romance de “um desconhecido”, “romanção, novidade em matéria de ficção brasileira”, acabando por interessar o jurado, que pediu para encontrar o manuscrito entre os originais para que os lesse. E prometeu: “vou ler, se achar que Erico e você têm razão até posso votar nele”. No dia seguinte, Gilberto telefonou para Jorge: “livro extraordinário, muito mal escrito mas que romance! Voto nele.” O prêmio acabou sendo dividido entre os quatro livros.

A decisão do júri do concurso promovido pela Companhia Editora Nacional foi publicada em Porto Alegre em julho, poucos dias depois da prisão de Dyonélio. Uma nota no jornal *Correio do Povo* tornou conhecidos os quatro romances vencedores.³⁰⁶ Segundo o impresso, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), patrocinadora do concurso, pesarosa pelo falecimento de um dos jurados – Ronald de Carvalho, morto num naufrágio no decorrer da competição literária – tinha decidido juntar a premiação de 2:000\$000 (dois mil contos de réis), correspondente à menção honrosa, à quantia de 10:000\$000 (dez mil contos de réis), destinadas ao primeiro colocado, e dividir o conjunto em partes iguais entre os quatro melhores originais. Teria sido essa a explicação para a divisão do prêmio oferecida de comum acordo pelo júri à imprensa? A nota publicada no jornal gaúcho suscita ainda outra questão: tendo o resultado do concurso sido divulgado no dia 21 de julho, e Dyonélio Machado preso no dia 18, Erico Verissimo teria tido tempo para interceder pelo amigo de Quaraí junto a Jorge Amado por correspondência, tal como relata em suas memórias o autor de *O país do carnaval*?

As narrativas memorialísticas que remontam à premiação de *Os Ratos* envolvem o caso numa confusão. Elas oferecem versões diferentes sobre o episódio, tornando complicada a sua reconstituição e, conseqüentemente, insustentável a sua análise, e obrigando o historiador a fazer algumas ressalvas e conjecturas. Além da narrativa de Jorge Amado, o fato também foi lembrado por Erico Verissimo e por Dyonélio Machado.

Em entrevistas concedidas pelo literato de Quaraí décadas depois do ocorrido, a versão foi diferente. Numa delas, realizada por Ivan Cardoso e Décio Pignatari em 1978, Dyonélio Machado contou que Erico Verissimo o induziu a escrever o romance para concorrer ao prêmio e, por essa razão, ele até lhe dedicou o livro. Mas acabou tendo uma grande decepção. Segundo a narrativa de Machado, um dia, Verissimo telefonou para seu consultório, dizendo ter uma notícia muito boa. Ele teria ficado sabendo, por carta de Jorge Amado, que o

³⁰⁶ Grande Prêmio “Machado de Assis”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21/07/1935, p.17

manuscrito que mais havia granjeado a simpatia da comissão julgadora era *Os Ratos*. Como a ação se passava em Porto Alegre, os pareceristas imaginaram que fosse de autoria de Erico e resolveram conferir os nomes por trás dos pseudônimos, descobrindo que este estava concorrendo, na verdade, com *Música ao Longe*. Ao invés de apreciar a notícia de que havia boas chances de vencer a competição, Dyonélio disse ter se decepcionado com a violação do sigilo do concurso: “isso foi uma água fria no meu entusiasmo, já não quis saber de mais nada”. Agradeceu a Erico e deu o assunto por encerrado. Depois disso, foi preso. Machado mencionou, ainda, outro detalhe. Ao saber do fato, Marques Rebelo (que até então não tinha nenhum livro publicado) teria exigido uma parte do prêmio para não tornar pública “toda a malandragem que fizeram...”.³⁰⁷ Em outras entrevistas, o escritor afirmou que estava preso quando o romance foi julgado e que, quando recebeu a notícia, aquilo não valia mais nada: “O prêmio maior era a edição! Isto era importante. Os três ou quatro mil réis, que foi o rateio do prêmio dividido por quatro, aquilo não era nada, mas a edição, tu sabes o que é editar um livro, esta era a vantagem”.³⁰⁸

Em suas memórias, Erico Verissimo não revelou que havia incentivado Dyonélio Machado a colocar *Os Ratos* no papel para concorrer ao prêmio. Por outro lado, contou que por sugestão deste colega escreveu *Música ao Longe* em poucas semanas para participar do concurso. No fim de 1935, segundo essa versão, recebeu a notícia de que cada um dos juízes tinha seu predileto e que eles haviam resolvido a questão repartindo a importância do prêmio entre os quatro. Erico diz ter sido informado através de um telegrama de Jorge Amado, com quem então “mantinha relações apenas de correspondência”. O romancista cruz-altense dedicou o livro premiado ao literato baiano e ao amigo quaraiense.³⁰⁹

As narrativas dos três romancistas não têm coesão. Isso pode levar o leitor a duvidar da confiabilidade desses testemunhos. De fato, a distância temporal pode dificultar a localização das lembranças – que subsistem de forma fragmentada – no tempo e a recuperação de determinados detalhes. Ademais, nem tudo fica armazenado. De algum modo, voluntário ou não, as pessoas esquecem. Essas são algumas das características das fontes

³⁰⁷ Delfos. Entrevista concedida por Dyonélio Machado a Ivan Cardoso e Décio Pignatari em 1978, publicada na *Folha de São Paulo* em 21 de dezembro de 1991.

³⁰⁸ MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.26-27

³⁰⁹ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Memórias. 1º Volume. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p.259-260

memorialísticas que colocam limites ao trabalho do historiador, mas não comprometem seu valor heurístico.

A chave do problema parece estar em Verissimo e no seu ato inconfessável. De acordo com Michael Pollak, “o problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar para do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação”.³¹⁰ Foi Jorge Amado quem revelou a trama mais de meio século depois, intervalo temporal que pode ter prejudicado a recuperação dos detalhes. Mas foi a oportunidade que ele encontrou para dizer o não-dito, pois Erico Verissimo e Dyonélio Machado já haviam falecido, liberando-o do compromisso ético de manter o episódio em segredo.³¹¹

Apesar do descompasso temporal entre as versões, há um fundo em todas elas: o fato de se saber da preferência da maioria dos jurados antes da conclusão do concurso e da divulgação oficial do seu resultado. Talvez Erico tenha pedido a ajuda de Jorge Amado para Dyonélio. Talvez ele o tenha feito antes da prisão, quando Machado já estava sendo alvo de ataques anticomunistas, que chegaram a cogitar a cadeia como o melhor remédio para calar o presidente da ANL.³¹² Quer dizer, a prisão de Dyonélio parecia ser algo iminente. Verissimo, porém, não revelou a este que o havia feito, preferindo contar uma versão um pouco diferente, a de que soubera pelo literato baiano da simpatia do júri por *Os Ratos* e da curiosidade dos membros em conhecer o nome verdadeiro de seu autor antes de definir o vencedor. Em *Solo de Clarineta*, por sua vez, publicado em 1974, o escritor cruz-altense viu-se no dilema de dizer o indizível, precisando realizar um trabalho de gestão da memória. Ele não narrou nem uma coisa, nem outra. Relatou a preferência dos jurados pelos quatro diferentes romances, porém, sem fazer menção alguma à intervenção junto a Amado em favor de Machado. Certamente, o autor de *Música ao Longe* não quis torná-la pública, esperando que continuasse em segredo, para não desacreditar os méritos do amigo, mesma razão pela qual escamoteou o peso de sua opinião na decisão de Dyonélio em escrever o livro para participar da competição literária. Por que teria Erico Verissimo dedicado o romance premiado a Dyonélio Machado e

³¹⁰ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p.3-15, 1989. p.9

³¹¹ Verissimo faleceu em 1975, e Machado, dez anos depois.

³¹² Além do editorial do *Jornal da Manhã*, analisado anteriormente, um relato do escritor Cyro Martins deu conta de que, quando presidente da ANL, Machado “esbravejava contra Flores da Cunha, o governador, em plena Rua da Praia, a céu aberto”. Atitudes como essa seguramente atraíram a atenção dos órgãos repressores do estado. Cf. MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990. p.111

a Jorge Amado se não se sentisse em dívida com ambos? Com o psiquiatra, por tê-lo convencido a escrever o livro para o prêmio; com Jorge, por ter atendido ao seu apelo.

Mas revelar aquela atitude desinteressada seria denunciar o silêncio compartilhado por alguns agentes do universo literário brasileiro da época que impedia que se percebesse a existência (ou a persistência) de regras alheias à arte a pautarem o funcionamento de instituições literárias importantes. Ao pedir por Dyonélio a Jorge Amado, ele contou com a estima e a admiração do amigo baiano na intenção de conseguir ajudar o amigo gaúcho. Amado, por sua vez, contou com a gratidão do primo – que se sentia muito devedor de seu pai por tê-lo ajudado a se diplomar em Direito – para obter algum resultado em favor daquele com quem parecia ter se identificado, o romancista preso acusado de ser comunista. O prêmio acabou percorrendo caminhos estranhos à literatura para assegurar um resultado que servisse para fins não necessariamente literários. A consagração nacional, assegurada pela vitória em um concurso promovido por uma das casas editoriais mais respeitadas do Brasil, daria ampla notoriedade e prestígio a Dyonélio Machado, que, até aquele momento, tinha o seu nome feito no Rio Grande do Sul, mas, para o resto do país, era “um desconhecido”, um “fulano”. O escritor quaraiense, assim, foi escolhido como um dos quatro melhores romancistas brasileiros de 1935, tendo *Os Ratos* publicado sob a autoridade do selo da Companhia Editora Nacional, o que, por si só, era excelente recomendação. Esses fatores fortaleceram-no, na medida em que contribuiram para o acúmulo – legítimo, porque assegurado pelos pares – de um importante capital simbólico que poderia ser explorado em outros meios.

Segundo Palamartchuk, para um preso político, ter um romance de sua autoria publicado por uma editora reconhecida era uma das formas de pressionar o governo e a polícia política. Esse tipo de solidariedade se multiplicou, constituindo-se numa maneira de criar uma espécie de “imunidade intelectual”.³¹³ Nas memórias de Jorge Amado, há outro episódio semelhante. Ele conta que foi procurado para ajudar Berthold Brecht, que estava sendo alvo de desconfiança do Partido Comunista Alemão em meados da década de 1950. Anna Seghers pediu para que Amado intercedesse pelo amigo junto ao júri do Prêmio Stalin, pois, se fosse vencedor, ninguém na Alemanha Oriental ousaria tocar nele, nem em seu teatro.

³¹³ PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista... Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 1997. p.97; Id. *Os novos bárbaros. Escritores e comunismo no Brasil*. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2003. p.164

O escritor baiano articulou-se com os principais jurados, garantindo o prêmio para Brecht e logrando com que o “pecê” alemão desistisse de incomodá-lo.³¹⁴

Em *Gaúchos no obelisco* – romance escrito por Cyro Martins tendo como pano de fundo a Revolução de 1930 e os acontecimentos dela decorrentes – a premiação de *Os Ratos* foi contada no capítulo 28. O autor recorreu a um diálogo entre personagens que apreciavam os livros premiados expostos na vitrine da Livraria do Globo:

– Na verdade – explicou o jovem bacharel a uma das moças que pararam junto com ele diante da vitrina – o prêmio deveria caber a só um dos concorrentes, mas o júri, na melhor das hipóteses, se embaraçou e acabou sagrando quatro nomes.
– Teria feito justiça? – indagou uma das moças, com um sorriso malicioso.
– Não creio – foi a resposta do bacharel, com um acento de superioridade na voz. Você sabe como são os concursos no Brasil. Vou escrever um artigo a esse respeito. O assunto merece ser esclarecido, principalmente porque tem dois gaúchos premiados. Antes, é claro, vou ler os quatro, para poder opinar com pleno conhecimento de causa.³¹⁵

Gaúchos no obelisco, publicado em 1984, assim como *Um menino vai para o colégio*, *Rodeio* e *A Dama do Saladeiro* foram livros em que Cyro Martins romanceou suas vivências. As obras concentram – algumas mais nitidamente que outras – um caráter autobiográfico, algo reconhecido por ele em entrevista publicada em 1990. Na ocasião, o conterrâneo de Dyonélio afirmou que, na ficção, o autor, “sem que haja uma intenção consciente, se infiltra na alma de seus personagens e nas mais diversas situações da sua criação literária”.³¹⁶ Martins, assim, infiltrou-se na alma do bacharel e da moça observadores da vitrine da Globo para expressar suas desconfianças em relação ao resultado do concurso. Através do diálogo, ele também sugeriu que manobras (poderíamos pensar, como a protagonizada por Verissimo e Amado) não eram incomuns nos concursos brasileiros.

A premiação de *Os Ratos* é demonstrativa de outro ângulo da relação entre os escritores e as classes dirigentes brasileiras, distinto dos abordados por Sergio Miceli e Daniel Pécaut.³¹⁷ Enquanto elas mobilizavam recursos de ordem jurídica para classificar como criminosos indivíduos e grupos que iam de encontro a seus interesses – provando a existência de um inimigo objetivo – e para justificar a perseguição e a repressão desencadeadas sobre

³¹⁴ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p.325-327

³¹⁵ MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985. p.186

³¹⁶ Id. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990. p.112

³¹⁷ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Especialmente o capítulo “Intelectuais e a classe dirigente no Brasil (1920-1945)”; PÉCAUT, Daniel. *Intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

eles, os escritores sujeitados a essa classificação lançavam mão dos meios de que dispunham para resistir à dominação: o poder de criação, o poder da consagração, enfim, o “poder do escritor”³¹⁸.

V.

Carlos Reverbel foi um dos visitantes a conversar com o presidente da extinta ANL na prisão. O jornalista e colega nacional-libertador publicou a entrevista com Dyonélio no jornal *A Razão*, de Santa Maria, no dia 20 de novembro, relatando que, na ocasião, o escritor teria manifestado admiração por Marx, Lênin e Stalin e afirmado sua crença no marxismo-leninismo – entendido como “teoria e tática da revolução proletária e camponesa em geral e da ditadura do proletariado em particular” – e no exemplo soviético.³¹⁹

Depois de ficar afastado da política e da literatura por quase dez anos, Dyonélio Machado retomou suas atividades em ambos. O próprio romance premiado refletiu o período em que ele esteve desacreditado da política brasileira após a Revolução de 1930 e ainda não havia decidido aderir ao socialismo, como se pode inferir de sua descrição sobre a indecisão de Naziazeno, personagem principal da trama:

A coluna vertebral de “Os Ratos” é a tragédia do homem que ainda se definia. Naziazeno Barbosa – o personagem central – está com um pé na “direita” e com o outro na “esquerda”. E sente que precisa dar um passo, que não pode continuar naquela posição. Mas não dá o passo. E o romance se desdobra em torno dessa “indecisão”.³²⁰

Foi na prisão que o escritor aderiu ao comunismo. Lá ele recebeu a visita do amigo e antigo correligionário Paim Filho, que lamentou encontrá-lo naquela situação, ao que Machado respondeu:

– Devo isso aos senhores.
Os senhores eram Borges de Medeiros, Protásio Alves, Paim Filho.
– Como?

³¹⁸ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p.197

³¹⁹ MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.16

³²⁰ Delfos. Conversa com Carlos Reverbel publicada no jornal *A Razão* em 20 de novembro de 1935.

– Os senhores me iniciaram, claro que indiretamente, no socialismo. Socialismo de estado, positivista. Progredi: fui até o socialismo propriamente dito: o socialismo marxista.³²¹

A adesão ao positivismo foi explicada por Dyonélio como uma etapa da evolução de seu pensamento político rumo ao socialismo, uma característica presente em fontes relativas a outros militantes de esquerda da Primeira República estudadas por Benito Schmidt.³²² Uma vez abraçado o comunismo, Machado se dedicou à causa por toda a vida, e ao Partido Comunista do Brasil por aproximadamente dez anos.

Em suas memórias, ele recordou que “um político militante – ativista – é útil em qualquer lugar, mesmo no cárcere”, embora o fosse ainda mais em liberdade.³²³ Dyonélio permaneceu encarcerado até quase findar novembro de 1935, quando obteve uma *surcis* (suspensão condicional da pena). A reincidência no “crime”, porém, poderia colocar o condenado novamente atrás das grades. Em suas memórias, ele lembrou que “o tipo de criminoso” que era favorecia sobremaneira a reincidência.³²⁴ E, mesmo que não fornecesse motivos, os órgãos repressivos não teriam dificuldades em encontrá-los. Deflagrados os conflitos em Natal, Recife e no Rio de Janeiro no fim de novembro – conhecidos *a posteriori* como a “Intentona Comunista” – o escritor retornou para a prisão, acusado de cumplicidade com os rebeldes. Alguns meses depois, o escritor foi transferido para a Casa de Detenção, no Rio de Janeiro, onde conviveu com um grande contingente de militares – presos ao longo da repressão à “Intentona Comunista” – e com muitos intelectuais que, assim como ele, não tiveram participação alguma na organização dos levantes. Graciliano Ramos foi um deles.

Delcy Silveira, um dos militares com quem Dyonélio conviveu na prisão carioca, contou que os detentos se organizavam em prol do coletivo e mantinham diversas atividades diárias. Aqueles que podiam – que recebiam visitas portadoras de dinheiro, doces e alimentos – ajudavam os que estavam em pior situação. Praticamente todos os militares e alguns civis levantavam às seis horas da manhã e, após uma hora de ginástica e de tomar o café da manhã

³²¹ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.81-82

³²² SCHMIDT, Benito. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.21, n.41, p.113-126, 2001. De acordo com o autor, além de positivismo e comunismo buscarem sustentação racional e científica para a forma como interpretavam a realidade e para suas propostas de transformação social, ambos conservavam uma perspectiva evolucionista e a crítica ao individualismo burguês. Mas a admiração ao postulado de Comte não foi consensual entre os militantes socialistas gaúchos (p.117).

³²³ MACHADO, Dyonélio. Op. Cit. p.65

³²⁴ Id. Ibid. p.70

(“uma água preta e um pão dormido”), colocavam a funcionar a “Universidade Popular”. Nela, os encarcerados estudavam o que queriam, recebendo as orientações de outros companheiros de infortúnio: soldados e operários foram alfabetizados; outros aprenderam ou melhoraram o francês (caso de Delcy); alguns frequentaram cursos de sindicalismo, de marxismo, de estratégia e tática militares etc. À noite, conta Silveira, tinha uma hora dedicada à “Voz da Liberdade”, na qual se liam escritos, comentavam-se artigos de jornais, cantava-se e assim por diante. Dyonélio foi uma das pessoas “gabaritadas” com quem Delcy estudou a doutrina de Freud.³²⁵

De acordo com o seu depoimento, além de fortificar seus conhecimentos econômicos e filosóficos sobre o marxismo, aquele ano de cadeia fortaleceu o que já era marcante em Silveira: “a confiança na vitória do socialismo”.³²⁶ Dyonélio parece ter passado por processo semelhante. Ao lembrar, no fim da década de 1970, o período em que ficou preso no Rio de Janeiro, ele contou que perdeu doze quilos, todos os dentes e algumas unhas, mas que nada disso o havia modificado, nem o abatido. Revelava um humor tão elevado que até parecia estar enamorado da cadeia.³²⁷ Adaptou-se muito bem à prisão e não assumiu “aquele ar melancólico” dos presos propriamente ditos, o que não ocorria apenas com ele.³²⁸

Foi no cárcere que o escritor aderiu ao comunismo e se tornou, efetivamente, comunista. Jorge Ferreira explica que não bastava declarar-se como tal, pois era exigida do militante uma transformação de seu próprio ser, que abandonasse os vícios inerentes à sociedade burguesa e capitalista e adquirisse uma nova identidade social.³²⁹ Era preciso, segundo Dulce Pandolfi, adotar o “espírito do partido”, o que pressupunha um envolvimento não apenas político, mas também existencial.³³⁰ O relato da firmeza com que enfrentou a prisão demonstra que, se já concentrava algumas das virtudes tidas típicas de um verdadeiro comunista – como inteligência e humanismo – nela Dyonélio as educou e as aperfeiçoou,

³²⁵ Depoimento de Delcy Silveira concedido à Claudira Cardoso e Daniel Milke em setembro de 2008 na cidade de Porto Alegre. p.22-23

³²⁶ Depoimento de Delcy Silveira concedido à Claudira Cardoso e Daniel Milke em setembro de 2008 na cidade de Porto Alegre. p.25

³²⁷ MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.18

³²⁸ Id. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.76

³²⁹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.72

³³⁰ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros*. História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995. p.36

transformando-se em um homem solidário, constante nas emoções e otimista, segundo Ferreira, algumas das exigências para alguém receber “o digno nome de comunista”.³³¹

Em contraposição ao *leque das virtudes* associado ao comunista por seus camaradas, os anticomunistas descreviam-no como violento e desonesto no plano político, dissolvente e deletério no plano social, subversivo e agitador no plano institucional, além de dissoluto e imoral – ou amoral – no plano familiar e sexual.³³² Além de ser taxado de comunista, devido a sua participação na ANL – carregando sobre si toda a carga de significados aviltantes e difamadores típicos do vocabulário anticomunista – Dyonélio Machado era um criminoso reincidente, um homem coberto pela vergonha, pela desonra e pela desconsideração. E todos aqueles que estavam próximos a ele compartilharam do seu descrédito. Os efeitos da sua estigmatização espalharam-se em ondas de intensidade decrescente, sendo os membros de sua família os mais afetados.³³³

Sem recursos financeiros para sobreviver em Porto Alegre, sua esposa mudou-se com os filhos para a casa dos pais, em Quaraí, onde passou a dar aulas de piano. Cyro Martins conta que chegou a lhe fazer uma visita de solidariedade, e Adalgiza, assustada, recebeu-o com muitas reservas.³³⁴ Ela e os filhos eram conhecidos na cidade como a mulher e os filhos do comunista.³³⁵ Cyro também visitou Dyonélio no Rio de Janeiro em 1937 e começou a ter maior contato com ele em Porto Alegre após a sua libertação. Mas Machado já não queria muito que o visitassem, para que não se comprometessem.³³⁶

O escritor comunista foi libertado em junho de 1937, beneficiado pela “Macedada” (uma referência ao então Ministro da Justiça, Macedo de Moraes). Ele contou que deixou a Casa de Detenção do Rio de Janeiro com várias tarefas a realizar.³³⁷ É provável, porém, que algumas delas tenham sido adiadas. Com a instauração do Estado Novo em 10 de novembro, Dyonélio temeu ser preso novamente e fugiu para Lages (SC) sob o nome falso de Paulo Martins. Lá ele ficou refugiado até Cordeiro de Farias assumir a interventoria do Rio Grande do Sul. O novo interventor concedeu-lhe anistia, e Machado pode retornar a Porto Alegre com

³³¹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.78

³³² Id. Ibid. p.72

³³³ Erving Goffman esclarece que aqueles imediatamente próximos ao estigmatizado acabam se tornando sujeitos aos problemas enfrentados por ele. GOFFMAN, Erving. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988. p.37-39

³³⁴ Delfos. Entrevista com Cyro Martins sobre Dyonélio Machado, datada de 23 de julho de 1990.

³³⁵ GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.14-15

³³⁶ Delfos. Entrevista com Cyro Martins sobre Dyonélio Machado, datada de 23 de julho de 1990.

³³⁷ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.73

sua família, retomar seu cargo no Hospital Psiquiátrico São Pedro, a criação literária e a atividade política, clandestina.

ЯЕСОМРЕИСДС (DES)ДГЯДДДВЕИС:

O PCB, os escritores e a literatura em
Porto Alegre no contexto do Estado Novo

I.

Na virada da década de 1930 para a seguinte, o grupo de escritores ligados ao comunismo na capital gaúcha se ampliou. Os nomes de Dyonélio Machado, de Ivan Pedro de Martins – comunista confesso – e de Cyro Martins – mais reservado – aparecem com regularidade nas fontes, protagonizando episódios significativos para suas carreiras e elucidativos dos embates no meio literário. Além dos três romancistas, outro comunista, chamado Justino Martins, desponta como um personagem extremamente importante dessa fase da história do PCB e da literatura no Rio Grande do Sul.

Nesse terceiro capítulo, estudaremos as articulações entre esses comunistas e o mundo literário porto-alegrense, dominado pela Livraria, pela Editora e pela *Revista do Globo*, durante o Estado Novo. Analisaremos como reputações, construídas na militância de esquerda (num contexto de desarticulação partidária e de forte repressão) e no âmbito da produção literária, repercutiram favorável e desfavoravelmente para todos os agentes envolvidos, e de que modo os comunistas e seu Partido – beneficiados pela abertura democrática em 1945 e pela derrota do nazi-fascismo – tomaram lugar no debate acerca da função social do escritor.

II.

Em *Memórias de um pobre homem*, Dyonélio Machado rememorou que a sua escolha para certas “tarefas” – as que diziam respeito a figuras “importantes” – devia-se a sua “pouco elogiável” (no interior do PCB) procedência: a pequena burguesia intelectual. Ao sair da prisão, manteve encontros com muitas pessoas no Rio de Janeiro e no interior do Rio Grande do Sul, mais especificamente em Santana do Livramento, onde procurou o então senador

Francisco Flores da Cunha, compadre de seu pai.³³⁸ Para o Partido Comunista, era extremamente útil ter em seus quadros uma pessoa bem relacionada, tanto mais após a instauração da ditadura do Estado Novo, quando os comunistas caíram na absoluta clandestinidade. Na entrevista concedida à Claudira Cardoso e Daniel Milke, o antigo militante Delcy Silveira relembrou o quanto a ilegalidade era dura e desgastante. Ele dormia de botas e bombachas. As noites eram reservadas para as “tarefas” (estabelecimento de contatos, encontros etc.). “A vida ilegal é dura, dura, dura.”³³⁹ O Partido praticamente inexistia, e a maior preocupação dos seus dirigentes era com a preservação de seus quadros. Quando o PCB não teve mais condições de manter seus filiados na ilegalidade – devido, principalmente, à perseguição policial – o exílio foi o destino da maioria deles. Silveira partiu para o Uruguai – onde chegou a dormir na rua e passar fome – e depois para a Argentina.³⁴⁰ Esse aspecto também foi registrado por Eloy Martins, comunista de destacada militância no setor sindical. Ele lembrou que o PCB do fim dos anos 1930 não funcionava como organização no estado e que seus partidários atuavam em grupos isolados.³⁴¹

A polícia, por sua vez, sempre esteve ciente da movimentação comunista e procurou neutralizar suas investidas. Uma das estratégias mais exitosas foi a infiltração de agentes policiais entre os militantes. Eles relatavam com minúcias as tentativas de reestruturação do Partido, forneciam nomes e endereços, facilitando o trabalho de captura efetuado pelos colegas investigadores.³⁴² A repressão, assim, desempenhou papel importante na desarticulação do movimento comunista gaúcho ao longo do Estado Novo. Para tanto, contou com uma boa dose de ingenuidade e de despreparo dos vigiados, que, além de preocupados

³³⁸ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.74. Machado não revelou o objetivo da visita ao irmão de Flores da Cunha. Este permaneceu no governo do estado até 17 de outubro de 1937, quando renunciou ao cargo após tentar, sem êxito, impedir a permanência de Getúlio Vargas na presidência da República. Para maiores informações, cf. GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005. p.12-18; LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.272-273. Para uma narrativa romanceada, conferir os capítulos finais de MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985.

³³⁹ Depoimento de Delcy Silveira concedido à Claudira Cardoso e Daniel Milke em setembro de 2008 na cidade de Porto Alegre. p.33-34

³⁴⁰ Depoimento de Delcy Silveira concedido à Claudira Cardoso e Daniel Milke em setembro de 2008 na cidade de Porto Alegre. p.35-41. Da Argentina, Silveira, junto com José Gay da Cunha e Homero de Castro Jobim, foram para a Espanha, a fim de ajudar os republicanos na Guerra Civil Espanhola, retornando ao Brasil em 1939.

³⁴¹ MARTINS, Eloy. *Um depoimento político*. 55 anos de PCB. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1989. p.72

³⁴² NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 3. F.00235: Boletim Informativo datado de 9 de maio de 1939, Porto Alegre; NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00409: Ofício enviado pelo Interventor Federal por Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, datado de 17 de março de 1943.

com os cuidados necessários à ação clandestina, ainda enfrentaram graves disputas no seio da direção nacional do Partido.³⁴³

Embora os desentendimentos se concentrassem no eixo Rio-São Paulo, a organização comunista sul-rio-grandense foi, de certo modo, atingida. O jornalista Raul Ryff – filiado ao PCB desde 1932 – relatou em breve texto autobiográfico de 1946 que, por criar dificuldades ao trabalho da direção nacional, o camarada Hílio Manna foi enviado ao Rio Grande do Sul.³⁴⁴ Hílio de Lacerda Manna esteve no estado no início de 1937 e, em agosto deste ano, participou de um encontro ampliado do Bureau Político do PCB, no qual, junto com Hermínio Sacchetta, opôs-se acirradamente às teses do secretário-geral do Partido, o Bangu.³⁴⁵ De acordo com o relato de Ryff, uma vez aqui instalado, Manna deu início a “uma vida de desregramento pessoal”, “fazendo muito ruído e abandonando totalmente o trabalho partidário orgânico”, o que demonstrou logo seus “objetivos fracionistas”. O jornalista conta que, juntamente com sua companheira, a poetisa Beatriz Bandeira, contrariou e criticou a “orientação golpista e aventureira” que o visitante tentava imprimir ao Partido no Rio Grande do Sul, tendo como recompensa uma proposta para suas expulsões feita por Hílio ao Comitê Central do PCB.³⁴⁶ Pode-se depreender do relato de Raul Ryff que, no pouco tempo em que ficou no estado, Manna tentou colocar em prática um procedimento diverso do imposto pela direção partidária – comandada por Bangu.

Taticamente confusos e sob forte repressão policial, os comunistas de Porto Alegre atuaram subterrânea e desarticuladamente nos primeiros anos do Estado Novo. Essa situação se manteve – a deduzir das fontes disponíveis até o momento – até a entrada da União Soviética na Segunda Guerra Mundial junto aos Aliados em 1941. Segundo apontamentos da polícia política, desde então, um grupo específico de militantes deu início à manobra de

³⁴³ A referida disputa se desenrolou em torno da tese de Lauro Reginaldo da Rocha (o Bangu), então secretário-geral do PCB, que defendia a burguesia nacional como força motriz da revolução brasileira. A ela se insurgiu um grupo de militantes liderados por Hermínio Sacchetta – membro do Bureau Político (BP) do PCB e secretário regional do PC de São Paulo – e Heitor Ferreira Lima, também membro do BP, para os quais caberia aos trabalhadores o papel central no processo revolucionário. Uma análise magistral desse conflito político-ideológico pode ser consultada em KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea. O PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2003.

³⁴⁴ APERJ. Fundo DPS. Série Dossiês. Notação: 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. Folhas 28 e 29: Autobiografia de autoria de Raul Francisco Ryff datada de 30 de março de 1946.

³⁴⁵ KAREPOVS, Dainis. Op. Cit. p.429

³⁴⁶ APERJ. Fundo DPS. Série Dossiês. Notação: 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. Folhas 28 e 29: Autobiografia de autoria de Raul Francisco Ryff datada de 30 de março de 1946. A passagem de Hílio de Lacerda Manna pelo Rio Grande do Sul também foi relatada numa autocrítica de Flávio Argolo. Cf. APERJ. Fundo DPS. Série Dossiês. Notação 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. Folhas: 19-27: Flávio Argolo – Balanço autocrítico de minha atividade no P.C. do B. a contar de maio de 1936 até março de 1946. Documento datado de 13 de julho de 1947.

recompor os quadros dispersos e enfrentar a situação desvantajosa por meio de atividades absolutamente legais.³⁴⁷ Tal grupo era formado pelos intelectuais, segmento desacreditado e menosprezado no interior do Partido, principalmente após o processo de proletarização, mas munido de recursos altamente importantes naquele contexto.

Em ofício enviado ao Interventor Federal, o Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, Aurélio da Silva Py, informou que o ingresso da Rússia no conflito internacional havia permitido a propaganda pública do Exército Vermelho, do heroísmo russo e do papel preponderante daquele país no salvamento da civilização atacada “pelos bárbaros nazi-nipofascistas” em matérias de publicidade. Segundo seu informe, vários comunistas “afastados da pena” a ela tinham regressado, explorando títulos e notícias vindas da guerra na Rússia, e muitos deles se correspondiam, chamando a atenção dos camaradas para a oportunidade que se oferecia e dando-lhes orientações.³⁴⁸

Desde 1942, a polícia vinha interceptando correspondências enviadas por Tito Batini, escritor e dirigente do PCB em São Paulo, para dois intelectuais comunistas do Rio Grande do Sul. Um deles era Eduardo Barreiro, atuante em Passo Fundo; o outro, Justino Martins, jornalista natural de Cruz Alta que, desde 1939, dirigia a *Revista do Globo* e, havia alguns anos mais, fazia trabalhos de revisão e tradução para a seção editora da Livraria do Globo.

III.

José Otávio Bertaso – um dos filhos de Henrique Bertaso e seu sucessor no comando da Editora Globo – relatou em livro de memórias que, no fim dos anos 1930,

as tendências políticas de mestre Justino e de seus principais colaboradores eram nitidamente esquerdistas, “Gente de Moscou”, como sentenciou um amigo da casa em conversa com meu avô José Bertaso: “Bertaso, tu, teus sócios e teus filhos estão sentados em cima de um vulcão que poderá explodir a qualquer momento”, declarou em tom melodramático. “Tudo o que se relaciona com a Guerra Civil Espanhola é nitidamente a favor do governo espanhol, que presentemente está sob absoluto controle dos comunistas”. E continuava ante o semblante sério do meu avô: “Bertaso, a tua revista não foi capaz de mencionar que a partir de maio de 1937 os comunistas passaram a perseguir e expurgar do governo todos os outros partidos de

³⁴⁷ NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00409: Ofício enviado pelo Interventor Federal por Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, datado de 17 de março de 1943.

³⁴⁸ NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00409: Ofício enviado pelo Interventor Federal por Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, datado de 17 de março de 1943.

esquerda e a desarmar e prender suas milícias que estavam no front. Prenderam e até agora estão fuzilando muita gente.” [...] ³⁴⁹

Por ocasião da assinatura do Pacto Ribbentrop-Molotov entre a Alemanha e a URSS, em 1939, Bertaso lembrou que houve um clima de constrangimento entre os militantes da esquerda e da direita em todo o Brasil. Daqueles que orbitavam em torno da Globo, os que se mantinham equidistantes de ambos os extremos se divertiam com a situação, fazendo comentários como

“Eu não disse para vocês que os três, Hitler, Stalin e Mussolini, são celerados da mesma espécie? Que tanto vocês, Justino e Décio [Freitas], quanto tu, [Ernani] Fiori, são três rematados patetas e que a partir de agora terão que elogiar respectivamente a grande Alemanha que Hitler está construindo e os maravilhosos progressos que estão acontecendo na Rússia?” E outro, em tom de brincadeira, afirmava: “Vocês sabiam que até o Jorge Amado está colaborando numa publicação subsidiada pela embaixada alemã? E que Felix Cotreiras Rodrigues foi visto tomando chá com torradas com Dyonélio Machado?” ³⁵⁰

Os excertos das memórias de José Otávio Bertaso permitem deduzir que a ligação de Justino Martins – assim como de Décio Freitas – com o comunismo foi estabelecida desde, pelo menos, 1939. Além disso, outro elemento pode ser destacado, principalmente do primeiro trecho: o fato de Martins ser “gente de Moscou” e dessa sua característica influenciar na decisão do que publicar e de como divulgar determinados assuntos na revista do velho Bertaso.

Os relatórios policiais dão-nos conta de que Justino havia sido um membro influente do Partido Comunista no Rio Grande do Sul, chegando, inclusive, a ocupar um cargo no secretariado de Porto Alegre, um dado extremamente importante, embora ainda não possível de ser confirmado em fontes de outras naturezas. ³⁵¹ Aquele que chegava a exercer um cargo na estrutura partidária não era qualquer militante. Ele fazia parte de uma elite, uma minoria valorizada por seu desempenho no cumprimento das “tarefas”. A “tarefa”, mais que designar mera atividade, era um termo que, no repertório comunista, significava um trabalho

³⁴⁹ BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993. p.167

³⁵⁰ Id. Ibid. p.169-170

³⁵¹ NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00370: Ofício Reservado de Darcy Vignoli, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, para Coriolano de Góis Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, datado de 2 de dezembro de 1944; F.00380: Relatório datado de 8 de novembro de 1944; F.00393: Relatório de autoria do inspetor João Alberto Vieira para São Paulo datado de 3 de outubro de 1944.

irrecusável e inquestionável, ganhando, por vezes, contornos de verdadeira missão.³⁵² O revolucionário que ocupava um lugar no secretariado do Partido dificilmente o conseguia por indicação de outrem. Ele tinha que provar – com dedicação integral e comprometimento existencial – que concentrava as atribuições necessárias para tal.

Sobreviveram registros provenientes da polícia a respeito de atividades de Justino Martins entre os estudantes, juntamente com Raul Ryff, Homero de Castro Jobim e Otto Alcides Ohlweiller, classificados todos como “elementos comunistas de maior destaque”.³⁵³ No entanto, os meios de atuação mais intensa de Martins eram o jornalismo e, em menor medida, a literatura.

Na carta enviada por Tito Batini interceptada pela polícia – datada de 23 de novembro de 1942 – e conforme relato do agente “reservado X”, infiltrado entre os comunistas de São Paulo dois anos depois, foram dadas orientações para que Justino Martins e Eduardo Barreiro apoiassem o governo, embora não indefinidamente. Eles deveriam dar apoio a Vargas em sua declaração de guerra contra o Eixo, no plano externo, e na sua luta contra os integralistas, no plano interno, utilizando, para tanto, todos os meios que estivessem ao seu alcance: o rádio, a imprensa, o livro, a conferência etc. A medida, segundo Batini, visava a deixar o governo comprometido a fazer o que não convinha aos “reacionários” que o integravam. Segundo os policiais de plantão, a instrução foi rigorosamente adotada³⁵⁴, e as lembranças de José Otávio Bertaso sobre a perspectiva esquerdista de Martins e seu trabalho na direção do quinzenário da família ajudam a confirmar esse aspecto.

A observação atenta permite perceber uma sensível mudança na linha editorial da *Revista do Globo* a partir de 1939, quando Justino Martins assumiu sua direção.³⁵⁵ O quinzenário passou a divulgar reportagens (inúmeras produzidas pelo próprio Justino) abordando questões da política internacional, aspectos da vida dos populares (gafieira,

³⁵² FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.88-99

³⁵³ NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00409: Ofício enviado pelo Interventor Federal por Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, datado de 17 de março de 1943.

³⁵⁴ NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00409: Ofício enviado pelo Interventor Federal por Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, datado de 17 de março de 1943; F.00393: Relatório de autoria do inspetor João Alberto Vieira para São Paulo datado de 3 de outubro de 1944.

³⁵⁵ A veiculação de artigos e de reportagens sobre o comunismo e a União Soviética pela *Revista do Globo* durante a Era Vargas foi examinada por mim e publicada na forma de artigo. Ao tratar deste assunto na presente tese, poderei recorrer, por vezes, aos resultados encontrados na referida análise. Para ter acesso ao artigo, cf. MARTINS, Marisângela T. A. O Comunismo e a União Soviética nas páginas da *Revista do Globo* (1930-1945). *História em Revista*, Pelotas, v.16, pp.91-114, dez. 2010.

candomblé etc.) e graves problemas sociais, narrados sempre em tom dramático e denunciativo, tais como a miséria em Porto Alegre e outras capitais, a marginalização do gaúcho que vivia no campo, os meninos que trabalhavam como jornaleiros, os menores abandonados, os moradores de rua e as mulheres que viviam no presídio feminino.³⁵⁶

Uma segunda ordem de modificações efetuadas na *Revista do Globo* pelo jornalista de Cruz Alta disse respeito à difusão de notícias acerca do comunismo e da União Soviética. Ao contrário de seus antecessores (principalmente Erico Verissimo e Luiz Estrela) – que, na maioria das edições sob suas responsabilidades, reservaram espaço para matérias críticas, quando não abertamente hostis, a esses temas – Justino Martins publicou reportagens e artigos agressivos em relação aos países do Eixo e um número crescente de textos em defesa dos Aliados. Alguns deles eram profundamente simpáticos à União Soviética, ao Exército Vermelho, à literatura e aos literatos russos, bem como ao povo soviético e seus costumes, indicando que Justino se empenhou para cumprir as instruções enviadas por Tito Batini.³⁵⁷

A transformação pela qual a *Revista do Globo* passou quando esteve sob os cuidados de Martins fica-nos evidente ainda através de um terceiro aspecto: ele deu notoriedade para uma série de gravuristas, jornalistas, tradutores, poetas, contistas e romancistas sabidamente comunistas. Claro deve estar que alguns desses profissionais já eram empregados da seção editora da Livraria do Globo antes de Justino se tornar diretor do impresso, mas pouco ou nenhum espaço haviam ocupado nas páginas do periódico da família Bertaso até então.

Entre os tradutores, a editora abrigava os comunistas Juvenal Jacinto de Souza, Homero de Castro Jobim e Gilda Marinho. Outros literatos ligados ao PCB foram contratados pela firma para traduzirem determinadas obras, como Beatriz Bandeira, poetisa que também

³⁵⁶ O conjunto de textos voltados para os dramas sociais e grandes temas da política internacional constitui um intervalo na linha que a *Revista do Globo* adotou antes e para a qual se voltou depois de Justino Martins. Até 1939, predominavam as fotografias de eventos sociais, como bodas, aniversários e batismos de membros das destacadas famílias sul-rio-grandenses, além de reportagens em tom bajulatório sobre grandes figuras da política gaúcha e brasileira – como Flores da Cunha, Osvaldo Aranha e Getúlio Vargas. De 1947 a 1967, as matérias publicadas no periódico perderam em profundidade crítica, tendendo para temas banais e abordagens triviais.

³⁵⁷ A guisa de exemplo, cf. Poderá o Exército Russo Deter Hitler? *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XI, n.254, 24/06/1939, p.2-3; Stalin X Chamberlain. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XI, n.258, 26/08/1939, p.2-5; Qual a Eficiência do Exército Russo? *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.293, 12/04/1941, p.22-25; A Rússia Resiste ao Colosso Alemão. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.299, 12/07/1941, p.32-33; Stalin – Gênio ou Demônio. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.320, 06/06/1942, p.22-23; Stalingrado. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.339, 15/05/1943, p.32-33; A Rússia e seus Heróis. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.340, 29/05/1943, p.32-33; É a Rússia um País Democrático? *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.365, 24/06/1944, p.34-35; Stalin já foi poeta. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.370, 09/09/1944, p.36

teve trabalhos divulgados na *Revista do Globo*.³⁵⁸ Carlos Scliar – filho de Henrique Scliar, militante comunista muito ativo na década de 1920 e sobre o qual comentamos no primeiro capítulo – foi responsável por algumas capas e por ilustrações de diversos contos publicados na revista. Seu irmão, o fotógrafo Salomão Scliar, cobriu um sem número de reportagens, mormente produzidas por Justino Martins.³⁵⁹ Outros escritores – uns filiados, outros simpatizantes do PCB – ou colaboraram na *Revista do Globo*, ou constituíram-se em objeto de críticas literárias e reportagens veiculadas por ela na fase de Justino. Alguns deles foram Afonso Schmidt, Álvaro Moreyra, Aparício Torelly (Barão de Itararé), Décio Freitas, Cyro Martins, Dalcídio Jurandir, Dyonélio Machado, Ivan Pedro de Martins, Jorge Amado, Lila Ripoll, Marina Maciel, Moacir Werneck de Castro, Nelson Werneck Sodré, Oswald de Andrade, Osvaldo Peralva, Paulo Fontoura Gastal, Plínio Moraes (Jacob Koutzii) e Tito Batini. Talvez não seja necessário dizer o quanto um espaço amplo numa revista conceituada como a do Globo representava para intelectuais comunistas no Estado Novo.

IV.

Acompanhamos os primeiros passos do quinzenário e da editora de propriedade de José Bertaso no primeiro capítulo desta tese. Ao longo da década de 1930, a revista se consolidou como o mais importante meio de aglutinação dos intelectuais em âmbito regional, e a editora acumulou boa parte dos recursos que a colocariam entre as três maiores casas editoriais brasileiras. Ambas constituíram-se nas principais instâncias de consagração da literatura produzida no Rio Grande do Sul até pelo menos a década de 1960.³⁶⁰

³⁵⁸ Ela e Raul Ryff retornaram casados do exílio em 1938 e se estabeleceram em Porto Alegre, onde Ryff passou a integrar o corpo de jornalistas do *Correio do Povo*. Ambos militaram intensamente no PCB gaúcho até se transferirem para o Rio de Janeiro, em meados da década de 1950.

³⁵⁹ Nos próximos capítulos, teremos oportunidade de comentar as militâncias de outros dois membros da família Scliar, Leonor e Esther, filhas de Isaac Scliar.

³⁶⁰ Entre 1945 e 1957, a revista *Província de São Pedro*, editada igualmente pela Livraria do Globo, desempenhou importante papel no meio cultural sul-rio-grandense, sendo ela também uma instância de consagração, embora não exclusivamente literária. Dirigida por Moysés Vellinho, a *Província de São Pedro* constituiu-se num impresso multidisciplinar, abrangendo áreas como Literatura, História, Sociologia, Folclore, Arquitetura, Geografia, Economia, Música, Filosofia, entre outras. Cf. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Província de São Pedro: Índice de Assuntos e Colaboradores. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, Vol.2, n.1, maio 1996. p.5-8. Outras instâncias de consagração literária no Rio Grande do Sul foram as seções dirigidas para literatura dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, nas quais eram publicadas poesias, contos e críticas literárias, e a Academia Rio-Grandense de Letras. Esta, curiosamente, parece não ter tido expressão, talvez pela descontinuidade que envolveu sua história. Poucos de seus membros entraram para a história oficial da literatura gaúcha.

Um indício do poder de consagração do estabelecimento editorial e do periódico derivados da Livraria do Globo é o conjunto de autores e obras editados pela casa e comentados nas páginas da revista transformados em ícones de determinadas correntes ou em marcos de viradas na produção literária sul-rio-grandense. Hoje, eles compõem os manuais sobre literatura gaúcha, são indicados para leitura nas escolas e o conhecimento de seus textos é exigido nas provas dos concursos vestibulares.

Em *A Literatura no Rio Grande do Sul*, Regina Zilberman buscou construir um painel da vida intelectual gaúcha desde suas origens até o fim da década de 1970, deixando claro ter se concentrado nos momentos decisivos da formação literária e nas obras representativas de cada período.³⁶¹ Os literatos da década de 1930 comentados por ela são Cyro Martins, Pedro Wayne, Aureliano de Figueiredo Pinto e Ivan Pedro de Martins – como ilustrativos da transformação na narrativa regionalista – Dyonélio Machado e Erico Verissimo – representando a nova ficção urbana. No fim do livro, Zilberman apresenta um quadro, elaborado com a colaboração de Maria Eunice Moreira, que, segundo sua explicação, foi responsável pela organização dos dados relativos às histórias do Rio Grande do Sul e das literaturas brasileira e sul-rio-grandense. Para a década de 1930, por exemplo, ambas destacaram autores como Athos Damasceno Ferreira, Cyro Martins, Darcy Azambuja, De Souza Júnior, Dyonélio Machado, Erico Verissimo, Mário Quintana, Paulo Correa Lopes, Othelo Rosa, Pedro Wayne, Reynaldo Moura, Telmo Vergara, Theodomiro Tostes e Vianna Moog, romancistas e poetas ligados à Livraria do Globo.

Na mesma década, os membros da Academia Rio-Grandense de Letras produziram ensaios de caráter historiográfico, contos e poesias, mas – com exceção de Othelo Rosa e de Manoelito de Ornellas, editados pela casa de José Bertaso e seus assíduos frequentadores – os demais não fazem parte dos livros sintetizadores da produção literária no Rio Grande do Sul. Nomes como João Maya, João Cândido de Freitas, Jorge Bahlis, Bento Fernandes, Dario de Bittencourt, De Paranhos Antunes e Sante Uberto Barbieri são praticamente desconhecidos pelos manuais contemporâneos.

A confluência entre os empreendimentos da família Bertaso parece ter contribuído para limitar a procura do público leitor, na medida em que a *Revista do Globo* promovia as obras à venda na Livraria, principalmente as editadas pela casa. A Globo fechava o mercado de literário em torno de si, impondo critérios de classificação e de legitimação elaborados a

³⁶¹ ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

partir de demandas propriamente artísticas e literárias, mas também políticas e econômicas. Vale lembrar a mobilização revolucionária dos intelectuais ligados à Livraria do Globo transformada em apoio ao longo e controlador governo de Getúlio Vargas.

A edição, a venda e a divulgação de autores e livros forneciam ao público leitor um universo de bens culturais como possibilidades estilísticas entre as quais ele podia escolher aquelas mais condizentes com seu estilo de vida. A Globo, por sua vez, pautava sua produção nos gostos variados de sua heterogênea clientela, equilibrando-se entre interesses econômicos e simbólico/culturais. Da orquestração entre as lógicas do campo da produção e o do consumo – universos aparentemente independentes – resultou a imposição e a consolidação de um padrão estilístico construído, e reinventado a cada momento nas décadas seguintes, como representativo da vida cultural sul-rio-grandense do século XX.

No contexto editorial dos anos 1930 e 1940, a Globo, a Companhia Editora Nacional e a Livraria José Olympio Editora eram as principais investidoras na publicação de obras de ficção, nacionais e estrangeiras, embora cada uma delas aplicasse seus recursos a partir de estratégias diferentes.³⁶² Para Karina Ribeiro Batista, é provável que o fato de não focarem seus empreendimentos na mesma linha – gerando complementariedade entre os catálogos e atendendo a diferentes públicos leitores – tenha sido o motivo primário para que as três casas conseguissem dividir com êxito o espaço editorial do período.³⁶³

A década de 1930 foi o momento em que o mercado do livro se alicerçou na literatura de ficção, então o gênero de maior aceitação e de comercialização mais segura³⁶⁴, permitindo que se consolidasse a figura do romancista e, inclusive, que alguns escritores dedicados ao romance conseguissem sobreviver dos rendimentos de sua produção literária, como Erico Verissimo e Jorge Amado. Estes, contudo, eram casos isolados. Os demais ganhavam a vida principalmente no serviço público e na imprensa, fazendo da literatura uma atividade subsidiária.

De acordo com Miceli, a Era Vargas definiu o domínio da cultura como um “negócio oficial”, o que implicou na elaboração de um orçamento próprio, na criação de uma *intelligentzia* e na intervenção em todos os setores de produção intelectual e artística. A cooptação de intelectuais ganhou proporções consideráveis, dando-lhes acessos a carreiras e a

³⁶² MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.156-157

³⁶³ BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p.188

³⁶⁴ MICELI, Sergio. Op. Cit. p.159

postos em quase todas as áreas do serviço público. Esse recrutamento continuou dependendo amplamente, como na Primeira República, do capital de relações sociais mobilizado pelos candidatos aos cargos, agora controlados pela elite burocrática, e não mais por dirigentes partidários. O serviço público lhes garantiu vencimentos elevados, regalias e vantagens na hierarquia burocrática, além de respeitabilidade decorrente das instituições as quais estiveram vinculados, colocando-os a salvo das oscilações de prestígio e imunes às sanções do mercado. Em contrapartida, o poder público se impôs como concessionário-mor dos padrões de legitimidade intelectual.³⁶⁵

A interferência do Estado no campo cultural, através da cooptação de intelectuais e do controle via Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a relação da intelectualidade com as classes dirigentes e seu posicionamento acerca do regime estado-novista são aspectos que, na perspectiva de René Gertz, costumam ser analisados quando se estuda esse período da história brasileira do ponto de vista da cultura.³⁶⁶ Em sua dissertação de Mestrado, Gláucia Konrad revelou que a centralização do poder pretendida pelo governo Vargas dispensou um tratamento diferenciado ao Rio Grande do Sul, devido à formação política e cultural influenciada pelas imigrações italiana e alemã no estado.³⁶⁷ A cultura e a educação, o controle e a repressão foram importantes instrumentos utilizados pelo governo para a construção de uma unidade nacional, contando com a colaboração de destacados intelectuais.

Consoante Mônica Velloso, que centrou seu estudo na capital federal, os intelectuais participaram da difusão e da popularização do projeto político-ideológico do Estado Novo em

³⁶⁵ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.197-198, 208-209, 215 e 217

³⁶⁶ GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora Universidade Passo Fundo, 2005. p.114. Além do estudo de Miceli, largamente mencionado nessa tese, podemos citar KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994; MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.2. p.323-349; PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista... Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 1997; Id. *Os novos bárbaros*. Escritores e comunismo no Brasil. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2003; PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990; SILVA, Sarah Calvi Amaral. *Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil*. Raça e relações raciais no II Congresso Afro-Brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia do IHGRS (1940). 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2010; VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.2. p.145-179.

³⁶⁷ KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. Op. Cit. p.127

dois níveis. Carlos Drummond de Andrade, Oscar Neimeyer, Portinari e Mário de Andrade, por exemplo, atuaram no Ministério da Educação, voltando-se para a formação de uma cultura erudita e se preocupando com a educação formal. Já Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo compuseram o corpo burocrático do DIP, orientando manifestações da cultura popular por meio do controle das comunicações.³⁶⁸

Um levantamento divulgado por Gertz apresentou oitenta nomes de intelectuais gaúchos dentre os quais 49 tiveram sua vinculação ou proximidade com o regime claramente documentada. Alguns deles foram Ângelo Guido (redator da Imprensa Oficial e, depois, vice-diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda – DEIP), Athos Damasceno Ferreira (atuante na Secretaria do Interior e Justiça e no DEIP), Dante de Laytano (palestrante no rádio pelo Movimento Intelectual Pró-Estado Novo), Egydio Hervé (diretor da Escola de Engenharia), Manoelito de Ornellas (diretor da Biblioteca Pública e, depois, do DEIP) e Moysés Vellinho (atuante no Tribunal de Contas).³⁶⁹ Gertz salientou que houve aqueles que proclamaram sua inconformidade com a decretação do Estado Novo, mas não deixaram de ocupar cargos de confiança na administração estadual. Um exemplo oferecido pelo autor foi Mem de Sá, que, em suas memórias, justificou seu comportamento alegando a necessidade de ganhar o sustento para sua família.³⁷⁰ É possível que esse também tenha sido o motivo para Lila Ripoll, professora e conhecida militante comunista, ter trabalhado no gabinete da Secretaria de Educação, comandada por Coelho de Souza. Carlos Reverbel foi colega de Ripoll e lembrou – com uma ponta de sarcasmo em alguns momentos – que a poetisa, “mergulhada na própria timidez, fazia de tudo para não ser notada”, “era tida e havida, em círculos antropofágicos da polícia, como agente subversiva de baixa extração e alta periculosidade”. Mas o Secretário não se importava. Ele respeitava a ideologia de seus auxiliares e esperava deles lealdade funcional e dedicação ao trabalho. O desafio da equipe Coelho de Souza era concretizar o projeto de nacionalização do ensino.³⁷¹

³⁶⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.2. p.149

³⁶⁹ GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora Universidade Passo Fundo, 2005. p.119-125

³⁷⁰ Id. Ibid. p.116-117

³⁷¹ BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel*. Textos escolhidos. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006. p.722 e 725. Examinaremos a atuação de Lila Ripoll na Secretaria de Educação no quinto capítulo, no qual trataremos da relação dessa escritora com o PCB. Para alguns detalhes acerca da educação no Brasil e no Rio Grande do Sul durante o Estado Novo, cf. BOMENY, Helena. *Constelação Capanema*. Intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Editora FGV; Ed. Universidade de São Francisco, 2001; GERTZ, René E. Op. Cit. p.94-113;

Houve quem se opusesse claramente ao Estado Novo, embora formassem um grupo pequeno. No Rio Grande do Sul, foram colocados em relevo por Gertz os nomes de Raul Pilla, De Souza Júnior, Dyonélio Machado, Cyro Martins, Ivan Pedro de Martins, Justino Martins e Otto Alcides Ohlweiller.³⁷²

A maioria dos escritores cooptados pelo regime estado-novista e daqueles que se opuseram a ele visitava amiúde a Livraria do Globo, tinha suas criações editadas pela casa e aparecia com certa regularidade nas páginas do quinzenário da firma. Nas memórias que escreveu sobre Henrique Bertaso, Erico Verissimo afirmou que o amigo, responsável pela seção editora da empresa da família, acolhia bem os escritores nacionais, publicando, entre 1931 e 1945, contos, romances e poemas de Telmo Vergara, Paulo Correa Lopes, Othelo Rosa, Darcy Azambuja, Reynaldo Moura, Manoelito de Ornellas, De Souza Júnior, Ernani Fornari, Ângelo Guido, Moysés Vellinho, Dyonélio Machado e Mario Quintana, entre outros.³⁷³

O carro-chefe da editora era a literatura estrangeira traduzida pelos profissionais contratados pela casa. Isso gerava a impressão de que a Globo desprezava os autores nacionais, de modo que, segundo Hallewell, ela não mantinha conceito muito elevado junto aos intelectuais do centro do país.³⁷⁴ Karina Batista assegurou que o escritor nacional publicado pela Globo era o gaúcho, e, esporadicamente, literatos de outras localidades, como Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e Cecília Meireles. No grupo formado pelos literatos crioulos, havia uma hierarquia entre os autores da Casa e os outros. Os “grandes amigos da Globo” eram Alcides Maya, Athos Damasceno, Augusto Meyer, Cyro Martins, Dante de Laytano, Darcy Azambuja, Fornari, Manoelito de Ornellas, Mário Quintana e Moysés Vellinho³⁷⁵, além, obviamente, de Erico Verissimo.

O peso dos laços de amizade nas decisões editoriais foi um traço característico das grandes casas da época. De acordo com o antropólogo argentino Gustavo Sorá, desde sua primeira edição, José Olympio – proprietário da livraria-editora que levava seu nome, localizada na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro – misturou comércio e afeto, o público e o

QUADROS, Claudemir de. Lourenço Filho: reformador da educação no Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.90, n.224, p.204-222, jan.-abr. 2009.

³⁷² GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005. p.128-131

³⁷³ VERISSIMO, Erico. *Um Certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. p.35 e 38

³⁷⁴ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: EDUNESP, 2005. p.411

³⁷⁵ BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p.210 e 212

privado. À medida que foi prosperando, parte dos benefícios do seu trabalho foram revertidos em dádivas para os escritores, criando ou consolidando laços destes com a casa.³⁷⁶ Sorá esclarece que, por não ser um intelectual, Olympio não dispunha de uma “cultura literária”, contando com o conhecimento adquirido na comercialização de livros e manipulando um extenso capital de relações sociais em seu trabalho como editor. Muito próximo do círculo político de Vargas, ele pode se beneficiar de privilégios oficiais numa época em que a importação de papel era controlada pelo governo, oferecendo em contrapartida a edição dos discursos e ensaios oficiais do Presidente. As excelentes relações que mantinha com o governo também encorajaram José Olympio a intervir pela libertação de escritores editados por sua casa presos pelo regime, o que certamente contribuiu para reforçar a lealdade destes para com ele. O poder do editor, assim, expressava-se na extensão e na força dos vínculos que ele teceu com autores, políticos de variadas tendências, com elites sociais e com personagens da “vida mundana”.³⁷⁷

O perfil que Raquel de Queiroz traçou de José Olympio apresentou-o como uma pessoa leal, com quem sempre se podia contar, que inventava uma tradução ou um livro esquecido para adiantar pagamentos e ajudar um escritor em apuros financeiros. “José – lembrou a romancista – tinha alma patriarca e os autores se tornavam seus amigos.”³⁷⁸ Algo semelhante escreveu Erico Verissimo a respeito de Henrique Bertaso: alguém que inventava projetos – que raramente ou nunca eram levados a termo – “só para ajudar um escritor, um professor ou um estudante que andasse em má situação financeira”.³⁷⁹ A atitude do editor ganha contornos mais altruístas se lembrarmos que, em sua relação com os autores, seu papel, teoricamente, deveria ser, em primeiro lugar, o de avaliar a viabilidade comercial dos projetos, de modo a não colocar em risco os negócios da família. Mas, ao que as memórias de Verissimo indicam, Henrique aprendera com o pai, José Bertaso, a cultivar boas relações – tanto com literatos, quanto com homens da política – e a dispor delas como uma valiosa

³⁷⁶ SORÁ, Gustavo. A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. In: *Seminário Brasileiro Sobre o Livro e a História Editorial*, I, 2004, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/gustavosora.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2006.

³⁷⁷ Um estudo realizado por Márcia Cabral da Silva com base na correspondência trocada entre a escritora Raquel de Queiroz e José Olympio demonstrou o quanto negócios e amizade andavam juntos na forma como o editor concebia o seu trabalho. Cf. SILVA, Márcia Cabral. Correspondência de Raquel de Queiroz com José Olympio. In: *Seminário Brasileiro Sobre o Livro e a História Editorial*, I, 2004, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2006.

³⁷⁸ Apud. SORÁ, Gustavo. Op. Cit.

³⁷⁹ VERISSIMO, Erico. *Um Certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. p.59

moeda de troca. Nos casos dos escritores mais chegados, a convivência com os Bertaso permitiu a criação de laços muito estreitos de confiança e lealdade, como uma família.³⁸⁰

A confiança do chefe da Globo era conquistada, principalmente, por aqueles cujo trabalho gerava dividendos – econômicos e simbólicos – para a firma. Segundo Verissimo, “o Velho era ao mesmo tempo o protetor e o castrador”³⁸¹, homem que acreditava no crescimento através do trabalho duro e que, por isso, sabia reconhecer o esforço dos funcionários. Um exemplo era a alta estima e o respeito logrados por Justino Martins junto a José Bertaso. A competência do comunista na direção da *Revista do Globo* foi lembrada por Erico – “viria a revelar-se prodigioso ‘revisteiro’”³⁸² – e por Carlos Reverbel. Esse jornalista recordou que, quando o conheceu, Justino se preparava para assumir o quinzenário. A força de trabalho e a inteligência caracterizaram o seu perfil editorial, fazendo-o, “de todos os empregados da Livraria do Globo, o que tinha mais prestígio junto ao velho Bertaso. A revista, ao contrário da editora, sempre dava lucro, um lucro cavado pelo talento do seu diretor, o que era muito valorizado por Bertaso.”³⁸³

É possível que essa tenha sido a razão para José Bertaso fazer vistas grossas a alguns incômodos causados por Justino Martins. Em carta enviada a Viana Moog em outubro de 1942, Erico Verissimo desculpou-se com o amigo por conta de uma desagradável nota sobre ele publicada por Martins na *Revista do Globo*. Verissimo se explicou:

O Justino é um sujeito inteligente e vivo, mas duma leviandade de garoto de doze anos. Essa irresponsabilidade tem dado dores de cabeça tremendas a todos nós. Complicações com a censura, com particulares... o diabo. O velho B. me pediu encarecidamente para censurar a Revista daqui por diante, afim de evitar complicações.³⁸⁴

O autor de *Clarissa* lembrou que se dizia que “a Globo era um foco de comunistas” e que ela recebia o “ouro de Moscou”, muito embora, para os militantes de esquerda, a Editora

³⁸⁰ Erico Verissimo lembrou o episódio em que foi contratado por Mansueto Bernardi para trabalhar na *Revista do Globo* como o momento em que entrou para a “Família Globo”. Cf. VERISSIMO, Erico. *Um Certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. p.21

³⁸¹ Id. Ibid. p.29

³⁸² Id. Ibid. p.53

³⁸³ BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel*. Textos escolhidos. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006. p.739-740

³⁸⁴ Apud. BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p.121-122

fosse uma firma a “serviço de Wall Street”, da qual ele era um dos lacaios.³⁸⁵ José Otávio Bertaso recordou que o pessoal responsável pela redação da revista – simpatizantes ou não do PCB – discutia acaloradamente acerca do que havia de verdade nas notícias publicadas em jornais e revistas ocidentais a respeito de Moscou, particularmente sobre os expurgos. As discussões ocorriam nos finais de semana num bar subterrâneo que ficava ao lado do atual cinema Vitória ou no restaurante da Sociedade Espanhola.³⁸⁶

Os poetas, contistas e romancistas editados pela Globo reuniam-se continuamente nos cafés e confeitarias da Rua da Praia, no Bar Antonello, na casa do barbeiro dos Bertaso (onde faziam jantares de caráter boêmio só para homens em que se falava de tudo, menos de literatura³⁸⁷) e nos salões do Clube do Comércio, da Sociedade Germânia e do Hotel Carraro. Nesses e noutros estabelecimentos eles sentavam-se para conversas (nem sempre) triviais, enquanto bebiam uma xícara de café ou um caneco de *chopp*, ou realizavam banquetes em homenagem aos pares e a expoentes do jornalismo e da política.

Os “chás íntimos”, os jantares e os banquetes fizeram parte do circuito de instituição literária. Nessas ocasiões, escritores, editores, jornalistas e homens do governo responsáveis pela cultura – às vezes acompanhados de altos comerciantes, diplomatas e profissionais liberais pertencentes a famílias tradicionais – consagravam-se mútua e sucessivamente, formando, junto às demais instâncias já mencionadas nesta tese, um complexo itinerário de reconhecimento público da excelência literária.

Alguns dos homenageados em banquetes e chás no decorrer do Estado Novo em Porto Alegre foram Álvaro Moreyra, em regozijo à sua estadia na cidade em 1938³⁸⁸; Erico Verissimo, pelo sucesso de *Olhai os lírios no campo*, em 1938, e devido às suas partidas para os Estados Unidos em 1939 e 1943³⁸⁹; Dyonélio Machado, por sua reintegração ao cargo de

³⁸⁵ VERISSIMO, Erico. *Um Certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. p.96

³⁸⁶ BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993. p.168. No próximo capítulo, teremos oportunidade de acompanhar a movimentação cultural dos comunistas de Porto Alegre na Sociedade Espanhola ao longo do período de legalidade do PCB (1945-1947).

³⁸⁷ VERISSIMO, Erico. Op. Cit. p.63-64

³⁸⁸ Álvaro Moreyra em Porto Alegre. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano X, n.220, 15/01/1938, p.40; Homenagem. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano X, n.222, 12/02/1938, p.30

³⁸⁹ Erico Verissimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano X, n.233, 30/07/1938, p.33; Jantar de Despedida a Erico Verissimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XI, n.258, 26/08/1939, p.29; Os amigos de Erico Verissimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.346, 29/08/1943, p.22-23; Erico Verissimo será homenageado hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18/08/1943, p.4; Homenagem de despedida a Erico Verissimo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19/08/1943, p.8

médico do Hospital São Pedro em 1938³⁹⁰; o jornalista André Carrazzoni, em virtude do feliz resultado de venda alcançado pelo livro *Getúlio Vargas* em 1939³⁹¹; os intelectuais da cidade, de um modo geral, em 1940, num oferecimento da Prefeitura de Porto Alegre e do governo do estado³⁹²; Lila Ripoll, pelo êxito de *Céu Vazio* em 1941³⁹³; e a Editora Globo, no mesmo ano, pelos serviços prestados aos intelectuais sul-rio-grandenses³⁹⁴.

As homenagens individuais geralmente partiam de grupos de amigos e admiradores, como as dirigidas a Álvaro Moreyra, Erico Verissimo, Dyonélio Machado, André Carrazzoni e Lila Ripoll. Eles e/ou suas obras foram elogiados por seus pares em extensos discursos, cujo trecho de De Souza Júnior por ocasião do banquete ao autor de *Olhai os lírios no campo* pode servir de exemplo:

Hoje aplaudo. Aplaudivo porque isso me é agradável e aplaudo por delegação de vocês. Aplaudivo Erico Verissimo pela galharda insolência com que soube transformar a antiga e burocrática literatura de ficção em atividade profissional, e aplaudo um público que deserta, embora estremunhado ainda, aos safanões resolutos de Erico Verissimo.³⁹⁵

De Souza Júnior exaltou, em seu nome e no dos demais presentes, o trabalho que o escritor de Cruz Alta vinha desenvolvendo na literatura, motivado pelo extraordinário sucesso de crítica e de público que o livro *Olhai os lírios no campo* vinha alcançando.³⁹⁶ Por outro lado, os escritores que, como De Souza Júnior e Erico Verissimo, faziam parte do seletivo grupo editado pela Globo, ofereceram um banquete à Editora no Palácio do Comércio “como prova do reconhecimento dos serviços por ela prestados à literatura brasileira”³⁹⁷, dando continuidade à cadeia de dádivas e contradádivas que caracterizavam o universo literário brasileiro na época, e em cuja espiral havia também o elo do Estado.

³⁹⁰ Homenagem ao Dr. Dyonélio Machado. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano X, n.239, 30/10/1938, p.33; Homenagem ao Dr. Dyonélio Machado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 11/10/1938, p.8

³⁹¹ Foi homenageado, ontem, o jornalista André Carrazzoni. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 02/06/1939, p.3

³⁹² Confraternização de intelectuais. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17/11/1940, p.10

³⁹³ Homenagem a Lila Ripoll. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.300, 26/07/1941, p.34

³⁹⁴ Os intelectuais gaúchos homenageiam a Editora Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.309, 06/12/1941, p.39

³⁹⁵ Banquete em homenagem a Erico Verissimo. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 17/07/1938, p.3

³⁹⁶ Em cinco dias, foram vendidos mais de quinhentos exemplares de *Olhai os lírios no campo* nos balcões da Livraria do Globo, sem contabilizar os insistentes pedidos vindos de Recife, São Paulo, Salvador e do Rio de Janeiro. Depois de três meses do lançamento, o livro já estava em sua terceira edição, algo sem precedentes na literatura brasileira até então. Cf. TORRESINI, Elizabeth R. W. *Modernidade e exercício da medicina no romance Olhai os lírios no campo (1938) de Erico Verissimo*. 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2002. p.86-106

³⁹⁷ Os intelectuais gaúchos homenageiam a Editora Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.309, 06/12/1941, p.39

Em novembro de 1940, a Prefeitura de Porto Alegre, sob o comando de Loureiro da Silva, promoveu um almoço de confraternização no Grande Hotel em homenagem aos “homens de inteligência e pensamento” do estado. Motivada pelo bicentenário da capital gaúcha, a Prefeitura também havia instituído o Prêmio Cidade de Porto Alegre para romance, crônicas, roteiro sentimental e contos. Mais de 130 pessoas participaram do encontro, entre elas interventores federais, pintores, escritores, jornalistas etc. representantes de várias manifestações culturais. Para a historiadora Gláucia Konrad, essa heterogeneidade indica a preocupação do Estado Novo em convencer membros dos diferentes setores da produção cultural local a dar respaldo ao regime, mesmo aqueles ligados ao Partido Comunista.³⁹⁸ Esse aspecto fica evidente em algumas passagens do discurso preferido por Loureiro da Silva:

O fito da Prefeitura de Porto Alegre apoiada pelo governo do Estado, foi congregar todos os homens de inteligência e pensamento em torno a esta mesa, para exaltar aquelas coisas que vivem dentro das nossas ideias, dentro da nossa intelectualidade, para engrandecer uma Pátria, que não é somente feita de conquistas materiais, mas, sobretudo, de conquistas do espírito.³⁹⁹

O Prefeito de Porto Alegre justificou o evento com a necessidade de se reconhecer o papel que os intelectuais tinham na construção da nação brasileira. Darcy Azambuja, o vencedor do Prêmio Cidade de Porto Alegre na categoria romance, agradeceu em nome dos premiados, afirmando que a administração de Loureiro da Silva, que já havia se notabilizado pelas iniciativas materiais de “engrandecimento” da cidade, soube juntar a isso o apelo aos “homens de inteligência” para que celebrassem o bicentenário da capital do estado.⁴⁰⁰

É possível perceber que as pessoas que se fizeram presentes nesses eventos eram praticamente as mesmas, demonstrando que o circuito de consagração tinha fronteiras mais ou menos delimitadas. As fotografias que ilustravam as reportagens sobre os banquetes, os chás e os *cocktails* – realizados quase sempre no Palácio do Comércio, na Sociedade Germânia, no Hotel Carraro e na Bombonière Jan – oferecidos para homens e mulheres da elite, sugerem-nos o uso de tais ocasiões e espaços também para a reprodução de alguns aspectos do estilo de

³⁹⁸ KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.202. Na lista de convidados divulgada no jornal *Diário de Notícias*, é possível identificar os nomes dos comunistas Carlos Scliar, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Justino Martins, Juvenal Jacinto, Raul Ryff e Plínio Moraes (Jacob Koutzii). Cf. Prefeitura oferecerá hoje um almoço de confraternização aos intelectuais. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 15/11/1940, p.16

³⁹⁹ Confraternizam Os Homens de Pensamento. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 17/11/1940, p.18

⁴⁰⁰ Confraternizam Os Homens de Pensamento. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 17/11/1940, p.18. Os demais vencedores foram De Souza Júnior (crônicas), Athos Damasceno (roteiro sentimental) e Ovídio Chaves (contos).

vida das classes dominantes, a julgar pelo requinte e pela simplicidade sofisticada presentes na sobriedade dos trajes masculinos; no apelo elegante dos chapéus usados pelas senhoras; no protocolado posicionamento das louças, dos talheres e das taças nas extensas mesas ornadas com arranjos de flores etc.⁴⁰¹ Ser identificado com os gostos da elite talvez se configurasse uma necessidade para aqueles que dependiam dela para serem reconhecidos nas áreas em que ela exercia influência e domínio. Os escritores, assim, cultivavam gostos, posturas, comportamentos, enfim, um conjunto de saberes e práticas sociais que os integrava à cultura erudita da época e os colocava entre os membros da elite.

V.

De acordo com Gláucia Konrad, a colaboração do intelectual era aceita pelo governo, independente da sua vertente ideológica. Mas essa cooperação deveria ser expressa na defesa da “identidade nacional”, ou seja, a expressão do colaborador era bem-vinda, desde que seguisse a orientação política e ideológica do Estado Novo. Havendo discordância, a resposta vinha na forma da censura, da repressão ou da crítica arrasadora.⁴⁰²

Alguns literatos ligados ao PCB tiveram sua produção sob a mira da censura e da crítica desfavorável durante o Estado Novo. Coincidência ou não, o peso da crítica se fez maior dependendo do quão declaradamente comunista era o/a escritor/a. Dyonélio Machado e Ivan Pedro de Martins – estigmatizados desde suas participações na ANL, o primeiro em Porto Alegre, o segundo no Rio de Janeiro – foram atingidos mais diretamente, enquanto Cyro Martins – de atuação discreta – não teve problemas nesse sentido. Todos eles, juntamente com Lila Ripoll, foram publicados pela Editora Globo entre o fim dos anos 1930 e a primeira metade da década seguinte, contando ainda com o camarada Justino Martins na direção da *Revista do Globo*.

Em outubro de 1942, Justino Martins publicou um conto de autoria de Dyonélio Machado, chamado “Noite no acampamento”. Originalmente, o texto compunha o livro *Um Pobre Homem*, lançado na década de 1920. Machado contou que tentou impedir a publicação na *Revista do Globo*, mas acabou concordando com ela por já estar tudo praticamente

⁴⁰¹ Algumas fotografias estão reproduzidas na seção de Anexos.

⁴⁰² KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.195

pronto.⁴⁰³ Tratava-se de um conto sobre Solano Lopez que, republicado em meio à Segunda Guerra Mundial, acabou despertando a ira dos militares, e Dyonélio foi detido novamente. Sua temporada na polícia durou poucas horas, o tempo necessário para prestar explicações. Porém, como salientado por Grawunder, o episódio lhe trouxe novas marcas e gerou o medo de voltar a editar seu livro de contos, apesar de insistentes convites das editoras, principalmente na década de 1970.⁴⁰⁴

Um mês depois de publicado “Noite no acampamento”, o Ten. Cel. Correia Lima escreveu um longo artigo para o *Diário de Notícias*, atacando violentamente o autor do conto e a revista que lhe havia aberto espaço. Do texto, reproduzimos os trechos que seguem:

As **máscaras da hipocrisia**, da **insinceridade**, da **bajulação**, da **subserviência**, do **oportunismo** e da **traição** acabam caindo, mais cedo ou mais tarde, expondo à contemplação da verdade, do brio, da dignidade e do civismo, as **caraças**, reais e **abjetas**, que pensavam encobrir. O problema do mascaramento dos sentimentos patrióticos é o de mais difícil solução, porque a nobreza e a elevação que os inspiram quase não permitem mistificações. Entretanto, empregando a refinada técnica, sabida e consabida, dos **desagregadores nacionais a serviço do internacionalismo pseudo-social**, sempre encontram os mercantilizadores prosélitos do ouro que paga as “dedicações ideológicas” dos “autênticos trabalhadores da revolução mundial”, meios e modos para veicularem seus **crimes de lesa-pátria**. Algumas das **máscaras** muito em uso, ultimamente, são: a “Democracia”, a “Cultura Literária” e a “Regeneração Social”, além de muitas outras de sutil percepção, mas de resultados seguros, também já caracterizados. Com estes **respeitáveis rótulos**, os **agitadores internacionais**, e seus sequazes indígenas internacionalizados, **se disfarçam em francas sombrinhas políticas ou em verdes florilégios artísticos, para agirem livremente em prol da mais do que identificada bandeira internacionalista** da “benemerência social”. [...]

Aqueles que têm o topete de inventar infâmias, e as escreverem, com os heróis da própria pátria, só podem ser indivíduos internacionalizados, seja por obsessão, fruto de **acanhamento intelectual**, seja por conveniência material, isto é, **venalidade indecorosa e inqualificável**.

Ora, indivíduos deste jaez só podem ser comunistas, nazistas e fascistas, porque tal atitude corresponde a ofender a própria mãe e esses tipos, que **não reconhecem progenitora**, por isso que eles pertencem aos respectivos Estados, são **irreverentes e desrespeitosos** ao mais alto grau. [...]

Mas, para que um mal se transmita, havendo os germens que o originaram, necessária se torna a existência de veículos que os concebem, acolham e os reproduzam. [...] Os agentes do **derrotismo** sabem, perfeitamente, que é muito melhor, e mais eficiente, disporem de revistas, **mascaradas de nacionais** [...],

⁴⁰³ MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.34

⁴⁰⁴ GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997. p.68. Cabe, aqui, registrar pequena discordância. Para Grawunder, literalmente, o conto de Dyonélio não faz qualquer referência a nomes ou lugares no fim da Guerra do Paraguai. Na verdade, o autor fez várias alusões a essa etapa do conflito: referiu-se ao Marechal, autoridade máxima no acampamento, como “Chefe Supremo” e “Supremo”, modo como era chamado Solano Lopez (*El Supremo*); os inimigos dos acampados eram os imperiais, remetendo aos soldados brasileiros que derrotaram o chefe paraguaio; e narrou uma sequência de acontecimentos idêntica a que entrou para a história da Guerra do Paraguai, como, entre outros, a tentativa de fuga do “Supremo” e sua morte sobre as águas de Aquidaban.

revistas que antes se preocupam com tudo o que se passa no globo menos com aquilo que diz respeito aos interesses do Brasil, que desconhecem e até desprezam [...]; ainda há pasquins, com **diretorias alienígenas** e **redatores internacionalizados**, que procuram colaborações civicamente abjetas, firmadas por **intelectuais do despeito, do recalque e do oportunismo**. [...]

Atacar aos grandes homens da nossa galeria cívica é tarefa que só pode ser concebida por **cérebros alucinados**, dementados pelo **ódio** ou pelo **rancor**, cuja razão conturbada pela **cegueira das paixões mesquinhas**, não discerne nem aconselha [...]

São elas [as Repartições Repressivas] que removem os **alienados** para os respectivos hospitais; são elas que se ocupam em prender os **criminosos**, os **tarados**, os **delinquentes** e os **malandros**. [...]

Também os **delituosos** do crime de lesa-pátria, que ofendem à tradição e às glórias de sua nação, os indivíduos que assacam infâmias contra os respeitáveis vultos de nosso passado heroico, serão entregues aos encargos destas Repartições do Estado. Os heróis que deram seu sangue e arriscaram sua vida pela Pátria Soberana são e devem ser inatacáveis. **Qualquer escriba, metido a literato**, que quiser adquirir popularidade ainda que odiosa, ofendendo a memória dos nossos pro-homens, deverá ser exemplarmente punido. [...]

Assim também as revistas, os livros e os panfletos que veiculam tais ignomínias devem ser emudecidos, definitivamente, porque estão cometendo malefícios, conscientemente, contra a integridade moral e cívica da Pátria Brasileira. [...]

As nossas revistas que inserem contos, crônicas, memórias (de falsos testemunhos), agravando a honra militar, cívica e privada dos nossos heróis, estão incidindo nos textos da Lei de Segurança Nacional e, como tal, devem ser julgados seus responsáveis pelo respectivo Tribunal. [...]

É muito conhecida a técnica dos fazedores de contos deprimentes...

Repudiamos os autores e seus veiculadores.

Ten. Cel. Correia Lima⁴⁰⁵

Correia Lima colocou-se no lado da verdade, do brio, da dignidade e do civismo para atacar Dyonélio Machado e os redatores e diretores da *Revista do Globo*. Sem nunca mencionar seus nomes – talvez para não lhes dar ainda mais notoriedade – o tenente-coronel lhes direcionou um conjunto de predicados altamente depreciativos, colocando-os como mentirosos, desrespeitosos, irracionais, desordeiros e oportunistas, devido ao fato de servirem e adorarem não ao Brasil, mas a outros países, o que fazia deles apátridas e traidores. Os efeitos de suas investidas eram tanto mais perigosos quando promovidas por trás da máscara da “democracia”, da “cultura literária” e da “regeneração social”.

Nas passagens em que essas ideias ganharam destaque, evidenciou-se, principalmente, uma vertente do nacionalismo calcada no romantismo alemão, que colocava a nação como um conjunto orgânico, uma unidade superior a qualquer conflito social. Segundo Motta, essa matriz nacionalista de viés conservador – que enfatizava a ordem, a tradição, a integração e a centralização e colocava o Estado como algo intocável e envolvido numa aura de sacralidade

⁴⁰⁵ Apud. GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997. p.63-67. Grifos nossos.

– muito inspirou os discursos anticomunistas.⁴⁰⁶ Em decorrência da forma como a nação e as coisas a ela relacionadas eram colocadas, o anticomunismo nacionalista incluía uma dimensão que repudiava as posições internacionalistas dos comunistas, acusando-os de traidores do seu país e de professarem um patriotismo de fachada, construindo-os, assim, como inimigos do Brasil.⁴⁰⁷ Essa versão ganhou força, sobretudo, após os levantes de novembro de 1935.⁴⁰⁸

Observando o texto por outro ângulo, percebe-se que Correia Lima também procurou ferir diretamente a condição de escritor de Dyonélio Machado. Através da passagem “qualquer escriba, metido a literato”, o militar colocou em dúvida seu talento numa afirmação que poderia ser reforçada se o leitor a associasse à expressão “intelectuais do despeito, do recalque e do oportunismo” dirigida ao autor do conto no início do artigo. Tais trechos tanto ofendiam como poderiam contribuir para imputar suspeitas sobre a boa reputação do romancista quariense. O descrédito no qual o militar quis lançar o escritor e os profissionais do quinzenário ganhou mais força com a associação de ambos ao universo do delito e do crime e com o pedido de punição exemplar, quer dizer, de um castigo que não encorajasse tentativas semelhantes.

Ao que parece, a vaga suspeita de que o escritor fosse comunista era suficiente para lançar-lhe as mais duras críticas. Erico Verissimo lembrou em suas memórias que, por ter encabeçado um manifesto antifascista em 1935, foi fichado como comunista no DOPS, sendo interpelado em mais de uma ocasião pela polícia, que buscava uma sua confissão nesse sentido, além de ter sido observado e seguido constantemente por investigadores durante o Estado Novo.⁴⁰⁹ Verissimo não foi um crítico mordaz do regime, mas também não colaborou para com ele. Essa posição, como vimos anteriormente, foi interpretada diferentemente por setores da direita e da esquerda.

⁴⁰⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002. p.29-20

⁴⁰⁷ Id. Ibid. p.30-35

⁴⁰⁸ Para se ter uma ideia da proporção alcançada pelos diversos matizes do anticomunismo no Rio Grande do Sul, parece exemplar o caso da dona-de-casa Elsa, de Estrela, revelado por Lizete Kummer. Em julho de 1937, ela matou sua filha de nove anos com um torrão de açúcar envenenado, e quase conseguiu fazer o mesmo com o filho menor, alegando tentar salvá-los de um grande desastre, o de que os comunistas iriam tomar conta de tudo, matando e arrasando o que encontrassem. A atitude de Elsa foi diagnosticada como surto psicótico desencadeado por uma notícia lida num jornal alemão. Cf. KUMMER, Lizete Oliveira. *A psiquiatria forense e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul. 1925-1941*. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2010. p.113

⁴⁰⁹ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Memórias. 1º Volume. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p.256-257, 263 e 273

Em fevereiro de 1943, por ocasião da morte Getúlio Vargas Filho, o padre jesuíta Leonardo Fritzen publicou um comentário de pesar na revista *O Echo*, editada pelo Colégio Anchieta, instituição na qual o menino havia estudado e Fritzen lecionava. O padre afirmou que, embora lastimável, a morte havia deixado o filho do presidente a salvo dos perigos deste mundo, como aqueles encontráveis na literatura produzida por Erico Verissimo, em especial no conteúdo do livro *O resto é silêncio*, lançado havia pouco: “Vitrinas cheias de livros... neste dia de quase um autor só... grande número de exemplares... Reclame do livreiro... reclame, ai!... de veneno... E muita gente a entrar... e muita gente a sair... com veneno na mão... Ah! Se Getúlio soubesse...”.⁴¹⁰ Sentindo-se injuriado, Verissimo entrou com uma queixa-crime contra o autor do artigo, explicando, décadas mais tarde, que o fez por acreditar que era preciso reagir, mesmo que simbolicamente, protestar contra a situação política e social do Brasil, amplamente apoiada pela Igreja e pelo Exército.⁴¹¹

O caso ganhou grande repercussão na imprensa, desencadeando manifestos de solidariedade a ambos os lados, e já serviu para vários estudos sobre a composição social e a mobilização dos intelectuais atuantes em Porto Alegre na década de 1940. De acordo com o levantamento realizado por Lorena Monteiro, do lado de Leonardo Fritzen ficou o grupo de católicos (com algumas exceções), cujos membros haviam-se formado em educandários de prestígio, cursado faculdades que proporcionavam carreiras típicas dos grupos da elite, como Direito e Medicina; eles haviam construído sua notoriedade através das atividades universitárias, dominavam as áreas acadêmicas mais tradicionais e faziam parte do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e da Academia Rio-Grandense de Letras. Os signatários do manifesto em favor de Erico Verissimo, por sua vez, tinham formação escolar variada e muitos não haviam cursado ou concluído curso superior. A maioria deles dedicava-se ao jornalismo, circulando pelas redações do *Diário de Notícias*, do *Correio do Povo*, da *Folha da Tarde* e também da *Revista do Globo*. Monteiro afirma que este era o grupo da *Globo*, mais heterogêneo social e ideologicamente, composto, como constatou Miceli para o conjunto de escritores brasileiros da década de 1930, por indivíduos pertencentes a famílias de

⁴¹⁰ Apud. BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993. p.49

⁴¹¹ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Memórias. 1º Volume. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p.279-280

proprietários rurais arruinados que não tiveram alternativa senão sobreviver do serviço público, da imprensa e dos demais ofícios que se prestavam à divagação do espírito.⁴¹²

Para Gertz, a importância do episódio para a história político-cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul reside justamente na mobilização desencadeada a favor de um e outro lado, pois ela reflete a bipolarização da intelectualidade gaúcha no período final da ditadura. Do lado de Verissimo, ficaram os críticos ao autoritarismo político, o que não significava, necessariamente, abandonar eventuais cargos de confiança exercidos no governo estadual. A favor de Fritzen, os católicos que preferiam que o regime se mantivesse firme à direita.⁴¹³

Muitos comunistas prestaram solidariedade a Erico Verissimo.⁴¹⁴ Segundo Gláucia Konrad, os setores mais à esquerda aproveitaram a oportunidade para pedir liberdade de expressão e de pensamento, e, a partir de um determinado momento, nada mais foi publicado na imprensa sobre a polêmica, devido à proibição imposta pelo DIP, na tentativa de evitar a divulgação de questionamentos públicos ao regime.⁴¹⁵ Algo semelhante ocorreu por ocasião da apreensão de *Fronteira Agreste*, de Ivan Pedro de Martins, quando a defesa da liberação do livro foi transformada em arma de combate ao Estado Novo.

Fronteira Agreste foi lançado pela Livraria do Globo em dezembro de 1943. Seu autor fora um dos fundadores da ANL e tivera destacada atuação nos acontecimentos de 1935, no Rio de Janeiro. Com a prisão dos principais dirigentes, a direção da Juventude Comunista decidiu que Ivan Pedro de Martins deveria sair de circulação, para ser preservado enquanto quadro do Partido. O então jovem militante contou com a ajuda do sogro, o deputado federal e

⁴¹² MONTEIRO, Lorena Madruga. O resto não é silêncio: a polêmica de Érico Verissimo com Pe. Leonardo Fritzen. SJ e a bipolarização do “campo” intelectual na Porto Alegre dos anos 1940. In: *Seminário Nacional de Sociologia & Política*, I. Sociedade e Política em Tempos de Incerteza, 2009, Curitiba. É interessante registrar que José Otávio Bertaso recordou o episódio com detalhes interessantes. Bertaso contou que a maioria dos signatários do manifesto em solidariedade a Fritzen desconhecia o teor da crítica feita por ele ao autor de *O resto é silêncio* e, nas semanas que se seguiram, a Livraria do Globo foi palco de “uma verdadeira romaria”, com dezenas de senhores constringidos a se desculparem com o escritor, com José Bertaso, Henrique Bertaso e outros dirigentes da casa, explicando terem assinado o documento ignorando as “tolices” contidas no artigo. Cf. BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993. p.50

⁴¹³ GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005. p.139-140

⁴¹⁴ É possível identificar, entre os 650 assinantes do manifesto, os nomes dos comunistas A. P. Antonópulos, Antônio Pinheiro Machado Neto, Beatriz Bandeira Ryff, Carlos Callage, Carlos Lima Aveline, Cyro Martins, Décio Freitas, Dyonélio Machado, Emilce Lima Aveline, Fernando Guedes, Gilda Marinho, Henrique Scliar, Homero de Castro Jobim, João Schenkel Filho, Jorge Bahlis, Justino Martins, Juvenal Jacinto, Lila Ripoll, Otto Alcides Ohlweiller, Plínio Moraes, Raul Ryff e Sibilis Viana. Cf. A pedido. Manifesto De Solidariedade ao Escritor Erico Verissimo. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 09/05/1943, p.7

⁴¹⁵ KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994. p.225 e 184

fazendeiro gaúcho Camilo Teixeira Mércio, e suas relações para escapar da perseguição da polícia carioca e se refugiar em São Gabriel, interior do Rio Grande do Sul.⁴¹⁶

O romance foi criado a partir das impressões do autor sobre a vida na campanha sul-rio-grandense. Uma narrativa de paisagens e situações humanas vividas por um grupo de personagens vistos sob a ótica das relações sociais de produção. Sem recorrer a fantasias, nem a meias-palavras, Ivan Pedro de Martins os apresentou imersos nos costumes e valores das comunidades fronteiriças, orientados por uma concepção de honra irrefletida e por uma moral fundamentada no instinto; muitos favorecidos pelas proteções decorrentes das trocas de favores e do paternalismo vigente; outros abatidos pela miséria gritante, pela desigualdade profunda, pela ininterrupta luta pela sobrevivência, pelo analfabetismo e pelo alcoolismo.⁴¹⁷

Manoelito de Ornellas, diretor do DEIP, estava em viagem ao Rio de Janeiro, quando seu substituto, Ângelo Guido, numa rigorosa interpretação da legislação da época, ordenou a apreensão de *Fronteira Agreste* em todo o estado sob a alegação de que se tratava de uma obra imoral e atentatória aos bons costumes. O caso gerou grande celeuma nos meios literários da cidade e nova polarização entre “católicos” e “liberais, como bem pontuou René Gertz⁴¹⁸, repercutindo no interior do Rio Grande do Sul e no centro do país.

Ângelo Guido contou com o apoio de leitores do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, além de diversas entidades vinculadas à Igreja Católica.⁴¹⁹ Ao receber ataques de escritores e jornalistas contrários à apreensão, o diretor interino do DEIP lançou impetuosas e desagradáveis críticas ao autor, ao livro e à Editora Globo através da imprensa.⁴²⁰

⁴¹⁶ Mércio apelou para Flores da Cunha, que, por sua vez, intercedeu junto ao chefe da casa militar de Getúlio Vargas, o general Pantaleão Pessoa. Todos mobilizaram suas insuspeitas relações e algum recurso financeiro a fim de propiciar a fuga de Ivan Pedro de Martins para o Sul, preparada ao longo de quatro meses. O relato do episódio pode ser conferido em MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos*. A vida de 31 militantes da classe operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p.84; nos capítulos finais do livro de memórias MARTINS, Ivan Pedro de. *A Flecha e o Alvo*. A intentona de 1935. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1994; e em MASINA, Léa; APPEL, Myrna Bier. *A Geração de 30 no Rio Grande do Sul*. Literatura e Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p.21-25. No depoimento prestado a este último livro, Martins levantou uma questão intrigante: “Em algum outro lugar do mundo poderia acontecer essa coisa absolutamente incompreensível – inimigos que se ajudam e ajudam o inimigo deles todos, que era eu?” (p.21).

⁴¹⁷ MARTINS, Ivan Pedro de. *Fronteira Agreste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

⁴¹⁸ GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005. p.139-141

⁴¹⁹ A simpatia manifestada pelos círculos católicos à medida tomada por Guido veio ao encontro do que Maria Luiza Tucci Carneiro constatou ao examinar os casos de Monteiro Lobato e de Gilberto Freire nos anos 1930. Segundo a autora, a política não estava sozinha na luta contra o comunismo, pois a intelectualidade católica não ocultava seu olhar censor às obras consideradas perigosas. Cf. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Ideias Malditas*. O DEOPS e as Minorias Silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado/SEC, 1997. p.77

⁴²⁰ Como nessas passagens: “O que me admira não é que haja alguém que escreva um livro como ‘Fronteira Agreste’. Talvez o autor achasse que devia escrever uma obra com realismo absoluto. O que me admira, porém,

Ivan Pedro de Martins encontrava-se no Uruguai quando soube do ocorrido e desabafou sua indignação em carta a Henrique Bertaso:

‘...ainda não posso conter a indignação que me causa a arbitrariedade do sr. ANGELO GUIDO. Meu caro HENRIQUE, a ação do DEIP tem tais contornos de farsa repugnante que me sinto envergonhado ao pensar que isso se passa em Porto Alegre... [...] Felizmente o Rio Grande não é esse cavalheiro que não conheço, que faz declarações cretinas a imprensa sobre a imoralidade do livro, que menciona a queixa de supostos pais de família, esquecido de que pais de família são todos os personagens desgraçados de meu livro e todos os que como eles vivem no campo e nas cidades do Rio Grande. No relatório do PASQUALINI ao interventor propondo a criação do órgão de Assistência Social, se mencionam as cifras da mortalidade infantil, que mostram que de cada 1.000 crianças nascidas no Estado apenas 530 estão vivas aos 14 anos, isto é, 470 morrem de fome e doença antes de chegar a essa idade. Isso provavelmente no conceito desse inquisitorial cavalheiro deve ser uma imoralidade na boca dum secretário de Estado.’⁴²¹

Em entrevista ao *Diário de Notícias*, Bertaso explicou o processo de escolha dos livros editados pela Globo, refutando a posição de Ângelo Guido e procurando demonstrar que os critérios adotados pela sua editora não se restringiam às finalidades comerciais.⁴²² Ao lado dele e do romancista estreante ficaram importantes entidades – como a Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), a ABDE, a União Estadual de Estudantes (UEE) e a Federação dos Estudantes Universitários de Porto Alegre (FEUPA) – e um amplo conjunto de jornalistas e literatos. Eles fizeram questão de manifestar seu repúdio à medida do DEIP na imprensa local e nacional através de notas e de artigos e da divulgação de telegramas de protesto, enviados ao interventor Ernesto Dorneles e ao diretor do DIP, Amílcar de Menezes.⁴²³

Pode-se depreender pelo menos três desdobramentos da polêmica em torno da apreensão de *Frenteira Agreste*. O primeiro deles foi a discussão sobre moralidade e literatura

é que a Livraria do Globo, uma livraria que tem merecido a prestígio de todos nós, da nossa sociedade, publique uma obra dessas.” Cf. O DEIP considerou ofensivo aos bons costumes o livro “Frenteira Agreste”, apreendendo a edição. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 18/01/1944, p.10; “Continuo afirmando que o livro excede todos os limites da decência, é da mais grosseira e deslavada imoralidade e pinta o ambiente da frenteira sob um aspecto deprimente para a dignidade moral do povo gaúcho.” Cf. A polêmica que empolga o mundo intelectual gaúcho. Um brasileiro “naturalizado” diante de “Frenteira Agreste”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 23/01/1944, p.16.

⁴²¹ O trecho foi extraído da transcrição feita pelo agente policial responsável por interceptar as missivas de Ivan Pedro de Martins. APERJ. Fundo Delegacia Especial de Segurança Política e Social – Inventário 1905-1944. Notação 23. Folha 145: Censura Postal. Acompanhamento de correspondência enviada por IVAN PEDRO DE MARTINS (em Montevidéu, no Uruguai) para HENRIQUE BERTASO (Livraria do Globo, Andradas n.1416, em Porto Alegre) datada de 23 de janeiro de 1944.

⁴²² A “Editora Globo” refuta a opinião do DEIP, acusando-o de critério simplista. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19/01/1944, p.8

⁴²³ Entre eles, Antônio Barata, Athos Damasceno Ferreira, Carlos Reverbel, Casemiro Fernandes, Cyro Martins, Décio Freitas, Fay de Azevedo, Gilda Marinho, Justino Martins, Juvenal Jacinto, Lila Ripoll, Luiz Cacciatore, Manoelito de Ornellas, Mario Quintana, Monteiro Lobato, Plínio Moraes, Reynaldo Moura, Sérgio Milliet e Telmo Vergara.

veiculada nas páginas da imprensa gaúcha. Em artigo publicado no *Diário de Notícias*, Fay De Azevedo argumentou que, se a apreensão do romance de Ivan Pedro de Martins justificava-se pela descrição pormenorizada de cenas de sexo, da mesma forma deveriam ser retiradas de circulação obras como *A Carne*, de Júlio Verne, ou *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. O autor lançou a questão: “Mas qual o critério para julgar o que é moral ou imoral?”, e a ela sugeriu resposta por meio de outra pergunta: “Será imoral descrever a vida como ela é, com tudo o que tem de belo e de sórdido?”.⁴²⁴ A *Revista do Globo*, por sua vez, e obviamente, colocou-se ao lado dos que repudiaram a medida do DEIP e questionaram o julgamento moral de obras literárias. Hamílcar de Garcia, tradutor da Casa, publicou artigo asseverando que a moral era o recurso ao qual recorriam os interessados em convencer a sociedade dos benefícios do ato de queimar determinadas obras. A moral, assim, servia à intolerância e aos intentos de destruir o poder de julgar e a liberdade de pensar.⁴²⁵

Ângelo Guido alegou razões de ordem moral para apreender os exemplares do romance de Martins e proibir a sua venda no estado. Sua atitude, norteadada por critérios sem validade no campo literário, mesmo que recostada na legitimidade jurídica, despertou a revolta dos escritores consagrados.⁴²⁶ Passagens – como a do defloramento da jovem Miguelina, da castração do menino Geraldo ou do desejo insaciável e bruto do cozinheiro Maneco por “siá” Bela – possivelmente serviram de “prova” para Ângelo Guido e aqueles que o apoiaram dirigirem uma campanha de descrédito sobre Ivan Pedro de Martins e a Livraria do Globo. No entanto, como observou Cyro Martins, a medida “antipática” representou uma “propaganda formidável”.⁴²⁷ Três dias após a liberação do romance, cuja tiragem inicial havia sido de três mil exemplares, a Livraria do Globo precisou providenciar mais cinco mil e, depois de um mês, outros quatro mil exemplares foram impressos para suprir a demanda em todo o país.⁴²⁸

⁴²⁴ Literatura e Senso Moral. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20/01/1944, p.4

⁴²⁵ Censura de Livros – Tentação de um mau exemplo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.357, 19/02/1944, p.32-33 e 60

⁴²⁶ Tirando a desforra após a liberação do romance, o jornalista e crítico literário Waldemar Cavalcanti ridicularizou Ângelo Guido em texto publicado na *Folha Carioca* e transcrito na *Revista do Globo*. Nele, Cavalcanti referiu-se ao substituto de Ornellas como um burocrata deslumbrado pela volúpia de poder de mando inesperado, por trás do qual se escondia um escritor fracassado e invejoso do sucesso alheio. Cf. Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.361, 22/04/1944, p.16-17 e 52

⁴²⁷ A apreensão de “Fronteira Agreste”. Como os intelectuais da cidade encaram a atitude do D.E.I.P. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19/01/1944, p.8

⁴²⁸ Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.364, 10/06/1944, p.16-17

O debate gerado por ocasião da apreensão de *Fronteira Agreste* nos jornais e revistas brasileiras, longe de comprometer a venda do romance, de denegrir a imagem da Livraria do Globo e de arrasar a reputação de Ivan Pedro de Martins, converteu o livro num extraordinário sucesso editorial. Além de a polêmica suscitar e alimentar a curiosidade do público pela obra – tanto mais pelo caráter sedutor no qual o discurso anticomunista envolvia o comunismo e os comunistas –, não parece infundado deduzir que a rede de solidariedade formada por figuras de destaque do jornalismo e da literatura em torno do autor e da editora funcionou como um poderoso certificado de garantia da qualidade da obra.

A notoriedade alcançada por *Fronteira Agreste* possivelmente motivou a procura por outras publicações de cunho regionalista editadas pela Globo naquele ano. O romance de estreia de Ivan Pedro de Martins, *Porteira Fechada*, de Cyro Martins, e o livro de contos gauchescos *Minuano*, de Lauro Rodrigues, figuraram entre os cinco mais vendidos na loja de José Bertaso por semanas, registrando excelente aceitação.⁴²⁹ Por outro lado, inovações técnicas e, principalmente, o caráter de crítica social presente em *Fronteira Agreste* e em *Porteira Fechada*, bem como no romance *Sem Rumo*, publicado por Cyro Martins em 1937, provocaram debate acerca do regionalismo literário no Rio Grande do Sul.⁴³⁰

Em palestra proferida no Centro André da Rocha, Cyro Martins defendeu o abandono do termo “regionalismo” e a adoção da expressão “localismo”, pois, para ele, o primeiro refletia condições que havia muito deixaram de existir no estado. O romancista fez clara referência ao ufanismo gaúcho. O herói não mais existia, e fazia-se necessário adotar um termo que ajudasse a revelar o problema do marginalismo.⁴³¹ Se a palavra sugerida por Cyro não vingou, “regionalismo” acabou ganhando um significado mais amplo e se despindo do excessivo regozijo das coisas gaúchas. A denúncia da exploração e da vida miserável dos trabalhadores da campanha, da situação de marginalização dessa porção do estado e dos que nela viviam e do processo de degradação social daqueles que se deslocavam para a cidade marcou a transformação da produção regionalista do período.⁴³²

⁴²⁹ Pode-se acompanhar pelas seguintes edições da *Revista do Globo*: Ano XVI, n.361, 22/04/1944, p.16-17; n.362, 06/05/1944, p.16-17; n.363, 20/05/1944, p.16-17; n.364, 10/06/1944, p.16-17; n.366, 08/04/1944, p.16-17

⁴³⁰ Cabe destacar também a produção de Pedro Wayne e de Aureliano de Figueiredo Pinto.

⁴³¹ Os escritores gaúchos e o homem do campo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.373, 21/10/1944, p.28-29

⁴³² No centro do país, Nelson Werneck Sodré foi um dos que constataram a mudança no enfoque regionalista da literatura sul-rio-grandense. Em matéria publicada no *O Estado de São Paulo* e reproduzida na *Revista do Globo*, Sodré afirmou que o gaúcho heroico havia desaparecido, ficando o seu herdeiro mal-aventurado, despojado até do cavalo, numa alusão à expressão “gaúcho a pé”, de Cyro Martins. Em sua análise, *Fronteira Agreste* e

Os problemas denunciados na ficção regionalista exigiam que seus autores apontassem soluções. Mas Cyro Martins e Ivan Pedro de Martins, embora próximos ao comunismo – o segundo de forma declarada – não apresentaram a revolução socialista como uma possibilidade, pelo menos não naquele momento de suas carreiras.⁴³³ Em *Fronteira Agreste*, Ivan Pedro de Martins usou alguns personagens para mostrar sua visão sobre a situação do homem do campo:

- Eu digo segundo e conforme porque acho que ansim num tá direito e, se num tá direito, tem de mudá.
 - Mas puluquê não tá direito? Sempre foi ansim...
 - Mas não tá direito.
- Darci olhava, porque seu Guedes estava dizendo [para Joaquim] bem o que ele queria dizer, mas não sabia. Ele tinha era vontade de brigar sem saber com quem, mas em geral tinha raiva dos donos do campo.⁴³⁴

Nesse trecho, o autor recorreu ao diálogo entre Guedes, Joaquim e Darci para mostrar que a vida que levavam na campanha não era justa, chegando a insinuar a existência de um certo ódio de classe, quando narrou a vontade alimentada por Darci de brigar contra os donos do poder. Se, por um lado, Guedes e Darci tinham certa consciência de que a forma como viviam não estava a contento, por outro, eles não sabiam como mudá-la, conforme fica-nos evidente na sequência:

- Pois veja, cumpadre, nós moremo nessas casas de torrão, sem chão, cheias de pulgas, o vento entra no inverno e a gente passa trabaio com a chuva e o frio, as roupa são pouca e véia, mas isso não é tudo. Nós passemos a vida trabaio e, quando chegemos a véio, tamo estropiado e não temo nada. Os matungos de estância, quando fica véio, eles solta pra morrê no campo, comendo sem trabaia e nós não, nós temo de trabaia até morrê. As crianças nasce e já bem miúda começa na lida e ansim vão pela vida. Não temo escola, não temo médico. Morre criança de doença como você sabe e num hai recurso. E ansim o resto, por isso é que num é direito.
- Mas sempre foi assim.
- Eu sei. Mas se uns pode tê de tudo por que nós não podemos melhorá? Se num tá direito, isso tem de mudá.
- Mas mudá como?
- Aí é que eu num sei, cumpadre, aí é que eu me enredo toda a veis que começo a pensá. Se eu soubesse, lhe dizia, mas pra que fingi? Eu só sei que num tá direito.⁴³⁵

Porteira Fechada carregavam mensagens contra o gaúcho herói. Cf. Uma etapa do romance. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.369, 19/08/1944, p.10 e 53

⁴³³ Somente na década de 1950, Cyro Martins publicou *Estrada Nova*, considerado, posteriormente, a última parte da “trilogia do gaúcho a pé”. Nesse romance, o personagem principal, Ricardo, como João Guedes, de *Porteira Fechada*, muda-se para a cidade em busca de trabalho. Mas, diferente de Guedes, que assistiu à ruína material e moral de sua família até ser assassinado, Ricardo entrou em contato com uma ideologia que poderia levar a uma possível transformação da sociedade agrária.

⁴³⁴ MARTINS, Ivan Pedro de. *Fronteira Agreste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p.85-86

⁴³⁵ Id. Ibid. p.86-87

Talvez tenha sido por passagens como essa que o camarada Otto Alcides Ohlweiller tenha afirmado, em 1946, que *Frenteira Agreste* não tinha direção ideológica. Mas, segundo o autor, seu romance não podia ter o que reclamava Ohlweiller, “pois o contexto social não tinha produzido na campanha uma consciência social”.⁴³⁶

A vivência na campanha proporcionou subsídios para Cyro Martins e Ivan Pedro de Martins criarem obras ficcionais a partir de um novo olhar sobre a organização social no interior do Rio Grande do Sul. E mesmo a apreensão de *Frenteira Agreste*, como vimos, não logrou lançar Ivan ao descrédito junto aos pares e ao público leitor. Já Dyonélio Machado não teve a mesma sorte. Durante o Estado Novo, sua produção sofreu crítica aberta, como no episódio de “Noite no acampamento”, e velada, subentendida na ausência de comentários quando do lançamento de *O Louco do Cati* pela Livraria do Globo, em 1942. Embora o autor pudesse contar com artigos e reportagens elogiosas no periódico da família Bertaso, o livro praticamente não foi explorado em outros veículos locais.⁴³⁷

No início dos anos 1940, Dyonélio Machado, devido a uma crise cardiopática que o impossibilitou de qualquer esforço físico, ditou *O Louco do Cati* para a esposa e a filha. A narrativa tinha como personagem central um homem, cujo nome se desconhecia, atormentado pelo fantasma do Cati, quartel-fortaleza mantido pelo PRR no município de Quaraí, destinado aos inimigos políticos e palco de torturas e mortes violentas no tempo do castilhismo-borgismo. Considerado louco pela maioria dos demais personagens, o homem passou por aventuras diversas, chegando a enfrentar algum tempo na prisão, no Rio de Janeiro, até retornar ao Cati (símbolo da intolerância), já em ruínas, e enfrentar seu tormento maior.

De acordo com Cleber Karls, o romancista quaraense combinou sua experiência de perseguido político ao cotidiano vivido no Hospital Psiquiátrico São Pedro para dirigir críticas a uma sociedade intolerante, que usava um conceito cada vez mais amplo de loucura para

⁴³⁶ MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos*. A vida de 31 militantes da classe operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p.85

⁴³⁷ Justino Martins produziu reportagens e reservou espaço para vários artigos sobre *O Louco do Cati* no quinzenário que dirigia. Cf. Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.300, 26/07/1941, p.8-9; Um livro escrito na cama. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.305, 11/10/1941, p.32-33; O Louco do Cati. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.307, 08/11/1941, p.46-51; Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.313, 07/02/1942, p.16; Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.316, 28/03/1942, p.16; Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.321, 20/06/1942, p.16; Dyonélio Machado e a Tragédia do Cati. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.323, 25/07/1942, p.8-9; O Louco do Cati. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.328, 17/10/1942, p.74-75

legitimar uma série de preconceitos e o desejo de excluir indivíduos diferentes – tidos, por isso, como criaturas imprevisíveis e/ou perigosas – do convívio social.⁴³⁸ Desde sua participação na ANL e da prisão enfrentada ao longo de quase dois anos, Dyonélio Machado sabia o que era ser considerado alguém indesejado, desviante, diferente. Em entrevistas concedidas no início dos anos 1980, Machado lembrou que o escritor de *O Louco do Cati* não era o mesmo de *Os Ratos*, que “seu gosto mudara, acompanhando uma tremenda mudança na sua vida”, a experiência do cárcere.⁴³⁹ O romancista confessou ter usado a vivência daquele período como elemento para a ficção.⁴⁴⁰

Para criar *O Louco do Cati*, Dyonélio Machado teve motivação semelhante a Graciliano Ramos quando escreveu *A Terra dos Meninos Pelados*. Acusado de comunista, Graciliano foi preso em março de 1936 (durante o surto repressivo desencadeado após os acontecimentos de novembro do ano anterior), permanecendo encarcerado até janeiro de 1937.⁴⁴¹ Dois anos depois, o escritor alagoano recebeu o prêmio de literatura infantil do Ministério da Educação pela criação de uma estória que falava de Raimundo, “um menino diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada”.⁴⁴² Estigmatizado pela diferença, Raimundo era ridicularizado e evitado pelas demais crianças do lugarejo onde morava. Um dia, atravessando a serra da Taquaritu, ele chegou ao país de Tatipirun, onde, junto a uma série de “esquisitices” – como árvores e pedras falantes – encontrou muitos meninos iguais a ele.

Ao analisar a produção de Graciliano Ramos, Ana Paula Palamartchuk constatou que, em *A Terra dos Meninos Pelados*, escrito em momento tenso, em que as divergências político-ideológicas eram enfatizadas e radicalizadas, o autor brincou com as diferenças físicas dos personagens com o objetivo de chamar atenção para as intolerâncias reinantes no mundo em que vivia.⁴⁴³ Foi no decorrer da experiência prisional que Dyonélio Machado e

⁴³⁸ KARLS, Cleber Eduardo. *Quando o médico e o literato se encontram*. As representações da loucura e do crime em Dyonélio Machado. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2008. p.116 e 135

⁴³⁹ MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.30

⁴⁴⁰ Id. Ibid. p.28

⁴⁴¹ Graciliano Ramos esteve preso com Dyonélio Machado no Rio de Janeiro. Segundo entrevista concedida em 1980, o escritor gaúcho revelou que o companheiro sofreu muito na prisão, por ser “muito poeta” (sic). Em *O Louco do Cati*, o poeta Leandro, colega de cela do maluco herói, parece ter sido inspirado em Graciliano. Cf. Id. Ibid. p.17; Id. *O Louco do Cati*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942. p.106, 110-115

⁴⁴² RAMOS, Graciliano. *A Terra dos Meninos Pelados*. 40ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p.7

⁴⁴³ PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista... Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 1997. p.103

Graciliano Ramos – comunistas e, por isso, tidos como criminosos – sentiram mais fortemente o peso do estigma e a crueza de uma sociedade hostil. Mas, ao contrário do escritor nordestino, premiado por um importante ministério do governo estado-novista, Machado praticamente não recebeu críticas em relação ao *Louco do Cati* no Rio Grande do Sul. Exceto pelos comentários e reportagens publicados na *Revista do Globo*, já mencionados, este romance foi cercado pelo silêncio, o que pode ter contribuído para lançar Dyonélio no esquecimento.⁴⁴⁴ Sendo alvo de críticas, fossem arrasadoras, fossem glorificantes, *O Louco do Cati* teria ajudado a manter seu autor em evidência. Mas, sem notoriedade, sem o retorno de seus pares, como um escritor pode manter-se consagrado? Ademais, ao silenciarem, aqueles com propriedade para tal tarefa acabaram deixando as mensagens anticomunistas preencherem o espaço deixado pelo silêncio.

Os comunistas Dyonélio Machado e Ivan Pedro de Martins, alvos de alguns dos mecanismos repressivos da ditadura Vargas, usaram suas experiências – na prisão e na campanha sul-rio-grandense – e suas visões críticas da sociedade gaúcha e brasileira como matéria-prima e ferramentas para a criação dos romances *O Louco do Cati* e *Frenteira Agreste*. Naqueles primeiros anos da década de 1940, embora existisse, embrionariamente, um movimento no interior do PCB, no sentido de estabelecer uma política cultural para orientar a criação artística, o Partido não controlava a produção literária de seus filiados. Foi na fase final do Estado Novo que aquela agremiação começou a se reorganizar e, ao fim da década, passou a interferir direta e sistematicamente na esfera literária e a divulgar as teses do realismo socialista no Brasil.

VI.

A polêmica em torno da apreensão de *Frenteira Agreste* movimentou o debate, no meio literário gaúcho, acerca da função social do escritor. Logo que o romance foi liberado pelo DIP, a *Revista do Globo* – lembremos, sob a direção do comunista Justino Martins –

⁴⁴⁴ Cabe lembrar que o ostracismo de Dyonélio Machado a partir do fim dos anos 1940 foi, em parte, autoimposto e que, em depoimentos de alguns literatos e jornalistas, é possível encontrar relatos sobre as dificuldades de se conviver com o escritor de Quaraí, devido ao seu temperamento. Pode-se somar a isso o desentendimento ocorrido entre Machado e Maurício Rosemblat, um dos diretores da Globo, devido à reprovação deste em relação ao *O Louco do Cati*. Este episódio resultou na ruptura entre Dyonélio e a Editora Globo. Cf. Delfos. Entrevista gravada com Carlos Reverbel sobre Dyonélio Machado no dia 20 de agosto de 1990; Delfos. Entrevista gravada com Dr. Cyro Martins sobre Dyonélio Machado no dia 23 de julho de 1990; GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997. p.70

promoveu um inquérito com importantes escritores e tradutores da Casa sobre a neutralidade na criação artística. Eles emitiram suas opiniões a partir de três questões: “Qual deve ser a atitude dos intelectuais diante dos problemas políticos e sociais que atualmente abalam o mundo?”; “É lícito o escritor colocar-se à margem de tais problemas, isto é, permanecer ‘neutro’?”; e “Em que poderá consistir a colaboração do escritor para a construção de um mundo melhor?”.⁴⁴⁵ (Percebe-se que a construção das questões sugeria a resposta esperada).

Com exceção de Mário Quintana e Telmo Vergara, os demais defenderam explicitamente a arte como “expressão social” através da qual o intelectual daquele momento deveria esclarecer e orientar as massas, harmonizar a sociedade, lutar pela coletividade, pela liberdade e pela democracia, combater os preconceitos e o nazi-fascismo. O intelectual “neutro” fugiria da sua “missão”: a de ser “intérprete da comunidade nacional”. Para os comunistas Dyonélio Machado e Juvenal Jacinto, especialmente, sendo os intelectuais os “líderes natos do povo”, a “camada superior da sociedade”, seu papel era o de promover o debate sobre os problemas e o de mobilizar a população.⁴⁴⁶

A enquete promovida pelo quinzenário colocou na ordem do dia algumas questões que seriam debatidas no I Congresso Brasileiro de Escritores em janeiro de 1945 na capital paulista.⁴⁴⁷ Em Porto Alegre, a partir de novembro de 1944, a revista dirigida por Justino Martins, bem como os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, passou a noticiar os preparativos e o desenrolar do conclave, em torno do qual escritores e jornalistas brasileiros alimentavam grandes expectativas, não apenas em relação a aspectos linguísticos, literários e

⁴⁴⁵ Serão fascistas os escritores gaúchos? *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.362, 06/05/1944, p.28-31 e 59. Os consultados foram Antônio Barata, Athos Damasceno, Cyro Martins, Darcy Azambuja, Dyonélio Machado, Emílio Kemp, Erico Verissimo, Juvenal Jacinto, Limeira Tejo, Mário Quintana, Moysés Vellinho, Otelo Rosa, Reynaldo Moura, Telmo Vergara, Waldemar de Vasconcelos e Walter Spalding.

⁴⁴⁶ Serão fascistas os escritores gaúchos? *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.362, 06/05/1944, p.28-31 e 59.

⁴⁴⁷ O I Congresso Brasileiro de Escritores foi um desdobramento da articulação de escritores, jornalistas e tradutores brasileiros em torno, primeiramente, da Sociedade Brasileira de Escritores (SBE), criada no ano de 1942 em São Paulo, e, num segundo momento, da ABDE, fundada um ano depois na capital federal. Por meio dessas entidades, pela primeira vez na história brasileira homens e mulheres dedicados à escrita resolveram proteger seu trabalho, defendendo os direitos autorais. Por estar imersa num contexto político marcado pelo autoritarismo, a iniciativa comprometeu-se com a reflexão sobre o papel político e social dos intelectuais. Para maiores informações sobre a SBE, a ABDE e o I Congresso, cf. CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986; LAUERTA, Milton. *Elitismo, Autonomia, Populismo. Os intelectuais na transição dos anos 40*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência Política da UNICAMP, Campinas, 1992; LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores. Movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 2010; RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986.

culturais, mas também no tocante à condição do escritor enquanto membro de um grupo específico e a sua participação naquele contexto sócio-político.⁴⁴⁸

Divididos em cinco comissões – Direitos Autorais; Cultura e Assuntos Gerais; Teatro, Imprensa, Rádio e Cinema; Assuntos Políticos; e Redação e Coordenação – os delegados do I Congresso, instalado em 22 de janeiro de 1945, deram vazão a uma grande diversidade de posicionamentos. Resumidamente, estes tocaram em três pontos: a condição profissional do escritor; as restrições impostas à atividade cultural pelo aparato censor do Estado Novo; e a necessidade de se definir o papel social dos intelectuais.⁴⁴⁹

De acordo com Milton Lahuerta, de meados dos anos 1930 ao fim da década seguinte, a questão que polarizou as atenções dos escritores disse respeito às condições não apenas necessárias, mas possíveis, para que eles assegurassem a autonomia do seu ofício.⁴⁵⁰ Tratava-se de redefinir seu papel social e de resguardá-los da submissão ilimitada e permanente a instâncias alheias ao campo cultural, entenda-se, o Estado. Conforme o mesmo cientista político,

O processo de “autonomização relativa do campo cultural”, começava a ocorrer num contexto em que a atividade cultural jurisdicionada pelo Estado impunha – positiva ou negativamente – o tema da missão intelectual [...] que, com a conjuntura de guerra e de deslegitimação do Estado Novo, ganhava enorme dramaticidade.⁴⁵¹

Pode-se afirmar que aquele primeiro encontro de escritores brasileiros foi uma importante etapa do processo da autonomização do campo cultural no Brasil. A pesquisa de Felipe Victor Lima reforça essa hipótese. De acordo com o historiador, por trás dos diversos temas que permearam as sessões do encontro, evidenciou-se um projeto maior, preocupado em formar um “campo intelectual autônomo” no país a partir de iniciativas que lhe garantissem os meios de vida como resultado do próprio exercício do pensamento.⁴⁵² Por isso, ampliar o número de leitores (consumidores), capacitando-os para o consumo de obras

⁴⁴⁸ No segundo capítulo de sua dissertação, Felipe Victor Lima mapeou a discussão realizada na imprensa paulistana acerca do I Congresso, analisando as expectativas de escritores, tradutores e jornalistas em relação ao evento. Percebe-se que, como evidenciada na consulta realizada pela *Revista do Globo*, a discussão em torno da neutralidade do escritor, traduzida por alguns pela metáfora da “torre de marfim”, ganhou amplo espaço nos jornais consultados por Lima. Cf. LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores. Movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 2010.

⁴⁴⁹ Id. Ibid. p.106-107 e 220

⁴⁵⁰ LAUERTA, Milton. *Elitismo, Autonomia, Populismo*. Os intelectuais na transição dos anos 40. 1992. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência Política da UNICAMP, Campinas, 1992. p.322

⁴⁵¹ Id. Ibid. p.322-323

⁴⁵² LIMA, Felipe Victor. Op. Cit. p.109

literárias (através da alfabetização, da difusão da leitura etc.), foi um destacado tema de discussão, mas não o único. Questões de ordem legal – como o valor a ser pago pelas editoras aos escritores e as formas de pagamento, as obrigações recíprocas entre editores e escritores, a queda de obras no domínio público, além da moralização do exercício da crítica literária e a regulamentação da atividade de tradutores e de jornalistas – ajudaram a compor o conjunto de teses apreciadas no evento, as quais pareceram convergir para um mesmo ponto: dar especificidade ao campo literário. Naquele momento, porém, o processo de autonomização não dependia apenas de resoluções no âmbito da produção literária. Fazia-se necessária a abertura política que colocasse fim às práticas de censura e permitisse a livre manifestação de opiniões.⁴⁵³

Antônio Albino Canelas Rubim afirmou que, embora expressiva, a participação comunista no conclave não foi majoritária, pois, naquele momento, o Partido ainda enfrentava divergências internas quanto a sua direção e à orientação de luta pela democratização, as quais foram superadas somente com a legalização do PCB.⁴⁵⁴ Os comunistas distribuíram-se em todas as comissões, mas foi naquela destinada a debater os assuntos políticos – da qual saíram as resoluções e a Declaração de Princípios do evento – que sua presença se fez mais marcante.⁴⁵⁵ Dyonélio Machado, líder da delegação do Rio Grande do Sul, ocupou dois espaços importantes: a mesa que presidiu o Congresso e a comissão de Assuntos Políticos.⁴⁵⁶ Para ele e os demais escritores, jornalistas e tradutores ligados ao comunismo, o I Congresso foi uma oportunidade de agir legalmente na ilegalidade.

⁴⁵³ LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores*. Movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 2010. p.108, 109, 132, 134, 139, 140, 158 e 172

⁴⁵⁴ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.215

⁴⁵⁵ LIMA, Felipe Victor. Op. Cit p.107

⁴⁵⁶ O Rio Grande do Sul foi representado por Casimiro Fernandes e Marcos Iolovitch, na Comissão de Direitos Autorais; Gilda Marinho e Reynaldo Moura, na Comissão de Cultura e Assuntos Gerais; Justino Martins e Nogueira Leiria, na Comissão de Teatro, Imprensa, Rádio e Cinema; Dyonélio Machado e Raul Ryff, na Comissão de Assuntos Políticos; Hamílcar de Garcia e Juvenal Jacinto, na Comissão de Redação e Coordenação. A delegação também foi integrada por Adail Moraes, Antônio Barata, Athos Damasceno Ferreira, Beatriz Bandeira, Carlos Dante de Moraes, Carlos Reverbel, Darcy Azambuja, Guilhermino Cesar, Homero de Castro Jobim, Josué Guimarães, Lila Ripoll, Moysés Vellinho, Nilo Ruschell, Otto Alcides Ohlweiller, Pedro Wayne, Saí Marques e Telmo Vergara. Dez dos participantes oriundos do Rio Grande do Sul eram declaradamente ligados ao PCB. As fontes consultadas não ofereceram detalhes sobre o processo de eleição desses delegados. Percebe-se, no entanto, que os vinte e sete participantes constituíam-se de trabalhadores e de frequentadores da Livraria do Globo. Esse dado reforça a afirmação, feita no começo deste capítulo, a respeito do domínio que a revista e a editora de José Bertaso exerciam nos espaços e nos momentos dedicados a decidir sobre questões pertinentes à produção literária.

Segundo as memórias de Jorge Amado, ele e seus companheiros tinham a “tarefa” de impor a “linha justa” do Partido em todas as discussões.⁴⁵⁷ Definida na Conferência da Mantiqueira, em 1943, a União Nacional, como também ficou conhecida, preconizou a união de todos os segmentos da sociedade brasileira em torno do governo Vargas na luta pela democracia, contra o imperialismo e o nazi-fascismo. Muitos militantes discordaram da decisão e acabaram cumprindo as ordens partidárias a contragosto.⁴⁵⁸ A fim de impedir vacilações e desvios, Pedro Pomar, alto dirigente do PCB, deslocou-se para São Paulo e promoveu encontros clandestinos com Amado, por meio dos quais se informava sobre o encontro, dava diretrizes e ditava ordens.⁴⁵⁹ Numa dessas ocasiões, a residência do romancista baiano abrigou reunião com Alina Paim, Dyonélio Machado, Dalcídio Jurandir, Oswald de Andrade, Aparício Torelly, Vinícius de Moraes, Moacir Werneck de Castro e Raul Ryff. Eles se comprometeram em conquistar adeptos entre os não-comunistas para a União Nacional e obter parecer favorável para as teses apresentadas pelos comunistas. O objetivo era tornar a posição política do Congresso a mais próxima possível da resolução da Conferência da Mantiqueira.⁴⁶⁰ O PCB, assim, colocou em prática suas primeiras estratégias no sentido de estabelecer o controle político do principal órgão de representação dos escritores, entrando num terreno até então pouco valorizado na história do Partido.

A atuação dos escritores ligados ao PCB – sobretudo no tocante aos temas políticos – afinou-se às orientações de Pedro Pomar. Esse aspecto é notável, se atentarmos para o fato de que, segundo Lima, grande parte das teses não se dirigiu diretamente ao governo, mas defendeu o regionalismo e o fim da perseguição aos estrangeiros, utilizando-se de um

⁴⁵⁷ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p.19

⁴⁵⁸ O jornalista Raul Ryff chegou a manifestar claramente à direção gaúcha sua discordância na questão do apoio incondicional a Vargas e sugeriu que fosse enviada uma carta ao Comitê Nacional comunicando a reprovação do Comitê Estadual do Rio Grande do Sul nesse sentido. Cf. APERJ. Fundo DPS. Série Dossiês. Notação: 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. Folhas 28 e 29: Autobiografia de autoria de Raul Francisco Ryff datada de 30 de março de 1946. Para maiores detalhes sobre a recepção da orientação do Partido entre os militantes, cf. CARONE, Edgar. *O P.C.B. (1943-1964)*. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1982; MARTINS, Marisângela T. A. *De volta para o presente*. Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2007; MORAES, João Quartim de. *Concepções comunistas do Brasil democrático: esperanças e crispções (1944-1954)*. In: MORAES, João Quartim de. (Org.) *História do Marxismo no Brasil*. Vol. III: Teorias, Interpretações. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998; PRESTES, Anita L. *Da insurreição Armada (1935) à “União Nacional” (1938-1945)*. A Virada Tática na Política do PCB. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

⁴⁵⁹ AMADO, Jorge. Op. Cit. p.20

⁴⁶⁰ PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os novos bárbaros*. Escritores e comunismo no Brasil. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2003. p.290-292

discurso sugestivo que criticava o Estado Novo sem fazer referência explícita a ele.⁴⁶¹ Já nas comissões de Cultura e de Rádio, Teatro, Cinema e Imprensa, a tônica foi trabalhar pela democratização da cultura, chamando os escritores a usar todos os veículos e espaços disponíveis (escolas, livros, jornais, revistas, emissoras de rádio, cinema, teatro etc.) para informar o povo e para lhe fornecer subsídios que lhes permitissem refletir sobre a realidade e compreender seus direitos.⁴⁶² Os participantes do Congresso atribuíam-se o papel de “guias” de um povo inculto e ignorante, um povo que – de acordo com a interpretação de Cavalcante para o episódio – relegado ao abandono, à pobreza, à fome e à doença, era destituído das condições de participação por força da ignorância.⁴⁶³ O intelectual – homem de cultura no sentido de fruto de reflexão que não se produzia no meio popular – era visto como detentor de um saber que deveria ser difundido, popularizado, promovendo a conscientização das massas através da elevação do seu nível cultural.⁴⁶⁴

Essa autopercepção dos escritores como condutores do processo de conscientização do povo e os demais assuntos amplamente debatidos no decorrer do encontro foram resumidos na Declaração de Princípios:

Os escritores brasileiros, conscientes de suas responsabilidades na interpretação e defesa das aspirações do povo brasileiro, e considerando necessária uma definição do seu pensamento e de sua atitude em relação às questões políticas básicas do Brasil, neste momento histórico, declaram e adotam os seguintes princípios:

Primeiro – A legalidade democrática como garantia da completa liberdade de expressão do pensamento, da liberdade de culto, da segurança contra o temor da violência e do direito a uma existência digna.

Segundo – O sistema de governo eleito pelo povo mediante sufrágio universal, direto e secreto.

Terceiro – Só o pleno exercício da soberania popular em todas as nações, torna possível a paz e a cooperação internacionais, assim como a independência econômica dos povos.

⁴⁶¹ LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores*. Movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 2010. p.172-173. Um exemplo alto do comprometimento dos comunistas com a “linha justa” do Partido é a aplaudida tese da romancista Lia Corrêa Dutra sobre o papel dos escritores, cujo item “h” defendia que estes esquecessem, provisoriamente, divergências de partidos, de credos religiosos e políticos, e promovessem uma união estreita e ativa para a derrota do inimigo comum, o nazi-fascismo (p.198).

⁴⁶² Id. Ibid. p.108, 109 e 158-172

⁴⁶³ CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986. p.106

⁴⁶⁴ Id. Ibid. p.108. De acordo com Mônica Velloso, a estrutura patriarcal e autoritária e a condição de país periférico do Brasil – com grande contingente de analfabetos – acabaram por reforçar ao extremo a prática de falar em nome dos destituídos de capacidade de discernimento e expressão, facilmente absorvida pelos intelectuais. Cf. VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V.2. p.147

CONCLUSÃO – O Congresso considera urgente a necessidade de ajustar-se à organização política do Brasil aos princípios aqui enunciados, que são aqueles pelos quais se batem as forças armadas do Brasil e das Nações Unidas.⁴⁶⁵

A Declaração de Princípios marcou um momento da história brasileira em que o discurso político esteve explicitamente vinculado às questões candentes à profissionalização do escritor. Somente com a queda do regime e seus mecanismos cerceadores da liberdade de expressão é que os escritores, os tradutores e os jornalistas teriam assegurada a plenitude de condições para suas atividades. O documento selou o evento que, em seu próprio desenrolar, começou a ser construído como marco de uma nova fase na vida cultural e política do país.⁴⁶⁶

Em entrevistas concedidas décadas mais tarde, Dyonélio Machado recordou a ocasião em que procedeu a leitura da Declaração de Princípios:

Aquela foi uma noite importante. Éramos três representantes que compúnhamos a presidência da mesa: Sérgio Milliet, por São Paulo; Aníbal Machado, pelo Rio de Janeiro e eu, pelo Rio Grande do Sul. As moções eram lidas geralmente pelo secretário da mesa, mas esta eu achei que deveria ler eu mesmo. Era hábito ler sentado, mas nesse dia eu achei que deveria me levantar. Levantei-me, e toda aquela massa, aquele povo levantou junto, não havia nada combinado, foi uma emoção. Eu li o Manifesto e causou uma comoção tremenda.⁴⁶⁷

O escritor quaraiense relembrou com orgulho o momento em que tomou para si a responsabilidade de ler a Declaração de Princípios do I Congresso Brasileiro de Escritores. A julgar por seu relato e pelas demais fontes consultadas, Machado obteve a aceitação dos pares, demonstrando ter entre eles prestígio suficiente para ser considerado digno de assumir compromissos tão importantes em seus nomes.

Tanto no trabalho que desempenhou na comissão de Assuntos Políticos como no discurso que preferiu por ocasião do encerramento do I Congresso, Dyonélio Machado defendeu a unidade nacional dos escritores, considerada fundamental para que lutassem por um ambiente político livre de temores e mais propício ao livre exercício de inspiração.⁴⁶⁸ O

⁴⁶⁵ LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores*. Movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 2010. p.209

⁴⁶⁶ PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os novos bárbaros*. Escritores e comunismo no Brasil. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2003. p.308-309

⁴⁶⁷ MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. p.33

⁴⁶⁸ LIMA, Felipe Victor. Op. Cit. p.193 e 211. De acordo com Lauerta, essa disposição unitária – declarada por Machado, por seus companheiros de Partido e por intelectuais não-comunistas – de lutar pela democracia não se traduziu no aprofundamento das diferentes concepções de como se poderia construí-la. Cf. LAUERTA, Milton.

esforço em cumprir a orientação de Pedro Pomar demonstra que o romancista gaúcho emprestou seu nome e sua voz para o cumprimento da determinação do Partido, estando sujeito à disciplina partidária. Com o prestígio alcançado pela URSS no fim da Segunda Guerra e com a abertura política no Brasil, muitos outros escritores fizeram companhia a Dyonélio nas fileiras comunistas e se depararam com as peculiaridades do centralismo democrático. Mas esse já é um assunto para o próximo capítulo.

ЯЕСОМРЕИСДС (И)ГЯДТДС:

Comprometimentos e frustrações dos escritores
engajados no promissor PCB da legalidade

I.

Em um de seus livros de memórias, Erico Verissimo lembrou o quão confuso lhe pareceu o momento de abertura política em 1945, quando retornava dos Estados Unidos:

O Partido Comunista, em plena legalidade, recebia a adesão de alguns dos intelectuais mais representativos do país. A burguesia organizava-se em dois partidos, o Social Democrático e a União Democrática Nacional. Getúlio Vargas e Prestes tinham sido vistos lado a lado no mesmo palanque, por ocasião dum comício político. [...] O lema dos comunistas era “Constituinte com Getúlio”. Estonteado ainda do mar, a cabeça escaldante do sol, eu não compreendia direito a situação. Grandes figuras das letras brasileiras se haviam inscrito no Partido Comunista? Prestes junto com o homem cuja Polícia Política entregara sua mulher aos carrascos nazistas? Inacreditável!⁴⁶⁹

Legalizado no processo de redemocratização a partir de 1945, o Partido Comunista do Brasil mostrou-se à sociedade de uma maneira que não havia sido possível até então. Favorecido pelo carisma de Luís Carlos Prestes – libertado após nove anos de prisão e eventos traumáticos envolvendo sua companheira Olga Benário – e pelo prestígio da URSS – cujo papel para a derrota do Eixo na Segunda Guerra foi incontestado – o PCB surgiu como a grande novidade, apoiando Getúlio Vargas, defendendo a União Nacional, criando uma ampla rede de jornais e revistas, fundando editoras, inserindo-se em grandes empresas e no seio do proletariado urbano e, ao mesmo tempo, conquistando a simpatia de extensos setores das camadas médias e da intelectualidade.⁴⁷⁰

⁴⁶⁹ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Memórias. 1º Volume. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p.285-286

⁴⁷⁰ SEGATTO, José Antonio. PCB: a questão nacional e a democracia. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. V.3. p.221

Muitos escritores embalados pela Declaração de Princípios do I Congresso Brasileiro de Escritores engajaram-se em propostas que defendiam a missão social do artista. Um considerável número deles, entre os quais nomes de extremo prestígio nos meios literários brasileiros, filiou-se ao PCB.⁴⁷¹

A seção gaúcha do Partido Comunista, a partir de 1945, também passou a contar com um maior número de escritores entre seus filiados. A Beatriz Bandeira, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Jorge Bahlis, Laci Osório e Lila Ripoll – uns com mais, outros com menos destaque em suas atuações políticas e literárias ao longo da Era Vargas – juntaram-se Edith Hervé, Fernando Melo, Heitor Saldanha e Plínio Cabral. Porém, com exceção de Saldanha, os demais não tinham expressão no universo literário sul-rio-grandense, e a maioria deles dedicava-se mais ao jornalismo.⁴⁷²

Nesse quarto capítulo estudaremos a atuação de homens e mulheres dedicados à literatura vinculados ao PCB no Rio Grande do Sul entre 1945 e 1949, a partir de registros sobreviventes de suas atuações especialmente em três âmbitos: na imprensa partidária, nas atividades culturais desenvolvidas no Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha e na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Nossa análise levará em conta, na direção inversa, as crescentes interferências do PCB nas questões relativas à cultura, explorando tanto a imagem e o prestígio dos escritores quanto suas inserções em entidades e em eventos destinados a resolver questões da categoria, como a ABDE e as segunda e terceira edições do Congresso Brasileiro de Escritores, realizadas em 1947 e em 1949, respectivamente.

⁴⁷¹ Para maiores detalhes sobre os escritores, e também escultores, jornalistas, gravuristas, pintores e sociólogos que ingressaram no PCB em 1945, cf.: ARAUJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958)*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002; CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982; MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994; PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista... Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 1997; Id. *Os novos bárbaros. Escritores e comunismo no Brasil*. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2003; RODRIGUES, Leônicio Martins. *O PCB: os dirigentes e a organização*. In: GOMES, Ângela de Castro et al. (Orgs.). *O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. T.3. V.3.

⁴⁷² Outros tantos ensaístas, professores, jornalistas, tradutores, gravuristas, escultores e pintores já compunham desde os derradeiros anos do Estado Novo ou passaram a compor os quadros comunistas no Rio Grande do Sul com a abertura política, como A. P. Antonópulos, Antônio Pinheiro Machado Neto, Carlos Callage, Carlos Lima Aveline, Carlos Scliar, Décio Freitas, Ester Scliar, Fernando Guedes, Gilda Marinho, Homero de Castro Jobim, Isaac Akcelrud, Jacob Koutzii (Plínio Moraes), João Aveline, João Schenkel Filho, Juvenal Jacinto, Leonor Scliar, Otto Alcides Ohlweiller, Raul Ryff, Sibilis Viana.

II.

Parte dos escritores atuantes no PCB entre 1945 e 1949 frequentava a Livraria do Globo e colaborava na *Revista do Globo*. Esse fato – bem como o amplo espaço dispensado a autores nacionais e estrangeiros sabidamente comunistas nas páginas do quinzenário dos Bertaso⁴⁷³ – possivelmente tenha sido favorecido pela presença de Justino Martins na direção do impresso até maio de 1947.⁴⁷⁴ Justino também continuou enfatizando – tanto em textos de sua autoria como de colaboradores selecionados por ele – temas relacionados ao popular e atacou os Estados Unidos, explorando, principalmente, a temática da discriminação racial no espaço do quinzenário denominado “Por esses caminhos do mundo”.⁴⁷⁵

A *Revista do Globo*, no entanto, foi perdendo sua importância como um espaço de legitimação literária a partir de 1945, quando apareceu a revista *Província de São Pedro*. De acordo com Coradini, diferente da primeira, que surgiu a serviço da mobilização política no fim da Primeira República, *Província de São Pedro* tratou-se de um empreendimento criado pela elite cultural sul-rio-grandense em reação à padronização cultural. Com um novo

⁴⁷³ Comunistas em evidência na revista entre 1945 e maio de 1947, a julgar do cruzamento dos artigos da *Revista do Globo* com os relatórios da polícia, as memórias dos antigos militantes, as notícias veiculadas nos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* e a bibliografia: Alfredo Antônio Gerhardt, Aparício Torelly, Cyro Martins, Dalcídio Jurandir, Dyonélio Machado, Ilya Ehrenburg, Ivan Pedro de Martins, Jorge Amado, Luís Carlos Prestes, Moacir Werneck de Castro, Oswald de Andrade, Otto Alcides Ohlweiller, Salomão Scliar, Sibillis da Rocha Viana e Tito Batini.

⁴⁷⁴ As fontes que atribuem razões profissionais para a transferência de Justino Martins para a Europa merecem ser matizadas. É possível que traços da personalidade do jornalista de Cruz Alta, já comentados nessa tese, tenham deixado seus padrões em situações embaraçosas e, por essa razão, estes tenham decidido tirá-lo da direção da *Revista do Globo* e torná-lo seu correspondente naquele continente. Na edição 448 do tradicional impresso, ele revelou que pretendia ir para Siracuse, nos Estados Unidos, mas acabou indo para Siracusa, na Itália porque “Descobriu o Departamento de Estado americano que, por ocasião do fechamento do Partido Comunista no Brasil, eu dera entrevistas desaprovando aquele ato do nosso governo e o atribuindo à influência dos ‘donos da vida de Wall Street’. Sem dúvida eu fora muito longe na minha medida da liberdade de dizer as coisas, interpretara demasiado ao pé da letra as lições de democracia que me habituara a ler em Lincoln e Roosevelt, - cometera, enfim, o sacrilégio de atacar o imperialismo [...]. Sendo assim, não podia entrar nos Estados-Unidos [sic].” Alguns testemunhos corroboram que Justino teria tido motivações políticas para sair do Brasil. Em depoimento concedido à redação do quinzenário em 1962, ele afirmou que, depois de permanecer na *Revista do Globo* por quase dez anos, “quis salvar o Brasil à minha maneira e acabei tendo que atravessar o Atlântico, rumo a Siracusa...”. Cf., respectivamente: Rumo a Siracusa. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIX, n.448, 6 de dezembro de 1947, p.35-37 e 78-79; Um pouco da história da Revista do Globo. Três depoimentos. Mansueto Bernardi, Justino Martins, Erico Verissimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXXIV, n.813, de 3 a 16 de fevereiro de 1962, p.40-45. A fotografia que ilustra o depoimento de Justino Martins nesta edição apresenta-o no Museu Lênin, de Moscou, em dezembro de 1961.

⁴⁷⁵ Alguns aspectos populares abordados pela *Revista do Globo* até maio de 1947: a relação entre paganismo afro-brasileiro e catolicismo; a pobreza na Vila Marginal em Porto Alegre; os jornaleiros (meninos marginalizados); a miséria no Brasil e no Uruguai; os cortiços de São Paulo; as gafeiras; a crescente mendicância em Porto Alegre; a mortalidade infantil; os mocambos de Recife; a miséria na “Cidade Maravilhosa”; a capoeira; a macumba; o transporte como um problema em todo o país; o desemprego dos pracinhas em Porto Alegre; a falta de leite no Rio Grande do Sul; a miséria do índio brasileiro.

programa regionalista, em oposição ao antigo regionalismo tradicionalista ou saudosista, a publicação visava a um público mais restrito (os próprios intelectuais e a população escolarizada e politicamente interessada).⁴⁷⁶

Em suas memórias, o jornalista Carlos Reverbel, secretário da redação da *Província de São Pedro* dos números 2 a 12, recordou que a iniciativa de criar uma revista literária de alto nível e voltada para uma elite intelectual partiu de Moysés Vellinho e foi amplamente apoiada por Henrique Bertaso.⁴⁷⁷ Há, no entanto, evidências de que o objetivo do impresso era projetar a imagem cultural da editora.⁴⁷⁸ Os trabalhos publicados foram, principalmente, dos autores que compunham os quadros da Livraria do Globo, embora a revista também publicasse textos de escritores nacionais e internacionais.⁴⁷⁹

Segundo Torresini, até 1947, a atividade editorial da Globo, baseada nas traduções, na confecção de enciclopédias e na organização de coleções, foi incessante. Nos anos seguintes, porém, os registros das edições começaram a diminuir e a atenção da empresa voltou-se para os livros técnicos (que atendiam às novas exigências da especialização profissional), para os livros de Erico Verissimo, para a Enciclopédia Globo e para os cursos de línguas estrangeiras à base de discos e fitas sonoras.⁴⁸⁰ Nos últimos capítulos dessa tese, veremos como os escritores comunistas, que foram perdendo cada vez mais espaço na editora da Família Bertaso a partir da segunda metade dos anos 1940, criaram novos espaços para divulgação de

⁴⁷⁶ CORADINI, Odaci. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003. p.12. *Província de São Pedro* circulou com uma periodicidade irregular entre 1945 e 1957, totalizando 21 edições. Semelhante à *Revista do Globo*, ela não se concentrava apenas em literatura (prosa, poesia e crítica), oferecendo aos seus leitores textos em áreas como Folclore, Sociologia, História, Geografia, Economia, Música etc., mas não se mostrou interessada em investigar temas populares, como aqueles explorados por Justino Martins.

⁴⁷⁷ As fontes consultadas não apontam indícios de que a criação da revista *Província de São Pedro* tenha decorrido da orientação popular dada por Justino à *Revista do Globo*.

⁴⁷⁸ 1945 marcou o início do declínio da Editora Globo. Após editar mais de duzentos títulos nos dois anos finais do Estado Novo, a casa editorial registrou 48 edições em 1946, 54 em 1947, 24 em 1948 e 20 obras no ano seguinte. Cf. TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. *Editora Globo. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. 1988. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Cultura Brasileira da PUCRS, Porto Alegre, 1988. p.145-146

⁴⁷⁹ BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel. Textos escolhidos*. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006. p.743-744. Entre os autores nacionais, encontravam-se os comunistas Álvaro Moreyra, Beatriz Bandeira, Cyro Martins, Décio Freitas, Dyonélio Machado, Heitor Saldanha, Ivan Pedro de Martins, Graciliano Ramos, Lila Ripoll, Moacyr Werneck de Castro, Nelson Werneck Sodré e Vasco Prado. Cf. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Província de São Pedro: Índice de Assuntos e Colaboradores. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, Vol.2, n.1, maio 1996. Para um exame sobre textos de Moysés Vellinho publicados na *Província de São Pedro* por um viés historiográfico, cf. RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história. Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação. 1925 a 1964*. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006.

⁴⁸⁰ TORRESINI, Elizabeth Rochadel Wendhausen. Op. Cit. p.155. Editoras concorrentes da Globo também enveredaram-se para essa parcela do mercado, como a Editora Coruja, pela qual o comunista Jorge Bahlis publicou duas edições do seu *Dicionário de Contabilidade - Escrituração Mercantil*, em 1950 e 1952.

sua produção literária, ancorados pela iniciativa da direção nacional do PCB de criar, de forma sistemática, uma rede de jornais e revistas para, entre outras coisas, difundir a produção de intelectuais comprometidos com o realismo socialista.

Com o surgimento da *Província de São Pedro*, a *Revista do Globo* deixou de ser o órgão em que se travaram as discussões literárias para se tornar, basicamente, um meio de divulgação da produção da editora da família. O debate literário passou a ser veiculado nas páginas da *Província de São Pedro* e direcionado para um público cada vez mais especializado. Moysés Vellinho assim caracterizou o novo impresso no editorial da primeira edição:

É uma publicação regional, sem dúvida, faz questão de sê-lo, mas não a animam exclusivismos localistas. Seu objetivo é o de fomentar, no Rio Grande do Sul, as obras da inteligência, através do ensaio, da crítica, da ficção, da poesia, de todas as manifestações do pensamento. Sem impor limites à sua orientação, nem sentido ideológico ao seu programa, PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO pretende converter-se no centro de coleção, seleção, estímulo e irradiação das atividades culturais que se processam neste extremo sul do país. Guardando-se dos perigos de um tradicionalismo estreito e das pieguices do saudosismo, terá sempre presentes, no entanto, os elementos fundamentais da tradição local, os autênticos valores do passado, porque acredita que a preservação de certas fixações é indispensável à caracterização de uma cultura.⁴⁸¹

O regionalismo foi um dos temas mais debatidos nas seções do periódico dedicadas à prosa e à poesia. Tendo em vista que a criação da *Província de São Pedro* partiu da iniciativa de personalidades já consagradas, que formavam, em torno da Livraria do Globo, o núcleo dominante no meio literário gaúcho, o novo impresso já nasceu favorecido pela autoridade desse grupo. Tal fator seguramente colaborou também para que a nova abordagem regionalista, defendida com veemência nas páginas da revista, se consolidasse.

Dois dos principais autores, cuja produção voltada para o regionalismo foi alvo dos debates travados na *Província de São Pedro* – sobretudo em 1945 e 1946 – foram Cyro Martins e Ivan Pedro de Martins. Os romances *Porteira Fechada*, do escritor quaraíense, e *Fronteira Agreste* e *Caminhos do Sul*, do romancista mineiro, foram transformados em ícones de um regionalismo marcado pela denúncia da miséria, da exploração dos trabalhadores do campo e da degradação social daqueles que se aventuravam em busca de uma vida melhor na cidade. Houve, então, um reconhecimento desses autores e de suas obras, sem interferências da questão da militância. Possivelmente, porque a aproximação de Cyro com o PCB era

⁴⁸¹ *Província de São Pedro*, Porto Alegre, Ano 1, n.1, jun. 1945, p.6-7

discreta. Já o engajamento de Ivan, embora declarado, o que poderia comprometer a imagem da Globo, havia sido o tempero do sucesso de *Fronteira Agreste*, como vimos no capítulo anterior. Colocar sua produção entre as mais significativas da literatura regionalista era promover também a própria Globo. De um modo geral, até o fim da fase de legalidade do PCB, a *Província de São Pedro* constituiu-se num espaço aproveitado por escritores comunistas, como Beatriz Bandeira, Dyonélio Machado e Lila Ripoll.

Havia também escritores à margem da Livraria do Globo, da *Revista do Globo* e da *Província de São Pedro*. Em 1946, alguns deles criaram o Grupo Quixote para “enfrentar os quadros dominantes no Rio Grande do Sul e assumir uma posição revolucionária no plano cultural”, publicando poesias e organizando eventos culturais.⁴⁸² A maioria de seus integrantes era composta por jovens concluintes ou por concluir o curso de Direito. A exceção ficava por conta de Heitor Saldanha, servidor ferroviário, e de Vicente Moliterno, funcionário público.⁴⁸³

Um importante instrumento na batalha simbólico-cultural deflagrada pelo Grupo Quixote foi a revista homônima. Já em seu primeiro número, o impresso – mantido pelos membros – declarou: “Investe-se contra o marasmo e suficiência, contra a falta de influxo criador autêntico da geração que ora detém a liderança intelectual.”⁴⁸⁴ O Grupo tinha como lema a frase do escritor espanhol D. Miguel de Unamuno, “Vamos fazer uma barbaridade”, que bem expressava sua intenção de provocar uma mudança significativa na produção cultural gaúcha. Com presença ativa na cena literária de Porto Alegre no período de 1947 a 1961, os quixotes propuseram consideráveis renovações, reivindicando a concretização da estética modernista no estado e propondo alternativas ao novo regionalismo amparado pela Livraria e Editora Globo e pela revista *Província de São Pedro*. De acordo com Regina Zilberman, suas obras se caracterizaram por manifestações intimistas, como as encontradas nos poemas de Vicente Moliterno, pela postura associada à filosofia existencialista, a exemplo da poesia de

⁴⁸² BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote*. História e Produção Poética. Porto Alegre: EDIPUCRS/IEL, 1994. p.13

⁴⁸³ Id. Ibid. p.20. Outros integrantes do grupo foram Fernando Castro, Fernando Jorge Schneider, Luiz Carlos Manoel, Manoel Walter, Paulo Hecker Filho, Pedro Geraldo Escosteguy, Raymundo Faoro, Sílvio Duncan, Walmor Marcelino e Wilson Chagas.

⁴⁸⁴ Quixote. *Quixote*, Porto Alegre, n.1, dez. 1947. Apud. Id. Ibid. p.28

Fernando Castro, e pelo apelo social, do qual a literatura de Heitor Saldanha foi um dos expoentes.⁴⁸⁵

A segunda metade da década de 1940 marcou uma nova tendência na literatura gaúcha. Até o início dos anos 1960, na companhia da prosa de Cyro Martins, de Erico Verissimo e de Ivan Pedro de Martins (que, desde 1944, já não mais residia no estado), a poesia ganhou renovada força no cenário literário, revelando, projetando e consolidando nomes como Heitor Saldanha, José Paulo Bisol, Mário Quintana, Paulo Hecker Filho e Reynaldo Moura, demonstrando que o antigo grupo da Livraria do Globo foi paulatinamente cedendo (ou perdendo) espaço para produtores de textos literários com propostas diferenciadas. Heitor Saldanha, integrante do Grupo Quixote, introduziu e ajudou a consolidar a temática social na poesia gaúcha e, junto com Edith Hervé, Fernando Melo, Laci Osório e Plínio Cabral, compôs um grupo de escritores de orientação marxista em busca de espaço e de reconhecimento no meio literário da época.

III.

Com o fim do Estado Novo, antigos líderes políticos sul-rio-grandenses, reverenciados pela *Revista do Globo* nos anos 1920 e 1930, aderiram a diferentes partidos, criados após a decretação da Lei Agamenon (nome do então Ministro da Justiça) em maio de 1945.⁴⁸⁶ Flores da Cunha, Osvaldo Aranha e Borges de Medeiros concentraram-se na União Democrática Nacional (UDN), enquanto Raul Pilla recriou o tradicional Partido Libertador (PL), único partido essencialmente gaúcho.⁴⁸⁷

Um círculo de intelectuais agrupou-se em torno de Alberto Pasqualini (Secretário do Interior e Justiça na Interventoria de Ernesto Dornelles) e da União Social Brasileira (USB), posteriormente absorvida pelo nascente Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).⁴⁸⁸ Paulatinamente – lançando mão de uma plataforma que combinava a defesa de avanços na

⁴⁸⁵ ZILBERMAN, Regina. *Literatura Gaúcha*. Temas e Figuras da Ficção e da Poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985. p.120

⁴⁸⁶ A referida lei tornava obrigatória a formação de partidos de caráter nacional, numa estratégia que, de acordo com Bodea, visava não apenas evitar a demasiada fragmentação partidária, mas também impedir o ressurgimento dos tradicionais partidos oligárquicos que tinham bases essencialmente estaduais e defendiam princípios derivados do liberalismo clássico. BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. p.14

⁴⁸⁷ Id. Ibid. p.17-18

⁴⁸⁸ Recebem o destaque de Miguel Bodea o engenheiro Egydio Michaelsen, os advogados João Caruso Scuderi, Ajadil de Lemos e Leocádio Antunes e o professor Bruza Netto. Cf. Id. Ibid. p.23

indústria, a aceitação controlada do capital externo e a incorporação das massas trabalhadoras ao processo político e econômico, chegando, inclusive, a preconizar a redistribuição da renda e da terra em alguns momentos – o PTB ganhou força no Rio Grande do Sul e tomou muito do terreno conquistado pelo PCB com a abertura política. Essa situação agravou-se nos anos de 1949 e 1950, quando, depois de surgir da clandestinidade exibindo a bandeira da União Nacional em 1945, de ter o registro cancelado em 1947 e os mandatos de seus parlamentares cassados em janeiro de 1948, o PCB radicalizou ao extremo sua linha política, como veremos adiante.

Essa movimentação político-partidária ocorreu no contexto de transição entre um promitente clima de abertura política e outro – de fechamento político, retorno de forte repressão policial e paulatina intensificação do anticomunismo – impulsionado pelo início da Guerra Fria. Uma vez eleito presidente, em dezembro de 1945, Eurico Gaspar Dutra, convicto anticomunista e figura chave do Estado Novo, mostrou a face conservadora do seu governo, alinhando-se aos Estados Unidos e desencadeando perseguição ao PCB sob várias acusações.

A defesa da ordem e da tranquilidade pelo PCB foi interpretada pelos órgãos da repressão como parte de um perigoso plano subversivo previsto em três etapas. Uma vez conquistada a legalidade, o Partido organizaria as massas e demonstraria sua força pela agitação para, num terceiro momento, assaltar o poder pela “desordem organizada”, etapa que começaria com uma greve geral que levaria à revolução.⁴⁸⁹ Com o crescimento do número de greves em todo o país no fim de 1945 e começo de 1946, devido ao alto custo de vida, não demorou para que o governo insinuasse que esses movimentos estavam sendo insuflados pelos comunistas, proibisse comícios, fechasse associações e apreendesse jornais.⁴⁹⁰ As acusações se intensificaram com o retorno do PCB à clandestinidade. Em abril de 1948, o jornal *A Manhã* noticiou a desarticulação de um “poderoso levante comunista”, tendo o chefe de Polícia local efetuado diversas prisões e se apoderado de farto material que, segundo a reportagem, serviu para assegurar a polícia das intenções “maléficas” dos comunistas.⁴⁹¹

Em nível nacional, no que disse respeito à Igreja Católica, influente inimiga dos comunistas, o crescimento eleitoral do PCB a partir de 1945 e a estratégia de dissociar sua

⁴⁸⁹ NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19 – [C] Cx.611. Disco 5/10. F.00483-00493. A “linha justa” do P.C.B. é um plano subversivo. Documento datado de 12 de março de 1946.

⁴⁹⁰ RODEGHERO, Carla Simone. O anticomunismo nas encruzilhadas do autoritarismo e da democracia: a conjuntura 1945-1947. *Métis*. História e Cultura. Caxias do Sul, v.5, n.10, p.179-202, jul.-dez. 2006

⁴⁹¹ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 00.160. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.00297. Entre os comunistas detidos, estavam Deburgo de Deus Vieira, Demétrio Ribeiro, Fernando da Costa Melo, Gínia Machline, Julieta Batistioli, Manoel Jover Telles e Maria Linhares Crespo.

imagem do ateísmo, visando vencer resistências no interior do eleitorado católico, geraram grande ansiedade e temor nas lideranças católicas.⁴⁹² No Rio Grande do Sul, a LEC – Liga Eleitoral Católica – instalada oficialmente em 15 de agosto de 1945, teve destacada atuação através de irradiações diárias, de publicação de artigos pagos no jornal *Correio do Povo* e de concentrações.⁴⁹³

Para a maioria dos comunistas, porém, o ano de 1945 não dava sinais de que o futuro se tornaria tão desfavorável.⁴⁹⁴ Para ilustrar a euforia desmedida que invadiu a militância naquele momento histórico, lançamos mão de trecho já conhecido das memórias do metalúrgico Eloy Martins:

Achava-me empolgado, não ouvia ninguém, os acontecimentos políticos me entusiasmavam em demasia, apesar de uma luta íntima existente dentro de mim. Meu espírito de classe entrava em choque com a orientação partidária, a qual aceitava de forma forçada. Não podia entrar na minha cabeça o apoio irrestrito a Vargas e posteriormente a política de apertar o cinto para evitar greves.⁴⁹⁵

Ainda que divergente da política da União Nacional, como outros companheiros, conforme vimos no capítulo anterior, o antigo militante foi absorvido pela condição de legalidade conquistada pelo Partido Comunista mediante a derrocada do Estado Novo. Eloy Martins foi um entre tantos que, contrariados, conformaram-se com as decisões partidárias e obedeceram às ordens que eram impostas pelas instâncias superiores da agremiação.⁴⁹⁶ O “centralismo democrático” – “forma de sujeição férrea e absoluta”⁴⁹⁷ – era o princípio fundamental da estrutura orgânica do PCB e com o qual, em algum momento, os comunistas, uns menos resignados que outros, enfrentaram momentos de maior ou menor tensão.

⁴⁹² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002. p.23

⁴⁹³ RODEGHERO, Carla Simone. O anticomunismo nas encruzilhadas do autoritarismo e da democracia: a conjuntura 1945-1947. *Métis*. História e Cultura. Caxias do Sul, v.5, n.10, p.179-202, jul.-dez. 2006. p.189

⁴⁹⁴ Em pesquisa realizada durante curso de Mestrado, constatamos que, mesmo diante do efetivo cancelamento do registro do PCB e da cassação dos deputados e dos senadores eleitos sob sua legenda, muitos militantes do Partido seguiram alimentando esperanças na possibilidade de reverter a situação. Cf. MARTINS, Marisângela T. A. *De volta para o presente*. Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2007.

⁴⁹⁵ MARTINS, Eloy. *Um Depoimento Político*. 55 anos de PCB. Memórias de um metalúrgico. Porto Alegre: Pallotti, 1989. p.76

⁴⁹⁶ Outros exemplos em AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992; CARVALHO JÚNIOR, Francisco; GARCIA, Eliane Rosa. (Org.) *Adorável Camarada*. Memórias de Julieta Batistioli. Entrevistas realizadas com Julieta Batistioli, em 29 de junho de 1990 e 22 de julho de 1992, por Francisco Carvalho Júnior. (Núcleo de Pesquisa Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Este encontrável também em livro: *Adorável camarada*. Memórias de Julieta Batistioli. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2008. 77p.

⁴⁹⁷ AMADO, Jorge. Op. Cit. p.135

De acordo com os *Estatutos* do PCB de 1945, o “centralismo democrático” tinha o objetivo de assegurar o caráter eletivo de todos os órgãos do Partido (Comitê Nacional, comitês estaduais, municipais, distritais e células) e a subordinação da minoria à maioria. Contraditoriamente, esse princípio interno deveria contribuir para com o respeito e a subordinação “incondicional”, por parte dos organismos inferiores (maioria), às resoluções dos organismos superiores (minoria). Cabe acrescentar ainda que, orientados por esse princípio, os comunistas cultivavam o costume de realizar, de tempos em tempos, críticas e autocríticas em todas as unidades.⁴⁹⁸

No Rio Grande do Sul, a reestruturação do PCB começou a ser planejada ainda na clandestinidade, tendo à frente o professor universitário Otto Alcides Ohlweiller, que desempenhou o cargo de Secretário Geral do PCB no estado nos anos finais do Estado Novo, entregando-o ao companheiro metalúrgico Abílio Fernandes em meados de 1945.⁴⁹⁹ Proveniente de família de classe média, diplomado em Química Industrial e docente da Escola de Engenharia da, então, Universidade de Porto Alegre, Ohlweiller estava longe de preencher os requisitos do militante comunista modelo, embora fosse sofisticado teórico do materialismo histórico e dedicado militante.⁵⁰⁰

Quando do lançamento oficial do PCB no Rio Grande do Sul, em 30 de julho de 1945, evento divulgado em ampla reportagem pelo *Correio do Povo*⁵⁰¹, os comunistas de Porto Alegre já contavam com mais de trinta células, além de comitês distritais e municipal em avançado processo de estruturação.⁵⁰² Os dirigentes do PCB gaúcho, segundo a matéria do

⁴⁹⁸ *Estatutos do Partido Comunista do Brasil*. Projeto e Reforma. Editado pelo Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil. Rio de Janeiro – 1945. p.17. Para mais informações sobre o “centralismo democrático”, cf.: AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992; CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982; FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002; PERALVA, Osvaldo. *O Retrato*. Impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

⁴⁹⁹ Cf. Os Dirigentes Comunistas no Rio Grande do Sul. *Libertação*, Porto Alegre, n.15, 28/06/1945, p.12-15, 18, 20 e 29

⁵⁰⁰ É surpreendente o fato de Ohlweiller ocupar o cargo máximo da hierarquia partidária do PCB gaúcho no começo dos anos 1940, principalmente se levarmos em conta que, em meados do decênio de 1930, ele escrevera artigos defendendo o Estado Integral em periódicos integralistas. Alguns artigos de sua autoria são: A Revolução de 30 e a Grande Revolução. *O Integralista*, Porto Alegre, Ano I, n.33, 13,01,1935, p.1; Negação ou Retorno a Deus. *O Integralista*, Porto Alegre, Ano I, n.35, 27,01,1935, p.2; Filosofia e Método Integral. *Panorama*, São Paulo, Ano I, n.3, mar. 1936, p.13-19; Instinto Criador. *Panorama*, São Paulo, Ano I, n.10, 1936, p.7-15

⁵⁰¹ A pedido. O Lançamento Oficial do Partido Comunista do Brasil, no R. G. do Sul. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 01/08/1945, p.6

⁵⁰² O Comitê Estadual passou a funcionar no primeiro andar do conhecido Edifício Malakoff, em frente ao Mercado Público de Porto Alegre. O Comitê Municipal, por sua vez, lançado em setembro de 1945, funcionou em três salas de um prédio na Rua Voluntários da Pátria, centro da cidade. As células comunistas distribuíram-se

Correio do Povo, eram o metalúrgico Abílio Fernandes, Secretário Geral do partido no estado; o professor e Cônsul do México em Porto Alegre Jorge Bahlis, secretário de Divulgação e Cultura; o professor universitário Otto Alcides Ohlweiller, responsável pelas Eleições; o padeiro Edgar José Curvello, Secretário de Massas; o advogado João Alberto Schenkel Filho, Secretário de Organização; e o metalúrgico Eloy Martins, responsável pelo setor Sindical. Alguns deles acumulavam funções em outras esferas do Partido.

Exceto por Jorge Bahlis, nenhum outro nome ligado aos meios literários porto-alegrenses alcançou cargos importantes na hierarquia do PCB gaúcho.⁵⁰³ No interior do Partido, as mulheres e os homens produtores de literatura envolveram-se intensamente nas atividades partidárias, embora despidos de poder de decisão no que dizia respeito à forma de concretizar as orientações vindas do Comitê Nacional. Entre 1945 e 1947, eles dedicaram-se, sobretudo, à imprensa, aos comícios e às atividades culturais levadas a efeito no Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha. Com o retorno do PCB à clandestinidade, reiniciou-se um longo período de perseguição aos comunistas e, pelo menos até 1958, eles redirecionaram suas ações para as chamadas “organizações de massa”, conforme veremos nos próximos capítulos.

IV.

O pioneiro estudo de Antônio Albino Canelas Rubim constatou que o período de 1945 a 1947 foi o de mais ricas possibilidades de interferência do PCB na esfera cultural. De um lado, nomes expressivos da intelectualidade brasileira filiaram-se ao Partido. De outro, a agremiação construiu uma ampla rede de meios de produção e de difusão cultural, constituída de, no mínimo, oito jornais diários, mais de uma dezena de semanários, uma agência de

pelos bairros Aberta dos Morros, Azenha, Bom Fim, Centro, Cidade Baixa, Floresta, Glória, Guaíba, João Pessoa, Menino Deus, Mont’Serrat, Navegantes, Partenon, Passo da Mangueira, Rio Branco, São João, São José e Teresópolis. Para maiores detalhes sobre a estruturação do PCB em Porto Alegre entre 1945 e 1947, cf. MARTINS, Marisângela T. A. *De volta para o presente*. Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2007.

⁵⁰³ Jorge Bahlis, personagem central do primeiro capítulo dessa tese, voltou a deixar registros mais consistentes sobre suas atividades no PCB a partir de 1945, embora não tenha cessado sua atuação política ao longo dos quinze anos anteriores. De acordo com documentos da Polícia Política, mesmo durante a ilegalidade, o escritor sírio promovia reuniões comunistas, valendo-se de suas imunidades consulares. Cf. APERJ. Fundo Polícias Políticas. Dossiê Estados. Pasta 19b. F.00496-00497. Documento datado de 1946. Constata-se, nesse caso, o retorno para o PCB, num contexto extremamente desfavorável, da recompensa recebida por Bahlis devido à sua atuação na Liga Pró-México Antiimperialista no final da década de 1920: o cargo de Cônsul do México em Porto Alegre.

notícias, duas editoras, uma distribuidora, diversas revistas, um serviço de cine-jornal, além de estender sua influência por vários outros veículos não ligados ao Partido.⁵⁰⁴

Inseridos na rede mapeada por Rubim, a revista *Libertação* e o jornal *Tribuna Gaúcha*, editados pelos comunistas de Porto Alegre, constituíram-se em frutos de uma articulada e ambiciosa discussão, sob o comando da direção nacional do PCB, no sentido de dotar o Partido de uma gama de impressos que, sistematicamente, cobrisse a maior parte do território do país com as ideias dos intelectuais comprometidos com o “realismo socialista”.⁵⁰⁵

A primeira edição de *Libertação* circulou em 14 de abril de 1945 sob a direção de Sibilis da Rocha Viana e Alfredo Antônio Gerhardt e apresentou-se comprometida com a política da União Nacional, evidente no lema “Democratização, Progresso, pela Organização Unitária do Povo”.⁵⁰⁶ Sem nenhum militante oriundo do meio operário em sua equipe, pode-se dizer que *Libertação* foi o semanário da elite intelectual comunista gaúcha, pois comandada por estudantes universitários, jornalistas e escritores ligados ao Comitê Municipal de Porto Alegre, embora também contasse com a colaboração de personalidades do mundo jornalístico e literário sem vínculos com o PCB.

Antigos e novatos militantes ocuparam funções na edição e colaboraram com o semanário, seja financeiramente, mediante anúncios, seja jornalística e literariamente, por meio de reportagens, poemas e críticas literárias.⁵⁰⁷ Num primeiro momento, *Libertação* foi dirigida pelos, então, universitários Sibilis da Rocha Viana e Alfredo Antônio Gerhardt, tendo na redação o estudante Antonio Pinheiro Machado Neto, redator chefe; o jornalista Raul Ryff,

⁵⁰⁴ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.338. Para a fase de legalidade do PCB, Rubim identificou entre os periódicos comunistas, os seguintes títulos: *Libertação* e *Tribuna Gaúcha*, editados em Porto Alegre; *O Momento*, em Salvador; *Tribuna Popular* e *Literatura*, no Rio de Janeiro; *Hoje*, em São Paulo; *Folha do Povo*, em Pernambuco; *Folha Popular*, em Natal; *Jornal do Povo*, em Aracaju; *Tribuna do Povo*, em São Luiz; e *A Luta*, em Manaus (p.37-50). Parte da tese de Rubim foi condensada em capítulo de livro organizado por João Quartim de Moraes. Cf. Id. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. In: MORAES, João Quartim de (Org.) *História do Marxismo no Brasil*. Vol. III: Teorias, Interpretações. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

⁵⁰⁵ MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004. p. 161

⁵⁰⁶ Outros impressos comunistas carregaram lemas semelhantes, como o carioca *Unitário*, “semanário popular de união nacional”. Cf. RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. Cit. p.38

⁵⁰⁷ Entre os anunciantes regulares, encontravam-se os estabelecimentos: Alfaiatarias Confiança, Bombonière Andradas, Calçados Americano, Casa Imperial (de móveis), Casa Princesa, Casa Rosário de Móveis, Casa Tupan (de trajes), Clube Euclides da Cunha, Continental Auto-Partes, Curso Rápido Comercial (dirigido por Jorge Bahlis), Fábricas Irmãos Stein, Farmácia Nossa Senhora da Glória, Farmácia São Rafael, Livraria Médica, Livraria Orbe, Ótica Rangel, Otto Herwig Alfaiate, Serraria Gasômetro, Sul América Companhia Nacional de Seguros, Teatro do Estudante, Tinturaria Durex e Tinturaria Moderna; os profissionais Farias Guimarães, dentista; Alberto Viana da Rosa, César Ávila, César Cardoso Nanni, Cesario Coimbra, Cyro Martins, David Castro, Edmundo Nascimento, Fernando Guedes, Francisco Soares Giacomo, Marino dos Santos, Mena Barreto Costa, Rubens Maciel e Ruy Vieira da Rocha, médicos; e Acteon Valle Machado, Guilherme Schultz Filho, Júlio Teixeira e Yolanda Mendonça, advogados.

redator de política internacional; e o tradutor da Editora Globo Casemiro Fernandes, redator de assuntos literários. Na edição nº8, a revista contou com um diretor comercial, o Dr. Carlos Alberto Brenner, e com Décio Freitas, Paulo Fontoura Gastal e Renan Falcão de Azevedo na equipe de redatores. Em meados de 1945, os comunistas criaram a Editora Libertação S.A., dirigida por Dyonélio Machado e José Gay da Cunha (responsável pela parte comercial), e *Libertação* passou a compor a estrutura dessa empresa. De acordo com a notícia publicada na edição de 23 de junho de 1945, os novos diretores do periódico haviam sido “indicados”, levando em conta o “objetivo de colocar esta revista sob a nova orientação orgânica que há de resultar da estruturação legal da empresa.”⁵⁰⁸

A carreira literária de Dyonélio Machado continuava em alta. Em 1945, ele foi agraciado pelo conjunto de sua obra com o cobiçado Prêmio Felipe d’Oliveira relativo a 1944, juntamente com o escritor alagoano Graciliano Ramos. Alguns notáveis nomes da literatura brasileira manifestaram suas opiniões no noticioso carioca *Jornal*, afirmando ter sido a premiação uma “consagração merecida” de “um de nossos grandes romancistas de todos os tempos”.⁵⁰⁹ Se a premiação de *Os Ratos* esteve envolta em uma confusa cadeia de trocas e de solidariedade, como vimos no segundo capítulo, o Prêmio Felipe d’Oliveira não deixou dúvidas quanto ao reconhecimento do talento do autor, revalidando seus créditos nesse meio.

Ao assumir a direção de *Libertação*, o romancista quaraiense colocou o prestígio acumulado ao longo dos últimos anos e toda a notabilidade consequente de sua atuação pública à disposição do Partido Comunista. Por meio do semanário que carregava seu nome, o PCB gaúcho defendeu a redemocratização da sociedade brasileira por uma via pacífica, sob o comando de Vargas, divulgou a reorganização das unidades partidárias no estado, promoveu campanha em favor dos candidatos do Partido às eleições de 1945, discutiu sobre problemas sócio-econômicos (principalmente a miséria, os altos preços da carne e do leite e o movimento sindical), além de exaltar Prestes e a União Soviética, uma característica do incipiente realismo socialista que invadia a imprensa comunista, como veremos adiante.

O PCB, por sua vez, soube valorizar e explorar a imagem daquele que dirigia sua revista, como por ocasião das eleições de dezembro de 1945, nas quais Machado concorreu a

⁵⁰⁸ *Libertação*. *Libertação*, Porto Alegre, n.11, 23/06/1945, p.5

⁵⁰⁹ Dyonélio Machado – Prêmio Felipe D’Oliveira. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVII, n.386, 12/05/1945, p.16

deputado federal.⁵¹⁰ Em edição dedicada ao presidenciável comunista – o engenheiro Yedo Fiúza – e aos candidatos à Câmara Federal, *Libertação* exaltou a atuação de Dyonélio em três frentes: na medicina, na literatura e na política: “Médico e antigo lutador das causas populares. Escritor dos mais destacados da literatura social brasileira, tornou-se nacionalmente conhecido através de seus romances”. Sem fazer menção alguma ao passado republicano do escritor, a revista resgatou sua atuação na ANL, sua demissão do Hospital Psiquiátrico São Pedro e a prisão, ambas decorrentes do envolvimento com a Aliança, sugerindo que o escritor havia sido vítima de injustiça. Por um lado, esse procedimento estimulava a solidariedade dos leitores para com o médico-escritor. Por outro, frente aos companheiros de Partido, expor a trajetória de Dyonélio naqueles termos dava a ele um “ar especial”, um tipo de prestígio que a clandestinidade e a prisão política conferiam àqueles que haviam tido forças suficientes para resistir às suas agruras.⁵¹¹ Por fim, o impresso mencionou que o autor de *Os Ratos* havia conquistado o Prêmio Felipe d’Oliveira pelo conjunto de sua obra, e concluiu: “Autor de vários trabalhos científicos, Dyonélio Machado divide-se entre a clínica, a atividade política, [trecho ilegível] dedicado ao povo, que já reconheceu nele um de seus líderes mais dedicados e atacados”.⁵¹²

Aquela edição de *Libertação* explorou as trajetórias de todos os candidatos à Câmara Federal e do candidato à presidência da República, escolhendo episódios e aspectos que, do ponto de vista dos dirigentes do PCB, faziam deles militantes honrados, comprometidos com um processo tranquilo e pacífico de democratização e merecedores da confiança e do voto da população. Sobre Otto Alcides Ohlweiller, o impresso informou:

Filho de família de classe média, diplomou-se em química industrial aos 21 anos, na Escola de Engenharia e na Faculdade de Filosofia da Universidade de Porto Alegre. [...] Sua **capacidade de dirigente** e suas **qualidades de militante** fazem com que seus companheiros de Partido o elejam Secretário Geral do PCB no Rio Grande do Sul, cargo que entregou a Abílio Fernandes no ampliado de junho deste ano.⁵¹³

⁵¹⁰ Junto com Dyonélio, também concorreram à deputação federal pelo Rio Grande do Sul os comunistas: Abílio Fernandes, Albino Portela Fagundes, Álvaro Moreyra, Antônio Teixeira e Silva, Arlindo Ferreira de Souza, Carlos Lima Aveline, César Ávila, Déborah Souza Ribeiro, Deburgo de Deus Vieira, Gasipo Chagas Pereira, Júlio Teixeira, Lucas Fortes dos Santos, Luís Carlos Prestes, Manoel Jover Telles, Nicácio Costa, Otto Alcides Ohlweiller, Percy de Abreu Lima, Ricardo Ellwanger, Santos Soares, Sérgio Holmos e Trifino Correia. Quem são os candidatos comunistas pelo Rio Grande do Sul. *Libertação*, Porto Alegre, n.31, 17/11/1945, p.3

⁵¹¹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.98

⁵¹² Quem são os candidatos comunistas pelo Rio Grande do Sul. *Libertação*, Porto Alegre, n.31, 17/11/1945, p.3

⁵¹³ Quem são os candidatos comunistas pelo Rio Grande do Sul. *Libertação*, Porto Alegre, n.31, 17/11/1945, p.3. Grifos nossos.

Mesmo com a suavização da hostilidade aos intelectuais, provocada pelo processo de proletarização no fim dos anos 1920, os quadros comunistas continuaram alimentando uma visão desse grupo como formado por indivíduos que advinham da pequena burguesia, que tinham pouca convicção ideológica e que, portanto, eram perigosos. Ohlweiller provinha da uma classe vista com suspeitas por seus companheiros. De acordo com Ferreira, “originários de uma camada social destituída do instinto revolucionário próprio dos operários, artistas e intelectuais, vacilantes e pouco seguros, não inspiravam a menor confiança aos comunistas”.⁵¹⁴

No entanto, no fim do Estado Novo, fase extremamente complicada para os militantes do PCB, com “dedicação extremada” o professor universitário desenvolvera “trabalho profícuo”⁵¹⁵, dando provas de ser merecedor do “digno nome de comunista” e, mais que isso, de que apresentava as condições requeridas para o posto máximo da hierarquia pecebista no Rio Grande do Sul. Esse posto ele entregou ao metalúrgico Abílio Fernandes em meados de 1945, possivelmente por ser este um militante que, devido à sua origem proletária e à sua obediência rigorosa às ordens da direção partidária, tinha um *status* mais elevado na organização. O professor universitário passou a ocupar outro cargo na hierarquia do PCB gaúcho, o de Secretário Eleitoral.

Em edição de julho de 1945, o semanário comunista apresentou os dirigentes dos comitês estadual e municipal do PCB, justificando a presença de intelectuais entre eles:

O Partido Comunista é o partido da classe proletária e do povo. E do seio do proletariado é de onde tem saído a maioria de seus dirigentes. Ninguém melhor, pois, do que os trabalhadores para compreenderem os problemas de sua classe, as suas necessidades e as suas aspirações. Pois que eles o sentem na própria carne. No trabalho de cada dia, na parca alimentação de cada mesa e na pobreza de seu lar querido. O trabalhador ao falar de suas necessidades, sentidas todos os dias, está falando por toda a sua classe e por todo o povo. Por isso ele, é o mais credenciado para estar à frente do Partido do proletariado e do povo, o Partido Comunista. Mas o povo tem encontrado outros **amigos**. Elementos de outras camadas sociais, que tiveram recursos para estudar e que compreenderam as necessidades do povo e se [sic] resolveram lutar por elas. Poucos, é certo. E por isto dignos de toda a admiração. [...] são homens que colocam o seu **saber**, manifestado através **da imprensa, da literatura, da ciência e das artes**, para **defender os interesses do proletariado e do povo**. São sábios e são heróis, também.

A participação dos intelectuais honestos na direção do Partido Comunista é o justo **prêmio** que recebem da classe proletária, pela sua dedicação e amor à causa do povo. É a **maior honra** que um **homem das letras**, sincero consigo mesmo e com

⁵¹⁴ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.188

⁵¹⁵ Os Dirigentes Comunistas no Rio Grande do Sul. *Libertação*, Porto Alegre, n.15, 28/06/1945, p.12-15, 18, 20 e 29

suas ideias, pode receber – a sua participação no seio do partido do povo e do proletariado.⁵¹⁶

Parece que o autor do texto estava preocupado em explicar para os companheiros proletários as razões pelas quais o “partido da classe operária” mantinha integrantes da pequena burguesia em sua direção. Ele afirmou que, mesmo provenientes da classe média, aqueles homens de saber haviam preferido lutar ao lado do povo, lançando mão do conhecimento de que dispunham para defender os interesses da população na imprensa, na literatura, na ciência e nas artes. Por essa razão, eram merecedores da honrosa recompensa de fazer parte da direção do Partido Comunista. O capital cultural que os intelectuais empenharam pela causa do proletariado retornou a eles sob a forma de capital simbólico: o reconhecimento público desses “homens de letras” como legítimos representantes do povo, como pessoas honradas e confiáveis, porque haviam dado provas de suas honestas intenções. A ideia que se insinuava aqui e que se estendeu com mais força ao longo da década seguinte, era a de que o intelectual, “por sua origem não-proletária”, aderiu e colaborava com uma luta que não era sua por estar ciente da exploração do operariado e por solidarizar-se com ele.⁵¹⁷

Diferente do que vimos na discussão sobre dádiva e contradádiva a partir da concepção de amizade de Jorge Bahlis, no primeiro capítulo, nesse caso, a explicitação da dívida e da recompensa não invalidou a troca. Pelo contrário, mostrou-se necessária para justificá-la e valorizá-la. Esse aspecto foi reforçado pelos termos em que a retribuição foi explicada pelo autor: um justo prêmio que os intelectuais recebiam da classe operária. Ou seja: uma distinção conferida por ninguém menos que o sujeito histórico que desencadearia a revolução (destino inevitável que abriria as portas de uma nova era para a humanidade). A superioridade de que era revestida a classe operária certificava a deferência aos intelectuais, mas, ao mesmo tempo, colocava-os novamente em uma situação de dívida para com o proletariado e para com o seu partido.

⁵¹⁶ Os Dirigentes Comunistas no Rio Grande do Sul. *Libertação*, Porto Alegre, n.15, 28/06/1945, p.12-15, 18, 20 e 29. Grifos nossos. Além de Ohlweiller, o Comitê Estadual do PCB contava também com o jornalista Isaac Akcelrud (Josino Campos), e o Comitê Municipal de Porto Alegre era composto, entre outros, pelos jornalistas Décio Freitas, Raul Ryff e sua esposa, a poetisa Beatriz Bandeira. Sobre ela, de maneira semelhante ao excerto acima apresentado, a edição de 15 de setembro do semanário escreveu “trata-se de uma velha lutadora comunista que agora, como membro do Comitê Municipal do P.C.B., continuará a prestar valiosos serviços ao partido do proletariado e do povo”. *Libertação*, Porto Alegre, n.22, 15/09/1945, p.2

⁵¹⁷ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999. p.128

Examinando o excerto extraído de *Libertação* por outro ângulo, é possível observar a visão do autor a respeito do que caracterizaria os intelectuais, sobretudo no interior do PCB. Seu entendimento partia de uma oposição bem definida: de um lado estavam os indivíduos de origem humilde, os trabalhadores, os proletários, o povo; do outro, estavam os homens de saber, aqueles provenientes de outras camadas sociais – das classes abastadas – pessoas com instrução, portadoras de saberes específicos. Essa visão partia de uma antiga, e ainda recorrente, distinção entre trabalhadores manuais – aqueles cujo resultado do trabalho dependia do emprego de energia física – e trabalhadores intelectuais – aqueles cujo produto do trabalho resultava de um determinado esforço de reflexão –, situando estes entre os que desenvolviam atividades ligadas à inteligência, à criação, ao intelecto, e vinculando-os necessariamente a certas profissões, como escritores, jornalistas, professores universitários, artistas e pesquisadores científicos.⁵¹⁸

No Rio Grande do Sul, diversos profissionais do jornalismo, da medicina, da literatura, do direito e de diferentes áreas de produção artística filiaram-se ao PCB no pós-guerra, e, diferente do constatado por Leôncio Martins Rodrigues para o eixo RJ-SP, vários deles fizeram parte da direção do Partido no estado. De acordo com Rodrigues, mesmo com a filiação de numerosos intelectuais no PCB em 1945, o Partido Comunista excluiu e marginalizou escritores e artistas das instâncias decisivas, relegando-os a um papel ornamental para o mundo social externo. Na visão do autor, para chegar à direção do Partido, era necessário dedicação integral e inquestionável à militância, uma exigência da qual muitos escritores e artistas discordavam.⁵¹⁹

Ao nosso ver, mesmo esse papel ornamental atribuído por Rodrigues a escritores e artistas no interior do PCB pode ser questionado. Entre os candidatos comunistas à Câmara dos Deputados, por exemplo, estavam advogados, escritores, ferroviários, jornalistas, médicos, metalúrgicos e mineiros, todos com ampla projeção em seus meios de atuação. O comunista que agitava no meio operário acumulava prestígio de modo semelhante àquele

⁵¹⁸ Segundo pesquisa realizada por Eliane Rosa Garcia sobre as frentes feminina e intelectual do PCB gaúcho nos anos 1950, a frente intelectual era composta por militantes que produziam textos literários, esculpam, pintavam, encenavam e dançavam, mas também por aqueles cuja ocupação-profissão não estava diretamente ligada a atividades culturais, como engenheiros, arquitetos, advogados, médicos e funcionários públicos, quer dizer, indivíduos que tivessem curso superior. Cf. GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999. p.108

⁵¹⁹ RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: GOMES, Ângela de Castro et al. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Sociedade e Política (1930-1964). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. T.3. V.3. p.412

atuante nos círculos intelectuais. A diferença estava nas regras que pautavam o jogo nesses dois âmbitos. O Partido as conhecia e explorava a imagem do militante operário tanto quanto a do militante intelectual, como o caso de Manoel Jover Telles, mineiro natural do estado de São Paulo candidato do PCB a deputado federal em dezembro de 1945. A revista *Libertação* fez um breve apanhado de sua trajetória, destacando que ele era um “mineiro criado nas minas” e descendente de uma “família de mineiros”, ou seja, era um autêntico e genuíno proletário. Na sequência, afirmou que “durante toda a sua vida de jovem operário”, Jover “participou da atividade sindical e política de sua classe” e fora escolhido pelos companheiros “furadores para representá-los no comitê de greve de 1944”.⁵²⁰

Eram reconhecimentos conquistados através de investimentos diferentes, em um meio com regras distintas das do mundo da literatura, mas igualmente explorados pelo Partido. Na hora de “puxar uma greve”, de organizar um comício ou de concorrer a um cargo eletivo, não era qualquer militante que o fazia, mas aquele com projeção no seu campo de atuação e escolhido pela direção partidária, alguém cuja influência se estendesse num amplo raio de ação, por conta de capital simbólico acumulado ao demonstrar combatividade, comprometimento com as reivindicações da classe e solidariedade. Esse bem simbólico, construído mediante regras diferentes das do meio literário, fazia com que um líder operário tivesse seu prestígio e sua notabilidade usados em proveito do Partido tanto quanto o intelectual, demonstrando que o PCB servia-se de um e outro nas suas tentativas de estabelecer ligações com os diferentes setores sociais.

O sociólogo Marcelo Ridenti, em polêmico estudo sobre a construção de um sentimento de brasilidade revolucionária por artistas e intelectuais de esquerda ao longo do século XX, afirmou que são inúmeros os depoimentos que atestam a condição “ornamental” a qual esses grupos eram relegados no interior da organização. Para o autor, apesar de tudo, havia contrapartidas que os mantinham na órbita partidária.

Se a boa imagem de que gozavam os escritores constituía-se em valioso recurso aproveitado pelo Partido Comunista, por outro lado, o impresso criado com a abertura política

⁵²⁰ Quem são os candidatos comunistas pelo Rio Grande do Sul. *Libertação*, Porto Alegre, n.31, 17/11/1945, p.6. Inúmeros exemplos de como o PCB se servia da imagem dos militantes operários e de como dispunha sobre suas vidas dependendo das necessidades do Partido poderiam ser elencados. Para maiores detalhes a esse respeito, cf. CARVALHO JÚNIOR, Francisco; GARCIA, Eliane Rosa. (Org.) *Adorável Camarada*. Memórias de Julieta Batistioli. Entrevistas realizadas com Julieta Batistioli, em 29 de junho de 1990 e 22 de julho de 1992, por Francisco Carvalho Júnior. (Núcleo de Pesquisa Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul); FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002; MARTINS, Eloy. *Um Depoimento Político*. 55 anos de PCB. Memórias de um metalúrgico. Porto Alegre: Pallotti, 1989

permitiu que alguns homens e mulheres de letras tornassem públicos seus textos literários. Ao abrir espaço para esse tipo de produção, *Libertação* efetivou um dos compromissos sinalizados em sua primeira edição: o de ser uma revista preocupada não apenas com o desenvolvimento econômico e social, mas também intelectual do Rio Grande do Sul e do Brasil.⁵²¹ Contudo, os textos jornalísticos e literários, ou sobre literatura, veiculados pelo impresso não abordaram qualquer temática. Escolhidos a dedo, eles exaltaram, entre outros aspectos do movimento comunista brasileiro e internacional, o líder Luís Carlos Prestes e sua mãe, Leocádia Prestes, a alemã Elise Ewert e a cidade de Stalingrado, evidenciando os primeiros indícios do realismo socialista na imprensa comunista no Rio Grande do Sul, conforme observado por Mônica Araújo em seu estudo com periódicos do PCB em circulação no Rio de Janeiro e em São Paulo.⁵²²

Beatriz Bandeira prestou homenagem à memória da comunista Elise Ewert através do poema “Mensagem de Machla Berger”:

[...]

Nós te saudamos, companheira Machla
por tua **vida sã de lutadora**,
por tua **clara consciência heroica**,
pelas mil cicatrizes de teu corpo,
onde o cigarro infame do tirano
acendia lanternas de **martírio**.

[...]

Se alguém duvida do que o povo conta
de teu **martírio glorioso e heroico**,
nós que vimos teu **corpo torturado**,
nós que sentimos tua **dor calada**,
nós que sabemos teu **sofrer sem queixas**
e conhecemos teu **lutar sem ódios**
havemos de gritar para que a gente escute:
Companheiras! Nós vimos, companheiras!

[...]

“Companheiras, contaís aos homens livres
que Machla e Harry **nunca fraquejaram**.”⁵²³

⁵²¹ *Libertação*, Porto Alegre, n.1, 14/04/1945, p.3

⁵²² ARAÚJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo*. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958). Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. p.173

⁵²³ Mensagem de Machla Berger. *Libertação*, Porto Alegre, n.15, 28/07/1945, p.8-9. Grifos nossos. Harry Berger era o pseudônimo do alemão Arthur Ewert, esposo de Elise. Ambos foram enviados ao Brasil pelo PCUS em meados da década de 1930 com a missão de auxiliar o PCB a deflagrar o processo revolucionário. Eles foram capturados após os levantes de 1935 e barbaramente torturados por agentes da Polícia Política comandada por Filinto Müller.

Machla Berger foi o pseudônimo usado pela judia alemã Elise Ewert, mais conhecida como Sabo, deportada para a Alemanha juntamente com Olga Benário em 1936 e com quem a poetisa carioca havia dividido sela na Casa de Detenção, no Rio de Janeiro. No poema, visivelmente dirigido para suas colegas (ou possíveis colegas) de Partido, nos moldes da “poesia participante”⁵²⁴, Bandeira enalteceu a militância da antiga companheira, atribuindo-lhe, em várias passagens, uma importante qualidade para os comunistas: a capacidade de resistir resignadamente ao sofrimento em nome da revolução. Beatriz elevou Machla à condição de mártir e de heroína do movimento comunista internacional, mostrando estar de acordo com o “romantismo revolucionário”, uma das partes constituintes da criação literária altamente valorizada pelo jdanovismo. Segundo Moraes, orientado pelos postulados de Andrei Jdanov, o “grande empreendimento literário” dos escritores comunistas deveria revelar “o esplendor da saga revolucionária”, “os imensos sacrifícios e obstáculos transpostos por super-homens”⁵²⁵.

Prestes, sem dúvida, foi aquele cujo passado de lutas, adversidades e sacrifícios pessoais mais foi explorado pela revista *Libertação*. Vejamos exemplos:

Ontem, com a alcunha de bandido, salteador, assassino, golpista e comunista no sentido de monstro desumano. Hoje, ídolo, líder, justo, é uma das palavras mais autorizadas para falar sobre o ambiente político econômico nacional, muito embora, há um mês e meio, tenha saído de um cárcere, que o segregou injustamente, longe de tudo e de todos – incomunicável – pelo espaço de 9 anos.⁵²⁶

Ele sofreu por nós todos, por todo o Brasil e, no entanto, suas palavras são de paz e de ordem, suas palavras tão justas [...].⁵²⁷

Libertação tentou convencer os leitores de que sociedade julgara Prestes erroneamente, mas que, naquele momento, havia a possibilidade de se reparar o erro, pois, após sofrer calado por quase dez anos, ele tinha esquecido diferenças e estava se mostrando um legítimo defensor da ordem. Quando ainda estava recluso, o semanário comunista já o defendia dos ataques dos setores conservadores da imprensa: “O Sr. Luís Carlos Prestes, quer

⁵²⁴ De acordo com Dênis de Moraes, a “poesia participante” não suportava versos de amor e foi uma das marcas do realismo socialista no Brasil. MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.165. Além de Beatriz Bandeira, Lila Ripoll e Fernando Mello produziram poemas com essa e outras características da referida corrente estética, as quais serão analisadas no último capítulo dessa tese.

⁵²⁵ Id. Ibid. p.125

⁵²⁶ Como recebeu o discurso de Luiz Carlos Prestes? Expressivo depoimento do povo de Porto Alegre. *Libertação*, Porto Alegre, n.8, 02/06/1945, p.6-9

⁵²⁷ Operários com lágrimas nos olhos. *Libertação*, Porto Alegre, n.14, 21/07/1945, p.11

pelo passado heroico, quer pelo seu presente de martírio, está acima de qualquer suspeita. [...] é um homem honesto e um socialista científico. [...] luta com armas leais”.⁵²⁸ Uma vez em liberdade, o antigo militar foi transformado em importante figura da política brasileira (“a figura mais expressiva do cenário político nacional”⁵²⁹) e em personagem público de caráter irretocável (“fortaleza moral inquebrantável”⁵³⁰).

A partir de 1945, com o semanário dirigido por Dyonélio Machado, o PCB gaúcho iniciou a construção da figura de Luís Carlos Prestes como herói, um dos pilares do realismo socialista que ganhou força no Rio Grande do Sul através da revista *Horizonte* alguns anos depois. Em sintonia com os demais veículos de comunicação impressa do Partido, o semanário foi responsável por iniciar o processo de enaltecimento e de culto à personalidade entre os militantes comunistas do Rio Grande do Sul. Segundo Cavalcante, o contexto de democratização do país exigiu a constituição de um partido de “novo tipo” e, desde então, Prestes foi envolvido numa mística de homem excepcional, insuspeitável, criando uma situação nunca vivida por nenhum outro ocupante do cargo de Secretário Geral do PCB.⁵³¹

Apesar de publicar alguns textos literários e de manter um escritor famoso em sua direção e outros em seu quadro de colaboradores, a revista *Libertação* divulgou um número maior de textos de teor político, parecendo preocupar-se mais com os debates travados nesse âmbito. Algo semelhante aconteceu com o órgão que a sucedeu, o jornal *Tribuna Gaúcha*, cuja primeira edição presume-se que tenha surgido em 17 de fevereiro de 1946.⁵³²

Tribuna Gaúcha foi criado para ser um órgão de massa. Primeiramente, Otto Alcides Ohlweiller assumiu a direção do periódico, cuja redação foi comandada pelo jornalista José Gonçalves Thomaz. Algumas edições depois, George Pires Chaves e Demétrio Ribeiro passaram a dirigi-lo, mantendo Thomaz na chefia da redação. Outros tantos militantes, se não decidiram a linha do jornal e não colaboraram em suas páginas, muito se empenharam para

⁵²⁸ O Telegrama de Prestes. *Libertação*, Porto Alegre, n.1, 14/04/1945, p.7-8

⁵²⁹ Como recebeu o discurso de Luiz Carlos Prestes? Expressivo depoimento do povo de Porto Alegre. *Libertação*, Porto Alegre, n.8, 02/06/1945, p.6-9

⁵³⁰ Prestes. *Libertação*, Porto Alegre, n.15, 28/07/1945, p.2

⁵³¹ CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986. p.180

⁵³² A edição de *Libertação* de 9 de fevereiro de 1946 anunciava o aparecimento de *Tribuna Gaúcha* para o dia 17 daquele mês. Cf. Aparecerá dia 17 o primeiro número de *Tribuna Gaúcha*. *Libertação*, Porto Alegre, n.38, 09/02/1946, p.1. *Tribuna Gaúcha*, ou *A Tribuna* a partir de 1949, circulou por pelo menos dez anos. Criado para ser diário, passou por momentos de forte repressão, sendo necessário não apenas trocar seu nome, mas adaptar sua periodicidade. Para o intervalo abarcado pelo presente capítulo, foi possível contar com dezoito edições, referentes a 1947 e 1948.

que ele ganhasse as ruas. O poeta comunista Laci Osório relatou em suas memórias que, certa tarde, foi escolhido para distrair a polícia a fim de que os companheiros lograssem distribuir o noticioso do Partido.⁵³³ Com o mesmo intuito de enganar os policiais, várias militantes do PCB enrolavam pacotes do diário na cintura ou nas pernas, descendo lentamente a Rua da Ladeira, onde se situava a sede do jornal, e conseguindo despistar os agentes da repressão, que, com o cancelamento do registro do Partido, em maio de 1947, estreitaram cada vez mais o cerco. Entre essas audaciosas companheiras, estavam a funcionária pública Maria Crespo, a jornalista Eunídia dos Santos e as poetisas Beatriz Bandeira, Edith Hervé e Lila Ripoll.⁵³⁴ Mesmo enfrentando discriminação no interior da agremiação, elas começaram a ocupar espaço cada vez maior e a desempenhar tarefas importantes para a sobrevivência da organização com o retorno da clandestinidade.

De 1947 a 1949, os temas predominantes do jornal comunista de Porto Alegre foram abrangentes. O diário produziu reportagens sobre política nacional e internacional (tocando, principalmente, na questão do petróleo e no Plano Marshall), sobre o movimento operário (desemprego, greves e toda sorte de reivindicações entre mineiros, tecelões, bancários, gráficos etc.), acerca da repressão policial e de problemas comunitários (como o racionamento de energia, o abastecimento de leite, o alto preço dos remédios, do sabão e da luz), além de manter uma seção de esportes, que veiculava notícias, mormente, sobre futebol.⁵³⁵

Tribuna Gaúcha foi criado para ser um noticioso diário, através do qual fosse possível manter comunicação constante com a população, para quem dirigia reportagens que tocavam, principalmente, em problemas econômicos, políticos e sociais. Contudo, assim como outros impressos comunistas, o periódico abriu espaço para a construção de uma herança literária, através do resgate da figura de Castro Alves no mês de seu centenário.

Na edição de 11 de março de 1947, *Tribuna Gaúcha* justificou as comemorações que estavam sendo realizadas em todo o país por ocasião do centenário do nascimento do poeta oitocentista: “Castro Alves deve ser comemorado não só pela sua mensagem poética como pelo papel de vinculação aos problemas sociais que ele evoca”. O jornal associou a obra do vate dos escravos às lutas dos comunistas, como nesse trecho: Castro Alves “conseguiu o

⁵³³ OSÓRIO, Laci. *Questão de vida*. Memória em tempo de Porto Alegre. (3ª Parte). Porto Alegre: Editora Movimento, 1981. p.22

⁵³⁴ MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004. p. 162-163

⁵³⁵ Outro assunto que mereceu a atenção da equipe de *Tribuna Gaúcha* até janeiro de 1948 foi o desempenho dos deputados estaduais comunistas eleitos no início de 1947, entre eles Dyonélio Machado. Abordaremos esse assunto no decorrer desse capítulo.

milagre de construir uma obra que ainda em nossos dias representa todos os anseios libertários de nosso povo, agora em luta contra a opressão do imperialismo ianque”. Para legitimar seus argumentos, o responsável pela matéria publicou a opinião de autoridades do mundo literário sul-rio-grandense, como o comunista Justino Martins (naquele momento, prestes a deixar a direção da *Revista do Globo*): “[Castro Alves] ainda hoje é o poeta da libertação”.⁵³⁶ O PCB gaúcho também participou das comemorações. Em Porto Alegre, o Comitê Municipal preparou uma festa para o dia 14 de março, com conferência de um escritor e declamação de poesias de autoria do homenageado. O diário comunista divulgou as festividades e afirmou: “Soube Castro Alves, como nenhum outro poeta daquele tempo, se ligar mais ao povo, lutando ao seu lado contra todas as forças reacionárias do país”.⁵³⁷ Por fim, Jorge Amado emprestou suas palavras ao periódico, reivindicando o caráter popular e combativo do poeta que lutou pelo fim da escravidão e pela República, e arrematou: “Ao homenagear a memória de Castro Alves, o Partido Comunista do Brasil prova mais uma vez que é o herdeiro e o continuador da obra dos nossos grandes antepassados”.⁵³⁸

Ao se engajarem nas comemorações do centenário de Castro Alves e usar *Tribuna Gaúcha* para divulgá-las nesses termos, os comunistas de Porto Alegre incorporaram-se às iniciativas tomadas em nível nacional pelo Partido no sentido de propor uma herança cultural para o movimento comunista brasileiro. Conforme Rubim, a retomada de Castro Alves, e também de outros literatos, como Lima Barreto, caracterizou a preocupação do PCB com o problema da educação e da democratização da cultura na área da literatura.⁵³⁹ A opinião do romancista baiano reproduzida no periódico comunista gaúcho evidenciava o esforço promovido pelo Partido para construir Castro Alves como um precursor da organização. O trabalho realizado pelos comunistas nesse âmbito, segundo Rubim, não se fundamentava na qualidade artística ou estética da obra dos autores escolhidos, mas na postura progressista desses literatos diante dos problemas de seu tempo, em seu engajamento nas lutas político-sociais de sua época e em sua ligação com o povo. Todos esses aspectos deveriam ser convertidos numa literatura social e popular, em que as condições injustas fossem

⁵³⁶ *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, 11/03/1947, p.8

⁵³⁷ O PCB comemorará o centenário de Castro Alves. *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, 12/03/1947, p.1

⁵³⁸ O significado das homenagens a Castro Alves. *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, 12/03/1947, p.3-4

⁵³⁹ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.282

denunciadas e a força popular estivesse presente.⁵⁴⁰ Esses fatores, somados ao caráter nacional e à aproximação dos autores com o marxismo, encerravam o conjunto de códigos através dos quais os comunistas assimilavam criticamente sua herança no campo literário.⁵⁴¹

O processo acima descrito esteve intimamente relacionado à visão que o PCB e seus intelectuais tinham da função social do escritor, evidente em suas participações no I Congresso Brasileiro de Escritores. Consoante vimos no capítulo anterior, a expressiva participação de escritores, jornalistas e tradutores comunistas no conclave, sob orientação de Pedro Pomar, teve como meta lutar pela democratização da cultura, atribuindo uma grande responsabilidade aos escritores nesse processo. Eles defenderam a participação dos escritores em todos os veículos e espaços disponíveis a fim de informar o povo – visto como inculto e ignorante⁵⁴² – e de lhe fornecer subsídios que lhe permitissem refletir sobre a realidade e compreender seus direitos.

E, plenamente afinados com os compromissos assumidos no I Congresso, os escritores comunistas colocaram sua imagem pública e as boas relações que mantinham com seus pares a serviço do Partido. Por ocasião do processo que levaria ao cancelamento do registro do PCB, *Tribuna Gaúcha* noticiou a publicação de um manifesto de “escritores nacionais” contra o parecer de Alceu Barbedo (a favor do fechamento da organização comunista).⁵⁴³ Uma vez derrotados e as unidades do Partido fechadas em maio de 1947, os comunistas passaram a se mobilizar contra o Projeto Ivo de Aquino, que defendeu a cassação dos mandatos dos parlamentares eleitos sob a legenda do PCB nas eleições de 1945 e 1947. Em Porto Alegre, os intelectuais promoveram protesto e firmaram um memorial dirigido à Câmara dos Deputados. Repudiando o Projeto, eles alegaram a inconstitucionalidade e o caráter antidemocrático do documento. Embora *Tribuna Gaúcha* noticiasse que a contestação havia contado com a solidariedade de “grandes expressões da intelectualidade gaúcha”, quase todos os signatários

⁵⁴⁰ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.282

⁵⁴¹ Id. Ibid. p.283. Em pesquisa de Mestrado, tivemos oportunidade de observar que a retomada de Castro Alves também esteve ligada à necessidade dos comunistas legitimarem-se como democratas na nova fase política do Brasil, construindo uma tradição de compromisso com o povo e com a democracia, bem como com ideais de liberdade e progresso. Cf. MARTINS, Marisângela T. A. *De volta para o presente*. Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2007. p.152-154

⁵⁴² CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986. p.106

⁵⁴³ Manifesto dos Escritores Contra o Parecer Barbedo. *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, 11/03/1947, p.8

eram escritores, jornalistas e advogados comunistas, como Cyro Martins, Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Beatriz Bandeira, Raul Ryff, Gilda Marinho e Plínio Cabral.⁵⁴⁴

Nesses casos, a respeitabilidade dos escritores – construída ao longo de suas atuações como personagens responsáveis em diferentes espaços públicos – e o domínio da escrita configuraram-se em armas que disparavam contra a reação desencadeada pelo Governo Dutra. Membros da elite intelectual sul-rio-grandense, esses militantes lançaram mão dos recursos próprios de sua condição social em prol do Partido Comunista, seja na imprensa, seja nas atividades culturais.

V.

Na década de 1940, o PCB criou novas entidades culturais, dando continuidade a uma tradição iniciada na década de 1920, quando foram organizados os primeiros centros de cultura comunistas.⁵⁴⁵ Em Porto Alegre, como acompanhamos no primeiro capítulo, a Liga Pró-México Antiimperialista, constituiu-se numa das primeiras iniciativas mais bem sucedidas nesse âmbito de que temos notícia. Quase duas décadas depois, foi criado o Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, também dirigido por Jorge Bahlis.⁵⁴⁶

O Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha funcionou nas dependências da Sociedade Espanhola, localizada na Rua Andrade Neves, centro da capital gaúcha. Fundada no fim do século XIX, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos abrigava considerável número de socialistas e comunistas desde meados dos anos 1930, quando da criação do Centro Republicano, partidário da causa dos revolucionários espanhóis.⁵⁴⁷ Mas, desde antes da Guerra Civil Espanhola, a Sociedade já era frequentada por comunistas. Segundo Iolanda Guimarães Vargas, Jorge Bahlis esteve presente, enquanto Cônsul do México em Porto Alegre, na inauguração da biblioteca da Sociedade Espanhola em 1934.⁵⁴⁸ De acordo com

⁵⁴⁴ Os intelectuais de P. Alegre em defesa dos mandatos. *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, 26/11/1947, p.1-2

⁵⁴⁵ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.201

⁵⁴⁶ De acordo com Rubim, o PCB criou centros de cultura em diversas cidades brasileiras, como o Centro de Educação Política Popular, em Salvador. Cf. Id. *Ibid.* p.201

⁵⁴⁷ VARGAS, Iolanda Guimarães. *História da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos de Porto Alegre*. 1979. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da Cultura da PUCRS, Porto Alegre, 1979. p.349. De acordo com relatório do DOPS, os comunistas tinham ligações também com a comunidade eslava de Porto Alegre. Cf. Relatório Sobre Atividades Comunistas de Eslavos. NPH. Fundo DOPS. Setor: Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Cx.611. Disco 1/10. F.00008

⁵⁴⁸ Em sua pesquisa de Mestrado, Vargas encontrou evidências de outros dois proeminentes militantes do PCB entre os frequentadores da Sociedade Espanhola ao longo da década de 1940: o médico Marino dos Santos e o

relatos dos filhos Iris e Osiris Bahlis, seu pai levava a família para almoçar naquela entidade com certa regularidade e mantinha muitas relações com os espanhóis, sobretudo na época em que os republicanos começaram a fugir da Espanha.⁵⁴⁹ Isso demonstra que a ligação do professor com a Sociedade extrapolava as questões meramente oficiais e diplomáticas e nos permite supor que o funcionamento das atividades do Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha no prédio daquela entidade pode ter resultado de negociações realizadas pelo antigo literato de origem síria.

O Clube, assim como a imprensa do Partido e seus militantes, esteve sob a atenta vigilância do DOPS após o Estado Novo. Se, por um lado, a abertura política favoreceu a militância, por outro, também ajudou o trabalho dos agentes policiais, que podiam acompanhar a movimentação dos comunistas sem maiores esforços. O espírito tolerante que se instaurou com o fim do Estado Novo permitiu que as atividades desenvolvidas por eles em todo o estado fossem amplamente divulgadas na grande imprensa, sobretudo nos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*.

Fundado em 20 de maio de 1945, o Clube Euclides da Cunha tinha a finalidade de difundir a cultura popular em várias modalidades: política, econômica, artística e científica.⁵⁵⁰ O relatório de um agente do DOPS atento à movimentação comunista nesse âmbito registrou que, no que dizia respeito ao campo econômico, o plano principal era fundar uma granja coletiva nos arredores de Porto Alegre com o objetivo de reverter os rendimentos em benefício do Clube. Os estatutos da entidade previam também metas de caráter social, como instalar salas de leitura, promover jogos de salão, além de arrecadar fundos para alfabetização e assistência médica. Nas demais áreas, por sua vez, o trabalho deveria se dar através de determinadas atividades, como conferências, horas de arte e representações teatrais.⁵⁵¹

Em levantamento realizado com exemplares do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias* durante o curso Mestrado para o intervalo de 1945 a 1947, foi possível constatar um fluxo de aproximadamente cinquenta atividades no primeiro ano, em contraste com oito no

operário Sérgio Holmos. Cf. VARGAS, Iolanda Guimarães. *História da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos de Porto Alegre*. 1979. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da Cultura da PUCRS, Porto Alegre, 1979. p.222-223 e 260

⁵⁴⁹ Conforme entrevista com Osiris Bahlis e Iris Bahlis Cafruni, concedida à autora em 19 de março de 2010 em Porto Alegre.

⁵⁵⁰ Clube de Cultura. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22/05/1945, p.5

⁵⁵¹ NPH. Fundo DOPS. Setor: Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19 – [C] Cx.611. Disco 5/10. F.00495-00499. Relatório sobre o Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, datado de 1946.

segundo e cinco no terceiro.⁵⁵² À frente do Clube na organização desses eventos esteve a diretoria, eleita em julho de 1945⁵⁵³, formada pelos seguintes militantes: Jorge Bahlis, presidente; Homero de Castro Jobim (tradutor da Editora Globo), Vice-Presidente; Manoel Castilhos e Jorge Muller Mendes (estudante universitário), primeiro e segundo tesoureiros, respectivamente; Álvaro Ósimo Caetano (funcionário público) e Nestor Rodrigues de Melo, primeiro e segundo secretários, respectivamente; Dirceu Alves (gráfico) e Juvenil Cruz, primeiro e segundo bibliotecários, respectivamente; além dos conselheiros Suely Schroeder e Emilce Aveline (professoras), Antônio Dias, Hermínio Pereira, Gilda Marinho (tradutora da Editora Globo), Francisco Medeiros (mecânico membro do Comitê Municipal do PCB) e Eufrásio Bezerra Medeiros.⁵⁵⁴

Semelhante à sua atuação na Liga Pró-México Antiimperialista, Jorge Bahlis presidiu a agremiação, dedicou-se às atividades, proferindo conferências sobre temas que dominava, e convidou pessoas de suas relações para colaborarem com o Clube.⁵⁵⁵ Um amplo número de personalidades públicas comunistas e não-comunistas integrou o grupo de colaboradores do Clube de Cultura, oferecendo ao público palestras – quase sempre nas tardes de domingo – para as quais contavam ou com os conhecimentos adquiridos pela prática profissional, ou com suas experiências de vida e de militância política, a exemplo do presidente. Os escritores, em especial, nem sempre falaram sobre literatura. Salvo o romancista Cyro Martins, que abordou vida e obra de Euclides da Cunha, o poeta Álvaro Moreyra, que problematizou a relação entre os intelectuais e o Partido Comunista, e o escritor Jorge Amado, que se submeteu a uma sabatina sobre literatura e política, Dyonélio Machado palestrou em mais de uma ocasião

⁵⁵² Sobre 1945, foram encontrados registros de 25 conferências, quatro encenações teatrais, oito horas de arte, duas apresentações musicais, uma hora literária e quatro sessões de homenagens. Do ano seguinte, sobreviveram dados de cinco conferências e três horas de arte. E, acerca de 1947, não foram encontradas mais que cinco notícias, as quais davam conta de três conferências, uma homenagem e um concerto de piano. É provável que o processo que levou o PCB de volta à clandestinidade tenha contribuído para a diminuição tanto do número de eventos culturais desenvolvidos no Clube de Cultura, quanto das notas a respeito do assunto no *Correio do Povo* e no *Diário de Notícias*.

⁵⁵³ Cultura Popular. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 01/07/1945, p.6

⁵⁵⁴ NPH. Fundo DOPS. Setor: Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19 – [C] Cx.611. Disco 5/10. F.00495-00499. Relatório sobre o Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, datado de 1946.

⁵⁵⁵ Algumas palestras oferecidas por Bahlis: “Como seria o mundo se triunfasse o nazi-nipo-fascismo”, “A evolução da sociedade humana”, “Alguns aspectos interessantes da Revolução Mexicana”, “Aspectos Impressionantes da Revolução Agrária Mexicana”, “Como deve agir um verdadeiro revolucionário”, “Marcha para a democracia”. Cf. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17/06/1945, p.7; 10/08/1945, p.3; 27/10/1945, p.3; 29/11/1945, p.3; 14/12/1945, p.3; 25/12/1945, p.6; 29/12/1945, p.8; *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 11/09/1945, p.4. Há registros de conferência sobre a história da Grécia, apresentada por Antônio Antonópulos, comunista e Cônsul da Grécia amigo de Bahlis, e de apresentação de sambas e marchas por Célio Bahlis, primo em segundo grau de Jorge. Cf. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 11/09/1945, p.4; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/11/1945, p.3

sobre a vida de Prestes e seu papel na Coluna Invicta, e Beatriz Bandeira comentou os problemas educacionais brasileiros da época, um tema afinado com sua profissão, professora.⁵⁵⁶ Essa designação geralmente precedeu seu nome nas notas divulgadas na imprensa. Por outro lado, a poetisa carioca, que também tinha formação em Música, ficava responsável pela organização das Horas de Arte, momento em que eram representadas peças teatrais e artistas populares – como Lupicínio Rodrigues⁵⁵⁷ e a Orquestra e o Coro Balalaikas, da Sociedade Eslava⁵⁵⁸ – apresentavam-se, quase sempre com casa cheia, frente a uma audiência interessada e mostrando-se merecedores de muitos aplausos.⁵⁵⁹

Para além das atividades culturais do Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, a Sociedade Espanhola também sediou assembleias, reuniões da Juventude Comunista, de células, dos comitês (distritais, municipal e estadual) e de eventuais comissões. Enquanto puderam desfrutar da legalidade, os comunistas promoveram toda sorte de comícios, balanços, debates, churrascos populares, além de manterem programa diário na Rádio Difusora, “Hora do Partido Comunista do Brasil”, e na Rádio Cruzeiro, “Programa Político do Comitê Municipal”.

Um dos acontecimentos marcantes da fase de atuação legal foi o comício “monstro” oferecido a Luís Carlos Prestes em setembro de 1945 pelos comunistas de Porto Alegre, cujos preparativos ficaram concentrados na Sociedade Espanhola.⁵⁶⁰ Alguns importantes escritores do Partido envolveram-se na organização do evento já nos primeiros dias do mês. Dyonélio Machado, por exemplo, presidiu os trabalhos junto com o também romancista Cyro Martins, o médico César Ávila, a professora Evlys Mabilde, o metalúrgico e Secretário Geral do PCB no estado Abílio Fernandes, além de Alfredo Felizardo e Tibúrcio Rangel. Subcomissões foram montadas para cuidar de aspectos específicos da visita e do grande evento: Demétrio Ribeiro, Vasco Prado, Luiza Ferrari Prado, Ernesto Sander, Carlos Alberto Petrucci, Eglê Malheiros, Osmar Pinto, Emilce Aveline e Mário Azambuja compuseram a comissão de propaganda,

⁵⁵⁶ Cf. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/07/1945, p.3; 29/09/1945, p.8; 29/12/1945, p.8; 18/09/1945, p.12; 10/04/1946, p.3. Lamentavelmente, as fontes sobreviventes não revelam detalhes sobre as conferências. Outros conferencistas: Amarílio Vasconcelos, Carlos Bronhomme, César Ávila, Eloy Martins, Francisco Dias, Homero de Castro Jobim, Jorge Amado, José Gay da Cunha, Lupicínio Rodrigues, Maurício Gabrois, Medeiros Dantas, Orestes Timbaúva, Otto Alcides Ohlweiller, Pedro Pomar, Raul Ryff, Rui Vieira da Rocha e Yolanda Mendonça.

⁵⁵⁷ *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 11/09/1945, p.4

⁵⁵⁸ Relatório Sobre Atividades Comunistas de Eslavos, datado de 25 de junho de 1946. NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Cx.611. Disco 1/10. F.00013

⁵⁵⁹ “Graças e Deus” e “Um Homem Bom” foram encenadas várias vezes para os frequentadores do clube comunista. Os aspectos relativos ao público acima mencionados estão presentes em inúmeras notas publicadas na imprensa.

⁵⁶⁰ A Recepção a Luís Carlos Prestes. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09/09/1945, p.4

enquanto Plínio Moraes (Isaac Akcelrud), Eduardo Faraco, Anita Ávila, Alfredo Luiz Guedes (esposos de Lila Ripoll), Lélia Paradedda, Osório Lopes, Isaias Lokshin, Adalgiza Machado (esposa de Dyonélio), Tibúrcio Machado, Germano Josephson, Maurício Seligman, Lila Ripoll e Deburgo de Deus Vieira dedicaram-se às finanças. A hospedagem do líder ficou sob responsabilidade de Sueli Schroeder, Mário Felizardo, Alcina Rangel e Policarpo Hibernon Machado. O trabalho desenvolvido pelas comissões foi acompanhado de perto pelo representante do Comitê Nacional do PCB, Amarílio Vasconcelos.⁵⁶¹

Pedidos de colaboração diversos estamparam as páginas dos jornais de grande circulação.⁵⁶² Uma série de atividades relacionadas com a chegada de Prestes ao estado foram promovidas, comícios-relâmpago por toda a cidade, festivais, audições musicais e conferências na Sociedade Espanhola. Dias antes do grande comício, o “dr.” Dyonélio Machado ministrou conferência sobre o “chefe comunista”, para a qual uma nota no jornal *Correio do Povo* convidou “todos os seus admiradores”.⁵⁶³ A revista *Libertação* dedicou um número exclusivamente para o evento, noticiando o intenso trabalho da Comissão Central e apresentando extensas reportagens sobre o Cavaleiro da Esperança. Nessa edição, o autor de *Os Ratos* publicou uma crônica sobre o retorno de Prestes ao Rio Grande do Sul depois de vinte anos. Diferente de textos difundidos por outros companheiros, Machado não se desmanchou em elogios e exaltações, nem ressaltou os episódios da deportação de Olga Benário e do longo período de prisão de Prestes, frequentemente lembrados para moldá-lo

⁵⁶¹ Recepção a Luís Carlos Prestes. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06/09/1945, p.2; Partido Comunista do Brasil. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12/09/1945, p.8. Por mais prestigiado que estivessem o PCB e seu líder naquele contexto, nem todos desejavam ser identificados como comunistas. O médico Carlos Osório Lopes, por exemplo, fez questão de enviar nota ao *Correio do Povo*, explicando que, embora seu nome figurasse entre os integrantes da comissão organizadora do comício a Prestes, ele pertencia ao Partido Libertador. Qualquer atitude sua para com secretário-geral do Partido Comunista deveria ser interpretada como um preito de admiração, não tendo, portanto, nenhum caráter político-partidário. Cf. A recepção a Luís Carlos Prestes. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12/09/1945, p.8

⁵⁶² Ao mesmo tempo, tradicionais setores da sociedade gaúcha – como a Liga Eleitoral Católica (LEC) – e partidos adversários ao PCB deflagraram intensa campanha anticomunista na grande imprensa, promovendo e divulgando concentrações católicas por todo o estado, para as quais convidavam a população a manifestar repúdio ao “comunismo ateu”, colocando em dúvida a fidelidade de Prestes ao Brasil e associando o líder do PCB e seu partido a traições, imoralidades e crueldades. Alguns exemplos: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12/09/1945, p.1; 15/09/1945, p.1; 16/09/1945, p.22; 18/09/1945, p.12. A pedido. O Amigo e o Inimigo da Pátria. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22/09/1945, p. 3; A pedido. O homem, a cobra e o comunismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23/09/1945, p.5; A pedido. As belezas do comunismo ateu. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26/09/1945, p.3; A pedido. Alerta, com o comunismo! *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28/09/1945, p.3; A consciência política no Rio Grande repudia o comunismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30/09/1945, p.11; O Partido Libertador e o Comunismo; O Partido Social Democrático e o Comunismo; O Partido Republicano Liberal e o Comunismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30/09/1945, p.11; *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 30/09/1945, p.7

⁵⁶³ A recepção a Luís Carlos Prestes. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16/09/1945, p.22

como mártir ou herói. Dyonélio falou sobre quem fora Luís Carlos Prestes ao deixar seu estado natal nos anos 1920, inserindo sua trajetória na corrente de acontecimentos políticos nacionais da época, clareando o emaranhado de interesses em jogo e destacando que não se tratava de “predestinação, com todo o conteúdo mágico que essa ideia representa”, mas de “uma vida conseqüentemente agindo numa direção, tomando desde cedo um rumo”.⁵⁶⁴ A interpretação do escritor quaraiense reconheceu um sentido na vida do líder comunista, evidenciando calcar-se fortemente na perspectiva evolucionista – presente tanto no positivismo, quanto no marxismo.⁵⁶⁵ Essa linha interpretativa outorgou racionalidade científica à trajetória de Prestes, fazendo-a partícipe da autoridade do discurso científico.

No dia do grande comício, uma verdadeira batalha discursiva foi travada nas páginas do jornal *Correio do Povo*: de um lado, a LEC, o PL, o PSD (Partido Social Democrático) e o PRL (Partido Republicano Liberal); do outro, o PCB. Grandes reportagens de uns e de outro foram divulgadas. Beatriz Bandeira publicou o poema “Ao Capitão de Aço!”, através do qual fez um chamamento:

Vem Caxias, a bela, a rutilante
Pérola das Colônias, com seus imensos parreirais,
E o vinho de ametistas esmagadas
pela serrana intrépida e formosa;
e o brilhante esplendor de seus morros nevados.
Vem para vê-lo, vem para escutá-lo,
ao nosso claro Capitão de Aço.

Taquari, Lajeado, Estrela e a Ponte
do Barreto; toda essa imensa região
que o mesmo rio banha e fertiliza.
Com os seus dourados laranjais soberbos
e a agonia triunfal de seus poentes rubros.
Vêm para vê-lo, vêm para escutá-lo
ao nosso forte Capitão de Aço.

Bento Gonçalves, Garibaldi, Antônio Prado
trazem a imensa promessa das espigas de ouro
de seus trigais altivos, ondulando
sob as carícias de uma brisa amena,
com o seu clima salutar.
Vêm com os seus filhos todos,
jovens e velhos, homens e mulheres...
Vêm para vê-lo, vêm para escutá-lo.

As estâncias de gado nédio e gordo,

⁵⁶⁴ Luís Carlos Prestes volta ao Rio Grande. *Libertação*, Porto Alegre, n.25, 29/09/1945, p.3

⁵⁶⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.21, n.41, p.113-126, 2001.

de Santana, Jaguarão, de Júlio de Castilhos,
de Tupanciretã, mandarão seus rebanhos
seus humildes rebanhos silenciosos,
dos meieiros, dos arrendados e peões de estância,
dos que têm fome, quando o gado é farto.
E vêm para vê-lo, vêm para escutá-lo,
ao nosso heroico Capitão de Aço.

[...]

**E todos juntos, homens e mulheres,
trabalhadores, marinheiros, poetas,
soldados, escritores e operários,
estudantes, mineiros, camponeses**
e as crianças pequenas, todas elas
vêm ouvir a palavra clara e simples
do nosso Imenso Capitão de Aço.⁵⁶⁶

Num apelo enaltecendo as particularidades de todas as regiões do estado, dirigido a segmentos sociais diversos, a poetisa carioca colocou sua capacidade de criação a serviço do PCB, da sua política de união nacional e de seus primeiros esforços no sentido de construir Prestes como um homem excepcional (“claro”, “forte”, “heroico”, “imenso”).⁵⁶⁷ Um dia antes, Beatriz Bandeira havia colaborado para com o grande evento, assinando convite às professoras publicado no *Correio do Povo*:

AO MAGISTÉRIO ESTADUAL E PARTICULAR

Convidamos **as nossas colegas professoras**, do Magistério Estadual e Particular, **sejam quais forem as suas simpatias políticas e convicções religiosas**, a participar das homenagens que serão prestadas pelo Rio Grande do Sul **ao grande brasileiro e gaúcho LUÍS CARLOS PRESTES, herói** da luta contra o nazi-fascismo.

Porto Alegre, 19 de setembro de 1945.

A Comissão de Professoras: Lelia Paradedda – Beatriz Bandeira – Emilce Lima Aveline – Evlys Mabilde – Hilda de Castro Jobim – Adalgiza Machado – Izula Vilanova Gerhardt.⁵⁶⁸

⁵⁶⁶ Ao Capitão de Aço! *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30/09/1945, p.12. Grifos nossos.

⁵⁶⁷ Desde sua libertação, o comunista de Santo Ângelo passou a ser exaltado por suas virtudes, aclamado pelo seu saber e cultuado por seu heroísmo, sobretudo na imprensa partidária. FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.251

⁵⁶⁸ Ao magistério estadual e particular. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29/09/1945, p.7. Grifos nossos. Cabe destacar que Emilce Aveline era formada em Medicina, de acordo com carta enviada por Abílio Fernandes ao Comitê Nacional do PCB em setembro de 1945. APERJ. Fundo Polícias Políticas. Setor/Série: Comunismo. Pasta/Notação: 2-B. F.00593-00594. Das sete signatárias, cinco tinham cônjuges ou familiares ligados ao PCB: Beatriz era casada com Raul Ryff; Emilce, Adalgiza e Izula eram esposas de Carlos Aveline, Dyonélio Machado e Alfredo Antônio Gerhardt, respectivamente; e Hilda era irmã de Homero de Castro Jobim.

Dirigido de mulheres para mulheres, o convite, além de apelar para a identidade profissional, invocou a identidade de gênero, visto ser a categoria do magistério formada predominantemente por docentes do sexo feminino.⁵⁶⁹ Ao lado das convicções políticas, foram lembradas as religiosas, as quais poderiam ser impedimento para a participação no comício. Comunistas homens representantes de outros ofícios emitiram incitações exclusivamente para os homens, com exceção do convite aos jornalistas, em cuja relação de signatários figurou o nome de Gilda Marinho. No próximo capítulo, veremos que Gilda, ao contrário de Lila Ripoll, não correspondia totalmente ao modelo tradicional de mulher e de militante comunista da época.

Outros comunistas dedicados à literatura procederam de modo semelhante à Beatriz Bandeira. Cyro Martins e Dyonélio Machado convidaram os colegas médicos:

CONVITE AOS MÉDICOS
COLEGAS!

Luís Carlos Prestes, o grande líder popular, falará ao povo gaúcho no domingo, dia 30, às 15 horas, no Parque Farroupilha. Seu discurso abordará problemas fundamentais de natureza **econômica, cultural, social e política**.

Tais problemas não podem deixar de interessar ao médico, **qualquer que seja a sua orientação política, religiosa ou filosófica**. O vosso comparecimento significará, acima de tudo, o interesse pelos destinos do Brasil.

Comissão Médica Pró-Comício “RIO GRANDE DO SUL A LUÍS CARLOS PRESTES”.

(a.a.) Dr. Dyonélio Machado – Dr. César Ávila – Dr. Fernando Guedes – Dr. Medeiros Dantas – Dr. Rafael Zonvi – Dr. Cyro Martins – Dr. Marino dos Santos – Dr. M. E. Azambuja – Dr. César Nanni – Dr. José Pessoa Mendes – Dr. Wilson Pereira.⁵⁷⁰

Diferente do convite para as professoras – que tentava promover uma identificação entre as leitoras docentes e a dignidade e a honradez que subjaziam os adjetivos “herói” e “grande brasileiro e gaúcho” atribuídos ao chefe do PCB, aspectos de ordem moral e emocional – o chamado dirigido pelos médicos comunistas aos seus pares apelava para elementos mais próximos do intelecto. Os profissionais da medicina – predominantemente do sexo masculino – foram convidados independente de suas orientações políticas, religiosas e

⁵⁶⁹ No tocante à questão de gênero, compreendemos que as diferenças entre os sexos, estabelecidas hierarquicamente por meio de noções de feminino e masculino, são construções relacionais e históricas. Nesses processos, são atribuídos significados a distinções biológicas e, a partir disso, são definidos papéis e estabelecidas relações de poder. Inspiramo-nos, sobretudo, nas considerações de Joan Scott e Susan Amussen. Cf. AMUSSEN, Susan Dwyer. *Feminin/Masculin. Le genre dans l'Angleterre de l'époque moderne. Annales ESC*, Paris, vol.40, n.2, pp.269-287, mar.-abr. 1985; SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. pp.62-95; SCOTT, Joan. *Gênero. Uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol.20, n.2, p.71-99, jul.-dez, 1995.

⁵⁷⁰ Convite aos médicos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29/09/1945, p.7

também filosóficas, parecendo ter um grau alto de entendimento em relação ao admitido para as mulheres. Eles buscaram persuadi-los chamando atenção para suas responsabilidades sociais e para as ponderações que Prestes faria acerca dos problemas econômicos, culturais, sociais e políticos do país. Todos antepuseram o título de “Doutor” aos nomes, um recurso que, possivelmente, funcionou como um reforço de argumento, principalmente diante dos leitores menos instruídos.

Invocando a mesma intenção congregadora, também foram publicados convites aos trabalhadores (das mais diversas categorias), aos engenheiros e técnicos em geral, aos economistas e contabilistas, aos funcionários públicos e aos jornalistas. Neste, especialmente, figurou o nome do comunista Álvaro Moreyra, poeta gaúcho radicado no Rio de Janeiro. Não foram, no entanto, encontrados convites aos escritores. Aparentemente, eles não usaram sua condição de homens e mulheres das letras para assinar os convites publicados na imprensa e deram preferência para outras funções que exerciam na sociedade, como professoras, médicos e jornalistas. Uma possível explicação seria o fato da ocupação de escritor – não obstante todo o esforço realizado no I Congresso Brasileiro de Escritores no sentido de regulamentar os direitos autorais – estar, naquele momento, inserida num processo incipiente de constituição do campo intelectual autônomo em relação ao Estado. Constituíam-se numa ocupação secundária (exceto nos casos de Erico Verissimo e Jorge Amado) e não tinha o mesmo apelo de classe e a mesma força de mobilização das demais. Esse aspecto nos sugere o uso por escritoras e escritores comunistas de um ou outro papel social – ora de médicos, ora de professoras, ora de romancistas, ora de poetisas – que desempenhavam na sociedade, de acordo com objetivo do momento.

VI.

Vimos que os escritores envolveram-se em diversas tarefas na estrutura partidária, nos órgãos de imprensa e entidades vinculadas ao PCB com a abertura política em 1945. Pode-se afirmar, contudo, que, mesmo com o crescimento do número de homens e mulheres dedicados à literatura no Partido, aquele cuja atividade ganha destaque nas fontes do período é Dyonélio Machado.

Na década de 1940, o autor de *Política Contemporânea* era conhecido e reconhecido por sua atuação no jornalismo político, havia pelo menos vinte anos, na medicina e na

literatura. Com o Partido Comunista na legalidade, além de dirigir (ou emprestar seu nome para) a revista *Libertação*, de colaborar no Clube de Cultura Euclides da Cunha e organizar eventos importantes (como o comício a Prestes), o romancista de Quaraí concorreu a uma vaga na Câmara de Deputados em dezembro de 1945⁵⁷¹ e a outra na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul nas eleições de janeiro de 1947.⁵⁷² Eleito com 1.896 votos, ele liderou a bancada comunista do legislativo gaúcho até janeiro de 1948, quando, após o cancelamento do registro do Partido em maio de 1947, a Câmara Federal aprovou a cassação dos mandatos dos parlamentares eleitos sob a legenda do PCB.⁵⁷³

O período em que exerceu o mandato de deputado estadual durou alguns poucos meses, mas marcou traumáticamente a trajetória de Dyonélio Machado. O historiador Mauro Gaglietti estudou a atuação do romancista quaraiense – e também de Raul Pilla – como parlamentar, examinando os pronunciamentos realizados por ele na casa legislativa e o capítulo dedicado a essa experiência em *Memórias de um pobre homem*. Seguindo a linha de pesquisa da História das Ideias, Gaglietti observou que, trinta anos depois, o escritor interpretou os acontecimentos misturando categorias da psicanálise e do marxismo, no intuito de explicar aquela “amarga” passagem de sua vida.⁵⁷⁴

A decepção de Dyonélio Machado parece ter começado quando soube do resultado do pleito estadual. Tendo em vista que o Partido Comunista era “sinônimo de Partido Operário”,

⁵⁷¹ O Secretariado Nacional do PCB havia aprovado a candidatura dos seguintes nomes à Câmara Federal pelo PCB gaúcho: Abílio Fernandes, Álvaro Moreyra, Arlindo de Souza, Deburgo de Deus Vieira, Dyonélio Machado, Júlio Teixeira, Líbio dos Santos, Otto Alcides Ohlweiller, Santos Soares, Sérgio Holmos e Trifino Corrêa. APERJ. Fundo Polícias Políticas. Setor/Série: Comunismo. Pasta/Notação: 2-B. F.00595 e 00597

⁵⁷² Naquele pleito, o PCB não lançou nenhum candidato a governador, preferindo apoiar concorrentes que lhe parecessem menos “reacionários”. Para o governo do Rio Grande do Sul, os comunistas apoiaram a candidatura de Walter Jobim (PSD-PRP-PCB), que venceu com 41,23% dos votos. Em segundo e terceiro lugares ficaram Alberto Pasqualini (PTB) e Décio Martins Costa (PL-UDN), com 37,64% e 18,91% dos sufrágios, respectivamente. Cf. NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hégio (Org.). *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul (1945-1994)*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS/Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1995. p.32. Em comício realizado no dia 16 de janeiro de 1947, no Largo da Prefeitura de Porto Alegre, Prestes recomendou que seus correligionários apoiassem a candidatura de Walter Jobim ao governo estadual. Cf. Comício comunista hoje, no Largo da Prefeitura. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16/01/1947, p.8

⁵⁷³ Otto Alcides Ohlweiller foi o candidato comunista mais votado, logrando 2.327 votos, seguido por Antônio Ribas Pinheiro Machado Neto, com 2.231, e por Dyonélio. Júlio Teixeira, Antônio Barros, José César de Mesquita, Manoel Jover Telles e Antônio Martins foram eleitos suplentes com 1.679, 1.413, 1.134, 1.108 e 1.068 votos, respectivamente. Cf. CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p.321

⁵⁷⁴ GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na Política. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: EDIPUCRS, 2007. p.104

esperava que os deputados comunistas eleitos fossem os candidatos de origem proletária.⁵⁷⁵

No entanto,

Qual não foi minha surpresa quando, fazendo tábua rasa da ordem indicada na folha de votação, que trazia como cabeça de chapa o nome do operário que merecera a alta confiança de ocupar o cargo de secretário do Partido no Rio Grande do Sul [Abílio Fernandes], qual não foi minha decepcionante surpresa quando vi eleitos para as vagas que nos haviam tocado, **três doutores**. E para primeiro suplente mais um doutor.⁵⁷⁶

Se, por um lado, Dyonélio não se considerava e não considerava também seus companheiros eleitos representativos do “Partido do Proletariado”, por serem “doutores”, por outro, alguns militantes que seguramente se ajustariam à posição idealizada por Machado acreditavam não possuírem as competências necessárias para desempenhar uma função parlamentar.

O metalúrgico Eloy Martins e a operária Julieta Batistioli concorreram às eleições municipais de novembro de 1947. O primeiro foi eleito vereador juntamente com o médico Marino Rodrigues dos Santos; a segunda elegeu-se suplente dos companheiros.⁵⁷⁷ Suas candidaturas, contudo, não haviam se dado de forma espontânea ou mediante deliberações no interior do Partido. Os dirigentes do PCB decidiram e lhes comunicaram. Décadas depois, Eloy Martins lembrou que, ao tomar conhecimento da decisão, tentou argumentar que lhe faltavam aptidões para o cargo: “Apresentei minhas limitações intelectuais para enfrentar tal incumbência, se por acaso fosse eleito”. No entanto, após muita discussão, deu-se por vencido. Abandonou o emprego e voltou-se para a campanha eleitoral.⁵⁷⁸ Já a reação daquela que seria eleita sua suplente foi mais intensa. Quando recordou o episódio depois de 45 anos, em entrevista concedida ao historiador Francisco Carvalho Júnior, a antiga operária da Renner relatou como recebeu a notícia por meio da companheira Maria Crespo:

FCJr. – E sobre a vereança?

JB – AH! A vereança! ... (JB pronuncia longamente a palavra “vereança”, pondo a mão no rosto)

⁵⁷⁵ Também disputaram uma cadeira no legislativo sul-rio-grandense pela legenda do PCB o advogado Júlio Teixeira, Antônio Lustenes Peres Barros, o metalúrgico José César Mesquita, o mineiro Manoel Jover Telles e o advogado Antônio Ferreira Martins.

⁵⁷⁶ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.116. Grifos nossos.

⁵⁷⁷ Cabe salientar que, nas eleições ocorridas no final de 1947, os candidatos comunistas concorreram sob a sigla do Partido Social Progressista (PSP), visto que o PCB havia sido colocado na ilegalidade em maio daquele ano.

⁵⁷⁸ MARTINS, Eloy. *Um Depoimento Político*. 55 anos de PCB. Memórias de um metalúrgico. Porto Alegre: Pallotti, 1989. p.89

FCJr. – Quando a senhora assumia, era o Partido quem ditava a linha de atuação a senhora levava para lá as reivindicações, como era? ou a senhora tinha mobilidade para ...

JB – Não ... o Partido dava como tarefa, compreendeu? Era tarefa. Então, quando eu ... até foi a Maria Crespo que foi me levar a notícia: “Tu sabes que tu vais ser candidata a vereadora!?”. Digo: “Não! Mas pelo amor de Deus, essa não! Essa agora é demais, eu não vou aceitar”. E a Maria Crespo: “Não, tu vais ter que aceitar; não tem tu dizeres não, tu vais, tu não vais poder dizer não”. Digo: “Mas, Maria!, é a pior coisa pra mim, que me fizeram.” ... foi eu ser vereadora, compreendeu? Porque olha, **eu não tive estudo**, saber ler, eu sabia ... meu tio, que era analfabeto, ... a tarefa que eu tinha todos os domingos era ler o “Correio” [do Povo] para ele, não é? e ... **ser vereadora com a educação, com a cultura que eu tinha**, para mim foi uma coisa assim que ... olha! eu nem sei te dizer, eu andei nervosa, eu fiquei nervosa, eu andei sem dormir, eu andei ... meu marido é que ficava bravo: “Mas o que é isso! Mas que mulher medonha essa ...”. Digo: “Não, mas eu não quero, não quero, não quero e proíbo que tu ou vocês façam um comitê para mim. Eu não quero”. Então comitê eu não tinha; meu velho trabalhou com o Eloy, eu trabalhei com o Eloy, mas para mim eu não fiz um comício, para a minha candidatura não trabalhei uma vez, não, porque foi uma tarefa que impuseram, não me consultaram ...
579
...

As palavras da operária da fábrica Renner e o modo como Carvalho mostrou que ela acentuou a palavra “vereança” quando ele tocou no assunto revelam o quanto aquela arbitrariedade do Partido havia afetado sua vida e como o episódio ficou gravado em sua memória. Assim como Eloy, ela também não acreditava ter o nível de instrução adequado para a incumbência que lhe foi imposta. A determinação afetou-a tão profundamente que abalou seus nervos e lhe fez perder noites de sono, pois se tratava de algo irrecusável, de uma “tarefa”.⁵⁸⁰ Eloy e Julieta tentaram resistir à decisão de suas candidaturas argumentando não disporem de “estudo”, “instrução”, “educação”, “cultura” suficientes para desempenhar funções parlamentares na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre. Ou seja, eles não esperavam desempenhar a tarefa a contento, porque não haviam incorporado as disposições consideradas necessárias para tal.

Ambos tinham origens humildes. O metalúrgico, nascido em Laguna (SC), era filho de carpinteiro. Aos sete anos, começara a trabalhar como engraxate e, aos nove, passara a

⁵⁷⁹ CARVALHO JÚNIOR, Francisco; GARCIA, Eliane Rosa (Org.). *Adorável Camarada*. Memórias de Julieta Batistioli. Entrevistas realizadas com Julieta Batistioli, em 29 de junho de 1990 e 22 de julho de 1992, por Francisco Carvalho Júnior. p. 56-57. As informações entre colchetes, em itálico e sublinhadas são de responsabilidade do entrevistador. Os grifos em negrito são nossos.

⁵⁸⁰ Jorge Ferreira esclarece-nos que os encargos da militância eram tão absorventes que a expressão “tarefa” entranhou-se na cultura comunista e na linguagem revolucionária – invadindo inclusive o ambiente familiar e privado – exigindo excelência daqueles para os quais era imposta, e, muitas vezes, assumindo feições de “verdadeira missão”. Cf. FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.91-92

ajudante de ferreiro.⁵⁸¹ Já a operária nasceu em Palmares, interior do Rio Grande do Sul, e aos doze anos de idade ingressou no mercado de trabalho para ajudar no sustento da família. Seu primeiro emprego foi em uma fábrica de vassouras. Quatro anos depois, passou a fazer parte do quadro de funcionários da fábrica Renner.⁵⁸² A insuficiência de recursos materiais obrigou-os a abandonar os estudos e a voltarem-se muito cedo para o trabalho. Os meios nos quais circularam e as pessoas com as quais estabeleceram relações não proporcionaram oportunidades para que Eloy e Julieta incorporassem os códigos sociais que subjaziam e orientavam a dinâmica das casas legislativas, dominadas pela elite desde o Império.

Na dinâmica parlamentar, chama atenção o recato com que os eleitos dirigem-se a seus pares, utilizando-se sempre de uma muito refinada educação e de uma cordialidade (própria ao recinto) para se dirigir aos colegas, mesmo para lhes desferir as mais embaraçosas acusações. Esse comportamento respeitoso – caracterizado pelo uso de pronomes de tratamento específicos e acompanhado de vestimentas próprias – compõe um conjunto de disposições características do fazer parlamentar. São práticas sociais esperadas e cobradas pelos pares, de modo que é possível um vereador, um deputado ou um senador sofrer retaliações, ou ter mesmo seu mandato cassado, por faltar com o decoro parlamentar, isto é, por não ter se comportado de acordo com as regras. Todos eles se distinguem pela ostentação – seja na linguagem, seja no traje – de uma série de atributos altamente simbólicos. Dominar os códigos que norteiam o debate nos legislativos depende das oportunidades de aprender a exercer tal capacidade.⁵⁸³

Privados dos bens mais necessários desde o começo da vida, Eloy Martins e Julieta Batistioli precisaram se adaptar à necessidade, abrindo mão de toda exigência social que não oferecesse rápido retorno material mínimo para a sobrevivência. Já Dyonélio Machado e seus colegas deputados tiveram acesso a um alto nível de escolarização e a outras formas de sociabilidade por meio das quais incorporaram os esquemas de percepção e de apreciação do mundo próprios das camadas dominantes e acumularam um amplo capital cultural.

⁵⁸¹ MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos*. A vida de 31 militantes da classe operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p.89

⁵⁸² Id. *Velhos combatentes da classe operária gaúcha*. Porto Alegre: 2009. Mimeo.

⁵⁸³ Ao examinar os anais da Assembleia Legislativa gaúcha, Mauro Gaglietti constatou extrema valorização dos seguintes atributos por parte dos deputados que mais ocuparam a tribuna: qualidade da oratória; domínio da língua nacional e competência no uso do francês e do inglês; conhecimento da história francesa e norte-americana e da cultura dos povos em geral; formação acadêmica; exercício das profissões de médico, de advogado e de oficial do Exército brasileiro. Cf. GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na Política. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: EDIPUCRS, 2007. p.110

O pleito de janeiro de 1947 resultou na legislatura que durou até 1951. Sua composição ganhou a seguinte configuração:

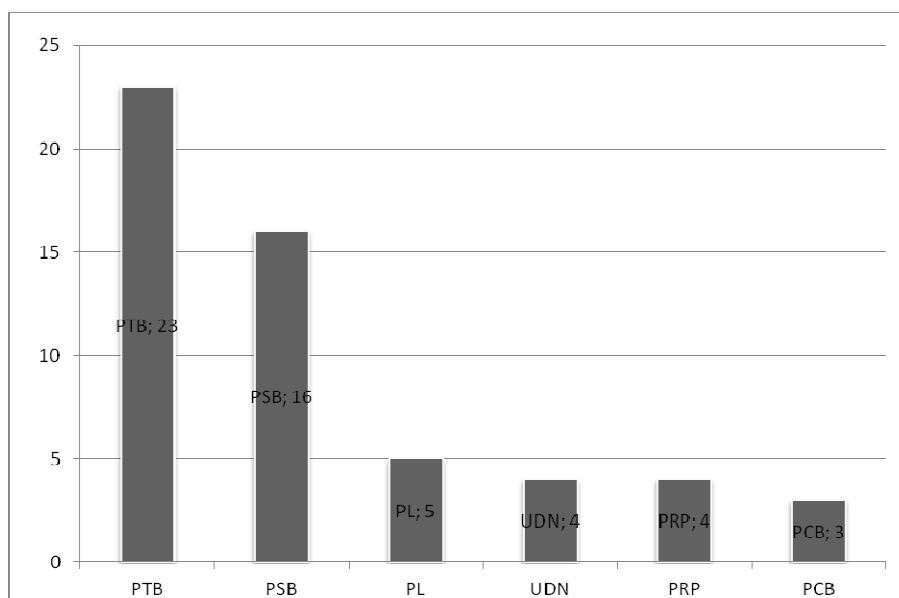


Gráfico 1 – Composição da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 1947 por partidos.⁵⁸⁴

De acordo com estudo organizado por Flávio Heinz, 41,57% dos cinquenta e cinco deputados tinha formação superior. Uma parcela de 63,64% destes cursara Direito, e 18,18%, Medicina.⁵⁸⁵ Quando, décadas depois, retomou o episódio das eleições de janeiro de 1947, Dyonélio Machado cogitou duas explicações para os quatro primeiros colocados comunistas serem doutores: ou tratara-se de uma “negação dialética das massas”, que não depositaram “confiança política natural, obrigatória mesmo, num elemento da sua classe”, ou essa massa não era proletária, demonstrando que, desastrosamente, ao menos no Rio Grande do Sul, o PCB não possuía sua força intrínseca.⁵⁸⁶

Quanto à primeira hipótese, as declarações de Eloy Martins e Julieta sugerem que o eleitor de origem humilde esperava que o candidato ao legislativo possuísse a “cultura” – e a autoridade que dela advinha – que ele não possuía, mostrando-se, assim, digno da sua confiança e de representá-lo. Para Dyonélio, o voto no intelectual seria antes consequência

⁵⁸⁴ Gráfico da autora baseado nos dados apresentados em BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. p.55

⁵⁸⁵ HEINZ, Flávio Madureira (Org.). *O Parlamento em tempos interessantes*. Breve perfil da Assembleia Legislativa e de seus deputados (1947-1982). Porto Alegre: CORAG, 2005. p.83-84

⁵⁸⁶ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.116

das qualidades oratórias, “meramente intelectuais”, dos candidatos que já haviam conquistado certa reputação nesse particular. Os comunistas, assim, teriam sido eleitos por um “eleitorado flutuante, sem grandes convicções doutrinárias”, o que acabara desqualificando-os e fortalecendo a reação, que soube manipular oportunamente o medo do adversário.⁵⁸⁷

Embora expressasse inconformidade com o fato e um sentimento de culpa em relação ao episódio, de acordo com a análise realizada por Mauro Gaglietti, o romancista, de forma ambivalente, recorreu à Revolução Francesa e à Revolução Russa para demonstrar a importância revolucionária dos intelectuais. Na apropriada interpretação do historiador, ao resgatar o papel de médicos, advogados e poetas em ambos movimentos revolucionários, o escritor desejou que o leitor de suas memórias relacionasse a ação desses segmentos à atuação da bancada comunista na Assembleia gaúcha em 1947, composta também por médicos, advogados e poetas.⁵⁸⁸

Na sequência do seu relato, o autor de *Os Ratos* constatou que, com a ascensão do proletariado, do ponto de vista social, e com a sua politização, a classe se achou “então em condições de dispensar uma ajuda supérflua”, como a da pequena burguesia intelectual. Esta, no entanto, já havia criado uma “tradição de combatividade e valentia”.⁵⁸⁹ Ora contribuindo para a consolidação do poder político nas mãos da burguesia, como na Revolução Francesa; ora colaborando para a conscientização do operariado russo enquanto classe revolucionária, como na Revolução Russa, e mesmo na história política do Brasil, a pequena burguesia intelectual havia dado mostras de que nunca lutava a seu favor, mas por ideias, por sonhos, num desinteresse que, na verdade, escamoteava a sua descaracterização como classe.⁵⁹⁰

Independente do seu inconformismo, os atributos considerados pelo escritor quaraiense “meramente intelectuais” parecem ter pesado para o eleitorado acreditar nas suas capacidade e autoridade e o colocarem na Assembleia Legislativa gaúcha com Ohlweiller e Pinheiro Machado. Uma vez empossados, em 10 de março de 1947, Dyonélio foi eleito pelos pares para o cargo de terceiro secretário, e líder da bancada comunista pelos companheiros.⁵⁹¹

⁵⁸⁷ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.117

⁵⁸⁸ GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na Política. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: EDIPUCRS, 2007. p.104-105

⁵⁸⁹ MACHADO, Dyonélio. Op. Cit. p.114

⁵⁹⁰ Id. Ibid. p.115

⁵⁹¹ Instalada, Ontem, a Assembléia Constituinte. *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, 11/03/1947, p.1. Os demais integrantes da mesa foram Edgar Luiz Schneider, Joaquim Duval (PSD), César José dos Santos (PTB), Hermes Pereira de Souza (PSD), Helmuth Closs (PRP) e Fernando Ferrari (PTB), como presidente, vice-presidente, 2º vice-presidente, 1º, 2º e 4º secretários, respectivamente. Cf. *Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul*. Ano 1947. Vol.1, 10/03/1947, p.6-7

Ambas as nomeações colocaram o autor de *O Louco do Cati* numa posição de relevo no interior da Casa, fazendo dele o “porta-voz”⁵⁹², aquele que tinha autoridade e legitimidade para falar em nome do PCB e dos comunistas.

Ao analisar os discursos de Dyonélio no âmbito parlamentar, Mauro Gaglietti constatou uma diversidade de lugares de fala, ou, em suas palavras, “uma polissemia de vozes”.⁵⁹³ Dependendo do tema em debate, o intelectual comunista lançou mão de sua experiência em distintas esferas, destacando-se os momentos em que se posicionou como médico, jornalista, escritor, funcionário público e ex-presos político.⁵⁹⁴ Contudo, foi como profissional da medicina que Machado predominantemente liderou a bancada comunista.⁵⁹⁵

Na sessão de 25 de março de 1947, por exemplo, o médico psiquiatra demonstrou alta erudição ao discorrer sobre os fatores que acentuavam o número de casos de tuberculose no estado, examinando a relação custo de vida *versus* salários, citando estudos recentes acerca da fome no Brasil, informando dados demográficos, demonstrando conhecimento da rede de transportes e da distribuição da terra.⁵⁹⁶ De acordo com Gaglietti, em ocasiões como essa, o deputado comunista utilizou duas importantes estratégias. Para amenizar a falta de conhecimento jurídico, elaborou um mecanismo de compensação, abusando de conhecimentos ligados a outras áreas, apresentando-se “como um estudioso dedicado de temas mais variados, como um intelectual bem informado e como um grande intérprete da língua portuguesa”, ou seja, ele recorreu à sua situação de leitor especializado e de escritor para assumir uma condição de autodidata nos assuntos relacionados ao direito constitucional.⁵⁹⁷ Por outro lado, o psiquiatra quaraíense fez uso da linguagem específica da Medicina como argumento de autoridade, pois, como apontado por Gaglietti, tal estratégia discursiva atestava que aquele que falava conhecia profundamente o assunto e era reconhecido como alguém que possuía competência para tratar dele.⁵⁹⁸ Dyonélio, assim,

⁵⁹² BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.159-160

⁵⁹³ GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na Política. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: EDIPUCRS, 2007. p.110

⁵⁹⁴ Cf. RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. *O pensamento político de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006. Discursos proferidos nas sessões de 13 e 25 de março, 1º de abril, 2, 8, 27 e 28 de maio, 4 de novembro e 2 de dezembro de 1947. Disponíveis também nos volumes 1, 2, 4, 12 e 14 dos *Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul*.

⁵⁹⁵ GAGLIETTI, Mauro. Op. Cit. p.113

⁵⁹⁶ RIO GRANDE DO SUL. Op. Cit. Sessão de 25 de março de 1947.

⁵⁹⁷ GAGLIETTI, Mauro. Op. Cit. p.131

⁵⁹⁸ Id. Ibid. p.114. O deputado Nicanor da Luz, do PSD, elogiou os apartes de Dyonélio Machado e de outros colegas da Casa, por serem “úteis pelo conteúdo, intelectual que, sempre apresenta[va]m”. Cf. RIO GRANDE DO SUL. Op. Cit. Sessão de 28 de maio de 1947.

assumia uma postura segura, transparecendo estar ciente de que a tribuna era um lugar para quem sabia falar e possuía “autoridade e responsabilidade sobre o que diz[ia]”.⁵⁹⁹ É possível presumir o quão respeitada era a sua autoridade pela sua participação na elaboração da Constituição Estadual. De acordo com as memórias do líder comunista, e seção dedicada à saúde pública, da qual foi relator, não recebera emenda alguma.⁶⁰⁰

Nos meses em que desempenhou a função parlamentar na Assembleia Legislativa gaúcha, Dyonélio Machado recorreu, sobretudo, à sua atuação na Medicina como argumento de autoridade, e suas contribuições mais significativas foram dadas nesse âmbito. O fato de ser escritor só foi usado com a mesma finalidade por ocasião da apresentação de uma emenda sobre produções literárias e direitos autorais pelo deputado trabalhista, e também médico, Cesar José Santos em 28 de maio de 1947.⁶⁰¹ Ao apresentar sua proposta, o representante do PTB discursou acerca das dificuldades enfrentadas pelos intelectuais gaúchos no que dizia respeito à publicação de livros, problemas devidos, na sua opinião, sobretudo, às irrisórias percentagens que as editoras ofereciam sobre o preço de capa das obras.⁶⁰² Em aparte cedido pelo orador, o deputado comunista teve oportunidade de oferecer-lhe o único exemplar dos anais do I Congresso Brasileiro de Escritores – manifestando desejo de que as resoluções tomadas no encontro servissem de subsídio à emenda que o parlamentar trabalhista pretendia submeter à assinatura dos demais colegas – e mostrou o quão familiarizado estava com a questão, não só afirmando ser escritor, mas relatando os avanços alcançados nos últimos anos no que tocava os direitos autorais.⁶⁰³ A intervenção de Dyonélio demonstrou o conhecimento que tinha do mercado editorial e serviu para lembrar que, além de médico, ele também era um romancista nacionalmente conhecido. No entanto, mesmo com toda projeção a que a carreira literária pudesse lançar, e embora manejasse, dependendo da ocasião, tipos específicos de identidade⁶⁰⁴, foi do lugar de médico que Machado liderou a bancada comunista na Assembleia. Na segunda metade da década de 1940, a Medicina já havia alcançado a imagem

⁵⁹⁹ GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla. Médicos na Política*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: EDIPUCRS, 2007. p.133

⁶⁰⁰ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.119

⁶⁰¹ Nos anos 1940, César dos Santos publicou vasta literatura médica em periódicos brasileiros especializados, na *Revista do Globo*, além de ter divulgado sua tese de doutoramento pela editora da família Bertaso e outros estudos por pequenas tipografias porto-alegrenses. Cf. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS/IEL, 1978. p.525

⁶⁰² RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. *O pensamento político de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006. Sessão de 28 de maio de 1947.

⁶⁰³ Id. *Ibid.*

⁶⁰⁴ GAGLIETTI, Mauro. *Op. Cit.* p.193

de ciência inquestionável e onipotente.⁶⁰⁵ A Psiquiatria, de modo semelhante, havia se constituído como o saber por excelência sobre a loucura no Rio Grande do Sul.⁶⁰⁶ Sendo Dyonélio uma autoridade nessa área, como bem ponderou Gaglietti, o conhecimento profissional foi utilizado no plano da política, fornecendo a base para a argumentação do parlamentar.⁶⁰⁷

As diversas identidades acionadas pelo deputado do PCB com o objetivo de vencer o debate no legislativo foram colocadas a serviço de uma outra. Antes de ser médico, romancista ou jornalista, Dyonélio Machado era comunista, e sua prioridade foi defender a posição do seu Partido, mesmo que esta lhe deixasse frente a muitos dilemas. Em mais de uma ocasião ele destacou que a atuação da bancada comunista na Assembleia estava subordinada à organização partidária. Em pronunciamento realizado em 8 de maio de 1947, por exemplo, Machado afirmou que ele e seus companheiros não defendiam nada que não passasse pelo “crivo da Direção do Partido Comunista do Brasil”, ainda que seus discursos parecessem improvisados, tinham todos a “chancela” do PCB.⁶⁰⁸ Nesse mesmo dia, o escritor lembrou do trabalho que desenvolvera durante a Segunda Guerra, quando ajudara a selecionar os soldados brasileiros que iriam para o *front*. Talvez sensibilizado pelo cancelamento do registro do Partido, aprovado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no dia anterior, o parlamentar relatou que, naquela ocasião, ainda que debilitado pela doença, examinara milhares de compatriotas e dera sua contribuição:

E o **meu dever de comunista, mais ainda que o dever de médico**, porque como médico tinha o dever elementar para com os doentes e eu era o primeiro doente, meu **dever de político e de comunista**, de lutar pela defesa da liberdade, mesmo num trabalho técnico como este, indispensável para a luta, este meu dever me deu palavras, inclusive para enganar meus colegas de profissão, no sentido de que as **tarefas** que o nosso Exército tinha colocado sobre os meus ombros fossem realizadas na medida das minhas possibilidades e sem interrupção nenhuma.⁶⁰⁹

⁶⁰⁵ WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar*. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928). 1997. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 1997. p.13

⁶⁰⁶ WADI, Marmitt Yonissa. *Palácio para guardar doídos*. Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. p.213

⁶⁰⁷ GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na Política. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: EDIPUCRS, 2007. p.193-194

⁶⁰⁸ RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. *O pensamento político de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006. Sessão Extraordinária de 08 de maio de 1947.

⁶⁰⁹ Id. Ibid. Loc. Cit. Grifos nossos.

Para Dyonélio Machado, acima de tudo, estava o dever do comunista, compromisso evidente não só por ele o colocar nesses termos, mas pela expressão que usou para designar a demanda do Exército: “tarefa”, jargão que, como vimos, significava uma obrigação inquestionável e irrecusável entre os militantes do PCB. O autêntico comunista lutava com as forças e os recursos de que dispunha pela causa do Partido em cada contexto. Desde sua atuação na ANL, conforme acompanhamos nos capítulos anteriores, ele sacrificou, além da vida pessoal, sua carreira no jornalismo, na literatura e na medicina em prol do comunismo. Embora considerado um representante da menosprezada pequena burguesia intelectual, o autor de *O Louco do Cati* aceitou realizar esses sacrifícios e se submeter às dificuldades da clandestinidade pelo ideal revolucionário, tal como outros tantos militantes comunistas brasileiros. Essa resignação, contudo, teve um limite.

Algum tempo depois da cassação dos mandatos, o escritor foi procurado pela Assembleia, que pedia um seu retrato para figurar no quadro comemorativo dos deputados constituintes. Em suas memórias, Dyonélio relatou ter alegado estar em licença saúde quando da conclusão da carta máxima estadual, não a tendo assinado, perdendo, portanto, a condição de constituinte. Quem o procurou insistiu, afirmando que o líder comunista havia participado da elaboração do documento, o que era suficiente para justificar seu retrato. Machado, já impaciente, ponderou que, se a Assembleia não o havia querido em pessoa, não compreendia por que havia de o querer em efígie.⁶¹⁰

O partido, no entanto, julgou vantajosa, do ponto de vista político, a presença do retrato de Dyonélio no quadro comemorativo e pediu que ele o cedesse. O psiquiatra manteve sua posição e não atendeu ao pedido partidário, despertando a ira dos dirigentes, que exigiam ser obedecidos. Instaurou-se uma crise. Em *Memórias de um pobre homem*, ele recordou o que representava, na época, a obediência numa organização revolucionária e explicou o motivo pelo qual não se curvou:

Acontece porém que, sem nenhuma razão confessada, desde que saí da Assembleia fiquei sem organismo, o que quer dizer: de fora, pois só é comunista quem pertence ao Partido Comunista, e só se pertence ao Partido Comunista através dum organismo. Fiquei de fora a despeito de meus reiterados pedidos. Queria continuar agindo politicamente como até então. Agir politicamente é agir organicamente. E não entendia por que motivo me encontrava, agora, fora da organização. [...] retruquei que, para todos os efeitos, inclusive da obediência partidária, a primeira condição era pertencer ao Partido; e isso só se dava por meio de um organismo [...] – *Então o Partido lhe dará um organismo! e exigirá obediência.*
– *Não!*

⁶¹⁰ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.119

Para trabalhar, cansava de pedir organismo e não mo deram. Agora, para executar uma ordem, que era um erro, iriam me dar um.
– *Isso é chantagem* – concluí. – *Vocês podem dizer à direção.*⁶¹¹

Na sequência, o romancista afirmou não ter se importado com o futuro do tal quadro comemorativo, até encontrar “um velho companheiro, pertencente à massa operária”. Este o abraçou e falou que, ao negar fornecer o retrato, Machado “fizera exatamente o que os camaradas esperavam”.⁶¹²

O médico psiquiatra empenhou seu tempo, seu saber, sua imagem, o sossego de sua vida familiar em favor do PCB. Mas, no episódio do retrato, o Partido pediu mais do que ele estava disposto a dar, pois acreditava que ceder à Assembleia era uma medida oportunista e significava atender ao que havia de “mais pueril na vaidade pequeno-burguesa”.⁶¹³ Ao contrário de outros companheiros, que engoliram em seco seus pontos de vista e executaram as ordens partidárias, Dyonélio não abriu mão de sua posição, atitude na qual, décadas depois, reconheceu até “um certo sectarismo”. Ao lançar essa forte crítica à direção partidária e enfrentá-la, não restou opção ao escritor senão romper com o PCB e abandoná-lo.

Devido ao arsenal teórico e prático que o militante passava a conhecer através da organização, o Partido Comunista era envolvido em uma aura de superioridade. Esse conhecimento e o poder de mudar a realidade eram interpretados pelos comunistas, de acordo com Ferreira, como dádivas recebidas do Partido, configurando o *complexo da dívida* que, uma vez se apoderado do militante, dificilmente se atenuava: “por mais que ele se dedicasse à organização, por mais que ele se esforçasse pela causa revolucionária, um militante do Partido Comunista estaria sempre em débito”.⁶¹⁴

O que teria feito o dedicado escritor comunista desobedecer a uma ordem da direção de um partido com arraigada cultura centralizadora e impositiva? O que teria estado por trás do ato de não mais se reconhecer um devedor do Partido? Ao nosso ver, um determinado sentido de honra, associado à vergonha, subjaz o rompimento do pacto que havia entre Dyonélio Machado e o PCB.

De acordo com o relato que fez do episódio, vemos que, para o médico comunista, ceder o retrato equivaleria a ceder à “vaidade pequeno-burguesa”, uma comparação que, de

⁶¹¹ MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.120

⁶¹² Id. Ibid. p.120

⁶¹³ Id. Ibid. p.119

⁶¹⁴ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.41

modo subliminar, dirigia ao PCB o atributo pejorativo e vergonhoso com que tantos intelectuais, como ele, foram classificados no interior da organização. De forma autônoma, Machado viu em sua atitude o verdadeiro desejo daqueles que o elegeram, mostrando-se mais preocupado com sua reputação diante deles – com sua honra – do que com possíveis retaliações partidárias. O incidente envolvendo o quadro comemorativo da Assembleia aconteceu em um momento em que a relação entre o antigo presidente da ANL e seu partido parecia já desgastada. Ao não conceder um organismo para Dyonélio trabalhar, o PCB gaúcho menosprezou a contribuição que ele poderia dar à luta da agremiação, abrindo a possibilidade do militante considerar que – após dispensar tanta dedicação e suportar as durezas da clandestinidade e toda sorte de acusações – estava sendo subaproveitado e subvalorizado pelo PCB, ou, ainda mais grave, não era tido como merecedor de confiança pelos dirigentes. Ou seja, havia um desequilíbrio. Os custos de ofertar incessantes dádivas à causa revolucionária não estavam recebendo o devido retorno do Partido. A desobediência de Dyonélio Machado, assim, esteve dentro da lógica da reciprocidade. Ela derivou de uma espécie de consciência moral da obrigação que o PCB tinha para com ele, e não cumpriu, gerando uma reclamação pessoal de orgulho.

VII.

Os efeitos da transição de um amistoso clima de tolerância para outro, marcado pelo fechamento político e pelo retorno da perseguição e da repressão aos comunistas, projetaram-se também no âmbito literário. Conforme estudamos no capítulo anterior, no I Congresso Brasileiro de Escritores, “comunistas” e “democratas” uniram-se em prol da “legalidade democrática” que asseguraria a plenitude de condições para a atuação de críticos, jornalistas, poetas, romancistas e tradutores. Dois anos depois, o cancelamento do registro do PCB e o processo para cassar o mandato de seus parlamentares constituíram-se na “questão extraliterária” que “acirrou os nervos”⁶¹⁵ e começou a corroer os laços que uniam escritores de diferentes tendências no interior da ABDE.

Realizado na capital mineira de 12 a 16 de outubro de 1947, o II Congresso Brasileiro de Escritores teve como ponto central o debate do anteprojeto de lei que regulamentaria o

⁶¹⁵ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.139

direito autoral no Brasil. Os comunistas, porém, preocupados em garantir o apoio de uma entidade prestigiada como a ABDE em momento delicado para o PCB, atropelaram a Comissão de Assuntos Políticos do conclave e encaminharam uma moção contra o projeto de lei de segurança nacional, o fechamento do Partido Comunista (e de qualquer outro partido) e a cassação dos mandatos diretamente ao plenário.⁶¹⁶ Em protesto, os membros da referida comissão renunciaram em bloco, atitude que exigiu intensas negociações para contornar a crise. Carlos Drummond de Andrade, que lutara pelo caráter apolítico da ABDE, descreveu o episódio salientando os esforços realizados para não permitir que os participantes comunistas transformassem o II Congresso numa extensão do PCB:

a aprovação pura e simples de atitudes não consideradas antes pelo órgão competente, e que importavam em unilateralidade de ponto de vista, anulando todo o trabalho de preparação para que o Congresso não se tornasse órgão de um partido, levando a reboque os escritores que, amando a liberdade, a ele não se subordinavam, criou uma situação insustentável.⁶¹⁷

Sob o comando de Henrique Bertaso, a *Revista do Globo* escolheu depreciadores depoimentos de Sergio Milliet e de Homero Senna para divulgar o encontro de Belo Horizonte no Rio Grande do Sul. Na avaliação do primeiro, o II Congresso havia sido “mediocre” do ponto de vista intelectual, caracterizado por leviandade no julgamento das resoluções, incongruências no que dizia respeito ao engajamento político do escritor e discussões descartáveis sobre obras psicografadas. No que tocava o tema central do encontro, a lei dos direitos autorais, relatou que, temendo uma cisão, o congresso decidiu “estudar o assunto”. No fim, “a exploração política de uma questão profissional por um lado e misteriosas intervenções por outro impediram o debate amplo e esclarecedor que houvera permitido solução mais lógica.”⁶¹⁸ Para o escritor Homero Senna, apesar do “palavrório” nos discursos de abertura e de encerramento e dos delegados terem perdido “precioso tempo” com teses apresentadas por desconhecidos, o evento não foi de todo um fracasso, pois trabalhos interessantes foram apresentados por expoentes da literatura, como Ivan Pedro de Martins, e

⁶¹⁶ A Comissão de Assuntos Políticos do II Congresso foi integrada por Afonso Arinos de Melo Franco, Alceu Marinho Rego, Aloísio Alves, Antônio Cândido, Arnaldo Pedrosa d’Horta, Carlos Drummond de Andrade, J. Guimarães Alves, Lourival Gomes Machado, Odilo Costa (filho) e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Cf. CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986. p.176

⁶¹⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985. Versão digital: <http://pt.scribd.com/doc/29010615/Carlos-Drummond-de-Andrade-O-Observador-no-Escritorio>, p.84. Acesso em: 16/11/2011

⁶¹⁸ Correio Literário de Belo Horizonte. O II Congresso Brasileiro de Escritores. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIX, n.446, 8 de novembro de 1947, p.21 e 72

cocktails e *chopps* realizados no fim do dia proporcionaram discussões mais úteis.⁶¹⁹ Ambos depoimentos possivelmente contribuíram para transmitir ao leitor do quinzenário gaúcho a impressão de que o II Congresso havia sido, na verdade, desnecessário.

Os embates entre comunistas e não-comunistas continuaram. De acordo com Drummond,

A luta doutrinária entre o espírito democrático e o espírito sectário prosseguia no mesmo ponto, exacerbada talvez sob os arranjos de ocasião. Nenhum de nós queria impedir o direito de os comunistas se manterem organizados em Partido e exercendo atividade política renovadora. Mas eles pouco entendiam nosso ponto de vista, se é que, entendendo-o, preferissem fingir o contrário. A ideia de uma associação de escritores livres, sem direção sectária, parece inconcebível para eles, que, em vez de convivência pacífica, preferem assumir o domínio pleno da agremiação.⁶²⁰

Obstinados em colocar a ABDE sob o domínio do PCB, os comunistas acabaram por desferir o golpe fatal sobre a já dividida e fragilizada associação por ocasião da eleição da nova diretoria em março de 1949. Consoante as lembranças de Jorge Amado, a direção do “pecê” estava decidida a lograr o comando da ABDE, ainda que tal medida acarretasse a divisão dos escritores brasileiros. O romancista paraense Dalcídio Jurandir discordou do ponto de vista do Partido, mas teve o voto vencido na Comissão de Cultura presidida por Astrojildo Pereira e pagou caro pela ousadia: “Exatamente porque discordara, foi-lhe dada – era a regra partidária – a tarefa de fazer cumprir a decisão tomada pela maioria da Comissão [...] Assim, lá se foi Dalcídio para o sacrifício”.⁶²¹ Jurandir assumiu o comando dos comunistas, unidos em chapa liderada pelo jurista Homero Pires contra outra, encabeçada por Afonso Arinos de Melo Franco e da qual fazia parte Carlos Drummond de Andrade. De acordo com Dênis de Moraes, “o duelo ideológico confinou os dois lados em posições marcadas pela intransigência, pelo passionalismo e pelas vaidades”.⁶²² Mesmo vitoriosa, a chapa de Afonso Arinos renunciou em bloco e abandonou a entidade, após intensa troca de insultos e agressões físicas com os comunistas, que, comandados por Dalcídio Jurandir, procuraram impedir a posse da nova diretoria: “Tudo culminou quando Dalcídio – e esta foi a

⁶¹⁹ A Missão da Inteligência. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIX, n.447, 22 de novembro de 1947, p.38-39, 72 e 76

⁶²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985. Versão digital: <http://pt.scribd.com/doc/29010615/Carlos-Drummond-de-Andrade-O-Observador-no-Escritorio>, p.88. Acesso em: 16/11/2011

⁶²¹ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p.326

⁶²² MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.141

imagem que dele restou –, no cumprimento da **tarefa** recebida, arrancou, a muque, das mãos do poeta Carlos Drummond de Andrade, o livro de atas da reunião”.⁶²³ Afonso Arinos e Drummond foram acompanhados por praticamente todos os associados não-comunistas, e o PCB, embora conquistando o controle da ABDE, no fim das contas, como na apropriada análise de Cavalcante,

alcançou uma vitória de Pirro, pois tinha nas mãos uma entidade esvaziada, reduzida à expressão de uma tendência, minoritária entre seus antigos integrantes. Reverteu ainda de forma extremamente negativa para o partido, pois seu desenlace realimentou o debate político da época, que alijava os comunistas do campo democrático, pela violência de sua ação e pela impossibilidade de realizarem uma prática política que incluísse a negação e o diálogo.⁶²⁴

O controle da Associação custou caro para o PCB e para seus militantes escritores. O desempenho dos comunistas nas eleições da ABDE de 1949 forneceu subsídios para que fossem lançados novamente no rol dos infames por seus adversários. Segundo Jorge Amado, o “pobre” Dalcídio Jurandir, “doce e terna criatura”, ficou marcado por décadas como o “vilão principal, o vil bandido, o agressor, aquele monstro”. Ainda que o sectarismo fosse estranho à sua natureza, Jurandir era “comunista convicto, sujeito à disciplina do Partido, cumprira a tarefa recebida, fazendo das tripas coração”.⁶²⁵

Os escritores comunistas adentraram a década de 1950 enfrentando os efeitos do isolamento nos campos político e literário e da nova onda de estigmatização. De acordo com Moraes, “com o Manifesto de Agosto de 1950, o PCB radicalizou a sua plataforma, pregando a derrubada do governo Dutra pela via armada. A imprensa partidária imediatamente foi colocada a serviço dessa visão estratégica.”⁶²⁶ Editoras fecharam suas portas. As oportunidades escassearam. Havia chegado o momento do PCB dar a contrapartida.

⁶²³ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p.326. Grifos nossos.

⁶²⁴ CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986. p.178

⁶²⁵ AMADO, Jorge. Op. Cit. p.327

⁶²⁶ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.67

DÍVIDAS DEVIDAS:

A poesia de Lila Ripoll e seu resignado engajamento no PCB

I.

Neste capítulo, propomos a problematização de alguns aspectos da militância comunista entre os homens e as mulheres produtores de literatura no Rio Grande do Sul. Tal reflexão é motivada por questões levantadas ao longo da análise das fontes e da bibliografia acerca da trajetória da poetisa Lila Ripoll, sem dúvida a escritora de maior destaque nos testemunhos sobre o engajamento de intelectuais gaúchos no PCB durante a década de 1950.

A militância de Lila Ripoll iniciou nos anos 1930, e sua ligação com o comunismo manteve-se intacta até sua morte, em 1967, mesmo após a denúncia dos crimes cometidos na era Stalin, em 1956, e a cisão do PCB no começo do decênio de 1960. O papel que desempenhou no Partido e o modo como sua vida e sua carreira literária foram afetadas pela adesão às ideias comunistas fazem-nos reservar esse capítulo e parte do seguinte para Lila.

Na presente etapa da tese, estudaremos as possibilidades de atuação política, literária e profissional das militantes comunistas, partindo do caso de Lila Ripoll. Em um primeiro momento, examinaremos as primeiras publicações da poetisa, sua inserção no universo literário gaúcho e seu processo de consagração. A seguir, avaliaremos a fase inicial de sua trajetória em comparação com as de outras escritoras comunistas e à luz da bibliografia sobre a história das mulheres. Essa etapa auxiliará a perceber as particularidades das adesões e da militância das escritoras no Partido Comunista, bem como as repercussões dessas escolhas em suas vidas e em sua literatura nos anos 1950.

II.

Quando Lila Ripoll publicou seu primeiro livro de poesias, já era conhecida por sua adesão ao comunismo e ocupava destacado cargo no Gabinete da Secretaria de Educação do

Rio Grande do Sul. De acordo com as lembranças de Carlos Reverbel, como vimos ligeiramente no terceiro capítulo, Lila era considerada subversiva de “alta periculosidade” entre os agentes policiais, mas Coelho de Souza “nem ligava”, respeitava a ideologia de seus auxiliares, contanto que estes se mostrassem leais e dedicados.⁶²⁷ A postura do Secretário aproximava-se à dos que Erving Goffman denominou de “informados”: pessoas esclarecidas diante das quais os estigmatizados – no caso, a poetisa de Quaraí – não precisam se envergonhar, nem se autocontrolar, porque sabem que serão considerados pessoas comuns.⁶²⁸

Sendo Lila Ripoll comunista, pode gerar estranhamento o fato de ela ter ocupado um cargo público vinculado ao regime estado-novista. Nossa personagem pode ter pesado as possibilidades e concluído que, diante da inevitabilidade do fechamento autoritário, o Estado Novo era preferível a um eventual regime integralista – posição que o historiador René Gertz percebeu em Erico Verissimo, por exemplo.⁶²⁹ Olhando a situação por outro ângulo, é possível imaginar que, sendo Lila professora e solteira, uma função remunerada no Gabinete da Secretaria de Educação lhe renderia não apenas um bom salário, garantindo-lhe segurança financeira, mas também uma visibilidade positiva e prestígio, recursos importantes para quem pretendia se lançar na carreira literária.

O livro de estreia de Lila, *De mãos postas*, foi editado pela Barcellos & Bertaso (Livraria do Globo) em 1938. A coletânea de poemas ganhou espaço nas seções de livros novos dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*. Além da técnica, da originalidade e do “sentimento humano” da obra, este periódico elogiou a autora, afirmando ser “uma das mais vivas e sutis expressões da poesia feminina do Brasil”. Fora do círculo sulino, *De mãos postas* foi bem recebido pelo crítico literário Múcio Leão, do *Jornal do Brasil*, para o qual Lila havia-se tornado “a grande voz poética da mulher gaúcha”.⁶³⁰

Além de favoravelmente acolhido pela imprensa, o livro de estreia de Lila levou o nome de Ovídio Chaves em sua dedicatória, amigo formado pelo Conservatório de Música de Porto Alegre, com poesias e trovas já publicadas pela conceituada Livraria do Globo.⁶³¹ Lila desejava ingressar num mundo disputado, amplo e dominado pelos homens. Uma dedicatória

⁶²⁷ BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel*. Textos escolhidos. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006. p.722

⁶²⁸ GOFFMAN, Erving. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988. p.37

⁶²⁹ GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora Universidade Passo Fundo, 2005. p.118

⁶³⁰ MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.368

⁶³¹ MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS/IEL, 1978. p.145

para um iniciado poderia favorecê-la por meio da associação de seu nome ao prestígio do experiente poeta, uma estratégia utilizada pelos produtores de literatura brasileiros desde o século XIX, percebida nas publicações de Jorge Bahlis na década de 1920 e que ainda parecia ter, para os novatos, a mesma força consagradora no fim da década seguinte. *De mãos postas* foi dedicado também à memória do primo Waldemar Ripoll, sobre o qual falaremos a seguir.

Na visão de Luciana Balbueno, em sua tese de doutorado sobre a trajetória intelectual de Lila Ripoll, a imagem predominante no livro é a do “ensimesmamento” como forma não só de fuga, mas também de inconformidade com o presente.⁶³² Os versos da neófito expressavam tristes e angustiantes lamentos de alguém que se descrevia insistentemente com uma “alma doente”, sofrida, que previa para si, com certo conformismo e tragicidade, a inevitabilidade de uma existência sem sentido, solitária e desamparada. É o que se percebe na seleção de versos abaixo:

A minha alma é um lago escuro de água doente.⁶³³

Se eu pudesse fugir... (Por que sonhar
impossíveis venturas nesta vida?)
Eu prisioneira sou. Não posso dar
mais sol ao meu destino. Estou perdida

no mistério da vida, sem beleza,
na tortura de ser, na correnteza,
um galho sem vontade, que se vai...⁶³⁴

Sou triste de nascença e sem remédio.
Vim ao mundo no triste mês de agosto: -
O mês fatal das chuvas e do tédio, -
E nasci quando o sol estava posto.

Vim ao mundo chorando... (O meu presságio!)
Um vento mau marcava na vidraça
O pligente [sic] compasso de um *adágio*,
Anunciando, agoirento, uma desgraça...

Sou triste. É irremediável este mal.
E eu não quero curar minha tristeza.
Só ela para mim tem sido leal
Na minha via-sacra de incerteza!

Sou triste de nascença. É mal sem cura.
A vida não desfez meu nascimento.
Sou a menina triste e sem ventura,

⁶³² BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005. p.94

⁶³³ RIPOLL, Lila. Um lago de água doente... In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.18

⁶³⁴ Id. A noite cai... In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.25

Que em agosto nasceu, com chuva e vento!...⁶³⁵

Eu partirei daqui por estes dias.
A viagem que farei, não tem regresso...
No mundo só achei melancolias
E todo o meu esforço foi disperso.⁶³⁶

Nos versos havia a desesperança de alguém incapaz de mudar uma vida que se arrastaria predestinada à tristeza, à infelicidade, à incerteza e ao sofrimento e que desejava fugir dessa sina. No poema “Vim ao mundo em agosto”, especialmente, o historiador Benito Schmidt observou que a poetisa conferiu à sua trajetória uma continuidade, escolhendo a tristeza como o elemento que a acompanhava desde o nascimento.⁶³⁷

Esses lamentos e anseios presentes nos excertos acima podem ser observados, sob diversas formas, em outras passagens de seu primeiro livro⁶³⁸ e em produções posteriores, como em *Céu Vazio*, coletânea de trinta poemas editada pela Livraria do Globo que rendeu à Lila Ripoll o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras (ABL) em junho de 1943. Nessa publicação, a morte, a saudade, a tristeza e outras “enfermidades da alma”, bem como o desejo de fuga, foram intercaladas – e, às vezes, amenizadas – pelo retorno à infância e pelo sonho.⁶³⁹ Mas em *Céu Vazio* havia também crítica social, como no poema “Procissão”, dedicado ao amigo e jornalista Carlos Reverbel:

Lá vai a Procissão a passos lentos.
É a grande procissão de “Corpus Christi”!
Na frente – sérios como os pensamentos –
meninhos de Asilos... – coisa triste! –

Que pecados terão essas crianças,
para um destino assim: calmo e vazio?
Nossa Senhora das desesperanças,
por motivos iguais minha fé fugiu.

Passam meninos ricos, mais atrás.
– Deviam ir na frente! É assim na vida! –
Um estandarte azul, outro lilás,
e a imagem da Senhora Aparecida.

⁶³⁵ RIPOLL, Lila. Vim ao mundo em agosto... In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.18

⁶³⁶ Id. Testamento. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.37

⁶³⁷ SCHMIDT, Benito. Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. v.9, n.2, jul.-dez. 2006. p.20

⁶³⁸ Cf. “No casarão...”, “Eu preciso viajar...”, “Carta a um amigo morto”, “Sempre assim...”, “Pecado” e “Testamento”. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. Respectivamente, p.17, 26, 27-28, 24, 32 e 37

⁶³⁹ Cf. “Fita Verde”, “Não há nada no Céu”. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. Respectivamente, p.49 e p.54

Longas filas de fieis, andores, cantos...
Rezam freiras, crianças e velhinhas.
Muitas moças vestidas como os santos.
Promessas que fizeram... Pobrezinhas!...

Em voz alta elas rezam: “Padre Nosso,
Santa Maria, Virgem Mãe de Deus!”
Quero mover meus lábios, mas não posso:
– Os pecados que tenho não são meus!

E surgem pensamentos diferentes,
Perturbando o desejo de coração:
por que será que os pobres, e os doentes,
e os mendigos não vêm à procissão?

Vão todos bem vestidos, satisfeitos.
Não vejo aleijadinhos que têm fome,
homens tristes com sono: não há leitos –
velhos cegos sem nada: até sem nome!

Que estranha procissão fariam eles,
reunidos pela rua a caminhar...
Que estranhas orações diriam eles,
se ainda tivessem voz para rezar!

Mas nenhum aparece. Ainda é dia.
A miséria se esconde quando há festa,
para não perturbar tanta alegria...

E eu olho a procissão com desencanto,
enquanto o sol retira a sua luz.
Com pena de Jesus que sofreu tanto,
e tão inutilmente, numa Cruz!...⁶⁴⁰

Nesse poema, Lila Ripoll, com uma pitada de ironia, teceu críticas à injustiça social e à Igreja Católica a partir da observação do cortejo religioso. Maria Cristina Müller da Silva, em seu estudo sobre as representações do sagrado na poesia de Lila, oferece-nos uma análise muito apropriada acerca da desilusão da poetisa frente à religião. Inicialmente, a escritora quariense manifestou sua incompreensão acerca de quais pecados teriam as crianças de asilo, descritas à frente da procissão, e – incrédula – clamou por uma Nossa Senhora das desesperanças, dessacralizando a entidade religiosa.⁶⁴¹ Numa segunda etapa, Ripoll criticou a sociedade em que vivia e na qual os privilégios eram sempre oferecidos aos mais ricos. Ela viu um descompasso entre essa realidade e a disposição das crianças pobres (na frente) e

⁶⁴⁰ RIPOLL, Lila. Procissão. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.60-61

⁶⁴¹ SILVA, Maria Cristina Müller da. *Representações do sagrado na poesia de Lila Ripoll*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, Caxias do Sul, 2009. p.58-59

abastadas (mais atrás) na marcha católica, questionando por que os ricos não iam à frente, se de fato, eles sempre eram os primeiros. Em seguida, Lila ironizou – e manifestou um certo desprezo pela – crença dos fieis, parecendo duvidar que suas promessas seriam atendidas. Nas estrofes que seguem, a poetisa foi invadida por outra constatação: a ausência dos pobres, doentes, deficientes, enfim, dos marginalizados na procissão. Contrariando o que se poderia esperar de um evento religioso, aqueles que realmente careciam de oração, de um milagre, não participavam do préstito. Ripoll imaginou que, se ali estivessem, fariam um evento diferente, pois rogariam pelo que a maioria dos presentes no cortejo não precisava pedir: dignidade, talvez. Mas, essa era uma realidade que não agradava à elite satisfeita e bem vestida e deveria permanecer convenientemente encoberta. Por tudo isso, a escritora concluiu, com pesar, que Jesus havia sofrido e morrido em vão, pois o mundo continuava injusto.

Outras críticas sociais de Lila eram sutis. Alice Moreira, em texto biográfico que integra o livro que reúne a obra da poetisa, relata que, em 1940, auge do Estado Novo, a escritora doou à biblioteca do Clube Comercial de Quaraí dois livros – *Árvore Morta* e *Gilanita* – ambos do poeta santa-mariense Odacir Beltrão, “conhecido por combater os privilégios das classes ligadas ao poder político”. Em cada um dos livros, Lila escreveu uma dedicatória justamente nas páginas em que o autor lançava forte crítica à repressão da liberdade de pensamento.⁶⁴²

Uma prévia de *Céu Vazio* foi divulgada na *Revista do Globo*. O poema “Procissão” saiu na edição de 22 de fevereiro, e “Ciranda” – dedicado a Luiz Cacciatore, colega de Lila na Secretaria de Educação – na edição de 31 de maio de 1941. O lançamento da coletânea foi acompanhado de reportagens e de comentários elogiosos à obra e à autora no *Diário de Notícias* e no quinzenário da Livraria Globo (como vimos, naquela época, sob o comando de Justino Martins). Em edição de 28 de junho de 1941, o *Diário de Notícias* publicou artigo salientando o valor e o poder de comunicação dos versos de Lila, como “algo de sorrateiramente contagioso que se agarra à alma da gente e fica ressoando lá dentro como se ali estivesse enraizado e crescendo”.⁶⁴³ Já a *Revista do Globo* reservou espaço na seção de Escritores e Livros, normalmente constituída de notas mais ou menos curtas acerca de novidades e/ou polêmicas literárias:

⁶⁴² MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.368-369

⁶⁴³ Id. Ibid. p.369

Sua poesia é sincera e sorrateiramente contagiosa, invadindo-nos a alma com a bondade que irradia e impregnando-se em nós como se fizesse parte do nosso próprio ser. Em seu primeiro livro – “De Mãos Postas”, já a esplêndida poetisa rio-grandense manifesta esta personalidade delicada e suave que agora nos oferece, com mais firmeza ainda, nas estrofes de “Céu Vazio”, muitas das quais nos ficam no ouvido como um episódio de nossa vida representada [sic] em música.⁶⁴⁴

Na mesma edição, o jornalista cruz-altense publicou reportagem sobre o lançamento da camarada, definida por ele como a “poetisa da humildade”:

A maneira simples a naturalíssima com que os seus versos nos encantam fazem pensar que eles também nasceram e criaram forma com essa mesma simplicidade e naturalidade. E há ainda a dizer: observa-se, sobretudo, na sua poesia, uma grande humildade, humildade que parece definir o seu temperamento.⁶⁴⁵

Para Justino, Lila, Mario Quintana e Athos Damasceno Ferreira formavam “uma admirável trindade” de grande contribuição do Rio Grande do Sul para a poesia moderna brasileira.⁶⁴⁶ Uma tal afirmação colocava a jovem escritora não só à altura de poetas consagrados, mas reservava para ela um lugar no masculinizado mundo da literatura.

Cyro Martins reforçou o coro de encômios dirigidos ao novo livro da amiga em crítica publicada na edição seguinte da mesma revista. Em sua apreciação, o romancista destacou a profundidade do veio poético da escritora, caracterizada por ele como de “uma tristeza séria”, sem artifícios, fruto de uma “inquietação temperamental” e de uma “solidão ancestral”.⁶⁴⁷

O sucesso do novo livro da comunista quaraiense mereceu homenagens dignas de grandes nomes da literatura, como um *cocktail* promovido na Confeitaria Jan e um “almoço íntimo” realizado na Taberna do Max, ambos oferecidos “à consagrada poetisa rio-grandense”. De acordo com reportagem da *Revista do Globo*, os eventos de congratulações à Lila Ripoll reuniram figuras de destaque da imprensa e da literatura e funcionários da Secretaria de Educação, tendo a homenageada, na primeira ocasião, sido acompanhada à mesa por Manoelito de Ornellas e Erico Verissimo.⁶⁴⁸ Conforme exploramos no terceiro capítulo, comemorações dessa natureza faziam parte do circuito de instituição literária, formando, junto às críticas publicadas na imprensa, no caso de Lila, o itinerário de reconhecimento

⁶⁴⁴ Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.299, 12/07/1941, p.12-13

⁶⁴⁵ Lila Ripoll – Poetisa da Humildade. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.299, 12/07/1941, p.24

⁶⁴⁶ Lila Ripoll – Poetisa da Humildade. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.299, 12/07/1941, p.24

⁶⁴⁷ Céu Vazio. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.300, 26/07/1941, p.16

⁶⁴⁸ Homenagem a Lila Ripoll. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.300, 26/07/1941, p.34

público da excelência literária de sua obra, cuja glória chegou com o Prêmio Ovalo Bilac, concedido pela Academia Brasileira de Letras em 1943.⁶⁴⁹

Segundo Moreira, “tão importante acontecimento literário mereceu cobertura especial da imprensa gaúcha” e suscitou nova onda de homenagens. *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* publicaram louvores e cumprimentos à autora pela distinção recebida, e, no dia 24 de agosto daquele ano, a Associação Rio-Grandense de Imprensa prestou-lhe homenagem com adesão de intelectuais, amigos e admiradores, como Nogueira Leiria (representando o *Correio do Povo*), Saí Marques (pelo *Diário de Notícias*), Justino Martins (diretor da *Revista do Globo*) e extensa relação de literatos sul-rio-grandenses.⁶⁵⁰ Unindo-se às manifestações de admiração à laureada escritora, a *Revista do Globo* noticiou a premiação nos seguintes termos: “Trata-se de uma honraria que não distingue apenas a consagrada poetisa gaúcha, mas sim **a toda a cultura rio-grandense**, que tem em Lila Ripoll um dos seus mais belos expoentes.”⁶⁵¹ E Justino Martins seguiu colocando a companheira no nível dos mais representativos poetas do estado. Na mesma edição, publicou reportagem sobre a simplicidade e a agradabilidade que caracterizavam Lila Ripoll, Mário Quintana, João Fahrion e Athos Damasceno Ferreira.⁶⁵² Podemos pensar que Justino Martins não fazia mais que dar notoriedade a escritores editados por seu patrão. No entanto, tendo em mente esse objetivo ou não, o jornalista contribuiu para que a poetisa de Quaraí deixasse de ser “a grande voz poética da mulher gaúcha” e passasse a ser reconhecida como legítima representante da literatura sul-rio-grandense.

O trabalho que Lila Ripoll vinha desenvolvendo, porém, não despertava admiração unânime. Membros da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul não reconheciam excepcionalidade nos versos da quaraiense. Em mesa redonda promovida por dois repórteres da *Revista do Globo* em julho de 1943, Lídia Moschetti, presidente da entidade, afirmou que Lila representava “coisa muito fraca, fraquíssima”. Em reportagem sobre a festiva reunião, os representantes do quinzenário, mal disfarçando um certo embaraço por desconhecerem em

⁶⁴⁹ Nos dois anos que decorreram do lançamento de *Céu Vazio* até a premiação pela ABL, a produção poética de Lila Ripoll seguiu recebendo aplausos pela imprensa local e nacional. Cf. Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.301, 09/08/1941, p.4; A Poesia de Lila Ripoll. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.316, 28/03/1942, p.10-11. A *Revista do Globo*, talvez motivada pelo êxito alcançado pela escritora, antecipou-se e publicou em 1942 dois poemas editados no volume *Por Quê?* em 1947 pela editora carioca Livraria José Olympio. Cf. De Lila Ripoll. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.317, 18/04/1942, p.41

⁶⁵⁰ MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.369

⁶⁵¹ Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.344, 24/07/1943, p.16-17. Grifos nossos.

⁶⁵² Eles não são deste mundo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.344, 24/07/1943, p.36-37 e 51-53

absoluto as acadêmicas, relataram o quanto elas se sentiam prejudicadas pela grande imprensa, que não reconhecia seus talentos e não admitia que, muitas vezes, escreviam melhor que os homens.⁶⁵³

Justino Martins havia preparado matéria sobre as integrantes da Academia Feminina de Letras no ano anterior. Na ocasião, segundo o artigo publicado em agosto de 1943, fora recebido pelas escritoras na residência de Lídia Moschetti para um jantar, no decorrer do qual ouviu as senhoras reclamarem de suas dificuldades, protestarem contra o pouco espaço para publicar e as constantes recusas de editoras e de jornais da capital. A anfitriã lançou fortes críticas à *Revista do Globo*, que, de acordo com ela, havia se transformado numa revista popular, tornado-se demasiadamente “interesseira” e movida por elogios mútuos entre os mesmos de sempre:

Depois, existem as *panelinhas literárias*. A da Globo é a pior de todas. Uma rasgação de seda cretiníssima. **Uns elogiam os outros. E todos se fecham para os demais.** Reynaldo Moura é um escritor monótono. Mário Quintana é um poeta mais ou menos. Darcy Azambuja, sim, é um escritor de mão cheia. Mas esse Athos Damasceno Ferreira é uma negação. Todos fechados... Todos se elogiando!⁶⁵⁴

A fala de Lídia Moschetti, na forma como foi reproduzida por Justino Martins, chama atenção para o caráter opressor que o domínio do grupo da Globo poderia infligir sobre aqueles que produziam textos literários não condizentes com os critérios de classificação e legitimação impostos pela Livraria e Editora Globo. Como observamos nos capítulos anteriores, tais critérios eram criados e apresentados como legítimos a partir de demandas artísticas e literárias, bem como políticas e econômicas, consolidando um determinado padrão estilístico e fechando o mercado em torno daqueles que compunham o círculo dos “amigos da Globo”, formado predominantemente por homens. Tal fechamento – no interior do qual os elogios recíprocos funcionavam como elos de uma cadeia consagradora – teria sido sentido pela mencionada escritora.

Os repórteres do quinzenário cultural, após escutarem as queixas e as críticas das acadêmicas sobre a imprensa porto-alegrense, a Editora Globo e a qualidade das obras de muitos dos famosos escritores do Estado – entre eles, a poetisa de Quaraí – isentaram-se de discutir a delicada questão. Comprometeram-se, apenas, em lançar uma interrogação à Lila Ripoll: “Que fizera ela, para conseguir as boas graças da intransigente imprensa dos

⁶⁵³ Mesa Redonda com as Imortais. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.367, 22/07/1944, p.28-30 e 60

⁶⁵⁴ Um Jantar com as Imortais. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.345, 14/08/1943, p.42-43 e 58-59. Grifos nossos.

homens?”.⁶⁵⁵ A resposta, se obtida, nunca foi publicada, e a pergunta sobre o singular caso de Lila permaneceu em aberto.

Favorecidos pelo olhar *a posteriori*, podemos sugerir uma explicação. Um primeiro fator que podemos levar em consideração: Lila Ripoll era comunista, como Justino Martins, que, conforme vimos anteriormente, abriu espaço na *Revista do Globo* para muitas camaradas dos meios artístico e literário. Além do diretor do conceituado e conceituador impresso, Lila havia sido apresentada por Waldemar a vários frequentadores da Livraria Globo, construindo um rico capital de relações sociais. E ela parecia saber da importância de cultivar boas relações com amigos e conhecidos de projeção pública. Um exemplo foi a posição que assumiu publicamente durante a polêmica apreensão do romance *Fronteira Agreste*: a escritora recusou-se a explicitar sua opinião por ser amiga das duas partes envolvidas, Ângelo Guido e Ivan Pedro de Martins.⁶⁵⁶ Dos intelectuais que conheceu através de seu primo, a poetisa tornou-se amiga pessoal de Cyro Martins, um grande incentivador de seus escritos. Segundo Justino Martins, Cyro foi o “culpado” pela premiação de *Céu Vazio*, pois, restando dez dias para terminar o prazo para inscrição, o romancista “obrigou” a amiga a procedê-la, empacotou os exemplares e os enviou ao Rio de Janeiro. O jornalista cruz-altense ressaltou que Lila vivia “dentro da sua humildade, aos empurrões dos amigos”, que lhe furtavam os versos e os encaminhavam para um editor (a Globo).⁶⁵⁷

Para além da qualidade do que escrevia, Lila Ripoll pode contar com o incentivo e a influência dos amigos junto aos empreendimentos da Globo para ter sua poesia publicada. Fechada em sua “humildade”, talvez a escritora fosse, também, consciente do quão difícil era entrar para o grupo dos consagrados, dificuldade tanto maior por ser ela mulher buscando um lugar num mundo dominado por homens.

Em 1947, a escritora comunista publicou *Por quê?* pela Editora José Olympio, do Rio de Janeiro. No intervalo entre *Céu Vazio* e esse lançamento, a vida de Lila Ripoll foi sacudida por vários acontecimentos. Ela recebeu a premiação da ABL em 1943, perdeu de forma traumática o pupilo Nilson Bertoline e casou-se com o engenheiro Alfredo Luís Guedes no

⁶⁵⁵ Mesa Redonda com as Imortais. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.367, 22/07/1944, p.28-30 e 60

⁶⁵⁶ *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20/01/1944, contracapa. Apud. SCHMIDT, Benito. Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. v.9, n.2, jul.-dez. 2006. p.20

⁶⁵⁷ Eles não são deste mundo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.344, 24/07/1943, p.36-37 e 51-53

ano seguinte, conquistou com o PCB o direito de militar legalmente a partir de 1945 e viu esse direito ser cassado dois anos depois.⁶⁵⁸

Consoante Alice Moreira, essa publicação não recebeu da imprensa maiores atenções.⁶⁵⁹ Três poemas da coletânea *Por quê?* foram enviados para publicação na *Província de São Pedro* antes do volume ganhar as lojas.⁶⁶⁰ Já a *Revista do Globo*, em nota dedicada a fornecer notícias sobre “literatura feminina” da edição de 22 de novembro de 1947, anunciou o lançamento do novo livro de poemas da poetisa quaraíense ainda para aquele ano.⁶⁶¹

Naquele momento, o quinzenário não estava mais sob os cuidados de Justino Martins, e sim nas mãos de Henrique Bertaso, que, conforme mencionado no capítulo anterior, transformou a linha editorial do periódico. O empresário fez dele um meio de divulgação da produção da editora da família, construindo *Província de São Pedro* como o novo espaço de legitimação literária no estado. Ademais, Bertaso não deixou de incutir no impresso sua ponderada posição frente ao contexto político brasileiro e ao nascente conflito geopolítico internacional, a Guerra Fria. Já nos primeiros números sob sua direção, a *Revista do Globo* apoiou o cancelamento do registro do PCB, elogiou a política externa norte-americana e reduziu o número de reportagens sobre temas populares. O comunismo, de um modo geral, e a União Soviética, em particular, que vinham recebendo páginas de exaltação na direção de Justino Martins, ganharam contornos cada vez menos positivos nas mãos de Henrique Bertaso. Diante da crise que se anunciava no mercado editorial, provavelmente o novo diretor da *Revista do Globo* acreditasse ser mais apropriado não se indispor com o governo Dutra. É possível também que ele considerasse inconveniente vincular a imagem de suas empresas à Lila Ripoll, conhecida militante comunista com atuação política ilegal a partir de maio de 1947.

⁶⁵⁸ O jovem Nilson Bertoline frequentava a casa de Lila, de quem recebia orientações literárias. Bertoline chegou a publicar seus poemas na *Revista do Globo*, sendo bastante elogiado pela madrinha, em cuja residência suicidou-se em julho de 1944. Cf. MARÇAL, João Batista. *Quaraí*. Terra de intelectuais e guerreiros. (Personagens ilustres da minha cidade). Porto Alegre: 1995. p.35; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS/IEL, 1978. p.83; MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.370; Nilson Bertoline. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.355, 22/01/1944, p.12-13. Para essas e outras informações, cf. BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005. p.102

⁶⁵⁹ MOREIRA, Alice Campos. Op. Cit. p.371

⁶⁶⁰ Os poemas foram “Naufrágio”, “Rondó” e “Cançãozinha sem sentido”. Cf. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v.2, n.4, mar. 1946; v.3, n.10, dez. 1947.

⁶⁶¹ Escritoras. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIX, n.447, 22/11/1947, p.20-21

De acordo com a análise de Luciana Balbuena, *Por quê?* é um livro de indagação, inquietação, de pensamento insatisfeito da autora, que quer reinventar as relações entre o eu e o mundo. As verdades da infância aparecem embaladas pelo ceticismo de adulto que se defronta com a irreversibilidade do tempo.⁶⁶² Alguns elementos permanecem em seus versos, como a morte, a sombra, a tristeza, a falta de esperança, acompanhados de certa amargura, de uma visão da vida como um fardo e algo sem sentido. A autora apresenta-se enfraquecida e vulnerável em constantes alusões ao vento.

Continuo
sempre errante.
Não me prendem
alegrias.⁶⁶³

Nem esperanças já tenho.
E esperanças para quê?
Se é tudo tão transitório,
de que valem esperanças?
pra que servem? pra quê?
[...]
Transitória passageira
desta vida transitória,
também me deixo levar.
Rumo incerto.
Mar de escolhos.
Que importa o vento? Que importa,
se num dia transitório,
no frio de um mundo sem termo,
para sempre afundarei?...⁶⁶⁴

Curta vida,
tão cumprida
para os tristes!⁶⁶⁵

Possivelmente fragilizada pelo suicídio de Bertoline, Lila Ripoll colocou-se, de forma pessimista, como alguém impotente diante do imprevisível, do incontrolável, incapaz de reverter a própria sorte. Mesmo o amor – contido e desapegado – não seria suficiente para mudar esse quadro, como em “Quatro poemas de amor”:

Eu te amo. Tu não sabes.

⁶⁶² BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005. p.105-106

⁶⁶³ RIPOLL, Lila. Procedência. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.102

⁶⁶⁴ Id. ...E esperanças para quê?... In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.109

⁶⁶⁵ Id. Momento. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.111

Mas isto não traz mudanças.
Meu amor não tem agrados,
nem precisa de esperanças.

– Vive sozinho no mundo.⁶⁶⁶

Lila dedicou *Por quê?* para a mãe e o esposo. De acordo com Maria da Glória Bordini, Alfredo Guedes, muito moço e rebelde, fora estudar Engenharia Hidráulica nos Estados Unidos, ficando lá desde 1918, onde enfrentou dificuldades econômicas durante a Grande Depressão. De volta a Porto Alegre a partir de 1940, ele aceitou convite de Miguel Tostes para trabalhar na Secretaria do Interior. Casou-se com Lila em 1944, apoiando-a em sua militância política e a acompanhando em comícios e passeatas.⁶⁶⁷ Alfredo faleceu repentinamente, de derrame cerebral, apenas cinco anos após o casamento. Segundo Moreira, muito deprimida, a viúva tentou superar a tristeza e a solidão dedicando-se com afinco ao trabalho do Partido.⁶⁶⁸

III.

Waldemar Ripoll, primo de Lila, nascera em 1906 e, aos cinco anos de idade, já havia perdido os pais, Raymundo e Anartecia, vítimas da gripe espanhola, sendo criado com “mimos de filho único” pelos tios Florentino e Dora – pais de Lila.⁶⁶⁹ Transferida a família para a capital gaúcha, o então rapaz matriculou-se no Colégio Militar em 1925, onde se interessou pelo jornalismo. Na segunda metade dos anos 1920, Waldemar ingressou na Faculdade de Direito e passou a atuar politicamente através do Diretório Acadêmico dessa unidade, do Centro de Estudantes Libertadores (entidade ligada ao Partido Libertador) e da Federação Acadêmica do Rio Grande do Sul. Radical, Waldemar participou da Revolução de 1930 e, dois anos depois, como tantos outros decepcionados com o caminho tomado pelo governo Vargas, fez parte da Revolução Constitucionalista, sendo preso e exilado em Portugal. Retornou um ano depois, fixando-se no Uruguai. Pelo caminho, ligou-se à Aliança

⁶⁶⁶ RIPOLL, Lila. Quatro poemas de amor. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.133

⁶⁶⁷ BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1987. p.33

⁶⁶⁸ MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.372

⁶⁶⁹ RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e Castigo*. Conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938). Passo Fundo: UPF, 2001. p.30

Popular Revolucionária Americana – a APRA⁶⁷⁰ – organização peruana de caráter marxista e anti-imperialista. Em Rivera, Waldemar defendeu a luta armada e a necessidade de uma revolução social, desentendendo-se com Raul Pilla e demais correligionários libertadores. Àquelas alturas, o primo de Lila acumulava diversos inimigos políticos. Foi assassinado a machadadas na madrugada de 31 de janeiro de 1934.⁶⁷¹ O bárbaro crime político – cujo mandante descobriu-se ser Camilo Alves, ligado a Flores da Cunha – abalou a sociedade gaúcha. A notícia caiu como uma bomba sobre Florentino, Dora e Lila Ripoll, que, segundo Cyro Martins, viviam exclusivamente para as vicissitudes de Waldemar.⁶⁷²

Alguns estudiosos registram o assassinato de seu primo-irmão – ou comentam que o fato tem sido apontado – como o acontecimento que marcou o começo da militância política de Lila Ripoll.⁶⁷³ É possível que a revolta e o inconformismo com a violenta morte tenham levado Lila ao comunismo como uma forma de dar continuidade ao que ele havia começado ou de se sentir próxima a ele através do engajamento político. Benito Schmidt, ao comparar as narrativas elaboradas a respeito de Gilda Marinho e de Lila Ripoll, observou que o ingresso de ambas no PCB foi apresentado menos como resultado de tomada de posição política consciente, e mais como fruto de inclinações emocionais e afetivas.⁶⁷⁴ Para esse historiador, talvez isso possa ser creditado aos códigos de gênero dominantes em nossa sociedade, principalmente nas décadas de 1940 e 1950, que aproximavam as mulheres do campo dos sentimentos e as alijavam do âmbito da razão, considerado próprio dos homens.⁶⁷⁵ A análise da trajetória de Lila e de suas companheiras escritoras à luz da bibliografia sobre a história das mulheres fornece-nos subsídios para corroborar a hipótese levantada por Schmidt.

⁶⁷⁰ MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004. p.44

⁶⁷¹ Uma versão romanceada do trágico destino de Waldemar Ripoll encontra-se em livro de seu amigo Cyro Martins. Cf. MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985. Carlos Roberto da Rosa Rangel faz uma análise dos conflitos entre os diferentes setores da elite política gaúcha a partir do assassinato de Waldemar em RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e Castigo*. Conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938). Passo Fundo: UPF, 2001.

⁶⁷² MARTINS, Cyro. Op. Cit. p.171

⁶⁷³ BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005. p.55; MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.367; SCHMIDT, Benito. Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. v.9, n.2, jul.-dez. 2006. p.19

⁶⁷⁴ SCHMIDT, Benito. Op. Cit. p.24

⁶⁷⁵ Id. Ibid. Loc. Cit.

Lila Ripoll, como Cyro Martins e Dyonélio Machado, era natural de Quaraí, onde viveu sua infância e adolescência.⁶⁷⁶ Nasceu em 12 de agosto de 1905, recebendo dos pais uma educação voltada para a música, em especial o piano, formação que concluiu no Conservatório de Música de Porto Alegre (atual Instituto de Artes da UFRGS). Na capital do estado, Lila completou sua educação diplomando-se professora na Escola Complementar. Outras mulheres ligadas ao PCB gaúcho e ao mundo da literatura apresentaram trajetórias semelhantes: a quaraíense Adalgiza Martins Machado; a carioca Beatriz Bandeira; a porto-alegrense Esther Scliar; e a pelotense Gilda Marinho. Todas foram direcionadas para a formação musical e quase todas para o magistério.

No que diz respeito às primeiras letras, de um modo geral, elas receberam uma educação comum à maioria das chamadas “moças de família”. Adalgiza, Beatriz, Esther, Gilda e Lila tiveram muito cedo as aulas iniciais de piano, uma prática que, desde o período colonial, reservava às mulheres de elite uma educação moral, integrando religião, piano e muito pouco de português e matemática.⁶⁷⁷ No entanto, a juventude dessas militantes inseriu-

⁶⁷⁶ A reconstrução e a análise da trajetória da poetisa quaraíense estão apoiadas em BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A produção de Lila Ripoll na revista “Horizonte”*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2001; Id. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005; BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1987. 36 p. (Coleção Letras Rio-Grandenses, 9); BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1990. 84 p.; FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito...: a classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: Educ; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 459 p.; ILHA, Flávio. Uma paixão urgente pela poesia. *Aplauso – Cultura em revista*. Disponível em http://www.apluso.com.br/site/portal/anteriores.asp?campo=388&secao_id=44. Acesso em: 7 jul. 2010; KONRAD, Gláucia V. R. *A Política Cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Imposição e Resistência. 1994. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. 332p.; MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos*. A Vida de 31 Militantes da Classe Operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986, p.13-15; Id. *Quaraí*. Terra de intelectuais e guerreiros. (Personagens ilustres da minha cidade). Porto Alegre: 1995; Id. *A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004; MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008; SILVA, Maria Cristina Müller da. *Representações do sagrado na poesia de Lila Ripoll*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, Caxias do Sul, 2009; VILLAS-BOAS, Pedro Leite. *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda., 1991. 284p.

⁶⁷⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas*. Uma escola de mulheres. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1987. p.14. Os conhecimentos de piano tiveram importâncias distintas para essas comunistas. Adalgiza Machado, por exemplo, começou a ensinar piano aos 15 anos de idade, com cujo dinheiro custeava as aulas com um professor particular para dar seguimento aos estudos do ginásio. A primeira atividade profissional desenvolvida por Gilda Marinho também foram aulas de piano. Mas, após iniciar as carreiras de jornalista e tradutora, não mais voltou a ensinar. Já Esther Scliar fez do conhecimento desse instrumento sua vida. Ela teve suas primeiras aulas aos oito anos de idade, formou-se em Música, lecionou e compôs até a morte (em 1978). Após o ensino secundário, ela e outras de suas pares especializaram-se em conservatórios e instituições do gênero. Lila, por sua vez, aprendeu piano ainda pequena, em Quaraí. Em Porto Alegre, organizou e lecionou em escolas estaduais e em entidades de classe, corais e grupos de canto, paralelamente às atividades partidárias e à produção literária.

se num contexto de transformação na sociedade brasileira e gaúcha, que repercutiu na prática educativa. Guacira Louro salienta que o destino das mulheres nas primeiras décadas do século XX continuava sendo a maternidade e o lar. Porém, começava-se a admitir cada vez mais a atividade profissional fora do ambiente doméstico, ganhando realce o magistério, considerado mais adequado à “natureza” ou “vocação” femininas – como uma extensão da maternidade.⁶⁷⁸

Na virada do século, explica Guacira Louro, o destino das mulheres era o domínio da casa, e para ele “as moças deveriam estar plenamente preparadas”.⁶⁷⁹ A educação delas não se justificava por seus anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadoras dos filhos, “pilar de sustentação do lar”, as educadoras das gerações do futuro.⁶⁸⁰ Assim, “o casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a *verdadeira carreira feminina*”, tudo o que levasse a mulher a se afastar desse caminho era visto como um desvio da norma.⁶⁸¹ De acordo com Margareth Rago, o papel da maternidade recebia reforço do discurso masculino, que afirmava que ser mãe era a principal função da mulher diante de um mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, tida como essencialmente masculina, e a esfera privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos.⁶⁸² Seguindo essa perspectiva, salienta Louro, elas deveriam ser mais educadas que instr das. O ensino de leitura e as primeiras noções de matemática, bem como o ensino de francês e de piano, eram ministrados em suas casas por professores particulares ou em escolas religiosas⁶⁸³, tal como nos casos de Lila, Adalgiza, Beatriz, Esther e Gilda.

Houve também forte influência do positivismo em algumas trajetórias das militantes comunistas em questão. Beatriz Bandeira, por exemplo, foi educada no Rio de Janeiro dentro dos padrões positivistas, e tanto seu pai quanto seu avô materno haviam participado de campanhas, escrito artigos e feito parte da Igreja Positivista no Brasil.⁶⁸⁴ No Rio Grande do Sul, segundo Joana Pedro, o positivismo não afirmava a inferioridade intelectual das

⁶⁷⁸ LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas*. Uma escola de mulheres. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1987. p. 15 e 29.

⁶⁷⁹ Id. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10^a Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.446

⁶⁸⁰ Id. Ibid. p.446-447

⁶⁸¹ Id. Ibid. p.454

⁶⁸² RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10^a Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.591

⁶⁸³ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10^a Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.446

⁶⁸⁴ BANDEIRA, Beatriz. *Profissão de F *. Porto Alegre: EST, c1982.

mulheres, mas que sua inteligência era complementar a dos homens.⁶⁸⁵ Os homens tinham atribuições naturais para o comando – como a coragem, a prudência e a firmeza –, e o dever das mulheres era formar esses chefes de estado. No ideário positivista, confinada no espaço privado, a mulher ideal era “filha obediente, esposa dedicada, mãe exemplar e, quando pobre, trabalhadora virtuosa”.⁶⁸⁶ Guacira Louro ressalta que a polêmica e a discussão eram apontadas como aspectos alheios à “natureza feminina”.⁶⁸⁷ Os positivistas viam os papéis do homem e da mulher bem definidos: a ele cabia o trabalho e o sustento financeiro da casa; a ela, o respeito ao pai e ao marido, o cuidado da educação dos filhos e do lar.⁶⁸⁸ No processo de formação, buscava-se, portanto, reproduzir e reafirmar um binômio, caracterizado pela autoridade masculina em contraposição à obediência feminina. Podemos presumir o quanto nossas personagens – ao avançarem em suas vidas públicas, produzindo literatura, fazendo jornalismo e militando numa organização por tantos anos proscrita – foram submetidas a severos julgamentos morais. Na segunda metade da década de 1950, com aproximadamente vinte anos de atuação na literatura e na política, Lila Ripoll constatou que continuava sendo difícil produzir poesia na condição de mulher:

É difícil ser poeta e ser mulher.
É difícil cantar sem revelar.
Pode o poeta contar o seu segredo,
mas a mulher o seu deve guardar.⁶⁸⁹

O excerto compõe o poema “Primavera”, publicado em coletânea no ano de 1957. Nele a poetisa avaliou que a discrição e o recato exigidos das mulheres era um obstáculo para o fazer poético, pois este era um ato por meio do qual o autor desnudava aspectos íntimos e inconfessáveis de sua alma. A elas, distintamente dos homens, não era permitida tamanha exposição.

O magistério, para o qual se encaminharam Adalgiza, Beatriz, Esther, Gilda (por pouco tempo) e Lila, como mencionado anteriormente, reforçava a ideia de uma “vocação feminina” para a maternidade. Consoante Louro, a urbanização e a industrialização ampliaram as oportunidades de trabalho para os homens, que foram, paulatinamente, abandonando as

⁶⁸⁵ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.299

⁶⁸⁶ Id. Ibid. Loc. Cit.

⁶⁸⁷ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.458

⁶⁸⁸ PEDRO, Joana Maria. Op. Cit. p.304

⁶⁸⁹ RIPOLL, Lila. Primavera. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.189

salas de aula, gerando o processo de “feminização” da profissão docente.⁶⁹⁰ Os homens passaram a se dedicar a outras ocupações, legitimando a entrada das mulheres nas escolas. A partir de então, passou-se a associar o exercício do magistério a características tidas como “tipicamente femininas”, como paciência, minúcia, afetividade, doação, cuidado, sensibilidade, amor, vigilância.⁶⁹¹ Nesse processo, foi atribuída aos ofícios abertos às mulheres uma dupla marca, uma do modelo religioso e outra da metáfora materna: dedicação-disponibilidade, humildade-submissão, abnegação-sacrifício. A própria arquitetura das escolas sugeria valores, como ordem, disciplina e vigilância, e o cotidiano da instituição escolar acostumava suas alunas ao planejamento e ao controle.⁶⁹²

No entanto, embora cada vez mais aberto para as mulheres e identificado com disposições consideradas femininas, o magistério não deveria ser exercido a vida toda. Era uma “ocupação transitória”, uma profissão que deveria ser abandonada tão logo a mulher casasse, pois o sustento da família cabia ao homem. Aquelas que ambicionassem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, deveriam ser cercadas de restrições e cuidados, para que a profissionalização não se chocasse com sua feminilidade.⁶⁹³ No caso de Lila Ripoll, Justino Martins, por ocasião da premiação de *Céu Vazio*, em 1943, conscientemente ou não, tomou esses cuidados ao exaltar a delicadeza de Lila e de sua poesia, registrando, indiretamente, não que ela escrevia melhor que os homens escritores, mas que possuía, em sua feminilidade, tanta capacidade quanto eles.⁶⁹⁴

Inicialmente, Adalgiza, esposa de Dyonélio, seguiu a norma. Quando se formou na Escola de Belas Artes – já casada e com dois filhos – não lecionou logo em seguida, pois, segundo relato à Cida Golin, não ficava bem para uma esposa de médico.⁶⁹⁵ No entanto, com a prisão do marido no decorrer dos levantes de 1935, a professora transferiu-se para Quaraí, onde, mesmo enfrentando forte preconceito, garantiu o sustento da família por meio das aulas de piano. De volta a Porto Alegre, em 1938, Dyonélio retomou sua clínica e Adalgiza ingressou no serviço público como professora de Música.⁶⁹⁶ As demais – com exceção de Gilda Marinho, que logo se encaminhou para as áreas da tradução e do jornalismo –

⁶⁹⁰ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.449

⁶⁹¹ Id. Ibid. p.450

⁶⁹² Id. Ibid. p.454-455

⁶⁹³ Id. Ibid. p.453

⁶⁹⁴ Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.344, 24/07/1943, p.16-17; Eles não são deste mundo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XVI, n.344, 24/07/1943, p.36-37 e 51-53

⁶⁹⁵ GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.14

⁶⁹⁶ Id. Ibid. p.15-16

exerceram a profissão docente por muitos anos. Beatriz iniciou a carreira no Rio Grande do Sul⁶⁹⁷, já casada com o jornalista Raul Ryff, chegando à superintendência de educação artística da Secretaria de Educação do estado em 1945.⁶⁹⁸ Lila Ripoll ingressou no magistério primário estadual, lecionando Canto Orfeônico no Grupo Escolar Venezuela, no bairro Glória, em 1930.⁶⁹⁹

Algumas delas exploraram a qualidade de “operárias do saber”⁷⁰⁰ na vida partidária. Adalgiza acompanhou o marido escritor na militância, participando das atividades do Partido na condição de professora, assinando convites dirigidos aos profissionais do magistério junto a Beatriz Bandeira e outras companheiras (como visto no capítulo anterior) e compondo a célula das professoras públicas.⁷⁰¹ Bandeira dedicava-se às questões relativas à arte, publicava poemas engajados na revista *Libertação* e no jornal *Correio do Povo*, organizava horas de arte no Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha e blocos carnavalescos, proferia discursos em comícios e ministrava palestras e conferências (no geral, sobre temas ligados à educação).⁷⁰² Já Lila Ripoll iniciou militância após a morte de Waldemar dirigindo o Departamento Cultural do Sindicato dos Metalúrgicos, junto com Eloy Martins. Ela oferecia aulas de música e de literatura, encenava peças de teatro, além de ter fundado o Coral dos Metalúrgicos.⁷⁰³ Após o cancelamento do registro do PCB, em 1947, nossas personagens passaram a militar na clandestinidade, envolvendo-se com a edição da revista *Horizonte* e na campanha pela Paz por meio das frentes feminina e intelectual.

Lila Ripoll não despertou para a política por causa da morte do primo. O ambiente familiar em que crescera não a deixou alienada politicamente. Seu tio Raymundo Ripoll, pai de Waldemar, fora um dos fundadores do Clube União Caixeiral no fim do século XIX, uma das várias entidades que surgiram no Rio Grande do Sul nessa época com o objetivo de

⁶⁹⁷ BANDEIRA, Beatriz. *Profissão de Fé*. Porto Alegre: EST, c1982.

⁶⁹⁸ MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos*. A Vida de 31 Militantes da Classe Operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p.31

⁶⁹⁹ BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.12

⁷⁰⁰ Elas educam os filhos do povo. *Libertação*, Porto Alegre, n.8, 02/06/1945, p.26-28

⁷⁰¹ APERJ. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19b – f. 00337 – Documento datado de 01/10/1945; APERJ. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19b – f. 00343 – Documento datado de 01/10/1945

⁷⁰² Para algumas informações, cf. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10/04/1946, p.3; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13/04/1946, p.3; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18/04/1946, p.3; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/04/1946, p.3; APERJ. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19b – f.00334-00335 – Documento datado de 01/10/1945; APERJ. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19b – f.00338 – Documento datado de 01/10/1945; GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. p.130-131

⁷⁰³ BORDINI, Maria da Glória. Op. Cit. p.13

reivindicar o fechamento do comércio nas tardes de domingos e feriados. Outro, Pedro Ripoll, nascido no Uruguai, havia trabalhado nas charqueadas e se tornado importante líder político na região, presidindo por anos o Diretório do Partido Republicano em Quaraí.⁷⁰⁴ De forma parecida, sua companheira de Partido, Beatriz, como exposto anteriormente, fora educada pelo pai e pelo avô, fortemente engajados no positivismo comteano. A trajetória de ambas assemelhou-se à do escritor e médico psiquiatra Dyonélio Machado, que, conforme vimos no segundo capítulo, explicou sua atuação no PRR – anterior à adesão ao PCB – como uma etapa de transição para o socialismo.⁷⁰⁵

Esther e sua irmã Leonor Scliar, de modo similar, conviveram com militantes comunistas desde o berço. Nascidas em 1926 e 1929, respectivamente, foram viver em Rivera, no Uruguai, no ano de 1930, em virtude da deportação da mãe, Rosa Scliar, por razões políticas. Rosa militava no Partido Comunista. Para Joana da Cunha de Holanda, que estudou as trajetórias de Eunice Katunda e de Esther Scliar, a atuação política de Esther pode ser um indício de afinidades entre filha e mãe, mesmo esta tendo abandonado a família em 1931.⁷⁰⁶ Além da mãe, o tio, Henrique Scliar, conforme visto no primeiro capítulo, fora um dos fundadores do PCB no Rio Grande do Sul e um de seus dirigentes nos anos 1920. Em meados dos anos 1940, Leonor já atuava no Partido Comunista, em cujo meio conheceu o jornalista Plínio Cabral, com quem se casou em 1948.⁷⁰⁷

Outra militante comunista, Edith Hervé, passou a compor os quadros do PCB na década de 1940. Ela era filha do engajado líder espírita e engenheiro Egydio Hervé, amigo de Getúlio Vargas e figura de destaque na política e no meio universitário porto-alegrense. Em meados dos anos 1940, seu pai já havia sido diretor da Escola de Engenharia no contexto do Estado Novo, como vimos no capítulo três, presidente do Instituto de Previdência do estado e reitor da Universidade de Porto Alegre. Sua família aparecia com regularidade nas páginas

⁷⁰⁴ BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005. p. 44

⁷⁰⁵ Segundo o historiador Benito Schmidt, positivismo e socialismo reúnem elementos comuns: ambas as correntes buscam uma sustentação racional e científica para a forma como interpretam a realidade, apresentam perspectiva evolucionista, além de fazerem fortes críticas ao individualismo burguês. Cf. SCHMIDT, Benito. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 21, n. 41, 2001, p. 116.

⁷⁰⁶ HOLANDA, Joana Cunha de. *Eunice Katunda (1915-1990) e Esther Scliar (1926-1978): trajetórias individuais e análise de “Sonata de Louvação” (1960) e “Sonata para Piano” (1961)*. 2006. Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.170-171

⁷⁰⁷ CABRAL, Loni Grimm; MORAIS, José. *Investigando a linguagem*. Ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p.19

que a *Revista do Globo* dedicava aos eventos sociais.⁷⁰⁸ Edith nascera em 1915 e frequentara a Escola Normal, mas distinguiu-se das demais companheiras estudadas ao ingressar na Faculdade de Direito, na qual foi colega de Décio Martins. Hervé abandonou o ensino superior para dedicar-se ao jornalismo e à literatura. Alguns de seus primeiros textos de caráter jornalístico foram publicados no impresso *FEUPA* – órgão oficial da Federação dos Estudantes Universitários de Porto Alegre no qual colaboravam então jovens comunistas, como Antônio Ribas Pinheiro Machado Neto e Eloar Guazzelli –, mas Edith já publicava poemas e contos na *Revista do Globo* desde meados dos anos 1930.⁷⁰⁹

Para Jussara Hervé e Ruth Eloíza Hervé, sobrinha e cunhada de Edith, respectivamente, sua opção pelo comunismo foi motivada em algum grau pelo ressentimento em relação à mãe, Edith Viana Hervé.⁷¹⁰ Na entrevista concedida à autora, Jussara revelou que a matriarca da família era distante da maioria dos filhos. Já Ruth, em seu depoimento, salientou que a cunhada tinha problemas de relacionamento com o pai tanto quanto com a mãe, mas as diferenças maiores eram com esta. Em sua perspectiva, Edith Hervé se aproximou do comunismo para contrariar, principalmente, a mãe e, depois, acabou gostando da “pregação”.⁷¹¹

A influência familiar é um importante fator de adesões ao PCB apontado por Lucília de Almeida Neves ao estudar alguns casos mineiros. Por intermédio de pessoas próximas, os ingressantes identificavam-se com valores de solidariedade e justiça social que os motivavam a se aproximar do Partido, no interior do qual, algum tempo depois, eram apresentados de forma sistemática à teoria marxista.⁷¹² A historiadora constatou que, para os militantes comunistas estudados, seu ingresso na organização não partiu do predomínio da razão, mas de

⁷⁰⁸ Cf. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano VII, n.168, 07/09/ 1935, p.16; Sociedade. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano VIII, n.193, 24/10/1936, p.32; “Democracia Liberal e Socialismo”. (Trechos do Livro do dr. Egydio Hervé). *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano IX, n.204, 24/04/1937, p.40 e 54; Globo Social. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano IX, n.207, 12/06/1937, p.42; Homenagem. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano IX, n.215, 09/10/1937, p.34; GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro*. Política, Etnia e Religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.105-107; VILLAS-BOAS, Pedro Leite. *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda., 1991. p.111

⁷⁰⁹ Cf. Lágrimas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano VIII, n.180, 11/04/1936, p.34; Na Turba. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano VIII, n.187, 25/07/1936, p.36-37; Natal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano IX, n.199, 30/01/1937, p.34; A lição de Cristo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano IX, n.203, 31/13/1937, p.35; Teatro do Estudante. *FEUPA*. Porto Alegre, Ano IV, Nov.-Dez. 1945 – Abril 1946. p.130-131

⁷¹⁰ Conforme entrevistas com Jussara Hervé e Ruth Eloíza Hervé, concedidas à autora em 16 de março de 2010 e em 08 de abril de 2010, respectivamente, em Porto Alegre.

⁷¹¹ Conforme entrevistas com Jussara Hervé e Ruth Eloíza Hervé, concedidas à autora em 16 de março de 2010 e em 08 de abril de 2010, respectivamente, em Porto Alegre.

⁷¹² NEVES, Lucília de Almeida. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v.4, n.1, 1998. p.59-61

uma crença intuitiva nos valores de solidariedade social.⁷¹³ Explicação aproximada foi dada por Marcelo Camurça ao examinar a ligação de intelectuais ao PCB. Segundo o autor, a “adesão pelo encantamento” – no sentido de sedução por uma causa (justiça social, igualdade etc.) – foi uma das razões da aproximação de escritores ao Partido.⁷¹⁴ Jorge Ferreira fez algumas ponderações a esse respeito, ressaltando que tanto as narrativas que destacam motivações econômicas (pelo “estômago”), como as que alegam razões humanitárias (pelo “coração”) e lógicas (pela “cabeça”) para aderir à luta revolucionária podem levar os indivíduos a formas variadas de luta e de organização, e não necessariamente ao comunismo.⁷¹⁵ De acordo com Eliane Garcia, no Rio Grande do Sul, as militantes da frente feminina do PCB foram conduzidas à agremiação por membros da família (pai, irmãos, marido) e iniciadas nas primeiras leituras marxistas pelos companheiros, não evidenciando um esforço autodidata.⁷¹⁶ Muito provavelmente, elas não apresentaram tal iniciativa por não terem sido estimuladas para tanto. A educação que receberam não tinha como preocupação prepará-las para a política, nem se esmerava em fornecer elementos para que elas pensassem politicamente sobre o político, pois que este fazia parte do universo público – masculino, portanto.

Em nosso entendimento, a influência de familiares atribuída aos casos de Lila, Edith, Esther, Gilda e Leonor, pode ter sido reforçada por uma identificação entre determinadas disposições incorporadas ao longo da construção social dessas personagens enquanto mulheres e por um conjunto de princípios, valores e práticas construídos pelos comunistas como próprios e exclusivos daqueles que militavam no PCB. Criadas para o casamento e a maternidade – mesmo quando se encaminharam profissionalmente para o magistério – as moças assimilaram desde o nascimento esquemas de (auto)percepção, (auto)apreciação e (auto)classificação – os códigos de gênero dominantes aos quais se referiu Schmidt – capazes de engendrar uma imagem de si (e das outras) e um conjunto de práticas vinculados a características como dedicação, disponibilidade, discrição, minúcia, vigilância, controle, obediência, humildade, submissão, abnegação, sacrifício, paciência e doação. Tais

⁷¹³ NEVES, Lucilia de Almeida. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v.4, n.1, 1998. p.63

⁷¹⁴ CAMURÇA, Marcelo A. Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos Intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) – 1922-1960. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v.4, n.1, 1998. p.71

⁷¹⁵ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.63

⁷¹⁶ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999. p.100-101

sentimentos em muito se aproximavam daqueles que deveriam nortear a vida de um militante do PCB⁷¹⁷ e que constituíam o *leque das virtudes*⁷¹⁸ associado ao comunista, como já visto no segundo capítulo. Especificamente em relação às mulheres, a honestidade, a abnegação e o sacrifício apareciam como os seus mais característicos atributos nos meios de comunicação comunistas.⁷¹⁹

Pode-se alegar que outras mulheres incorporaram as mesmas disposições e não aderiram ao comunismo. Pode-se argumentar, também, que os homens eram educados para exercerem o comando na idade adulta, sendo-lhes exigido firmeza, prudência, responsabilidade, autoridade e autonomia, e muitos deles optaram pelo comunismo. O processo de identificação aqui sugerido não é tomado como determinante, mas como fator que se combinou com predisposições de outras ordens, inclinando essas jovens para o PCB.

IV.

Em sua dissertação de Mestrado, a historiadora Eliane Garcia relaciona estudos que sinalizam o caráter sutil, passivo e auxiliar atribuído às militantes nos documentos oficiais do PCB em contraposição às evidências encontradas por ela, que demonstram uma ação bem mais efetiva das mulheres gaúchas no cotidiano da militância.⁷²⁰ Contudo, ainda que notáveis, as lutas femininas dos comunistas estiveram bastante ligadas a ideias pré-concebidas do que fosse o papel da mulher na sociedade: elas defendiam a paz, os direitos da criança e das mulheres trabalhadoras, bem como combatiam a carestia de vida, “tarefas” relacionadas ao papel feminino de zelar pela família e de administrar a economia doméstica.⁷²¹

Com a abertura política em 1945 e o aumento do número de militantes no Partido, Prestes tratou de definir o que cabia às mulheres naquele novo contexto. Ao falar em sabatina realizada por senhoras mineiras, ele afirmou que o principal dever da mulher naquele momento era participar das atividades políticas da Pátria através dos Comitês Populares e dos partidos políticos, lutando por suas reivindicações em pé de igualdade com seus companheiros

⁷¹⁷ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros*. História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995. p.36

⁷¹⁸ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.76

⁷¹⁹ Id. Ibid. p.130

⁷²⁰ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999.

⁷²¹ Id. Ibid. p.103

sem, contudo, abandonar suas “características femininas”.⁷²² Com o avanço das mulheres na política apareceu também a necessidade de especificar seu papel nesse terreno – antes exclusiva, incontestável e previsivelmente masculino.

Entre 1947 e 1960, diversos espaços serviram de cenário para a atuação legal das comunistas: organizações de massa – como a Federação de Mulheres do Brasil, a Solidariedade, a Associação Nacional de Mães, a Associação Feminina de Porto Alegre –, associações de bairro da capital do estado e departamentos femininos de alguns sindicatos. Nos núcleos menores, as participantes desenvolviam atividades manuais (crochê, tricô); aprendiam a ler e escrever; promoviam festas, churrascos e chás para arrecadar recursos para campanhas; organizavam abaixo-assinados em favor da paz; discutiam problemas de seu bairro (habitação, água, luz, transporte etc.) e alguns aspectos da situação das mulheres e das crianças no Brasil.⁷²³ Para Garcia, o fato de elas serem consideradas inaptas para atuarem no espaço político – não representando nenhuma ameaça à sociedade porque reivindicavam “apenas” melhores condições de vida, e não a diluição do sistema capitalista – pode ter permitido o desenvolvimento da atividade feminina comunista.⁷²⁴ Não obstante alguns êxitos, esse trabalho era discriminado pelos próprios companheiros de Partido, que as submetiam a apelidos maliciosos (como “pombinha da paz”) e não se interessavam em ampliar a discussão de temas candentes à condição feminina à época.⁷²⁵ As imagens da mulher revolucionária que os comunistas procuravam construir, como observado por Ferreira, ainda que remetesse às virtudes mencionadas anteriormente, não excluía certa hierarquia entre os sexos, reproduzindo, em alguma medida, as mesmas opressões e discriminações que eles denunciavam.⁷²⁶ Na visão dos comunistas, homens e mulheres eram portadores de diferenças inatas, as quais determinavam a existência de papéis sociais naturalmente distintos.⁷²⁷

⁷²² Prestes em sabatina com a mulher mineira. *Libertação*, Porto Alegre, n.29, 27/10/945, p.4-5

⁷²³ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999. p.89. Berenice Cavalcante esclarece-nos que, a partir de 1945, organismos comunistas que reuniam principalmente donas-de-casa foram organizados sob a liderança das mulheres. Cf. CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986. p.146

⁷²⁴ GARCIA, Eliane Rosa. Op. Cit. p.97

⁷²⁵ Id. Ibid. p.102

⁷²⁶ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.131

⁷²⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.3, n.1, 1997. p.79

Beatriz Bandeira chegou a fazer parte do Comitê Municipal e foi secretária geral da célula do bairro Floresta. Nenhuma das escritoras, porém, chegou a altos cargos na direção do Partido no estado. De um modo geral, elas dedicaram-se às atividades culturais – muitas das quais realizadas no Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha – e à imprensa partidária, que, durante a década de 1950, colocou em circulação no Rio Grande do Sul o jornal diário *A Tribuna* e a revista *Horizonte*, conforme veremos no próximo e último capítulo.

Lila Ripoll, embora fizesse parte da frente feminina, tinha sua imagem associada, na maioria das vezes, à frente intelectual.⁷²⁸ Após a perda de Alfredo Guedes em 1949, ela anulou-se para os demais âmbitos da vida por anos, mergulhando na militância política. Seu tempo, suas relações e sua capacidade criativa foram colocados a serviço do Partido, que, a partir de 1950, afundou-se no radicalismo com a publicação do Manifesto de Agosto por Luís Carlos Prestes, sendo isolado, imperdoavelmente atacado por diversas correntes anticomunistas e perseguido com persistência pelos órgãos repressivos do governo.

De acordo com Eliane Garcia, a frente intelectual era uma designação do próprio PCB e dela participavam militantes responsáveis por atividades consideradas intelectuais, como a edição de jornais e revistas e a organização de saraus e *vernissages*. Não apenas aqueles que escreviam textos literários a compunham. A autora explica que, de um modo geral, os intelectuais comunistas dos anos 1950 dividiam-se em dois setores: os profissionais liberais e os indivíduos dedicados à atividade artística. Tratava-se de um segmento partidário do qual poderiam fazer parte tanto romancistas, poetas, jornalistas, teatrólogos, escultores, gravuristas e pintores, como engenheiros, arquitetos, advogados, médicos ou funcionários públicos. Em resumo, os intelectuais comunistas de meados do século XX configuravam um grupo formado por homens e, menor medida, mulheres das mais variadas procedências profissionais.⁷²⁹

Conforme começamos a ver no capítulo anterior e poderemos conferir no seguinte, a partir do fim dos anos 1940, o Partido implementou uma política que impôs as bases da atividade literária e cultural revolucionária, e os militantes que compunham a frente intelectual foram chamados a levá-la adiante. Além de dominar as questões relacionadas diretamente ao âmbito artístico, aqueles militantes intelectuais dispunham de recursos de outras naturezas que eram igualmente valorizados e explorados pelo PCB. Aspectos

⁷²⁸ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999. p.83

⁷²⁹ Id. Ibid. p.106, 108 e 114

relevantes nesse sentido eram a respeitabilidade, a notoriedade e os círculos de amizade mantidos pelos intelectuais e que, conforme Garcia, poderiam representar a possibilidade do Partido estender sua influência a segmentos sociais aos quais, de outro modo, dificilmente o Partido teria acesso.⁷³⁰

Carlos Callage contou, em depoimento concedido a Eliane Garcia, que o advogado Júlio Teixeira costumava vender o jornal *Tribuna Gaúcha* a domicílio nas manhãs de domingo pela Avenida Independência, e que os “burgueses” só o recebiam porque o conheciam e o respeitavam.⁷³¹ De acordo com relatório do DOPS do começo dos anos 1950, Callage, Lila Ripoll e o advogado Luiz Goulart formavam o “trio” que arrecadava maiores importâncias para o Partido Comunista em Porto Alegre.⁷³² Entre as fontes de finanças do PCB gaúcho, foram arrolados pelos policiais os nomes dos dirigentes trabalhistas João Goulart e Temperani Pereira, do industrial Aníbal Di Primo Deck, do ex-deputado estadual udenista Victor Graeff e do líder da UDN José Antônio Aranha.⁷³³ Lila estava à frente da campanha de arrecadação de fundos para o diário comunista, tarefa na qual era acompanhada por Júlio Teixeira, Beatriz Bandeira, Eloy Martins e Feliz Maciel Gamboa (ex-empregado da Companhia Carris).⁷³⁴ Militantes da frente intelectual também ajudavam sua organização partidária cedendo suas salas de trabalho para reuniões clandestinas e suas residências para hospedar membros do Comitê Central.⁷³⁵

Nesses casos, eles pareciam se valer do mecanismo de “paredes protetoras”⁷³⁶ e do prestígio de que dispunham para auferirem dividendos para o Partido. De acordo com Garcia,

⁷³⁰ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999. p.118 e 125

⁷³¹ Id. Ibid. p.125

⁷³² APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.109-111. Documento não datado, mas possível de aproximar do ano de 1950, devido à referência que faz a um possível “plano vermelho” para comprar uma legenda para Prestes concorrer ao Senado Federal.

⁷³³ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.102. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. Folhas não numeradas.

⁷³⁴ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.303

⁷³⁵ No escritório de Luiz Goulart eram realizadas reuniões do grupo que os agentes policiais consideravam ser a “vanguarda do P.C. na capital gaúcha”, formado pelo referido advogado e seus colegas de profissão Júlio Teixeira e Antônio Pinheiro Machado Neto, o “químico” Otto Alcides Ohlweiller, a “professora” Lila Ripoll e a “poetisa” Beatriz Bandeira. Já os membros da cúpula do PCB geralmente eram hospedados nas casas de Lila Ripoll, Júlio Teixeira, Plínio Cabral e o pintor Carlos Scliar. Cf. APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.107 e 142; Notação: 30.102. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul.

⁷³⁶ Expressão cunhada por Cavalcante, segundo Camurça, para designar a barreira constituída pelos militantes intelectuais no intuito de diminuir o contraste entre “os de dentro” e os de fora do Partido. Cf. CAMURÇA, Marcelo A. Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos Intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) – 1922-1960. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v.4, n.1, 1998. p.74

a respeitabilidade profissional de alguns intelectuais era considerada um fator importante para a colaboração das classes mais abastadas ao PCB.⁷³⁷ A representatividade dos contribuintes com quem contavam – acima mencionados – evidencia o quanto a valorização social desses intelectuais podia render financeiramente e o quão permeável poderia ser o isolamento em que os intelectuais comunistas foram lançados a partir de 1950. Seu raio de ação extrapolava os limites partidários.

Os militantes da frente intelectual do PCB, assim como as da frente feminina, não eram citados como agentes propulsores da revolução brasileira nos documentos oficiais da organização. Esse lugar era reservado para a classe operária.⁷³⁸ No entanto, muitos deles foram chamados a empenhar suas imagens nas eleições de 1950, concorrendo sob legendas de organizações partidárias legais.⁷³⁹ Lila e outros companheiros candidataram-se a uma cadeira na Assembleia Legislativa gaúcha. A edição de 22 de setembro de 1950 da *A Tribuna* apresentou os “candidatos de Prestes”: José Gonçalves Thomaz, “Diretor de ‘Tribuna Gaúcha’” e jornalista; Francisco de Paula Dias, ferroviário; Maria José Lopes, “líder feminina”; Fernando Guedes, médico; João Pedro Mendes, comerciante; Lila Ripoll, “poetisa e professora”; Afrânio Vidal de Araújo, advogado; Solon Pereira Neto, jornalista.⁷⁴⁰ Note-se que pelo menos metade dos candidatos comunistas eram profissionais liberais e que, enquanto o noticioso apresentava Maria José Lopes como “líder feminina”, Lila aparecia como “poetisa e professora”, demonstrando que o Partido procurou explorar mais sua condição de intelectual, e não tanto a de mulher.⁷⁴¹ No dia do pleito eleitoral, o diário comunista reforçou essa imagem em matéria de primeira página. Sob as fotos de Maria José e de Lila, foram

⁷³⁷ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999. p.125

⁷³⁸ Id. Ibid. p.105; LONER, Beatriz Ana. *O PCB e a linha do “Manifesto de Agosto”*: um estudo. 1985. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, Campinas, 1985. p.90

⁷³⁹ O levantamento realizado por Chilcote nos anos 1970 mostrou que os comunistas participaram das eleições de 1950 através da legenda do PSP (Partido Social Progressista) e do PRT (Partido Republicano Trabalhista), alcançando resultados bem modestos, se comparados aos logrados em 1945 e em 1947. Cf. CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p.323

⁷⁴⁰ Para Deputados Estaduais. *A Tribuna*, Porto Alegre, 22/09/1950, p.4

⁷⁴¹ O principal rival dos comunistas naquelas eleições era o PTB, cujo conjunto de candidatos ao legislativo sul-rio-grandense era predominantemente formado por profissionais liberais, sobretudo médicos e advogados. Cf. BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. p.72

colocadas as seguintes legendas, “dona de casa líder feminina em Porto Alegre” e “poetisa”, respectivamente.⁷⁴²

Pela legenda do Partido Republicano, os comunistas alcançaram apenas 2% dos votos, enquanto os trabalhistas abarcaram 35% do eleitorado, logrando 21 cadeiras na casa legislativa estadual.⁷⁴³ Os “candidatos de Prestes” preconizaram um programa de nove pontos ao longo da campanha, defendendo um governo democrático e popular, a paz, a entrega da terra aos camponeses, o desenvolvimento da economia nacional, a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, o incremento da instrução e da cultura para a população e a criação de um exército popular, além de repudiarem a guerra e o imperialismo.⁷⁴⁴ O programa esteve de acordo com as orientações publicadas no Manifesto de Agosto daquele ano, que convocava “todos os trabalhadores das cidades e do campo, manuais e intelectuais, homens e mulheres” – exceto, evidentemente, aqueles ligados aos demais partidos, considerados burgueses e traidores⁷⁴⁵ – para lutar pela derrubada da “ditadura feudal-burguesa” e organizar amplos Comitês Democráticos de Libertação Nacional em todo o país.⁷⁴⁶ A proposta, segundo Beatriz Loner, era considerada radical não só pela pequena burguesia e pela classe média, mas também pela massa operária e camponesa e até para muitos militantes do Partido.⁷⁴⁷

Embora Lila fosse poetisa consagrada, e aparentemente por isso escolhida pela direção partidária para concorrer a uma vaga no legislativo estadual, sua candidatura não foi bem recebida pelos setores conservadores. Em comício realizado em sua terra natal, a escritora foi alvo, com os companheiros, de pedradas lançadas por agitadores contratados por adversários políticos.⁷⁴⁸ Mulher, viúva, envolvida em questões públicas – como literatura e política – certamente despertava a repulsa dos setores mais resistentes aos avanços femininos fora do âmbito doméstico.

⁷⁴² O voto do povo será para os candidatos da causa da paz e da liberdade. *A Tribuna*, Porto Alegre, 03/10/1950, p.1

⁷⁴³ As demais vagas foram distribuídas entre o PSD (29 cadeiras), o PL (10), o PRP e a UDN (7 cadeiras cada), o PSP (4) e o PSB (2). Cf. BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. p.87

⁷⁴⁴ Programa de Libertação. *A Tribuna*, Porto Alegre, 22/09/1950, p.4

⁷⁴⁵ LONER, Beatriz Ana. *O PCB e a linha do “Manifesto de Agosto”*: um estudo. 1985. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, Campinas, 1985. p.93

⁷⁴⁶ Frente Democrática de Libertação Nacional (agosto de 1950). In: CARONE, Edgar. *O P.C.B. (1943-1964)*. Volume II. São Paulo: DIFEL, 1982. p.111-112

⁷⁴⁷ LONER, Beatriz Ana. Op. Cit. p.96

⁷⁴⁸ MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.372

Segundo Rodeghero, a Igreja Católica do Rio Grande do Sul criticava a participação das mulheres em manifestações públicas, reforçando um ideal de mulher submissa, caseira, recatada e alheia aos problemas de cunho político, admitindo como suas funções representar o papel de esposa, ser boa mãe e assegurar a moralidade da família.⁷⁴⁹ Os “vermelhos” eram acusados de investir contra a hierarquia “natural”, questionando o poder paterno no seio familiar e o papel do homem na sociedade, liberando a mulher de sua tradicional função doméstica e a estimulando a buscar igualar-se ao homem.⁷⁵⁰ Nos anos 1950, já havia uma “tradição anticomunista”, que passou a ser elemento constante nas campanhas e nas lutas políticas.⁷⁵¹ A estigmatização dos comunistas, iniciada décadas antes, ingressou em uma nova etapa a partir de 1946, quando o PCB passou a ser perseguido à luz do conflito entre Estados Unidos e União Soviética.

Porém, os julgamentos morais não partiam apenas daqueles que combatiam o comunismo. No interior da organização partidária, havia um rígido código moral, partilhado entre homens e mulheres, construído em contraposição ao que entendiam ser a “decadente” moral burguesa. Esse conjunto de regras estabelecia normas de comportamento e uma relação de valores que o militante deveria incorporar ao seu *ethos* e observar em sua conduta.⁷⁵² Responsável pela constituição de um mundo novo, o revolucionário deveria se libertar dos defeitos e vícios da sociedade capitalista e portar uma moral superior, evitando excessos eróticos e colocando a revolução em primeiro lugar, à frente, inclusive, da família (até porque a clandestinidade dificultava a estabilidade de uma rotina familiar). Enfim, o comunista deveria se entregar totalmente à causa. Diante dessa perspectiva, não fazia sentido distinguir o privado e o público.⁷⁵³ Um exemplo significativo do quanto o PCB absorvia a vida de seus militantes foi dada pelo jornalista João Aveline:

Tinha um camarada que dizia assim: **o Partido na nossa casa vai até a nossa cama.** [...] o Partido, a nossa vida tem que ser de tal forma entregue ao Partido que a nossa porta tá sempre aberta e ela vai até a nossa cama. Isso é muito forte [na opinião de Aveline] porque a cama é a intimidade, né?, é o maior lugar, **o maior nível de intimidade das pessoas é a cama.**⁷⁵⁴

⁷⁴⁹ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*. Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2ª Ed. Passo Fundo: UPF, 2003. p.68-69

⁷⁵⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002. p.65

⁷⁵¹ Id. Ibid. p.XXII

⁷⁵² Id. O PCB e a Moral Comunista. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v.3, n.1, 1997. p.69-70

⁷⁵³ Id. Ibid. p.81

⁷⁵⁴ Entrevista de João Batista Aveline concedida a Maria Luiza Martini e Eliane Rosa Garcia em 18 de fevereiro de 1999 na cidade de Porto Alegre. Grifos nossos.

A militância invadia a casa do comunista e estava presente até nos momentos de maior privacidade, comprometendo todos os âmbitos da sua existência. Jorge Amado corroborou a declaração de Aveline em suas memórias. Segundo o romancista, “comunista não tem vida privada”, o que tornava difícil enxergar a “pessoa humana” por trás do militante/dirigente.⁷⁵⁵

Sexo e família não estavam separados da militância. As comunistas eram filhas, irmãs ou primas de outros comunistas. Quando não havia o laço familiar, este era construído na convivência partidária, como Beatriz Bandeira, que se casou com Raul Ryff; Edith Hervé com Juvenal Jacinto; Leonor Scliar com Plínio Cabral; ou Dyonélio Machado, que foi convidado por Julieta Batistioli para ser padrinho de casamento da filha, cuja cerimônia foi realizada na residência da camarada Maria Crespo.⁷⁵⁶ A relação entre a vida pública e a vida privada era intensa, profunda, tudo passava a fazer parte da luta pela causa comunista. Mas sob ela jazia um conjunto de valores e de princípios que reproduzia, no interior da militância, hierarquias típicas da “moral burguesa”. Em documento direcionado ao Chefe do Setor Trabalhista do DOPS com o objetivo de informar sobre expurgos no PCB, um agente policial relatou que a direção do Comitê Metropolitano do Rio de Janeiro estava tomando uma série de resoluções, a fim de expulsar do Partido todos aqueles que, por qualquer circunstância, prejudicassem o “andamento progressista e a evolução do referido Partido.” Conta, também, que outros militantes ainda seriam desligados

definitivamente, pela prática de **atos considerados ofensivos à moral**, como é o caso da esposa do jornalista [X], a qual será publicamente desmascarada como **“incompatível com a moral da família comunista”**, pois a mesma vem mantendo há muito tempo ligação amorosas [sic] com outro destacado militante do PCB, sendo este fato apontado pelos dirigentes comunistas como suficiente para o seu afastamento.⁷⁵⁷

O episódio apurado pelo policial revela-nos a reconhecida existência de um código moral comunista, que parecia embasar um rígido controle da conduta das militantes por parte dos dirigentes do Partido e legitimar uma severa punição. A penalidade cogitada para a esposa infiel, porém, não foi pensada para seu amante, também “destacado militante”, como informado pelo excerto acima. Nesse caso, o PCB reproduziu (in)tolerâncias da sociedade

⁷⁵⁵ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p.513

⁷⁵⁶ Entrevista com Serafina, filha de Julieta Batistioli, realizada por Maria Luiza Martini em Porto Alegre.

⁷⁵⁷ APERJ. DPS – Dossiês – Expulsos de suas fileiras. Detetive 283. Documento datado de 25 de fevereiro de 1948. Gentilmente disponibilizado pelo historiador Benito Bisso Schmidt. Optamos por ocultar a identidade do militante traído e de sua esposa por questões éticas.

brasileira daquela época, condenando a mulher adúltera e sendo complacente com o camarada desleal. Para Jorge Ferreira, não é difícil perceber que os comunistas pouco inovaram no terreno da moral. Eles não apresentaram uma nova moralidade, necessariamente revolucionária. Antes criticaram a forma como a burguesia desvirtuou os valores elaborados por ela mesma em uma época ancestral. Por isso usavam o termo “decadente” para condenar o jogo, o álcool e a prostituição.⁷⁵⁸

Em relação às mulheres, temos visto que os militantes do PCB, de modo geral, defendiam posições avançadas para a época – anos 1940 e 1950. Mas, tanto quanto os homens, elas deveriam se submeter totalmente à causa revolucionária. De acordo com Benito Schmidt, diferente de Gilda Marinho, cujo comportamento mundano escandalizava seus camaradas, Lila Ripoll correspondeu ao que se esperava da mulher comunista⁷⁵⁹: era quase sem vaidade, simples, recatada e dedicada inteiramente à revolução; casou-se uma única vez – e com um companheiro de luta; na década de 1950, colocou sua capacidade criativa a serviço da revolução. Porém, diante dos olhos críticos de uma sociedade conservadora, o alto prestígio que conquistou com suas publicações no fim dos anos 1930 e na década seguinte não a isentou do estigma e do isolamento ao qual escritores comunistas foram lançados na década de 1950. Já no início desse período, a *Revista do Globo* raramente mencionava seus nomes, e a *Província de São Pedro* concedeu espaço para Beatriz Bandeira, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Heitor Saldanha, Ivan Pedro de Martins e Lila Ripoll somente até 1948. Depois desse ano, com exceção do autor de *Porteira Fechada*, nenhum outro escritor ligado ao PCB gaúcho voltou a publicar no impresso cultural.

Não fosse pela rede de editoras, de noticiosos e de periódicos especializados do Partido ou sob sua influência, o espaço para escritoras e escritores comunistas divulgarem seus textos teria ficado bastante reduzido. No Rio Grande do Sul, além da manutenção do jornal diário – *A Tribuna*⁷⁶⁰ – circulou *Horizonte*, revista voltada para questões culturais e principal meio de difusão da produção artística e literária dos comunistas.⁷⁶¹ Militantes, como

⁷⁵⁸ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.127-128

⁷⁵⁹ SCHMIDT, Benito. Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. v.9, n.2, jul.-dez. 2006. p.26-27

⁷⁶⁰ A fim de despistar a repressão, *Tribuna Gaúcha* reapareceu como *A Tribuna* a partir de 1949.

⁷⁶¹ Com uma circulação mensal, *Horizonte* surgiu em 1949 e o último número de que se tem notícia saiu em janeiro de 1956. Logramos consultar trinta e duas edições. Dezesete delas foram gentilmente disponibilizadas em versão digital pelo Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM). As demais foram consultadas nos originais guardados no Acervo João Batista Marçal, cujo acolhimento aos pesquisadores é sempre um convite a fazer novas descobertas.

Beatriz Bandeira, Edith Hervé, Esther e Leonor Scliar, colaboraram nesse periódico. Porém, entre as mulheres, o trabalho desenvolvido por Lila Ripoll se sobressai, tanto pelo número de textos publicados, quanto pela atuação na direção do órgão partidário.

V.

Horizonte, *Fundamentos* (em São Paulo), *Para Todos* (no Rio de Janeiro), *Seiva* (em Salvador), *Orientação* (em Recife), *Seara* (em Goiânia) e *Itinerário* (em Belo Horizonte) formaram o conjunto de revistas literárias e de divulgação cultural do PCB em circulação nos anos 1950. No artigo “Uma Tarefa de Honra”, publicado em abril de 1951, Floriano Gonçalves, diretor de *Para Todos*, esclareceu que elas deveriam ser o “centro aglutinador dos intelectuais democratas” (entenda-se, comunistas) em defesa da independência nacional, da paz e da cultura revolucionária (do ponto de vista da classe operária).⁷⁶² O uso do termo “tarefa” – cujo sentido, para os comunistas, já comentamos nessa tese – sugere-nos que a criação desses veículos teve um objetivo importante, específico e, talvez, inadiável.

A primeira edição da revista *Horizonte* saiu em março de 1949, dirigida pelo romancista Cyro Martins e contando com Lila Ripoll, Edith Hervé, Dyonélio Machado, Juvenal Jacinto, Flamarion Silva, Zaira Martins, Mario Escobar Azambuja e Thereza de Almeida entre seus redatores. No editorial, o autor de *Sem Rumo* apresentou a linha do impresso:

A nossa revista ambiciona **ser um reflexo fiel da vida intelectual e artística** do Rio Grande do Sul. **Não será órgão de grupo**. Portanto, não procurará dividir, porém se esforçará por congrega em torno de si todos os nossos valores, os já reconhecidos como tais e os novos, que estarão certamente à espera de um veículo como este para embarcar na sempre atraente aventura das letras e das artes. Não tencionamos manter uma atividade de neutralidade aguada [...]. **O nosso objetivo não é comercial, é educativo**. Assim, nos setores que nos interessam, o das letras e das artes, observaremos uma posição de crítica atenta, procurando contribuir para uma constante melhora do nível cultural da nossa gente.⁷⁶³

Nesse trecho, Cyro Martins procurou não somente apresentar os objetivos de *Horizonte*, mas também diferenciá-la de outros veículos no estado. Ao contrário dos órgãos existentes, fechados em torno dos contistas, poetas e romancistas de sempre (subentende-se),

⁷⁶² Apud. MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004. p.171

⁷⁶³ [Editorial] *Horizonte*, Porto Alegre, Ano I, Mar. 1949. p.1

a nova revista não deveria escolher alguns em detrimento de outros, mas dar espaço para escritores e artistas conhecidos e novatos, esperando, assim, mostrar um retrato mais fidedigno do cenário literário e artístico gaúcho. Essa postura estava relacionada a outro aspecto que distinguia o periódico comunista dos demais na exposição de seu diretor: seu objetivo pedagógico. Mais que alcançar lucro financeiro, a meta do impresso era oferecer subsídios, por meio de uma produção crítica, para melhorar o nível cultural da população. O excerto evidencia-nos o trabalho do romancista de Quaraí em situar *Horizonte* no espectro de jornais e revistas em circulação no fim da década de 1940.

No início dos anos 1950, Porto Alegre sediava a redação dos principais impressos difundidos no estado. *Correio do Povo*, cujo proprietário Breno Caldas procurava manter sempre cotidianas e amistosas relações com os governantes, caracterizava-se não só pelo caráter noticioso, mas também por manter um importante suplemento literário.⁷⁶⁴ Paralelas a esse jornal, a *Revista do Globo*, a *Província de São Pedro* e a *Revista Quixote* seguiam em circulação.

O tradicional quinzenário da família Bertaso ganhou, paulatinamente, um caráter de variedades, cedendo cada vez mais páginas para anúncios de águas de colônia e pós de arroz, diminuindo os espaços para poesias, e as reportagens sobre os escritores praticamente desapareceram.⁷⁶⁵ Apesar de algumas notas desfavoráveis à União Soviética, a Stalin e ao comunismo⁷⁶⁶, a *Revista do Globo* isentou-se de se posicionar mais veementemente sobre questões políticas.

O papel aglutinador do que foi produzido na década de 1950 pela intelectualidade gaúcha – ou pela parcela que se construiu como a tal – coube à *Província de São Pedro*. O

⁷⁶⁴ GALVANI, Walter. *Um século de poder*. Os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p.394 e 410. Tendo em vista a extensão temporal abarcada pela presente pesquisa, optamos por não incluir os suplementos literários do *Correio do Povo* do corpo de fontes estudadas, priorizando a *Revista do Globo*, que, somada à livraria e à editora, parecia ter maior força no cenário cultural sul-rio-grandense.

⁷⁶⁵ Em maio de 1953, o periódico comentou que a produção de poesias superava a procura. Cf. Poesia, gênero ingrato. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXIV, n.586, 16/05/1953, p.22-23. Em relação ao romance, na primeira metade da década, a *Revista do Globo* deu destaque a *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo. A primeira parte da trilogia, *O Continente*, lançada pela Editora Globo em 1949, e a segunda, *O Retrato*, publicada em 1951, ganharam muitas páginas do periódico até, pelo menos, 1955. *O Arquipélago*, terceira e última parte da trilogia, saíria somente em 1961.

⁷⁶⁶ Cf. Estratégia. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXI, n.478, 05/03/1949, p.2-5; Caça aos comunistas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXI, n.487, 23/07/1949, p.2-5; Tito & Stalin. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXI, n.496, 26/11/1949, p.2-5; Rússia. Censura aos atletas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXIII, n.530, 17/03/1951, p.2-5; Stalin morreu! *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXIV, n.582, 21/03/1953, p.2-5; Stalin. Esse desconhecido. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXIV, n.584, 18/04/1953, p.2-5; Acabando com os comunistas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXIV, n.589, 27/06/1953, p.2-5; E eles por si só se destroem. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXIV, n.602, 23/12/1953, p.42-45

periódico dirigido por Moysés Vellinho difundiu textos de Guilhermino Cesar, Othelo Rosa, Nogueira Leiria, Sergio da Costa Franco, Dante de Laytano, entre outros. Segundo Coradini, não existia uma relação direta entre esses “intelectuais” e um projeto político, mas seu entendimento de “cultura” não excluía a política num sentido mais amplo, pois que a percebiam como um fenômeno da região em suas relações com a unidade maior, a nação. Nessa perspectiva, o que era publicado vinculava-se a uma concepção centrada na “conquista” de espaço geográfico e na elaboração dos seus respectivos panteões.⁷⁶⁷

A revista do Grupo Quixote, por sua vez, em circulação desde 1947, sobreviveu até 1952. Ainda que tenha publicado poucas edições, de acordo com o historiador Vitor Biasoli, esse periódico preocupou-se em expressar a inquietude de seus fundadores com o quadro intelectual dominante e em se posicionar pela renovação do quadro cultural brasileiro.⁷⁶⁸ Encerrada a fase da revista, os quixotes ficaram sem veículo para divulgar seus textos. Uma alternativa encontrada por eles foi lançar “folhas de poesia”. A primeira delas saiu em 1955 e marcou a fase em que o grupo passou a ser constituído exclusivamente por poetas que entendiam a poesia como “uma experiência possível para todos os homens”.⁷⁶⁹ Essa preocupação em se aproximar do público justificou a realização de eventos, como o I Festival Brasileiro de Poesia, de 1958, e a Mostra Popular de Poesia, de 1960.⁷⁷⁰ Uma concepção semelhante passou a ser defendida nas páginas da revista *Horizonte* a partir de 1950, quando Lila Ripoll ocupou sua direção acompanhada dos camaradas Carlos Scliar, Cyro Martins, Demétrio Ribeiro, Fernando Guedes, Laci Osório e Vasco Prado na redação.

No editorial da edição de dezembro de 1950, a poetisa apresentou o mensário como “uma revista de intelectuais de vanguarda” e uma concepção de arte a serviço da sociedade. A “verdadeira arte”, para a autora, deveria representar os anseios do povo e estimular sua luta por melhores condições de vida e pela emancipação nacional. Em outra passagem, de modo mais explícito, Lila manifestou o desejo de que a arte difundida na revista fosse “mais uma arma, e poderosa, da Revolução Brasileira” e que ajudasse a construir um Brasil “democrático-popular”.⁷⁷¹ Assim concebida, a arte passava a ter uma função social. Ela deveria servir de instrumento para a transformação da sociedade brasileira.

⁷⁶⁷ CORADINI, Odaci. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003. p.12

⁷⁶⁸ BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote*. História e Produção Poética. Porto Alegre: EDIPUCRS/IEL, 1994. p.35

⁷⁶⁹ Id. *Ibid.* p.37

⁷⁷⁰ Id. *Ibid.* Loc. Cit.

⁷⁷¹ Apresentação. *Horizonte*, Porto Alegre, n.4, 20/12/1950, p.1-2

Ao agir dessa maneira, na opinião da poetisa quaraiense, os colaboradores de *Horizonte* estariam seguindo o exemplo de ícones da literatura nacional e regional, como Gregório de Matos, Castro Alves, Alcides Maya, Simões Lopes Neto e Ramiro Barcelos.⁷⁷² Lila procurou construir uma tradição para ela e seus companheiros, colocando-os como herdeiros de grandes nomes da literatura. Num contexto em que os comunistas produtores de textos literários voltavam a enfrentar o isolamento, associar seus nomes aos daqueles sagrados escritores poderia ser uma forma de partilhar o significado que estes tinham para a história do Brasil e do Rio Grande do Sul.

Também nessa apresentação, e nos editoriais das edições seguintes, a diretora de *Horizonte* estabeleceu uma relação direta entre a produção artística e a defesa da paz: “Erguemos bem alto a bandeira da Paz, condição essencial para o florescimento da arte e da cultura”.⁷⁷³ Ripoll distinguiu dois campos distintos e inconciliáveis naquele momento. De um lado, estavam “os partidários da Paz, da cultura, de um mundo novo, com o qual sonharam os grandes pensadores do passado e que já se ergue, a nossos olhos, na gloriosa União Soviética, na Nova China e nas Democracias Populares. Em torno deste campo, se reúne o que há de melhor na Humanidade”. Do outro, ela situou “os partidários da guerra e da bomba atômica” (entenda-se, os Estados Unidos e seus aliados).⁷⁷⁴ Sob a direção de Lila Ripoll, a revista tornou pública sua posição diante do cenário bipolarizado pela Guerra Fria, alinhando-se com a União Soviética, e vinculou uma tarefa do comunismo internacional à produção artística e literária local.

Segundo estudo de Jayme Fernandes Ribeiro, acreditava-se numa possível “ação direta” do imperialismo norte-americano à União Soviética e, por essa razão, em reunião do Kominform de novembro de 1949, a “luta pela paz” foi definida como tarefa central do movimento comunista, a qual deveriam subordinar-se todas as outras tarefas e objetivos. Com o Apelo de Estocolmo, lançado em março de 1950 pelo Comitê Mundial dos Partidários da Paz, teve início à Campanha pela Proibição das Armas Atômicas. O objetivo era reunir

⁷⁷² Apresentação. *Horizonte*, Porto Alegre, n.4, 20/12/1950, p.1-2. Em outras edições, é possível observar a construção das obras de literatos, não somente do Rio Grande do Sul, como exemplos de instrumentos de luta, tanto pela qualidade estética quanto pelo conteúdo social e político que os comunistas destacavam em seus textos. Cf. Sobre Antônio Chimango. *Horizonte*, Porto Alegre, n.4, Abril 1951 p.109-117; O Gringo das Linguças. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Set. 1952 p.211-213; A propósito do cinquentenário de “Os Sertões”. *Horizonte*, Porto Alegre, n.9, Out.-Nov. 1952 p.251

⁷⁷³ Apresentação. *Horizonte*, Porto Alegre, n.4, 20/12/1950, p.1-2; Carta da Paz. *Horizonte*, Porto Alegre, n.3, Fev.-Mar. 1951, p.59; Intensificar a luta pela paz. *Horizonte*, Porto Alegre, n.7, Julho 1951 p.187; Editorial. Apresentação. *Horizonte*, Porto Alegre, n.9, Set. 1951, p.252

⁷⁷⁴ Apresentação. *Horizonte*, Porto Alegre, n.4, 20/12/1950, p.1-2

assinaturas em diversos países e enviá-las à Organização das Nações Unidas (ONU), manifestando a posição de milhões de pessoas em favor da paz.⁷⁷⁵

O documento mobilizou comunistas em todo o mundo contra as armas atômicas. Eles eram chamados “combatentes da paz”. Cada país, explica Ribeiro, tinha uma quota de assinaturas que deveria coletar e, posteriormente, enviar aos Congressos Mundiais.⁷⁷⁶ A porção destinada ao Brasil ficou estabelecida em quatro milhões de assinaturas, pelas quais o PCB assumiu a responsabilidade. O antigo militante João Aveline, em depoimento datado de 1999, recordou que a parcela de assinaturas foi distribuída de acordo com a densidade populacional dos estados e com a “consciência da população”, de modo que cada comitê (regional, distrital etc.), cada célula, cada militante do PCB tinha a parte que lhe tocava.⁷⁷⁷ De acordo com Ribeiro, os comunistas brasileiros lançaram mão de diversas estratégias para lograr o maior número possível de assinaturas: comícios-relâmpagos, festas, festivais, concurso, palestras, dramatizações sobre os efeitos da bomba atômica, distribuição de panfletos, matérias jornalísticas na imprensa partidária etc.⁷⁷⁸

No depoimento mencionado, Aveline lembrou que a campanha pela paz e contra a bomba atômica, assim como as eleições (em que os comunistas concorriam sob outras legendas), eram “respiradouros”. Tendo em vista que o Partido não possuía sede, devido à clandestinidade, os militantes utilizavam, por exemplo, a sede do Movimento da Paz.⁷⁷⁹ A historiadora Eliane Garcia mapeou a participação de intelectuais nessa e noutras organizações – como a Associação Rio-Grandense pela Interdição das Armas Atômicas – as quais funcionavam como frentes legais de atuação frente à condição ilegal do PCB.⁷⁸⁰ No entanto,

⁷⁷⁵ RIBEIRO, Jayme. Os “combatentes da paz” – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.21, n°42, jul.-dez. 2008. p.262-263

⁷⁷⁶ Id. Os “inimigos da paz”: estado, imprensa e repressão ao movimento dos “Partidários da Paz” no Brasil (1950-1956). *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, n.17, Jul.-Dez. 2007. p.64

⁷⁷⁷ Entrevista concedida por João Aveline a Maria Luiza Martini e Eliane Rosa Garcia em 18 de fevereiro de 1999 na cidade de Porto Alegre. A informação fornecida por Aveline pode ser confirmada por dados do Boletim Reservado nº75 da polícia, datado de 26 de abril de 1951, de acordo com o qual a coleta de assinaturas ficou assim organizada: São Paulo: dois milhões; Distrito Federal: 650 mil; Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (estado): 400 mil cada; Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas: 300 mil cada. Os demais estados ficaram com quotas entre mil e 150 mil assinaturas. Cf. APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.061. Título: Movimento Pró-Paz. Folhas não numeradas.

⁷⁷⁸ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. Cit. (2007) p.64

⁷⁷⁹ Entrevista concedida por João Aveline a Maria Luiza Martini e Eliane Rosa Garcia em 18 de fevereiro de 1999 na cidade de Porto Alegre.

⁷⁸⁰ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. p.131. Detalhes sobre o empenho dos comunistas do Rio Grande do Sul na Campanha da Paz podem ser obtidos, ainda, em: LONER,

mesmo a campanha pela paz era visada pela polícia. Consoante o historiador Jayme Ribeiro, tanto órgãos repressivos do Estado quanto a imprensa de referência empenharam-se no combate às ações comunistas em prol da paz.⁷⁸¹

Lila Ripoll atuou intensamente na campanha, organizando e participando de congressos, compondo a direção do Movimento Estadual dos Partidários da Paz, escrevendo poesias.⁷⁸² Na direção da revista *Horizonte*, a poetisa divulgou o Apelo de Estocolmo e convidou intelectuais “das mais variadas tendências políticas” para participar da campanha, procurando convencê-los de que poderiam “dar um poderoso auxílio”, “colhendo assinaturas de personalidades” (o que aumentaria a notoriedade sobre a campanha e lhe conferiria credibilidade) e “usando sua arte para a propaganda da Paz”.⁷⁸³ Podemos situar o trabalho pela campanha no impresso entre as estratégias usadas por Lila e seus companheiros para sensibilizar os leitores e lograr suas assinaturas no documento.

O médico Fernando Guedes, sucessor da poetisa no comando do impresso comunista, também concedeu amplo espaço para a divulgação de eventos em defesa da paz e contra a bomba atômica, para enquetes e para textos de escritores brasileiros e estrangeiros partidários da campanha. Alguns deles recorreram ao gênero da poesia, como Leonor Scliar Cabral e Maria Dinorah Luz do Prado. Em “Canto à Coreia”, Leonor versou sobre a situação daquele país, palco de uma guerra entre as potências capitalistas e socialistas desde meados do ano anterior:

Nenhuma casa ficou
nenhuma para contar
o balbuciar da criança
as cantigas de ninar

Beatriz Ana. *O PCB e a linha do “Manifesto de Agosto”: um estudo*. 1985. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, Campinas, 1985; MARTINS, Eloy. *Um Depoimento Político*. 55 anos de PCB. Memórias de um metalúrgico. Porto Alegre: Pallotti, 1989. p.92-95

⁷⁸¹ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Os “inimigos da paz”: estado, imprensa e repressão ao movimento dos “Partidários da Paz” no Brasil (1950-1956). *Sæculum* – Revista de História, João Pessoa, n.17, Jul.-Dez. 2007. Alguns registros acerca da vigilância sobre os partidários da paz no Rio Grande do Sul encontram-se nos seguintes documentos: APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 00.470. Título: Detenções. F.16; APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 20.164. Título: Movimento Pró-Paz. F.1-8; APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.061. Título: Movimento Pró-Paz; APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.064. Título: Organizações estaduais; NPH. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19 – [D] CX.611 – Disco 6 – F. 00690-00724 – Documento datado de 30/08/1951; NPH. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19 – [E] CX.611 – Disco 7 – F. 910-902 – Documento datado de 31/03/1952, F.963-919 – Documento datado de 29/02/1952, F.1030-992 – Documento datado de 31/10/1951; NPH. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19 – [G] CX.612 – Disco 9 – F.1195-1189 – Documento datado de 16/03/1953.

⁷⁸² BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005. p.117, 125 e 142

⁷⁸³ Intensificar a luta pela paz. *Horizonte*, Porto Alegre, n.7, Julho 1951. p.187

[...]

Somente escombros ficaram
somente para acusar
a morte das criancinhas
que jamais hão de brincar

Somente escombros ficaram
somente a protestar
a vida cedo roubada
nos arrozais sem lugar
[...]⁷⁸⁴

Nesses trechos do poema, a autora pôs em verso suas impressões a respeito das consequências da guerra para o país em questão, registrando a destruição e lamentando a injusta morte das crianças coreanas no conflito. Adiante, seu pessimismo cedeu lugar à certeza na vitória da Coreia do Norte e seus aliados:

[...]

Benvindo [sic] sejam,
libertadores,
nossos amigos
irmãos das flores

Juntos iremos
reconstruir
os nossos campos,
os nossos lares
para as crianças
que estão por vir
[...]⁷⁸⁵

Leonor exaltou o papel dos soldados do bloco socialista, “os libertadores”, aqueles que iriam abrir o caminho para a reconstrução coletiva de uma Coreia unificada e socialista. Um ano depois, o conflito perseverava, e Maria Dinorah Luz do Prado publicou em *Horizonte* o poema “A guerra – É triste demais!...”:

Eu vi a guerra – de perto!...
...Sinistro apito anunciando
de aviões fantasmas o bando
mil bombas a vomitar!...
...Corrida para os abrigos!...
O pânico, a gritaria!...

⁷⁸⁴ Canto à Coreia. *Horizonte*, Porto Alegre, n.3, Fev.-Mar. 1951. p.66

⁷⁸⁵ Canto à Coreia. *Horizonte*, Porto Alegre, n.3, Fev.-Mar. 1951. p.66. É possível que a convicção na vitória dos norte-coreanos fosse motivada pela propaganda. Aveline relatou ter visitado a Coreia e que, na ocasião, foi-lhe apresentado um mapa no qual toda a península aparecia ocupada pelos comunistas. Cf. Entrevista concedida por João Aveline a Maria Luiza Martini e Eliane Rosa Garcia em 18 de fevereiro de 1999 na cidade de Porto Alegre.

As mães, tirando os seus filhos
do berço quente, onde um sonho
seus termos olhos unia!...
...Dos seus folguedos tranquilos...
de sua eterna e sadia
irresponsabilidade...
[...]⁷⁸⁶

O poema, em sua maior parte, chamou atenção para o poder destruidor das bombas sobre uma população indefesa, para o desassossego e o medo que a guerra provocava na vida das pessoas. Na primeira estrofe, destacada acima, as crianças ganharam destaque. Ao falar da guerra, Leonor Scliar Cabral e Maria Dinorah Luz do Prado, ambas casadas e mães, mostraram-se sensíveis aos aspectos relacionados ao lar, à família e, principalmente, à maternidade. Elas e as demais mulheres que colaboraram em *Horizonte* com poesias e textos, de um modo geral, abordaram temas ligados à infância.⁷⁸⁷ Embora tivessem carreiras públicas, desafiando o ideal feminino da época, na literatura para o Partido as escritoras reproduziram preocupações orientadas pelos códigos de gênero dominantes de seu tempo e, possivelmente, acabaram correspondendo, no interior da organização, ao que se esperava de mulheres comunistas.

Elas publicaram em todos os números da revista. No entanto, o primeiro ano, sob a direção de Cyro Martins, foi o de maior participação feminina. O espaço reservado às companheiras pelo então diretor rendeu elogios e críticas ao periódico. De acordo com Martins, enquanto alguns leitores estavam apreciando os versos (conteúdo de autoria das mulheres), um advogado de renome teria reclamado do elevado número de colaboradoras e acrescentado que o público não estava acostumado com aquilo. O consagrado romancista, parecendo despreocupado com o julgamento desfavorável do jurista, escreveu: “Fiquei pensando, com alegria, na grande função que talvez venha a desempenhar ‘Horizonte’ no nosso meio, impondo nomes femininos até agora relegados ao mais absoluto silêncio”.⁷⁸⁸

O comentário do advogado, cujo nome não foi revelado por Cyro Martins, evidencia o quanto a presença de mulheres nos meios literários poderia ser vista como algo estranho e negativo, podendo, inclusive, ser usada como argumento para depreciação do conector do

⁷⁸⁶ A guerra – É triste demais!... *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Maio 1952. p.125-127

⁷⁸⁷ Cf. Te oigo, pero no te veo... *Horizonte*, Porto Alegre, n.2, Abril 1949. p.5-6; Os engaiolados. *Horizonte*, Porto Alegre, n.2, Abr. 1949. p.14-17 e 44; Em torno da literatura infantil. *Horizonte*, Porto Alegre, n.3, Jul. 1949. p.4-8; Piá. *Horizonte*, Porto Alegre, n.3, Jul. 1949. p.20-23; Quadro simples. *Horizonte*, Porto Alegre, n.11-12, Nov.-Dez. 1951. p.329; Crianças e brinquedos. *Horizonte*, Porto Alegre, n.29, Nov.-Dez. 1954. p.124; No país onde a criança é rei. *Horizonte*, Porto Alegre, n.30, Jan.-Fev. 1955. p.18 e 28

⁷⁸⁸ Notas de leitura. *Horizonte*, Porto Alegre, n.2, Abr. 1949. p.38

espaço. O então responsável pela revista comunista pareceu satisfeito ao perceber que o órgão que tinha nas mãos poderia dar visibilidade às desconhecidas colegas de ofício. Na avaliação do jornalista e estudioso da cultura Flávio Ilha, “apesar de ser órgão do PCB”, *Horizonte* cumpriu um importante papel na difusão da literatura entre os gaúchos, sendo responsável, por exemplo, pelo lançamento dos poetas Laci Osório e Heitor Saldanha.⁷⁸⁹ Entretanto, mesmo difundindo os escritos das companheiras, o número de textos de autoria masculina no periódico era maior. Ademais, como veremos com mais vagar no próximo capítulo, era a eles que cabia participar dos debates que diziam respeito à política e ao fazer literário. Possivelmente, a autoridade dos colaboradores homens para colocar suas opiniões, decidir questões estéticas e se posicionar perante os embates políticos não fosse sequer questionada, e a das mulheres, sequer cogitada. Ao proceder desse modo, o impresso, pode ter contribuído para reproduzir o caráter masculino do sistema oficial literário.

De conjunto de mulheres que publicaram em *Horizonte*, Lila Ripoll destacou-se pelo volume de colaborações – entre poemas, traduções, matérias jornalísticas etc. – e pelo grau de comprometimento de sua literatura com a causa revolucionária. O trabalho desenvolvido pela quaraiense na imprensa partidária constitui-se em um dos indícios de que, após a morte de Alfredo Guedes, como sinalizamos anteriormente, ela se dedicou de forma plena à militância. Lila não deixou memórias. Mas falou de si pela poesia. Em “Duas variações sobre um mesmo tema”, publicado na revista cultural do Partido em 1952, seu forte engajamento fica evidente:

[...]
Quem plantou na minha alma esta alegria?
Quem me ensinou a olhar e a compreender?
Quem mudou o sentido de meus versos
e deu certeza a meus passos,
e a meus olhos deu fulgor?

Foste tu, meu Partido, foste tu.
A ti devo este encontro com a vida
e o claro rumo de meus pensamentos.

Devo a ti o sorriso de confiança
que entreabre meus lábios quando vejo
as crianças passarem pela rua.

Esta simplicidade com que vivo,
o olhar que hoje se alonga no futuro,
o orgulho do trabalho e as rosas novas,
que no meu coração estão florindo,
foi lição recebida junto a ti.

⁷⁸⁹ ILHA, Flávio. Uma paixão urgente pela poesia. *Aplauso* – Cultura em revista. 2005. s/p.

A ti devo este encontro com a vida,
e a natural fraternidade
com que o pão de minha mesa se reparte.⁷⁹⁰

Para os objetivos da presente pesquisa, cabe destacar no excerto o reconhecimento da dívida da escritora militante com o Partido. Em contraste com os poemas anteriores, nos quais se multiplicavam lamentos por uma vida irremediavelmente triste e vazia, “Duas variações sobre um mesmo tema” apresentou uma perspectiva extremamente otimista e confiante, fruto da entrega, sem arrependimentos, à causa comunista. Graças à organização, tudo era mais belo, a poetisa vivia a vida em sua plenitude, pois havia esperança, certeza, alegria, lucidez, onde, antes, havia desânimo, dúvida, tristeza, obscuridade e ignorância. Na avaliação de Silva, Lila sacralizou o Partido Comunista – cuja importância atribuída por ela descortina-se para o leitor no uso da inicial maiúscula na palavra Partido – e substituiu o sentimento religioso, identificado pela autora em seus primeiros versos, pela devoção ao ideal político.⁷⁹¹ Uma devoção às avessas, tendo em vista que o comunismo e o PCB eram alvos de combate sistemático pela Igreja Católica na década de 1950.⁷⁹²

A conclusão de Silva se aproxima da interpretação de Jorge Ferreira, que atribui feições de religiosidade (da cristã, mais especificamente) ao dogmatismo dos comunistas, vendo-o como uma nova roupagem, revestida de cientificidade, de antigos arquétipos.⁷⁹³ De acordo com o historiador, “o sentimento de superioridade pelo arsenal teórico e prático” que o militante passava a conhecer quando se filiava ao PCB e “o poder de mudar a realidade eram interpretados como dádivas recebidas do partido”, aspectos que Ferreira soube identificar em poema do escritor espanhol Jorge Semprún, do qual reproduzimos breve passagem:

Se meu sangue se enche de alegria,
eu devo ao Partido;
se minha palavra anuncia um novo dia,
eu devo ao Partido. [...]

Se acaso me encaminho para ser homem,

⁷⁹⁰ Duas variações sobre um mesmo tema (poesia). *Horizonte*, Porto Alegre, n.3-4, Mar.-Abr. 1952. p.86-87. Grifos nossos.

⁷⁹¹ SILVA, Maria Cristina Müller da. *Representações do sagrado na poesia de Lila Ripoll*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, Caxias do Sul, 2009. p.92

⁷⁹² Cf. RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*. Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2ª Ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

⁷⁹³ Cf. FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

eu devo ao Partido;
ser homem de verdade, não sombra de homem,
eu devo ao Partido.⁷⁹⁴

Os poemas de Semprún e o de Ripoll definem o *complexo da dívida*, caracterizado pela crença de que o Partido possuía o saber verdadeiro, porque científico, e pelo sentimento de superioridade daquele que, recebendo esse saber da organização, acreditava ter o poder de transformar o mundo.⁷⁹⁵ Como o presente recebido era valioso demais, mesmo que se dedicasse integralmente ao Partido, o militante jamais conseguiria retribuir à altura. Acabava, assim, considerando-se sempre devedor.

No caso de Lila, a deprender dos versos acima, o PCB havia proporcionado não apenas uma melhor capacidade de compreensão do mundo, mas também uma revolução íntima. Ademais, se não fosse pela estrutura voltada para a cultura montada pelo Partido, ela e seus companheiros dedicados à literatura não teriam meios pelos quais divulgar sua produção. A poetisa manifestou sua gratidão com dedicação incansável às atividades partidárias e por meio de sua capacidade criativa.

“Duas variações sobre um mesmo tema” compôs o volume *Novos poemas*, de 1951, no qual também constam poesias, como “Elegia”, “Canto a Elisa Branco” e “Retrato”, marcadas pela exaltação do comunismo, de suas lutas e de seus heróis. Tais características apresentaram-se novamente em *Primeiro de Maio* – longo poema dividido em quatro partes publicado em 1954 e devotado aos manifestantes assassinados no Dia do Trabalhador na cidade de Rio Grande em 1950 – e, em menor medida, em *Poemas e Canções*, de 1957. Os três livros foram editados pela Cadernos da Horizonte, editora do PCB. A seguir, analisaremos essas produções de Lila Ripoll e textos de outros comunistas escritores, publicados em *Horizonte* e editados pela editora do Partido. Junto a artistas plásticos, pintores, gravuristas e músicos eles formaram um grupo de intelectuais engajados no realismo socialista no Rio Grande do Sul, corrente estética com auge na primeira metade da década de 1950 e evidência do estabelecimento de um vínculo absoluto e necessário entre literatura e política.

⁷⁹⁴ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.41

⁷⁹⁵ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.107, 118-120

ДІВІДС ЛІТЄЯДІДС:

O realismo socialista e o comprometimento dos escritores comunistas na década de 1950

I.

Quando *Horizonte* foi criada em 1949, discutiam-se as causas e tentava-se prever a duração da “crise do livro” nos círculos intelectuais brasileiros. Além do alto preço do papel, das percentagens que deveriam ser pagas para os responsáveis por cada etapa do processo de edição (autores, gráficas, livrarias, propaganda etc.) – que obrigavam a comercializar o livro pelo triplo do preço – e das questões aduaneiras para importação de máquinas e de material de artes gráficas, também se falava que uma transformação nos hábitos culturais da população brasileira (suscitada, sobretudo, pelo rádio e pelo cinema) estava por trás daquele difícil momento para os negócios da leitura.⁷⁹⁶ Calculava-se que a crise – que, de acordo com Rubim, já era forte em 1947, provocando o fechamento de doze casas editoriais⁷⁹⁷ – não seria transitória. Segundo Hallewell, ela foi assunto por vários anos, no decorrer dos quais o ramo livreiro não só quase estagnou, como também a competição em seu interior tornou-se mais dura, pois cada editora procurou manter sua parcela desse limitado mercado, reduzindo a tiragem média de cada edição, mesmo que comprometendo sua margem de lucro.⁷⁹⁸

No quadro internacional, Guerra Fria se acirrava. A primeira metade dos anos 1950 foi marcada pela Guerra da Coreia, entre 1950 e 1953, e pela corrida armamentista (sobretudo, a competição em torno da bomba atômica e da bomba de hidrogênio) entre os blocos socialista e capitalista. Conforme Hobsbawm, União Soviética e Estados Unidos “trabalhavam com base na suposição de que a coexistência pacífica entre elas era possível a longo prazo” e, nos

⁷⁹⁶ Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXI, n.488, 06/08/1949, p20-21 e 58-59; Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXI, n.492, 01/10/1949, p20-21 e 60-61

⁷⁹⁷ RUBIM, Antônio Albino Canelas. Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. Vol. III – Teorias. Interpretações. 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.333

⁷⁹⁸ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: EDUNESP, 2005. p.519

momentos de decisão, uma potência acabava confiando na moderação da outra. A retórica de ambas, porém, sugeria o contrário.⁷⁹⁹

De acordo com Rodeghero, “a oposição ao comunismo foi alimentada e alimentou a Guerra Fria”, criando um clima de tensão e de perigo quanto ao enfrentamento direto entre Estados Unidos e União Soviética.⁸⁰⁰ O anticomunismo, porém, não foi uma novidade surgida do conflito entre as duas superpotências. No Brasil, como vimos nos capítulos anteriores, o combate aos adeptos do marxismo era forte nos anos 1930, resistiu à abertura democrática e à derrota do nazismo na Segunda Grande Guerra, chegando em meados do século XX com uma sólida tradição e um caráter multifacetado.⁸⁰¹ Ainda no Governo Dutra (1947-1951), o Brasil alinhou-se aos Estados Unidos e desencadeou intensa repressão aos comunistas, mantida na presidência de Getúlio Vargas (1951-1954) e, em menor medida, na de Juscelino Kubitschek (1956-1960). O conjunto de documentos provenientes da polícia consultados para essa pesquisa é farto em relatórios e boletins datados da década de 1950 sobre a atividade clandestina desenvolvida pelos comunistas gaúchos por meio de organizações (sindicatos, centros culturais, entidades estudantis etc.) e campanhas legais – principalmente a da paz – e sobre as medidas tomadas para reprimi-los.

Nesse nebuloso cenário, manter relações amistosas com o governo e acompanhar sua linha diante da bipolarização internacional poderia ajudar proprietários de casas editoriais a conseguir facilidades na importação de papel e de maquinário, flexibilizações fiscais etc. Podemos, assim, cogitar a possibilidade do afastamento de editores em relação aos escritores do PCB estar relacionado não somente a uma posição política mais conservadora dos donos das editoras, mas também a uma estratégia destes empresários para sobreviver à crise do livro. Se o momento já apresentava tantas dificuldades, partilhar do descrédito dos comunistas no contexto da Guerra Fria não parecia ser um bom negócio. Essa parece ter sido a posição assumida por Henrique Bertaso comentada no capítulo anterior.

Até a primeira metade dos anos 1950, explica-nos o sociólogo Marcelo Ridenti,

⁷⁹⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.225

⁸⁰⁰ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*. Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2ª Ed. Passo Fundo: UPF, 2003. p.143

⁸⁰¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002. p.XXII e XXIV. Motta identificou três matizes do anticomunismo no Brasil: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. De acordo com o autor, os elementos dessas vertentes podiam se misturar no discurso dos diferentes grupos sociais, mas foi a religião e os religiosos que desempenharam o principal papel na história do anticomunismo brasileiro (p.43-45).

o PCB perderia muito da influência e inserção social que tivera no período imediatamente anterior, seja pela condição de ilegalidade, seja pela nova política adotada – considerada esquerdista e sectária pelos críticos [...] –, seja pela dificuldade de implementar na prática as diretrizes propostas ou por outros fatores.⁸⁰²

A militância dos escritores no PCB durante os anos 1950 foi marcada, no interior do Partido, pela radicalização política instaurada com a publicação do Manifesto de Agosto de 1950, cujo conteúdo exploraremos a seguir. A decisão não derivou apenas do sentimento de derrota que assolou os dirigentes comunistas com o retorno à ilegalidade. Segundo José Antônio Segatto, o impacto da Revolução Chinesa (1949) e a criação do Kominform (Agência de Informação dos Partidos Comunistas), em 1947 – com a mesma política de centro dirigente da extinta Internacional Comunista e caracterizado pelo forte dogmatismo stalinista – contribuíram para a guinada à esquerda, que começou com o Manifesto de Janeiro de 1948.⁸⁰³ Essa política radical foi reafirmada durante o IV Congresso do Partido, em 1954, e só começou a ser revista na segunda metade daquela década.⁸⁰⁴ No terreno sindical, o Manifesto de Agosto, consoante a historiadora Beatriz Loner, orientou os militantes do PCB para o incentivo a métodos mais diretos de luta, o que gerou confrontos abertos com o governo e com suas instituições repressoras.⁸⁰⁵

No plano político estadual, o abandono da política moderada contribuiu para que inúmeros quadros do PCB fossem absorvidos pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Segundo Bodea, enquanto para Vargas o PTB configurava-se em componente de um projeto político mais amplo de implantação de um modelo de desenvolvimento nacional autônomo, para Pasqualini, importante teórico trabalhista, a organização constituía-se no instrumento

⁸⁰² RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.59

⁸⁰³ SEGATTO, José Antonio. PCB: a questão nacional e a democracia. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. V.3. p.224. Segatto afirma que o Manifesto de Janeiro de 1948 fazia uma autocrítica da tática da União Nacional, concluindo que, permanecendo o país “atrasado, semifeudal e semicolonial”, a solução seria uma “revolução agrária e anti-imperialista” (p.224-225). O documento pode ser consultado em CARONE, Edgar. *O P.C.B. (1943-1964)*. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1982. pp.72-89

⁸⁰⁴ De acordo com Segatto, alguns fatores que contribuíram para a revisão teórica, política e organizativa do PCB foram os acontecimentos políticos da conjuntura (suicídio de Vargas em 1954, tentativas golpistas em 1955 etc.), a relativa estabilidade democrática e o modelo desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek e os desdobramentos do XX Congresso do PCUS, ocorrido em 1956. Cf. SEGATTO, José Antonio. Op. Cit. p.227-228

⁸⁰⁵ LONER, Beatriz Ana. *O PCB e a linha do “Manifesto de Agosto”: um estudo*. 1985. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, Campinas, 1985. p.128

fundamental de implementação de um projeto de reformas sociais.⁸⁰⁶ Na avaliação do autor, o peso atribuído ao PTB em ambos os projetos concentrava aspectos conflitivos, mas também uma dimensão complementar, entre as duas lideranças.⁸⁰⁷ Em 1950, o Partido Trabalhista elegeu Vargas para a presidência da República, Ernesto Dorneles para o governo do estado, Alberto Pasqualini para o Senado e colocou seus correligionários na maioria das cadeiras da Câmara dos Deputados e na Assembleia Legislativa.⁸⁰⁸

No Rio Grande do Sul, como já mencionado, os escritores militantes perderam espaço nos principais veículos difusores de textos literários – a *Revista do Globo* e a *Província de São Pedro* – e na mais importante casa editorial do estado, a Editora Globo. Mesmo a Livraria do Globo, antes polo aglutinador de romancistas, críticos, poetas e contistas de diversas tendências políticas, deixou de ser frequentada pelos comunistas, os quais passaram a adotar a Livraria Piratini como ponto de encontro. Conforme Garcia, o livreiro e funcionário público Carlos Callage relatou que ele e seus companheiros encontravam bons livros nacionais e importados na referida loja, na qual os mais chegados também faziam discussões acaloradas sobre o marxismo, uma vez que não havia espaço para debate no interior do Partido.⁸⁰⁹

Mas o PCB “oferecia um lugar institucional seguro para os intelectuais”.⁸¹⁰ Mesmo com o cenário desfavorável, os militantes do PCB lograram colocar em funcionamento os periódicos e as editoras do Partido. Esse fato nos sugere que a malha repressiva, de alguma forma, deixou brechas através das quais os comunistas se movimentaram e interferiram nos debates. No Rio Grande do Sul, a julgar pelo maior número de referências encontradas na documentação proveniente da polícia, *A Tribuna* parece ter recebido mais atenção dos agentes da repressão, provavelmente por ser um jornal de circulação diária (na medida do possível), por ter um caráter mais combativo e maior penetração entre os trabalhadores.

A revista *Horizonte*, com a qual começamos a trabalhar no capítulo anterior, a editora Cadernos da Horizonte, a Agência Farroupilha e a Livraria Farroupilha constituíram-se em

⁸⁰⁶ BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. p.141 e 153

⁸⁰⁷ Id. Ibid. p.141

⁸⁰⁸ Id. Ibid. p.60 e 87

⁸⁰⁹ GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. p.120. Para Garcia, essas experiências relatadas por Callage parecem indicar uma formação “mais independente” e “autônoma” do que a oferecida pelo PCB, ideia compartilhada pelo ex-militante Osvaldo Peralva em seu livro *O Retrato*.

⁸¹⁰ RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.62

importantes canais de difusão da literatura produzida pelos escritores que militavam ou eram próximos ao Partido (e também de um eficiente grupo de gravuristas) naquela época. Nesse último capítulo, estudaremos de que modo tais meios compensaram o isolamento de militantes, como Fernando Melo, Heitor Saldanha, Laci Osório, Lila Ripoll e Plínio Cabral, e o que, ao mesmo tempo, a exigência da adoção do realismo socialista enquanto regra da produção literária significou para esses agentes no interior da militância e em seus embates no universo literário.

II.

Até 1956, último ano do qual se tem notícias de sua circulação, *Horizonte* foi dirigida por Fernando Guedes entre 1951 e 1954, e voltou às mãos de Lila Ripoll nos dois últimos anos. Mas tanto a poetisa como o médico, nunca deixaram de integrar o corpo de redatores da revista, que também contou com Carlos Scliar, Cyro Martins, Demétrio Ribeiro, Esther Scliar, Francisco Riopardense de Macedo, J. Almeida, Laci Osório, Nelson Souza, Plínio Cabral e Vasco Prado, destacados representantes das Artes Plásticas, da Arquitetura, da Literatura e da Música gaúcha e brasileira.⁸¹¹

Sob os cuidados de Fernando Guedes, o periódico cultural do PCB reproduziu a linha radical da organização, lançando críticas agressivas contra o imperialismo norte-americano, o governo brasileiro e alguns escritores não-comunistas. Colocando *Horizonte* como “porta-voz da intelectualidade do Rio Grande” e “revista dos intelectuais progressistas do Rio Grande”, Guedes procurou apresentar como anseios de todo o conjunto de intelectuais sul-rio-

⁸¹¹ O vínculo com as artes plásticas, de acordo com Rubim, explica-se pela estreita relação entre a revista e os Clubes de Gravura de Bagé e de Porto Alegre, cuja maioria dos membros estava engajada no periódico e sua produção auxiliava na manutenção do mesmo. Ridenti, por sua vez, defende que os clubes de gravura foram impulsionados pelo PCB e são exemplos de como o partido serviu-se da arte para agitação e propaganda, mas também constituíram-se em meio para artistas ganharem prestígio e difusão em âmbito nacional Cf. RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.63, 183-186; RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.69. Para maiores informações sobre os clubes de gravura e sua relação com o Partido Comunista, conferir ainda GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. p.131; GONÇALVES, Cassandra de Castro Assis. O Clube de Gravura de Porto Alegre: arte e política na modernidade. *Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte*. Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba, 2006. p.32-39; MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.176-179; VITAL JUNIOR, Raul Rebello. O Partido Comunista e a Revista Horizonte: a negação da produção na tradição. *Ciências & Letras*. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Porto Alegre, n.41, pp.319-334, Jan.-Jun. 2007.

grandenses demandas próprias do movimento comunista internacional divulgadas nas páginas do impresso, como a defesa da paz e o combate ao uso das armas atômicas; os ataques às restrições colocadas pelo governo à entrada de livros e revistas de vários países e a sua complacência com uma “literatura de violência e guerra” (os romances policiais e as histórias em quadrinhos norte-americanas); a defesa da independência nacional na questão petrolífera (a exploração do petróleo pelo monopólio estatal); a divulgação dos pressupostos do realismo socialista e o rebate às teorias que defendiam a “arte pela arte”.⁸¹² É possível que a dedução de Fernando Guedes estivesse baseada num entendimento de “intelectual” vinculado à concepção de arte e de literatura dos comunistas naquele momento e que foi assumida pela revista *Horizonte*.

Em sua dissertação de Mestrado sobre a aplicação do realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e PCB, a historiadora Mônica Araújo explicou que a atuação cultural dos partidos comunistas de todo o mundo foi informada por essa corrente, caracterizando-se pela ideia de propagar uma cultura “genuinamente proletária, assumindo como principal tarefa o combate à cultura cosmopolita burguesa”.⁸¹³ Não há consenso a respeito do início da aplicação dessa orientação pelo Partido Comunista do Brasil.⁸¹⁴ Em tese defendida na área de Comunicação no início dos anos 1990, Dênis de Moraes fixou os movimentos de ascensão e de declínio do realismo socialista como paradigma cultural no Brasil, rigorosamente, entre

⁸¹² A generalização foi promovida explicitamente pelo então diretor da revista nos editoriais assinados por ele e nos diferentes manifestos publicados em *Horizonte*, nos quais os comunistas subscritos apareciam como “os” intelectuais gaúchos. Para os editoriais, cf.: Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, n.10, Set. 1951, p.283; Editorial de 1º Aniversário. *Horizonte*, Porto Alegre, n.11-12, Nov.-Dez. 1951, p.315-316; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.1, Jan. 1952, p.3; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.2, Fev. 1952, p.35; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abril 1952, p.67; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.5, Maio 1952, p.107; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.6, Jun. 1952, p.139; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.7, Jul. 1952, p.171; O sentido de um apelo. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.8, Set. 1952, p.203; Congresso dos povos pela paz. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.9, Out.-Nov. 1952, p.235; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.10, Dez. 1952, p.267; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.1, Jul. 1953, p.299; Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.3, Nov.-Dez. 1953, p.63. Para os manifestos, cf.: Mensagem dos intelectuais gaúchos a Prestes. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, p.56; Mensagem dos intelectuais gaúchos. *Horizonte*, Porto Alegre, n.6, Jun. 1951, p.177; Apelo de artistas e intelectuais gaúchos pela paz. *Horizonte*, Porto Alegre, n.9, Set. 1951, s/p.; Intelectuais Rio-Grandenses Solidários com Pedro Motta Lima. *Horizonte*, Porto Alegre, n.10, Out. 1951, p.316; Mensagem dos Intelectuais e Artistas Gaúchos ao Comitê Nacional do P.C.B. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr. 1952, p.95; Mensagem dos Intelectuais Gaúchos a Luís Carlos Prestes. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.10, Dez. 1952, s/p.

⁸¹³ ARAÚJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo*. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958). Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. p.79-80

⁸¹⁴ Para levantamento sobre o realismo socialista na Rússia, desde Lênin até a oficialização da visão de Andrei Jdanov e Máximo Gorki na década de 1930 e a aplicação dessa linha na União Soviética nos anos 1940 e 1950, cf. Id. Ibid. p.70-119; MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.110-130

1947 e 1953.⁸¹⁵ Já Mônica Araújo, em trabalho acima mencionado, encontrou indícios do realismo socialista na imprensa comunista brasileira em 1945, como a heroificação de Prestes, identificada também por nós na revista *Libertação*, conforme vimos no quarto capítulo.⁸¹⁶ Antônio Rubim, por sua vez, afirmou que, em 1950, o Partido convocou uma reunião entre dirigentes e intelectuais, a fim de aprovar a nova linha política no campo cultural. Com base nos textos de Jdanov, de acordo com Rubim, Diógenes Arruda, então poderoso dirigente do PCB, definiu a criação de uma nova cultura, baseada no realismo socialista, que deveria ser estimulada e desenvolvida no Brasil pelos intelectuais ligados ou próximos à organização. Começava então o divórcio entre o Partido Comunista e a arte brasileira contemporânea.⁸¹⁷

Nas páginas de *Horizonte*, é possível identificar textos nos moldes do realismo socialista e de sustentação a essa corrente a partir de 1950, quando Lila Ripoll substituiu Cyro Martins na direção do periódico. Esses escritos apresentaram o conjunto de características que a bibliografia sobre o tema costuma atribuir à arte realista-socialista, sobretudo o “romantismo revolucionário”.⁸¹⁸ Porém, parece-nos importante não somente registrar os traços da corrente, mas também entender como a “tarefa” de propagar essa visão de arte e de literatura foi executada pelos escritores comunistas em seu espaço de atuação e em suas lutas no interior do universo literário gaúcho.

O jornalista e escritor Plínio Cabral, em edição de julho de 1951, explicou que a “arte revolucionária” atuava sobre o desenvolvimento da revolução, inspirando-se nela e, ao mesmo tempo, servindo-lhe de instrumento para o alcance de seus objetivos (naquele momento, paz e independência nacional). Dessa forma, a classe operária tinha um de seus importantes instrumentos de luta na “arte de vanguarda”, a qual tinha o dever de ir contra “a arte velha, burguesa, degenerescente”, que fazia “do crime, da pederastia, do vício, virtudes marcantes e exemplares”, não refletiam a “abnegação e o sacrifício das grandes massas populares” e não serviam à causa do povo.⁸¹⁹

⁸¹⁵ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.16

⁸¹⁶ ARAÚJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo*. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958). Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. p.121

⁸¹⁷ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.307 e 343-344

⁸¹⁸ Segundo Moraes, o empreendimento literário conforme o jdanovismo deveria revelar o “esplendor da saga revolucionária”, destacando os sacrifícios transpostos e construindo heróis. MORAES, Dênis de. Op. Cit. p.125

⁸¹⁹ Participlemos da luta heroica do povo brasileiro. *Horizonte*, Porto Alegre, n.7, Jul. 1951, p.189-190

Além de colocar a arte como uma arma de luta do proletariado no atual estágio da revolução mundial, Cabral tentou propagar um novo modo de produção e de avaliação dos produtos literários, atacando com fortes julgamentos morais a literatura produzida por seus predecessores e contemporâneos consagrados, considerada ultrapassada. Um dos responsáveis pela situação de “crise” e de “atraso” cultural brasileiro cogitado pelos comunistas era o latifúndio. Para Fernando Guedes, em termos gerais, a situação cultural do Brasil continuava a mesma de quarenta anos antes: o país concentrava elevado número de analfabetos, de modo que os escritores não tinham público. Sendo assim, pouco se escrevia e pouco se lia no país. E aqueles que dominavam a leitura eram impedidos de adquirir livros devido ao alto preço do produto.⁸²⁰

Essa concepção de arte tanto mais se fazia necessária diante da dominação estrangeira. Na avaliação de Hélio Kremer Luz para a revista *Horizonte*, “um povo sem autonomia cultural” ficava “desprovido da capacidade de pensar por si próprio, aceitando passivamente os pontos de vista que lhe quise[ss]em impor”.⁸²¹ Por isso crescia a responsabilidade dos escritores “honestos e progressistas” que – inspirados nas “grandes obras do passado” (de acordo com a leitura que os comunistas faziam na época) e cumprindo com as exigências do momento – tinham a “tarefa” de criar uma literatura que não se satisfizesse apenas em expressar a situação de miséria e de opressão em que se encontrava o país, mas que indicasse ao povo brasileiro “a solução revolucionária de seus graves problemas”. Para tanto, fazia-se necessária íntima ligação com a população, com seu folclore e com seu passado cultural.⁸²² Essa aproximação poderia ser conquistada observando o método do realismo socialista.

Em extensa matéria publicada em 1953, *Horizonte* reproduziu parte de um documento, elaborado por escritores e artistas no Rio de Janeiro, no qual era discutida uma série de questões relativas à arte e à literatura.⁸²³ O grupo afirmava que não existia “arte e literatura acima das classes” e que tentar esconder isso significava criar “armadilhas ideológicas”. Para escrever um texto literário ou produzir uma peça de arte pelo método do realismo socialista, era preciso aplicar o “ponto de vista da classe operária e do Partido” à obra em criação.⁸²⁴ A posição da classe trabalhadora, por não ser (ou ser muito pouco) explorada pela produção

⁸²⁰ O Latifúndio e a Crise Cultural. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.1, Jan. 1952, p.6-7

⁸²¹ O cosmopolitismo e as tarefas atuais da literatura. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.8, Set. 1952, p.230

⁸²² O cosmopolitismo e as tarefas atuais da literatura. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.8, Set. 1952, p.230

⁸²³ O Método do Realismo Socialista e os Problemas da Literatura e das Artes no Brasil. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.3, Nov.-Dez. 1953, p.70-73

⁸²⁴ O Método do Realismo Socialista e os Problemas da Literatura e das Artes no Brasil. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.3, Nov.-Dez. 1953, p.70-73

artística e literária, era tida pelos comunistas como a verdade convenientemente camuflada por uma intelectualidade subserviente ao governo e ao imperialismo. Por isso acreditava-se que o termo “realismo” aplicava-se tão bem, porque a obra deveria “refletir veridicamente a realidade, refletir, essencialmente, a luta do *novo* contra o *velho*, que essa realidade apresenta[va] na vida diária, no trabalho, na ação política, na consciência do homem, na prática social”. A criação realista deveria “fixar tipicamente os temas e as personagens dessa luta” não só pelo compromisso de mostrar a verdade, mas pela “tarefa da transformação ideológica e da educação dos trabalhadores no *espírito do socialismo*” que todos os comunistas tinham. Daí a pertinência do adjetivo “socialista” na denominação do método, porque ele (1) ensinava a descobrir e a exaltar, “entre as massas proletárias e populares em nosso país, temas e personagens típicos que, por seu trabalho, suas lutas, suas qualidades pessoais, seu futuro e significação social, conduz[ia]m a nova realidade brasileira ao triunfo sobre a velha realidade”; (2) indicava os passos para se fazer “uma arte e uma literatura de forma nacional, uma arte e uma literatura de conteúdo popular e progressista”. E os elementos do realismo socialista elencados na matéria eram: 1. Literatura e arte de partido: não existia, nem nunca havia existido, arte e literatura sem partido, pois ele orientava o sentido da criação, escolhendo e fixando heróis e temas representativos da luta de então; 2. Ideias elevadas: eram as ideias de vanguarda da classe operária, de revolução e da criação da sociedade comunista; 3. Romantismo revolucionário (“É sonho com os pés na terra.”); 4. Humanismo: capacidade de valorizar e desenvolver as qualidades do homem; 5. Caráter popular: produzir uma arte e uma literatura cujo interesse principal fosse a classe operária, os camponeses e as massas populares; 6. Luta do novo contra o velho; 7. Forma nacional: desenvolver os elementos nacionais da cultura que se manifestavam na língua, nos costumes e nos demais aspectos da vida brasileira.⁸²⁵ A aplicação do realismo socialista no Brasil significava lutar por uma arte e uma literatura nacionais e populares e por uma crítica literária e uma crítica de arte de combate ao padrão estabelecido.

A leitura realizada pelos comunistas brasileiros parecia afinada ao modelo soviético. Para aquela mesma edição de *Horizonte*, Guedes selecionou trecho de um Informe de Georgy Malenkov ao XIX Congresso do PCUS, realizado em outubro de 1952, que abordava o tema da arte e da literatura do ponto de vista marxista-leninista. De acordo com o autor, na Rússia,

⁸²⁵ O Método do Realismo Socialista e os Problemas da Literatura e das Artes no Brasil. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.3, Nov.-Dez. 1953, p.70-73

os “gostos” eram “educados pelo Partido na base das melhores obras literárias e artísticas”, “trabalhadores da literatura e das artes” deveriam estigmatizar os vícios e defeitos (da sociedade burguesa, certamente),

mostrar nos personagens positivos homens de tipo novo, em todo o esplendor de sua dignidade humana [...], as contradições e os conflitos da vida, saber usar a arma da crítica como um meio de educação eficaz [...] ressaltar as elevadas qualidades morais e os traços típicos positivos do homem simples, criar sua brilhante imagem artística digna de exemplo e de ser imitada pelas demais [artes].⁸²⁶

Malenkov ressaltou o esforço de escritores e artistas soviéticos no sentido de criar obras que colocassem em evidência o trabalhador em suas permanentes lutas e orientou para o caráter pedagógico que esses trabalhos da literatura e da arte soviéticas deveriam assumir ao instrumentalizar o leitor para a crítica e oferecer-lhe tipos que servissem de exemplo. Tratava-se da atuação de um grupo caracterizado por uma atividade específica no conjunto dos que trabalhavam pela construção do socialismo. Artistas e escritores eram também “trabalhadores” (“trabalhadores da literatura e das artes”).

O papel da literatura no processo revolucionário foi explorado pela revista por meio de um texto assinado por Mao Tse-Tung, líder da então recente Revolução Chinesa e secretário geral do Partido Comunista Chinês. Na medida em que cada trabalhador era considerado um soldado da revolução, os escritores, enquanto “trabalhadores literários”, compunham um exército, que deveria combater na frente cultural tendo como dever expor a “crueldade”, a “tirania” e a “hipocrisia” do inimigo; louvar o trabalho e a luta do povo; familiarizar o leitor com as unidades do partido e com vida no campo, nas fábricas e no exército, o que exigia dos intelectuais a apropriação da linguagem e dos costumes populares. Para o autor, mais importante que dominar a arte de escrever era conhecer o marxismo-leninismo, “ciência” que todo o revolucionário deveria aprender, e os “trabalhadores literários” não poderiam constituir exceção.⁸²⁷

Alguns contos publicados na revista do Partido apresentaram tramas conforme as regras do método jdanovista. “À espera”, de Dalcídio Jurandir, por exemplo, narrou o drama de Zulmira e sua mãe, Dona, numa noite de verão em Belém do Pará. Jovem militante comunista, Zulmira tinha a “tarefa” de ajudar na fuga de um companheiro do hospital. Dona, mesmo desconhecendo o verdadeiro trabalho para cujo desempenho a filha se despedia,

⁸²⁶ Sobre Literatura e Arte. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.3, Nov.-Dez. 1953, p.78

⁸²⁷ A propósito da literatura. *Horizonte*, Porto Alegre, n.3, Fev.-Mar. 1951, p.60-65

esforçou-se para ser a “mãe heroica” (forte, confiante) e ficou orando pela sorte da menina. O “velho Bernardo”, orgulhoso da “decisão e crescente consciência” da neta, pedia que Deus a abençoasse em seu intento. Enquanto esperavam o retorno de Zulmira, ouviam os rumores da rua, crianças brincando, vizinhos conversando, cães ladrando, e o céu repleto de estrelas parecia conspirar para o sucesso da “tarefa”. Até que a jovem regressou, como quem voltava de uma festa, mal sufocando o impulso de confidenciar à mãe o papel importante que havia tido na libertação do companheiro. Mas conteve-se, pois, um dia, todos saberiam.⁸²⁸

O cenário em que transcorria a estória de Jurandir era a modesta casa de Zulmira, onde moravam ela, seus pais, seus avós e irmãos. Viviam com dificuldade, e Lauro, pai da jovem comunista, era alcoólatra, gastava todo o ordenado nos botequins. Dele todos escondiam a atividade política da filha, subentendendo-se que, tendo o vício burguês da bebida, não era pessoa confiável. A protagonista foi descrita como moça alta, morena, cabelo “escorrido”, vestida de azul e levando um cacho de jasmim no peito para executar “tarefa”. É difícil sabermos – pelo menos, para os limites dessa tese – que significado tais elementos tinham na época e para as pessoas provenientes do Pará, estado de origem do autor e onde se desenrolava a trama. Mas podemos deduzir que carregavam conotação positiva e sugerir que contribuíam para construir uma imagem de Zulmira como uma jovem ativa, cuja dignidade confirmava-se pela natureza secreta da ação que assumira – que lhe exigia discrição – e pela postura otimista, destemida, confiante e controlada durante sua execução. Já o perfil de Dona foi traçado tal qual a “mãe heroica” (Leocádia Prestes): uma senhora discreta, esperançosa, paciente e protetora. Bernardo, por sua vez, carregava os sinais da vida no rosto enrugado e, como a filha, resguardava a neta revolucionária.

Dalcídio Jurandir narrou o conto do ponto de vista da classe trabalhadora e do Partido, colocando uma militante comunista e sua família pobre como protagonistas da estória. O autor ressaltou a origem social e destacou as qualidades morais desses personagens, ao mesmo tempo em que estigmatizou vícios considerados típicos da sociedade burguesa. A positividade atribuída aos primeiros e o êxito da missão de Zulmira poderiam contribuir para a identificação do leitor com a militante e sua família fictícia, bem como para incutir-lhe a certeza da vitória da luta comunista. “À Espera” carregava uma dupla mensagem. Tratava da espera pelo retorno de Zulmira do cumprimento de sua “tarefa”, mas também poderia ser

⁸²⁸ À espera. *Horizonte*, Porto Alegre, n.7, Jul. 1951, p.203-206

entendida como a espera pela revolução. O escritor paraense, assim, satisfaz vários dos requisitos exigidos de uma literatura revolucionária.

Noutro conto publicado em *Horizonte*, do gaúcho Plínio Cabral, o enredo girou em torno do reideiro Anastácio, que, apercebendo-se da força que todos como ele teriam se se unissem, decidiu tomar parte das terras do fazendeiro para trabalhar.⁸²⁹ Dividida em sete partes, a narrativa começava com o nascimento do décimo primeiro filho de Anastácio num fim de tarde ensolarada. Após muito trabalho para tombar árvores junto com seu primogênito para fazer carvão, uma noite de chuva pôs tudo a perder, e o pai da numerosa família viu-se sem meios para pagar o arrendamento, que o fazendeiro viria cobrar no outro dia. O carvoeiro, cismado, perguntou à esposa: por que os homens eram quase todos como ele e poucos como o fazendeiro? E ela respondeu: “O mal é a terra não ser da gente...”. O reideiro, então, decidiu-se: “Vou pegar um pedaço de terra pra mim. [...] É ir pegando nomais [sic]. Depois que um arranca outros se vão. [...] Como o coronel vai se haver com tanta gente?”. E o narrador concluiu o conto: “Então os dois riram às gargalhadas. Não tinham muito saber, nem pensavam bem no que diziam, mas os trilhos da vida se tornavam mais simples: havia tanta terra no mundo – era tomá-la e trabalhar.”⁸³⁰

Anastácio, personagem central da trama de Cabral, foi descrito como homem de “rosto encovado” e “mãos rudes”. Sua esposa, uma senhora envelhecida. Ambos constituíam-se figuras representativas dos trabalhadores da terra, numa construção cuidadosa do escritor, que deu atenção, também, aos aspectos da linguagem dessa parcela. No rancho onde moravam tinha uma casa feita de barro batido e coberta por capim, circundada por uma horta e um pequeno açude, no qual banhavam as crianças e lavavam a roupa. Esse foi o cenário de miséria que o autor construiu para desenrolar a estória de um homem simples que tomava consciência da distribuição desigual de terra e do poder que tinha para mudar aquela situação. O fim do conto sinalizava para o fim do processo de conscientização. Anastácio e esposa, pessoas rudes, sem instrução – sugerindo que a tomada de consciência independia do intelecto – riram por terem descoberto que poderiam tomar a iniciativa de redistribuir a terra de forma mais justa. A vida, então, começava a fazer sentido.

Em “O Carvoeiro”, Plínio Cabral escolheu o ponto de vista do homem do campo, destacou os efeitos do tempo e do trabalho pesado sobre os dois principais personagens,

⁸²⁹ O Carvoeiro. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.1, Jan. 1952, p.22-25

⁸³⁰ O Carvoeiro. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.1, Jan. 1952, p.22-25

exaltando a dignidade que tinham enquanto vítimas da exploração do latifúndio. O desfecho do conto lançava uma clara mensagem: trabalhadores do campo, uni-vos. Essa era a solução revolucionária indicada pelo escritor.

Horizonte procurou explorar especificamente a poesia em algumas edições. Em texto de Pablo Neruda publicado no fim de 1953, quando o poeta chileno havia recebido o Prêmio Stalin da Paz pelo poema *Que despierte el lenhador*, esclarecia-se que os escritores compunham para pessoas bastante modestas, muitas das quais não sabiam sequer a ler. Por essa razão, um dos primeiros deveres do poeta era escrever com simplicidade. A obscuridade verbal, para o autor, constituía-se “vestígio do antigo servilismo”, marca do privilégio de uma “casta literária” com a qual os poetas não tinham mais nenhum dever.⁸³¹ Era preciso uma linguagem menos complicada para que a população melhor pudesse decifrar a mensagem que a poesia comunista deveria passar. Esta, por sua vez, precisava ter o objetivo de despertar em seus leitores a vontade de se libertar da dominação e a confiança de que lograria transformar essa sua condição.⁸³²

Pablo Neruda era tido em alta conta pelos dirigentes soviéticos. Ilya Ehrenburg comentou, em tom de aprovação, que o poeta havia compreendido a missão do escritor, e sua tarefa nesse âmbito estava sendo considerada tão importante, que a direção do Partido Comunista Chileno o havia dispensado da militância para que pudesse se dedicar inteiramente à poesia.⁸³³ O prestígio do chileno junto ao alto escalão soviético era tão grande que uma premiação com seu nome, o Prêmio Pablo Neruda da Paz, foi instituída pelo Conselho Mundial da Paz, com sede em Praga (Tchecoslováquia). Lila Ripoll foi uma das agraciadas com a distinção em 1952 por *Novos Poemas*, coletânea composta, como vimos no capítulo anterior, pelo poema “Duas variações sobre um mesmo tema” entre outros.

O pianista Arnaldo Estrela teceu elogios à laureada poetisa em reunião do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz realizada em Porto Alegre em agosto de 1952. Estrela reconheceu que o trabalho ativo de Lila em favor da paz refletia-se em sua obra literária,

⁸³¹ Sobre a Poesia. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.3, Nov.-Dez. 1953, p.94-96

⁸³² A poesia deve ter por finalidade a verdade prática. *Horizonte*, Porto Alegre, n.6, Jun. 1951, p.165

⁸³³ A poesia de Pablo Neruda. *Horizonte*, Porto Alegre, n.7, Jul. 1951, p.194

mostrando que ela havia compreendido que a “missão da poesia” era aproximar os homens.⁸³⁴

Em *Novos Poemas*, o poema “Ciranda” destacava-se na abordagem da paz:

Ó ciranda da esperança,
vamos todos cirandar.
Vamos criar a alegria,
vamos a paz alcançar!⁸³⁵

Lila Ripoll explorou o tema em tom lúdico, buscando motivar a confiança na conquista da paz. Já em outras passagens da coletânea, a quaraiense compôs versos sobre duros momentos do movimento operário gaúcho, como em “Elegia”, poema dedicado às vítimas da Chacina de Livramento:

Os homens tombaram,
tombaram sem medo,
singelos,
heroicos,
severos e graves,
à luz do luar.
[...]
Os homens tombados,
singelos,
heroicos,
severos e graves,
na rua estendidos,
calados estavam,
mas não esquecidos.
[...]
Rosales e Kulman,
irmão Aristides,
e tu, Abdias,
herói camponês,
– de vida singela,
de sonho tão alto –
esperem confiantes
que a aurora desponte
no céu de amanhã.
[...]⁸³⁶

Lila louvou a brava morte dos companheiros assassinados em 1950, elevando-os, em sua simplicidade e firmeza, a heróis da irremediável vitória do socialismo. O poeta sergipano Walter Sampaio, em colaboração a *Horizonte*, tratou a “nova” poesia de Ripoll como um caso

⁸³⁴ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.064. Título: Organizações estaduais. Boletim reservado nº158, datado de 1º de setembro de 1952.

⁸³⁵ RIPOLL, Lila. Ciranda. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.145-146

⁸³⁶ Que a aurora desponte no céu amanhã. *Horizonte*, Porto Alegre, n.4, Dez. 1950, p.3; RIPOLL, Lila. Elegia. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.142-144;

“característico da força criadora que a inteligência pode imprimir aos sentimentos” em contraste com a desesperança, o “saudosismo romântico doentio” e o “romantismo-pessimista que marcou todos os poemas dos seus livros anteriores”. Em sua opinião, em contato com os “grandes problemas humanos e sociais”, a poetisa havia evoluído e transformado sua poesia em “instrumento rico e ativo da causa da paz e do progresso”, ajudando, assim, a causa do povo.⁸³⁷ Na avaliação de Sampaio, a nova poesia de Lila era superior à produzida por ela anteriormente por ser fruto do controle da “inteligência” – capacidade de crítica e de projeção otimista – sobre os sentimentos – inclinação para o saudosismo e para o pessimismo inúteis, porque despidos de força mobilizadora.

Primeiro de Maio pode ser considerado ponto alto dessa fase da produção literária de Lila Ripoll. O extenso poema protestou contra o assassinato de trabalhadores na manifestação do Dia do Trabalhador na cidade de Rio Grande em 1950.⁸³⁸ Dividido em quatro partes – Festejo, Passeata, Angelina e Amanhã – a composição partiu da reunião dos manifestantes em clima festivo, passando para a organização da passeata em protesto pelo fechamento da Sociedade União Operária e a consequente ação da polícia, chegando aos trágicos assassinatos de Euclides, Honório, Osvaldino, o vereador Antônio Recchia e a tecelã Angelina, cantando, por fim, a imortalidade dos companheiros:

Morreram? Quem disse, se vivos estão!
Não morre a semente lançada na terra.
Os frutos virão.
Morreram? Quem disse, se vivos estão!
As flores de hoje, darão novos frutos.
Meus olhos verão.
[...]⁸³⁹

A poetisa anunciou que os camaradas permaneciam vivos na continuidade da luta dos trabalhadores, transmitindo clara mensagem de que as mortes em Rio Grande não haviam sido em vão, pois que eles haviam dado a sua parte para a vitória, que era certa e viria muito em breve. Na interpretação do historiador Mário Augusto San Segundo, essa última parte do poema anunciava que a luta servia para passar às gerações seguintes o exemplo dos mártires

⁸³⁷ A Nova Poesia de Lila Ripoll. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.6, Jun. 1952, p.167-168

⁸³⁸ O conflito entre polícia e trabalhadores em Rio Grande também foi abordado no romance *Linha do Parque*, do escritor paraense Dalcídio Jurandir.

⁸³⁹ Primeiro de Maio. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano IV, n.27, Mar.-Abr. 1954, p.54-56; RIPOLL, Lila. Primeiro de Maio. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.163-172

que brigaram pelo povo, e é exatamente assim lembrado até hoje na cidade: os operários que morreram por defender os trabalhadores.⁸⁴⁰

Lila Ripoll correspondeu ao que se esperava de um comunista dedicado à poesia, embora a crítica fora dos limites alcançados pelo Partido tenha silenciado na época e a crítica posterior inferiorizasse essa fase de sua produção poética.⁸⁴¹ No seio do Partido, um dos críticos mais exigentes em relação ao método do realismo socialista rendeu-se à poetisa. Em crítica publicada no jornal *Imprensa Popular* em 15 de junho de 1954, Dalcídio Jurandir explicou o quão difícil e importante era saber conciliar o conteúdo (“a série dos temas da revolução, da luta de classes, a luta pela paz, a simples venda de jornais operários, a coleta de dinheiro para o trabalho revolucionário, etc.”) e a forma na poesia. Para ele, longe de desejar se dedicar apenas ao deleite de suas habilidades poéticas, Lila conhecia tais dificuldades e encarava-as como uma questão política, reconhecendo a responsabilidade do seu “metier”. Seu trabalho, assim, era

uma atividade social não acessória, e sim a mais importante de sua militância. É a sua tarefa política “prática” de maior significação como combatente. Pois a sua poesia já faz parte, com os defeitos e as insuficiências que possa ainda revelar, do nosso movimento revolucionário.⁸⁴²

Ainda que apresentasse problemas e necessitasse ser aprimorada, a poesia de Lila Ripoll, no entender de Jurandir, cumpria sua função política. Críticas, homenagens e premiações formaram o que as fontes insinuam ter sido um circuito endógeno de consagração no movimento comunista internacional. No Brasil, uma vez alijados do sistema oficial, os escritores do PCB definiram critérios próprios ao seu espaço de atuação e reconstruíram itinerários de legitimação e de reconhecimento entre si. E é possível que tal aparato fosse utilizado como a “rede de proteção e solidariedade” identificada por Ridenti, no interior da qual se alimentava “o sentimento de pertencer a uma comunidade que se imaginava na vanguarda da revolução mundial e podia dar apoio e organização a artistas e intelectuais em

⁸⁴⁰ SAN SEGUNDO, Mário Augusto Correia. *Protesto operário, repressão policial e anticomunismo (Rio Grande, 1949, 1950, 1952)*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2009. p.138

⁸⁴¹ Na opinião Maria da Glória Bordini sobre o poema “Retrato”, por exemplo, “não se pode dizer que Prestes fosse o arcanjo terno e sensível que parecia à sua avó e a poesia de Lila se torna menor quando torce a verdade para os fins ideológicos de seu Partido”. Cf. BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1987. p.66

⁸⁴² APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 01.309. Título: Dalcídio Jurandir. F.149 – Dois poetas. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 15/06/1954.

luta por prestígio e poder, distinção e consagração em seus campos de atuação, para si e para o partido”.⁸⁴³

A temática do trabalhador foi explorada por Lila Ripoll e outros poetas nas páginas de *Horizonte*. Fosse do campo, fosse do porto, fosse, ainda, das minas, suas condições de trabalho foram denunciadas e suas lutas exaltadas pelos diferentes autores.⁸⁴⁴ Outros três temas tiveram na poesia o suporte preferido de abordagem: Luís Carlos Prestes, Stalin e o PCB.

De acordo com Dênis de Moraes, um dos pontos de sustentação do marxismo-leninismo-stalinismo foi o fascínio pelos líderes da causa, e a imprensa comunista empenhou-se na difusão do “culto à personalidade de Stalin” e, no caso brasileiro, de Luís Carlos Prestes, ambos vistos como personificações das virtudes humanas.⁸⁴⁵ Em *Horizonte*, desde 1951, pelo menos, o secretário geral do PCUS foi glorificado por poetas colaboradores da revista comunista, como nos trechos de Pompílio Vieira e Walkyria Neves Goulart que seguem:

[...]
Saudemos o campeão da Liberdade,
Que, rasgando dos povos a mortalha,
Fez refulgir o facho da Verdade!⁸⁴⁶
[...]
Esse Titan é Stalin! É Stalin que do caos
Como um deus criador faz surgir dos escombros,
Sob a força hercúlea dos seus largos ombros,
O Novo Mundo do novo homem redimido,
Do homem e da mulher libertos do pecado,
Irmanados no trabalho lado a lado,
Livres da escravidão, da miséria e da fome!

É Stalin, o assombroso campeão magnífico da Paz,
O filho predileto de Marx e Lenine,
O bem amado irmão do nosso amado Prestes!
O querido dos povos, o amigo das mães e das crianças,
O homem bondoso de atitudes mansas!
[...]⁸⁴⁷

⁸⁴³ RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.64

⁸⁴⁴ Em poema de Inez Soares de Carvalho, eram valorizadas características tais, como “humilde”, destacadas nas mãos “cansadas do trabalho”, “rudes” e “calosas” do trabalhador, sobre as quais repousava a força que transformava o mundo, que construía cidades e que detinha as bombas. Cf. Os homens aguardam o teu chamado. *Horizonte*, Porto Alegre, n.6, Jun. 1951, p.178. Heitor Saldanha e Laci Osório, entre outros, também colaboraram com poesias nessa linha em *Horizonte*. Cf. A epopeia dos filhos do mar. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, p.47-50; Sesmaria. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.230-231; Cincha Pinto. *Horizonte*, Porto Alegre, n.10, Out. 1951, p.348-349; Terceiro Turno. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano VI, n.30, Jan.-Abr. 1955, p.9

⁸⁴⁵ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.96

⁸⁴⁶ Soneto a Stalin. *Horizonte*, Porto Alegre, n.3, Fev.-Mar. 1951, p.78

Em linguagem tonitruante, os excertos falaram de Stalin como aquele que tiraria os povos da condição de mortos vivos em que se encontravam. Compararam-no a um deus com força física sobre-humana que construía o “Novo Mundo”, socialista (solidário, sem exploração, sem pobreza), a partir da caótica ordem do capital. Os últimos versos não deixavam suspeitas quanto à legitimidade de Stalin, colocando-o como descendente de Marx e Engels, além de irmão de Prestes, todos eles unidos pelo ideal revolucionário.

“O espaço concedido a Stalin na mídia do PCB” – segundo Moraes – “não teve paralelo.”⁸⁴⁸ Em *Horizonte*, além das passagens mencionadas, a edição de julho de 1953 foi toda em homenagem ao “inflexível e genial homem de aço”⁸⁴⁹, que havia falecido no começo daquele ano. Textos diversos afirmaram a contribuição decisiva de Stalin para o processo revolucionário mundial – tanto na prática quanto na teorização do marxismo – e várias poesias cantaram sua imortalidade (“[...] E a própria Morte contigo perdeu na batalha da Vida/Não é fim a tua existência;/Todos seguirão o grande Stalin” [...])⁸⁵⁰, dramatizaram sua figura com expressões grandiloquentes – “aquele que não se destrói”, “o de aço”⁸⁵¹ – e o colocaram numa relação íntima, fraterna e paternal com seus seguidores (“mestre”, “pai”, “grande amigo”, “imenso coração”⁸⁵²). Por tudo o que havia sido e feito, Stalin era aquele a quem a edição de *Horizonte* declarou sua saudade e sua gratidão, aquele para quem o mundo devia “todo um sonho de vida” e de paz.⁸⁵³

Jorge Ferreira, que estudou a construção de Prestes e de Stalin como heróis no imaginário comunista brasileiro, apoiou-se no “regime da dádiva” de Marcel Mauss para explicar por que o líder bolchevista significava mais que um símbolo político para os militantes do PCB. Conforme o autor, Stalin havia sido o homem que dedicara toda a sua vida à “causa dos oprimidos, pouco se importando consigo mesmo”, aquele que tinha cumprido suas tarefas “sem esperar reconhecimento ou recompensas”. Ou seja, “de maneira

⁸⁴⁷ A Stalin. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.2, Fev. 1952, p.51. Poemas de autoria de Beatriz Bandeira (sob o pseudônimo “Índia Júlia”), Laci Osório e Jaime Almeida também exaltaram o “camarada Stalin”: Canto a Stalin; Aniversário. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.10, Dez. 1952, p.274; Para Stalin com o meu abraço. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.10, Dez. 1952, p.275. Outros textos: O simples e humano camarada Stalin. *Horizonte*, Porto Alegre, n.10, Out. 1951, p.339

⁸⁴⁸ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.101

⁸⁴⁹ Traços biográficos de quem viveu uma das mais belas vidas. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.1, Jul. 1953, p.313

⁸⁵⁰ Stalin. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.1, Jul. 1953, p.302

⁸⁵¹ Stalin. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.1, Jul. 1953, p.302

⁸⁵² Nosso grande amigo. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.1, Jul. 1953, p.316

⁸⁵³ Homenagem póstuma. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano III, n.1, Jul. 1953, p.319

desinteressada, voluntária e espontânea”, o secretário geral do PCUS havia doado à humanidade bens cujos valores não podiam ser mensurados no mercado, despertando em revolucionários de vários países a resignação, a esperança e o dever de ter de retribuir. Muitos, sentindo-se incapazes de responder à altura, manifestavam seu reconhecimento, sua gratidão e seus sentimentos elevados.⁸⁵⁴

Moraes acentua que “a mídia partidária tratou de associar Prestes a Stalin, como referentes imaginários na produção do conhecimento e na libertação dos povos”. Ambos preenchem “o vazio deixado pela desilusão com o real imediato”.⁸⁵⁵ As edições de janeiro – mês do aniversário de Prestes – de 1951 e 1952 de *Horizonte* foram dedicadas ao “Cavaleiro da Esperança”. Esses números são ricos em textos sobre o líder comunista brasileiro e em sua homenagem, ilustrados com gravuras de Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti e Vasco Prado.

Em geral, os textos construía uma trajetória coerente para Prestes, resgatando de sua vida passagens que – colocadas numa narrativa linear – não deixavam dúvidas a respeito de seu destino heroico. Em texto não assinado da edição de 1951, retomou-se a Coluna Invicta, a passagem de Prestes pela Rússia, sua atuação na ANL e o período em que ficou “incomunicável” no cárcere, sem mencionar em momento algum que o PCB não o aceitou inicialmente e que só abriu suas portas para o “Cavaleiro da Esperança” sob ordens expressas de Moscou.⁸⁵⁶

Na edição de 1951, o jornalista José Gonçalves Thomaz saudou Prestes como exemplo de luta pela “libertação nacional” e pelo socialismo, bem como aquele que traria “a solução para os problemas da nossa cultura”. O secretário geral do PCB era não só o líder do processo de transformação socioeconômica no Brasil, mas também “o chefe da revolução cultural” do povo. As afirmações de Thomaz reforçavam a mensagem da capa daquela mesma edição, em que o líder comunista foi assinalado como “defensor incontestável da cultura popular, da nova cultura, do realismo socialista”.⁸⁵⁷ Para o referido jornalista, o papel da “intelectualidade de vanguarda” era aplicar o método do realismo socialista, fazendo uma literatura e uma arte de Partido, que refletissem os acontecimentos presentes e que igualmente ajudassem na luta da

⁸⁵⁴ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.243-246

⁸⁵⁵ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.100

⁸⁵⁶ Prestes, uma vida a serviço do povo. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, p.43

⁸⁵⁷ Homenagem. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, capa

libertação nacional.⁸⁵⁸ Na avaliação de Plínio Cabral, não havia ninguém melhor que Prestes para inspirar os escritores a criar heróis que servissem de estímulo e de exemplo: “Forjemos os heróis de nossa ficção no exemplo de abnegação e sacrifício do grande Prestes, na sua combatividade, no seu ardor, no seu afã pelo estudo, no seu amor à Pátria, ao socialismo, ao proletariado internacional.”⁸⁵⁹

Além das admiráveis características atribuídas a Prestes, chama atenção, em ambos os autores, a operação de aproximação do alto dirigente partidário ao trabalho artístico e literário, diferente do que ocorreu com Stalin. Primeiro: o homenageado estava comprometido com a transformação do cenário cultural brasileiro, algo que tocava artistas e escritores diretamente. Segundo: os intelectuais, em contrapartida, deveriam criar obras que auxiliassem seu líder, aplicando o método do realismo socialista e, ainda mais eficaz, moldando os heróis de sua ficção ao exemplo máximo do Partido.

Diversas poesias exaltaram a figura de Prestes.⁸⁶⁰ Em “Retrato”, Lila Ripoll, a exemplo de seus companheiros citados acima, destacou as qualidades do chefe do PCB e seu papel determinante para o êxito do comunismo:

[...]
Reconheço a figura, a fronte ampla,
o olhar audaz e manso ao mesmo tempo.
É ele, sim, é o grande Cavaleiro,
Cavaleiro de muitas esperanças.
[...]
Seu passo um dia contará nas pedras e humildes casas se iluminarão.
e à sua voz, de chama e tempestade,
responderá, sonoro e majestoso,
o canto triunfal de muitas vozes,
marcando a aurora da Libertação!⁸⁶¹

A descrição de Prestes feita por Lila oferecia subsídios para o que o leitor construísse uma imagem do descrito como alguém de porte físico imponente, olhar desafiador e sereno, dono de uma voz com poder devastador. Seguramente o poema contribuiu para que aqueles

⁸⁵⁸ Prestes depositário da cultura do proletariado. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, p.33

⁸⁵⁹ Prestes, o grande herói. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.2, Fev. 1952, p.52-59

⁸⁶⁰ Prestes, Prestes. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, p.32; El héroe Luiz Carlos Prestes. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, p.34-35; Prestes do Brasil. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.1, Jan. 1952, p.8-10; Tu, Prestes, chegas conosco. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr. 1952, p.91; A Semente. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr. 1952, p.96-97; Alvorada. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.10, Dez. 1952, p.268

⁸⁶¹ Retrato. *Horizonte*, Porto Alegre, n.5, Jan. 1951, p.38. O poema também foi publicado na edição do jornal comunista *Imprensa Popular* de 17 de fevereiro de 1951 e, de acordo com Moraes, com poema de Rafael Alberti, cobriu Prestes de louros. MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.105-106

que não conheciam o líder comunista brasileiro pessoalmente o representassem tal qual um deus da mitologia grega.⁸⁶²

Os demais textos publicados em *Horizonte* repetem-se na forma de abordar as figuras de Stalin e de Prestes. Para Moraes, a “fórmula reiterativa” – fazer insistentes referências aos mesmos aspectos – inculca nos seguidores “respeito pelos legatários da certeza revolucionária”.⁸⁶³ Respeito e admiração semelhantes só o Partido alcançou entre os escritores militantes.

A exemplo de “Duas variações sobre um mesmo tema”, poema de Lila Ripoll analisado no capítulo anterior, outros externaram sua veneração pela organização partidária, como “Canção de Amor”, de Ignez Soares de Carvalho:

[...]
– Amor é luta e coragem,
Amor é camaradagem,
É confiança, é esperança...
Amor é fraternidade,
É sonho, é realidade.

Amor é dever cumprido,
É a Paz, é o Partido.
Amor é a força do povo
Construindo o mundo novo...
[...]⁸⁶⁴

Nesse caso, parecia ter havido tal identificação entre a escritora e o Partido que sua demonstração de afeição abarcava não apenas a organização em si, mas tudo o que decorria de fazer parte dela, como a relação com os companheiros, as tarefas, a fé na força do proletariado etc. Os intelectuais, segundo Moraes, subscreviam as políticas arbitradas pelo Partido, como o caso de Dalcídio Jurandir, para o qual não havia como “pensar em florescimento literário no país” sem a influência do PCB, e o dos poetas Aluísio Medeiros e

⁸⁶² O historiador Jorge Ferreira relata que, em 1945, aos treze anos de idade, Maria Prestes via o “Cavaleiro da Esperança” como um deus por conta dos relatos a seu respeito, imaginava-o alto, forte, “um gigante” e o considerava uma personalidade que se tinha que cultivar. Cf. FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.266

⁸⁶³ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.97

⁸⁶⁴ Canção de amor. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.9, Out.-Nov. 1952, p.256

Jacinta Passos, que cumpriram sua parte compondo versos em gratidão e em celebração ao Partido.⁸⁶⁵

O PCB, por outro lado, patrulhava a produção de seus intelectuais. Algumas incursões, especialmente as realizadas por Diógenes Arruda, interferiram direta e autoritariamente sobre os escritores e suas obras, matando e ressuscitando personagens, impedindo traduções, ridicularizando poetas e romancistas etc.⁸⁶⁶ Claro deve ficar que as fontes consultadas para a presente pesquisa não informaram nenhuma medida dessa natureza para com os escritores comunistas do Rio Grande do Sul. Há indícios, porém, de trabalhos por encomenda do Partido, como o romance *Linha do Parque*, escrito por Dalcídio Jurandir, enviado pela direção à cidade de Rio Grande para criar um livro sobre os trabalhadores do porto.⁸⁶⁷

O caso Heitor Saldanha e de seu poema “As Galerias Escuras”, inspirado nos mineiros de São Jerônimo, requer maior levantamento de dados e estudo. Saldanha era muito ligado ao círculo de intelectuais comunistas, colaborador da revista *Horizonte*, membro da diretoria da seção gaúcha da ABDE e da comissão organizadora do IV Congresso Brasileiro de Escritores (entidade e evento dominados pelos militantes do PCB), signatário dos manifestos da campanha pela paz, além de ter a novela *Terreiro do João-Sem-Lei* publicada pela Gráfica Moderna, empresa do Partido, em 1953.⁸⁶⁸ O período de dois anos em que o poeta trabalhou nas minas de São Jerônimo, cidade próxima a Porto Alegre, onde encontrou tema para compor “As Galerias Escuras”, assemelha-se ao caso de Dalcídio Jurandir descrito acima.⁸⁶⁹ Contudo, até o momento, não há testemunhos que confirmem a filiação de Saldanha ao PCB. Cogitamos a hipótese de sua militância ter sido propositadamente resguardada com o objetivo de preservá-lo da perseguição policial, dos ataques da imprensa e, conseqüentemente, da maculação de sua reputação. Tal medida protegeria tanto o poeta quanto o Partido, para o qual seria vantajoso contar com um intelectual insuspeito em algumas tarefas. Um dado que aponta para essa possibilidade é um boletim elaborado pela polícia em 1951, no qual se

⁸⁶⁵ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.91

⁸⁶⁶ Id. Ibid. p.158-159

⁸⁶⁷ Moraes dá o exemplo também de Plínio Cabral, que teria reconstituído a “greve heroica” dos mineiros de carvão no interior do estado. Cf. Id. Ibid. p.160

⁸⁶⁸ RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Heitor Saldanha*. Porto Alegre: IEL: Fundo Nacional da Cultura, 1997. (Coleção Autores Gaúchos, v.2).

⁸⁶⁹ O poema foi publicado no livro *A Hora Evarista* somente em 1974. Cf. Para não esquecer Heitor Saldanha, o poeta da “Hora Evarista”. Disponível em: http://www.poaboa.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=111&Itemid=61. Acesso em: 20 jul. 2009

relatava a recomendação entre os comunistas de não documentar, nem controlar, a vida dos militantes e as finanças da organização, visto sua condição de ilegalidade; caso os registros fossem imprescindíveis, poderiam ser elaborados, desde que mantivessem todos os nomes cifrados. Recomendava-se, também, que os filiados não alimentassem o hábito do “bate-papo” em locais públicos com comunistas conhecidos pela “reação”.⁸⁷⁰

III.

No Rio Grande do Sul, a defesa da literatura e da arte comprometidas com o Partido foi endossada em *Horizonte* por meio de vários textos que discutiam o que implicava ser intelectual comunista naquele momento. A edição de agosto de 1951 divulgou artigo do dirigente comunista italiano Pietro Secchia. De acordo com o autor, pertencia, “verdadeiramente”, ao “Partido da classe operária” aquele intelectual que não se limitasse a um ato formal, que soubesse ligar completamente “a sua sorte à vida e à luta do Partido”, que trabalhasse, estudasse e lutasse cotidianamente pelo e com o Partido e “todos os intelectuais que se diz[ia]m democratas e, acima de tudo, os intelectuais comunistas, dev[ia]m dar sua maior contribuição”.⁸⁷¹ Ser intelectual comunista na década de 1950, a julgar pelo exposto, pressupunha abraçar um conjunto de exigências ligadas à sua condição social, mas também de ordem existencial, colocando a própria vida e o próprio destino à disposição da organização. Na avaliação de Secchia, a atuação do intelectual não podia destoar do trabalho realizado pelos demais camaradas:

Nós, comunistas, somos combatentes e queremos que os intelectuais de vanguarda sejam também combatentes e que seu trabalho de todos os dias não esteja em contradição com a causa pela qual lutamos. Queremos que haja uma maior ligação, que não haja contradição entre a atividade militante do comunista e a do intelectual.⁸⁷²

A atividade intelectual deveria ser também militante, voltada para a ação, e não apenas contemplativa.⁸⁷³ O escritor comunista, enquanto intelectual, tinha o dever de colocar sua capacidade criativa à disposição do Partido, seguindo humildemente suas orientações, pois

⁸⁷⁰ NPH. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19 – [G] CX.612 – Disco 9 – F. 1217-1204 – Ofício nº1192, datado de 05/11/1952, com Boletim de Informações nº42 datado de 21/09/1951 anexo. F.1211 e 1210

⁸⁷¹ O Partido e os Intelectuais. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.225. Grifos nossos.

⁸⁷² O Partido e os Intelectuais. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.225

⁸⁷³ Em editorial assinado por Fernando Guedes e nos manifestos publicados em *Horizonte* já mencionados nesse capítulo, fica-nos evidente que, por intelectuais, eram compreendidos aqueles que desenvolviam atividades (de

Por que haveria a literatura de diferir, neste ponto, das outras armas do Partido? Certamente, ela tem caracteres que lhe são próprios. Mas, todas as outras armas do Partido também têm, cada uma, seus caracteres próprios. [...] as diferenças entre elas residem nos meios, mas não na direção do golpe a dar. [...] Por que haveria a literatura de ser uma arma de espécie tão particular que não possa nunca ter a ambição de ferir, também ela, no coração?⁸⁷⁴

Nesse trecho, de autoria de André Still, redator-chefe do diário francês *Humanité*, reconhecia-se as particularidades da atividade literária, mas também explicava-se que, uma vez inserida na luta pela revolução, tal qual as demais iniciativas do Partido, ela tinha a mesma importância e o mesmo dever de enfraquecer o inimigo. Para Still, a contradição entre o trabalho do escritor e o do militante era ilusória, porque “sob o efeito do trabalho de militante”, poder-se-ia e se deveria criar, e “efetivamente se cria[va] um tipo novo de trabalho de escritor, em que a escrita se assimila[va] cada vez mais à ação.” O autor julgava haver “troca e ajuda recíprocas” entre a ação militante e o ato de escrever. Por isso o melhor para aquele que se dedicava à literatura era viver a vida de Partido profundamente.⁸⁷⁵

Secchia e Still escreviam a partir das realidades italiana e francesa. Mas, se Fernando Guedes selecionou tais textos para compor as edições de *Horizonte*, presume-se que concordava com as posições neles contempladas e que desejava somá-las à linha da revista e ao debate sobre os intelectuais comunistas no Brasil. Ao abordar essa questão pela perspectiva brasileira, Guedes associou a atividade do intelectual militante aos pontos do Manifesto de Agosto, documento publicado em 1950 e que orientou a ação dos comunistas até meados daquela década.

O diretor de *Horizonte* caracterizou o referido manifesto como o “maior documento político de nossos tempos”, que continha “uma análise magistral da realidade de nossos dias, nele são elaboradas as teses fundamentais da atual etapa da Revolução Brasileira”. Os nove pontos nele propalados configuravam “o roteiro de nosso povo na luta pela emancipação nacional” e um “guia para a ação”, também dos “intelectuais progressistas”, mas “sob a direção do proletariado”, na luta revolucionária pela libertação do jugo imperialista. Para o

criação, de transmissão etc.) – profissionais ou não – ligadas ao esforço do intelecto ou decorrentes do amadurecimento intelectual por meio do ensino superior, podendo fazer parte desse grupo: médicos, dentistas, advogados, arquitetos, agrônomos, musicistas, pintores, escultores, jornalistas, escritores, poetas, críticos literários, teatrólogos, professores e, ainda, estudantes. Cf. Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano IV, n.26, Jan.-Fev. 1954, p.3

⁸⁷⁴ O Militante e o Escritor. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.7, Jul. 1952, p.174-177

⁸⁷⁵ O Militante e o Escritor. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.7, Jul. 1952, p.174-177

autor, o papel dos intelectuais em países semicoloniais, como o Brasil, era fazer com que sua arte exprimisse a consciência do povo e contribuísse para desenvolver e fortalecer essa consciência. O Manifesto de Agosto constituía-se, no seu entender, o “roteiro seguro” para o “florescimento cultural em nossa terra”, e o intelectual deveria mostrar sua adesão a ele por meio de “uma arte de conteúdo revolucionário, de uma arte nacional e popular”, “inspirada no povo” (na vida dos homens simples, usando, inclusive, suas formas de expressão).⁸⁷⁶

O dever dos intelectuais, no então estágio do processo revolucionário no Brasil, era colocar sua produção em sintonia com o programa de ação estabelecido por Prestes. Por meio de uma arte popular – de acordo com os preceitos do realismo socialista – esses militantes tinham a responsabilidade de agir sobre a realidade, a fim de despertar e de reforçar a consciência da população para a necessidade de tomar parte na luta pela emancipação do país.

Ao fazer um balanço da adesão de intelectuais ao PCB, em artigo publicado em 1952, Fernando Guedes considerou que, diante da insatisfação com os problemas da nação (a miséria, a dominação estrangeira, o analfabetismo etc.), para a manutenção dos quais a política cultural da então classe dominante contribuía bastante, “grande número de elementos pertencentes à intelectualidade média” do país havia ingressado no Partido e aceitado sua orientação.⁸⁷⁷ As condições de produção no âmbito da cultura, particularmente, também descontentavam essa parcela da sociedade. As poucas possibilidades criadas pelo Governo em matéria de arte colaboravam para que grande parte das obras-primas universais continuasse desconhecida no país. Os atuais dirigentes brasileiros também não ofereciam estímulo aos artistas e impunham restrições ao intercâmbio cultural e à importação de livros. O Partido Comunista – concluía o diretor da revista – era a única força que lutava pelo desenvolvimento da cultura nacional e o “autêntico defensor” do patrimônio cultural brasileiro, ameaçado pelo imperialismo.⁸⁷⁸

O médico comunista reconhecia que os problemas de ordem política, econômica e social não eram os únicos a motivar a adesão e a permanência de intelectuais no PCB naqueles últimos anos. Fatores relativos à produção cultural, sobretudo a ausência de fomento e de abertura governo brasileiro para intercâmbios e importações (trecho no qual, provavelmente, o autor se referia às relações entre Brasil e União Soviética) também haviam

⁸⁷⁶ As Intelectuais e o Manifesto de Agosto. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.220-221

⁸⁷⁷ Os intelectuais brasileiros e o P.C.B. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr. 1952, p.89

⁸⁷⁸ Os intelectuais brasileiros e o P.C.B. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr. 1952, p.89

tido forte influência. O Partido, na medida de suas limitações, devido à clandestinidade, oferecia condições para a produção artística e literária, desde que obediente à sua orientação.

De acordo com Dênis Moraes, no IV Congresso do PCB, realizado de dezembro de 1954 a fevereiro de 1955, a organização começou a flexibilizar o seu ideário, tornando novas orientações – contra a luta armada – conhecidas do conjunto de militantes e “compreendidas pelas massas”.⁸⁷⁹ Em preparação para esse grande evento partidário, *Horizonte* publicou artigo do advogado e ex-deputado estadual Júlio Teixeira sobre o papel dos intelectuais naquele novo contexto. Na visão de Teixeira, o IV Congresso daria os “rumos certos da revolução brasileira” e daria à “intelectualidade progressista” os instrumentos para realizar sua “tarefa histórica” de “derrotar a já decadente intelectualidade que serv[ia] à causa do atraso da Nação e dos inimigos da cultura nacional”. Tendo em vista que exerciam “grande influência sobre a massa popular”, que aguardava por uma “palavra esclarecedora”, “os homens de estudo” eram os que maior responsabilidade tinham naquele momento.⁸⁸⁰

A linha do Partido havia mudado novamente. Os intelectuais precisavam se adaptar a ela e continuar usando o que de melhor tinham e sabiam fazer – sua credibilidade e sua cultura, no sentido de um conhecimento de que a maioria não dispunha – para ajudar a colocar em prática a nova orientação e, enfim, derrotar os intelectuais alinhados ao governo.

Uma das formas de combatê-los era a crítica literária. Em *Horizonte*, Fernando Guedes foi feroz crítico da obra dos que julgava serem seus adversários. Além do combate à literatura norte-americana – em especial, aos romances policiais e às histórias em quadrinhos – os romances de Erico Verissimo foram o principal alvo de seus ataques.

O escritor de Cruz Alta publicou *O Retrato*, segunda parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, pela Editora Globo em 1951. Nos primeiros meses do ano seguinte, Fernando Guedes publicou crítica sobre a obra na revista do Partido, chamando atenção para os problemas que identificava e explicando o que Verissimo, em sua opinião, deveria ter feito. Na apreciação de Guedes, *O Retrato* era um livro enfadonho e monótono, apresentava cenas imorais (pornográficas) e tipos falsos, artificiais e sem valor algum, mesmo literário, que desenvolviam ações descoladas do meio e do tempo. Erico Verissimo, na verdade, deveria ter se inspirado em elementos representativos das várias camadas sociais do Rio Grande do Sul e

⁸⁷⁹ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.69

⁸⁸⁰ A intelectualidade e o IV Congresso do P.C.B. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano IV, n.29, Nov.-Dez. 1954, p.123-124

traçado o perfil da sociedade gaúcha por meio deles. O médico ainda criticou a posição favorável do romancista em relação aos Estados Unidos, atribuindo a essa posição sua incapacidade de escrever obra de valor sobre o estado.⁸⁸¹

Quatro anos mais tarde, o autor premiado juntamente com Dyonélio Machado na década de 1930 continuava recebendo o desprezo de Fernando Guedes. Por ocasião do lançamento de *Noite*, também pela Editora Globo, o crítico de *Horizonte* afirmou que o romancista não apresentava nada de novo, que seu último trabalho era igual a outros que inundavam o “mercado de livros”; constituía-se em obra “altamente pornográfica”, que só havia sido publicada pelas facilidades editoriais do autor. *Noite* configurava-se, no julgamento de Guedes, no epílogo de um processo de afastamento da realidade brasileira e de mudança de posição política de Erico Verissimo, trajetória evidente nos personagens, carentes de ligação com as camadas populares, problema para o qual o crítico apontou solução:

O caminho da intelectualidade rio-grandense só pode ser o do realismo, fruto do racionalismo. De um realismo que nos ligue ao povo, à defesa de nossa cultura e de nossas tradições; que nos leve à compreensão do homem rio-grandense e, por seu intermédio, ao homem universal.⁸⁸²

Fernando Guedes desqualificou o romance, ao afirmar que reproduzia uma fórmula saturada, e colocou em dúvida o mérito de seu autor, ao atribuir a publicação às boas relações que Verissimo mantinha com a Editora Globo. O médico procurou intervir na sensibilidade do leitor, avaliando *A Noite* e julgando seu criador do ponto de vista marxista-leninista e da perspectiva do realismo socialista. Ambos, para Guedes, perdiam em qualidade por estarem descolados da realidade brasileira, resultado da condenável opção de Erico pela aproximação com os Estado Unidos – inimigo-mor dos comunistas. Nem a obra, nem seu autor, serviam de exemplo. Se desejassem produzir uma obra de valor – isto é, que fosse útil para compreender o homem universal –, os intelectuais gaúchos precisariam se aproximar do povo, da cultura e das tradições sul-rio-grandenses. Nesse sentido, eles já tinham em quem se espelhar. Simões Lopes Neto abria o caminho muito tempo antes. Por meio de sua obra, os comunistas estavam sendo chamados a cantar o “novo homem nascido com o Socialismo”.⁸⁸³

Poderíamos cogitar a possibilidade de os ataques do crítico comunista ao romancista por ele criticado terem sido motivados pelo ressentimento de quem não estava em evidência,

⁸⁸¹ A propósito de “O Retrato”. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr. 1952, p.113-115

⁸⁸² “Noite” Uma Novela do Absurdo. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano VI, n.30, Jan.-Abr. 1955, p.5-6 e 25

⁸⁸³ “Noite” Uma Novela do Absurdo. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano VI, n.30, Jan.-Abr. 1955, p.5-6 e 25

tal como Lídia Moschetti e suas críticas às “panelinhas” da Globo na década de 1940. Contudo, parece-nos que as divergências do primeiro em relação ao segundo eram de ordem política, devido à aproximação de Erico Verissimo com os Estados Unidos. Em 1955, este ocupava a direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana e, de 1941 até aquele momento, já havia sido convidado pelo Departamento de Estado norte-americano para proferir conferências e ministrar aulas sobre literatura brasileira da Universidade da Califórnia.⁸⁸⁴

Outro crítico, Manoel Luiz, avaliou a postura de Erico Verissimo, enquanto intelectual, a partir de suas “atitudes políticas” e foi extremamente duro. Ele comparou o romancista a Getúlio Vargas, classificando-os como “homens dúbios”, porque acreditava que ambos não aspiravam a uma transformação radical na sociedade. O Erico cidadão tanto quanto o escritor eram “fundamentalmente burgueses” e oportunistas: “Como nas raposas políticas em véspera de eleição, temos em Erico Verissimo, em véspera de publicação de livro, o falso patriota, o politicastro que ‘descobre’ o Brasil, se ‘alarma’ em face da miséria de seus irmãos e ‘se revolta’ em virtude da incúria governamental.”⁸⁸⁵ Os comentários de Manoel Luiz foram impiedosos, ofendendo abertamente o caráter do romancista cruz-altense, afirmando que só demonstrava preocupação com as questões candentes no país quando queria chamar atenção sobre si em virtude de uma nova publicação, tal como alguns homens da política em véspera de eleição que, artilosa e estrategicamente, manifestavam súbito interesse pelos problemas do povo com o único objetivo de conquistar votos.

Alguns desses ataques não ficavam sem resposta. A publicação do livro *Retrato Sincero do Brasil*, de autoria do pernambucano Limeira Tejo, pela Editora Globo, rendeu crítica de Fernando Guedes com a qual o autor não concordou e dirigiu, segundo a então diretora de *Horizonte*, “uma série de desaforos contra nosso redator, nossa revista e o Partido Comunista”.⁸⁸⁶

Em artigo especial para o jornal *Correio do Povo*, Limeira Tejo, em um primeiro momento, explicou ser um “liberal” e, enquanto tal, não morrer de amores pelos atos repressivos que grassavam nos Estados Unidos, nem pelo “despotismo soviético”. Por adotar tal posicionamento, enfrentava fogo cruzado de ambos os lados. Aqueles que simpatizavam

⁸⁸⁴ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Memórias. 1º Volume. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p.277, 280 e 306

⁸⁸⁵ Erico Verissimo “Intelectual de Partido”. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.1, Jan. 1952, p.20-21

⁸⁸⁶ O mês em toda parte. O “sociólogo” perdeu a cabeça. *Horizonte*, Porto Alegre, n.6, Jun. 1951, p.183. Não localizamos a crítica ao livro de Limeira Tejo.

com os Estados Unidos consideravam-no um “inocente útil” aos comunistas; estes, por sua vez, acusavam-no de, sob o disfarce da neutralidade, “destilar ódio pela União Soviética”.⁸⁸⁷ Tal explicação serviria para, em seguida, o escritor se defender das críticas ao seu mais recente livro: “[...] não dedico à Rússia o rancor que, numa **pseudocrítica** do ‘Retrato Sincero do Brasil’, um comunista inexplicavelmente descobriu”.⁸⁸⁸ Ao mesmo tempo em que desdisse o crítico de *Horizonte*, Limeira Tejo começou a diminuí-lo, insinuando que apresentava como legítima uma crítica falsa. A avaliação de Guedes não era válida para o escritor pernambucano, pois ele não considerava o comunista habilitado para tal trabalho. Sua estratégia para se proteger dos ataques sofridos foi desqualificar seu opositor:

Minha posição não agrada realmente aos comunistas, os quais – diferentemente de mim – não estão interessados em criar dignas condições de existência para os espoliados de toda a terra e, sim, em usá-los como instrumentos para a tomada de um poder que exercerão da maneira mais sanguinária possível. Não é de admirar que mandem **o mais obtuso e despeitado de seus escribas** deturpar meus conceitos e falsificar minhas intenções, sob o pretexto de fazer uma crítica de meu livro. Avalio quanto o desespera o fato do meu volume já se encontrar na terceira edição, pois se denuncia quando diz que o mesmo “tem despertado alguma expectativa”. Ou será que ele não sabe o significado da palavra expectativa? Posso calcular sua **agonia de invejoso** por não poder fazer com que me cubra de cinzas perante ele, como Shostakovitch, Prokofieff, Radek e tantos outros se cobriram diante de Stalin.

Mas, por que não procurou ele condenar minha obra de acordo com sua doutrina? Será que o PCB está tão à míngua de teóricos cultos e inteligentes, que teve de lançar mão de um **subliterato** de “ação direta”, **com todas as limitações mentais de um fanático**, para destruir **com pedradas** um trabalho que só poderia ser repellido à luz dos critérios históricos, ou ideológicos, do Partido? Ou será que para fazer uma experiência com **um sem-nome**, concluíram que a melhor publicidade seria lançá-lo de **dentes arreganhados** contra um escritor que tem público?⁸⁸⁹

O escritor ofendido colocou em dúvida as intenções dos comunistas brasileiros para com os desfavorecidos e os associou à visão despótica que tinha de Stalin. Ele tocou em dois pontos de bastante orgulho para os militantes do PCB: o compromisso que mantinham com a classe operária e com a revolução e a imagem irretocável que tinham de Stalin. Para Tejo, acostumados a enganar na política, iludindo o povo para, com seu apoio, assaltar o poder e instaurar um regime de crueldades, os comunistas haviam selecionado um mau escritor, pouco inteligente e ferido em sua pretensão de reconhecimento – uma pessoa sem credenciais, portanto – para criticar seu livro. Na sequência, o pernambucano seguiu desferindo seus ataques ao que parecia ser caro aos escritores: a vaidade. Uma vez que era pessoa

⁸⁸⁷ Posição frente ao comunismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/05/1951, p.4

⁸⁸⁸ Posição frente ao comunismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/05/1951, p.4. Grifos nossos.

⁸⁸⁹ Posição frente ao comunismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/05/1951, p.4. Grifos nossos.

absolutamente desconhecida no meio literário, Guedes não possuía reputação para desacreditar o trabalho de um escritor consagrado. Limeira Tejo, numa pergunta retórica, cogitou a possibilidade do Partido ter decidido que, diante disso, a crítica ao livro *Retrato Sincero do Brasil* surtiria mais efeito se o autor – alguém cujo apego exagerado e descontrolado à ortodoxia partidária havia comprometido a lucidez – escrevesse com ferocidade instintiva, para não dizer primitiva, seus comentários desfavoráveis, ao invés de usar o raciocínio sofisticado que se esperava de uma crítica literária.

O episódio sugere-nos que os critérios de consagração aceitos e usados entre os comunistas, bem como os militantes autorizados a julgar textos literários a partir desses parâmetros, não eram reconhecidos além dos limites do Partido. Uma vez adotado o método do realismo socialista e assumida a postura esperada de um intelectual comunista, os escritores do PCB acabavam circunscritos ao circuito endógeno de consagração. No controle da Associação Brasileira de Escritores desde 1949, como vimos no quarto capítulo, a definição dos problemas legítimos à produção da arte e da literatura brasileiras por esses indivíduos pautou-se pelos princípios que embasavam as regras da arte no seio do movimento comunista.

IV.

A edição de setembro de 1951 da revista *Horizonte*, então dirigida por Lila Ripoll, reproduziu texto de Samuel Sillen, membro do Partido Comunista dos Estados Unidos. Publicado originalmente em abril daquele ano no jornal *Masses and Mainstream*, órgão literário oficial daquela organização, o artigo abordava o que representava ser escritor “honesto” (entenda-se, comunista) naquele país, partindo de uma referência a Karl Marx: “O escritor, naturalmente, precisa ganhar a vida para existir e escrever, mas não deve existir e escrever a fim de ganhar a vida.”⁸⁹⁰

A citação carregava uma mensagem em tom de crítica. Para Marx, o escritor não deveria se manter financeiramente por meio de sua literatura. Ele deveria, contrariamente, garantir seu sustento financeiro para, então, sem relação de dependência, produzir seus textos literários. Lila Ripoll escolheu o artigo com tal menção para compor o número de *Horizonte* que antecedeu o IV Congresso Brasileiro de Escritores, previsto para o fim daquele mês. O

⁸⁹⁰ O Escritor como Herói. *Horizonte*, Porto Alegre, n.9, Set. 1951, p.275

caráter que a poetisa atribuía ao evento, em harmonia com a sentença de Marx, ficou claro no editorial daquela edição: “Não se trata de uma simples reunião de profissionais das letras e de seu exclusivo interesse.”⁸⁹¹ Além da questão dos direitos autorais, de forma e de conteúdo da literatura, o encontro deveria tratar dos seguintes temas: os problemas de difusão da instrução pública; o folclore; a defesa do patrimônio cultural brasileiro, bem como a divulgação e o estudo dos elementos populares e democráticos da cultura brasileira; as perspectivas de atividade cultural no país face às tendências e objetivos da cultura moderna; a adaptação da literatura para o rádio e o cinema; os problemas do teatro brasileiro; a literatura infantil; a literatura científica e didática; o jornal e a revista; o intercâmbio cultural e as questões relativas à aquisição do livro estrangeiro; o livro nacional, sua defesa e divulgação; a defesa da cultura e a paz; o escritor e a defesa da liberdade.⁸⁹²

O recorte dos temas previstos para o IV Congresso mostrou-se orientado pelas preocupações do PCB e do movimento comunista internacional no início da década de 1950, evidenciadas em, pelo menos, três pontos: (1) a divulgação e o estudo dos elementos populares da cultura brasileira e (2) a defesa e a divulgação do livro nacional relacionavam-se à intenção de produzir arte e literatura inspiradas nas camadas populares e orientadas para a emancipação do país; (3) a defesa da cultura e a paz transportava para o conclave um objetivo do comunismo internacional, generalizando a importância que essa questão tinha para os escritores comunistas. Na avaliação de Lila Ripoll, a Comissão Organizadora havia feito muito bem em incluir a defesa da paz no temário do evento e em prever a luta pela manutenção da paz em sua declaração de princípios, pois era “inerente à missão do escritor a defesa da Paz”, “indispensável ao desenvolvimento cultural de um povo”. Arte, cultura e paz eram conceitos que se completavam.⁸⁹³

A poetisa de Quaraí havia sido recentemente reeleita para a presidência da seção gaúcha da ABDE, cuja diretoria também estava composta por Reynaldo Moura, na vice-presidência (reeleito); Marcos Iolovich, 1º secretário (reeleito); Juvenal Jacinto, 2º secretário (reeleito); e Laci Osório, tesoureiro. No Conselho Fiscal, atuavam Manoelito de Ornellas (reeleito), Teresa de Almeida e Heitor Saldanha.⁸⁹⁴ Com exceção de Reynaldo Moura, Manoelito de Ornellas e Teresa de Almeida, os demais eram todos militantes ou simpatizantes

⁸⁹¹ Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, n.9, Set. 1951, p.252

⁸⁹² Os Escritores Brasileiros em Marcha para o Congresso. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.233

⁸⁹³ Editorial. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.219

⁸⁹⁴ Os Escritores Brasileiros em Marcha para o Congresso. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.232

do PCB. Tanto a Comissão Nacional de Organização do IV Congresso, como a Comissão Estadual, eram majoritariamente integradas por escritores comunistas.⁸⁹⁵ Como presidente da ABDE/RS, Lila teve atuação destacada nos preparativos do encontro, que foi realizado nas dependências do Theatro São Pedro e do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Industriários, contando com a cobertura completa da revista *Horizonte* e com a supervisão atenta da polícia.

A abertura do evento ao público teria facilitado a inserção de dois agentes policiais na plateia. Mesmo agindo “de modo discreto”, foram reconhecidos por alguns militantes, visto que observavam suas atividades havia muito tempo.⁸⁹⁶ A polícia, porém, não teve dificuldades em substituir os funcionários, os quais apresentaram amplo relatório, por meio do qual temos acesso a divergências não relatadas nas reportagens da equipe de *Horizonte*.

De acordo com os agentes infiltrados, as discordâncias com a defesa da paz – pauta que evidenciava a “dominação vermelha” do IV Congresso – provocaram reações contra a orientação política que se pretendia dar ao evento. Josué Guimarães, um dos membros da Comissão de Organização, declarou-se contrário e foi excluído do grupo.⁸⁹⁷ Para além dos envolvidos diretamente na preparação no encontro, um grupo de escritores gaúchos havia fundado uma entidade paralela, a Sociedade de Homens de Letras do Rio Grande do Sul, tendo à frente Erico Verissimo, “escritor de fama internacional”.⁸⁹⁸ Uma reportagem do *Correio do Povo* divulgou a criação da sociedade, afirmando ter ela o “programa de defesa dos interesses dos **verdadeiros e legítimos** homens de letras do Rio Grande do Sul”, numa

⁸⁹⁵ Na Comissão Nacional, estavam: Cleto Seabra Veloso, Alexi Viany, Alina Paim, Álvaro Dória, Álvaro Moreyra, Aníbal Machado, Antônio Chediack, Ary de Andrade, Atílio Milano, Augusto Lopes Gonçalves, Branca Fialho, Carlos Sussekind de Mendonça, Carrera Guerra, Castro Barreto, Dalcídio Jurandir, Edson Carneiro, Fernando Segismundo, Floriano Gonçalves, Gentil de Castro, Graciliano Ramos, Herbert Moses, Homero Homem, Homero Pires, Jacinta Passos, James Amado, José de Castro Goiânia, Josué de Castro, Laura Austregésilo, Miécio Tati, Milton Pedrosa, Moacyr Werneck de Castro, Murilo Araújo, Neves Manta, Porto da Silveira, Renato Alencar, Rivadávia de Souza, Orígenes Lessa e Túlio Chaves. Na Comissão Estadual: Reynaldo Moura, Josué Guimarães, Manoel Braga Gastal, Tasso Vieira de Faria, Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Juvenal Jacinto, Marcos Iolovitch, Inês Soares de Carvalho, Edith Hervé, J. Moura Vale, Flamarion Silva, Paulo Gouveia, Orlando Loureiro, Beatriz Bandeira, João Bergman, Carlos Scliar, Plínio Moraes (Isaac Axelrud), Nelson de Assis, Pércio Pinto, Plínio Cabral, Manoel Luiz da Costa, Claudio Mércio, Antônio Del Arroyo, Rubens Vidal, Fernando Guedes, Heitor Saldanha, Vicente Moliterno, Teresa de Almeida e Leonor Scliar Cabral. Cf. Os Escritores Brasileiros em Marcha para o Congresso. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.232

⁸⁹⁶ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 01.557. Título: Congresso Brasileiro de Escritores, 4º. Relatório do Serviço de Informações datado de 12 de outubro de 1951. Fls.23

⁸⁹⁷ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 01.557. Título: Congresso Brasileiro de Escritores, 4º. Relatório do Serviço de Informações datado de 12 de outubro de 1951. Fls.6

⁸⁹⁸ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 01.557. Título: Congresso Brasileiro de Escritores, 4º. Relatório do Serviço de Informações datado de 12 de outubro de 1951. Fls.7

provocação direta aos escritores da ABDE.⁸⁹⁹ Em entrevista ao referido jornal, Verissimo expôs os objetivos da agremiação:

O objetivo da Sociedade dos Homens de Letras do Rio Grande do Sul é defender os **interesses materiais** dos escritores deste Estado. A nova entidade foi fundada por vários escritores que, há coisa de dois ou três anos, pediram demissão da ABDE por discordarem da orientação da mesma.

Tudo faremos para que a Sociedade de Homens de Letras do Rio Grande do Sul **jamais se preste a manobras políticas** de qualquer natureza.⁹⁰⁰

De acordo com o romancista, o grupo de escritores gaúchos que havia deixado a ABDE em 1949 – por discordar da orientação política impressa a esta (ficando, assim, sem um órgão por meio do qual discutir e reivindicar questões relativas à atividade intelectual que desenvolviam) – decidiu, em 1951, criar uma nova entidade para defender sua sobrevivência financeira, tomando o devido cuidado de não permitir que a organização fosse usada para fins políticos. Darcy Azambuja também concedeu entrevista ao *Correio do Povo*, reafirmando que todos na Sociedade eram livres para manifestar suas distintas opiniões, as quais se coadunavam num ponto: a necessidade de se defender os direitos materiais do escritor.⁹⁰¹

Esses “homens de letras”, no entanto, poderiam ter criado a nova entidade em outro momento. A escolha do dia 23 de setembro de 1951 para levar a público o surgimento da agremiação, dois dias antes do início do evento da ABDE, sugere-nos a adoção de uma estratégia para tornar mais amplamente conhecida sua contraposição em relação aos escritores da Associação, mas também para chamar a atenção dos adversários e lhes mostrar que não possuíam o monopólio das questões relativas à literatura no estado, como poderiam estar imaginando. Outra possível finalidade seria desviar a atenção do IV Congresso, demonstrando perante o público que os “verdadeiros e legítimos escritores” não tomariam parte dele e contribuindo, assim, para apresentar uma imagem do evento como não representativo do conjunto de escritores gaúchos.

⁸⁹⁹ A Sociedade dos Homens de Letras e o momento atual. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23/09/1951, p.32. Grifos nossos. A entidade abrigou, inicialmente, Antônio Acauã, Álvaro Magalhães, Athos Damasceno Ferreira, Carlos Dante de Moraes, Darcy Azambuja, Dámaso Rocha, Dante de Laytano, Erico Verissimo, Edgar Luiz Schneider, Francisco Fernandes, Guilhermino Cesar, Hamilcar de Garcia, Hugo Ramirez, Coelho de Souza, Nogueira Leiria, Mario Quintana, Manoelito de Ornellas, Moysés Vellinho, Mem de Sá, Othelo Rosa, Paulo Correa Lopes, Paulo Hecker Filho, Raul Cauduro, Rui Cyrne Lima, Salgado Martins, Telmo Vergara e Valter Spalding.

⁹⁰⁰ A Sociedade dos Homens de Letras e o momento atual. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23/09/1951, p.32. Grifos nossos.

⁹⁰¹ A Sociedade dos Homens de Letras e o momento atual. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23/09/1951, p.32

Os ataques aos congressistas não partiram somente dos integrantes da nova entidade. O *Correio do Povo*, além de cobrir o lançamento da Sociedade de Homens de Letras, concedeu ínfimos espaços, mediante pagamento, ao encontro da ABDE. O *Diário de Notícias*, por sua vez, veiculou matéria que questionava o caráter eminentemente literário e democrático do conclave, afirmando que se tratava, na verdade, de um estratagema do “inextinto” PCB, que, por meio de “organizações legais”, seguia com sua “agitação, doutrinação e proselitismo marxistas”.⁹⁰² A ideia de que o congresso não deveria se ater a questões políticas, por serem estas alheias ao mundo da literatura, parecia ter certa repercussão na sociedade. O policial autor do relatório sobre o evento, por exemplo, comentou no documento que “as verdadeiras finalidades” daquela ocasião “deveriam se reduzir aos interesses dos escritores brasileiros”, sugerindo que política (ou política de esquerda) constituía-se em matéria de ordem mais ampla e não fazia parte dos problemas legítimos dos produtores de literatura.⁹⁰³

Havia divergências também entre os participantes do encontro. Duas correntes se delinearam nos últimos dias, resultando na apresentação de duas declarações de princípios. Uma delas, a que se chamou “democrática”, era composta por escritores das delegações de Pernambuco, Minas Gerais e Alagoas; a outra, formada pelos comunistas, era mais numerosa e, por essa razão, venceu no plenário.⁹⁰⁴

A declaração de princípios vitoriosa trazia um conjunto de resoluções que, apresentando-se afinadas à defesa dos interesses da profissão e do “efetivo desenvolvimento da cultura nacional”, deveriam servir de base para um programa de ação. Entre elas, previa-se a elaboração do Código de Proteção ao Trabalhador Intelectual; ações de preservação do livro nacional em relação à concorrência estrangeira; a luta pela ampliação do mercado interno e pelo barateamento do livro; a reivindicação de mais orçamento para a instrução pública e para a instituição de prêmios de estímulo à produção literária e artística, sob patrocínio ou colaboração da ABDE; a criação de condições favoráveis à elaboração de uma literatura infanto-juvenil que estimulasse sentimentos de amor à Pátria e de fraternidade (numa referência às histórias em quadrinhos, consideradas violentas); o protesto contra a lei de

⁹⁰² A reunião que hoje se instala em Porto Alegre. Congresso de escritores ou alto-falante passivo da agência Tass? *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 25/09/1951, p.14

⁹⁰³ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 01.557. Título: Congresso Brasileiro de Escritores, 4º. Relatório do Serviço de Informações datado de 12 de outubro de 1951. Fls.8

⁹⁰⁴ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 01.557. Título: Congresso Brasileiro de Escritores, 4º. Relatório do Serviço de Informações datado de 12 de outubro de 1951. Fls.18

segurança e demais medidas que cerceavam a liberdade de pensamento; a defesa do livre intercâmbio científico e cultural entre todas as nações (prejudicado pelo rompimento de relações diplomáticas entre Brasil e União Soviética em 1947); a preconização do entendimento entre todas as potências (alusão à paz); a defesa da soberania nacional e a independência do povo brasileiro (um dos eixos de luta do PCB); a transformação da ABDE numa organização mais viva e atuante em defesa dos interesses dos escritores.⁹⁰⁵

Na avaliação de Stênio Lopes, mesmo havendo discordâncias, as discussões não foram alteradas, e a declaração de princípios fazia uma média das aspirações de todos os participantes. O escritor cearense reiterou que o IV Congresso não deveria ter se restringido às questões de forma e aos direitos do escritor e que o debate do problema político foi legítimo, pois este era “eminentemente humano”.⁹⁰⁶

A declaração dos “democratas”, derrotada no evento, não foi adotada pela ABDE. Mas sua derrota foi explorada pelos escritores da Sociedade de Homens de Letras para demonstrar que o encontro não havia passado de mais um “congresso de encomenda”, “a serviço da agressão e do imperialismo russo”.⁹⁰⁷ Na edição de dezembro de 1951 da *Província de São Pedro*, Moysés Vellinho reproduziu o documento integralmente, oferecendo aos leitores uma interpretação para as razões de seu insucesso no IV Congresso. Para o diretor do periódico, a alusão ao livre acesso às fontes de informação, “sem exclusão das que se escondem do lado de lá da cortina de ferro”, entre outras que expressavam “as árduas conquistas do espírito de liberdade contra os impactos do obscurantismo e da regressão totalitária”, havia constrangido “a pesada e grossa maioria dos congressistas ali reunidos para fins em tudo estranhos ao ideário dos escritores que ainda não aprenderam a trair sua responsabilidade de patriotas nem sua condição de artistas”.⁹⁰⁸

Colocando-se do lado “de cá” da “cortina de ferro”, Vellinho denunciou o IV Congresso como um dos espaços nos quais os escritores comunistas imporiam as orientações do PCB e situou a corrente majoritária do evento entre os que freavam os avanços conquistados com o iluminismo e o liberalismo político. Em tom irônico, o diretor de *Província de São Pedro* fez referência ao polêmico artigo do comunista Osvaldo Peralva, “Os intelectuais que traíram o povo”, assumindo que fazia parte daqueles escritores que haviam

⁹⁰⁵ Declaração de princípios e resoluções. *Horizonte*, Porto Alegre, n.10, Out. 1951, p.294

⁹⁰⁶ Uma grande vitória do bom entendimento. *Horizonte*, Porto Alegre, n.10, Out. 1951, p.290

⁹⁰⁷ Editorial. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, Ano 7, n.16, dez. 1951, p.5-7

⁹⁰⁸ Editorial. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, Ano 7, n.16, dez. 1951, p.5-7

priorizado seus direitos de autores (entenda-se retorno financeiro por meio do exercício de cargos públicos e publicações em veículos tradicionais).⁹⁰⁹

Ao finalizar o editorial, Vellinho lançou uma pergunta retórica: “onde se achavam, na ocasião [do IV Congresso], **os escritores rio-grandenses?**”, respondendo: “para que os interesses morais e materiais da classe não ficassem ao sabor de injunções externas, organizaram-se em nova associação – a Sociedade de Homens de Letras do Rio Grande do Sul.”⁹¹⁰ Queria dizer, os escritores legítimos e os problemas legítimos do mundo da literatura, regidos de forma autônoma, concentravam-se, naquele momento, na nova entidade, diferente dos congressistas e da ABDE, que pautavam as regras do universo literário a partir de imposições alheias ao campo.

Na visão dos escritores que militavam no PCB, a ligação entre o escritor e a sociedade não podia ser passiva.⁹¹¹ Havia um julgamento moral por trás do que se entendia ser o papel do escritor, em particular, e do intelectual, de um modo geral. Era uma questão de honra não ceder às tentações do mercado e da sociedade burguesa. O engajamento era levado às últimas consequências e servia como critério de consagração no círculo de intelectuais comunistas. De acordo com Mônica Araújo, “os intelectuais que se desligavam do partido por discordâncias quanto à política cultural e ao realismo socialista [...] eram rotulados de defensores da cultura burguesa” em notícias no jornal *Tribuna Popular*.⁹¹²

Curiosamente, as fontes consultadas para a presente pesquisa não apontam nenhum indício de crítica ou de tentativa de escapar do controle do Partido por parte dos escritores no Rio Grande do Sul. Libertos do compromisso com a organização, escritoras e escritores poderiam ter condenado as pressões sofridas em relatos *a posteriori*, como Osvaldo Peralva em *O Retrato*. No entanto, desconhecemos a existência de testemunhos que resgatem criticamente esse aspecto. Se houve discordâncias, ou estas não foram registradas, ou seus registros não sobreviveram, ou estes ainda não foram descobertos.

⁹⁰⁹ O referido texto fora publicado por Peralva na revista *Para Todos*, sendo reproduzido em *Horizonte* no mês de abril de 1951. Seu autor condenou intelectuais, como Gilberto Freire, Manuel Bandeira, Sergio Milliet, entre outros, que, em seu julgamento, haviam colocado sua pena e sua projeção a serviço de órgãos do governo e de empresas norte-americanas, passando a adotar postura anticomunista, às vezes, mal disfarçada de apoliticismo. Cf. Os intelectuais que traíram o povo. *Horizonte*, Porto Alegre, n.4, Abril 1951, p.95-97

⁹¹⁰ Editorial. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, Ano 7, n.16, dez. 1951, p.5-7. Grifos nossos.

⁹¹¹ O Romance e a Vida. *Horizonte*, Porto Alegre, n.8, Ago. 1951, p.235-239

⁹¹² ARAÚJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo*. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958). Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. p.127

Considerada legítimo espaço de reivindicações relativas à atividade do escritor brasileiro, os comunistas apropriaram-se da Associação Brasileira de Escritores e da sua tradição, incutindo nela a visão de escritor como alguém que fazia das demandas políticas e sociais de seu tempo problemas legítimos de seu campo específico de atuação. De acordo com Rubim, até 1958, quando de seu término e do nascimento da União Brasileira de Escritores, a ABDE passaria por momentos de rígido controle pelo PCB.⁹¹³ O retorno ao convívio democrático, mesmo que mantido o Partido na ilegalidade, e a divulgação dos crimes de Stálin no XX Congresso do PCUS caracterizaram uma nova conjuntura histórica, que possibilitou a diminuição das discordâncias e das agressões entre as entidades representativas dos escritores e permitiu que elas caminhassem para a unificação.⁹¹⁴

V.

Antônio Rubim esclarece-nos que “a política cultural formulada e realizada de 1950 a 1955/56 é certamente a maior, mais sistemática, intencional e explícita intervenção do Partido Comunista no campo cultural e ideológico no Brasil.”⁹¹⁵ Essa intervenção tinha na publicação de boletins, jornais e revistas o *locus* privilegiado de sua ação no campo cultural, mas não o único. A atividade editorial, contemplada desde os primeiros anos de existência do Partido, foi organizada de forma mais sistemática em meados dos anos 1940.⁹¹⁶ A principal editora do PCB era a Vitória, criada em 1944, e, até ser lançado novamente na clandestinidade, o Partido influenciou, direta ou indiretamente, outras casas, como a Calvino, no Rio de Janeiro, a Leitura e a Flama, na capital paulista.⁹¹⁷

Empresa do Partido, a Vitória possuía uma organização como qualquer outro negócio comercial e, ao lado dela, uma estrutura que a ligava à secretaria nacional de agitação e propaganda do PCB, responsável pela seleção do material a ser publicado e pelo controle sobre a produção político-cultural da editora.⁹¹⁸ Sua manutenção passou por várias

⁹¹³ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. Vol. III – Teorias. Interpretações. 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.349

⁹¹⁴ Id. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.213

⁹¹⁵ Id. *Ibid.* p.342

⁹¹⁶ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Op. Cit.* (2003) p.329 et seq.

⁹¹⁷ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Op. Cit.* (1986) p.173-178

⁹¹⁸ Id. *Ibid.* p.156-157

dificuldades, precisando recorrer em diversos momentos aos bolsos dos militantes, situação mais agravada pela repressão.⁹¹⁹ Rubim identificou quatro eixos de publicações pela Vitória: textos marxistas, livros sobre o socialismo, material político do Partido e textos literários.⁹²⁰

A empresa editava e distribuía sua produção para todo o país. Cartas apreendidas pela polícia revelam intensa comunicação com livrarias e leitores de Porto Alegre e cidades do interior gaúcho.⁹²¹ Nesse material, encontram-se missivas da militante Gínia Machline, em nome da Distribuidora Unidade, localizada no centro da capital do estado, que indicam um fluxo considerável de publicações comunistas da então capital federal para o Rio Grande do Sul na segunda metade dos anos 1940. No começo da década seguinte, a Agência Farroupilha, sob a responsabilidade de Leonor Scliar Cabral, foi o órgão de distribuição de folhetos, livros, jornais e revistas comunistas no extremo sul brasileiro.⁹²² Anúncios publicitários em *Horizonte* demonstram-nos que a Agência Farroupilha trabalhava com reembolso postal, recebendo e colocando à venda revistas e livros estrangeiros (de autoria de Stalin, principalmente) e nacionais, como os romances de Jorge Amado e Monteiro Lobato, além das poesias de Pablo Neruda, Lila Ripoll e Laci Osório. A partir de 1954, a agência transformou-se na Livraria Farroupilha, dirigida pelo comunista Augusto Cesar Cunha Carneiro.⁹²³ Em 1955, seu diretor, junto com representantes da Livraria do Globo, da Sulina, da Americana e Cia. Melhoramentos (de São Paulo) e da José Olympio (do Rio de Janeiro), compôs a comissão organizadora da I Feira do Livro de Porto Alegre, sugerindo-nos que o estabelecimento comunista tinha certa projeção no meio livreiro da cidade.⁹²⁴

Rubim também nos informa sobre outra editora, fundada em 1945. Especializada em folhetos, a Edições Horizonte não alcançou o sucesso esperado e, com o retorno do PCB à ilegalidade, acabou sendo incorporada pela Editorial Vitória.⁹²⁵ Edições Horizonte, porém,

⁹¹⁹ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.157

⁹²⁰ Id. Ibid. p.158-159

⁹²¹ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 00.037 v.I e II. Título: Editorial Vitória Ltda.

⁹²² APERJ. Fundo Polícias Políticas – Estados – Pasta 19 – [D] CX.611 – Disco 6 – F. 00722 – Boletim de Informações nº42 datado de 21/09/1951.

⁹²³ Em depoimento para a jornalista Teresa Urban, Carneiro relatou que militou no PCB de 1941 a 1956, quando da publicação do relatório Krushev sobre os crimes de Stalin. Cf. URBAN, Teresa. *Missão (quase) impossível*. Aventuras e desventuras do movimento ambientalista no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2001. p.68

⁹²⁴ BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p.101

⁹²⁵ RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. Cit. p.168-169

não pode ser confundida com a Cadernos da Horizonte, editora da qual encontramos alguns poucos registros na revista homônima a partir de 1951.

Os textos publicados com o selo da Cadernos da Horizonte eram impressos na Gráfica Moderna, do PCB, administrada pelo militante José Nelson Gonzales.⁹²⁶ Em junho de 1951, o início de seu trabalho foi divulgado na revista do Partido: “[...] dentro dos próximos dois meses iniciaremos as atividades de nossa Editora, que lançará, de dois em dois meses, seus CADERNOS, com cuidadosa apresentação gráfica, dirigida pelos artistas Carlos Scliar, Vasco Prado e Glenio Bianchetti”.⁹²⁷ Em setembro daquele ano, previa-se a publicação de contos de Cyro Martins, de poemas do poeta turco Nazim Hikmet e de Pablo Neruda, além do livro *Panorama do Cinema Brasileiro*, de Alex Viany.⁹²⁸ No ano seguinte, o periódico cultural do PCB gaúcho anunciou o lançamento de *Legenda*, de Laci Osório, para janeiro de 1953, ano em que também saiu a coletânea de quatro contos de Plínio Cabral, *Histórias de Hoje*, e a compilação de poemas de Fernando Melo, *Deixemos as rosas para amanhã*. Em 1954, saiu *Primeiro de Maio*, de Lila Ripoll, e o último trabalho de Cadernos da Horizonte de que se tem notícias é o livro *Poemas e Canções*, também da poetisa, editado em 1957. É possível que, a partir de então, a editora não tenha tido fôlego para dar continuidade às edições, fosse pelas dificuldades financeiras, fosse pelo afastamento de militantes do Partido na segunda metade da década de 1950.

A revista *Horizonte* e a editora homônima foram importantes canais de difusão da literatura comunista no Rio Grande do Sul após o fechamento do Partido, em 1947, e o isolamento de seus escritores. De acordo com Ridenti, o PCB tornou-se um lugar de disputa de prestígio e de poder para seus artistas e intelectuais, até mesmo os novos e menos conhecidos.⁹²⁹ Infelizmente, as fontes as quais tivemos acesso não nos fornecem maiores informações sobre como as publicações da Cadernos da Horizonte eram definidas, de modo que, desconhecendo os detalhes que envolviam essas decisões, não nos foi possível confirmar se houve disputas de prestígio e de poder, e em que grau, entre os escritores comunistas no Rio Grande do Sul. É possível observar, todavia, que o partido “dava legitimidade a certos grupos e indivíduos que buscavam marcar posição e ganhar (ou evitar perder) prestígio em

⁹²⁶ MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008. p.58

⁹²⁷ Aos nossos leitores. *Horizonte*, Porto Alegre, n.6, Jun. 1951, p.180

⁹²⁸ *Horizonte*, Porto Alegre, n.10, Set. 1951, s/p.

⁹²⁹ RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.67

suas atividades lutando por um lugar de destaque e – no limite – pela hegemonia em cada campo, não só de seu grupo, mas também das ideias comunistas.”⁹³⁰ Nesse sentido, tivemos oportunidade de estudar a defesa do realismo socialista e de uma determinada concepção de intelectual, estreitamente ligada ao referido método, pelos escritores comunistas por meio da revista *Horizonte* e durante o IV Congresso Brasileiro de Escritores. Inexperientes – como Plínio Cabral e Heitor Saldanha – e consagrados – como Lila Ripoll – apostaram na literatura revolucionária e puderam se servir da estrutura oferecida pelo PCB para fazerem-se e permanecerem (re)conhecidos, mesmo que essa escolha implicasse em se submeter a uma rígida disciplina e em partilhar o estigma do Partido, além de correr riscos de naturezas e em graus diversos.⁹³¹

Consideramos o caso de Fernando Melo, pelo modo como sua poesia e sua militância foram reconhecidas pelos companheiros, representativo dessa fase no Rio Grande do Sul. Nascido na cidade de Pelotas, Melo provinha de família tradicional. Seu pai, Clemente Júlio de Mello, era fazendeiro em Dom Pedrito, sudoeste do estado. As informações disponibilizadas pelas fontes desencontram-se no que dizem respeito à filiação do poeta ao PCB e às condições de sua morte.

Segundo João Batista Marçal, o escritor pelotense ingressou no Partido Comunista em 1945, conduzido pelo metalúrgico Abílio Fernandes. Uma vez aderido ao PCB, apaixonou-se pela União Soviética, apropriando-se de todas as obras ao seu alcance. Estudantes seus amigos, ao voltarem de excursões pelo Uruguai, traziam-lhe publicações nas quais as ideias comunistas apareciam sem disfarces.⁹³² Já uma reportagem de Mario Matos veiculada em 17 de dezembro de 1950 no jornal comunista *Imprensa Popular* situou a filiação de Fernando Melo ao PCB no contexto da ilegalidade e da luta antifascista, explicando que, com a legalização do Partido, ele intensificou a militância no cargo de Secretário de Divulgação do Comitê Municipal de Pelotas.⁹³³

A produção poética de Melo nos inclina a confirmar os dados encontrados no texto de Mario Matos. Algumas de suas poesias produzidas nos primeiros anos da década de 1940

⁹³⁰ RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.63

⁹³¹ Id. Ibid. p.64

⁹³² MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos*. A Vida de 31 Militantes da Classe Operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986, p.91

⁹³³ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 00.160. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.196 – Reportagem de Mario Matos no jornal *Imprensa Popular*: O poeta comunista Fernando Melo. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 17/12/1950

revelam que o pelotense alimentava admiração pelo país bolchevique (possivelmente motivada e/ou potencializada pelo papel desempenhado pelo Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial) e uma interpretação materialista da história antes de 1945, como aparece no poema “O povo não morre nunca!”:

[...]
Nunca aprendeste,
explorador dos que trabalham,
a viva lição da História:
– O Povo não morre nunca!
Caíram os senhores feudais,
os poderosos da Idade Média:
– O Povo continuou.

[...]
Ao som
da Marselhesa,
a terrível canção
de Lisle,
os franceses
famintos,
descalços,
desarmados,
sujos,
rotos,
tomaram de assalto
a Bastilha!

Mas não aprendeste a lição,
explorador dos que trabalham.
Tentaste mais uma vez.

[...]
Mais uma vez fracassaste.
Stalingrado estancou o passo
dos teus autômatos.

[...]
A Estrela Vermelha luziu em todo o Universo.⁹³⁴

Escrito em 1942, o poema representava uma fala dirigida à classe exploradora dos trabalhadores e indicava a compreensão da existência de duas classes sociais antagônicas, decorrentes da exploração da força de trabalho de uma sobre a outra. O trecho em destaque evidencia um entendimento do processo histórico como sucessão de etapas (evolução), ultrapassadas pela vitória dos explorados – o povo. Diante dos sucessivos êxitos destes, o autor advertia a classe exploradora – em suas insistentes tentativas de se manter no poder – para a inevitabilidade de mais uma derrota, daquela vez, frente ao socialismo, última etapa do desenvolvimento histórico.

⁹³⁴ MELO, Fernando. O povo não morre nunca! In: MELO, Fernando. *Deixemos as rosas para amanhã*. Porto Alegre: Cadernos da Horizonte, 1953. p.17-20

Embora escrevesse textos literários e também pintasse, a militância de Fernando Melo concentrou-se no jornalismo partidário. Ele colaborou na revista *Libertação*, foi redator da *Tribuna Gaúcha* e assumiu o semanário comunista *Voz do Povo*, de Caxias do Sul, no fim dos anos 1940. Melo editava esse periódico quando, conforme Klécio Santos e Adão Monquelat, “morreu em circunstâncias obscuras – aparentemente baleado pela polícia”, com apenas 27 anos de idade.⁹³⁵ Essa versão é reforçada por Marçal, que assegurou ter sido o poeta assassinado pela polícia caxiense em 19 de abril de 1949.⁹³⁶ Já a reportagem de Mario Matos, mencionada acima, afirmou que Melo faleceu vítima de um derrame cerebral quando se achava em um café de Caxias do Sul junto aos companheiros de redação.⁹³⁷

A possibilidade de ter sido morto pela polícia aumenta a tragicidade da militância de Fernando Melo. Até o momento, não dispomos de testemunhos que possam nos elucidar se o escritor foi assassinado. Igualmente não sabemos se seus colegas comunistas tinham conhecimento das verdadeiras circunstâncias de sua morte. Mas, morto de morte natural, ou baleado pela polícia, aos olhos dos camaradas e do Partido, ele teria se tornado um genuíno comunista.

Mario Matos, no perfil biográfico que traçou para *Imprensa Popular*, destacou uma série de características admiráveis em Fernando Melo:

Como homem nos impressionava pela **espontânea fraternidade** de seus gestos e **generosa compreensão** para com os problemas alheios. **Esquecido de si mesmo**, ninguém lhe ouviu uma queixa sobre as incompreensões de família, dele que **deixara a comodidade pelas privações, o elogio mútuo pela luta diária, o sono tranquilo pelas vigílias, o prazer fácil pela disciplina e a responsabilidade partidárias**. Ao contrário, muitas vezes era procurado pelos quadros mais novos para ouvir queixas que ele teria o direito de considerar alegações mesquinhas e individualistas mas que recebia compreensivamente distribuindo conforto, abrindo perspectivas, aconselhando livros.⁹³⁸

Para Matos, o poeta comovia por concentrar qualidades decorrentes do altruísmo: era espontaneamente fraterno e generosamente compreensivo com problemas que não lhe diziam diretamente respeito; havia renunciado ao conforto e às facilidades proporcionadas por sua

⁹³⁵ MONQUELAT, Adão Fernando; SANTOS, Klécio. “Tudo, às vezes, se passa num instante, e num instante se apaga...”. In: MELO, Fernando. *Os fios telefônicos*. Novela. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1996. p.7

⁹³⁶ MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004. p.80

⁹³⁷ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 00.160. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.196 – Reportagem de Mario Matos no jornal *Imprensa Popular*: O poeta comunista Fernando Melo. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 17/12/1950

⁹³⁸ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 00.160. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.196 – Reportagem de Mario Matos no jornal *Imprensa Popular*: O poeta comunista Fernando Melo. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 17/12/1950. Grifos nossos.

condição social, preferindo suportar calado as críticas dos familiares, as durezas da luta clandestina e o rigor da militância partidária, o que evidenciava um engajamento sincero e resignado. Por ser um exemplo, Melo, na visão de Matos, tinha toda autoridade para classificar camaradas mais queixosos de “mesquinhos e individualistas”, mas, ternamente, optava por reanimá-los, atitudes que demonstravam sua humildade.

Fernando Melo foi enaltecido também por sua lealdade. O autor da matéria para a *Imprensa Popular* relatou episódio em que o comunista havia sido preso, e um tio, inconformado com a “mancha” que a prisão significaria para o “o bom nome da família”, enviou um advogado para libertar o sobrinho. Melo, ao receber o convite para deixar a cadeia sozinho e abandonar seus companheiros, respondeu que não precisava de nada senão de cigarros.⁹³⁹ Mario Matos finalizou a biografia afirmando que, por ter dedicado a vida à “mais nobre causa de redenção humana, a causa pela qual lutam os homens mais conscientes”, o poeta não havia vivido em vão. Seu exemplo seria seguido, e sua memória, honrada.⁹⁴⁰

O reconhecimento da produção poética de Fernando Melo teve início dois anos depois da sua morte nas páginas de *Horizonte*. Na edição de setembro de 1951, a revista publicou “Talvez tu chegues com a madrugada” e “Petróleo”, tomando o devido cuidado de apresentar o autor dos poemas para o leitor: “Fernando Melo foi um poeta e um combatente. [...] Um exemplo que se modelou no anonimato difícil das lutas clandestinas, e que hoje, morto o homem, permanece na seiva quente e humana de sua poesia combativa.”⁹⁴¹ Melo recebeu do periódico os melhores elogios que um escritor comunista poderia receber: tinha sido um homem de luta, tanto mais lídimo porque havia sido forjado na escola da clandestinidade, que impunha aos militantes a necessidade de se manterem desconhecidos – situação esta que, para um poeta, significava abdicar de uma importante condição para construir reputação. Mas,

⁹³⁹ Segundo Eliane Garcia, muitos intelectuais comunistas, se não tinham origem burguesa, podiam contar ao menos com um círculo de amigos dessa classe, o que lhes garantia certas imunidades com a polícia. Cf. GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960)*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. p.116. Mas, aparentemente, essas imunidades só eram acionadas pelo militante privilegiado se fosse possível estendê-las aos demais companheiros. O caso de Edith Hervé, relatado por sua cunhada, reforça essa hipótese. De acordo com Ruth Eloiza Hervé, certa vez, “no tempo da Tribuna”, Edith foi presa e, sendo de “família de projeção”, logo conseguiu liberação, pois “a filha do Dr. Egydio Hervé não dorm[ia] na cadeia”. Quando saiu da prisão, a comunista levou todos os camaradas consigo. Cf. Entrevista com Ruth Eloíza Hervé, concedida à autora em 08 de abril de 2010 em Porto Alegre.

⁹⁴⁰ APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 00.160. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F.196 – Reportagem de Mario Matos no jornal *Imprensa Popular*: O poeta comunista Fernando Melo. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 17/12/1950. Grifos nossos.

⁹⁴¹ Dois poemas de Fernando Melo. *Horizonte*, Porto Alegre, n.9, Set. 1951, p.258-259

apesar de já falecido – e, poderíamos acrescentar, de não ter tido a oportunidade de fazer sua poesia conhecida – sua forma de ver e sentir a luta revolucionária permanecia viva em seus poemas para os companheiros de *Horizonte*.

Algumas edições adiante, a revista do PCB preocupou-se em oferecer maiores detalhes sobre a trajetória do comunista pelotense. Manoel Luiz explorou a figura de Fernando Melo enquanto poeta e militante, mostrando como ele transitara do romantismo ao realismo, mesmo sem ter-se detido num estudo do realismo socialista na época em que escrevera seus poemas. Na avaliação do autor do texto,

Morrendo em 1949, [Fernando Melo] não chegou a tomar conhecimento do que, em nossa imprensa, se diria esparsamente sobre o assunto [realismo socialista]. Não obstante tudo isso, há em sua obra poética **uma consonância tal com a realidade** que ele viveu, como militante comunista, como patriota, que hoje **surpreende pelo conteúdo e pela forma**. Surpreende, e ficamos a pensar no que produziria Fernando Melo mais maduro, mais rico de experiências, mais senhor da expressão poética da realidade revolucionária.⁹⁴²

De acordo com Manoel Luiz, se, mesmo desconhecendo o debate acerca do realismo socialista, Fernando Melo, surpreendentemente, havia produzido poesia de acordo com as regras do método, era de se imaginar que, tendo a oportunidade de aprofundar a experiência de vida e de luta, tornar-se-ia uma autoridade na poesia revolucionária. Para o colaborador de *Horizonte*, o poeta pelotense era “uma legítima expressão” da poesia socialista no Rio Grande do Sul, havia sido “educado pelo Partido e criou para o Partido”.⁹⁴³

As declarações de Mario Matos e Manoel Luiz levam-nos a supor que Fernando Melo foi considerado um autêntico intelectual comunista por seus companheiros. Viam no poeta qualidades esperadas em um militante comunista (abnegação, generosidade, firmeza de caráter, lealdade, renúncia) e reconheciam em sua poesia a capacidade criativa posta a serviço do Partido e da causa revolucionária.

Em 1953, a Cadernos da Horizonte editou *Deixemos as rosas para amanhã*, coletânea de poemas que o poeta havia deixado organizada em livro. Pelo que acompanhamos nesse capítulo, outros escritores e escritoras compunham contos e poemas nos moldes do realismo socialista naquele momento. O PCB poderia ter concentrado seus investimentos nesses militantes, que permaneciam vivos e atuantes. Contudo, a escolha da poesia de Fernando Melo pela editora partidária aponta para um possível desejo de retribuição do Partido àquele

⁹⁴² Fernando Melo, Poeta e Militante. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr.. 1952, p.90

⁹⁴³ Fernando Melo, Poeta e Militante. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano II, n.3-4, Mar.-Abr.. 1952, p.90-91

que vivera tão pouco tempo e tão intensamente para a revolução. Por outro lado, dar visibilidade a um poeta com tais predicados e reconhecer sua poesia como expressão autêntica da literatura revolucionária poderia significar não apenas a sagração do falecido militante no circuito endógeno de consagração comunista, mas, por meio disso, a exaltação da própria causa e a criação de um exemplo a ser perseguido pelos demais escritores do PCB. Essa possibilidade fica patente na introdução à coletânea de Fernando Melo, intitulada “A lição de um poeta”, escrita por Dalcídio Jurandir, da qual extraímos os trechos que seguem:

PODEM perguntar em Rio Grande, Pelotas, Caxias do Sul e Porto Alegre entre os operários de vanguarda: quem foi Fernando Melo? Eles saberão responder: foi nosso companheiro.

Entre os círculos intelectuais dominantes de Porto Alegre ou aqui no Rio, o poeta é desconhecido. Ele não procurou a porta das livrarias e o velório das reuniões herméticas em que se fala de Valery e se procura no tempo presente qual o “sentimento do trágico” do presente homem... Encontrou o proletariado. E viu que era esse o encontro decisivo para a sua vida e para a sua poesia.

O **ensinamento** que Fernando Melo nos transmite como poeta é o de ter sido **homem de partido na atividade prática e na atividade literária. Não separou o militante do poeta. Como poeta, entrou no partido da classe operária, deu o que havia de melhor de sua energia à revolução e, comunista, soube cantar as lutas do proletariado.** [...]

Fernando Melo, morto em 49, aos 27 anos, não pode alcançar as nossas atuais discussões sobre literatura e arte. Não chegou a tomar parte da reviravolta ideológica que vamos iniciando em nossa poesia e em nosso romance no sentido de orientar os nossos poetas e romancistas com o ponto de vista da classe operária na criação de suas obras. Mas Fernando Melo compreendia **já** que a literatura não pode seguir o mau caminho de alguns grupos dominantes, pregando a traição [...]

A verdade artística não está separada da verdade política. E a verdade política é aquela que leva o proletariado a assumir o papel principal e dirigente na luta pela liberdade e pela paz, na luta pelo socialismo. [...]

O tema principal de seu livro é a revolução. [...] Ele viu na revolução os melhores homens do seu tempo, o melhor pensamento, o maior sonho [...]. Nos seus versos, o futuro está presente porque Fernando Melo **aprendeu a sonhar como comunista**, não nas nuvens, não nos mundos quiméricos, mas **dentro da realidade**, com os pés na terra, vendo que é o sonho de milhões e milhões de seres humanos, o sonho que está sendo construído na União Soviética e começa a realizar-se na China, nos países da democracia popular [...].

Foi político sendo poeta. Soube ver na política da classe operária o centro dos temas poéticos.

Aqui está o livro do nosso companheiro. [...] Livro que faz parte da história de nossas lutas nas cidades e na campanha do Rio Grande.⁹⁴⁴

Dalcídio Jurandir havia escrito essa apresentação em 1950, sugerindo-nos que, embora tenha sido lançada em 1953, planejava-se editar a obra de Fernando Melo muito antes. Nos trechos acima, primeiramente, o escritor paraense caracterizou Melo e sua poesia em relação

⁹⁴⁴ JURANDIR, Dalcídio. A lição do poeta. In: MELO, Fernando. *Deixemos as rosas para amanhã*. Porto Alegre: Cadernos da Horizonte, 1953. p.6-7. Grifos nossos.

ao perfil de escritor e de literatura predominante no Brasil. Ao contrário dos intelectuais que permaneciam restritos aos pontos de encontro dos pares, imersos no que Jurandir via como lamentações e contemplações inúteis, o poeta pelotense preferira unir-se aos trabalhadores e, por isso, era um desconhecido nos círculos intelectuais dominantes. Ser mais conhecido entre os operários era a primeira boa referência de Fernando Melo, pois, no julgamento comunista da década de 1950, a popularidade do escritor entre os trabalhadores era mais valorizada porque demonstrava seu comprometimento com a ação. Melo era um exemplo de escritor que soubera unir a prática da militância à atividade literária. Seus textos não estavam desvinculados de sua atuação, porque compreendia, como que intuitivamente – mesmo antes de se falar em literatura do ponto de vista da classe operária no Brasil – que a autêntica arte estava ligada à verdadeira política, entendida esta como o conjunto de ações voltadas para dar ao proletariado o papel de dirigente do processo revolucionário. Por partilhar esse entendimento de política e agir de acordo com ele é que a poesia de Fernando Melo tinha na revolução o seu tema principal. Daí o caráter realista de sua obra, pois a revolução, no entender de Jurandir, era um sonho que já começava a ser concretizado, e não uma projeção fantasiosa, irrealizável. Justamente por ter sido gestado junto aos trabalhadores, o livro de Melo, para o autor da introdução, era também parte da história de lutas do estado. O escritor paraense (semelhante aos autores dos comentários analisados anteriormente) não emitiu uma única crítica ao poeta falecido e o declarou como alguém digno de servir de exemplo.

Se viver absoluta e completamente para o Partido fazia o escritor comunista merecedor de reconhecimento dos seus iguais, a perseguição policial era um sinônimo de “distinção”. Por ocasião de um processo movido contra *A Tribuna* em meados de 1950, Plínio Cabral, então seu diretor, argumentou que a repressão, longe de infamar os comunistas, demonstrava sua “honestidade e decência”, pois eram perseguidos por se mostrarem inimigos abertos de um governo insatisfatório, dos políticos corruptos oriundos da burguesia – diferentes daqueles que admitiam aquela situação. A repressão – motivada pelo “ódio do inimigo do povo” – era, portanto, “uma condecoração”, não em “metal precioso”, mas que valia muito.⁹⁴⁵ Levando em conta o aspecto honroso atribuído aos companheiros perseguidos por Cabral, as opiniões acerca de Fernando Melo e sua poesia analisadas acima e considerando a hipótese de este ter sido assassinado pela polícia, podemos imaginar o grau de legitimidade que ele e sua literatura poderiam ter alcançado entre os camaradas.

⁹⁴⁵ A Condecoração. *A Tribuna*, Porto Alegre, 25/08/1950, p.3

A memória do jovem militante de Pelotas foi resgatada pelos companheiros da revista e da editora do Partido selecionando aspectos de sua produção poética, como que tentando fazer justiça ao poeta que não fora reconhecido enquanto tal em vida. Fernando Melo também havia escrito uma novela em 1948 ambientada na cidade de Pelotas no fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, chamada *Os fios telefônicos*. Essa obra, porém, não parece ter despertado o interesse dos responsáveis pela difusão da literatura comunista no Rio Grande do Sul, mesmo que ela, em seu enredo, tenha dado destaque para militantes do PCB que lutavam contra a censura e contra os exploradores dos trabalhadores.⁹⁴⁶ A julgar pelas poesias publicadas em *Horizonte* e pela Cadernos da Horizonte, é possível que os camaradas não tivessem encontrado em *Os fios telefônicos* a forte e persuasiva carga dramática que se apresentava nos poemas do falecido escritor.

No Rio Grande do Sul, a estrutura partidária comunista direcionada para a produção literária entrou em declínio na segunda metade dos anos 1950, provavelmente devido à denúncia dos crimes de Stalin no XX Congresso do PCUS em 1956 e à crise que se instaurou no PCB.⁹⁴⁷ De acordo com Dulce Pandolfi, são poucos os registros sobre o impacto emocional provocado pelo relatório de Krushev na “memória oficial” do Partido, mas alguns militantes – como Agildo Barata e João Falcão – relembrou o choque, a forte decepção e a angústia sofridas naquele ano em relatos memorialísticos.⁹⁴⁸ Na avaliação de Jorge Ferreira, os livros autobiográficos e os artigos publicados nos jornais por intelectuais comunistas sugerem a imagem de um PCB em desagregação, “sofrendo um processo de descrédito irreversível”, provocado pelo colapso do modelo exemplar inspirado por Stalin.⁹⁴⁹ Os resultados dos debates internos, travados a partir do conhecimento dos crimes stalinista, conforme Antônio Rubim e Luciana Balbuena, não se restringiram às diretivas partidárias.

⁹⁴⁶ A novela foi publicada décadas depois pela editora da Universidade Federal de Pelotas. Cf. MELO, Fernando. *Os fios telefônicos*. Novela. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 1996.

⁹⁴⁷ Sobre esse momento da história do PCB, cf. FALCÃO, Frederico José. O “relatório secreto” de Krushev e o Partido Comunista do Brasil (PCB): desestalinização e crise. *Usos do passado*. XII Encontro Regional de História – ANPUH/RJ 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Frederico%20Jose%20Falcao.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2011; PERALVA, Osvaldo. *O Retrato*. Impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

⁹⁴⁸ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros*. História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995. p.177-178

⁹⁴⁹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.297

Eles atingiram a própria produção cultural do Partido, com o abandono do realismo socialista.⁹⁵⁰

Plínio Cabral – responsável pelo principal diário comunista gaúcho, colaborador frequente de *Horizonte*, compositor de contos e de textos sobre o fazer literário – foi um dos escritores que abandonou o Partido em Porto Alegre, acompanhado pela esposa, Leonor Scliar Cabral. Outros militantes não desistiram do PCB, mas haviam deixado a cidade – como Beatriz Bandeira e Raul Ryff, que transferiram residência para o Rio de Janeiro em 1952, e Heitor Saldanha, que se mudou para a mesma cidade em 1958.⁹⁵¹ Já Lila Ripoll permaneceu na militância e, segundo Alice Moreira, continuou apoiando a direção partidária.⁹⁵² Sua literatura, contudo, mudou o tom. No livro *Poemas e Canções*, de 1957, última publicação da Cadernos da Horizonte, a autora retomou elementos presentes em suas primeiras poesias, como a infância, a saudade e a solidão, mas também sugeriu a persistência em seus ideais e, mais madura, fez um balanço da vida sem demonstrar arrependimento por suas escolhas:

Sou tecedeira de um sonho,
puro, claro,
inacabado.⁹⁵³

Aqui estou venturosa,
por ter sido como sou,
sem mentir pra ser amada!⁹⁵⁴

No primeiro trecho, a poetisa quaraiense declarou que continuava trabalhando na construção de um sonho inacabado. É possível interpretarmos que este fosse a revolução socialista. No segundo excerto, a autora parecia orgulhosa e feliz por ter se mantido honesta em relação às suas opções e de não ter renegado seus princípios para agradar outrem.

⁹⁵⁰ BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005. p.141; RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986. p.324; Id. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. Vol. III – Teorias. Interpretações. 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 345. A historiadora Mônica Araújo também constatou que a conjuntura surgida com a repercussão do XX Congresso do PCUS influenciou decisivamente as condições de elaboração de uma nova linha do PCB para o campo cultural, distinta do realismo socialista. Cf. ARAÚJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo*. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958). Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. p.173

⁹⁵¹ O falecimento de Jorge Bahlis, em 1952, também contribuiu para o paulatino esvaziamento do quadro de escritores do PCB em Porto Alegre.

⁹⁵² MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.376

⁹⁵³ RIPOLL, Lila. Tecedeira. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.185

⁹⁵⁴ Id. Aqui estou venturosa. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.202

Para Maria Cristina Müller da Silva, *Poemas e Canções* fechou a trilogia marcada pela temática social no conjunto de publicações de Lila Ripoll.⁹⁵⁵ Seu próximo trabalho, *O coração descoberto*, de 1961, foi considerado por alguns estudiosos a obra-prima da poetisa, pois não apresentava traços do projeto ideológico, nem tampouco retomava o ensimesmamento das primeiras publicações.⁹⁵⁶ Para editá-lo, Lila precisou recorrer e foi acolhida pela principal editora do PCB, a Editorial Vitória, no Rio de Janeiro. Considerando esse fato e, a julgar pela inexistência de edições da revista *Horizonte* pós-1956 e pela ausência de informações nas demais fontes sobre a produção artística e literária na segunda metade daquela década, parece-nos que os espaços partidários dirigidos para e pelos artistas e escritores em Porto Alegre não resistiram à crise que se instaurou no PCB a partir de 1956, cujos desdobramentos culminaram na cisão do início da década seguinte, da qual surgiram o Partido Comunista Brasileiro e o Partido Comunista do Brasil.⁹⁵⁷

Configurava-se uma nova conjuntura, com a Revolução Cubana colocando a América Latina no centro da Guerra Fria, alarmando as elites brasileiras e intensificando as campanhas anticomunistas sob o controle dos Estados Unidos.⁹⁵⁸ Novas organizações de esquerda surgiram na primeira metade dos anos 1960, atraindo intelectuais, líderes estudantis e ativistas sindicais.⁹⁵⁹ Segundo Ridenti, houve um florescimento cultural e político naquele momento, em particular, no governo de João Goulart, quando artistas e intelectuais acreditavam estar no auge da revolução brasileira em curso.⁹⁶⁰ Expectativa essa rompida com o Golpe de 1964.

⁹⁵⁵ SILVA, Maria Cristina Müller da. *Representações do sagrado na poesia de Lila Ripoll*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, Caxias do Sul, 2009. p.24

⁹⁵⁶ BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1987. p.27

⁹⁵⁷ Um boletim policial datado de 1957 informa-nos sobre a criação da campanha “pró-Clube Imprensa Popular” com a finalidade de arrecadar fundos para a manutenção dos jornais comunistas *Voz Operária* e *A Tribuna*. Esse dado sugere-nos que os comunistas gaúchos passavam por dificuldades financeiras e, diante dessa situação, optaram por concentrar esforços na manutenção dos periódicos de caráter noticioso. Cf. APERJ. Fundo DPS. Série: Dossiês. Notação: 30.101. Título: Comitê Estadual do Rio Grande do Sul. F: 129 a 132 – Boletim nº 17 e 18, datado de 30 de setembro de 1957, elaborado em Porto Alegre.

⁹⁵⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002. p.232

⁹⁵⁹ Id. Ibid. p.233

⁹⁶⁰ RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.88-89

VI.

No decorrer dos anos 1950, o desconhecido Fernando Melo e a consagrada poetisa Lila Ripoll – além de Laci Osório, Plínio Cabral e outros – indispondo de espaço no círculo literário dominante, receberam do PCB a contrapartida por terem sido leais à causa revolucionária. Eles puderam se colocar e/ou permanecer em evidência por meio do aparato partidário direcionado especialmente para os militantes que produziam textos literários. Naquela década, os escritores formaram algo mais próximo de um grupo dentro da organização partidária. A literatura, por sua vez, foi encarada como demanda legítima no interior da organização e passou a compor o conjunto de assuntos que preocupavam os dirigentes do PCB. Os escritores militantes do Rio Grande do Sul atuaram na frente intelectual, desenvolveram atividades culturais no Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, dirigiram e colaboram na revista *Horizonte* – Plínio Cabral também no jornal *A Tribuna*, e Fernando Melo, em *Voz do Povo* – e publicaram pela Cadernos da Horizonte. Esses comunistas mobilizaram-se – no sentido de assumir a responsabilidade por ativar e dar impulso a ações – em torno dos problemas relativos à literatura e ao fazer literário, questões que não se colocaram antes como tais e com tal importância para o Partido e para os produtores de literatura que nele atuavam.

No estudo que realizou levando em conta o contexto da década de 1950, Marcelo Ridenti afirmou que essa relação entre artistas e intelectuais e o PCB “não caberia numa equação simples, como a que supõe que a militância comunista de intelectuais e artistas fazia parte de um desejo de transformar seu saber em poder. Tampouco seria adequado, no outro extremo, supor que houvesse mera manipulação dos intelectuais pelos dirigentes do PCB.” Para o sociólogo, não se tratava “de uso indevido e despótico da arte e do pensamento social para fins que lhes seriam alheios, mas de uma relação intrincada com custos e benefícios para todos os agentes envolvidos, implicando ainda uma dimensão utópica que não se reduz ao cálculo racional.”⁹⁶¹

Os casos analisados nesse capítulo, limitados ao estado do Rio Grande do Sul, demonstram, tal como constatado por Ridenti, que a dedicação dos escritores ao PCB e a contrapartida deste para com eles não derivaram, simplistamente, de uma visão utilitarista, em

⁹⁶¹ RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.57

que cada um aproveitava-se cinicamente das vantagens proporcionadas pelo outro para atingir um objetivo calculado conscientemente. O que escritores e Partido cediam-se mutuamente não foi decidido, ou não somente, em relação aos interesses próprios desses grupos, mas em termos de práticas possíveis em um contexto geopolítico internacional marcado pela bipolarização da Guerra Fria, com o alinhamento incondicional do Brasil aos Estados Unidos e a intensificação do anticomunismo brasileiro. Este, por sua vez, manifesto não apenas nas ações repressivas dos sucessivos governos, mas também no universo de produção cultural e num mercado editorial em crise e suscetível a concessões governamentais.

Uma vez aderido ao PCB, os escritores reproduziram no interior da militância a lógica das trocas sociais, potencializada pela incorporação do conjunto de disposições que caracterizavam o *complexo da dívida* e pelo realismo socialista como parâmetro oficial da produção cultural comunista. Eles doaram seu tempo, sua reputação, suas relações, sua sensibilidade e capacidade criativa – arcando com prejuízos simbólicos consideráveis e perduráveis, decorrentes da estigmatização – àquele que havia lhe proporcionado condições para produzir e espaço para divulgar sua literatura, mas, mais importante que isso, que havia lhe oferecido consciência política, conhecimentos teóricos e orientações para transformar o mundo. A autopercepção do escritor como um devedor do Partido foi mais marcante na década de 1950 do que em qualquer outro momento na história da sua relação com a organização no Rio Grande do Sul. Para alguns, como Plínio Cabral, as denúncias bastaram para fazê-lo desacreditar do PCB e do comunismo, a ponto de renegá-los e de se vincular ao governo de Ildo Meneghetti, do PSD, no início dos anos 1960.⁹⁶² Já para Lila Ripoll, nem mesmo a revelação dos crimes cometidos no regime stalinista foi suficiente para abalar sua convicção.

⁹⁶² MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008. p.37

Considerações Finais

Percorrendo o objetivo de revelar e de explorar as articulações entre o mundo da militância comunista e o mundo da literatura em Porto Alegre entre as décadas de 1920 e 1960, a presente pesquisa estudou a trajetória de escritores que militaram no PCB por meio de um conjunto de fontes amplo e de naturezas diversas, entre elas compêndios bibliográficos, entrevistas, memórias, textos literários, periódicos, documentos oficiais do PCB e relatórios da polícia. No trabalho com esses testemunhos, procuramos respostas para duas questões: em que situações, com que finalidade e em que proporção escritores comunistas serviram-se de seus recursos em prol do Partido? Ou, pelo contrário, em que medida suas trajetórias foram afetadas pela atividade no PCB?

Descobrimos relações indiretas entre as esferas política – de orientação comunista – e literária em 1927, quando Jorge Bahlis atuou na presidência da Liga Pró-México Antiimperialista. Naquela época, em que os “homens de letras” disputavam os empregos públicos e as vagas na imprensa eram controladas pelas duas principais facções políticas no estado, Bahlis ocupava uma posição marginal na política tanto quanto na literatura, esta dominada pelo “grupo da Globo”. O imigrante sírio não fazia parte desse coletivo, mas aprendera a dominar os códigos que então regulavam as práticas nos meios intelectualizados brasileiros, sendo acolhido por literatos consagrados, mediante a usual troca de dedicatórias e de prefácios elogiosos, em obras custeadas por recursos financeiros provenientes de seu Curso Rápido Comercial. O escritor alcançou algum reconhecimento, acumulou um importante capital cultural e de relações sociais, também como pesquisador em História e professor de técnicas contábeis, e o utilizou para construir a infraestrutura e promover as reuniões artísticas e instrutivas da Liga Pró-México Antiimperialista, controlada pelo clandestino e precário PCB.

Colocar e manter essa entidade em funcionamento, servindo-se de recursos agregados na atividade literária, mas não somente nela, significou oferecer aos militantes comunistas uma frente legal de atuação num contexto repleto de dificuldades e de disputas com o anarquismo, por um lado, e com os dois partidos da elite gaúcha por outro. A presidência da Liga, na contrapartida, proporcionou ao escritor oportunidades de estabelecer e consolidar fortes laços de amizade com Pascual Ortiz Rubio, embaixador mexicano no Brasil. Essa

relação lhe renderia, alguns anos depois, uma valiosa recompensa, o cargo de Cônsul do México no Rio Grande do Sul e os lucros simbólicos que advinham dessa condição, recursos altamente importantes e dos quais Bahlis lançou mão para promover reuniões clandestinas durante o Estado Novo.

A relação entre o escritor sírio e a autoridade mexicana foi interpretada por um dirigente comunista no final dos anos 1920, quando do início do processo de proletarização e de uma radical inflexão à esquerda do Partido Comunista do Brasil, como um desvio de um “intelectual pequeno-burguês” que havia usado a Liga para atingir objetivos pessoais. O estigma do “intelectual” ou do “pequeno-burguês” começou a se impor no seio do PCB e passou a ser usado entre os militantes de origem humilde como um insulto àqueles que, em sua visão, desviavam-se do perfil do “verdadeiro revolucionário”.

No Rio Grande do Sul, além da intervenção no movimento operário, havia o cuidado do Partido com a formação ideológica de seus filiados. Mas questões relativas à literatura não estavam entre as suas preocupações, e os escritores que dele se aproximavam não podiam contar com uma estrutura nesse sentido, mesmo depois do abrandamento do obreirismo, decorrente do abandono da tática de “classe contra classe” pela IC no começo da década seguinte.

Identificamos situações em que se estabeleceram conexões mais impactantes entre o mundo da militância comunista e o mundo da literatura em meados dos anos 1930, no processo que levou Dyonélio Machado a se filiar ao PCB. A adesão de Dyonélio ao Partido Comunista foi motivada, sobretudo, por sua desilusão com o PRR, organização na qual militou durante muitos anos, por meio da qual construiu laços com personalidades importantes, logrando ocupar cargos públicos, espaço na imprensa e publicar seus primeiros textos pela Livraria do Globo. Acompanhamos o itinerário do romancista nesses âmbitos, bem como na Faculdade de Medicina e no Hospital Psiquiátrico São Pedro, e constatamos que, em 1935, Machado era figura com projeção pública, relacionado com famílias influentes, dono de “grande cultura”, recursos que muito contribuíram para que conquistasse adeptos para a ANL, que, no Rio Grande do Sul, foi presidida por ele e esteve ligada aos comunistas desde sua organização.

Associados ao comunismo, os aliancistas conheceram a fúria anticomunista e a ação policial. Dyonélio Machado foi lançado no rol dos infames e sofreu ameaças. A prisão no decorrer do fechamento da ANL agravou sua situação, pois lhe rendeu também o

desqualificativo de criminoso. Sua opção pela esquerda, quando comparada ao comportamento político considerado “normal”, foi julgada como radical e inaceitável desvio ideológico e moral, tornando-se um defeito, um estigma que o acompanharia daquele momento em diante, causando danos à sua reputação.

Os prejuízos que a aproximação com o comunismo trouxe à imagem que o escritor quaraiense havia construído foram amenizados por recursos de outra ordem, acionados por Erico Verissimo por ocasião do Prêmio Machado de Assis. Narrativas sobre o episódio nos revelaram o uso de uma cadeia de favores – justificados por laços de amizade, de camaradagem, de admiração e de gratidão – subjacente ao processo que levou à premiação de *Os Ratos*. A distinção literária percorreu caminhos estranhos ao mundo da literatura, com a finalidade de assegurar um resultado que servisse para fins não literários. As relações estabelecidas entre Dyonélio Machado, Erico Verissimo, Jorge Amado e Gilberto Amado funcionaram como pontes entre mundos diferentes por meio das quais se negociou um complexo fluxo de dádivas e contradádivas, cuja principal consequência, para os fins dessa tese, foi a “imunidade intelectual” conferida ao comunista gaúcho.

A premiação de *Os Ratos* significou um “contrabando” de capital simbólico próprio do universo literário para atenuar prejuízos, também simbólicos, mas de ordem política. Já a experiência do cárcere por crime político proporcionou a Dyonélio a oportunidade de, na convivência com os demais presos, incorporar disposições próprias do universo comunista e decidir pela filiação ao PCB. Essa situação representou o momento em que o escritor oficializou sua guinada para a esquerda e, associada à experiência profissional como psiquiatra, formou a base do romance *O Louco do Cati*, editado pela Globo em 1942. Nesse caso, um determinado conhecimento e uma nova interpretação do mundo – derivados da vivência de partilhar com os demais presos políticos a sensação de se sentir alguém desviante e indesejado – forneceram ao autor o motivo da criação literária, evidenciando o uso de recursos num trajeto inverso, do mundo da militância para o mundo da literatura.

O Louco do Cati foi escrito durante o Estado Novo, período em que a *Revista do Globo* esteve sob a direção de Justino Martins. Comunista obstinado em seguir as orientações da direção partidária, esse jornalista reservou páginas do quinzenário para textos favoráveis à União Soviética e ao Exército Vermelho, para reportagens sobre questões sociais e aspectos populares, além de dar visibilidade a camaradas artistas, contistas, jornalistas, poetas e

tradutores. O espaço significou muito para os escritores comunistas em termos de reconhecimento e de notoriedade naquele contexto.

A *Revista do Globo* e a livraria e a editora homônimas complementavam-se, compondo, junto a banquetes e chás íntimos, um circuito fechado de instituição da excelência literária (e de reprodução do estilo de vida e dos gostos da elite). Essa sucessão de dádivas e contradádivas era encadeada também pelo Estado, que havia tornado a cultura um “negócio oficial”, cooptando intelectuais e controlando a produção nesse âmbito por meio de uma seleta burocracia, que se impôs como juíza dos padrões de legitimidade intelectual. No Rio Grande do Sul, pouco mais da metade dos intelectuais colaborou com o regime nas áreas de cultura, educação (Lila Ripoll entre eles), controle e repressão.

O fim dos anos 1930 e o começo da década seguinte foram importantíssimos na carreira de Lila Ripoll, que já militava no PCB havia alguns anos. Ocupando cargo público, contando com Justino Martins na *Revista do Globo* e com o incentivo do amigo Cyro Martins, a escritora despontou no cenário literário. Sua produção foi contemplada em várias edições do impresso cultural e editada, com sucesso de crítica e de vendas, pela Globo, obtendo o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras em 1943 e homenagens do círculo de amigos que frequentavam a livraria do velho Bertaso. Tais acontecimentos, a despeito das integrantes da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul, que não reconheciam seu mérito literário e criticavam os elogios mútuos e fechados entre aqueles que orbitavam a Globo, questionando a legitimidade do processo de consagração, renderam-lhe amplo prestígio. Para além da qualidade de sua poesia, Lila Ripoll contou com a influência de Justino Martins, jornalista cuja competência, reconhecida pelo patrão devido ao lucro que proporcionava à empresa, permitiu transitar livremente entre o mundo da militância e o mundo da literatura, transferindo demandas e mobilizando recursos de um para o outro.

Os discordantes do regime, como vimos, podiam ser atingidos pela censura, pela crítica destruidora e/ou pela repressão. Outras duas situações mostraram-se fontes de reflexão sobre as articulações entre a militância comunista e a literatura nessa conjuntura: a publicação do conto “Noite no acampamento”, de Dyonélio Machado, e a apreensão do romance *Fronteira Agreste*, de Ivan Pedro de Martins.

A publicação de “Noite no acampamento” na *Revista do Globo* em 1942 provocou a ira dos militares e a detenção de Dyonélio Machado. Ele voltou a ter sobre si os holofotes infamantes, intensificados pelo longo artigo publicado pelo Ten. Cel. Correia Lima, que,

numa clara estratégia de lançar o escritor e a revista no descrédito, desferiu-lhes duros ataques, usando de amplo repertório de termos pejorativos. Nesse caso, os efeitos do estigma do escritor comunista projetaram-se desagradavelmente também sobre o respeitável quinzenário, obrigando-o a partilhar da sua desonra.

Já o episódio de *Fronteira Agreste*, em 1943, tomou maiores proporções. A apreensão repercutiu no centro do país, polarizou a intelectualidade sul-rio-grandense e gerou oportunidade de combater o Estado Novo por meio da defesa da liberação do livro, detido por Ângelo Guido (então na direção do DEIP) sob a alegação de ser indecente e atentar contra a dignidade moral dos gaúchos. Nesses termos, o responsável pelo órgão controlador do governo orquestrou uma campanha na imprensa contra Ivan Pedro de Martins e a Livraria do Globo. Henrique Bertaso também veio a público para defender seu estabelecimento e o autor do romance, explicando o processo de escolha dos livros editados pela casa que administrava e refutando a posição de Guido. A ação deste, norteada por critérios sem validade no campo literário, ainda que amparada legalmente, despertou a revolta dos escritores consagrados. A grande polêmica iniciada por ele não comprometeu a venda de *Fronteira Agreste*, nem denegriu a imagem de seu autor e da Livraria do Globo. Antes, suscitou e alimentou a curiosidade pelo livro, convertendo-o num extraordinário sucesso editorial. Nesse caso, a apreensão do romance de Martins gerou indisposições da livraria dos Bertaso com o DEIP e aqueles que o apoiavam, mas o saldo foi altamente positivo, tanto para o estabelecimento, quanto para o escritor comunista.

Ivan Pedro de Martins, semelhante a Dyonélio Machado em *O Louco do Cati*, usou sua passagem pelo pampa gaúcho – uma experiência de vida proporcionada pela fuga da onda repressiva aos comunistas após os levantes de 1935 – para criar *Fronteira Agreste*. A vivência da campanha e a interpretação da realidade pela ótica das relações sociais de produção forneceram subsídios para Ivan, e também para Cyro Martins, denunciarem, em suas obras ficcionais, a exploração, a miséria e a marginalização dos trabalhadores do campo, bem como o processo de degradação social daqueles que se deslocavam para a cidade. Pode-se dizer que a visão materialista dos autores, disposição incorporada em suas aproximações com o comunismo, fundamentou a transformação da produção literária regionalista no estado.

O fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial permitiu a legalização do Partido Comunista e o início de sua interferência direta e sistemática na esfera literária e no debate acerca da função social do escritor, em particular, e do intelectual, de um modo geral.

Acompanhamos o desempenho dos militantes – entre eles, Dyonélio Machado – em cumprir a “tarefa” de impor a linha do Partido em todas as discussões do I Congresso Brasileiro de Escritores, um dos primeiros passos no sentido de estabelecer o controle político do PCB sobre a ABDE.

Com a legalidade, que durou até 1947, cresceu o número de escritores e de escritoras no Partido, alguns – como Edith Hervé, Fernando Melo e Plínio Cabral – sem muita expressão no sistema literário dominante, marcado pela criação da revista *Província de São Pedro* e pelo surgimento de um grupo contestador, o Quixote. Os novos militantes uniram-se aos antigos e utilizaram seu capital cultural e simbólico na construção de uma imprensa partidária (a revista *Libertação* e o jornal *Tribuna Gaúcha*) e no desenvolvimento de atividades culturais no Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha.

Mesmo em situação legal, eles permaneceram sendo alvo da vigilância policial e do discurso anticomunista. Um momento notável da força dessa permanência foi o comício oferecido a Luís Carlos Prestes em 1945, quando as ações comunistas foram constantemente monitoradas pela polícia e os militantes enfrentaram ataques da Igreja Católica e de representantes dos novos partidos políticos (PSD, UDN etc.) no *Correio do Povo*. Algumas passagens desse episódio demonstraram que, com exceção do poema “Ao Capitão de Aço”, criado por Beatriz Bandeira especialmente para a ocasião, os escritores pouco usaram sua capacidade de criação e sua condição para atrair a população, preferindo recorrer ao apelo de classe de outras ocupações que desempenhavam concomitantemente à literatura, como as profissões de médico e de professora. Mais ou menos nessa altura da tese, esclarecemos que, se o Partido valia-se da imagem dos intelectuais (“papel ornamental”), o mesmo ocorria com os militantes operários, cuja boa reputação em seus respectivos meios era igualmente explorada pela organização.

A atuação de Dyonélio Machado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul evidenciou o predominante uso de sua profissão de médico e da autoridade atribuída ao discurso científico para enfrentar o debate parlamentar. Suas contribuições mais importantes foram no âmbito da saúde; seu papel no mundo da literatura foi um recurso mobilizado, ao longo dos dez meses de mandato, apenas na discussão de uma emenda sobre direitos autorais. A formação da bancada comunista no pleito de janeiro daquele ano, para decepção de Machado, denotou a confiança dos eleitores nos candidatos com formação superior. Constatamos que, inclusive entre os militantes comunistas operários, consideravam-se aptos

para a função legislativa os companheiros com “cultura”. Dyonélio desejava não só representar seu Partido na casa legislativa, mas participar de forma mais efetiva do trabalho partidário em alguma de suas unidades. O episódio do retrato para a Assembleia demonstrou que a morosidade da direção em lhe satisfazer a vontade foi minando o sentimento de dívida do escritor para com o PCB, gerando um desequilíbrio entre o que ele oferecia e o que considerava justo ter em troca.

Com a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, em janeiro 1948, iniciou-se progressiva radicalização política, cujo ápice veio no decorrer da publicação do Manifesto de Agosto de 1950. O discurso anticomunista tornou-se mais intenso à medida que a Guerra Fria se acirrou, e os comunistas foram alijados dos tradicionais canais de publicação e de consagração literárias de Porto Alegre, procedimento para o qual também contribuíram o afastamento de Justino Martins da direção da *Revista do Globo* e a chamada “crise do livro”. No plano partidário, a literatura passou a ser uma preocupação do PCB, que construiu espaços por meio dos quais seus artistas e escritores difundiram sua produção, ancorada, desde pelo menos meados dos anos 1940 até a segunda metade da década seguinte, no realismo socialista. Nesse cenário, política e literatura confundiram-se completamente no interior da organização, e as relações entre escritores comunistas e o polo dominante da produção literária da capital gaúcha tornaram-se tensas e hostis.

A literatura foi transformada em demanda legítima no PCB, que – na medida das suas limitações, devido à clandestinidade – assegurou aos seus escritores espaços de difusão de sua produção, como a revista *Horizonte*, a editora Cadernos da Horizonte, a Agência e a Livraria Farroupilha. Fernando Guedes, Fernando Melo, Heitor Saldanha, Laci Osório, Lila Ripoll e Plínio Cabral ganharam destaque nas fontes do período. Eles esforçaram-se para propagar o realismo socialista e compuseram contos, poemas e críticas literárias de acordo com as regras do método. A arte deveria ser entendida como um instrumento de luta, com o objetivo de desenvolver e de fortalecer a consciência do povo, para, assim, interferir no processo de libertação nacional tal qual estabelecido no Manifesto de Agosto de 1950, considerado o guia para a revolução brasileira. Ao compor, escritores e escritoras tinham o dever de aplicar o ponto de vista da classe operária e do Partido à obra em criação, fixando-os tipicamente em temas e em personagens e usando uma linguagem simples. Ambos deveriam ser exaltados; Prestes e Stalin, cultuados; e os vícios da sociedade burguesa, estigmatizados. Exploramos exemplos da produção literária nesses padrões em *Horizonte*, com destaque para os contos de

Dalcídio Jurandir e de Plínio Cabral e para os “novos” poemas de Lila Ripoll, reconhecidos por camaradas de Partido como superiores aos primeiros versos publicados pela poetisa.

O conjunto de fontes analisadas para o período insinuou a existência de um circuito endógeno de reconhecimento literário. Dentro dos limites do movimento comunista, os militantes criaram critérios de autenticidade e reconstruíram itinerários de consagração, que funcionavam como formas de distinção para si e para o Partido. Os parâmetros legitimadores, estabelecidos em consonância com o jdanovismo, não só regraram a produção de textos literários, mas foram levados às últimas consequências, consolidando, com forte julgamento moral, uma visão de intelectual/escritor como aquele que deveria unir a atividade militante (caracterizada por ações motivadas pelo comprometimento absoluto com a causa comunista e com o Manifesto de Agosto de 1950) à atividade artística/literária.

O caso de Fernando Melo, pela forma como sua poesia e sua militância foram reconhecidas pelos companheiros, mostrou-se o mais representativo do período. Além de ser considerado um genuíno comunista – por concentrar atributos como abnegação, generosidade, firmeza de caráter, lealdade e renúncia – foi tido também como um autêntico intelectual comunista, pois havia sido homem de luta, forjado nas durezas da clandestinidade anônima, e transformou essa vivência em temas para seus textos literários. O reconhecimento máximo desse poeta de irretocável reputação veio com a publicação de seus poemas em *Horizonte* e do livro *Deixemos as rosas para amanhã* pela editora Cadernos da Horizonte. A edição significou a sagração póstuma daquele escritor que, segundo algumas fontes, havia pago com a vida a dívida que acreditava ter com o PCB.

A autopercepção do escritor como um devedor do Partido – revelada em diversos poemas e textos analisados em *Horizonte* – foi mais marcante na década de 1950 do que em qualquer outro momento da história dessa organização no Rio Grande do Sul. O *complexo da dívida* potencializou a lógica das trocas reproduzida no seio partidário, impondo a necessidade do escritor comunista manifestar em seus escritos sua submissão ao PCB e de ele fazer das demandas da organização problemas legítimos do seu campo específico de atuação – como parte de uma contínua cadeia de dádivas e contradádivas literárias.

Os comunistas preconizaram a indissociabilidade entre literatura e política e, ao apropriarem-se da ABDE, impuseram-lhe essa visão. Mas os critérios de consagração derivados desta e os militantes autorizados a julgar textos literários a partir desses parâmetros não eram reconhecidos além dos limites do Partido. Paradoxalmente, quanto mais o PCB

preocupou-se com a literatura, mais fechado ele ficou em torno de si. Uma vez empregado o método do realismo socialista e assumida a postura esperada de um intelectual comunista, os escritores acabavam circunscritos ao circuito endógeno de consagração.

Os testemunhos revelaram situações em que essa concepção de literatura e de intelectual entrou em conflito aberto com a posição dos produtores de textos literários do polo dominante. Estes não reconheciam os escritores comunistas, sobretudo Fernando Guedes, que foi diminuído e desabilitado para a crítica literária por Limeira Tejo. A criação da Sociedade dos Homens de Letras do Rio Grande do Sul por escritores ligados à Globo e a formação de duas correntes durante o IV Congresso Brasileiro de Escritores evidenciaram os embates travados em torno da definição dos problemas legítimos do mundo literário. Os representantes da corrente “democrática” presentes no evento e os membros da nova entidade, liderada por Erico Verissimo, discordavam frontalmente dos comunistas. Eles priorizavam os interesses materiais dos escritores e condenavam o uso da literatura pela política, por considerarem que esta suprimia a autonomia daquela (como se em seus textos não ficasse incutida a marca de suas escolhas políticas).

Interpretadas pela perspectiva da troca de dádivas, as situações estudadas nessa tese revelaram como as relações entre os escritores e o PCB envolveram complexas negociações e extrapolaram as fronteiras do Partido. De um modo geral, os primeiros – alguns mais outros menos consagrados no meio literário – colocaram a serviço da organização, e/ou das diferentes causas que esta defendeu ao longo das quatro décadas, saberes, prestígio e relações.

Ora elogiados, ora hostilizados, os escritores tiveram presença crescente na história do PCB gaúcho. Contrariando a lógica da dádiva e da contradádiva, a relação entre ambos era tanto mais eficaz para a agremiação quanto mais a dívida do literato para com ela ficasse manifesta, fazendo com que sua retribuição fosse permanentemente cobrada. Quanto mais comprometido, mais a dívida com o Partido interferiu na produção literária e na atuação como escritor. E, dependendo do quão explicitamente engajado era o militante, o peso do estigma de ser comunista recaiu com maior ou menor peso sobre sua vida e sua literatura, sobretudo nos momentos de intensificação do discurso anticomunista (meados dos anos 1930 e década de 1950). Em outro plano, as relações estabelecidas pelos escritores comunistas com o mundo externo à militância, especialmente o da literatura, mesmo imersas no progressivo processo de autonomização do campo literário, seguiam uma lógica pessoalizada, pautada no estabelecimento ou na manutenção de laços a partir da prestação e da retribuição de favores.

As trajetórias dos escritores ligados ao PCB, bem como a de outros não-comunistas mencionados nessa tese, demonstraram como a excelência das obras de alguns dos atuais expoentes literários do estado não estava dada; ela foi construída a partir de intrincadas cadeias de trocas, cujas regras foram adaptadas a diferentes contextos, movimentadas não somente no interior do universo literário, lançando mão de recursos de distintas naturezas e tendo, por vezes, motivações e finalidades alheias ao mundo da literatura.

Enquanto o mundo do comunismo interferiu apenas na produção do texto literário propriamente – sugerindo temas, fornecendo uma nova lente de interpretação das condições de vida do gaúcho etc. – as suas relações com o mundo da literatura mantiveram-se amistosas (mesmo com abalo provocado pela apreensão de *Fronteira Agreste*). Próximos ao grupo da Globo, contando com a influência de Justino Martins, Dyonélio Machado, Ivan Pedro de Martins, Cyro Martins e Lila Ripoll ajudaram a marcar uma época, produzindo literatura de uma posição distinta das estabelecidas até então.

Contudo, quando os comunistas tentaram impor um modelo de literatura – o realismo socialista – e uma concepção de escritor necessariamente engajado na política, e na política tal como entendida pelo PCB, suas ligações com a esfera literária foram cindidas. O grupo da Globo mostrou sua força e sua autonomia, isolando os escritores comunistas, lançando-os no descrédito e obrigando-os a falar de literatura a partir de lugares só reconhecidos por outros comunistas. A Globo seguia com o monopólio do poder de estabelecer os problemas legítimos da literatura e de dizer quem era escritor. Enquanto os primeiros viam no dinheiro a verdadeira ameaça ao campo literário, os não-comunistas da Globo viam esse perigo na política.

Ao se esforçar em mostrar esses dois espaços como coisas separadas e distintas, os escritores ligados à Globo alimentaram uma percepção do texto literário como algo transcendente. É possível que a permanência dessa visão, que favorecia a leitura de um texto literário fechado em si e descolado de seu contexto de produção, tenha contribuído para o resgate das obras de escritores comunistas como representativas da literatura gaúcha décadas mais tarde. Mas essa já é uma hipótese para uma nova pesquisa.

– Arquivos e Bibliotecas

Acervo Benno Mentz – Instituto Latico-Americano de Estudos Avançados da UFRGS (ABM/ILEA/UFRGS)

Acervo João Batista Marçal (AJBM)

Acervo Júlio Petersen – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AJP/PUCRS)

Arquivo Edgar Leuenroth (AEL)

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho (AHPAMV)

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRG)

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS)

Biblioteca Borges de Medeiros – Solar dos Câmara (BBM/SC)

Biblioteca Central da PUCRS (BC/PUCRS)

Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (BFBC/UFRGS)

Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFRGS (BFAMED/UFRGS)

Biblioteca do Instituto de Artes da UFRGS (BART/UFRGS)

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS (BSCSH/UFRGS)

Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM/UNESP)

Centro de Documentação Sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP)

Colégio Americano de Porto Alegre (CAPA)

Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS

Acervo Literário Dyonélio Machado

Acervo Literário Lila Ripoll

Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES)

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS)

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MCSHJC)

Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS (NPH/UFRGS)

– **Fontes**

Compêndios bibliográficos

MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS/IEL, 1978.

VILLAS-BOAS, Pedro Leite. *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda., 1991.

Documentos oficiais do PCB

CARONE, Edgar. *O P.C.B. (1922-1943)*. Vol.1. São Paulo: DIFEL, 1982.

CARONE, Edgar. *O P.C.B. (1943-1964)*. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1982.

Entrevistas

Conversa de Dyonélio Machado com Carlos Reverbel publicada no jornal *A Razão* em 20 de novembro de 1935. (Delfos/PUCRS)

DYONÉLIO MACHADO, último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 26/12/1975. Entrevista de Marco Túlio de Rose. (Delfos/PUCRS)

Entrevista concedida a Ivone Bernhardt e Antônio Hohlfeldt em 21 de setembro de 1976 na cidade de Porto Alegre. (Delfos/PUCRS)

O centauro dos pampas. *Folha de São Paulo*, Caderno Letras, 21/12/1991. Entrevista concedida a Ivan Cardoso e Décio Pignatari em 1978. (Delfos/PUCRS)

Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice... e este senhor, Dyonélio Machado. *Estado de São Paulo*, 31/03/1979. Entrevista concedida a Leo Gilson Ribeiro. (Delfos/PUCRS)

Entrevista gravada com Dr. Cyro Martins sobre Dyonélio Machado no dia 23 de julho de 1990. (Delfos/PUCRS)

CARVALHO JÚNIOR, Francisco; GARCIA, Eliane Rosa. (Org.) *Adorável Camarada*. Memórias de Julieta Batistioli. Entrevistas realizadas com Julieta Batistioli, em 29 de junho de 1990 e 22 de julho de 1992, por Francisco Carvalho Júnior. (NPH/UFRGS)

Entrevista concedida por Dyonélio Machado a Ivan Cardoso e Décio Pignatari em 1978, publicada na *Folha de São Paulo* em 21 de dezembro de 1991. (Delfos/PUCRS)

Entrevista concedida por João Aveline a Maria Luiza Martini e Eliane Rosa Garcia em 18 de fevereiro de 1999 na cidade de Porto Alegre. (NPH/UFRGS)

Depoimento de Delcy Silveira concedido à Claudira Cardoso e Daniel Milke em setembro de 2008 na cidade de Porto Alegre. (CD-AIB/PRP)

Depoimento de Osiris Bahlis e Iris Bahlis Cafruni concedido à autora em 19 de março de 2010 na cidade de Porto Alegre.

Entrevista com Jussara Hervé concedida à autora em 16 de março de 2010 em Porto Alegre.

Entrevista com Ruth Eloíza Hervé concedida à autora em 08 de abril de 2010 em Porto Alegre.

Entrevista com Serafina, filha de Julieta Batistioli, realizada por Maria Luiza Martini em Porto Alegre. (NPH/UFRGS)

Literatura

BAHLIS, Jorge. *Coração e Dever*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Liv. Gutenberg, 1920. (BSCSH/UFRGS)

BAHLIS, Jorge. *Ondas e Espumas*. Porto Alegre: 1924. (AJP/PUCRS)

BAHLIS, Jorge. *No Vendaval da Vida*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Casa Editora Tipografia Bom Fim, 1925. (AJP/PUCRS)

BAHLIS, Jorge. *Ave, Libertas!* Porto Alegre: 1926. (BSCSH/UFRGS)

BAHLIS, Jorge. *Amizade*. Porto Alegre: 1928. (BSCSH/UFRGS)

BANDEIRA, Beatriz. *Profissão de Fé*. Porto Alegre: EST, c1982. (BC/PUCRS)

MACHADO, Dyonélio. *Política Contemporânea – Três Aspectos*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1923. (AJBM)

- MACHADO, Dyonélio. *Uma Definição Biológica do Crime*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1933. (BFAMED/UFRGS)
- MACHADO, Dyonélio. *O Louco do Cati*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942. (BSCSH/UFRGS)
- MACHADO, Dyonélio. *Os Ratos*. 11ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- MARTINS, Cyro. *Um menino vai para o colégio*. Novela. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1977.
- MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1980.
- MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985.
- MARTINS, Cyro. *Porteira Fechada*. 13ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 2010.
- MARTINS, Ivan Pedro de. *Fronteira Agreste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- MELO, Fernando. *Deixemos as rosas para amanhã*. Porto Alegre: Cadernos da Horizonte, 1953. (AJBM)
- MELO, Fernando. *Os fios telefônicos*. Novela. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1996. (AJBM)
- RAMOS, Graciliano. *A Terra dos Meninos Pelados*. 40ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- RIPOLL, Lila. *Por quê?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. (BC/PUCRS)
- RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998.
- WAYNE, Pedro. *À Absoluta Animadora*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1943. (BC/PUCRS)

Memórias

- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
Versão digital: <http://pt.scribd.com/doc/29010615/Carlos-Drummond-de-Andrade-O-Observador-no-Escritorio>. Acesso em: 16/11/2011
- BARATA, Agildo. *Vida de um Revolucionário*. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.
- BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel*. Textos escolhidos. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006.
- MACHADO, Dyonélio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990.

- MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990.
- MARTINS, Eloy. *Um depoimento político. 55 anos de PCB*. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1989.
- MARTINS, Ivan Pedro de. *A Flecha e o Alvo*. A intentona de 1935. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1994.
- OSÓRIO, Laci. *Questão de vida*. Memória em tempo de Porto Alegre. (3ª Parte). Porto Alegre: Editora Movimento, 1981.
- PERALVA, Osvaldo. *O Retrato*. Impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.
- VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Memórias. 1º Volume. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

Periódicos

- A Informação* (Delfos/PUCRS)
- Correio do Povo* (AHPAMV, MCSHJC)
- Diário de Notícias* (AHPAMV, MCSHJC)
- FEUPA* (MCSHJC)
- Horizonte* (AJBM, CEDEM/UNESP)
- Libertação* (AJBM, NPH/UFRGS)
- Martelo e Foice* (Disponibilizado por Frederico Duarte Bartz)
- O Integralista* (ABM/ILEA/UFRGS)
- O Sol Nascente* (MCSHJC)
- O Vigilante* (Disponibilizado por Osiris Bahlis)
- Panorama* (CD-AIB/PRP)
- Província de São Pedro* (BC/PUCRS)
- Revista do Globo* (AHPAMV, MCSHJC, BC/PUCRS)
- Tribuna Gaúcha (A Tribuna)* (AJBM, NPH/UFRGS)

Outros documentos

Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. (BBM/SC)

Coleção Internacional Comunista (AEL)

Formulário de sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo em nome de Jorge Bahlis, datado de 20 de setembro de 1930. (IHGES)

Fundo DESPS (APERJ)

Fundo DOPS (APERJ, NPH)

Fundo DPS (APERJ, NPH)

Fundo Polícias Políticas (APERJ, NPH)

Referências Bibliográficas

- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.
- AMUSSEN, Susan Dwyer. Féminin/Masculin. Le genre dans l'Angleterre de l'époque moderne. *Annales ESC*, Paris, vol.40, n.2, pp.269-287, mar.-abr. 1985.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985. Versão digital: <http://pt.scribd.com/doc/29010615/Carlos-Drummond-de-Andrade-O-Observador-no-Escritorio>. Acesso em: 16/11/2011.
- ARAUJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo*. O realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958). 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- BAHLIS, Jorge. *Coração e Dever*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Liv. Gutenberg, 1920.
- _____. *Ondas e Espumas*. Porto Alegre: 1924.
- _____. *No Vendaval da Vida*. Peça dramática em 3 atos. Porto Alegre: Casa Editora Tipografia Bom Fim, 1925.
- _____. *Ave, Libertas!* Porto Alegre: 1926.
- _____. *Amizade*. Porto Alegre: 1928.
- BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A produção de Lila Ripoll na revista "Horizonte"*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2001.
- _____. *A trajetória intelectual de Lila Ripoll*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2005.
- BANDEIRA, Beatriz. *Profissão de Fé*. Porto Alegre: EST, c1982.
- BARATA, Agildo. *Vida de um Revolucionário*. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- BARTZ, Frederico Duarte. Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária. *História Social*, Campinas, n.14-15, pp.157-173, 2008.

- BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Província de São Pedro: Índice de Assuntos e Colaboradores. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, Vol.2, n.1, maio 1996.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.
- BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote. História e Produção Poética*. Porto Alegre: EDIPUCRS/IEL, 1994.
- BJERG, María; OTERO, Hernán (Comp.). *Inmigración y Redes Sociales en la Argentina Moderna*. Tandil: CEMLA-IEHS, 1995.
- BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.
- BOMENY, Helena. *Constelação Capanema. Intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Ed. Universidade de São Francisco, 2001.
- BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel. Textos escolhidos*. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006.
- BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1987.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. Le capital social. Notes provisoires. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, 31, p.2-3, jan. 1980.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína et. al. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- _____. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. 9ª Ed. Campinas: Papyrus: 1996.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *O poder simbólico*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. *A Distinção*. A crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- BRUM, Rosemary Fritsch. *Uma cidade que se conta*. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre dos anos 20-30. São Luís/MA: EDUFMA, 2009.
- BUTLER, Matthew. *Popular Piety and Political Identity in Mexico's Cristero Rebellion*. Oxford: Oxford UK, 2004.
- CABRAL, Loni Grimm; MORAIS, José. *Investigando a linguagem*. Ensaio em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- CAILLÉ, Alain. Dádiva e associação. In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). *A dádiva entre os modernos*. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAMURÇA, Marcelo A. Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos Intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) – 1922-1960. *Locus*: revista de história. Juiz de Fora, v.4, n.1, 1998.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Ideias Malditas*. O DEOPS e as Minorias Silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado/SEC, 1997.
- CARONE, Edgar. *O P.C.B. (1922-1943)*. Vol.1. São Paulo: DIFEL, 1982.
- _____. *O P.C.B. (1943-1964)*. Vol. 2. São Paulo: Difel, 1982.
- CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1986.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada*. Capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

- COCCIA, Emanuele; PIRON, Sylvain. Poésie, Sciences et Politique: une génération d'intellectuels italiens (1290-1330). *Revue de Synthèse*, Paris, Tome 129, 6ª Série, n.4, p.549-586, 2008.
- COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções*. Dádiva, emoção e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CORADINI, Odaci. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003.
- _____. Regionalismo, positivismo e comunitarismo orgânico nos confrontos de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). In: TRINDADE, Hégio. (Org.). *O Positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte*. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p.419-440.
- CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889-1930). *Cadernos de Educação*, Pelotas [31], jul.-dez. 2008, p.55-69.
- DALMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DIAS, Giocondo. *Os objetivos dos comunistas*. Artigos, entrevistas e um depoimento político. São Paulo: Editora Nagy, 1983.
- DORS, Marinês. *Dyonélio Machado (1895-1985)*. Os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, São Leopoldo, 2008.
- DUTRA, Eliana de Freitas. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*, Rio de Janeiro, 8 a 11 de nov. 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2009.
- ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de estudos* (PPG – História UFRGS), Porto Alegre, n. 13, dez. 1995.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n.2, dez. 1998.

- FALCÃO, Frederico José. O “relatório secreto” de Krushev e o Partido Comunista do Brasil (PCB): desestalinização e crise. *Usos do passado*. XII Encontro Regional de História – ANPUH/RJ 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Frederico%20Jose%20Falcao.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2011.
- FARIA, João Roberto. Silvio Romero, José Verissimo e o teatro brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n.106, p.73-79, dez. 1996.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: MAUAD Editora; Niterói: Editora da UFF, 2002.
- FISCHER, Antenor. *A Literatura Dramática do Rio Grande do Sul (de 1900 a 1950)*. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2007.
- FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito...: a classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FORTES, Alexandre; NEGRO, Antônio Luigi. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*. Vol. 3, nº 5, janeiro/junho de 2004.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Homens de letras e a política: a política rio-grandense ao tempo do castilhismo-borgismo. *Métis. História & Cultura*, Caxias do Sul, v.2, n.4, p.263-271, jul.-dez. 2003.
- GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla*. Médicos na Política. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: EDIPUCRS, 2007.
- GALVANI, Walter. *Um século de poder*. Os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- GARCIA, Eliane Rosa. *A ação legal de um partido ilegal*. O trabalho de massa das frentes intelectual e feminina do PCB no Rio Grande do Sul (1947-1960). 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, (8/9), 1997.
- GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005.

- GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- _____. (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GONÇALVES, Cassandra de Castro Assis. O Clube de Gravura de Porto Alegre: arte e política na modernidade. *Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte*. Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba, 2006.
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. Sob o signo da solidão: Dyonélio Machado, autobiográfico. In: MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- _____. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL:EDIPUCRS, 1997.
- GRYNSZPAN, Mario. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Ano 5, n.14, p.73-90, out. 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; RT, 1990.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: EDUNESP, 2005.
- HEINZ, Flávio Madureira (Org.). *O Parlamento em tempos interessantes*. Breve perfil da Assembleia Legislativa e de seus deputados (1947-1982). Porto Alegre: CORAG, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *E-Compós*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, vol.7, dez. 2006.
- HOLANDA, Joana Cunha de. *Eunice Katunda (1915-1990) e Esther Scliar (1926-1978): trajetórias individuais e análise de "Sonata de Louvação" (1960) e "Sonata para Piano" (1961)*. 2006. Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, Porto Alegre, 2006.

ILHA, Flávio. Uma paixão urgente pela poesia. *Aplauso* – Cultura em revista. Disponível em http://www.apluso.com.br/site/portal/anteriores.asp?campo=388&secao_id=44. Acesso em: 7 jul. 2010.

IMÍZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto (Portugal), III Série, v.5, 2004.

JRADE, Ramon. Inquiries into the Cristero Insurrection against the Mexican Revolution. *Latin American Research Review*, Vol.20, Issue 2 (1985), pp.53-69

KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil. O Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. 2001. Tese (Doutorado) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2001.

_____. *Luta Subterrânea. O PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2003.

KARLS, Cleber Eduardo. *Quando o médico e o literato se encontram. As representações da loucura e do crime em Dyonélio Machado*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2008.

KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994.

KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 1994.

KUMMER, Lizete Oliveira. *A psiquiatria forense e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul. 1925-1941*. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2010.

LAUERTA, Milton. *Elitismo, Autonomia, Populismo. Os intelectuais na transição dos anos 40*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência Política da UNICAMP, Campinas, 1992.

LEAL, Elisabete da Costa. *O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a Moral e a Mulher (1891-1913)*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1996.

- LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. *Illuminuras*, Porto Alegre, vol.10, n.24, 2009.
- LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores. Movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 2010.
- LONER, Beatriz Ana. *O PCB e a linha do “Manifesto de Agosto”*: um estudo. 1985. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, Campinas, 1985.
- LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas. Uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1987.
- LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACHADO, Antonio Carlos. *Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva Ltda.: 1952.
- MACHADO, Dyonélio. *Política Contemporânea – Três Aspectos*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1923.
- _____. *Uma Definição Biológica do Crime*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1933.
- _____. *O Louco do Cati*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942.
- _____. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990.
- _____. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- MADRUGA, Artur. *Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Tchê!, 1986.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos*. A vida de 31 militantes da classe operária. Porto Alegre: Tchê!, 1986.

- _____. *Quaraí, terra de intelectuais e guerreiros*. (Personagens ilustres da minha cidade). Porto Alegre: 1995.
- _____. *A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2004.
- _____. *Fatos e personagens de nossa história operária*. Porto Alegre: 2009. Mimeo.
- _____. *Organizações Operárias*. Uma história feira de sangue e intolerância. Porto Alegre: 2010. Mimeo.
- MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Evangraf, 2008.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS/IEL, 1978.
- MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985.
- _____. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990.
- MARTINS, Eloy. *Um Depoimento Político*. 55 anos de PCB. Porto Alegre: Pallotti, 1989.
- MARTINS, Ivan Pedro de. *Fronteira Agreste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- _____. *A Flecha e o Alvo*. A intentona de 1935. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1994.
- MARTINS, Marisângela T. A. *De volta para o presente*. Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- _____. O Comunismo e a União Soviética nas páginas da *Revista do Globo* (1930-1945). *História em Revista*, Pelotas, v.16, pp.91-114, dez. 2010.
- MARTINS, Paulo Henrique (Org.). *A dádiva entre os modernos*. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.
- MASINA, Léa; APPEL, Myrna Bier. *A Geração de 30 no Rio Grande do Sul*. Literatura e Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MELO, Fernando. *Deixemos as rosas para amanhã*. Porto Alegre: Cadernos da Horizonte, 1953.
- _____. *Os fios telefônicos*. Novela. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1996.

- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MITCHELL, J. Clyde. Social Networks. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 3, 1974.
- MONQUELAT, Adão Fernando; SANTOS, Klécio. “Tudo, às vezes, se passa num instante, e num instante se apaga...”. In: MELO, Fernando. *Os fios telefônicos*. Novela. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1996.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- MONTEIRO, Lorena Madruga. O resto não é silêncio: a polêmica de Érico Veríssimo com Pe. Leonardo Fritzen. SJ e a bipolarização do “campo” intelectual na Porto Alegre dos anos 1940. In: *Seminário Nacional de Sociologia & Política*, I. Sociedade e Política em Tempos de Incerteza, 2009, Curitiba.
- MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- MORAES, João Quartim de. Concepções comunistas do Brasil democrático: esperanças e crisações (1944-1954). In: _____. (Org.) *História do Marxismo no Brasil*. Vol. III: Teorias, Interpretações. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.
- MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v.3, n.1, 1997.
- _____. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP 2002.
- MOUTOUKIAS, Zacarias. Narración y analisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica. In: BJERG, María & OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA-IEHS, 1995.
- NEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Lucília de Almeida. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v.4, n.1, 1998.

NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hégio (Org.). *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul (1945-1994)*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS/Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

OSÓRIO, Laci. *Questão de vida*. Memória em tempo de Porto Alegre. (3ª Parte). Porto Alegre: Editora Movimento, 1981.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *A vaga sombra do poder*. Vida associativa e cultura política na Porto Alegre da década de 1920. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2004.

PALAMARCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista...* Escritores brasileiros e o comunismo. 1920-1945. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1997.

_____. *Os novos bárbaros*. Escritores e comunismo no Brasil. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2003.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros*. História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PÉCAUT, Daniel. *Intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006.

PERALVA, Osvaldo. *O Retrato*. Impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

PEREIRA, Leonardo Affonso de M. *O carnaval das letras*. Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2004.

- PEREIRA, Maura de Senna. *Busco a palavra*. Florianópolis: FCC, 1985.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Leituras Cruzadas*. Diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)*. Ed. da Universidade/UFRGS/Tchê!, 1992.
- PETRARCA, Fernanda Rios. “O jornalismo como profissão”. Recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*. A revolução mundial e o Brasil – 1922-1935. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p.3-15, 1989.
- PRESTES, Anita L. *Da insurreição Armada (1935) à “União Nacional” (1938-1945)*. A Virada Tática na Política do PCB. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. No caminho de Swann. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- _____. *Em busca do tempo perdido*. O tempo redescoberto. São Paulo: Globo, 2001.
- QUADROS, Claudemir de. Lourenço Filho: reformador da educação no Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.90, n.224, p.204-222, jan.-abr. 2009.
- RAMELLA, Franco. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios. In: BJERG, Maria; OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales em la Argentina moderna*. Tandil: CEM-LA-IEHS, 1995.
- RAMOS, Graciliano. *A Terra dos Meninos Pelados*. 40ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e Castigo*. Conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938). Passo Fundo: UPF Editora, 2001.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, Jayme. Os “inimigos da paz”: estado, imprensa e repressão ao movimento dos “Partidários da Paz” no Brasil (1950-1956). *Saeculum* – Revista de História, João Pessoa, n.17, Jul.-Dez. 2007.

_____. Os “combatentes da paz” – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.21, nº42, jul.-dez. 2008.

RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade Revolucionária*. Um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. *O pensamento político de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.

RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*. Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2ª Ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

_____. O anticomunismo nas encruzilhadas do autoritarismo e da democracia: a conjuntura 1945-1947. *Métis*. História e Cultura. Caxias do Sul, v.5, n.10, p.179-202, jul.-dez. 2006.

_____. Viva o Comunismo X Viva Cristo Rei. Um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, Porto Alegre, v.XXXII, n.1, p.157-173, jun. 2006.

RODRIGUES, João Paulo Correia de Souza. *A dança das cadeiras*. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas: Ed. Da Unicamp, 2001.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: GOMES, Ângela de Castro et al. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Sociedade e Política (1930-1964). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. T.3. V.3.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história*. Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação. 1925 a 1964. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2006.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1986.

_____. Partido Comunista e Políticas Culturais: uma tentativa de periodização. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, Vértice, pp. 135-161, 1988.

_____. Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (Org.) *História do Marxismo no Brasil*. Vol. III: Teorias, Interpretações. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1993.

SAN SEGUNDO, Mário Augusto Correia. *Protesto operário, repressão policial e anticomunismo (Rio Grande, 1949, 1950, 1952)*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2009.

SCHILLING, Suzana Porcello. *Sociedade Libanesa de Porto Alegre*. Uma história a ser contada. Porto Alegre: Sociedade Libanesa de Porto Alegre, 2007.

SCHMIDT, Benito. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.21, n.41, p.113-126, 2001.

_____. Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. v.9, n.2, jul.-dez. 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. pp.62-95.

_____. Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol.20, n.2, p.71-99, jul.-dez, 1995.

SEGATTO, José Antônio. *Breve história do PCB*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981.

_____. PCB: a questão nacional e a democracia. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. V.3.

- SEIXAS, Jaci. *Halbwachs e a memória coletiva: reconstrução do passado: memória coletiva e história*. *História*, São Paulo, Edunesp, n.20, 2002.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Márcia Cabral. Correspondência de Raquel de Queiroz com José Olympio. In: *Seminário Brasileiro Sobre o Livro e a História Editorial*, I, 2004, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2006.
- SILVA, Maria Cristina Müller da. *Representações do sagrado na poesia de Lila Ripoll*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, Caxias do Sul, 2009.
- SILVA, Sarah Calvi Amaral. *Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil*. Raça e relações raciais no II Congresso Afro-Brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia do IHGRS (1940). 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá*. O Parthenon Litterário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SILVEIRA, Daniela Oliveira. “*O passado está prenhe do futuro*”. A escrita da história no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30). 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- SOKOLOV, Alexandr. La Confederacion Regional Obrera Mexicana y el Regimen de “caudillismo revolucionario” (1920-1928). In: *Mexico*. Historia, cultura, desarrollo contemporaneo. Moscú: Academia de Ciencias de la URSS, 1981. Tomo II. pp.78-107
- SORÁ, Gustavo. A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. In: *Seminário Brasileiro Sobre o Livro e a História Editorial*, I, 2004, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/gustavosora.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2006.
- TELLES, Jorge. *Theatro Municipal – Famílias Gautier e Goñi*. Rosário do Sul: Prefeitura de Rosário do Sul, 2003.

TILL, Rodrigues. *Dyonélio Machado. O homem – a obra*. Porto Alegre: E.R.T. Edições, 1995.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel Wendhausen. *Editora Globo*. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. 1988. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História da Cultura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

_____. *Modernidade e exercício da medicina no romance Olhai os lírios no campo (1938) de Erico Verissimo*. 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2002.

TRINDADE, Hélio. (Org.). *O positivismo: teoria e prática*. Sesquicentenário da morte de Augusto Comte. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

URBAN, Teresa. *Missão (quase) impossível*. Aventuras e desventuras do movimento ambientalista no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2001.

VARGAS, Iolanda Guimarães. *História da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos de Porto Alegre*. 1979. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da Cultura da PUCRS, Porto Alegre, 1979.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VELLOSO, Monica Pimenta. *O Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

_____. *Solo de Clarineta*. Memórias. 1º Volume. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

VIANNA, Marly. A ANL (Aliança Nacional Libertadora). In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Izabel (Orgs.). *Corações Vermelhos*. Os comunistas brasileiros no século XX. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIEIRA, Felipe Almeida. “*Fazer a classe*”. Identidade, representação e memória na luta do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul pela regulamentação profissional (1931-1943). 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2009.

VILLAS-BOAS, Pedro Leite. *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda., 1991.

VINHAS, Moisés. *O Partidão*. A luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

VITAL JUNIOR, Raul Rebello. O Partido Comunista e a Revista Horizonte: a negação da produção na tradição. *Ciências & Letras*. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Porto Alegre, n.41, pp.319-334, Jan.-Jun. 2007.

WADI, Marmitt Yonissa. *Palácio para guardar doidos*. Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

WAYNE, Pedro. *À Absoluta Animadora*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1943.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar*. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928). 1997. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. *Literatura Gaúcha*. Temas e Figuras da Ficção e da Poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

Figura 1



Fonte: Homenagem ao Dr. Dyonélio Machado. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano X, n.239, 30/10/1938, p.33

Figura 2



Fonte: Erico Verissimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano X, n.233, 30/07/1938, p.33

Figura 3

OS AMIGOS DE ERICO VERISSIMO

PRESTARAM-LHE, NUMA SEMANA, UMA DEZENA DE HOMENAGENS POR MOTIVO DE SUA VIAGEM PARA OS ESTADOS UNIDOS

••• Em cada noite da última semana realizou-se em Porto Alegre pelos menos uma homenagem a Erico Verissimo, por motivo de sua viagem para os EE. UU.

Escritor do povo, que sempre se sentiu bem no meio dele, sua partida do Brasil para uma ausência de um ou dois anos veio fazer com que se renovassem aqueles mesmos movimentos de simpatia com que os seus amigos têm assinalado todos os momentos de triunfo de sua carreira.

Convidado pelo governo dos Estados Unidos para

lecionar português e literatura brasileira numa universidade americana (a de Berkley, na Califórnia), Erico vê-se, desta maneira, em face de mais uma das muitas oportunidades, conquistadas por si mesmo, de tornar o nosso país melhor conhecido e compreendido na grande pátria de Lincoln.

Da dezena de homenagens que prestaram ao autor de "O Resto é Silêncio", a "Revista do Globo" assistiu a quatro. São destas os instantâneos fotográficos que o leitor tem sob os olhos.



A CABECEIRA principal da grande mesa em forma de M sentaram-se: — o escritor Moisés Vellinho, o dr. Coelho de Sousa, secretário de Educação, Mr. Braddock, Cônsul dos Estados Unidos, Erico Verissimo, o dr. Raul Pilla, professor catedrático da Faculdade de Medicina, Arlindo Pasqualini, diretor da "Folha da Tarde" e presidente da ARI e o escritor Manoelito de Ornellas.

A-PESAR-DE ser um banquete, esta reunião fugiu completamente aos formalismos. E embora fosse uma festa de despedida, predominou nela um espírito de absoluta animação. Aqui a Dra. Estella Budjansky, Gilda Marinho, Mr. e Mrs. Roy Nash e Halmieir de Garcia gozam uma boa piada. Mr. Nash é norte-americano e autor do livro "A Conquista do Brasil", publicado há muitos anos.

22 - REVISTA DO GLOBO

Fonte: Os amigos de Erico Verissimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.346, 29/08/1943, p.22-23